A FRANC-MAÇONERIA

EM SI MESMA E EM SUAS RELAÇÕES

COM AS OUTRAS SOCIEDADES SECRETAS DA EUROPA,

PRINCIPALMENTE COM O CARBONARISMO ITALIANO,

POR

O ABBADE GYR

TRADUZIDA E PUBLICADA EM PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO.

PORTO:
NA TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
Rua de Santa Thereza n.os 4 e 6.

1865.

PREFACIO.

Pretende-se, com razão ou sem ella, que todas as revoluções modernas teem sido preparadas, sasonadas, e dirigidas pelas sociedades secretas, e particularmente pela Franc-Maçoneria; affirma-se que esta ultima sociedade, essencialmente opposta ao christianismo, tende ao estabelecimento d'uma republica democratica e social. Esta accusação é tão grave, que não póde deixar de se firmar em provas numerosas e irrefragaveis.

No numero dos escriptores modernos que se constituiram em accusadores das lojas, devemos collocar Hegstenberg e Eckert. O primeiro, bispo protestante, attribue ao trabalho das lojas a declinação e até o desapparecimento da fé christã entre os adeptos da reforma. Para afastar o cataclysmo social de que está ameaçada a Allemanha, n'uma época mais ou menos distante, tem feito ouvir dolorosas queixas na *Kirchenzeitung*, e imputa á Maçoneria o scepticismo religioso que tem visto apoderar-se gradualmente dos seus correligionarios. Os seus artigos, cheios de provas racionaes e de numerosos factos, tem produzido immensa sensação em toda a Allemanha.

Quanto a Eckert, protestante como Hegstenberg, é sabido que jurou consagrar o seu talento e toda a sua vida á

destruição da Franc-Maçoneria, que accusa de ser a authora de todas as revoluções religiosas, politicas e sociaes. Até hoje tem cumprido o que prometteu: desde 1853 tem publicado quatro obras sobre esta grave questão.

A primeira, intitulada a *Franc-Maçoneria em sua verdadeira significação*, é já conhecida na Belgica e em França pela traducção que d'ella publicamos. A rapidez com que uma edição de 2:000 exemplares se esgotou, dispensa-nos de a elogiarmos.

A segunda tem por titulo *O Templo de Salomão*; é a theoria scientifica e a explicação de todos os hieroglyphicos e emblemas maçonicos. Esta obra, que manifesta a sciencia profunda e a immensa erudição do author, só é accessivel aos sabios de primeira ordem, que fizeram um estudo especial da methaphysica e das sciencias naturaes.

A terceira é a obra capital d'Eckert. Intitula-se: *Magazin der Beweisführung für Verurtheilung des Freimaurer-Ordens, als Ausgangspunckt aller Zerstörungsthätigkeit gegen jedes Kirchenthum, Staatenthum, Familienthum und Eigenthum mittelst List, Verrath und Gewalt*; isto é: *Collecção das provas destinadas a fazer condemnar a Franc-Maçoneria como o principio de todas as emprezas criminosas, tentadas com o fim de destruir a religião, o estado, a familia e a propriedade, por meio da fraude, da traição e da violencia.*—Consta de dous volumes em 8.° grande de 700 a 800 paginas cada um. Talvez que nunca a paciencia e tenacidade allemã nas investigações scientificas se tenham mostrado tanto como na composição d'esta obra. Assim que, não temos receio de dizer que, depois da publicação d'esta importante obra, não é possivel accrescentar novas considerações respeito á Maçoneria.

Infelizmente, o author collocou-se n'um ponto de vista que mal poderiamos adoptar, o da monarchia absoluta. Este é o motivo por que não podemos condescender com o desejo de muitos dos nossos amigos que nos aconselhavam a traducção d'esta obra.

A publicação do *Magazin* fez subir o furor das lojas até ao seu paroxismo. No momento em que Eckert se achava em Berlin, para trabalhar na abolição da Maçoneria nos estados prussianos, a policia o prendeu, com o pretexto de uma conspiração urdida contra o rei e o principe regente. Esta prisão arbitraria, feita contra o direito das gentes e das nações, fez nascer da infatigavel penna d'Eckert uma brochura ardente que confundiu os seus perseguidores.

A Maçoneria allemã, tão directa e francamente atacada, teve seus campeões. Para darmos o nosso voto com conhecimento de causa sobre todas as peças d'este importante processo, procuramos obter todas as publicações em favor da Ordem.

Munido d'estes documentos e possuindo além d'isto numerosas obras sobre a Maçoneria, julgamos poder publicar uma compilação, fructo das nossas leituras.

Ser-nos-hia facil publicar muitos volumes sobre este importante assumpto. Porém julgamos preferivel dar n'um quadro mais restricto a substancia de tudo o que se tem dito e póde dizer a respeito da Maçoneria. A' excepção d'alguns sabios de primeira ordem, onde existem hoje leitores que tenham gosto e paciencia para meditar obras muito extensas?

No nosso seculo, o espirito humano, como que levado sobre as azas do vapor e da electricidade, não se sujeita a lentos e laboriosos estudos; tambem quer devorar o tempo e o espaço.

A obra que apresentamos ao publico encara a Maçoneria sob um ponto de vista geral; por isso tivemos todo o cuidado de afastarmos qualquer personalidade que désse em resultado o irritar o leitor em logar de o esclarecer.

De muito boa vontade acceitaremos qualquer polemica que aos escriptores das lojas aprouver suscitar, com a condição, porém, de que essa polemica seja geral, séria e digna. Ainda mais, julgar-nos-hiamos felizes em podermos confessar que nos enganamos na apreciação da Franc-Maçoneria.

O abbade *Gyr*.

PRIMEIRA PARTE

A MAÇONERIA EM SI MESMA

I

ORIGEM DA FRANC-MAÇONERIA

Qual é a origem da Franc-Maçonería?

Esta questão que, á primeira vista, parece das mais elementares, é a unica a que se não póde dar uma solução satisfactoria. Os numerosos escriptores das lójas que temos lido, teem cada um a sua opinião particular sobre esta importante questão.

Uns, para darem á instituição da Franc-Maçoneria um cunho d'antiguidade, comprazem-se em cercar-lhe o berço com as nuvens da fabula, ou retrocedem aos primeiros dias da creação; outros a representam como a continuação dos antigos mysterios da India, da Chaldea, do Egypto e da Grecia. Estes attribuem-lhe uma origem christã; aquelles são de parecer que a Franc-Maçoneria deve o seu nascimento ás cruzadas da idade media, e particularmente á ordem dos Templarios.

Eis-aqui o que se lê em Bazot (1):

«Segundo alguns, a Franc-Maçoneria parte do mesmo Deos, e da época do cahos. Não se póde ir mais longe: Deos creou a luz; por consequencia, Deos é o primeiro Franc-Maçon. Comtudo Deos não podia celebrar loja sendo só. Deixou-se este cuidado a Adão (2). Adão celebrou loja juntamente com sua mulher ou sem ella? Os amigos d'este systema não se explicam. Se celebrou loja juntamente com sua mulher, ha contradicção com o principio maçonico, felizmente modificado pouco mais ou menos ha meio seculo, que exclue as mulheres das assembléas fraternaes; e se celebrou loja juntamente com sua mulher, eis uma bella e antiga origem para as *lojas d'adopção* creadas na França em 1774.

«Celebrou loja com seus filhos? Os nossos authores não se explicam tambem positivamente a este respeito, e teem razão. Cain teria sido um pessimo *irmão*. Se Molière, como author comico, se aventura a dizer jocosamente, mas sem tirar consequencias, que cada um póde bater em sua mulher, sustenta que não é permittido matal-a. Os maçons um pouco turbulentos querem disputar entre si; mas n'isto, seguindo a opinião de Molière, pensam que os irmãos se não devem degollar.....

«O bom Noé tambem tem sua parte nas honras da invenção das lojas. A construcção da arca, e o poder que a sustentou sem se submergir no meio do diluvio universal, nos dão uma engenhosa allegoria do talento inteiramente natural de construir e da força da Maçoneria, a qual não póde submergir o diluvio dos crimes, dos vicios, dos erros e de todas as loucuras do genero humano.»

(1) *Codigo* dos Franc-Maçons, p. 121.
(2) E' esta a opinião de Schmitz, maçon inglez, e de St.-Martin.

Depois d'assim ter ridicularisado os escriptores maçons que teem a pretenção de dar a esta instituição uma origem tão antiga, Bazot continúa n'estes termos:

«Deixemos em paz as lojas antes da época tristemente poetica da revolução diluviana; e vejamol-as, com os authores maçons, nas instituições mysteriosas que se seguem.

«Ora, a Franc-Maçoneria parte dos gymnosophistas da India (3);

«Ou dos templos de Memphis ou de Heliolopolis (4);

«Ou dos mysterios de Eleusis na Grecia;

«Ou do culto da boa deusa entre os romanos;

«Ou da construcção do templo de Salomão (5);

«Ou da religião druidica (6);

«Ou da expedição cavalleirosa dos Cruzados de toda a christandade (7);

«Ou da instituição dos tribunaes secretos da Allemanha, nos seculos XIII e XIV;

«Ou do mysticismo religioso de Cromwell e dos seus partidarios (8);

«Ou da conspiração dos realistas, inimigos do Grande Protector;

(3) Esta origem é attribuida á Franc-Maçoneria por Rebold, Ragon, Rédorès, Reghellini de Schio, Acerellos, e em geral por todos os maçons modernos.

(4) Esta opinião é sustentada por Alexandre Lenoir.

(5) Nenhum author maçon acredita sériamente n'esta origem, não obstante as lendas que se recitam na collação de muitos graus. Todos os escriptores das lojas consideram estas narrações como um symbolo ou uma allegoria.

(6) Thomas Payne é o campeão d'esta opinião.

(7) Esta these é a de M. Bonneville.

(8) Um grande numero d'authores maçons, entre outros Ramsay, Robins, Boubée e Thschoudy, são d'esta opinião, que parece poder sustentar-se bem, e até certo ponto se concilia com a nossa.

«Ou dos Templarios antes e depois da destruição da ordem do Templo (9);

«Todas estas origens, mais ou menos especiosas, são difficeis d'estabelecer com algum senso; historicamente, são impossiveis de justificar.

«Diremos modestamente, e sem em nada pretendermos offender as opiniões, os dôces sonhos dos nossos collegas os historiadores maçons, que se, por analogia do fim dos mysterios entre os povos antigos e da instituição da Franc-Maçoneria, se póde retrogradar até ao estabelecimento das reuniões da India, uma analogia não póde equivaler a uma prova, e que é forçoso ficar simplesmente n'esta idéa: que a *architectura material* deu nascimento á nossa *architectura moral.*»

1.º Não temos, em verdade, a pretenção de possuir conhecimentos mais extensos e exactos que os escriptores das lojas sobre a origem da Franc-Maçoneria. Comtudo sejanos permittido dizer, que invocando incessantemente os usos e as doutrinas das instituições e dos mysterios da antiguidade, os authores maçons esperam muito da ignorancia ou da credulidade dos seus leitores. Entre as iniciações antigas e as modernas acha-se um abysmo intransitavel. As primeiras, sobretudo as do Egypto, motivadas pela ignorancia e pela superstição publica, não cabiam em sorte senão a alguns homens privilegiados, já distinctos por sua sciencia e destinados n'uma época mais ou menos distante a representar um papel importante na sociedade. Nas reuniões apenas se occupavam do estudo dos phenomenos physicos; o melhoramento moral do homem não era mais que um pretexto com que se pretendia desculpar a existencia d'uma socieda-

(9) **Grande numero de escriptores maçons são d'este parecer.**

de mysteriosa. Pelo que diz respeito aos mysterios da Grecia, em particular os mais famosos, os d'Eleusis, é constante que n'elles não havia nenhuma doutrina dogmatica secreta que estivesse em opposição com a crença popular (10).

A lei punia com a morte aquelle que tivesse professado um culto contrario ao do estado; e esta lei teve frequentes applicações. Toda a iniciação se limitava a provas physicas, á assistencia a uma representação dramatica e a algumas allusões obscuras. As reuniões dos mystos eram além d'isso rarissimas; só tinham logar duas vezes por anno. Longe de se encaminharem a um resultado moral, os mysterios, depois de terem degenerado como todas as sociedades secretas, occasionaram o despreso da religião e a decadencia dos costumes, precursores d'uma infallivel dissolução social.

A Franc-Maçoneria, tal qual appareceu na Europa, nunca se distinguiu pelo seu amor á sciencia e á moralidade, e ainda menos pelo seu affecto á religião christã. A' excepção d'alguns de seus escriptores que se teem encarregado de explicar, por meio da historia, a magia, a chimica e a astronomia, os phenomenos da vida intellectual e as crenças religiosas, nas lojas nunca se trata de questões scientificas. A religião, longe de ser um objecto de veneração, é alli escarnecida e vituperada. Ao contrario dos antigos mysterios, as questões politicas e sociaes são a unica preoccupação das officinas maçonicas. Admittimos comtudo, que á força de se esquadrinhar, se póde encontrar uma ou outra relação entre as instituições antigas e a Franc-Maçoneria; mas, como diz o proprio Bazot, uma analogia não póde equivaler a uma prova.

(10) V. O *Paganismo e o Judaismo*, por *Dollinger*.

E ainda quando as lojas modernas chegassem a provar a sua descendencia em linha recta das iniciações antigas, que merecimento tirariam ellas d'isso? Que titulos achariam ahi para a estima publica? Como se não envergonhariam de taes antecessores? Esta pretenção que suppõe a immobilidade do espirito humano será digna d'uma associação que se gaba de ser a promotora do progresso intellectual? Mas comprehendemos: querer-se-ha reconduzir a humanidade ás superstições do polytheismo, ou antes propôr á nossa adoração a natureza personificada. Esta ultima asserção, que mais adiante provaremos, não será contestada por nenhum maçon instruido. Assim percebemos a razão de se querer fazer subir tão alto a origem da instituição maçonica. Sim, os maçons consideram os profanos como adoradores de idolos, de ibis ou de pedaços de madeira; quanto a elles comparam-se aos antigos iniciados que, conforme pretendem, repudiavam as crenças do povo. Rejeitando *à priori* toda a revelação, invocam por antecessores uns homens a quem representam como havendo-se elevado acima dos prejuizos populares.

Deixemos-lhes esta augusta linhagem, visto que não teem vergonha de a reivindicarem.

2.° Os maçons remontam ao templo de Salomão? Se houveramos de acreditar o ritual e o cathecismo maçonico de varios graus, assim se deveria julgar. Em muitos pontos, falla-se das columnas do templo judaico, d'Hiram, d'Adonhiram, d'um mestre assassinado, da busca dos companheiros e da vingança dos assassinos. Mas não ha nenhum maçon que tome estas momices a serio. Se restasse a menor duvida sobre esta asserção, citariamos a seguinte passagem de Ragon:

«Um grande crime commettido, uma ceremonia fune-

bre, a commemoração d'um personagem illustre, taes são os factos que apresenta a *lenda* do terceiro grau symbolico. Se esta palavra *symbolico* não nos recordasse que, tanto n'este grau, como nos precedentes, *tudo é emblematico*, só a observação d'esta ceremonia bastaria para nos convencer d'isso.

«Com effeito, que apresenta elle ao nosso espirito? A morte d'um chefe de trabalhos, assassinado por tres irmãos perfidos e levando comsigo o segredo da Maçoneria, a edificação magnifica d'um monumento no meio d'um povo que suas desgraças e proscripções tornaram celebre. Todos estes acontecimentos tão ordinarios serão dignos de occupar tantos homens illustrados entre todos os povos e por espaço de tantos seculos? Que interesse podem elles apresentar ao nosso espirito? Nenhum, se se tomarem á letra. Como! depois de tres mil annos passados desde Salomão, a França, a Europa, todo o mundo, celebraria ainda com signaes de dôr a morte d'um architecto, em quanto que tantos sabios, tantos philosophos teem morrido, sem que d'elles se conserve outra lembrança que não seja na historia! Porém este mesmo Hiram será outro Socrates, um d'esses bemfeitores do genero humano cujo nome recorda as virtudes mais eminentes ou os mais assignalados serviços? O historiador sagrado, unico que o nomeou, accrescenta apenas ao seu nome o epitheto de *perfeito obreiro*; e nos minuciosos pormenores de tudo o que acompanha e segue a construcção do templo, não se faz d'elle a menor menção, nem mesmo de sua tragica morte, acontecimento que não teria omittido o escrupuloso escriptor.

«Na falta da escriptura, conservou acaso a memoria dos homens este acontecimento, cuja recordação se perpetuou

nas familias? Não, a tradição falha tambem n'esta parte; e não ha nada que recorde que Hiram fosse assassinado, como refere a tradição maçonica; d'onde devemos concluir que esta morte não é mais que uma allegoria de que facilmente acharemos a chave (11).»

O doutor da loja das *Trinosophos*, cuja obra recebeu a approvação do Grande Oriente de França, cortou portanto a questão: os maçons não remontam ao tempo de Salomão.

3.° Deve-se-lhes dar por origem os tribunaes vehmicos d'Allemanha?

Mas nós não vêmos que relação exista entre uma sociedade que pretende só se occupar do melhoramento intellectual e moral da humanidade, e um tribunal secreto que faz tremer a sociedade com suas sanguinarias accusações. De resto, a historia da Maçoneria nos diz formalmente que esta instituição não foi plantada na Allemanha senão depois de ter lançado vigorosas raizes em França e na Escocia. Com algum pudor, os escriptores maçons não reivindicariam tal fraternidade para a Ordem.

4.° *O mysticismo religioso de Cromwell e de seus partidarios* daria nascimento á Franc-Maçoneria?

Evidentemente M. Bazot quer enganar os outros. Conhece ou deve conhecer tam bem a historia da Franc-Maçoneria, que não ignore que na época de Cromwell esta instituição estava já espalhada por grande parte da Europa. Se lhe resta a menor duvida a este respeito, que se lembre do Conventiculo de Colonia, que teve logar em 1535. A maçoneria existia quasi um seculo antes da época notada pelos

(11) Ragon. *Curso explicativo das iniciações antigas e modernas*, p. 139.

escriptores das lojas; então já estava constituida e era reconhecida por muito antiga.

5.º Fazer descender a Maçoneria *da conspiração dos realistas*, inimigos do Grande Protector, é commetter o mesmo erro historico.

6.º Finalmente a Franc-Maçoneria, *no sentido rigoroso do termo*, terá por authores os Templarios? (12).

A opinião affirmativa, sustentada por Eckert e por muitos escriptores catholicos, é partilhada pela grande maioria dos maçons sinceros.

Para se comprehender bem de que modo descende a Franc-Maçoneria, tomada na significação que se lhe attribue hoje, da Ordem dos Templarios, é necessario recordar-se que na idade media, época de fé ardente e activa, todas as nações da Europa emprehenderam a tarefa de edificar essas magnificas basilicas que são ainda hoje o orgulho das cidades que as possuem. Essas torres tão esbeltas, que elevavam aos ares agulhas gigantescas, eram o symbolo da alta idéa que as populações formavam da divindade. Para acabar

(12) Ha ainda outras opiniões sobre a origem da Franc-Maçoneria. O padre Bresciani pretende, na sua ultima obra que tem por titulo: *A Republica Romana ou Lionello*, etc., que os Manicheos são os authores da Maçoneria. Varios escriptores maçons, entre outros Rédarès, Reghellini de Schio e Acerellos, são do mesmo parecer. Quando se estabelece uma comparação entre os dogmas manicheos e os maçonicos, descobrem-se, de facto, certos pontos de contacto, sobre tudo no dualismo entre o bom e o mau principio. Comtudo este erro não era senão a reproducção dos antigos dogmas religiosos da India, da Persia, da Chaldea e do Egypto; de sorte que se a opinião do P. Bresciani se podésse sustentar, seria necessario attribuir a origem da Maçoneria ás antigas iniciações d'esses paizes. Demais, em apoio d'esta opinião não se póde citar nenhum documento historico. Talvez fosse possivel conciliar a opinião do P. Bresciani com a nossa, dizendo que os Templarios estavam infectados do manicheismo e que o trouxeram para a Europa, onde esta seita contava já numerosos adeptos, sobretudo nos paizes meridionaes.

esses edificios, cuja elevação e extensão desesperam o nosso seculo material, e cuja conservação exige por si só nos nossos dias despezas exorbitantes aos olhos de certas populações, era necessario alguma cousa mais que recursos pecuniarios: eram precisos architectos capazes de conceber planos grandiosos e operarios que os soubessem executar.

Para este fim, os Soberanos temporaes, d'acôrdo com varios Soberanos Pontifices, concederam ás corporações de pedreiros importantes privilegios, consideraveis immunidades e *franquezas* de diversa especie.

Seduzidos por estas vantagens, os operarios abraçaram com preferencia a profissão de pedreiro.

Eis-aqui em que termos o I.·. Rebold falla d'estas corporações maçonicas:

«Alguns restos dos antigos collegios de constructores romanos haviam-se conservado na Lombardia, onde Cómo era uma eschola celebre de architectura; alli se multiplicaram por tal maneira (de 1000 a 1100), que não acharam em que se occupar. Estas corporações, depois de terem obtido dos papas a renovação dos antigos privilegios, n'uma palavra o *monopolio* exclusivo para construirem os monumentos religiosos em toda a christandade, se espalharam por todos os paizes christãos.... Estes monopolios lhes foram renovados desde Nicolau III (1277) até Bento XII (1334), que lhes concederam, além d'isso, diplomas especiaes. Estes diplomas os isentavam de todos os estatutos locaes, edictos reaes e regulamentos municipaes, relativos tanto ás corveias, como a outra qualquer imposição obrigatoria para os habitantes do paiz.

«Os diplomas concediam-lhes, além d'isso, o direito de dependerem unica e directamente dos papas, de fixarem el-

les mesmos a taxa do seu salario e de regularem exclusivamente nas suas assembléas geraes tudo o que pertencia ao seu regimen interior.

«Encontramos estas corporações em todos os paizes da Europa, na Inglaterra, na Allemanha, na França, na Italia, na Hespanha e em Portugal, onde, sob a denominação de irmãos de S. João, de fraternidade maçonica ou corporação de operarios constructores, edificaram todos esses sublimes monumentos e todas as basilicas gigantescas que serão para sempre a admiração da posteridade (13).»

Os importantes privilegios concedidos pelos Papas e pelos soberanos a estas corporações de pedreiros, com o unico fim de favorecer a arte christã, são uma prova da sua solicitude pela propagação do gosto do bello no meio das populações embrutecidas pelas invasões dos barbaros. Mas, se as corporações de pedreiros houvessem conservado e ensinado uma doutrina secreta opposta á fé do christianismo, não padece duvida que os Soberanos Pontifices as teriam fulminado com seus anathemas e feito desapparecer. As grandes vantagens concedidas pela Santa Sé aos *irmãos de S. João* são prova irrefragavel da pureza da crença e dos costumes d'estas associações de pedreiros, que se entregavam á oração e aos exercicios de piedade antes e depois dos seus trabalhos. De mais d'isso, o rei ou imperador nomeava os Gran-Mestres, e sendo estes sempre escolhidos entre os membros mais eminentes da nobreza e do clero, eram uma garantia da orthodoxia e submissão das corporações de pedreiros.

Ninguem duvida que os membros d'estas corporações se obrigassem por juramento a conservar secretos os meios de construir. Eis o que se lê em Rebold:

(13) Rebold. *Historia geral da Franc-Maçoneria*, pag. 44.

«O bispo d'Utrecht queria mandar construir uma grande cathedral, e mandou levantar a planta por um architecto frisão chamado Phebal. O bispo, querendo passar por auctor da planta, e dirigir os trabalhos sem ser iniciado nos segredos da arte, chegou, por toda a casta de ameaças e promessas, a arrancar ao filho do architecto os segredos e o modo de lançar os alicerces. O architecto, indignado do perjurio do filho, matou o bispo.»

Ninguem duvida que existisse entre os membros d'estas corporações uma classificação baseada sobre o maior ou menor conhecimento architectonico, e a maior ou menor aptidão; ninguem duvida que os operarios estivessem arregimentados e que cada esquadra fosse commandada por um chefe. Sem esta especie de jerarchia, sem a obediencia a chefes immediatos, que executassem as ordens do architecto, a construcção de immensos edificios tornar-se-hia impossivel pela confusão ou insubordinação.

Ninguem tão pouco duvida que ao lado de cada monumento em construcção se tivesse estabelecido uma eschola theorica e prática, onde os mestres formavam os discipulos na arte, então tão importante, da architectura. A supposição de que estabelecessem signaes convencionaes, quer para transmittirem as ordens, quer para se fazerem reconhecer como membros d'uma corporação a outra a que se queriam unir, quer para provarem que pertenciam a tal brigada, e que por isso tinham direito ao salario convencionado, esta supposição, longe de parecer inadmissivel, parece racional.

Havia portanto uma completa differença entre as corporações de pedreiros da idade media e a Franc-Maçoneria actual. Apesar de todos os esforços empregados pelos escriptores maçons, com o fim de darem ás lojas um cunho

d'antiguidade, nenhum d'elles chegou a estabelecer historicamente que as corporações de pedreiros em questão houvessem tido uma doutrina secreta.

Ainda mais: os dous mais antigos documentos maçonicos, os das lojas de York e de Strasburgo, não fazem a menor allusão a uma doutrina secreta, á classificação actual das lojas, nem ao templo de Salomão. Tudo alli se limita a algumas maximas geraes de moral.

Portanto, como poderiam estas corporações de pedreiros tão innocentes, tão religiosas, dar nascimento á Franc-Maçoneria, tomada na significação que se lhe dá nos nossos dias? Porque *degeneraram em consequencia da ingerencia dos templarios*, que inocularam as suas terriveis doutrinas n'estas corporações outr'ora tão religiosas e tão moraes.

Eis-aqui em que termos Eckert historia esta ordem tão famosa:

«Depois da conquista de Jerusalém aos Sarracenos, Godofredo de St. Omer, Hugo des Payens e mais sete pessoas fundaram uma ordem a que, pouco tempo depois, se cedeu uma casa perto do *templo* de Salomão. Tal é a origem do nome de Templarios. No principio, os membros da Ordem tinham-se reunido com o fim de protegerem os peregrinos christãos que iam visitar o Santo Sepulcro. Pouco tempo depois, ampliaram os seus votos e consagraram-se sobretudo á defeza dos logares santos e do christianismo. Faziam voto de castidade, obediencia e pobreza, e viviam em communidade nas casas da Ordem. Dividiam-se em classes distinctas: os cavalleiros, que deviam ser todos de uma nobreza pura; os homens d'armas e os irmãos serventes; mais tarde ajuntou-se-lhes uma classe sacerdotal. A ordem devia necessariamente pôr-se em relação com os membros dos mysterios

judaicos.... Breve se lhe juntaram soldados d'uma condição inferior. Em pouco tempo o poder da Ordem tornou-se universal: abrangia toda a Europa, grande parte da Asia e até da Africa. Os Templarios depressa se tornaram independentes dos vassallos e dos senhores.

«Já o grande imperador d'Allemanha, Frederico II, tinha accusado a Ordem de traição e d'allianças criminosas com os inimigos do christianismo. A voz publica se levantou em breve contra as relações amigaveis dos Templarios com os Sarracenos, e mesmo com o sultão Saladino. Insensivelmente a Ordem foi accusada de formar planos ambiciosos e projectos de destruir os thronos, de querer crear uma republica universal *nobiliaria*, e de nutrir sentimentos hostis á religião catholica, e até mesmo ao christianismo. O orgulho e o luxo dos mestres, a sua ingerencia nos negocios politicos irritaram os grandes; o seu relaxamento e excessos desagradaram aos povos. Desde o anno de 1224, a Ordem possuia 9,000 commendas ricamente fundadas, sem comprehender n'este numero os palacios particulares e os *templos:* este nome era dado aos seus palacios, certamente para empregar uma denominação symbolica...

«No dia 13 de outubro de 1307, os chefes da Ordem foram prêsos em Paris; instaurou-se-lhes um processo criminal em França, em Inglaterra e na Italia: n'estes dois ultimos paizes o mesmo Papa provocou esta medida rigorosa. O Gran-Mestre Jacques Bernard (Burgundus?) Moley foi queimado vivo em Paris no anno de 1313, e toda a Ordem foi condemnada e supprimida pelo concilio de Vienna.»

Não é nossa intenção provar aqui a culpabilidade dos Templarios em todos os crimes que lhes foram imputados. Talvez que, examinando a sangue frio e com imparcialidade

todas as peças do processo, não fosse difficil provar a justiça das resoluções tomadas por Clemente V, Philippe-o-Bello e pelo concilio de Vienna. Pelo menos não seria difficultoso mostrar que os juizes se muniram de todos os esclarecimentos possiveis antes de pronunciarem a sua sentença; que o Soberano Pontifice não obrou por deferencia para com um inimigo encarniçado como era o rei de França; e que um e outro se houveram com imparcialidade, visto que não partilharam do espolio das victimas.

Culpados, os Templarios francezes, italianos e inglezes foram supprimidos e expulsos dos seus respectivos paizes. Ao tempo da resurreição dos Templarios na Allemanha, durante a segunda metade do seculo passado, os defensores d'esta Ordem provaram que ella possuia em seu seio uma classe particularmente iniciada. Leia-se o *Ensaio de defeza*, publicado pelo livreiro dos Illuminados em Dessau (1782) e intitulado *Indagações sobre o segredo e os usos dos Templarios, pelo doutor Carlos Gottlib Anton,* e facilmente se ficará convencido de que é inteiramente impossivel o negar-se que os Templarios tinham uma doutrina secreta.

M. de Wedekind, gran-conselheiro no tribunal de Hesse, e Maçon elevado aos maiores graus, accrescenta no seu *Manuscripto sobre os Irmãos (Relação entre a ordem pythagorica e os Franc-Maçons):* «Não se póde negar que os Templarios tivessem uma doutrina secreta particular *(disciplina arcani)* que devia desagradar á côrte. Esta doutrina era uma compilação dos conhecimentos que tinham adquirido no Oriente.» Quer dizer, que a doutrina dos Templarios não era senão um mixto de dogmas philosophicos, christãos, judaicos e mahometanos.

Os cavalleiros templarios fugitivos retiraram-se para a Escocia, para a ilha chamada Mull, em 1307. Alli reorganizaram a Ordem proscripta, admittiram algumas modificações, e ordenaram novos signaes de reconhecimento e novos ritos para a recepção dos candidatos.

Suspeitos aos olhos de toda a Europa, objecto de horror aos olhos das populações catholicas, os Templarios não podiam reconstituir-se debaixo da sua fórma primitiva. Julgaram pois mais prudente penetrar insensivelmente nas corporações de pedreiros, e explorar as franquezas d'estas associações d'artistas para espalharem, e inocularem industriosamente as suas abominaveis doutrinas nos seus inexperientes hospedes.

O nome de Franc-Maçon tira a sua origem das *franquezas* concedidas pelos Papas e pelos soberanos ás corporações de pedreiros *maçons* que os Templarios proscriptos chegaram insensivelmente a dominar e corromper.

Devendo esta asserção firmar-se em provas, julgamos de nosso dever dar as nossas.

Meditando attentamente sobre os differentes rituaes maçonicos, causam impressão desde logo differentes ceremonias e instrucções, e projectos de vingança que só se explicam pela morte do chefe da Ordem. Os ritos empregados para a recepção do grau de mestre são particularmente notaveis. Ora a historia não nos diz em parte alguma que o chefe das corporações de pedreiros tenha sido assassinado por tres membros perjuros. Mas admittindo que se applique a lenda maçonica ao chefe dos Templarios morto sobre a fogueira, e que as lojas actuaes se proponham vingar a morte do seu Gran-Mestre nos successores de Philippe-o-Bello e de Clemente V, isto é, destruir a auctoridade civil e religiosa, tudo

se explica até ás minimas circumstancias. Nem ha outra explicação que seja razoavel. O absurdo das outras interpretações dadas pelos escriptores maçonicos salta aos olhos do leitor: não teem evidentemente outro fim que enganar os crédulos. Portanto, quando Ragon quer fazer acreditar que o assassinato do mestre pedreiro occupado no Templo de Salomão, é um emblema da lucta dos dois principios ou do dualismo oriental; quando recorda com tal motivo a morte de Osiris succumbindo aos golpes de Typhon, a de Athys ou de Mithra, d'Orumuza e d'Adonis; quando explica a lenda maçonica pelos signos que percorre o sol e affirma que os tres primeiros companheiros são os signos inferiores, os signos de inverno, aquelles que matam Hiram, a saber: a *Balança*, o *Escorpião* e o *Sagitario*, sentimos a mais profunda compaixão por um orador que se não envergonha de proferir taes absurdos, e pelos ouvintes que teem a paciencia de os escutar.

Até que os escriptores das lojas nos dêem uma interpretação que tenha senso commum, julgamo-nos com direito de conservar a nossa revestida com todos os caracteres de probabilidade; continuaremos a sustentar que as antigas corporações de pedreiros não foram pervertidas senão pela intrusão dos Templarios.

Além d'isto, muitos auctores maçons são do nosso parecer.

«Um pequeno numero de Templarios que escaparam ás perseguições de Philippe rei de França, ajudado pelo Papa Clemente V, refugiaram-se na Escocia, e alli foram recebidos no seio das lojas de pedreiros. A Ordem pareceu até *reproduzir-se* no asylo que se lhe offereceu no meio das montanhas da Escocia (patria de muitos Templarios), até ao mo-

mento em que os Franc-Maçons de hoje se separaram das antigas corporações de pedreiros (15).»

Isto chama-se franqueza. Convimos pois com Rebold que a Ordem dos Templarios se reproduziu nas antigas corporações de pedreiros. O auctor só se esqueceu de explicar um ponto, que é a natureza e a razão da transformação das antigas corporações na Maçoneria actual (16).

Comtudo esta mudança explica-se: quando os Templarios adquiriram a força e extensão sufficiente para não carecerem do véo e dos privilegios das corporações que os tinham recebido em seu seio ou quando, graças á diffusão das luzes e ao melhoramento social, as mesmas corporações se tornaram inuteis e desappareceram insensivelmente, os Templarios não conservaram da *Franc-Maçoneria* senão o nome. Desde este momento, os Templarios tiveram lojas independentes onde os instrumentos e os usos dos pedreiros, assim como a reconstrucção mythica do Templo de Salomão, só foram conservados como emblemas e como memorias de seus antigos bemfeitores.

O irmão Thory, auctor das *Acta Latomorum*, prova claramente esta origem. O auctor de *Sarsena*, cuja opinião é auctoridade mesmo entre os maçons, não vê em todas as ceremonias do ritual senão allusões á historia dos Templarios. Eis-aqui em que termos elle explica os numeros 3, 9 e 27, cujo uso é tão frequente nos ritos maçonicos.

« O numero 3 tem origem na historia dos Templarios; os *tres* graus symbolicos recordam os *tres* periodos da existencia e o *triple* generalato dos cavalleiros de S. João de

(15) Rebold. *Historia geral da F. M.*, *p.* 116.
(16) *Na pag.* 198 *da sua obra, Rebold data esta tranformação* de 1717. *Mas não prova* esta opinião.

Jerusalem. No seu apogeu, a Ordem conta *nove* generalatos, numero sagrado para os maçons, porque é o quadrado de tres. *Nove* cavalleiros se associaram para fundar a Ordem; dividiram-se em *tres* grupos, até á epocha em que o rei Balduino lhes deu uma casa proxima ao *templo*. Os *vinte e sete* (cubo de tres) cavalleiros que compunham a Ordem em 1127 enviaram *nove* d'entre elles ao concilio de Troyes para alli pedirem uma regra e a confirmação da sua Ordem. Os *vinte e sete* se dividiram em *tres* secções que fixaram a sua residencia nas *tres* cidades de Jerusalem, Alepo e Cesarea. Cada casa contava *nove* cavalleiros. Breve depois os *tres* grupos elegeram cada um seu superior, e dos *tres* superiores um chefe supremo (*prœfectum*) (17).»

O I.·. Dumast, escriptor maçon de grande merecimento confirma esta opinião. «O maior numero dos iniciados Templarios, diz elle, deixando, no XIV seculo, de formar uma ordem reconhecida, entraram simplesmente na grande familia dos pedreiros que nunca cessára de existir, e que augmentou e se honrou com os seus restos.»

O I.·. Dumast queixa-se depois da suspeita em que as corporações maçonicas cahiram aos olhos dos soberanos que receavam vêr nas antigas associações de constructores os vingadores dos Templarios. Mais um engodo.

O I.·. Dumast não póde ignorar que as antigas corporações de pedreiros se não tornaram suspeitas senão depois da juncção dos Templarios.

Occupando-se exclusivamente da construcção dos edificios publicos, como o provam os dois mais antigos documentos, a corporação dos pedreiros não podia despertar a inquietação do poder civil; mas desde o momento em que o ele-

(17) *Sarsena, p.* 31.

mento templario se uniu á constituição pacifica dos irmãos de S. João, os soberanos tinham direito de vigiar de perto as machinações das lojas. O que mais contribuiu para fazer desconfiar da nova tendencia das corporações dominadas e governadas pelos Templarios, foi, segundo a confissão do mesmo I.·. Dumast, o grau de mestre eleito, na recepção do qual o aspirante devia cravar um punhal n'um manequim vestido com ornamentos reaes. O escriptor das lojas, para justificar este grau e rejeitar toda a solidariedade com os projectos dos Templarios, em balde affirma que o grau de mestre eleito é mais antigo que a Ordem do Templo. Desafiamol-o a que prove esta asserção. Accrescentando que o mestrado de que este grau fórma um simples accessorio não se refere a factos historicos, ao passo que tem só relação com factos *physicos* e *moraes*, o I.·. Dumast falta descaradamente á verdade, menos que por facto *physico* se não entenda o acto material d'apunhalar, e por facto *moral* os motivos que determinam o assassino. Bella moral, com effeito, é aquella que habitua o maçon a manejar o punhal!

Bazot, no seu codigo dos *Franc-Maçons*, não se oppõe de fórma alguma á nossa opinião. Eis-aqui o que elle diz: «As corporações d'obreiros entre os inglezes, que foram os primeiros que as crearam ou publicamente organizaram, fizeram imaginar a associação *franc* ou *franca-maçonica.*» Este auctor é de opinião que as antigas corporações de operarios pedreiros, ainda que muito differentes da Maçoneria actual, foram comtudo as auctoras d'esta ultima. Quanto á mudança operada, dá livre margem ás apreciações.

Se ao exame do ritual e a estas confissões de escriptores maçons accrescentarmos as seguintes observações: de que Ramsay, pae do rito escocez em França, diz formalmente

n'um dos seus discursos haver imitado os seus graus dos da Escocia; de que existe realmente um grau de cavalleiro Templario mesmo no rito moderno; de que desde 1767 existe um complèto systema Templario, e está exclusivamente em vigor na Prussia, não haverá duvida de que a Maçoneria moderna deve o seu nascimento aos Templarios.

O quadro do antigo grau de cavalleiro Templario representa: uma fogueira, sobre a qual está deitado um homem, distincto pelas iniciaes J. M. (Jacques Moley); duas cabeças, uma das quaes é acompanhada de chaves em aspa, e que estão designadas explicitamente e com todas as letras como as cabeças de Clemente V e de Philippe-o-Bello; uma escada e um archote. A *instrucção* consiste em recordar a destruição dos Templarios, representados como innocentes victimas, e em fazer considerar como inimigos mortaes os cavalleiros da ordem de Malta. Para receber este grau era necessario estar revestido de todos os outros; coroando todo o systema, é justamente considerado como o seu complemento. Não ha pois duvida de que a Franc-Maçoneria moderna seja a continuação das antigas corporações d'artistas pedreiros, enganados ao principio, dominados depois, e em fim transformados completamente pelos Templarios fugitivos.

Parece-nos que esta opinião sobre a origem da Franc-Maçoneria é a unica que tem fundamento.

II.

FIM DA FRANC-MAÇONERIA.

Não ha meios de que as lojas se não tenham servido para illudirem sobre o fim da associação Franc-Maçonica. Os escriptores Maçons não se envergonham de propalar os maiores absurdos, suppondo nos profanos uma dóse incrivel de credulidade. Os iniciados não são mais bem instruidos; em cada grau que recebem, se lhes promette que o segredo lhes será patenteado no grau seguinte, e na recepção d'este, a mesma decepção, as mesmas promessas fallazes. Talvez até que o iniciado ignore sempre o verdadeiro fim da Ordem; pelo menos nenhum dos numerosos rituaes o explica em termos explicitos. Com effeito, no penultimo grau do systema Templario, a instrucção diz ao candidato: « A luz que mais tarde vos deve illuminar, está ainda mui distante de vós; ainda vos está escondida debaixo de espêssas nuvens. »

Demais, a Franc-Maçoneria tem soffrido tão numerosas transformações, compõe-se de elementos tão diversos, que é mui facil, ainda mesmo a um maçon, o perder-se no meio d'esse labyrintho. Depois da celebração do segundo congresso maçonico, convocado pela loja dos *Philalethes* em Paris, as summidades de todas as lojas europeas não chegaram a pôr-se d'acôrdo sobre as questões mais elementares; *e a origem, a natureza e o fim da Maçoneria continuaram a ser um*

problema insoluvel para a maior parte dos Maçons do continente. O famoso convento de Wilhemsbad tinha chegado ao mesmo resultado.

Dissemos que a Maçoneria tem soffrido numerosas transformações. Timida ao principio e receiosa, contentou-se em obrar sobre os acontecimentos politicos. Depois de ter sustentado Jacques II, dictou a famosa constituição liberal de Inglaterra. Ao principio não se recrutaram os membros senão na nobreza, querendo sem duvida recordar d'este modo o elemento nobiliario que predominava na ordem dos Templarios. Fingia ser religiosa: não iniciava nenhum hereje, nenhum infiel; a festa de S. João, patrono das lojas, era celebrada com uma missa solemne, á qual a loja assistia incorporada; todo o ataque contra a religião era severamente prohibido. Pouco a pouco o elemento democratico lhe tomou a dianteira; manifestaram-se-lhe aspirações republicanas, a tendencia da Ordem para uma transformação social não foi duvidosa, e a hostilidade contra a religião christã em geral, mas sobretudo contra a religião catholica, se manifestou em todos os documentos e em todos os actos da Franc-Maçoneria.

Á vista d'isto comprehender-se-ha o quanto será difficil, no meio d'estas numerosas vicissitudes, fixar com exactidão o fim da Franc-Maçoneria. Proteu indomavel, a Ordem muda de figura e de proceder conforme o caracter dominante n'uma epocha, e segundo as circumstáncias. De sorte que quando os profanos accusam a Franc-Maçoneria de tender á anarchia politica e social ou á destruição da religião catholica, os escriptores das lojas teem á mão documentos antigos que desculpam a Ordem a todos os respeitos.

Outra razão que obsta a bem determinar o fim da Ordem, é a diversidade dos elementos de que se compõe. Com

effeito, a Franc-Maçoneria foi por muito tempo o refugio de todas as excentricidades do espirito humano. Chimicos, cabalistas, alchimistas, pelotiqueiros, physicos, partidarios do magnetismo, fanaticos e visionarios de todas as especies n'ella acharam acolhimento e protecção. Voltaire deu a mão ao abbade Sicard; Melanchton a Herman, arcebispo de Colonia; Gustavo, rei da Suecia, a Robespierre; Franklin a Cagliostro, e Helvecio a Swedenborg. Este singular amalgama dos talentos mais contradictorios e das sciencias mais oppostas constitue um chaos em que desafiamos o Maçon mais instruido a diffundir luz e indicar um centro commum. Comtudo ninguem se illuda; ha um ponto em que, apesar da opposição apparente dos fins particulares de cada individuo, e mesmo de cada systema, todos os Maçons se teem infallivelmente encontrado; este fim commum consiste, como brevemente provaremos, no aniquilamento da sociedade civil e da religião christã, para chegarem á republica universal, ao estabelecimento do socialismo e ao culto da Natureza.

Antes de examinarmos miudamente os differentes fins que a Maçoneria assigna a seus esforços, julgamos dever fazer uma pergunta: Qual é a razão do segredo, se o fim é bom? Porque se ha-de esconder quem julga poder confessar os seus actos? Porque escolhe as trevas quem não deve receiar o obrar á luz do dia? Para que é a exclusão quando se affirma não se tractar senão do bem da humanidade? Porque se não abrem de par em par as portas do templo maçonico, e se não diz á multidão dos profanos: Cegos, vinde, nós vos daremos a luz, nós esclareceremos a vossa intelligencia, nós dissiparemos os vossos prejuizos; desgraçados que gemeis debaixo do pêso de todas as infelicidades, vinde, nós vos alliviaremos, nós vos communicaremos uma panacea universal

que curará todos os vossos males?—Porém, se a Maçoneria é realmente bemfazeja e salutar, como diz, é mais que egoista, é cruel em não querer communicar os seus famosos segredos.

Que respondem as lojas a esta interpellação? Eis-aqui o que se lê no manifesto da grande loja d'Allemanha, publicado em 1794: «O povo não está ainda bastante robustecido para poder supportar a revelação do segredo maçonico.» Ou não comprehendemos nada, ou estas palavras teem a seguinte significação: «As massas ainda estão muito imbuidas nos principios religiosos, para que ousemos descobrir-lhes a distancia que nos separa d'ellas; os povos ainda são muito affeiçoados aos seus soberanos e sujeitos ás leis, para que ousemos prégar-lhes aberta e publicamente a anarchia. Existe entre a Maçoneria e a crença popular uma tal contradicção e nós somos ainda tão fracos, que não nos atreveriamos a arrostar de frente a opinião publica. A humanidade está com relação a nós como uma creança que começa a andar. Em quanto que, livres de todo o constrangimento e sacudindo todas as cadeias, nós tomamos um impulso generoso, o povo deve ainda carecer d'uma mão e d'uma luz conductora que guie seus passos. Insensato, que ainda acredita n'uma auctoridade divina e humana! Mas logo que com seus instinctos se tiver desenvolvido a sua intelligencia, logo que a humanidade estiver *bastante robusta* para supportar o alimento da independencia absoluta, logo que nos fôr possivel proclamar alto e bom som os principios da liberdade, egualdade e fraternidade maçonica, isto é, a libertação de todos os prejuizos politicos e religiosos, abriremos os nossos templos, e até os destruiremos e reconheceremos de boa vontade que a nossa associação se tornou uma inutilidade. Em

quanto não chega o feliz momento em que os vossos olhos sejam bastante fortes para poderem supportar a viveza da luz maçonica, e as vossas forças assaz desenvolvidas para poderdes ser apartados do leite, julgamos dever esconder-vos debaixo d'um véo o nosso facho resplandecente e differir para mais tarde o alimento substancial que não convém senão aos homens *robustos* que tenham chegado á edade viril. Creanças, permitti-nos que vos tratemos como creanças; da mesma sorte que os pais prudentes se absteem de communicar certos segredos a seus filhos, assim nós praticamos para comvosco.»

Tal é a estima que a Franc-Maçoneria professa para com o mundo profano. Fóra d'ella tudo é obscuridade, trevas, ignorancia, prejuizos, erros, escravidão; mas em seu seio, luz, verdade, liberdade.

Comtudo o nosso seculo chama-se o seculo das luzes! Graças a um extraordinario impulso, as sciencias de todas as especies, particularmente as sciencias positivas, teem dado passos de gigante. Graças á liberdade de imprensa, a polemica tem discutido todas as cousas que dizem respeito tanto á moral e á religião, como aos interesses politicos e sociaes. Graças á instrucção com que todos os partidos teem favorecido a diffusão e o progresso, o povo não merece ser stigmatisado com o titulo de ignorante. Graças á liberdade d'associação, todos se reunem ostensivamente, e concentram os meios para conseguir um fim licito. Tanto os Cartistas como os Fretraders, os conservadores como os radicaes, os Mormons como as Ordens religiosas podem reunir-se á luz do dia, discutir as questões que lhes interessam, tratar dos meios de propagar as suas doutrinas e de conseguir os seus fins. A Maçoneria em balde se cobre com o véo do mysterio: todo

o homem de bom senso comprehenderá que ella affecta conservar-se nas trevas ou porque receia irritar a crença popular, ou porque tem boas razões para crêr que seria recebida com zombaria mofadora pelos espectadores. Sim, taes são os dois motivos por que a Maçoneria se fecha prudentemente nas lojas: d'uma parte, a proclamação de seus principios anti-religiosos e anti-sociaes; d'outra, a exhibição de suas momices supersticiosas e de suas ridiculas ceremonias.

Mas não nos contentemos com uma accusação vaga e indeterminada. Vejamos quaes são os principios maçonicos: 1.° sob o ponto de vista da moral, 2.° da religião, 3.° da politica, 4.° do estado social, 5.° da beneficencia. Este exame circumstanciado nos permittirá apreciar com exactidão o fim da Ordem.

A. Moral Maçonica.

Lendo-se as differentes obras dos escriptores maçons, haveria tentação de crêr que a moral das lojas faz eclipsar a do christianismo. Os rituaes, preconisando a suavidade, a moderação, a equidade, a justiça, o amor, a fraternidade, a beneficencia que deve distinguir um maçon, representam a Ordem como promulgando o codigo mais completo. Eis-aqui em que termos os irmãos Rebold e Ragon formulam o decalogo maçonico:

1.° « Sê justo, porque a equidade é o sustentaculo do genero humano.
2.° Sê bom, porque a bondade prende todos os corações.
3.° Sê indulgente, porque, sendo tu mesmo fraco, vives com seres tão fracos como tu.
4.° Sê affavel, porque a affabilidade attrahe o affecto.
5.° Sê grato, porque a gratidão alimenta e nutre a bondade.

6.º Sê modesto, porque o orgulho revolta os seres apaixonados de si mesmos.
7.º Perdoa as injurias, porque a vingança eternisa o odio.
8.º Faz bem a quem te fizer mal, para que te mostres maior que elle e ganhes um amigo.
9.º Sê circunspecto, moderado, casto, porque o deleite, a intemperança e os excessos aniquilam a tua existencia, e fazem-te despresivel.
10.º Sê cidadão, porque a patria é necessaria á tua segurança, aos teus prazeres e bem-estar.
Sê fiel e submisso á auctoridade legitima, porque ella é indispensavel á conservação da sociedade, que é necessaria a ti mesmo.
11.º Defende o teu paiz, porque é elle que te dá a felicidade e que contém todos os vinculos, todos os seres que são caros ao teu coração; *mas não esqueças nunca a humanidade e seus direitos!*
12.º Não soffras que a patria, mãe commum de ti e dos teus concidadãos, seja injustamente opprimida, porque então não seria para ti mais que uma *gehenne* (inferno). Se a tua injusta patria te negar a felicidade, sahe d'ella em silencio, mas não a perturbes nunca; supporta a adversidade com resignação (1).»

A' primeira vista, este codigo de moral maçonica não parece em nada reprehensivel, e formula parte dos deveres que nos impõe o decalogo. Mas como é incompleto! Todo e qualquer christão, mesmo tão vicioso que mereça ser lançado do seio da religião, constituiria um excellente maçon. Com effeito, nós só alli vêmos expressos o 5.º e 6.º manda-

(1) Rebold. *Hist gen. da F. M.*, *p.* 314. *Ragon*, *p.* 392.

mentos. Nem uma só palavra sobre os deveres para com Deos, para com os paes, para com a propriedade e reputação do proximo. Ora a lei da natureza por si só prescreve estes deveres do mesmo modo que aquelles que são explicados nos apophthegmas que acabamos de citar. Eu preferiria mil vezes a famosa maxima: *não faças a outro o que não quizeras que te fizessem a ti.»* A generalidade d'estes termos parece infinitamente melhor que as triviaes particularidades da do decalago maçonico. E depois que ambiguidade, que obscuridade nos termos! Tomemos ao acaso o 11.° preceito: «Defende o teu paiz... mas nunca te esqueças da humanidade e dos seus direitos.» Qual é o sentido d'esta restricção? Que é o que se deve entender pela palavra *humanidade?* Quer-se dizer que na defesa do paiz não se devem ultrapassar os limites que prescreve a humanidade? Ou querer-se-ha ensinar que, tendo os chefes maçons decidido em sua alta sabedoria e em sua omnipotencia que as causas da guerra entre a nação invasora e a que se defende entram no circulo das questões chamadas humanitarias, é necessario cessar de defender a patria? N'esta hypothese o dever do maçon venceria o do cidadão.

Que contradicção entre os dois membros do duodecimo preceito! D'um lado, o maçon não deve soffrer que a patria seja opprimida; do outro, deve retirar-se em silencio no caso em que elle mesmo fosse por ella opprimido.

Não ha moral sem dogmas que lhe sirvam de base e sem sancção, isto é, sem a certeza d'um castigo ou d'uma recompensa. Para obedecer a uma lei penosa, é necessario um motivo e um estimulante.

Sem o direito de mandar e a perspectiva d'encontrar

um bem ou de evitar um mal, não se comprehende a obediencia do homem.

N'este ponto o christão vive tranquillo; observando o decalogo, sabe que se submette ao divino legislador que, na frente da lei, gravou estas palavras: « Eu sou o Senhor teu Deos; » sabe tambem que a obediencia á lei terá uma recompensa, e que qualquer transgressão será seguida d'um castigo. — Mas quem tinha direito de formular o codigo de moral maçonica? Que auctoridade tinha poder de agrilhoar a liberdade humana? Que veneravel tem direito de guiar as consciencias? A natureza, respondem os maçons. Mas além de que a natureza, ente abstracto, nunca pôde exprimir ordem alguma nem impôr a minima obrigação, ella propria segue a lei traçada pelo soberano legislador, só é passiva. A natureza obra sempre segundo certas leis, e todas as nossas sciencias physicas consistem em as descobrir. Mas o que nós chamamos leis da natureza, que outra cousa vem a ser senão a repetição e frequencia dos mesmos factos que verificamos pela experiencia? A cousa é inteiramente differente quando entramos no dominio da moral. Aqui o que chamamos lei não é a repetição dos factos moraes, mas sim a expressão da vontade de um legislador que prescreve o uso que devemos fazer da nossa liberdade; longe de ser a expressão da natureza humana, a lei domina-a, governa-a, dirige-a, e muitas vezes até lhe impõe os deveres mais penosos e onerosos. Para não entrar em longas particularidades que se tornariam fastidiosas, como, por exemplo, explicariam os maçons naturalmente o perdão das injurias e a castidade prescriptos no seu codigo? Humanamente fallando, a vingança ou a reparação d'uma offensa é um dever; e a castidade, longe de ser natural, não se adquire senão por meio

de luctas encarniçadas contra as paixões sensuaes. Mais uma vez, como se podem estas leis lançar á conta da natureza?

Mas, replicam os maçons, a nossa moral estriba-se sobre uma base; cada um dos nossos preceitos basea-se n'um motivo. Assim, por exemplo, o perdão das injurias explica-se pela razão *de que a vingança eternisa os odios*. Em que pese aos moralistas maçons, o Ethico não reconhece como uma sancção as consequencias naturaes d'um acto. Além d'isto, se eu consinto em *eternisar os ódios*, se acho satisfação na saciedade da minha cólera ou vingança, se sobre tudo resulta para mim utilidade de fazer desapparecer um inimigo, a que se reduzirá o vosso preceito? Evidentemente o motivo que allegaes, tornando-se accessorio para mim, será dominado por um motivo mais poderoso, e eu obrarei em consequencia d'este ultimo. Desde que á vontade do legislador se quer substituir o capricho ou o raciocinio do inferior, póde-se estar certo de que o dever será sacrificado á paixão ou ao interesse.

Appliquemos estas noções á *fraternidade* maçonica tão exaltada pelas lojas. Por que é vosso irmão todo o maçon? E', certamente, porque pertence como vós á familia que tem por mãe a associação maçonica, *viuva* de I. B. Moley. Confessai que esta explicação que se não atreve a dar nenhum *mestre* maçon é muito symbolica para ser admittida. Se, como o christão, vós dizeis que somos todos irmãos porque todos somos filhos d'um mesmo Pae que está nos céos; eu vos detenho e pergunto: A egualdade ou antes a identidade de natureza que vós attribuis aos homens suppõe um Deos creador, um Pae commum. Ora a maçoneria reconhece estes dogmas?

Por que razão tratarei eu todos os homens, ainda mes-

mo os mais desconhecidos, como irmãos? Porque me sacrificarei por elles? Por que evitarei tudo aquillo que os póde prejudicar? O christão sabe responder a estas perguntas. Mas o maçon, não crendo n'um Deos remunerador que recompensa o bem e castiga o mal na outra vida, o maçon não póde dar-lhes uma solução satisfactoria sem o reconhecimento d'um Deos pessoal legislador, d'uma Providencia que governa o mundo e que pesa todas as acções dos homens; sem o dogma da immortalidade da alma, da justiça divina, póde-se desafiar seja quem fôr a que assigne á moral uma base dotada d'alguma solidez. O homem materialisado, não estendendo suas vistas além do horisonte d'esta vida, procurará naturalmente accumular a maior somma de gozos; não vendo senão a si mesmo e aos seus instinctos, fará desapparecer todos os obstaculos. Ide dizer ao homem cubiçoso que *a equidade é o sustentaculo do genero humano;* ao homem dotado de instinctos sanguinarios que *a bondade prende todos os corações;* ao homem misanthropo e violento, que *a mansidão attrahe a amizade;* ao homem ingrato, que *o reconhecimento alimenta e nutre a bondade,* etc. E se elles vos responderem que não carecem do genero humano, do amor e dos beneficios dos outros homens; que não querem dever nada a ninguem; que o unico fim a que se propõem é a satisfação de todos os seus instinctos, o amor das riquezas, da sensualidade e da dominação; que não tomarão por guias senão o interesse e a utilidade, taes quaes as comprehendem; a estas objecções que respondereis vós? Se accrescentarem que para elles é tudo o escapar á espada d'uma lei artificial que, aos seus olhos, não é a expressão da natureza, mas sim da arbitrariedade e da violencia; que meio vos restará de obrar sobre o seu coração? Ah! se já

com a terrivel sancção da eternidade, o christão crente succumbe tantas vezes ás suas paixões, qual não será a impotencia para isso do maçon, cujos instinctos não tiverem nenhum contrapêso!

Eis-aqui em que termos um illustre escriptor se exprime a este respeito: «Tanto n'isto como em tudo o mais, a muita superioridade do christianismo sobre a sociedade é incontestavel. Na bôca da philosophia a palavra *dever* é vasia de sentido; desafio todos os philosophos juntos a que dêem a esta palavra uma definição intelligivel. Mas ainda quando elles o conseguissem, ainda quando convencessem a razão da realidade da virtude, que seria esta virtude, despojada d'uma sancção, senão um vão simulacro? e d'onde tirariam motivos determinantes assaz fortes para me levarem a sacrificar tudo, e até a minha propria felicidade? Escuto a religião, e comprehendo-a quando ella me falla de penas e de recompensas eternas; vejo n'isto um motivo, um interesse de consequencia infinita; a minha razão approva, o meu coração demove-se. Mas onde é o céo da philosophia (Maçoneria)? Onde está o seu inferno, onde a immortal palma que ella reserva aos discipulos da virtude? Que a mostre; n'esse caso talvez que eu tentasse merecêl-a. Mas não imagine seduzir-me com chimeras. Que vem a ser o desprêso com que ella me ameaça, se eu obedecer ás minhas propensões? Que verdadeiro bem me roubará ella? Em que affectará o meu ser a opinião d'outrem? Tirar-me-ha ella a saude, as riquezas, o sentimento do prazer, a independencia? O desprêso não vale nada se eu o despresar; e quando eu fosse tão fraco que me abalasse, quem é que me impede de me subtrahir a elle, como outros muitos, escondendo os meus prazeres debaixo do espêsso véo do mys-

terio?—Mas escondendo-os aos outros homens, eu não o esconderia a mim mesmo; seria necessario compral-os á custa dos remorsos.—Isto é mais grave; vejamos comtudo. Admitto que, nos mysterios philosophicos, a consciencia não seja um prejuizo; ou que eu não tenha podido vencer este prejuizo: em todo o caso é certo que, collocado entre um prazer que appeteço e o remorso que receio, a escolha do crime ou da virtude é negocio de pura sensação. Se o desejo vence, eu succumbo; resisto pelo contrario, se o temor é mais vivo que o desejo. Ora, digam-me qual é a paixão que, não se tendo que temer outros castigos, será refreada pela simples apprehensão do pezar de ter violado as leis abstractas da Ordem!

«Não, a philosophia não póde impôr ao vicio senão freios impotentes, da mesma sorte que não póde offerecer á virtude senão premios chimericos. Que me propõe ella? Um nome do qual não tenho a certeza de gozar, uma van fama que o sabio despreza, e que não serve de consolação para nenhuma infelicidade da vida. Quem me afiança ainda mesmo esta promessa? Quem me assegura que a virtude, pelo contrario, me não attrahirá, sobre a cabeça o insulto, o desprêso, o odio, a perseguição? Serei eu o primeiro mortal que tenha colhido este triste fructo da fidelidade a penosos deveres? Offerece-se-me então, em compensação, a alegria que acompanha o bom testemunho interior. Que irrisão! a alegria da pobreza, da fome, da sêde, das doenças, dos soffrimentos do corpo e das dôres da alma, a alegria das prisões e dos cadafalsos, a alegria d'uma miseria sem esperança! Eu não sei o que deva comparar com esta alegria bastarda, a não ser essa outra alegria que deve, dizem, fazer-nos experimentar a esteril contemplação da Or–

dem que pisa e esmaga todas as nossas inclinações debaixo das suas leis inflexiveis. Mas que importa a formosura d'uma machina ao desgraçado que é despedaçado entre as suas rodas?

«Não obstante são estes os mais fortes motivos que a philosophia tem podido encontrar para desviar os homens do crime e para os conduzir á virtude. Não sabendo por que principio deve exigir d'elles o sacrificio do seu interesse, lembrou-se de sustentar que a sua virtude não é outra cousa senão este mesmo interesse. Isto seria verdade, se a prática dos deveres nos fizesse constantemente felizes. Então os homens, que se não podem enganar a respeito d'aquillo que sentem, seriam virtuosos, pela mesma necessidade invencivel que os força a desejarem a sua felicidade. Mas não acontece assim.

«O interesse do christão é alcançar o ceo, ainda que seja á custa de trabalhos e de soffrimentos n'esta vida: mas quem não espera outra, só tem um interesse, e é quaesquer que sejam os meios, ser feliz n'esta. Ora, que extravagante felicidade para se propôr ao homem, a de combater incessantemente os seus desejos, as suas inclinações, as mesmas necessidades da natureza; e de sacrificar-se, em toda e qualquer occasião, sem esperança de recompensa, á felicidade d'outrem! Como! Será do interesse do pobre o soffrer a falta do necessario, quando se póde apoderar d'uma porção de superfluo do rico?—Se elle roubar, enforcal-o-hão.—Comprehendo: o interesse de viver deve prevalecer sobre o interesse de aplacar a fome. Logo, se elle tivesse a certeza de escapar ao supplicio, o segundo interesse, ficando só, determinaria um dever contrario. Acabai com o algoz, a moral muda; elle é o pae de todas as virtudes. Comtudo, por mais

que façam, este poderoso moralista não será sufficiente para tudo.

«A maior parte dos vicios que minam surdamente a sociedade, ou que perturbam a sua harmonia, a avareza, a cubiça, o egoismo, a ingratidão, a crueldade, a inveja, o odio, a calumnia, a libertinagem não pertencem ao seu dominio. Elle não livrará vossa filha, vossa mulher da seducção. Ora, se no ardor d'uma violenta paixão eu a poder satisfazer em segredo, com a certeza de não ser nunca descoberto, direis que o meu interesse me manda repellir obstinadamente o prazer que se me offerece? Será tambem o meu interesse que me fará renunciar aos meus habitos, ás minhas commodidades, aos meus bens, á minha patria, á minha familia, a tudo quanto tenho mais caro, para utilidade dos meus semelhantes e do Estado a que pertenço?...

«De balde quererão confundir os interesses particulares com o interesse commum, que existirá sempre entre elles uma opposição invencivel a todos os raciocinios. Em milhares de circumstancias o interesse commum exigirá que eu me definhe na indigencia, que eu gaste as forças e a saude em trabalhos penosos, dos quaes outros colherão os fructos; que eu suffoque os meus desejos, as minhas inclinações, os meus affectos; que eu em fim, soffra e morra; e em quanto não se tenha provado que a miseria, o soffrimento e a morte são por si mesmas preferiveis ás riquezas, aos prazeres e á vida, será falso, evidentemente falso que o interesse particular, separado do temor dos castigos e da esperança das recompensas futuras, seja a regra do dever ou o fundamento da moral. Se existisse um paiz onde esta doutrina fosse universalmente recebida, ahi reinaria a mais horrivel confusão em lugar da ordem; e seria necessario fugir depressa d'esta

terra funesta, onde o crime sem remorsos campearia arrogantemente com o nome de virtude.

«Se quereis dividir os homens, excitar entre elles o ódio, exaltar o egoismo, a cubiça, todas as paixões, ponde o interesse em scena.... (2).»

A conclusão que se tira d'estas considerações é que a moral philosophica, isto é, separada dos dogmas do christianismo, é uma chimera. Os preceitos do decalogo maçonico são por tanto d'uma inefficacia radical.

Sem o reconhecimento de um Deos, juiz e remunerador das nossas acções na outra vida, sem a crença da immortalidade da alma, não se póde achar outra sancção á moral senão o gozo, o interesse particular ou o interesse publico, motores impotentes na resistencia das nossas paixões. Ora, como logo provaremos, a Franc-Maçoneria não reconhece outro Deos senão a natureza, e repudia a sancção da eternidade.

De resto, os auctores Maçons sacrificam até voluntariamente os seus preceitos moraes. Não tendo outra cousa em vista senão a dominação da Ordem, é a ella que referem tudo como a um fim supremo. Contentemo-nos em fazer algumas citações.

«Emfim, sabeis diz a Instrucção ao aspirante, sabeis o que são as sociedades secretas? Sabeis que lugar ellas reivindicam nos grandes acontecimentos do mundo? Pensai que ellas não são senão um facto transitorio e indifferente? O' meus irmãos, Deos e a natureza se servem d'ellas como de meios para conseguir *fins admiraveis, que se não poderiam conseguir sem ellas*. Escutai e admirai-vos: é segundo este

(2) *Ensaio sobre a indifferença*, cap. XI.

ponto de vista que se guia e determina toda a moral e todo o direito das sociedades secretas; é só assim que se rectificam toda a moral que se nos tinha inculcado e todas as nossas noções do justo e do injusto.

Isto é mui claro. A Franc-Maçoneria tem uma moral differente da do vulgo; as noções do justo e do injusto, inculcadas pelo decalogo e pelas leis civis, são prejuizos que o facho das lojas deve illuminar. O interesse da Ordem constitue toda a moral e todo o direito; isto é, o fim justifica os meios, a moral é uma questão de utilidade.

O codigo da moral Maçonica diz: *Sê submisso e fiel á auctoridade legal.* Este adjectivo *legal* não foi junto sem um fim; auctorisa antecipadamente toda a insubordinação e toda a rebellião. Com effeito, desde que existir uma duvida sobre a legalidade da auctoridade, será permittido ao maçon recusar-lhe obediencia. Ora, quando o interesse está em scena, quando a repressão é energica, a legalidade da auctoridade torna-se facilmente suspeita. Chega até um momento em que se invoca a inutilidade do poder.

«Toda a submissão, até mesmo a do homem menos civilisado, suppõe que eu careço de soccorro, e que aquelle a quem me submetto está no caso de m'o conceder. Desde o momento em que a minha fraqueza, por uma parte, e a superioridade, pela outra, cessam, a auctoridade desapparece. *Os reis são paes; ora a auctoridade paternal tem um termo ao mesmo tempo que a impotencia do filho.* O pae ultrajaria seu filho se então reivindicasse algum direito sobre elle.»

Horrivel moral! Ella compara o homem ao animal. Desde que este póde procurar o alimento, despedaça os vinculos que o uniam aos que lhe tinham dado o ser; e logo que

o filho póde prescindir do soccorro alheio, tem direito a abandonar a familia! Para estes filhos chegados á edade madura, os paes são indifferentes! Os primeiros não devem nada aos ultimos, desde que os podem escusar! Todo o dever da obediencia, de submissão e de reconhecimento cessou desde esse momento!

Mas Weishaupt queria chegar á destruição da auctoridade civil. E por isso se apressa a accrescentar: « *Quando toda a nação chegou á maioridade, não ha motivo algum para continuar a tutela.* » Por outros termos: a liberdade politica illimitada é o ideal ou antes o fim supremo do homem reunido em sociedade. Se ainda se toleram soberanos e leis, é esse um mal necessario e transitorio. Desde que a Franc-Maçoneria tiver a força necessaria para quebrar todas as cadeias, devolverá aos povos a liberdade natural.

« A segurança é uma necessidade incessante. Os homens para estarem em segurança confiaram a um só d'entre elles uma força que sobrepuja a de cada individuo. D'esta sorte crearam elles uma nova inquietação: o temor diante da obra das suas mãos; e para estarem em segurança, elles mesmos se devem encarregar d'este cuidado. Dá-se este caso em todos os nossos estados. Mas onde existe a força que os deve proteger contra os outros? Na sua união? Mas esta união é tão rara! *Ella deve pois estar em associações secretas mais intimas e mais bem organisadas.* » Que moral politica e social!

Helvecio, Maçon da loja das *Nove Irmans*, cujo avental foi conservado com veneração, até que se apresentasse um homem bastante digno para o receber, Helvecio expressava certamente a moral das lojas quando escrevia estas linhas:

« Querer moderar paixões é destruir o estado.

«A virtude e a piedade não são senão o habito de estabelecer actos uteis ao homem.

«Pouco importa que os homens sejam maus; basta que sejam illustrados.

«O pudor não é senão uma invenção do deleite aperfeiçoado.

«O bicho da consciencia não é senão o temor dos castigos physicos a que nos expõe o vicio.

«O preceito de amar pae e mãe é mais obra da educação que da natureza.

«A lei que prescreve aos esposos o cohabitarem, é uma lei cruel e barbara, logo que elles se não amam.»

Contentamo-nos em entregar estes extractos á apreciação do leitor, sem os commentarmos.

Já o dissemos: a Ordem não reconhece como contrario á moral senão aquillo que estorva a execução dos seus projectos; adoptando esta abominavel divisa: «o fim justifica os meios,» permitte tudo aquillo que contribue para os seus progressos e para o cumprimento da sua obra de destruição. Eis-aqui o que lêmos na acta de recepção do grau de Aprendiz (Illuminismo):

Sexto quesito. «Que faria o postulante se se lhe propozesse o fazer cousas inconvenientes ou injustas?

Resposta. Fal-as-hia se a Ordem assim m'o ordenasse, porque talvez eu não poderia conhecer com evidencia se ellas são *realmente* injustas. Se ellas *podéssem* ser injustas a outro respeito (a respeito da moral christã), deixariam de o ser logo que contribuissem para grangear a felicidade ou fazer conseguir o objecto final da assemblea (3).»

(3) *Supplemento aos documentos originaes do Illuminismo*, p. 85.

Undecimo quesito. «O candidato reconhece na sociedade ou na Ordem o *jus vitæ et necis?* e porque motivos?

Resposta «Sim, porque não? Visto que não póde ser d'outro modo; pois a Ordem sem este meio, se veria exposta á ruina. Demais a constituição civil pouco perderia com isso; porque haveria milhares d'homens para substituirem a victima (4).»

Esta moral faz estremecer!

B. A Franc-Maçoneria é radicalmente opposta á Religião christãa?

Se se devesse acreditar na sinceridade das fórmulas maçonicas, dir-se-hia que a religião christãa tem penetrado no Sanctuario das lojas. Porque razão, com effeito, seria o christianismo o unico votado ao ostracismo? Por que causa a religião, que reformou o universo e proclamou a liberdade, egualdade e fraternidade dos homens, havia de ser objecto de ódio e de proscripção? Se a liberdade que fórma uma das tres bases da Maçoneria é verdadeira, para que se mostra intolerante para com uma *opinião?*

Comtudo, é assim: entre a Maçoneria e o christianismo existe o mesmo antagonismo, a mesma incompatibilidade que entre o fogo e a agua, entre as trevas e a luz. O christianismo, sem repudiar a lei natural, proclama a dependencia da razão humana, o facto da revelação, a necessidade de nos submettermos ao ensino de Deos feito homem, e de reconhecermos as instituições com que elle dotou a sua nova religião. A Maçoneria, pelo contrario, professa como

(4) Supplemento aos documentos originaes do Illuminismo p. 88.

dogmas o livre exame, a independencia da razão, a rejeição de toda a auctoridade, ainda mesmo a divina; repudia toda a manifestação da verdade positiva por intermedio de quem quer, que seja; não reconhece nenhuma das instituições do christianismo e não ergue altar senão para o culto da natureza.

Convém apoiar esta asserção em provas evidentes, e não temos outra difficuldade que a da escolha.

1. Eis o que lêmos em Fischer (1):

«Quando se ataca o lado religioso da Ordem, combate-se uma chimera. A' excepção d'algumas lojas particulares, a grande maioria da Ordem, não só não admitte o christianismo, mas, o combate a todo o trance. A prova está na admissão dos judeos nas lojas inglezas, francezas, americanas, belgas, e ha pouco, nas lojas de toda a Allemanha.»

2. Mauricio Muller Iochmus, alludindo aos esforços que ha algum tempo se teem feito nas lojas para fazer descender a Maçoneria das antigas instituições da India, do Egypto e da Grecia, escreve estas palavras: «Um verdadeiro paganismo está mais perto de nós que o christianismo (2).»

3. Krause, na sua obra intitulada: *Os tres mais antigos documentos artisticos da Franc-Maçoneria*, exprime-se n'estes termos: «Hoje um grande numero d'homens de merecimento não consideram Christo senão como um homem immaculado, d'uma moralidade eminente e benemerito da humanidade. Consideram a Biblia como a palavra de Deos, no sentido de que toda a palavra verdadeira e efficaz, que sahe da bôcca d'um homem qualquer, tem o sêllo da divindade. Este modo de pensar accommoda-se perfeitamente com

(1) *Revista Maçonica.* Janeiro de 1848, p, 31.
(2) *Reforma religiosa.* T. III. p. 288.

a nossa tolerancia, etc. As instrucções essenciaes de Christo sobre Deos e seu reino, sobre o homem e seu reinado terrestre, são bebidas na humanidade e estão gravadas no espirito e no coração de todos os seres racionaes. Pertencem essencialmente á Franc-Maçoneria; mas descançam na auctoridade da mesma verdade; não são verdadeiras só porque fossem reveladas por Jesu Christo, etc. (3).»

4. Lêmos na *Voz do Oriente* as seguintes linhas, publicadas por Salomon:

«Por que razão, em todo o ritual Maçonico, se não descobre o menor vestigio do christianismo religioso? Por que razão não é o nome de Christo pronunciado nem uma unica vez nos juramentos, nem na oração recitada antes da abertura da loja da mesa? Qual será a causa por que em toda a Maçoneria se não encontra um unico symbolo christão?

«Por que razão usa a Maçoneria exclusivamente do compasso, do esquadro e da perpendicular? Porque não vêmos figurar alli a cruz e os outros instrumentos dos supplicios soffridos pelos martyres? Por que razão em lugar das palavras: sabedoria, força, formosura, se não adoptou por divisa, fé, esperança e caridade (4)?

«Porém supposto quizessemos ou podéssemos esquecer um instante que uma Maçoneria christã seria um circulo quadrado, um esquadro redondo, etc. (5): se as lojas maçonicas se consideram como instituições christãs e vedam a entrada nas suas officinas aos que não professam o chris-

(3) *Idem*, tomo 1. p. 194.

(4) *O auctor ignora ou parece ignorar que a cruz figura como symbolo no grau de Rosa-Cruz, assim como a fé, esperança e caridade como divisa. Escusado é dizer que é para as vilipendiar e escarnecer.*

(5) *Voz do Oriente, Manual para os Maçons. Hamburgo Berendson* 1845.

tianismo, esquecem o fim essencial da Maçoneria, que é reunir no genero humano o que fôra dividido pelas crenças religiosas e pela politica. Se a Maçoneria se esquece da sua augusta missão, serve unicamente para confirmar os erros e os prejuizos (os dogmas christãos) de que a razão mais esclarecida procura desligar os homens. Uma pedra cahe apoz outra d'esse espêsso muro, levantado por homens amigos das trevas, da mentira e da dissimulação, de prédicas e de lendas, de pretendidas tradições e de symbolos sagrados... Estes impostores introduziram a hypocrisia na sociedade e a animaram com recompensas. Mas bem depressa todos os thesouros das gerações anteriores, as revelações dos genios da Grecia, de Roma e da Judea, foram accessiveis a todas as intelligencias. O que alli estava escripto era inteiramente diverso do que os padres e os hierophantes, os monges e os rabbinos ensinaram. Os Sansões succederam-se, bebendo uma força maravilhosa n'esta fonte vivificante; com mão vigorosa abalaram as columnas sobre as quaes descansava o antigo edificio. Ouviu-se um estrepito espantoso, e as mais puras luzes do céo penetraram por todas as fendas. A luz appareceu!»

«E' combatendo contra o poder das trevas, e muitas vezes succumbindo na tarefa, que os campeões da razão e os defensores dos direitos eternos do homem poderam abrir caminho. Foi nos templos da Maçoneria e com a protecção do segredo, que homens de coração generoso, de todas as classes e condições, ensinaram em primeiro, e depois fizeram conhecer aquellas maximas que ainda eram execradas como heresias ou innovações criminosas. Foi nos templos da Maçoneria ingleza que, pela primeira vez, os homens foram reintegrados nos direitos que lhes tinha roubado a usurpa-

ção inveterada das classes privilegiadas, e a violencia exercida pelo clero sobre as consciencias.

«Hoje que esta doutrina se tornou o evangelho da humanidade, alguns allemaens que se chamam maçons ousam renegar solemnemente estes principios (6)! Com uma violencia digna da inquisição, atrevem-se a sondar os segredos da consciencia! De uma confissão religiosa em que o acaso nos fez nascer, atrevem-se a tirar inducções sobre o nosso caracter religioso e moral! Atrevem-se a introduzir em nossos templos sagrados a impostura e a hypocrisia, monstros odiosos, que os nossos estatutos sabiamente tinham desterrado! Na verdade que tal beatice Maçonica só é digna do mais profundo desprêso (7).»

5. Segundo Boerne, orador da loja da *Aurora nascente*, o christianismo foi inventado pelo despotismo para sustentar a sua acção sobre os povos.

«A dominação, diz elle, nasceu e com ella a escravidão. Depois d'isto, os maus se assustaram, e criminosamente disseram entre si: «O nosso reino deverá destruir-se. Não é evidente que a lucta que nós julgavamos ter acabado principia de novo? e o ceo já não tem raios para acabar com o mundo!»—Procuraram esses raios e acharam-os. Quanto ha mais sagrado no ceo e na terra, o bem mais precioso que o homem possue, foi atrevidamente arrebatado por elles e lançado no meio do campo de batalha, e o fogo da guerra brilhou de novo. Qual era o objecto sagrado que devia ser motivo de escarneo para a sua loucura? Como se chamava o objecto divino que o homem degradava, a ponto de fazer

(6) O auctor allude aqui á prohibição publicada por S. A. R. o principe da Prussia, Gran-Mestre das lojas prussianas, de admittir nas lojas aquelles que não professassem a religião christã.

(7) Hess, prégador evangelico em Francfort S. M.

d'elle instrumento de sua perversidade? Como se chamava?...

Ninguem me pergunte esse nome.

N'este asylo da paz e da felicidade, não me atrevo a pronunciar essa palavra que, como uma horrivel magia, levanta o véo que cobre um passado sanguinolento. Não me atrevo a pronunciar essa palavra que, em poucas syllabas, recorda o cumulo do horror; assassinato, assassino, assassinado: O CHRISTIANISMO (8)!»

6. Como religião revelada, o Protestantismo não escapa ao odio dos escriptores maçons. Comtudo, pela proclamação que elle fez do livre exame, é menos maltratado que o catholicismo.

«No ponto de vista religioso, lê-se na *Latomia*, o Protestantismo não é senão a metade da Maçoneria. Elle considera a essencia da religião como uma revelação divina, e só permitte á razão um vão trabalho para dar fórma a um objecto que não é do seu dominio. Na Maçoneria, pelo contrario, a razão deve subministrar não sómente a fórma, mas tambem a essencia da religião. Desde hoje em diante será necessario que ou o protestantismo volte ao catholicismo, ou páre no meio do caminho, ou, caminhando sempre, chegue á religião maçonica. Com effeito, a razão não se póde contentar senão momentaneamente com o direito de dar uma fórma razoavel áquillo que se pretende, e está acima da nossa intelligencia. Ella emprega todos os meios para estabelecer harmonia e unidade entre os dados da revelação e as suas proprias leis; mas logo que chega a um conhecimento distincto de si mesma, vê claramente a impossibilidade d'essa

(8) Extracto da memoria: *Festa do Jubileu de 25 annos*, 1833, p. 100.

alliança. Então reclama a outra parte do direito natural que lhe pertence; arremessa para longe o odioso objecto que lhe querem impôr, escolhe livremente ou adopta um novo que esteja em relação com a sua propria natureza. Estas considerações explicam os acontecimentos actuaes do Protestantismo. A significação mystica e allegorica da historia do christianismo, a interpretação mystico-ideal dos dogmas christãos, emfim os supremos esforços desenvolvidos ultimamente para conservar ainda o christianismo na egreja protestante, teem expulsado completamente toda a revelação do dominio da razão. N'estas negociações emprehendidas para obter a paz, pôde a razão convencer-se do seu triumpho; pôde verificar *a antipathia radical que existe entre a sua doutrina e os preceitos da Egreja.* Em quanto ao futuro, não espera, já não ousa prometter transacção alguma. (9)»

7. Eis-aqui em que termos se póde resumir o systema, segundo o qual Damm julga a revelação:

«Os livros de Moysés não são *inspirados* por Deos, como o não são os outros livros santos. Comtudo, se se quizer conservar o uso d'esta palavra, não esqueça que ella só tem esta significação: os livros santos contéem passagens que conduzem a Deus e que veem de Deus, no mesmo sentido que todo o bem que se cumpre sobre a terra. Moysés não podia, mais que nós, conhecer a edade do mundo; a historia da quéda primitiva é um romance. Ha muita verdade em suas narrações, mas toda a fórma é de pura invenção. Acontece o mesmo respeito ao livro de Job. Todas as circumstancias, explicadas no livro de Josué, sobre a occupação da terra de Canaan, são obra da imaginação do

(9) *Latomia*, II. vol. p. 164.

auctor. Os outros livros historicos do antigo Testamento contéem uma multidão d'absurdos. Nos psalmos encontram-se meditações sublimes, mas não a menor prophecia. Deve-se dizer o mesmo dos Prophetas; não é necessario ir tão longe para achar as verdades e os preceitos que elles contéem. O livro de Daniel está cheio de historias exageradas e supersticiosas. Todos os livros do antigo Testamento são obra dos homens. O que elles contéem de historia é obscuro e muitas vezes impossivel. Seria bom substituil-os por outra qualquer historia prática. A verdade, que alli se encontra, é-o, não por ser n'elles referida, mas sim por ser verdade em si. Acontece o mesmo respeito aos livros do novo Testamento; elles são adaptados ao antigo povo judaico. As verdades confundem-se alli com as fabulas. Os seus auctores não foram inspirados no sentido proprio da palavra; pelo contrario, descobre-se nos seus escriptos grande numero de faltas e imperfeições.

«Jesu Christo era filho de Deus, quer dizer, que o seu proceder e a sua doutrina participavam ao mesmo tempo da humanidade e da divindade. *A sua doutrina não é absolutamente senão a religião natural*, então coberta de nuvens. Todavia, assim como está, ella não descança nem sobre os milagres, nem sobre as prophecias, mas impõe-se pelo seu valor intrinseco, porque é conforme á boa razão. Os milagres de que se trata, obraram-se por meios naturaes e physicos, mas não conhecidos dos judeus. Os outros acontecimentos, que se não podem explicar d'esta maneira, são allegorias que se não devem tomar á letra; mas n'um sentido metaphorico. Tomando-as, porém, á letra, não se faz mal; mas no nosso seculo de luzes não se devem entender por esta fórma.

«Na conceição de Jesus nada houve extraordinario senão as eminentes faculdades de que elle foi dotado; exceptuando isso, elle nasceu segundo o curso ordinario da natureza. A sua morte não foi propiciatoria. Elle não morreu sobre a cruz em que esteve algum tempo pregado: desfalleceu e logo depois de o enterrarem voltou a si, foi roubado do tumulo e transportado em segredo. Depois d'isto afastou-se da Judéa, porque a sua pessoa, longe de favorecer a propagação de sua doutrina, lhe era prejudicial. Elle não subiu por tanto ao ceo; e o acontecimento do Pentecostes foi inteiramente natural.

«Não ha, pois, fallando a verdade, religião revelada; a principal cousa do christianismo é a moral. O dogma da Trindade é falso e tem causado muito mal. Não ha anjos; elles não são mais que homens ou emblemas. A imagem de Deus consiste na razão; os homens não a desfiguram; o peccado original não é senão a possibilidade para todo o ente finito de praticar uma falta. Como Deus nunca se encolerisa, não ha necessidade de reconciliação; comtudo a emenda e a probidade são necessarias. A resurreição dos mortos não é senão uma imagem da immortalidade da alma. O juizo final é uma metaphora. Os castigos dos impios depois da morte terão fim. O baptismo não é senão um signal adoptado por aquelles que professam a doutrina de Jesu Christo. A eucharistia é um symbolo que serve de recordar não a morte de Jesu Christo, mas sim a excellencia da sua doutrina e o seu grande preceito do amor do proximo (1).»

Tal é o compendio que Eckert faz dos escriptos do

(1) Citado por Eckert *Magazin der Beweisführung für Verurtheilung des Freimaurer-Ordens*. T. II. IV. H. p. 36, 37 e 38.

maçon Damm. Tal é o resultado a que foram ter os principios do protestantismo. Uma vez proclamada a liberdade de exame, era necessario que a razão viesse pesar na sua balança o valor dos livros santos e do seu conteúdo; os milagres e as prophecias, provas tiradas d'uma ordem sobre-natural, recusada erradamente pela razão, hão sido successivamente rejeitadas. Em seguida ao famoso Strauss os doutores protestantes primeiro, e depois os escriptores das lojas maçonicas encarregaram-se d'esta tarefa; atacaram todos os dogmas, todas as instituições não sómente do catholicismo, mas tambem do Protestantismo. A revelação desapparece e sobre as suas ruinas amontoadas é proclamado pela Maçoneria o Deismo ou o Naturalismo.

8. Os maçons francezes, com o objecto, sem duvida, de darem á Franc-Maçoneria uma côr de antiguidade, explicam todos os acontecimentos relatados pelos livros santos como reproducção de factos mythologicos, ou como allusões ao systema solar. Nada mais curioso que os seus esforços para destruirem o christianismo. Citemos ao acaso.

«Creado entre os Essenianos, Jesu Christo appareceu na scena do mundo, e prégou a sua doutrina; depois da sua morte, os seus discipulos e partidarios, privados do seu chefe por um incidente, verdadeiro sem duvida, deram lugar com suas narrações a um rumor gradualmente organisado em historia, e em breve todas as circumstancias das tradições mythologicas vieram aggregar-se-lhe, resultando d'ahi um systema *authentico* e completo, do qual não foi permittido duvidar.

«Estas tradições mythologicas referiam:

«Que, no *principio, uma mulher* e um *homem* tinham por via da sua *quéda* introduzido no mundo o mal e o pec-

cado.» (Pegai n'uma antiga esphera celeste e segui a explicação).

«E d'esse modo ellas indicavam o facto astronomico da Virgem celeste e do homem—Boieiro (Bootes)—que desapparecendo heliacamente no equinoxio d'outono, entregavam o sol ás constellações do inverno, e *pareciam*, cahindo ao horisonte, introduzir no mundo o genio do mal, Ahriman, figurado pela constellação da *serpente*.

«Estas tradições referiam: «Que a mulher havia arrastado e seduzido o homem.»

«Com effeito, a Virgem, sendo a primeira que se *some*, *parece* arrastar atraz de si o Boieiro.

«Que a *mulher o tinha tentado, apresentando-lhe fructos bellos á vista e de bom gosto*, que davam a sciencia do bem e do mal.

«Com effeito, a *Virgem* tem na mão um ramo de fructos que *parece* estender para o Boieiro, e o ramo, emblema do outono, collocado no quadro de Mithra na raia entre o inverno e o verão, parece abrir a porta e dar a sciencia, a chave do bem e do mal.

«Ellas referiam: Que este par tinha sido lançado fóra do Jardim celeste, e que um cherubim com uma espada ardente tinha sido collocado á porta para o guardar.

«E na verdade, quando a Virgem e o Boieiro descem abaixo do horisonte do poente, Perseu sobe pelo outro lado, e, com a espada na mão, este genio *parece* expulsal-os do ceu do verão, jardim e reinado dos fructos e das flôres.

«Ellas referiam: «Que d'esta Virgem devia nascer, sahir uma vergontea, um filho que esmagaria a cabeça da serpente e resgataria o mundo do peccado.»

«E com isto designavam o sol que, na epocha do sols-

ticio d'inverno, no momento preciso em que os Magos dos Persas tiravam o horoscopo do novo anno, se achava collocado no seio da Virgem em nascimento heliaco no horisonte oriental, e que por este motivo figurava nos seus quadros astrologicos, sob a fórma d'um menino amamentado por uma Virgem casta, e se convertia depois, no equinoxio da primavera, no carneiro ou cordeiro, vencedor da constellação da serpente, que desapparecia dos ceus.

«Estas tradições mythologicas referiam tambem: «Que na sua infancia, este *reparador de natureza divina ou celeste* viveria *abatido, humilde, obscuro e indigente.*

«E isto porque o sol de inverno está abatido abaixo do horisonte, e porque este primeiro periodo das suas quatro edades ou estações é um tempo de obscuridade, de pobreza, de jejuns e de privações.

«Ellas diziam: «Que, morto pelos maus, elle tinha *resuscitado gloriosamente;* que tinha subido *dos infernos aos ceos,* onde reinará eternamente.»

«E com isto *descreviam* a vida *do sol* que, terminando a sua carreira no solsticio d'inverno, quando dominavam Typhon e os anjos rebeldes, *parecia* ter sido morto por elles, subia de novo á abobada dos ceus onde está ainda.

«Finalmente estas tradições, citando até nomes astrologicos, diziam que elle se chamava umas vezes Cris, isto é, conservador, outras Jesus. Vejamos que analogia achamos com este systema nas narrações que nos fazem os livros santos sobre o nascimento, vida e morte do Christo.

«O Christo veio á terra (como Osiris, Adonis e Mithra) para resgatar da morte e das trevas, e nasceu (como elles) no dia 25 de dezembro; ora, esta é tambem a epocha do solsticio de inverno, o instante em que o sol, renascendo, vai

passar dos signos inferiores para os superiores: era pelo signo de Tauro que elle entrava nas cosmogonias antigas; mas em razão da precessão dos equinoxios, entrará pela porta (signo) do Cordeiro, que effectivamente abria o anno na *epocha em que começa a religião de Christo.* Tambem o Christo chama a si mesmo o Cordeiro que vem resgatar os peccados do mundo.

«Vejamos pois, com a esphera celeste na mão (a de Coronelli), o que se passa na epocha em que se fixa o seu nascimento.

«Aos 25 de dezembro, á meia noite, o sol está no *capricornio*, no *presepio d'Augias*, filho do Sol; no alto do meridiano está o *burro de Baccho* e a *Mangedoura*; atraz d'elle está o *Aquario* ou *Cherubim*, no hemispherio superior está o *Tauro* ou o *Leão celeste*; ao oriente levanta-se a *Virgem* celeste com um menino nos braços; tem aos pés o *Dragão*, e perto d'ella *Bootes*, pae por adopção de *Horo* Jano, chefe dos doze mezes na mesma linha; ao horisonte está a estrella *Stephanon*; o *Cordeiro* está ao poente; acima d'elle está a constellação, em cuja composição entram as tres bellas estrellas que os christãos chamam os Magos.

«Ora pois; na cosmogonia christã, foi tambem a 25 de dezembro, á meia noite, que o Christo nasceu d'uma virgem, n'um presepio, entre um *burro*, uma *cabra* e um *boi*; está deitado n'uma mangedoura e deve chamar-se Jesus, porque libertará o seu povo; então apparece um *anjo*, que annuncia o nascimento de Christo, a quem chama *Senhor*; no oitavo dia chama-se-lhe Salvador; perto de Jesus e de sua mãe está o *pae por adopção, José*. A Egreja celebra no seguinte dia a festa de S. Estevão, *Sanctus Stephanus*, que não é outro que a estrella *Stephanon*, e no dia que se se-

gue, a festa de S. João Evangelista que os livros santos representam como acompanhado d'uma aguia. Pedro, chefe dos doze Apostolos (mezes), está representado com as chaves do ceu na mão, e Jesus dá mais tarde a si mesmo, como já dissemos, o nome de Cordeiro de Deus. A analogia é admiravel; vamos completal-a.

«Apenas o Christo nasceu, *tres reis magos*, guiados pela estrella do Oriente, vieram saudal-o e trazer-lhe tres especies de presentes que, desde tempo immemorial, eram consagrados ao sol. Tres mezes depois do solsticio do inverno tem lugar o equinoxio da primavera: cabe a 25 de Março. E' o instante em que o sol triumpha das grandes noites. Da mesma sorte os christãos celebravam antigamente, no mesmo dia, a festa da Paschoa ou da passagem; era n'este momento que Gabriel saudava Maria, como Osiris, na cosmogonia egypcia, se reputava dar a fecundidade á luz. O Christo principiou então a sua carreira de ensino; mas antes, S. João deve baptisal-o; S. João, cuja festa é no dia 24 de junho; S. João, cujo nome latino (*Janua* !!) quer dizer porta; S. João, que tambem tem um homonymo, cuja festa cabe a 27 de dezembro, isto é, no solsticio do inverno. S. João não é outra cousa que aquillo que os romanos chamavam *Janua inferi* e *Janua cœli*, porta dos lugares inferiores e porta dos lugares superiores. São estes effectivamente os dois pontos precisos em que o sol, tendo chegado ao ponto culminante das suas duas carreiras, ascendente, e descendente, passa dos signos inferiores para os signos superiores e d'estes volta para os primeiros.

«Chega a morte de Christo. Segundo os Evangelistas, teve lugar na sexta feira santa, e elle deve resuscitar tres dias depois; ora bem! no instante em que o sol, que, desde

25 de dezembro precedente, tendo já entrado nos signos superiores, apparecia no nosso horisonte, isto é, no dia 21 de março, se celebrava a sua morte; tres dias depois, principiava a levantar-se sobre o horisonte, e no dia 25 de março se celebrava a festa da passagem ou a Paschoa, porque então a Paschoa não era como hoje uma fésta mudavel, mas cahia invariavelmente no instante do equinoxio da primavera; ora, equinoxio significa noutes eguaes, porque durante os tres dias que decorrem de 21 a 25 de março, as noites são em toda a terra eguaes aos dias, etc.»

«Que resultará d'este exame? Que os discipulos de Jesu Christo cercaram o seu nascimento, a sua vida e morte, *de milagres que não existiram, e os desfiguraram debaixo de apparencias solares;* que A DOUTRINA DO CHRISTO, que resumiu e formulou todas as verdades adquiridas na sua épocha, É A MESMA QUE A DOS ISRAELITAS, A MESMA QUE A DOS HIEROPHANTES DO EGYPTO, A MESMA FINALMENTE QUE A DOS GYMNOSOPHISTAS DA INDIA; n'uma palavra, que A RELIGIÃO CHRISTÃ SAHIU *dos mysterios da iniciação, e que a creação, os deuses, os anjos, os acontecimentos, os dogmas, as ceremonias*, taes quaes nol-as pintam os livros santos, não são senão reminiscencias mais ou menos felizes dos antigos deuses, dogmas e ceremonias dos Brahmas, dos Magos e dos Egypcios (1).»

Consistindo unicamente a nossa tarefa em patentear a opinião das lojas sobre a religião christã, não nos podemos demorar a refutar todos os erros accumulados n'esta citação. Comtudo ser-nos-hia muito facil fazer resaltar a complacencia com que M. Rebold torturou o systema solar, para o su-

(1) *Rebold.* Hist. ger. da F. M., pp. 300, 301, 302. 303, e 304.

jeitar aos seus fins, e a ignorancia de que dá provas em materia de etymologia, as heresias historicas que commette, e os esforços que emprega para tirar de dados nullos ou obscuros conclusões claras e certas. Mas em lugar de nos entregarmos a este fastidioso trabalho que, de resto, não entra no nosso designio, contentar-nos-hemos em fazer notar ao leitor que, segundo M. Rebold, todo o christianismo não é senão uma *reminiscencia mais ou menos feliz* das antigas iniciações da India, do Egypto e da Grecia; que tem ainda menos valor que estas religiões originaes, de que não é mais que uma pállida cópia; que, por conseguinte, a historia de Jesu Christo não é senão um romance urdido sobre dados pagãos, o sonho de uma imaginação delirante; que a fé no nosso divino Salvador e nos mysterios do christianismo não póde quadrar senão a espiritos ignorantes e supersticiosos.

Felizmente a Franc-Maçoneria está ahi, para separar a verdade do erro e dos prejuizos, para despojar o christianismo de todo o caracter divino e para o reconduzir ao naturalismo de que as antigas religiões pagans são typo.

Escrevendo a historia como M. Rebold, interpretando como elle as obras dos escriptores mais dignos de credito, com a flexibilidade de que dá provas para vencer as difficuldades, com a dóse de confiança que mostra na credulidade dos leitores, não ha acontecimento que se não possa explicar á vontade.

«No terreno do raciocinio, diz M. Marcadé, a philosophia anti-christã não estava sem recursos; com talento e habilidade, podia muitas vezes occultar a sua derrota.

«Mas não acontecia assim na presença *dos factos;* estes esmagam tanto o forte, como o fraco, e tanto subjugam um genio poderoso, como a mais modesta intelligencia.

«Ora, quando a philosophia, depois de ter chasqueado e chacoteado muito com Voltaire e seus socios, comprehendeu que sem duvida a final se acharia insufficiente o dar um gracejo a quem pede um raciocinio, sentiu o quanto eram incommodos certos factos assentados sobre uma crença geral e uma tradição immensa, e imaginou apresental-os como symbolos destinados a fazer comprehender ideias abstractas.

«Os factos mais difficeis, os dogmas mais positivamente revelados, não foram mais que symbolos; o dogma da Trindade de pessoas em Deos, da Incarnação da segunda pessoa, da Presença real, os factos que tinham acompanhado o estabelecimento do christianismo, a mesma existencia de Christo e dos seus apostolos, foram simplesmente allegorias tomadas estupidamente como realidades por homens ignorantes.

«A' força de trabalho, certos homens se tornaram mui habeis no exercicio d'esta arte. Empalmam o facto mais brilhante com a destreza do prestigiador que faz desapparecer uma noz, com a facilidade d'esses alimpadores ambulantes, cujo sabão milagroso tira do vosso fato as nodoas mais rebeldes.

«Ha comtudo, entre os nossos artistas — alimpadores e os artistas — philosophicos, esta notavel differença: que os primeiros tiram uma nodoa tanto mais facilmente, quanto ella é mais nova, em quanto que os outros não podem *tirar um facto* senão quando elle é já muito velho. O facto deve ter pelo menos tres seculos de existencia, para ser submettido, com algum exito, á experiencia da *suppressão symbolica,* e o bom resultado, bem entendido, torna-se mais provavel, á medida que o facto remonta a maior antiguidade.

«Com esta condição d'antiguidade remota, não ha em toda a historia uma só nodoa... um unico facto, que não possa

ser tirado, se vos dirigirdes a um philosopho que saiba bem a sua arte.

«Esta arte de *limpar a historia* é na verdade muito curiosa, e de certo agradaremos aos nossos leitores, offerecendo-lhes por amostra a analyse d'um trabalho que estabelece:

QUE NAPOLEÃO NUNCA EXISTIU.

«Suppõe-se que a experiencia é feita no anno de 2150, em alguma universidade d'Allemanha. Pedimos aos nossos leitores que se transportem alli em espirito, para ouvirem o discurso que um profundo philosopho recita aos seus numerosos discipulos..

«Meus senhores, lhes diz elle, desde ha muito tempo que os povos, enganados por tradições sem bases, consentiram que a fabula usurpasse os direitos da historia e se collocasse a par d'ella nos espiritos. Estava reservado á critica do nosso seculo separar uma da outra e indicar claramente aos homens de ideias desenvolvidas que factos devem acceitar, e aquelles que devem rejeitar.

«Já, em tempos afastados de nós, se tinha provado que o pretendido poeta da guerra de Troia, o famoso Homero, nunca existiu; mais tarde, está a fazer quatrocentos annos (era em 1794), um philosopho que a França não soube apreciar, Dupuis, tinha demonstrado que Jesus de Nazareth, auctor da seita christã, cuja fracção mais pura e numerosa, a dos christãos-catholicos, se definha ha já mais de seiscentos annos, e não póde desde hoje em diante viver muito tempo, que Jesus, digo, não era senão uma allegoria do sol; outros personagens, cuja realidade tinha sido admittida por todas as partes sem exame, se desvaneceu da mesma sorte debaixo

da observação profunda de historiadores philosophos, e parecia que a humanidade estava para sempre acautelada contra similhantes erros.

«Ora bem, admirai a incrivel credulidade das massas: ha tres seculos e meio que uma fabula similhante se viu de tal maneira acreditada que, até os maiores genios, todos a acceitaram ou pelo menos fingiram habilmente acceital-a como uma incontestavel realidade.

«Quero fallar da pretendida existencia de NAPOLEÃO BONAPARTE, cuja crença se tornou por tal maneira geral, por tal maneira arraigada nos espiritos que, no espaço de dois seculos, passaria por louco aquelle que tentasse demonstrar o quanto era absurda, sobre tudo em França, onde o orgulho nacional ligava naturalmente alta importancia ás gloriosas proezas que a fama prestava a este heroe.

«E' comtudo da maior evidencia, senhores, que a historia de Napoleão é, como a de Jesus, como a de Baccho e de Adonis, uma fabula imaginada do sol; e seria necessario não possuir as primeiras noções da mythologia, para não o reconhecer.

«Provêmol-o, passando rapida revista ás principaes circumstancias que se referem á vida d'este fabuloso heroe (1).

« Segundo diversos historiadores:

« Elle chamava-se *Napoleão Bonaparte;*

« Nasceu na Corsega, ilha do Mediterraneo;

« Sua mãe chamava-se *Lœtitia;*

« Elle tinha tres irmans;

« Tinha quatro irmãos, dos quaes tres foram reis;

(1) As ideias que formam a base do que se vai seguir, não nos pertencem, mas sim a M. Pérès, bibliothecario da cidade d'Agen, que as desenvolveu com muita graça n'uma pequena brochura intitulada: *Que Napoleão nunca existiu.*

« Teve duas esposas, e d'uma um filho varão;

« Elle apaziguou, em França, uma revolução que espalhava por toda a parte o terror;

« Tinha ás suas ordens dezeseis marechaes do imperio, dos quaes doze estavam em activo serviço;

«Elle triumphou no Sul e succumbiu no Norte;

« Finalmente, depois d'um reinado de doze annos, que tinha começado ao chegar do Oriente, foi morrer nos mares occidentaes.

« Vejamos se cada uma d'estas dez circumstancias não é evidentemente tirada do sol.

« 1.º Todos sabem que o sol é chamado pelos poetas *Apollo*, nome que significa exterminador. Foi dado ao sol pelos gregos que, diante de Troia, perderam muitos soldados, em consequencia de excessivos calores, por occasião do ultraje feito por Agammemnão a Chryses, sacerdote do sol.

« Ora Apollo é a mesma palavra que *Apoleão*. Ambos derivam do *Apolluo* ou *Apoleo*, verbos gregos que significam matar, exterminar, de sorte que já o N inicial é a unica differença entre *Apollo e Napoleão*. Mas esta differença, longe de destruir á etymologia, a confirma pelo contrario.

« Com effeito, o verdadeiro nome do nosso pretendido heroe era *Neapoleão* e não *Napoleão*, como ainda hoje se vê em diversos monumentos da capital de França. E' pois a syllaba *Ne* que aqui está de mais. Ora, *ne* ou *nai* significa em grego *certo, verdadeiramente, certamente;* de tal sorte que *Neapoleão* ou *Napoleão* significa o Deos verdadeiramente exterminador, o verdadeiro *Apollo*.

« O segundo nome, *Bonaparte*, se explica tão claramente como o primeiro. *Bonaparte* significa em latim, *do bom lado, em boa parte;* trata-se pois d'uma cousa que tem dois lados,

um bom e o outro mau. E' certamente o duplo effeito da revolução, pela qual o sol produz o dia e a noite: é uma allegoria dos Persas. E' o imperio d'Oramazo e o d'Arimano, o imperio dos anjos da luz, e dos espiritos das trevas, e como antigamente se sacrificava a estes por esta fórmula: *abi mala parte*, não ha duvida que por *Neapoleão Bonaparte* se quiz significar o verdadeiro Apollo mandado á França *em boa parte*, para sua felicidade, para *exterminar os seus inimigos.*

2.° Lembrando-vos, senhores, de que os poetas gregos tinham feito nascer Apollo em Délos, ilha do Mediterraneo muito proxima da Grecia, onde estavam os principaes templos d'este Deos, comprehendereis facilmente que os auctores da fabulosa lenda collocassem o nascimento do seu heroe egualmente no Mediterraneo, mas na ilha de Corsega, que se acha perto da costa do reino de França, onde o queriam fazer reinar.

3.° Segundo a mesma lenda, a mãe de Napoleão chamava-se *Lætitia,* palavra que, significando alegria, designa aqui a aurora que espalha a alegria na natureza, porque dá ao mundo o sol, abrindo-lhe as portas do Oriente.

Entre os gregos, a mãe d'Apollo chamava-se *Læto,* e, em quanto que d'este nome os Romanos fizeram *Latona,* os poetas francezes gostaram mais de fazer *Lætitia,* porque esta palavra é o substantivo do verbo desusado *Læto,* que quer dizer ter alegria.

«4.° Pelo que diz respeito ás tres irmãs do pretendido filho de *Lætitia,* não tenho necessidade de vos dizer, senhores, que são as tres graças, irmãs d'Apollo.

5.° Os quatro irmãos que deram ao Apollo francez, são certamente as quatro estações do anno.

«E não vos admireis, senhores, de vêrdes as estações

representadas por homens. Em latim, bem o sabeis, os nomes das quatro estações são masculinos: em francez, tres tambem o foram sempre, e na epocha a que remonta a invenção da nossa fabula era um ponto muito controverso entre os grammaticos de França, o saber se o ultimo, o Outono, era masculino ou feminino. Por consequencia, não ha difficuldade alguma a este respeito.

«Os tres de seus irmãos que foram reis são: a Primavera, que reina sobre as flôres; o Estio que reina sobre as colheitas; e o Outono que reina sobre os fructos. Disse-se que receberam a realeza de seu irmão Napoleão, porque é da influencia do sol que estas tres estações recebem tudo. Não reinando o inverno sobre cousa alguma, disse-se que o quarto irmão não tinha sido rei. Se comtudo se pretendesse que o Inverno não está absolutamente sem imperio e se se lhe attribuisse o principado das neves e dos gêlos com que branquea os nossos campos, isto viria tambem em apoio da verdade que nós desenvolvemos. E' isto, segundo toda a apparencia, o que os poetas francezes indicaram pelo vão principado de que nos mostram revestido o quarto irmão de Napoleão. A este principado, assignaram elles com preferencia a aldeia de *Canino*, porque esta palavra vem de *cani*, que significa os cabellos brancos da fria velhice; o que recorda o inverno.

«E notai que este irmão não podia ter este principado de *Canino* senão depois da decadencia de Napoleão e dos outros seus tres irmãos; porque effectivamente o inverno principia quando já não ha nada das tres bellas estações, e quando o sol está muito afastado das nossas terras.

«Vêdes igualmente, n'este afastamento do sol e das bellas estações, a causa da fabulosa invasão dos povos do

Norte, que, derribando Napoleão, fizeram desapparecer em França uma bandeira de diversas côres de que ella estava adornada, para lhe substituirem outra inteiramente branca. Era o engenhoso emblema das geadas que os ventos do inverno, chamados pelos poetas *Filhos do Norte,* trazem para o lugar das bellas côres que o sol conservava.

«6.° Napoleão, dizem, teve duas mulheres, das quaes uma lhe deu um filho varão. Ora, vós sabeis que o sol, segundo a mythologia, teve duas mulheres: a Lua, da qual não teve descendencia, e a Terra da qual teve um filho unico, o pequeno *Horo.* E' uma allegoria egypcia, na qual o novo Horo, filho de Osiris e de Isis, representa os fructos da agricultura que dá a terra fecundada pelo sol. Por isso se collocou o nascimento do filho d'Apollo francez em 20 de março, no equinoxio da primavera, epocha em que as producções da agricultura tomam o seu maior desenvolvimento.

«7.° A hydra revolucionaria, que espalhava por toda a parte o terror e que foi vencida por Napoleão, é certamente a serpente Python que assolava a Grecia, e da qual Apollo a livrou. Foi esta a sua primeira proeza, segundo a mythologia; por isso nos dizem que foi suffocando a hydra revolucionaria que Napoleão principiou o seu reinado. E se se figurou a serpente Python por uma revolução, é porque as palavras *revolutio, revolutus* caracterisam bem a serpente, que, tanto em seus movimentos, como em seu socego, se apresenta sempre sob a fórma d'anneis e enrolada sobre si mesma.

«8.° O nosso fabuloso heroe tinha, dizem, doze marechaes em serviço activo, e quatro em inactividade. Evidentemente, os primeiros doze são os doze signos do zodiaco caminhando debaixo das ordens do sol, e commandando cada

um uma divisão do innumeravel exercito das estrellas. Os outros quatro marechaes são os quatro pontos cardeaes, que, immoveis no meio do movimento geral, representam muito bem a inactividade.

«9.° A força do sol no meio dia, a sua marcha para as regiões septentrionaes, depois do equinoxio da primavera, a volta que ao encontrar o tropico boreal elle opéra retrogradando para o meio dia, seguindo o signo de Cancer ou *caranguejo (*assim chamado para expressar esta marcha retrograda do sol) tudo isto, bem o vêdes, senhores, faz imaginar os triumphos de Napoleão nos paizes meridionaes, a sua expedição ao Norte, para a banda de Moscow, e a desastrosa retirada de que foi seguida esta expedição.

«10.° Finalmente, senhores, todos comprehendem ao primeiro lance d'olhos por que se disse que Napoleão tinha vindo por mar *do Oriente* (do Egypto) para reinar em França, e que desapparecêra *nos mares occidentaes*, depois d'um reinado de *doze annos*. Só quem fosse cégo é que não veria aqui o nascer do sol no Oriente, e o seu occaso no Occidente, depois da sua carreira de *doze horas* sobre o horisonte. *Não reinou mais que um dia*, disse o poeta Cazimiro Delavigne, que, ainda que se não atreveu a proclamal-o, porque vivia n'uma épocha em que este erro estava muito espalhado, não viu certamente senão uma ficção do sol n'este pretendido heroe. *Não reinou mais que um dia:* que cousa mais precisa !...

«Poderiamos, senhores, apresentar-vos, em apoio da verdade que acabamos de estabelecer, muitas outras considerações, muitos outros factos: poderiamos sobre tudo invocar alguns actos do rei Luiz XVIII, cujas datas são inconciliaveis com o reinado do pretendido imperador; mas quize-

mos ferir a questão no coração, combater a fabula pela mesma fabula, pondo á luz do dia as fontes d'onde se tiraram todos os factos contados d'este heroe imaginario.

«Assim o fizemos, bem vêdes, senhores, com o mais feliz exito. Napoleão não é senão uma allegoria do sol. Está demonstrado por ambos os seus nomes; pelas suas tres irmans, seus quatro irmãos, suas duas mulheres, seu filho, seus marechaes, suas proezas; está provado pelo lugar do seu nascimento, pela região d'onde partiu para reinar em França, pelos paizes em que triumphou, e por aquelles em que foi vencido, pela duração do seu reinado, e pela região onde desappareceu. Recusar-se a reconhecer isto, é na verdade negar a evidencia.

«Que algumas intelligencias crédulas continuem a olhar a existencia de Napoleão como uma verdade historica, não nos admiraremos d'isso. Não se vê ainda hoje, seiscentos annos depois das demonstrações de Luthero e Calvino, mais de tres seculos depois das lucidas explicações do sabio Dupuis, uma multidão d'homens de todos os paizes crêrem, mais fortemente que nunca, na realidade da existencia do Christo, na verdade de dogmas ridiculos que se dizem prégados por elle!

«Para vós, senhores, estes dois personagens estão desde hoje em diante apreciados; ambos estão para vós no mesmo caso. A existencia de Napoleão Bonaparte não é senão uma fabula, absolutamente como a existencia de Jesu Christo; as batalhas e as conquistas do imperador francez são nem mais nem menos chimericas que as prédicas e os milagres do Deos dos christãos.

«Por meio do que temos dito e da bella prova que acabamos de lhes fazer vêr, os nossos leitores conhecem per-

feitamente o symbolismo; sabem as necessidades que o fizeram nascer, a sua natureza, o seu fim, o methodo com que procede, e estão desde hoje em diante em estado de apreciar o merecimento dos jovens professores d'historia que, em certos collegios, fazem um uso mui frequente d'elle para os factos que dizem respeito ao christianismo (1).»

9. E' particularmente para o catholicismo que a Franc-Maçoneria reserva o seu odio; é a elle que ataca corpo a corpo, que inquieta continuamente; é a elle que considera como um inimigo pessoal. Com effeito, um antagonismo a todo o trance, uma opposição radical existe entre estas duas instituições. O catholicismo, religião revelada, não se póde conciliar com o livre exame, ou antes com a religião natural, sem dogmas, sem leis positivas. As primeiras seitas christãs não só acham graça aos olhos da Franc-Maçoneria, mas até são exaltadas como o typo da perfeição. Mais d'um escriptor maçon, e dos mais distinctos, entre outros Rédarès (2), Reghellini de Schio (3) e Acerellos (4) chegam até a considerar os Gnosticos e os Manicheus como continuadores das antigas iniciações pagans e antecessores dos Franc-Maçons modernos. O Protestantismo, em quanto que é um rompimento com a Egreja romana e a proclamação do livre exame, acha apologistas no seio das lojas. Mas, desde que a fé na revelação n'elle é tomada a sério, torna-se tambem o alvo de todos os ataques da Franc-Maçoneria.

(1) *Marcadé*. Estudos da sciencia religiosa, pp. 315, 323.

(2) Da influencia da Maçoneria sobre o espirito das nações, 1 vol. in-8.°

(3) A Franc-Maçoneria em suas relações com as religiões dos antigos Egypcios, Judeus e Christãos, 2 vol. in-8.°

(4) A mesma obra traduzida em allemão e consideravelmente augmentada, 4 vol. in-8.°

«Sim, diz Rédarès, *o verbo regenerador*, o *logos de Deos,* tinha sahido da bôca de Christo (5). Penhor de redempção do velho homem, que se extinguia nos vicios da ignorancia e do orgulho, a estrella brilhante da charidade vinha traçar ás gerações o caminho da verdade espiritual; os *milhares de seitas* que povoavam as tres partes do mundo concordavam n'isso; confessavam que a *charidade* (e não o dogma certamente) era a palavra de sympathia e de amor que ia unir e animar o universo civilisado. Mas quando corriam a alistar-se debaixo da bandeira do filho de Mária, e, em seu santo enthusiasmo, gritavam: Hosanna! Gloria áquelle que vem em nome do Senhor, uma d'entre ellas (a religião catholica) *teve a temeridade* de dizer ás outras: Deos outorgou-nos o seu poder; nós possuimos a verdade, a infallibilidade e o poder, que são os attributos da sua natureza; somos a luz das luzes, a lei e os prophetas; resignai-vos e obedecei, ou *nós vos perseguiremos como o milhafre persegue a pomba, e vós sereis os parias da Nova Jerusalem* (6).»

10. Lendo as producções maçonicas fica-se surprehendido da frequencia com que os oradores das lojas se exprimem contra a ignorancia e a superstição. O catholico leal não suspeita o menor laço e applaude os esforços d'uma instituição que pretende não ter outro fim senão fazer desapparecer a mais asquerosa das chagas da humanidade. Sabendo que a religião nada tem tanto a peito como dissipar as trevas da intelligencia, lembrando-se dos generosos esforços de seus correligionarios, para fazer escapar ao naufragio os primores litterarios e philosophicos da antiguidade, re-

(5) Vê-se que os maçons fallam da dogmatica christã, como os cégos das côres.

(6) Da infl. da F. M, p. 75 e 76.

cordando-se com orgulho dos genios e dos incomparaveis escriptores que se gloriaram de ter o mesmo nome que elle, o catholico não suspeita que o fanatismo não é outra cousa senão o zêlo religioso de seus paes; e a superstição, os preceitos da fé. Assim é todavia, e ainda apparecem Franc-Maçons bastante sinceros para o confessarem francamente: o fanatismo e a superstição não são, em linguagem maçonica, senão o catholicismo. Quando pois as lojas se vangloriam de quererem curar a humanidade d'estas horrendas chagas, proclamam em termos disfarçados o odio mortal que juraram á nossa santa religião.

Querem a prova? Examinem o frontispicio collocado em frente do 1.º volume dos *Annaes chronologicos, litterarios e historicos da Maçoneria dos Paizes-Baixos* (7).

Eis-aqui em que termos o proprio editor explica esta lithographia:

«Representa duas columnas maçonicas (Jakin e Boaz) que formam o portico d'um templo, e sustentam uma cornija, sobre a qual o *Leão Belga*, coroado e meio inclinado, traça com um compasso aberto, que tem na garra direita, as seguintes palavras sobre um canhenho collocado diante d'elle: *Honor*, *Veritas*. Com a outra garra, segura o canhenho e sustenta um facho de que sahe uma viva luz, cujos raios brilhantes alcançam e lançam por terra o *monstro agonisante do fanatismo, da discordia e do erro*, derribado sobre os degraus do templo, e cujos olhos estão cobertos com uma espêssa venda. O sol, a terra e outros emblemas maçonicos completam o quadro. O numero das estrellas allude ao das provincias do reino!»

(7) Oriente de Bruxellas. Das imprensas dos II.·. Wahlen e Comp.·. editores. 5822.

O fanatismo é representado por um punhal que o *monstro* tem na mão; a discordia por serpentes que lhe servem de cinto, de gravata e de toucado; o erro por uma venda que lhe cobre os olhos, e por azas de morcego. Quem é este monstro? é um sacerdote, é um papa; porque está revestido com vestes sacerdotaes, e as serpentes que lhe cobrem a cabeça estão dispostas em fórma de uma *tiara!!!!*

Não ha duvida; aos olhos dos Maçons a Franc-Maçoneria é o facho que illumina a humanidade e dissipa os prejuizos e o erro representado pelo catholicismo. Ha uma lucta de morte entre a Maçoneria que proclama a independencia absoluta da razão e o catholicismo que reconhece a fé da revelação como o principio da verdade sobrenatural; lucta implacavel que não terá fim, dizem os escriptores das lojas, senão com a destruição do catholicismo.

Como todas as conjurações tramadas contra a religião christã, a Maçoneria tem a habilidade de lisongear o orgulho do homem, de disfarçar os seus designios sob os mais pomposos nomes, e de fazer odiosos e ridiculos os seus inimigos.

A ella pertence a luz, a verdade, a tolerancia, a liberdade, a egualdade, a fraternidade; aos seus inimigos as trévas, o erro, o fanatismo, a escravidão, o espirito de classe e a discordia. Por isso, pelos fins do decimo-oitavo seculo, homens d'uma sciencia mais ou menos problematica, conferiram a si mesmos o titulo pomposo de philosophos e illuminados. D'esta maneira chegaram a seduzir e arrastar a multidão que não quer passar por ignorante nem por fanatica. Porém desgraçado d'aquelle que se deixa enganar! Elle conhecerá, mas mui tarde, que cahiu n'um laço grosseiro armado á sua boa fé. Estas denominações faustosas assimilham-se a essas taboletas pomposas que annunciam aos homens credulos *o*

nec plus ultra da perfeição, e não servem senão para encobrir o summo grau da deslealdade.

Quando uma instituição se recommenda pelo seu valor intrinseco e pelo bem que realmente produz, não recorre aos meios indignos empregados pelo charlatanismo; é tão modesta no seu titulo, como salutar na sua acção. Porém os inimigos da religião conhecem o coração do homem; sabem que publicando francamente os seus planos, não encontrariam senão repulsão e horror; emquanto que inculcando-se como reformadores dos abusos e regeneradores da sociedade, enganarão facilmente a multidão credula e ignorante.

11. Voltemos ao nosso objecto. A citação que fizemos do irmão Rebold, podia convencer de que aos olhos dos Franc-Maçons modernos, o catholicismo e até mesmo o christianismo em geral não é senão um mytho, uma allegoria de factos physicos. O irmão Ragon, o escriptor mais fecundo e acreditado das lojas francezas, encarrega-se de explicar sob este aspecto todos os dogmas e usos do catholicismo. Em quanto a elle, tudo o que diz respeito á nossa santa religião, não é mais que allusão ás antigas iniciações e ao culto da natureza. Para elle, Jesu Christo não é senão o antigo Mythra dos Persas, o Isis dos Egypcios, o Adonis, o Baccho e a Céres dos Gregos. O christianismo não tem nada de divino. Que digo? o christianismo não é senão a Maçoneria degenerada, ou pelo menos uma instituição parallela!

«O christianismo, diz elle, ou a crença em um só Deus e na immortalidade da alma, é a conversão da crença secreta dos antigos iniciados n'um culto publico.

«As relações que existem entre os templos maçonicos

e as egrejas christãs, mais depressa deveriam ter produzido a união que a divisão entre homens essencialmente pacificos; mas, certamente por causa d'estas relações, os *ministros do Deus da concordia fizeram-se, até mesmo por profissão, perseguidores dos Franc-Maçons.*

«Não deve causar admiração se a religião dos christãos, *que deveria ser a de Jesus e que seria a verdadeira religião*, offerece ainda alguns vestigios da dos Magos e da de Numa, pois que foi estabelecida á vista das suas rivaes, succedeu á ultima, e finalmente o seu instituidor disse: *Non veni solvere, sed adimplere.*

«Seja como fôr, o christianismo tem um caracter que lhe é proprio, e se a Franc-Maçoneria tem, em diversos graus superiores, alguma cousa commum com estes usos, é que, *tendo descido até elle* d'uma origem muito anterior á sua implantação (1) nos nossos paizes occidentaes, estes graus superiores seriam estabelecidos sobre o typo religioso do novo culto. Os seus templos deveriam ser os mesmos, *porque o culto da natureza é o fim do Maçon e do Christão.* Póde pois haver nas suas respectivas práticas um ar de parentesco. As duas instituições gozam da mesma herança. *Comtudo deve-se convir em que o culto christão, em alguma parte, tem desnaturado a sua herdade, em quanto que a Maçoneria conserva intacta a sua legitima.*

«Quando, no principio, os homens se reuniram e as sociedades se formaram, aquelles primeiros homens que não tinham ainda sido corrompidos nem pelo despotismo ambicioso dos grandes, nem pelo despotismo intolerante dos pa-

(1) Como, depois d'isto, conciliar a opinião de M. Ragon, segundo a qual os graus superiores são de creação inteiramente moderna, e não pertencem á essencia da Franc-Maçoneria?

dres, não conheciam as fabulas sagradas, nem essa multidão de deuses, de mysterios, de idéas abstractas e incoherentes, inventadas para subjugar os povos, amedrontando os fracos e sujeitando os fortes.

«*Adoradores zelosos da natureza*, não tinham outro Deus senão o deus da natureza, nem outro templo senão aquelle que elle mesmo edificou, a abóbada brilhante dos ceos, a immensidade do universo...

«Uma religião, sahida do seio do Judaismo, tendo-se espalhado pela terra, em primeiro propagada por *sabios*, cujo unico fim era purificar os homens, restituindo-os a um culto simples, *do qual a moral universal era toda a base....*, *mostrando, debaixo d'uma allegoria solar, uma unica victima digna da divindade, immolando-se cada anno pela conservação e regeneração da natureza*; religião perpetuada depois por sacerdotes que lhe alteraram as formulas simplices e naturaes, para lhes substituirem práticas, ceremonias, mysterios e sobre tudo um poderio sacerdotal *que não conheceram nunca os primeiros discipulos de Christo*, e que lhes seguram um poder sem limites sobre as consciencias e, por conseguinte, sobre os espiritos dos homens: esta religião nova, tomada, não *na sua alteração moderna*, mas na sua origem e na sua *pureza* primitiva, formou o complemento *da allegoria maçonica, ou do culto da natureza de que esta mesma religião* não era, de resto, senão uma grande e bella allegoria. Taes são, meus irmãos, os motivos pelos quaes se vê succederem-se nos nossos mysterios, o culto simples da natureza, o culto de Moisés e o do Evangelho (2).»

(2) Ragon. *Curso philosophico e interpretativo das iniciações antigas e modernas*—p. 310-314.

Partindo do principio de que o christianismo não é senão a Maçoneria desfigurada ou uma imitação antiga alterada, Ragon explica todos os emblemas religiosos por allusões ao systema solar. O anjo de S. Matheus é o homem do zodiaco, o Aquario, o signo do inverno; o boi de S. Lucas é o Tauro, signal da primavera ou da mocidade do anno; o leão de S. Marcos é o emblema do estio ou da virilidade do sol; a aguia de S. João é o symbolo da *aguia da lyra*, constellação do outono. O capitulo XV d'este evangelista, que contém a allegoria da vinha, «recorda indirectamente o culto de Baccho (3).»

Os acontecimentos mais memoraveis da vida do Salvador são interpretados com a mesma astucia. Explicando as ceremonias do grau de Rosa-Cruz, Ragon faz as seguintes observações:

«Ao oriente (da loja) levanta-se um *calvario*, a montanha sagrada, sobre a qual morreu o Homem-Deus collocado entre dois ladrões.

«O nome *calvario* é latino; tem como raiz *calvus, calvo*, e no figurado, *árido, sêcco*; este nome indica a velhice do anno, a decadencia do sol, a época da esterilidade e da tristeza da natureza.

«A *cruz*, sobre a qual expira o Salvador do mundo, é aquella grande cruz que fórma, no ceo, o meridiano que, no momento da passagem do sol nos signos inferiores, corta o equador em angulos rectos; ao lado d'esta intersecção está o homem das constellações. O homem em grego cha-

(3) Querendo, de bom ou mau grado, explicar tudo conforme o seu fim, M. Ragon faz derivar o nome de S. *Lucas* e de S. *João* (Johannes) de *Lux* e de *Janua* ou *Janus;* isto é, dá a nomes hebreus ou gregos origem latina Com taes processos tudo se explicará facilmente.

ma-se *Andros* (4); d'esta palavra se fez *André* que, canonisado, produziu santo *André*. Em lugar de deixarem o *homem* ao lado da cruz, pozeram-o em cima; e d'aqui a origem do *calvario*.

«Os dois ladrões que acompanhavam Jesus, figuram as duas estações que tocam o equinoxio. Sabe-se que a Escriptura compára muitas vezes as estações a ladrões que fogem. O ladrão collocado á direita, symbolisa a primavera e o estio, ou o reinado do bem; o ladrão collocado á esquerda, symbolisa o outono e o inverno, ou o reinado do mal; desce aos infernos, á parte inferior do ceo; e o mau ladrão rompendo em imprecações, é *reprovado*.

«*Todas as personagens* que a narração da Paixão colloca n'esta scena de dôr *são outras tantas constellações*. Vê-se, com effeito, no momento do equinoxio do outono e quando o sol do anno *expira* sobre a cruz celeste, a Virgem desfallecer, isto é, precipitar-se para o poente. Um vaso cujo pé está cercado por uma serpente, a hydra aquatica, e por cima da qual paira o corvo; as tres mulheres collocadas ao pé da cruz são as tres estações chorosas. *Anna* representa o anno em luto: *mater dolorosa*.

«Finalmente, do lado do oriente, eleva-se um homem armado com um dardo, que parece perseguir e ameaçar o sol agonisante, e ao qual com effeito mata.

«No alto do ceo, exactamente no zenith e no meridiano brilha a corôa boreal; é a corôa de espinhos (5).»

Ou M. Ragon está doudo, ou confia singularmente na ignorancia dos ouvintes para publicar similhantes interpre-

(4) M. Ragon não parece ser muito forte em grego; aliás saberia que o nominativo d'esta palavra é outro.
(5) Ragon, p. 318 e 319.

tações. Quando um homem sério e instruido emprega meios tão pueris para combater a verdade, é necessario que esta não offereça o menor ponto para um ataque fundado na razão. Explicar os acontecimentos mais importantes da historia como emblemas de estações ou como allusões ás diversas phases do curso do sol, é provar um engenhoso talento para o parodoxo, mas não sciencia critica. Fazer consistir o christianismo e todas as religiões, quaesquer que sejam, na estupida e esteril admiração de factos physicos, é degradar a humanidade, é ultrajar o senso commum. Deixemos aos Maçons naturalistas o reunirem-se nos seus templos para celebrarem solemnemente o renascimento d'um sol que não morre, ou a morte d'um astro que não cessou de existir: que esta ficção, indigna de homens de raciocinio, não é capaz de nos inspirar sentimentos de devoção e de piedade.

O christão presta suas homenagens, não a factos naturaes, mas sim ao auctor da natureza, tal como lhe aprouve manifestar-se.

A differença que existe entre o Franc-Maçon e o christão, é que o primeiro é materialista, e o segundo espiritualista. Com risco de passar por um espirito limitado, eu prefiro uma doutrina que exalta e ennobrece o homem áquella que o rebaixa até á classe d'adorador dos idolos. Querendo reconduzir o christianismo ás antigas instituições, nega-se o progresso, faz-se retrogradar a humanidade. Deixem-nos a nossa religião com os seus milagres inexplicaveis, os seus dogmas obscuros, a sua moral difficil; nós a preferimos mil vezes a um culto material e ridiculo, sem base e sem objecto, sem dignidade nem sancção, sem principio reconhecido nem consequencia moral. Com effeito, que influencia

póde exercer sobre o coração do homem a chegada natural dos equinoxios ou dos solsticios? Como se podem tirar d'estes factos naturaes, regulares, necessarios e fataes, conclusões práticas? Como póde o orador das lojas, nas festas solsticiaes, tomar por thema a pretendida immobilidade do astro do dia para recommendar a seus irmãos a liberdade, egualdade e fraternidade, os tres grandes dogmas maçonicos? Na verdade, é uma irrisão; d'um facto physico não se póde concluir um dever moral.

Porém apressemo-nos a confessal-o. Os auctores maçons: Ragon, Rebold, Reghellini de Schio não crêem na seriedade das suas proprias interpretações. O que elles se propoem unicamente, é destruir o christianismo, assimilhando-o ás religiões pagans; pelo que diz respeito a substituir-lhe outro qualquer culto, não lhes dá isso o menor cuidado.

Enganamo-nos: a Maçoneria tem a pretenção de possuir uma religião que lhe pertence. Tem o *Baptismo*, a *Confirmação*, sacramentos maçonicos dos quaes publicariamos o ritual, se não receiassemos cançar o leitor. Tem a *Ceia* celebrada na sexta feira santa pelos Rosa-Cruzes. Tem ceremonias funebres. Mas todas estas práticas, falsamente chamadas sagradas, se limitam a uma vaga consagração á natureza ou á invocação do nada.

12. Tudo serve á Maçoneria desde que se trata de combater a religião christã. As doutrinas mais monstruosas e subversivas são recebidas em seus templos; o deismo, o atheismo, o materialismo alli acham ouvidos complacentes.

Possuimos uma grande collecção de discursos pronunciados pelos oradores das lojas. Escolhemos d'elles o que

é mais saliente. Eis-aqui em que termos um irmão da loja de Liége combate a immortalidade da alma:

«Um grande philosopho, Voltaire, disse: Como nos atrevemos nós a affirmar o que é a alma, como temos a louca temeridade de disputar se esta alma, de que não temos a menor idéa, é feita antes de nós ou comnosco, se é mortal ou immortal? Exigiu-se-me o transgredir esta quasi-prohibição. Obedeço.

«A antiguidade sustenta por meio de todos os escriptores que a alma é corporea.... A alma soffre todas as modificações do corpo.... esta substancia, esta parte de nosso ser soffre a mesma revolução que o corpo.

«*Suppôz-se* que, ainda que o corpo fosse mortal, a alma não morria, e que esta parte do homem gozava do privilegio de ser immortal e isempta da dissolução e das mudanças de fórma que vêmos soffrer a todos os corpos formados pela natureza. Esta immortalidade da alma pareceu sobre tudo fóra de duvida áquelles que a *suppunham espiritual*, e foi esta a opinião dos Chaldeus, dos Hebreus, e sobre tudo do chefe d'estes ultimos...

«Posto que o legislador dos Hebreus dissesse no *Genesis*: « Deus formou o homem da terra e espalhou no seu rosto um sôpro de vida», nenhum outro dos livros que se lhe attribuem falla do dogma da immortalidade da alma; parece, ao contrario, que foi durante o captiveiro de Babylonia que os Judeus aprenderam esta theoria das penas e recompensas, ensinada já por Zoroastro aos Persas, mas que Moysés deixou ignorar aos Judeus.

«Se, livres de prejuizos, quizermos encarar a nossa alma ou o movel que obra em nós, ficaremos convencidos de que ella faz parte do nosso corpo, de que é o mesmo

corpo, considerado relativamente a algumas das funcções ou faculdades de que a natureza o torna susceptivel.

«Se notarmos as causas do estabelecimento da doutrina da espiritualidade, verêmos que ella não é senão um effeito da politica interessadissima dos padres. Elles imaginaram este meio para subtrahirem uma parte do homem á dissolução, a fim de a sujeitarem ás penas e ás recompensas d'uma vida futura. Este dogma era-lhes muito util para intimidarem e governarem os ignorantes...

«Se eu sustentei n'este discurso, que vós tivestes a bondade d'escutar, que a alma é material, é porque era necessario optar entre dois systemas, e porque a razão parecia impôr-me o dever de adoptar este...

Pedimos ao leitor Catholico se revista de toda a indignação e horror para lêr o seguinte discurso, que o inferno em seu mais implacavel odio contra Jesu Christo e a sua Egreja forjou como um elixir de todos os erros e monstruosidades da impiedade, e o vomitou por bôcca de um de seus mais predilectos filhos os Franc-Maçons.
(Nota do Traductor Portuguez).

13. **Discurso d'um irmão orador, pronunciado na loja de Liége** (1).

«Parece-me que seria conveniente «aos homens o applicarem-se mais cui-«dadosa e exactamente á observação «das leis naturaes, e serem menos im-«periosos e decisivos em expôr aos ou-«tros o sentido das verdades que nos «impõe a religião.»

(Locke, *Do entendimento humano*, p. 617, §. 23).

«*Nam veræ voces tum demum pectore «ab imo,*
«*Ejiciuntur, et eripitur persona, ma-«net res.*»

(Lucrecio, *De natura rerum.*)

«*Quidquid clare et distincte perci-«pitur, illud est aut esse potest.*»

(Hooke, *De Lege naturali*, t. 1, pag. 230.)

«Veneravel Mestre,

«1.º e 2.º Vig.·. e vós todos, meus Il.·. em vossos graus e qualidades.

(1) Muitas vezes se attribuem á ignorancia ou á prevenção as graves accusações que se teem feito pezar sobre a Franc-Maçoneria. Este discurso fará desapparecer toda a illusão. Não conhecemos uma unica peça litteraria que contenha, em tão pequeno quadro, tantas impiedades e blasphemias. O orador accumula tantos horrores, como em nenhum tempo foram imputados á religião e ao clero. Para elle, tudo se limita ás sensações physicas; não ha alma, nem Deus, nem eternidade, nem christianismo: o Deus d'elle, é a *Natureza*; a sua moral que não repousa sobre nenhum dogma, não é senão a lei natural, entendida por tal sorte, que todos os excessos e crimes são legitimados; ás penas e recompensas da outra vida, deve substituir-se uma sancção puramente humana e terrestre; o christianismo, meio inventado pelos impostores para agrilhoar as massas e sustentar o despotismo, deve ser substituido pelo culto da natureza; em politica, só o povo tem direitos, e se o soberano os atropella, *a insurreição é um dever*.

Começamos a refutação d'este discurso; mas, como nos seria necessario rebater cada linha, a extensão do trabalho fez-nos renunciar ao nosso projecto. Será bastante o dizermos que todas as monstruosidades publicadas por J. J. Rousseau, Voltaire, Dupuis, etc., estão accumuladas n'este discurso. Demais, sendo esta obra destinada a

«Talvez eu tenha presumido demasiado das minhas forças, encetando uma questão tão grave; talvez não tenha dado a este assumpto uma solução conveniente; pelo menos procurei fazêl-o, e espero que vos servireis tomar esta boa vontade por zêlo, e pelo talento que me tiver faltado.

«Montesquieu disse, com razão, que todos os sêres tinham suas leis: a divindade como o mundo, o mundo como os homens, os homens como as outras especies d'animaes.

«Quando o homem considera que só elle, entre todas as creaturas, foi dotado de intelligencia para descobrir a perfeição das obras da natureza; que esta intelligencia o habilita a gozar uma felicidade mais duradoura e eminente que a dos outros animaes: poderá elle duvidar que esta intelligencia lhe fosse concedida para se entregar inteiramente aos prazeres que lhe são communs com a besta? Direi que o nome de Deus é uma palavra sem sentido, se não designa a causa universal e o poder activo que organisa os sêres, isto é, o ser, principio de tudo, que não tem outro senão a si proprio. O imperio da natureza sobre tudo o que nasce, cresce e morre n'este mundo, está tão patente que ninguem se póde enganar.

«Se por tanto ha no coração do homem algum sentimento que seja alheio a todo o resto dos sêres viventes, que se reproduza sempre, qualquer que seja a posição em que o homem se ache, não é provavel que este sentimento seja uma lei fundamental da sua natureza? Esta lei é a ordem regular e constante dos factos, pelos quaes Deus rege o universo, ordem que a sabedoria apresenta aos sentidos e á

pessoas instruidas, julgamos que o melhor que podemos fazer, é entregar sem commentario esta odiosa diatribe á indignação e ao desprêso publico.

razão dos homens, para servir ás suas acções de regra egual e commum para os guiar para a perfeição e felicidade.

«Deixe o homem pois de procurar, *fóra do mundo que habita*, sêres que lhe proporcionem uma felicidade que a natureza lhe recusa: estude esta natureza; aprenda as suas leis; contemple a sua energia e o modo immutavel como ella obra; applique as suas descobertas á sua propria felicidade, e sujeite-se ás leis a que nada o póde subtrahir; *consinta em ignorar as causas que lhe são occultas por um véo impenetravel;* soffra sem murmurar as sentenças d'uma *força universal* que não póde voltar a traz.

«Era natural aos homens o pararem onde os effeitos pareciam acabar, e onde o sêr toma um caracter differente d'aquelle que teem todos os que lhe são subordinados. ESTE SER ERA A NATUREZA: era necessario subir até á arvore para ahi procurar as causas do fructo: *mas encerrando-se na terra a serie das producções e reproducções, alli acabaram as indagações do homem* sobre a progressão das causas.

«Finalmente era necessario parar em alguma parte, e a natureza parecia ter fixado este ponto em seu proprio seio.

«Sendo as acções de cada sêr sujeitas a regras constantes e geraes, cuja violação inverteria e perturbaria a ordem *social*, esta regra immutavel chamou-se: LEI NATURAL.

«Com effeito, é por uma lei da natureza que o sol allumia a terra, que o fogo desorganisa os vegetaes e animaes, que o fumo, produzindo vapores que se condensam no ar, se levanta para outra vez cahir em chuva ou em geada.

«Sendo todos estes factos constantes e regulares, como

emanações da mesma natureza, é necessario que o homem se conforme com as regras invariaveis que dimanam d'elles.

«A observancia e prática d'estas regras nas relações que teem com o homem, lhe conservam a existencia, e o fazem tão feliz como é possivel, e como teem por fim a felicidade e conservação da especie humana, *formou-se* d'estas regras uma lei que se chama *lei natural.* O codigo immutavel da vida do homem tem sobre todas as outras religiões a vantagem de ser *anterior* a outra qualquer lei, e além d'isso todas as que teem sido offerecidas aos povos, não são senão pállidas imitações d'elle.

«Elle é *universal*, porque, amplo em suas bases, convém a todas as nações da terra, e o auctor supremo da natureza o esculpiu no coração de todos os sêres racionaes.

«Elle é *evidente*, porque a sua creação descança sobre factos constantemente patentes aos nossos olhos e sentidos.

«Elle tambem é *justo*, porque as penas que commina não são senão o justo castigo das infracções das regras que contém. Elle ensina finalmente os homens a serem justos, tolerantes, razoaveis, e elle só é bastante para os fazer melhores e felizes, porque só elle contém tudo o que as outras leis contéem bom e util.

«A *religião*, ou lei natural, emanará do pensamento humano?

«Não é possivel considerar a extensão, a variedade, a harmonia e a formosura do universo, sem concluir que é a obra d'um Sêr infinitamente poderoso.

«Tudo nos prova pois *que não é fóra da natureza que*

devemos procurar a divindade. Quando quizermos ter uma idéa d'ella, digamos que A NATUREZA É DEUS, digamos que esta natureza encerra tudo aquillo que nós podemos conhecer, pois que é o complexo de todos os sêres capazes de obrar sobre nós, e que, por conseguinte, nos podem interessar.

«Se não podermos subir até ás causas primarias, contentemo-nos com as causas secundarias, e com os effeitos que a experiencia nos mostra; limitemo-nos aos fracos clarões da verdade que os *nossos sentidos* nos subministram. Já que não temos meios para adquirir maiores *luzes,* atenhamo-nos á natureza que vêmos, que sentimos, que obra sobre nós, e cujas leis geraes conhecemos.

«Observemos pois esta natureza, não saiamós nunca dos caminhos que ella nos traça, porque seriamos infallivelmente castigados com os males sem conta que nos opprimiriam.

«Qualquer que seja a causa que lança o homem na morada que habita e que lhe dá as suas faculdades, ou ainda que se olhe a especie humana como obra da natureza, a existencia do homem é um facto. Nós vêmos n'elle um sêr que pensa, que se ama a si proprio, que tende para a sua conservação, que, em cada instante da sua vida, se esforça por tornar agradavel a sua existencia, e vive em sociedade com sêres similhantes a si, que o seu proceder lhe póde tornar favoraveis, ou indispôr contra si.

«E' pois a estes sentimentos universaes, inherentes á nossa natureza, e que subsistirão em quanto durar a raça humana, que se attribue a fundação da lei natural, que não é senão a sciencia dos deveres do homem que vive em sociedade. Será sempre um engano o querer-se dar outra base á lei natural que não seja a natureza do homem; ella não a

póde ter nem mais sólida nem mais segura. Esta lei é clara e evidente para aquelles mesmos que a ultrajam, e só reconduzindo os homens á natureza se lhes podem proporcionar noções palpaveis e conhecimentos seguros que, mostrando-lhes as suas verdadeiras relações, os metterão no caminho da felicidade.

«O espirito humano, *obcecado pela theologia,* não se adiantou um só passo.

«A *superstição* influiu sobre tudo, e serviu para corromper tudo.

«A philosophia, guiada por ella, não foi senão uma sciencia imaginaria.

«Em todas as difficuldades se fez intervir a Divindade, e desde então as cousas se embrulharam cada vez mais; não houve nada que as podésse esclarecer.

«D'isto nasceram os scismas em theologia e em philosophia; d'isto nasceram as religiões inventadas por *impostores* mais ou menos habeis. *Se se provasse que a religião christã vinha de Deos ou da natureza (visto que estas palavras significam o mesmo agente),* era necessario admittil-a com submissão, e demais ella se acharia em perfeita relação com a nossa organisação e com a natureza, pois que proviria d'ella.

«Permitti-me, meus irmãos, que vos falle um instante sobre este objecto.

«*O nascimento e os progressos d'esta religião mostram a sua humanidade; o exame dos dogmas e da moral que ella ensina, manifesta claramente o seu auctor; visto que o que ella tem de bom é roubado dos auctores pagãos, e visto que, no que tem de particular ao seu instituidor, não vale nada.*

«Antes de provar a divindade da religião, *seria necessa-*

rio provar a existencia de Deos, d'esse Deos que fallou aos homens e que lhes disse exactamente as mesmas cousas que se nos propoem como artigos de fé, e referir os proprios termos; se a revelação se fez por escripto, mostrar os originaes, patenteal-os em caracteres indeleveis, intelligiveis a todos, e revestidos do sêllo da divindade de quem se receberam.

«*Em quanto aos seus ministros, o mau procedimento do sacerdocio em geral, e a malvadez d'um grande numero de particulares que o compoem, degradam a magestade do primeiro sêr que se suppõe, e aniquilam o respeito que o preconceito lhe consagra. Custa a acreditar que uma fonte tão pura possa produzir tantas porcarias, e a consequencia que espiritos atilados hão tirado da contradicção que existe entre o caracter dos sacerdotes e o seu comportamento geral e particular, é o grande principio do descredito que os cobre.*

«Em segundo lugar, são as decisões d'esta gente, *em parte* pouco respeitavel, que fixam a crença. A accessão ás suas decisões não é bastante: é necessario tambem admittir, d'alma e vida, a verdade, a sagacidade, e a justiça d'ellas. *Nem todos elles empunham a espada para matar o corpo, mas teem poder de perder a alma.* A plebe, preoccupada com o seu poder espiritual, vê-se constrangida a obedecer-lhes, e o faz sem exame, porque, com effeito, toda a discussão das leis propostas pelo sacerdocio é um crime, porque se reputa dimanarem directamente da divindade. Tem-se até mesmo visto em todos os seculos do christianismo, e ainda mesmo n'este (vergonha á nossa epocha!) pessoas que tinham luzes de sobejo para conhecer o falso ou o injusto que lhes prescreviam os padres, sujeitarem-se-lhes com mêdo de des-

agradar ao Sêr Soberano, persuadindo-se de que esta duvida não era senão uma tentação do espirito maligno.

«E' n'estas circumstancias que o mal é mais perigoso, porque o povo, que é sempre imitador, e que só carece de modêlos para ser vicioso ou virtuoso, é seduzido ou arrastado pelo exemplo das pessoas, cujo talento e saber respeita.

«Ainda quando a religião christã fosse libertada d'este sacerdocio brutal, d'estas *insulsas momices*, e da sua escandalosa inquisição, como nem por isso seria mais verdadeira, tambem não seria de rigor.

«*As pessoas instruidas nunca lhe deveriam senão o respeito exterior, e deixariam á gentalha esses despreziveis motivos de ser virtuosa, essas penas e recompensas, e essa eternidade chimerica de felicidade ou desgraça.*

«Basta reflectir sobre si mesmo para achar na nossa propria natureza boas razões e motivos mais poderosos que aquelles que offerece esta religião para viver como homem honrado; a esperança das recompensas só póde diminuir o valor do bem que podêmos fazer.

«D'esta exposição dimana naturalmente a excellencia da lei natural, a qual dictou ao homem todos os seus deveres n'estas tres palavras: CONSERVA-TE.—INSTRUE-TE.—MODERA-TE.

«A lei natural não emana do pensamento humano, porque a ordem regular e constante dos factos da natureza lhe impõe a obrigação de se submetter a ella, e é sómente esta ordem immutavel ou inviolavel que constitue a bondade da lei.

«Por este conjuncto de factos naturaes, o homem adorou a natureza e seguiu as suas leis. E' tambem um culto, uma religião, porque a violação das regras que impoem

attrahe um castigo, e a sua fiel observancia proporciona ao homem toda a felicidade possivel.

«A lei natural será a vontade d'um poder politico? Não!

«E' verdade que os legisladores imaginaram applicar a religião á politica e á moral, e escorar os andaimes das instituições civis com as instituições religiosas, *porque despresavam tanto o homem, que criam que só podia ser conduzido ao bem pela illusão.*

«Olhou-se este meio como perfeição da legislação e da moral, e foi a esta perfeição que os Gregos chamaram iniciação, que civilisava o homem e lhe fazia adoptar um genero de vida conforme áquillo que se julgava verdadeiramente digno d'elle. Tinha-se conhecido a insufficiencia das leis, e d'ahi, a necessidade de chamar a divindade em seu auxilio. As leis serviram, d'esta fórma, de apoio á religião, e a religião, do seu lado, protegeu a legislação. Tal foi, diz Dupuis, a origem do pacto tyrannico *feito entre os padres e os reis.*

«Se a lei natural fosse consultada ácerca da politica, *rectificaria completamente as noções falsas que d'ella formam os soberanos e vassallos*; contribuiria muito mais que todas as outras religiões do mundo para fazer as sociedades felizes, poderosas e florescentes sob uma auctoridade razoavel.

«*Esta lei, interrogada pelos principes, lhes ensinaria que são homens e não deuses; que o seu poder só é devido ao consentimento d'outros homens; que elles são cidadãos encarregados, por outros cidadãos, de velar pela segurança de todos; que as leis não devem ser senão as expressões da vontade publica, e que nunca lhes é permittido contradizer a natureza ou oppôr-se ao fim invariavel da sociedade.*

«Esta lei ensinaria aos soberanos que, para serem amados pelos seus vassallos, lhes deviam proporcionar os auxilios

e fazêl-os gozar do bem que exige a sua natureza, e mantêl-os inviolavelmente na posse dos seus direitos, dos quaes são defensores e guardas.

«Esta lei provaria aos principes que a consultassem que não é senão por meio de beneficios que podem merecer o amor e affecto dos seus povos; que a oppressão só faz inimigos; que a violencia só grangeia um poder mal seguro; que a força não confere nenhuns direitos legitimos, e que *os subditos que amam a justiça devem cedo ou tarde insurgir-se contra uma auctoridade que se não faz sentir senão por violencias.*

«O proceder dos governos prova-nos de sobejo que esta lei tão justa não é effeito da sua vontade. (1).

«Vimos quaes eram os dogmas d'esta lei natural; vimos a sua origem.

«Os motivos que a sua moral emprega são o interesse de cada homem, de cada sociedade, de toda a humanidade, em todos os tempos, lugares e circumstancias. O seu culto é o sacrificio do vicio e a práctica das virtudes reaes; o seu objecto é a conservação, o bem-estar e a paz dos homens; as suas recompensas são a affeição, a estima e a gloria, ou, em sua falta, a estima de si mesmo, da qual nada privará aquelles que são virtuosos; os seus castigos são o odio, o desprêso, a indignação que a sociedade reserva áquelles que a ultrajam, e aos quaes ninguem se poderá subtrahir.

«As nações que se quizerem dirigir por uma moral tão

(1) Ad generum Cereris sine cœde et vulnere pauci
Descendunt reges, et sicca morte tyranni.

Juvenal, Sat. XV, 110.

«Poucos principes visitam a sombria morada de Plutão, sem deixarem o rasto de seus crimes, e poucos tyrannos descem tranquillamente ao tumulo.»

sabia, que a fizerem ensinar á infancia, cujas leis a confirmarem continuamente, não terão necessidade de superstição nem de chimeras. Aquellas que se obstinarem a preferir phantasmas aos seus mais caros interesses, caminharão com passo firme para a sua ruina; se se sustentam, é porque a força da natureza as reconduzirá algumas vezes á razão. Os *padres e os tyrannos de mãos dadas para a destruição do genero humano*, são muitas vezes tambem forçados a implorar o auxilio da razão que desprezam, ou da natureza aviltada, que esmagam debaixo do pêso das suas divindades mentirosas.

«Finalmente, meus C.·. II.·., *esta lei, estes dogmas, estes principios são os vossos principios, os vossos dogmas, a vossa lei; é para a sua propagação que vós empenhastes a vossa fé fazendo parte da Arte Real. A felicidade de todos nos impõe a obrigação sagrada de combater o flagello da especie humana*, A SUPERSTIÇÃO, *e de lhe substituir o codigo sublime da moral e da natureza.*»

14. A luta entre a Franc-Maçoneria e o catholicismo é sem trégua nem compaixão. E' o que indica com toda a evidencia o ritual do grau de cavalleiro Kadosch, segundo o qual o candidato deve varar uma serpente de tres cabeças, das quaes a do meio está coberta com uma tiara. Este instrumento de morte, este assassinato simulado são os symbolos do odio que a Franc-Maçoneria consagra ao catholicismo. Observe-se bem que nós não chegamos a pretender, como muitos escriptores, que nas lojas se dão lições de homicidio, e que se ensina alli a manejar o punhal. Não acreditamos similhante monstruosidade. Contentamo-nos em tomar esta ceremonia como um emblema destinado a inculcar ao iniciado Kadosch o dever que lhe incumbe d'ahi em

diante, de trabalhar com todas as suas forças na destruição do catholicismo representado pela cabeça toucada com uma tiara.

Folgamos muito de ir d'accordo com M. Ragon, excepto em algumas particularidades.

«O punhal, diz elle, que atterra a multidão ignorante dos maçons, não é essa arma que nós abandonamos ás mãos jesuiticas, é o *punhal mitrico, a fouce de Saturno*; assim este attributo dos eleitos recorda de novo aos perfeitos iniciados o imperio dominante do bem e do mal, symbolisado pelo cabo que é *branco* e pela lamina que é *negra*.»

Esta arma, no sentido moral, recorda aos eleitos grandes, que devem trabalhar continuamente em combater e destruir os *prejuizos*, a *ignorancia* e a *superstição*; ora, sabe-se que em linguagem maçonica os termos: erro, ignorancia, superstição, discordia, são synonimos do catholicismo.

Se, agora, passassemos aos factos, seria facil provar que a acção das lojas nunca se manifestou senão por uma hostilidade implacavel contra a religião christã. Em todos os paizes da Europa onde a Franc-Maçoneria tem chegado a constituir-se e desenvolver-se, tem transformado o seu pretendido facho da luz em um archote incendiario, destinado a reduzir a ruinas o magestoso edificio do catholicismo. Todos os discursos pronunciados pelos oradores das lojas são cheios de odio contra a religião; as circulares, os projectos, as combinações, as allianças teem o mesmo sêllo. Por que razão não accrescentaremos que o procedimento impio da maior parte dos maçons não é senão um ataque permanente contra a fé christã? Baptisados e recebidos no seio do christianismo, vêem-se por toda a parte e sempre

renegar a crença de seus paes e opprimir com seus sarcasmos os christãos sinceros que cumprem com os deveres da sua religião.

Depois d'isto, será para admirar que os Soberanos Pontifices, encarregados de velar pela conservação da religião catholica, tenham comminado penas ecclesiasticas contra aquelles que pertençam á Franc-Maçoneria? Não teriam elles faltado ao seu dever se não tivessem erguido a voz para advertir os fieis do perigo que corria a sua fé pela participação em mysterios directamente oppostos ao catholicismo? Clemente XII, pela sua constituição *In eminenti apostolatus specula*, datada de 14 de janeiro de 1738; Bento XIV, pelo seu edicto *Providas Romanorum Pontificum* e Pio VII pela sua constituição *Si antiquæ* de 15 d'agosto de 1814, julgaram dever esclarecer as nações catholicas e precavêl-as contra uma instituição destinada a bater em brecha a religião catholica.

Limitemo-nos a citar a Bulla de Clemente XII, confirmada por Bento XIV: (1).

(1) Julgamos conveniente citar não só as Bullas de Clemente XII e Bento XIV, mas tambem as de Pio VII e Leão XII. (*Nota do traductor*).

BULLA DE SUA SANTIDADE.

LEÃO BISPO

SERVO DOS SERVOS DE DEUS.

Para perpetua memoria.

Quanto mais graves, e perigosos são os males, que ameaçam o rebanho de Jesu Christo, nosso Deus, e Salvador, tanto maior cuidado, e vigilancia devem pôr em os reprimir, e affastar os romanos Pontifices, aos quaes, na pessoa de S. *Pedro*, principe dos Apostolos, foi commettido o poder, e o cuidado de o apascentar, e reger. Collocados na eminente atalaia da Egreja, é a elles que pertence descobrir de mais perto as siladas, que os inimigos do nome christão maquinam para destruir a Egreja de Jesu Christo, (o que nunca por certo conseguirão) e não só indical-as, e manifestal-as aos fieis para d'ellas se acautelarem, mas com sua authoridade affastal-as, e exterminal-as. Reconhecendo, que este gravissimo pêzo lhes fora imposto, os Pontifices romanos, nossos predecessores, empregaram constantemente os desvélos de bom pastor; e não só com exhortações, doutrinas, e decretos, mas até com a mesma vida dada pelas suas ovelhas, cuidaram, e trabalharam em prohibir, e totalmente extinguir todas as seitas, que ameaçavam a ultima ruina da Egreja. Nem sómente pela antiguidade dos annaes ecclesiasticos se póde colligir a memoria d'esta vigilancia Pontificia. O que se tem praticado, em nossos tempos, e de nossos paes, pelos Pontifices romanos, para se opporem ás seitas secretas d'esses homens que maquinam contra Jesus Christo, prova-o com toda a evidencia; porque tanto que *Clemente XII*, nosso predecessor, vio que a seita dos *Pedreiros Livres*, ou *Franc-Maçons*, ou de qualquer modo que se chame, cada vez engrossava mais, e tomava novas forças, e a qual por muitas razões sabia, que não só era suspeita, mas declaradamente inimiga da Egreja Catholica, houve por bem condemnal-a por uma sabia, e larga Bulla, que principia — *In Eminenti* — publicada a 27 de Abril de 1738, cujo theor é o seguinte.

« *Clemente* bispo, servo dos servos de Deus — A todos os fieis christãos, saude, e benção apostolica. — Collocados na eminente atalaia do Apostolado, por disposição da Divina Clemencia, bem que sem proporcionados meritos, com perpetua applicação, e desvélo, (quanto o Ceo nos permitte) segundo julgamos ser da nossa pastoral providencia, cuidamos em todas as cousas, pelas quaes, fechada a porta aos erros, e aos vicios, melhor se possa conservar a integridade da Religião Catholica, e expulsar de todo o orbe catholico, n'estes difficilimos tempos, os perigos das perturbações.

Assim, annunciando-nos isto até a fama publica, constou-nos, que

dilatada e largamente se diffundem, e vão cada vez engrossando mais algumas sociedades, ajuntamentos, congregações, aggregações, e conventiculos chamados vulgarmente de *Pedreiros Livres*, ou *Franc-Maçons*; ou por outro qualquer nome, segundo os varios idiomas, nas quaes alternativamente associam homens de qualquer religião, e seita, contentes com certa affectada especie de honestidade natural, e com impenetravel ligação, segundo as leis, e estatutos, que se tem formado; e que elles se obrigam a encobrir com inviolavel sigillo quanto ás escondidas praticam juntos, tanto com apertado juramento, dado na Sagrada Biblia, como tambem com gravissimas penas.

Mas como seja tal a natureza da maldade, que se descobre, e dá brado, que a manifesta, d'aqui veio que estas associações, ou conventiculos, tam vehemente suspeita causaram no espirito dos fieis, que o mesmo seja fallar em taes aggregações entre os prudentes, e honrados, que incorrer na nota de pravidade, e perversidade; pois que se não obrassem mal, não aborreceriam tanto a luz. O qual rumor, ou fama chegou a tanto, que em muitos paizes já as mencionadas sociedades se acham proscriptas, e desterradas pelo poder secular, como contrarias á segurança dos estados.

Nós por tanto, ponderando os gravissimos damnos, que quando mais não seja, d'estas sociedades, ou conventiculos, provém ao socego temporal dos estados, assim como á saude espiritual das almas, e que por isso, de nenhum modo se conformam com as leis civis, ou canonicas; sendo que pela divina palavra sejamos admoestados, que se deve vigiar de dia, e de noite, oomo servo fiel, e prudente, posto á testa da Familia do Senhor, que tal especie de homens não minem a casa como ladrões, e não forcejem por derrubar a vinha, á maneira das rapozas, isto é, que não pervertam os corações dos simplices, e asseteiem occultamente os innocentes, para embaraçar o larguissimo caminho, que d'ahi poderia abrir-se, para impunemente tramar iniquidades, e por outros justos, e racionaveis motivos a nós patentes, com o conselho de alguns dos nossos veneraveis irmãos, cardeaes da Santa Egreja Romana, e tambem de nosso moto-proprio, sciencia certa, e madura reflexão, e com todo o nosso poder apostolico, determinamos, e decretamos condemnar, e prohibir, como condemnamos, e prohibimos pela nossa presente Bulla, para sempre valiosa, as ditas sociedades, juntas, ajuntamentos, congregações, assembleas, ou conventiculos de *Pedreiros Livres*, ou *Franc-Maçons*, ou qualquer que seja o seu nome.

Pela qual razão, estreitamente, e em virtude de santa obediencia, ordenamos a todos, e a cada um dos fieis christãos, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade, e preeminencia que sejam, leigos, ou ecclesiasticos, tanto seculares como regulares, sem que seja necessario nomeal-os aqui cada um em particular, que nenhum debaixo de qualquer pretexto, ou estudada côr, se atreva, ou premedite entrar nas sobreditas sociedades de *Pedreiros Livres*, ou de *Franc-Maçons*, ou de qualquer outro modo denominadas, nem propagal-as, abraçal-as, ou em suas casas, ou dominios, ou em parte alguma recebel-as, e occultal-as; n'ellas alistar-se, aggregar-se, ou ter parte, nem tam pouco dar poder, ou commodidade para que em alguma parte se convoquem, nem ministrar-lhes cousa alguma, ou prestar-lhes conselho, auxilio, ou favor abertamente, ou em segredo, directa ou indirectamente, por si, ou por outros, de qualquer modo;

nem mesmo exhortar, induzir, provocar, ou persuadir a outros que se alistem, conservem, ou intervenham em taes sociedades, ou de qualquer modo as ajudem, e fomentem; mas antes, que totalmente se devem abster das mesmas sociedades, das suas reuniões, ajuntamentos, congregações, assembléas, e conventiculos; sob pena de excommunhão, na qual ficarão sem mais alguma declaração incursos pelo *mesmo facto* todos aquelles, que tiverem contravindo a esta prohibição, como acima fica dito, e da qual excommunhão ninguem poderá obter o beneficio da absolvição (salvo em artigo de morte) senão por nós ou pelo romano Pontifice, que n'esse tempo existir.

Queremos além d'isto, e mandamos, que tanto os bispos, e prelados superiores, e outros ordinarios dos lugares como os inquisidores, que houver em qualquer parte contra a heretica pravidade, procedam, e inquiram contra os transgressores, sejam de que estado, grau, condição, ordem, dignidade, ou preeminencia forem, e com adequadas penas os castiguem, e obriguem como vehementemente suspeitos de heresia, pois lhe damos, e conferimos livre faculdade a elles, e a qualquer d'elles, de proceder, e inquirir contra os mesmos transgressores, e de os obrigar e castigar, requerendo mesmo para isso, se preciso fôr, o auxilio do braço secular.

Queremos pois, que ás copias, mesmo impressas da presente, assignadas por qualquer notario publico, e authorisadas com o sêllo de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se preste a mesma fé que se daria ao proprio original, se se apresentasse, ou mostrasse.

Ninguem pois se permitta infringir este acto de declaração, condemnação, preceito, prohibição, interdicto; nem com temeraria ousadia, oppor-se a elle: mas se alguem presumir tentar isso, saiba que incorre na indignação de Deos Omnipotente, e dos Apostolos S. *Pedro* e S. *Paulo*.

Dada em Roma, em Santa Maria Maior, no anno da Encarnação do Senhor 1738, aos 27 de Abril, e no anno oitavo do nosso pontificado.»

Com tudo, todas estas determinações não pareceram bastantes a *Benedicto* XIV., tambem nosso predecessor, de respeitavel memoria. Fallava-se muito, e por toda a parte nas conversações, que a pena de excommunhão imposta na Bulla de *Clemente* XII, ha pouco fallecido já não valia, porque *Benedicto* XIV, a não confirmara.

Era na verdade um absurdo contestar, que as leis dos Pontifices anteriores não valiam, não sendo expressamente confirmadas pelos seus successores, quando além d'isso era patente a todos, que a Bulla de *Clemente* XII, fôra muitas vezes ratificada por *Benedicto* XIV. Com tudo, para tirar esta astuciosa cavilação das mãos dos sectarios, o mesmo *Benedicto* XIV, julgou a proposito que devia publicar uma nova Bulla, que principia — *Providas* — de 18 de Março de 1751, na qual confirmou a Bulla de *Clemente* XII., referida pelas mesmas palavras, especificadamente, e a qual se reputa pela mais ampla, e efficaz. A Bulla de *Benedicto* XIV. é a que se segue.

Benedicto bispo, servo dos servos de Deus — Para perpetua memoria. —Não só respeitamos as próvidas leis dos romanos Pontifices, nossos predecessores, e suas ordenações, cujo vigor ou possa attenuar-se pelo descuido humano, ou extinguir-se, mas até julgamos, que devemos corroborar, e confirmar aquellas, que ganham nova força, e pleno vigor, em causas justas, graves, e urgentes, pelo novo apoio de nossa authoridade.

Com effeito, o nosso predecessor, de feliz memoria, o Papa *Clemente* XII. por suas letras apostolicas, dadas a 27 de Abril, no anno da Encarnação do Senhor de 1738, oitavo do seu pontificado, e dirigidas a todos os fieis christãos, as quaes começam — *In Eminenti* — condemnou, e prohibiu perpetuamente algumas sociedades, juntas, ajuntamentos, congregações, ou aggregações, conventiculos, vulgarmente chamados de *Pedreiros Livres*, ou *Franc-Maçons*, ou de qualquer outro modo denominadas, então largamente diffundidas por alguns paizes, e que com o tempo iam augmentando; mandando a todos os fieis (sob pena de excommunhão, em que *ipso facto* incorreriam, sem mais declaração alguma, e da qual ninguem poderia ser absolvido, senão pelo Pontifice romano, então existente, excepto em artigo de morte) que ninguem se atrevesse, ou pretendesse entrar n'estas sociedades, ou propagal-as, favorecel-as, recolhel-as, occultal-as, nem alistar-se, aggregar-se, ou interessar-se n'ellas, e de qualquer outro modo, como nas mesmas letras (ou Bulla mais largamente se contém, cujo theor é o seguinte, a saber etc. etc. etc.

Como porém houvessem individuos, segundo nos consta, que não duvidam affirmar, e blanozar em publico, que a dita pena de excommunhão, imposta como fica referido, pelo nosso predecessor, já não valia por isso mesmo que a dita Bulla atraz referida não tinha sido confirmada por nós, como se se requeresse de qualquer Pontifice successor expressa confirmação das constituições apostolicas existentes, expedidas pelo seu predecessor.

E como tambem nos fosse insinuado por alguns varões pios, e tementes a Deus que para tirar todos os subterfugios, e declarar a conformidade de nosso animo com a mente, e vontade do mesmo nosso predecessor, seria de grande utilidade, que juntassemos o suffragio da nossa confirmação á Bulla do nosso predecessor.

Cumpre se saiba, que nós até aqui benignamente temos concedido absolvição da incursa excommunhão, tanto antes, como principalmente no Jubileu passado, a muitos fieis christãos verdadeiramente arrependidos, e contrictos de terem violado as ditas constituições, e que prometteram de todo o coração se apartariam das ditas sociedades, ou conventiculos, e nunca mais tornariam para o futuro a entrar n'ellas: e egualmente que communicamos aos penitenciarios por nós deputados a faculdade de poderem dar em nosso nome, e por nossa authoridade, a mesma absolvição aos penitentes d'esta natureza, que a elles concorressem; nunca tambem deixando de instar com solicita applicação de vigilancia que se procedesse pelos competentes juizes, e tribunaes, contra os violadores da mesma Bulla, segundo a extensão do delicto; o que elles muitas vezes fizeram, no que não só demos provaveis, mas evidentes e indubitaveis argumentos, dos quaes assaz claramente se deveram inferir o sentido, e a firme, e dedicada vontade de nosso animo ácerca do vigor, e subsistencia da censura imposta pelo dito *Clemente*, nosso predecessor, como fica referida. Por tanto se alguma opinião houver contraria a nosso respeito, nós a podemos seguros desprezar, e deixar a nossa causa ao justo juizo de Deus Omnipotente lembrando-nos d'aquellas palavras, que consta em outro tempo se recitaram entre as Sagradas Orações: *Rogamos, Senhor, façaes que não attendamos ao vituperio dos juizos reprobos, e vos pedimos que calcada a propria maldade não consintaes nos aterremos com injustas detracções, nem nos*

enredemos em capciosas adulações, antes só amemos aquillo, que vós ordenaes: como traz um antigo missal que se atribue a S. *Gelasio*, nosso predecessor, e que foi publicado pelo veneravel servo de Deus *José Maria*, cardeal *Thomazio*, na missa que se intitula — *Contra obloquentes* — (contra os maldizentes.)

Para que com tudo se não possa dizer, que omittimos cousa alguma, com que facilmente possamos tirar o pasto a mentirosas calumnias, e tapar-lhes a bôcca: ouvido primeiro o parecer de alguns veneraveis cardeaes da Santa Romana Egreja, nossos irmãos, decretamos confirmar pela presente a mesma Bulla do nosso predecessor, (como acima fica inserta, palavra por palavra) a qual é a mais ampla, e efficaz, assim como de sciencia certa, e com plena authoridade apostolica; em tudo, e por tudo, pelo theor das presentes letras, a confirmamos, validamos, e renovamos; e queremos, e decretamos tenha perpetua força, e efficacia, como se originalmente fosse expedida de nosso moto-proprio, authoridade, e em nosso nome.

Entre os gravissimos motivos da sobredita prohibição, e condemnação, annunciados na Bulla atraz transcripta, um é, que nas taes sociedades, e conventiculos, associam reciprocamente homens de qualquer religião, ou seita, do que assaz se manifesta, quam grande perdição d'ahi possa resultar á pureza da Religião Catholica. O outro é o vinculo apertado, e impenetravel do segredo com que occultam o que se faz em seus conventiculos, aos quaes justamente se póde applicar aquella sentença de Cecilio Natal, em Minucio Felix, em bem diversa causa: *as cousas honestas, sempre folgam com a publicidade, e as maldades gostam do segredo.* O terceiro é o juramento com que se obrigam a guardar inviolavelmente o tal segredo, como se fôra licito a alguem por encubrir qualquer promessa, antes matar-se do que interrogado pela legitima authoridade, confessar tudo quanto se indaga, para vir no conhecimento de se n'essas sociedades, e assembléas, se faz alguma cousa contra a Religião, ou contra o estado, e suas leis. O quarto é, que estas sociedades se conhece serem contrarias não menos ás leis civis, que canonicas; pois que no mesmo direito civil se prohibem todas as congregações, e sociedades, reunidas sem authoridade publica, como se póde vêr nas Pandectas, liv. 47. tit. 22. de *Collegiis, et corporibus illicitis*, e na celebre carta de *Caio Plinio Cecilio Segundo*, que é a 97. do liv. decimo, na qual diz: Que por seu edicto, conforme as ordens do Imperador, fôra prohibido, que houvesse — *Heterias* — isto é, que se não podésse entrar em sociedades, e assembléas, nem fazêl-as sem authoridade do Principe. O quinto é, que já em muitos paizes, as mencionadas sociedades, e congregações fôram proscriptas, e desterradas pelas leis dos Principes seculares. O ultimo em fim é, que entre os varões prudentes, e honrados, são tidas em má conta as ditas sociedades, e congregações; e a juizo dos mesmos, todos os que n'ellas se alistam, incorrem na nota de maldade, e perversidade.

Por tanto o nosso mesmo predecessor, na Bulla atraz transcripta, excita os bispos, os prelados superiores, e a outros ordinarios dos lugares, que em sua execução (se preciso fôr) não deixem de invocar o auxilio do braço secular.

O que tudo, e cada cousa em particular, não só approvamos, e confirmamos, recommendamos, e encarregamos respectivamente aos mesmos ecclesiasticos superiores, mas tambem nós mesmos, em cumprimento da

nossa apostolica solicitude, pelas nossas presentes letras invocamos, e vivamente requeremos, para effeito do referido, o auxilio, e soccorro dos Principes catholicos, e de todas as potestades seculares; pois que os mesmos supremos Principes, e potestades são por Deos escolhidos para defensores da fé, e protectores da Egreja; e por isso devem sempre fazer por todos os meios conducentes, que se preste o devido respeito, e exacta observancia ás constituições apostolicas, o que lhes trouxeram á lembrança os padres do Concilio Tridentino, na sessão 25. cap. 20., e muito antes havia declarado o Imperador *Carlos Magno*, no tit. 1. cap. 2. dos seus capitulares, onde depois de pedir a todos os seus subditos a observancia das leis ecclesiasticas, accrescenta: *Por quanto de nenhum modo podemos conhecer como possam conservar-se fieis a nós aquelles, que se mostrarem infieis a Deus, e desobedientes aos seus sacerdotes.* Por isso, encarregando a todos os chefes, e ministros dos seus dominios, que obrigassem a todos á devida obediencia, que inteiramente se devia tributar ás leis da Egreja, tambem impoz gravissimas penas contra aquelles, que deixassem de o fazer, ajuntando entre outras cousas: *Aquelles porém que n'isto (o que Deos não permitta) fôrem remissos, e desobedientes, saibam, que nem gozarão de honras no nosso imperio, ainda que sejam filhos nossos, nem terão lugar em palacio, nem comnosco, nem sociedade, nem communicação alguma com os nossos, antes sim soffrerão castigo em aperto, e penuria.*

Queremos pois, que ás copias mesmo impressas da presente, assignadas por qualquer notario publico, e authorisadas com o sêllo de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se preste a mesma fé, que se daria ao proprio original, se se appresentasse, ou mostrasse.

Ninguem pois se permitta absolutamente infringir esta folha de nossa confirmação, renóvação, approvação, commissão, invocação, requisição, decreto, e vontade, nem com temeraria ousadia oppor-se a ella. Mas se alguem presumir tentar isso, saiba que incorre na indignação de Deus Omnipotente, e dos Apostolos *S. Pedro e S. Paulo.*

Dada em Roma, em Santa Maria Maior, no anno da Encarnação do Senhor de 1751, aos 18 de Março, e anno undecimo do nosso pontificado.»

Prouvera a Deus, que estes decretos tivessem sido tam avaliados pelos governos da terra, quanto o exigia a salvação da Egreja, e do estado! Prouvera a Deos que elles se tivessem persuadido, que deviam olhar para os romanos Pontifices, e successores de *S. Pedro*, não sò como pastores, e mestres da Egreja universal, mas como defensores acerrimos da sua mesma dignidade, e diligentissimos descubridores dos perigos que os ameaçam! Prouvera a Deus, que elles tivessem usado do seu poder, e authoridade para repellir as seitas, cujos pestiferos conselhos lhe tinham sido manifestados pela Santa Sé Apostolica! Se assim fosse, já tudo se teria acabado.

Mas como julgassem que esta causa se devia desprezar; ou ao menos tratar de pouca entidade, (ou levados pelos enganos, e fraudes dos sectarios, que astuciosamente lhe occultavam suas manobras, ou pelos imprudentes conselhos de alguns) d'aquellas antigas seitas *Maçonicas*, (que nunca tinham esfriado) nasceram outras muitas, peiores, e mais audazes que as antecedentes. A todas estas parece tel-as abraçado em seu seio a seita dos *Carbonarios*, a qual não só era considerada como a princi-

pal de todas na Italia, e em outros paizes, mas dividida em varios ramos, sómente diversos no nome, tomou á sua conta impugnar com todas as suas forças a Religião Catholica, e todo, e qualquer poder supremo, civil, e legitimo.

No meio de tanta calamidade o Summo Pontifice *Pio* VII., de feliz memoria, a quem Nós succedemos, querendo salvar a Italia, e outros paizes, e até os Estados Pontificios (nos quaes estando impedido por um pouco o governo Pontificio, a tal seita tinha penetrado juntamente com os estrangeiros seus invasores) condemnou com gravissimas penas a seita dos *Carbonarios*, debaixo de todo, e qualquer nome, que ultimamente tivesse tomado, segundo a diversidade dos lugares, das linguas, e dos homens, pela Bulla dada aos 13 de Setembro do anno de 1821, cuja Bulla começa — *Ecclesiam a Jesu Christo,* — e cujo traslado julgamos, que deviamos tambem ajuntar a estas nossas letras, e é do theor seguinte.

«*Pio* servo dos servos de Deos — Para perpetua memoria. — A Egreja fundada por nosso Divino Salvador Jesu Christo sobre um rochedo immutavel, contra o qual, segundo suas proprias palavras, não prevalecerão as portas do inferno, tem já sido atacada tantas vezes, e por tantos inimigos terriveis, que, se não fora esta palavra divina, e eterna, parecia haver razão de temer, que a força, ou os artificios, ou os ardis d'estes inimigos a não fizessem de todo succumbir. Mas o que já tinha acontecido em tempos mais remotos, se renovou mais tarde, e particularmente em nosso deploravel seculo, que parece ser aquelle predicto pelos Apostolos, que nos disseram: — (1) *Por quanto nos ultimos tempos appareceriam homens impostores, que andariam segundo as suas paixões, todas cheias de impiedade,* — por quanto é por todos sabido quantos calumniadores tem conspirado n'estes desgraçados tempos contra o Senhor, e seus Ungidos, e cujos principaes esforços tem tido por alvo (2) enganar os fieis com uma filosofia mundana, e com falsidades ócas de sentido, aniquillar a doutrina da Egreja, e por consequencia a propria Egreja, posto que tenham sido baldados todos os esforços a este respeito. A fim de chegarem facilmente a este ponto têm a maior parte d'elles formado sociedades secretas, e seitas occultas, por meio das quaes esperavam arrastar mais facilmente grande numero de pessoas a tomar parte na sua conspiração, e nos seus criminosos actos.

Em todos os tempos, quando a Santa Sé tem descuberto simillhantes seitas, tem alta e francamente levantado contra ellas a sua voz, e tem descortinado os planos, que ellas em segredo formavam contra a Religião, e mesmo contra a sociedade politica. Sem cessar tem exhortado a todos, que vigiem attentamente, em que estas seitas não consigam executar os projectos, que hajam formado em sua perversidade. E' com tudo para lamentar, que estas diligencias da Sé Apostolica não tenham sido coroadas do bom exito, que ella se promettera, e que esses homens audaciosos não tenham renunciado a empreza, que haviam formado; da qual se tem originado todos os males, de que nós mesmos temos sido testemunhas. Ainda mais, esses homens tem-se abalançado até a formar novas associações secretas.

(1) Carta de S. *Judas* Ap. v. 18.
(2) Carta de S. *Paulo* aos Collossenses, c. 5. v. 8.

Entre estas cumpre nomear primeiro a associação formada ha pouco, que se tem estendido por toda a Italia, e mesmo por outros paizes, e que posto que subdividida em differentes seitas, conhecidas por nomes differentes, e particulares, está com tudo reunida por um vinculo commum de principios, e de crimes, e é geralmente conhecida pelo nome de seita dos *Carbonarios*. Os membros d'esta seita fingem na verdade particular respeito, e maravilhoso zèlo para com a Religião Catholica, bem como para com a Pessoa, e doutrina de Jesu Christo, nosso Salvador, que elles se permittem até algumas vezes denominar, por uma blasfemia, o chefe, e o *Grão-Mestre* da sua sociedade! Mas estas palavras dòces não são outra cousa mais que settas, de que estes astutos homens (que no coração são lobos, cobertos com pelles de ovelhas) se servem para com tanta maior segurança ferirem aquelles, que não se acham acautelados.

Além de que o juramento, que dão, á imitação dos antigos *Priscilianos*, de jámais em caso algum darem a saber ás pessoas, que não foram recebidas na sociedade, as cousas, que a esta dizem respeito, nem darem parte aos membros dos graus inferiores do que toca aos graus mais elevados; assim como as reuniões secretas, e illegaes, que fazem, á maneira de diversas classes de hereges, e a admissão das pessoas de qualquer religião, ou seita que sejam, sufficientemente provam, que nenhuma fé se deve dar ás suas sobreditas protestações.

Porém não ha precisão de conjecturas, e de argumentos, para julgar suas opiniões. Os livros, que elles tem publicado, nos quaes se descreve o seu modo ordinario de obrar em suas assembléas, sobre tudo a respeito dos graus elevados; os seus cathecismos, e estatutos, e outros documentos authenticos, e da maior importancia, assim como o testemunho d'aquelles, que depois de terem pertencido á sociedade, a tem abandonado, e tem declarado aos juizes legaes os seus erros, e ardis; evidentemente mostram, que o objecto principal dos *Carbonarios* é obter para cada um liberdade illimitada de comportamento, e religião, introduzir uma indifferença em materia de Religião, mais funesta, que nenhuma outra cousa; profanar, e deshonrar a Paixão de Jesu Christo com ceremonias de sua invenção; tornar despresiveis os Sacramentos da Egreja, e até os mysterios da Religião, que substituem por outros imaginados por elles; derrubar finalmente a Santa Sé Apostolica, contra a qual estão animados de um odio particular, por isso mesmo que ella sempre gozou da primazia (1) de cadeira apostolica, formando para esse fim os mais abominaveis conlôios.

Por estes mesmos documentos se vê, que as regras dadas pela sociedade dos *Carbonarios* a respeito da moral, não são menos funestas, posto que altamente se gabem de exigirem dos seus consocios o praticarem a caridade, e toda a qualidade de virtudes, e evitarem cuidadosamente todos os vicios, o que não embaraça que ella não favoreça a mais desenfreada sensualidade. Ella ensina, que é permittido matar aquelles, que não guardam o juramento, que deram relativamente aos segredos da sociedade; e ainda que o Principe dos Apostolos S. Pedro diz aos christãos: (2) *Submettei-vos pois a toda a humana creatura, por amor de Deos; quer*

(1) S. *Agostinho*, Carta 43.
(2) Carta 1.ª de S. *Pedro*, cap. 2. v. 13.

seja ao rei, como a soberano, quer aos governadores, como enviados por elle, etc. — e que tambem S. *Paulo* diz: — *Todo o homem esteja sujeito ás potestades superiores,* (3) — esta sociedade ensina com tudo, que é permittido excitar sublevações, e tirar os poderes aos reis, e aos outros que governam, que elles injustissimamente, e sem distincção, denominam *tyrannos.*

Taes são os principios, e os regulamentos d'esta sociedade, que tem ultimamente dado occasião aos crimes commettidos pelos *Carbonarios* na Italia, com grande mágoa de todos os homens honrados, e pios. Esta é a razão porque nós crêmos, que, em qualidade de Pastor de *Israel,* isto é, da Santa Egreja, e em virtude do nosso officio pastoral, que nos ordena não consintamos, que o rebanho do Senhor padeça damno algum, nos não é permittido differir o pôr termo aos profanos esforços d'estes homens, nós a isso somos de mais a mais impellidos pelo exemplo dos nossos predecessores, de feliz memoria *Clemente* XII., e *Benedicto* XIV.; o primeiro dos quaes, pela Bulla — *In Eminenti* — de 27 de Abril de 1738, e o outro pela Bulla — *Providas* — de 17 de Maio de 1751, condemnaram, e prohibiram as sociedades conhecidas pelo nome de *Pedreiros i vres,* ou debaixo de qualquer outro nome que ellas se apresentem, segundo os paizes, ou as linguas, devendo a sociedade dos *Carbonarios* ser olhada, se não como um ramo d'esta, ao menos como sua imitadora. E ainda que nós já em dous edictos, que nos foram propostos pelo nosso secretario d'estado, tenhamos já severamente prohibido esta sociedade, julgamos todavia, a exemplo dos nossos sobreditos predecessores, devermos publicar do modo mais solemne as penas, em que incorrem os membros d'esta sociedade, e que é tanto mais urgente, quanto os *Carbonarios* tem sustentado, que não eram comprehendidos nas ditas Bullas de Clemente XII., e Benedicto XIV., e que não deviam por conseguinte ser sujeitos ao juizo, e penas indicadas n'ellas.

Depois de ter ouvido uma congregação especial de nossos veneraveis irmãos os cardeaes da Santa Egreja Romana, e por seu conselho, bem como de nosso moto-proprio, sciencia certa, e madura reflexão, temos resolvido, e decidido, em virtude da plenitude do nosso poder apostolico, que a sobredita sociedade dos *Carbonarios,* ou qualquer outro nome, que ella possa ter, suas associações, reuniões, assembléas, e fraternidade, devem ser condemnadas, e prohibidas, como nós as condemnamos, e prohibimos pela presente Bulla, que terá vigor para sempre.

Ordenamos por tanto a todos, e a cada um dos christãos, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade, ou preeminencia que sejam, seculares, ou ecclesiasticos, religiosos regulares, ou seculares, sem que seja necessario nomeal-os aqui cada um em particular, e em virtude de santa obediencia, o permittirem-se jámais, debaixo de qualquer pretexto que seja, entrar na sobredita sociedade dos *Carbonarios,* ou qualquer outro nome, que possa ter, propagal-a, favorecel-a, ou recebel-a, e occultar em sua morada, em sua casa, ou em qualquer outra parte, fazer-se iniciar n'esta sociedade, seja em que grau fôr; consentir que ella se junte, ou dar-lhe conselhos, soccorros abertamente, ou em segredo, directa ou indirectamente, ou tambem angariar outros, seduzil-os, leval-os, ou persuadil-os a fazerem-se receber, ou iniciar n'esta sociedade, em qualquer

(3) Carta de S. *Paulo* aos romanos cap. 13. v. 1.

grau que seja, ou assistir ás suas reuniões, ou ajudal-as, ou favorecel-as de qualquer modo que fôr; mas pelo contrario se conservem cuidadosamente affastados d'esta sociedade, das suas associações, reuniões, fraternidade, ou ajuntamentos sob pena de excommunhão, na qual incorrem, *ipso facto*, todos aquelles que tiverem contravindo a esta prohibição, nem jámais possa ser-lhes levantada senão por nós, ou por nossos successores, e isso unicamente em perigo de morte.

Ordenamos além d'isto a todos, e a cada um, sob pena da sobredita excommunhão, que logo que tenham noticia, de que alguma pessoa pertence a esta sociedade, ou se tem feito réo de algum dos delictos acima mencionados, o declare ao bispo, ou ás outras authoridades, a quem isto competir.

Finalmente para evitarmos com mais cuidado todo o perigo de erro, condemnamos, e regeitamos todos os cathecismos, e livros, nos quaes se descrevem os *Carbonarios*, e o que se faz em suas assembléas, assim como os seus estatutos, e regulamentos, e todas as obras que tem sido publicadas em sua defeza, quer impressos, quer manuscriptos, e prohibimos a todos os fieis, debaixo da mesma pena de excommunhão, lêrem, ou guardarem os sobreditos livros, ou algum d'elles, e ordenamos, que os remettam ao seu bispo, ou a qualquer outro, que tenha direito de os receber.

Queremos que os exemplares impressos do presente breve apostolico, quando fôrem assignados pela mão de um notario publico, e munidos do sêllo de algum dignitario da Egreja, obtenham a mesma fé, que o proprio original.

Ninguem pois á vista d'isto se permitta ousadamente obrar em opposição a esta nossa presente declaração, condemnação, ordem, prohibição e bando. Se com tudo alguem ousar fazer o contrario, saiba que attrahe sobre si a cólera de Deos Omnipotente, e dos Apostolos S. *Pedro* e S. *Paulo*.

Dada em Roma, em Santa Maria Maior, no anno da Encarnação do Senhor, 1821, a 13 de Setembro, e vigessimo segundo do nosso pontificado.»

Não muito depois de publicada esta Bulla por *Pio* VII. fomos nós elevados á suprema cadeira de S. *Pedro*, sem merecimentos alguns da nossa parte, e logo applicamos todo o nosso desvélo para descubrir qual fosse o estado das sociedades secretas, qual o seu numero, e qual o seu poder. N'esta indagação facilmente viemos a conhecer, que a sua audacia tinha crescido até ao ponto de se terem engrossado, e augmentado com seitas novas por causa do seu grande numero, sendo a mais memoravel entre ellas, aquella que se chama — *Universitaria* — assim chamada por ter o seu principal assento, e domicilio em muitas universidades de estudos, nas quaes os mancebos são iniciados, e formados para toda a iniquidade, por alguns mestres, que em lugar de os instruir, os pervertem com os mysterios da sua seita, que mais verdadeiramente se devem chamar mysterios de iniquidade.

D'aqui nasceu, que passado ainda tanto tempo depois, que pela primeira vez os fachos da rebellião se accenderam na europa, pelas seitas secretas, e se ostentaram por meio dos seus sectarios: e ainda depois de alcançadas illustres victorias pelos mais poderosos Principes, com as quaes esperavam que os taes fachos se apagassem, ainda os malvados intentos,

e detestaveis esforços das mesmas seitas não tiveram fim. Por quanto n'aquelles mesmos paizes, nos quaes parece terem aquietado aquellas antigas calamidades, que receio não ha de novas perturbações, e desordens, as quaes aquellas seitas estão constantemente maquinando? Quantos, sustos d'aquelles impios punhaes, que são cravados occultamente nos corpos d'aquelles a quem destinam para morrer?

Quantas, e quam graves leis são obrigados muitas vezes a ordenar talvez constrangidos, aquelles que governam, só para conservar a tranquillidade publica?

D'aqui nascem aquellas funestissimas calamidades, com que a Egreja é vexada, e opprimida, quasi por toda a parte; e as quaes não podemos recordar sem dôr, e com muito sentimento. Sem pejo, nem vergonha são impugnados os seus dogmas, e preceitos mais santos: abate-se a sua dignidade, e aquella paz, e felicidade, da qual ella deveria gozar pelo direito, que lhe pertence, não só é perturbada, mas totalmente destruida.

Não se julgue porém, que todos estes males, e outros muitos, que deixamos em silencio, são imputados com falsidade, e calumnia a estas seitas occultas, e secretas. Os livros, que os chefes d'estas seitas não duvidaram publicar sobre a Religião, e o estado, nos quaes desprezam todo o poder, blasfemam da magestade, e dizem que Jesu Christo ou é um escandalo, ou uma loucura; chegando a ensinar muitas vezes, que não existe Deus, e que a alma do homem acaba juntamente com o corpo Os codigos, e estatutos, nos quaes se explicam seus conselhos, e instituições, declaram com toda a evidencia, que tanto aquellas cousas de que já fizemos menção, assim como as que tendem a arruinar os legitimos Principados, e destruir inteiramente a Egreja, tudo tem a sua origem n'estas seitas; devendo-se ter por certo, e incontestavel, que todas estas seitas, ainda que diversas em o nome, são em tudo entre si unidas pelo detestavel vinculo de torpissimos conselhos.

A' vista do que Nós julgamos, que era da nossa obrigação condemnar outra vez estas seitas secretas, e de tal sorte, que nenhuma d'ellas se possa jactar que não fica comprehendida n'esta nossa sentença apostolica, e debaixo d'este pretexto induzir a erro os incautos, e menos perspicazes. Por tanto Nós, com o conselho dos nossos veneraveis irmãos, os cardeaes da Santa Egreja Romana, e tambem de nosso moto-proprio, sciencia certa, e madura reflexão, prohibimos para sempre todas as *sociedades secretas*, tanto as que existem agora, como as que talvez pelo tempo adiante apparecerem; e aquellas finalmente que se propõem destruir a Egreja, e os supremos poderes civis, de que já acima fizemos menção, qualquer que seja o seu nome, debaixo das mesmas penas, que se contém nas letras dos nossos predecessores, já referidas n'esta nossa Bulla, e as quaes expressamente confirmamos.

Pelo que estreitamente, e em virtude de santa obediencia, ordenamos a todos, e a cada um dos fieis christãos, de qualquer estado, graduação, condição, ordem, dignidade, ou preeminencia, quer sejam leigos, ou clerigos, tanto seculares, como regulares, ainda mesmo os dignos de especifica, e individual menção, e expressão, para que nenhum, debaixo de qualquer pretexto, ou estudada côr, se atreva, ou presuma entrar nas sobreditas *sociedades*, de qualquer modo denominadas, propagal-as, abraçal-as, ou em suas casas, ou dominios, ou em parte alguma recebel-as, e occultal-as;

n'ellas, ou em algum dos seus graus alistar-se, aggregar-se, ou ter parte, nem tam pouco dar poder, ou commodidade para que em alguma parte se convoquem, nem ministrar-lhes cousa alguma, ou prestar-lhes conselho, auxilio, ou favor abertamente, ou em segredo, directa ou indirectamente, por si, ou por outros, de qualquer modo; nem mesmo exhortar, induzir, provocar, ou persuadir a outros, que se alistem, conservem, ou intervenham em taes *sociedades*, ou de qualquer modo as ajudem, e fomentem: antes que totalmente se devem abster das mesmas sociedades, reuniões, ajuntamentos, assembléas ou conventiculos, sob pena de excommunhão; na qual ficarão, sem mais alguma declaração, incursos, pelo mesmo facto, todos os que contravierem a isto, como acima fica dito, e da qual excommunhão ninguem poderá obter o beneficio da absolvição (salvo em artigo de morte) senão por nós, ou pelo romano Pontifice, que n'esse tempo existir.

Ordenamos além d'isto a todos, debaixo da mesma pena de excommunhão, a nós reservada, e aos romanos Pontifices, nossos successores, para que sejam obrigados a denunciar aos bispos, e aos mais a quem isto pertencer, todos aquelles, que souberem estão alistados n'estas sociedades secretas, ou que estiverem incursos no crime, que acima mencionamos.

Condemnamos porém com especialidade, e declaramos inteiramente nullo, e de nenhum valor, aquelle juramento impio, e malvado, a que se obrigam aquelles que se alistam n'estas *seitas* de não descubrirem a pessoa alguma o que se passa n'ellas, e que punirão com pena de morte todos aquelles dos seus socios, que o manifestarem aos superiores, ou sejam ecclesiasticos, ou leigos. E porque? Não será por ventura nefando um juramento, (que se deve descubrir em direito) pelo qual cada um se obriga a uma morte injusta, e a desprezar a authoridade d'aquelles, que governando a Egreja, e a legitima sociedade civil, tem direito a conhecer de tudo, de que depende a paz da Egreja, e a segurança do estado? Não será a maior de todas as iniquidades, e indignidades chamar ao mesmo Deos para testemunha, e fiador d'estes horrorosos crimes? Ajustadamente pois disseram os padres do 3.° Concilio de Latrão, no Can. 3.° — *Não se devem chamar juramentos, màs perjurios aquelles, que são dados contra a utilidade da Egreja, e decretos dos santos padres* — e não se deve tolerar o descaramento, ou loucura d'aquelles homens, que não só no seu coração, mas até diante de todos, e nos seus escriptos publicos dizem — *Que não existe Deos* — se atrevem com tudo a exigir um juramento de todos aquelles, que se alistam nas suas seitas!

Eis-aqui o que nos pareceu ordenar para reprimir, e condemnar todas estas seitas furiosas, e detestaveis. Agora porém me dirijo a vós, meus veneraveis irmãos catholicos, Patriarchas, Primazes, Arcebispos, e Bispos, e não só vos pedimos, mas instantemente supplicamos a vossa coadjuvação. Attendei por vós, e por todo o rebanho, sobre que o Espirito Santo vos constituiu bispos, para governardes a Egreja de Deos; porque os lobos arrebatadores vos accommetterão, e não hão-de perdoar ao rebanho; mas nada d'isto temaes, nem façaes a vossa vida mais preciosa, que a vós mesmos; lembrai-vos, que das vossas pessoas pende em grande parte a constancia, que devem ter na Religião, e na virtude aquelles, que vos foram confiados; porque ainda que vivamos nos dias — maus —, e n'aquelles

tempos em que muitos não soffrem a san doutrina, com tudo ainda existe em grande numero de fieis, um certo respeito, e obediencia para com os seus Pastores, aos quaes com razão veneram, como ministros de Jesu Christo, e dispensadores dos seus Divinos Mysterios. Usai por tanto, para bem das vossas ovelhas, d'aquella authoridade, que para salvação das suas almas vos foi confiada por graça especial do Eterno Deos. Conheçam por vós os dólos d'estes sectarios, e com quanta diligencia devem fugir d'elles e do seu procedimento. Aborreçam, por vossa authoridade e instrucção, a doutrina perversa d'aquelles, que não só escarnecem os Santissimos Mysterios da nossa Religião, e a pureza dos preceitos de Jesu Christo, mas atacam todo o poder, que é legitimo. E para vos fallar com as mesmas palavras do nosso predecessor *Clemente* XIII., na sua carta circular, dirigida a todos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, e Bispos da Egreja Catholica, de 14 de Setembro de 1758 — *Revistamo-nos, eu vos peço, da fortaleza do espirito do Senhor, de juizo, e valor ; e não soffshould ramos á maneira de cães mudos, que não podem ladrar, que os nossos rebanhos sejam expostos á rapina, e que as nossas ovelhas sejam devoradas por todas as feras do campo. Nada nos atemorise, antes nos devemos expôr a todos os combates, pela gloria de Deos, e salvação das almas. Lembremo-nos, que Jesu Christo supportou contra si proprio a mesma contradição da parte dos peccadores. Porém só por desgraça temermos a audacia dos impios, então acabou-se o vigor do episcopado, e o sublime, e divino poder do governo da Egreja : Nem finalmente poderemos jámais merecer o nome de verdadeiros christãos, e chegarmos a ter a fraqueza de temer as ameaças, e as traições d'elles sectarios desgraçados.*.

Supplicamos tambem com o maior empenho a vossa protecção, ó principes catholicos, nossos amados filhos em Jesu Christo, a quem amamos com um amor especial, e por isso mesmo vos trazemos á memoria aquellas mesmas palavras, das quaes se serviu S. Leão o grande, (do qual somos, ainda que sem merecimentos, successores na dignidade, e herdeiros tambem do mesmo nome) escrevendo ao imperador Leão — *Deves constantemente lembrar-te, que o poder real te foi dado, não só para governar o mundo, mas especialmente para protector da Egreja, e de tal sorte, que reprimindo os ataques dos seus inimigos, não só defendas as suas leis, e preceitos, mas restabeleças a paz, se ella fôr perseguida.* — Ainda que, no tempo presente ha uma differença bem notavel, pois que todas as seitas e sociedades secretas devem ser destruidas com vosso esforço, não só para defender a Religião catholica, mas para segurar a vossa conservação, e de todos os povos, que estão sujeitos ao vosso dominio ; por quanto, n'estes calamitosos tempos a causa da Religião está tam intimamente ligada com a conservação da sociedade, que uma de nenhuma sorte se póde separar da outra, e porque aquelles, que seguem similhantes seitas não são menos inimigos da Religião, que do vosso poder. Atacam uma e outra, e uma e outra trabalham por deitar abaixo. E se podéssem não deixariam existir nem a Religião, nem poder algum real.

E é tam grande a astucia d'estes ardilosos homens, que quando mais parecem favorecer, e augmentar o vosso poder, então é que principalmente tratam de o arruinar. Por muitos modos elles ensinam a persuadir, que o vosso poder, e o dos bispos, deve ser diminuido, e enfraquecido, por aquelles que governam, e que devem passar para elles muitos direitos, assim

d'aquelles que são proprios d'esta cadeira apostolica, e principal Egreja, como d'aquelles que pertencem aos bispos, e aos que são chamados a participar do nosso cuidado. Porém elles ensinam estas cousas não só inflammados d'aquelle negro odio, que tem á Religião, mas com o designio de esperar que succeda, que os povos, que estão debaixo do vosso imperio, vendo que se excedem, e se usurpam os limites, que Jesu Christo, e a Egreja por elle estabelecida, lhes marcaram, com este exemplo facilmente se movam a mudar, e a destruir tambem a fórma do governo politico.

A vós todos tambem, ó dilectos filhos, que professaes a Religião Catholica, attendemos com nossas especiaes orações, e exhortações. Evitae totalmente aquelles homens, que fazem da luz trevas, e das trevas luz. Que verdadeira, e solida felicidade, e utilidade vos póde resultar da companhia, e communicação com esses homens, que julgam, que se não deve ter consideração alguma, nem do poder de Deos, nem dos superiores, que por traições, e occultos ajuntamentos intentam fazer-lhe guerra, e os quaes, posto que na praça, e em toda a parte gritem, que são amantissimos do bem publico, da Egreja, e do estado; com tudo, em todas as suas obras de sobejo tem declarado, que querem perturbar tudo, e tudo transtornar. São similhantes estes homens áquelles, a quem o Apostolo S. João, na sua 2.ª Epistola, cap. 10., manda que se lhe não dê agazalho, nem se lhe dê o *Deos vos salve*, e aos quaes os nossos maiores não duvidaram chamar *Primogenitos do Diabo*. Acautelai-vos pois dos seus afagos, e das suas conversações dôces, com as quaes vos hão-de persuadir, que vos alisteis n'aquellas *seitas*, em que elles se acham alistados. Tende por certo, que ninguem póde ser participante de taes seitas, sem que seja réo de grande crime; affastai dos vossos ouvidos as palavras d'estes homens, que seguramente vos affirmam, que assintaes na escolha que de vós fazem, para entrardes nos primeiros graus das suas seitas, pois que n'aquelles graus não ha nada, que se opponha á razão, e á Religião: antes pelo contrario, que nada se diz, nem se faz, que não seja santo, que não seja recto, e sem mácula alguma. Por quanto aquelle nefando juramento, de que já se fez menção, o qual se deve prestar até n'aquella recepção inferior, por si mesmo é bastante para conhecerdes, que até é uma acção impia alistar-se n'aquelles graus inferiores, e conservar-se n'elles. Além d'isto, ainda que as cousas, as mais detestaveis, se não costumam confiar senão áquelles, que já se acham revestidos dos graus superiores, com tudo bem evidentemente se manifesta, que a força, e audacia de todas estas perniciosissimas *sociedades*, se fórma do consentimento, e reunião, de todos, que para ellas deram o seu nome. E por tanto até aquelles mesmos, que ainda não passaram d'aquelles graus inferiores, se devem reputar participantes dos seus crimes, e sobre elles recahe a sentença do Apostolo aos fieis de Roma cap. 1.º — *os que taes cousas fazem merecem a morte, e não só os que as fazem, mas até os que lhes prestam o seu consentimento.* —

Finalmente com todo o amor chamamos, aquelles que tendo sido illuminados, provado o dom celeste, e participado do Espirito Santo, com tudo depois cahiram miseravelmente, e seguem aquellas seitas, ou estejam iniciados n'aquelles seus graus, ou inferiores, ou superiores. Por quanto fazendo Nós as vezes d'aquelle que protestou, que elle não viera chamar os justos, mas os peccadores, e se comparou ao Pastor, que deixando o rebanho inteiro, vai com todo o desvélo buscar a ovelha, que perdeu; Nós

os admoestamos, e lhes pedimos pelo amor de Deos, que voltem para Jesu Christo. Ainda que elles com effeito se tem manchado com o maior crime, não devem com tudo desesperar da misericordia, e clemencia de Deos, e de Jesu Christo seu Filho. Entrem por tanto em si mesmos, e uma e muitas vezes venham refugiar-se em Jesu Christo, que tanto padeceu por elles: e então elle não só não ha-de desprezar o seu arrependimento, mas antes pelo contrario, á maneira de Amantissimo Pai, que ha muito tempo espera filhos prodigos, os ha-de receber com mil vontades Nós por tanto, para excitar, quanto está da nossa parte, e para lhes aplanar o caminho para a penitencia, suspendemos pelo espaço inteiro de um anno, depois de publicadas estas nossas letras apostolicas, no paiz em que morarem, não só a obrigação de denunciar os seus socios n'aquellas *seitas*, como tambem a reserva das censuras, em que cahiram: e declaramos que os taes, ainda não denunciados os cumplices, possam ser absolvidos por qualquer confessor, sendo dos approvados pelos ordinarios do territorio, onde assistem. E a qual faculdade determinamos se applique áquelles mesmos, que assistem em Roma. Porém se algum d'estes, a quem agora dirigimos nossas vozes, fôr tam pertinaz, (o que tal não permitta o Senhor Deos, Pai de misericordias) que consinta, que se passe aquelle espaço de tempo, que temos designado, sem que deixe as taes *seitas*, e passado este tempo verdadeiramente caia em si, então torna a reviver para estes, assim a obrigação de denunciar os cumplices, como a reservação das censuras; nem poderá depois impetrar a absolvição, sem que primeiro sejam denunciados os cumplices, ou ao menos jurar de os denunciar o mais depressa que lhe fôr possivel; nem poderá ser absolvido d'estas censuras senão por Nós, ou por nossos successores, ou por aquelles, que obtiverem da santa Sé Apostolica o poder de absolver de taes censuras.

Queremos tambem; que aos traslados d'estas nossas presentes letras, ainda sendo impressos, ou assignados por algum notario publico, ou munidos com o sêllo de alguma pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se lhes dê inteiramente o mesmo credito, que se daria ás mesmas letras originaes, se se apresentassem.

Pelo que a ninguem seja licito infringir, ou com temeraria ousadia contrariar esta pagina da nossa declaração, condemnação, confirmação, renovação, mandato, prohibição, invocação, requisição, decreto, e vontade. Por quanto se alguem presumir intentar similhante cousa saiba que incorre na indignação de Deos Omnipotente, e dos seus Apostolos S. Pedro, e S. Paulo.

Dada em Roma, em S. Pedro, no anno da Encarnação do Senhor de 1825, aos 13 de Março, no terceiro do nosso pontificado. — B. Cardeal Pro-Datario. — Pelo senhor Cardeal *Albano*, *F*, *Capaccini* substituto. — Vista. Da Curia *D. Testa. F. Lavizzario.* — Lugar † do Sêllo. — Registada na secretaria dos Breves. — As sobreditas letras apostolicas fôram affixadas, e expostas ao publico, nas portas das Basilicas de Roma, da Chancellaria Apostolica, e da grande Curia Innocentina, no Campo de Flora, e nos outros lugares do costume, pela minha propria mão. — *Luiz Pitorri*, Cursor Apostolico. — *José Cherubini*, Cursor Mór.

Não se póde explicar o furor das lojas na occasião da publicação d'estes edictos, senão pela mais perfida hypocrisia. Os maçons, combatendo com todas as suas forças o catholicismo, repudiando-o abertamente nas suas tenebrosas cavernas, queriam passar por christãos amantes da fé e da prática d'esta religião, com o fim de lhe darem golpes tanto mais seguros, quanto partiam de mão que pretendia ser amiga.

Os extractos d'auctores e de oradores maçons, que acabamos de dar, justificarão sufficientemente a vigilante solicitude e as anciedades da Santa Sé.

C. Qual é a tendencia politica da Franc-Maçoneria?

Lendo-se as diversas publicações maçonicas, causa admiração o vêr a insistencia dos actores das lojas em protestar contra toda a ingerencia da Ordem nos negocios publicos. Segundo elles, a Maçoneria limita a sua acção á destruição da superstição religiosa, e é alheia a toda e qualquer agitação que tenha por fim o *melhoramento* da situação civil dos governados. Todos os regimens lhe são indifferentes: tanto a monarchia absoluta como a republica, a constituição como a oligarchia e democracia. Comprehendemos esta tactica: em primeiro de tudo, queriam não despertar a susceptibilidade dos soberanos e adormecer a sua vigilancia. Por isso nada mais obsequioso, mais adulador, mais humilde que o proceder da Ordem para com os soberanos absolutos. Fingindo uma dedicação sem limites pela familia real, viu-se alternativamente humilhar-se ante Luiz XVI, Napoleão 1.º, Luiz XVIII e Napoleão III. As mensagens das lojas em certas circumstancias felizes ou desgra-

çadas não respiram senão a mais viva sympathia pelo soberano, á sorte do qual se diz ligada a da Maçoneria. Mas logo que uma revolução chega a despedaçar o throno, quando cada um póde impunemente promulgar os seus principios, a Maçoneria sahe triumphantemente das suas cavernas, arvora a bandeira que cuidadosamente tinha enrolado, e reivindica abertamente a exaltação da democracia como fructo das suas obras.

Não podemos deixar de nos rirmos vendo os escriptores mais eminentes das lojas queixar-se amargamente da parte que estas tomam nos negocios publicos. Citemos, por exemplo, o orador da loja dos Trinosophos. Depois de ter recordado com complacencia que os usos maçonicos tinham invadido a sociedade franceza depois da revolução, continúa n'estes termos:

«Este parallelo, que se poderia levar mais longe, *demonstra a influencia da Maçoneria sobre as instituições civis*, e sobre tudo quanto ella familiarisa os povos com os governos constitucionaes.

«Será um reconhecimento dos serviços que a nossa instituição tem feito á ordem civil que os *poderes supremos* dos diversos ritos maçonicos se occupam, *de tempos a tempos*, de politica? Isto não é todavia com a intenção de vêr os membros da Ordem occupar-se d'ella, porque o lugar que se lhes deixa occupar é muito innocente; mas estes irmãos superiores, mais politicos que maçons, e muitas vezes mais escravos que livres, *desejam provar ao governo de cada anno que a instituição que elles dirigem caminha no sentido da politica da época.*

«Na nossa França não estamos exemptos d'esta falta. Revendo os antigos sêllos e sinetes do Grande-Oriente, os

quaes só deveriam offerecer os emblemas immutaveis da nossa Ordem, descobrem-se certos signaes maçonico-profanos, que apresentam á vista do maçon admirado indicios variaveis da auctoridade civil. Depois de 1789, vêem-se primeiro os *lyses* antigos substituidos por um *barrete da liberdade*, ao qual depressa succedeu o *feixe republicano*, que depois foi substituido pela *aguia imperial*, depois da qual voltaram os lyses, que desappareceram nos Cem Dias, para de novo tornarem a apparecer até que foram abolidos em 1830. Não será isto recordar fielmente as diversas phases politicas que se succederam umas ás outras desde meio seculo a esta parte?

«Se eu vos desenrolasse as listas de senhas que teem feito circular, n'este Oriente, os pretendidos poderes supremos que teem surgido n'estes ultimos tempos, vós reconhecerieis melhor esta verdade: *que todos os chefes maçonicos interveem na politica*, apesar da prohibição feita aos adeptos de se embaraçarem com ella. (1)»

Traduzamos o pensamento do irmão Ragon: A Franc-Maçoneria não deve occupar-se com a politica; todavia folgamos de vêr qual é a sua *influencia sobre as instituições civis e sobre tudo quanto ella familiarisa os povos com os governos constitucionaes*. As lojas podem gabar-se de familiarisar os povos com os governos constitucionaes, mas sem nunca fazerem da politica objecto de seus trabalhos. Feliz Maçoneria, e assás poderosa para transformar os costumes dos povos, e isto com os olhos fechados e os braços cruzados! Comprehendemos bem o pensamento de M. Ragon. Do que elle se queixa não é de vêr a Maçoneria estender a

(1) Curso philosophico e int., pp. 381 e 382.

sua solicitude sobre a situação politica dos povos, mas sim de que as *auctoridades supremas*, que ordinariamente são os altos funccionarios do estado, tenham muitas vezes empregado symbolos e dado senhas que mostrem alguma affeição á monarchia; em quanto que a multidão dos irmãos, consequentes com a liberdade, egualdade e fraternidade maçonica, nunca cessaram de protestar em segredo contra esta profanação da Ordem.

M. Ragon tem razão. A Maçoneria tem seus principios *immutaveis*, independentes dos signaes *variaveis* da auctoridade civil: *o nivel e o malhete* que servem: um para fazer desapparecer as desegualdades, e outro para demolir; o esquadro e a perpendicular que servem de instrumentos directores para levantar um edificio novo sobre um terreno perfeitamente desentulhado; os emblemas tomados da situação politica do paiz não são senão um engodo empregado para homens *mais escravos que livres, com o fim de provar ao governo de cada anno que a instituição que elles dirigem caminha no sentido da politica da epocha.* O *lys* dos Bourbons, *a aguia imperial* napoleonica que teem figurado no sêllo do Grande Oriente, as senhas lisongeiras para o grande conquistador que collocou a França na frente da Europa, longe de significarem a sinceridade da profissão de fé monarchica das lojas, não eram senão uma trapaça. Logo que os verdadeiros irmãos se podiam subtrahir ás vistas inquisitoriaes dos chefes perjuros ou ignorantes, se apressavam a tirar do seu nicho coberto a estatua da liberdade, prostravam-se diante d'ella, e depois de lhe ter queimado um incenso consagrado, juravam, com o punhal na mão, de a tornar a collocar sobre os seus altares publicos logo que o tyranno não tivesse força para resistir.

O primeiro emblema dos trabalhos preparatorios da Maçoneria é o *nivel, symbolo da egualdade, fundamento do direito natural* (1). No ponto de vista politico, esta egualdade é muito difficil de definir, e até parece, tomada na sua significação mais ampla, excluir toda a auctoridade permanente e hereditaria. Tambem, de facto, a Franc-Maçoneria nunca deixou de combater o poder monarchico que considera como incompativel com a egualdade dos cidadãos. Foi esta opposição radical á auctoridade absoluta, foi esta condemnação do poder concentrado n'uma só mão que tornou a Maçoneria odiosa aos soberanos, e suspeita á Egreja. A ultima, crendo que todas as fórmas de governo são egualmente boas desde que correspondem ás necessidades dos povos, e que os chefes, esquecendo-se da ambição e do egoismo, não fazem servir a auctoridade senão ao bem publico, foge de mostrar a menor preferencia antes por um regimen que por outro ; quer que os fieis se mostrem por toda a parte e sempre vassallos dedicados, tanto sob o regimen auctocratico da Russia, como sob a constituição belga e na confederação republicana da Suissa. Mas a Franc-Maçoneria, condemnando *a priori* o regimen monarchico, nutre odio contra todos os soberanos absolutos, e não se contenta senão com a egualdade politica mais completa, a democracia republicana.

Em quanto a egualdade civil faz desapparecer os privilegios de certas classes, e reparte proporcionalmente os cargos por todos os cidadãos, não podemos deixar de applaudil-a, e todo o nosso receio é vêl-a penetrar da ordem politica na ordem social. Mas quem poderá assignalar a de-

(1) Ragon, p. 108.

marcação entre estas duas ordens? Não chama Ragon á *egualdade* (que egualdade?) a base do direito natural? Quantas consequencias se poderiam tirar d'esta definição!

O segundo aphorismo da divisa maçonica é a *liberdade*. Esta palavra, de significação tão vaga, carece ser definida. Trata-se do gozo livre d'aquillo que se deu em chamar *liberdades* politicas?

N'este caso a acceitaremos de muito boa vontade, em quanto que estas liberdades se não destruirem mutuamente, ou que, com o pretexto da liberdade, não erijam em systema o despotismo mais odioso. Mas, na linguagem maçonica, a liberdade é sempre opposta á realeza e não tem outra significação senão a republica.

A *fraternidade* maçonica não é senão a substituição da philantropia baseada sobre motivos naturaes á caridade christã, apoiada sobre considerações d'ordem sobrenatural. Nós acceitamos egualmente a fraternidade maçonica, sentindo comtudo que ella seja tão restricta, tão mesquinha, tão pouco dedicada. Se esta fraternidade se entente no sentido de collocar o irmão maçon acima do cumprimento d'um dever civil, nós a repudiamos como um attentado contra a sociedade.

Depois d'estas observações preliminares, vejamos que sentido a Maçoneria dá á liberdade, egualdade e fraternidade.

1. Um homem que ninguem accusará de ignorante, M. Haugwitz, embaixador da Prussia no congresso de Verona, se explica nos seguintes termos, na presença dos representantes das grandes potencias:

«Chegando ao fim de minha carreira, julgo do meu dever lançar uma vista sobre as machinações das sociedades secretas, cujo veneno ameaça a humanidade, hoje mais que nunca. A sua historia está por tal maneira ligada á da

minha vida, que não posso deixar de a publicar mais uma vez, e de vos contar algumas particularidades.

«As minhas disposições naturaes e a minha educação tinham excitado em mim um tal desejo de sciencia, que me não podia contentar com os conhecimentos ordinarios: quiz penetrar na propria essencia das cousas. Mas a sombra segue a luz; d'esta fórma uma curiosidade insaciavel desenvolve-se na razão dos nobres esforços que se fazem, para penetrar no seio do sanctuario da sciencia. Estes dous estimulos me levaram a entrar na sociedade dos Franc-Maçons.

«Sabe-se quam pouco proprio é o primeiro passo que se dá na ordem para satisfazer o espirito; este é precisamente o perigo que é de temer para a imaginação tão inflammavel da mocidade.

«Apenas eu tinha entrado na maioridade, quando não sómente já me achava á frente da Franc-Maçoneria, mas tambem occupava um lugar distincto no capitulo dos altos graus. Antes de me poder conhecer a mim mesmo, antes de comprehender a situação em que me tinha temerariamente collocado, eu me achava encarregado da direcção superior das reuniões maçonicas de parte da Prussia, da Polonia e da Russia. A Maçoneria estava então dividida em dois partidos nos seus trabalhos secretos. O primeiro punha nos seus emblemas a explicação da pedra philosophal; o *deismo* e mesmo o *atheismo* era a religião dos seus sectarios. A sede central dos trabalhos era em Berlin, sob a direcção do doutor Zinndorf.

«Não acontecia o mesmo respeito ao outro partido, do qual era chefe *apparente* o principe Frederico de Brunswik. Em guerra aberta entre si, os dois partidos davam-se as mãos para *chegarem á dominação do mundo. Conquistar*

os thronos, servindo-se dos reis como da Ordem, tal era o seu fim!

«Seria ocioso indicar-vos de que modo, na minha ardente curiosidade, eu cheguei a ser senhor do segredo de ambos os partidos. A verdade é que o segredo das duas seitas não é um mysterio para mim. Este segredo revoltou-me. Na elevada posição em que então me achava, só tinha uma alternativa (pelo menos então era esta a minha opinião), ou retirar-me com arruido ou abrir um caminho particular. Optei pelo ultimo meio. Eu e os meus amigos tivemos a felicidade de descobrir nos hieroglyphicos dos graus superiores, o que a minha alma procurava com tanta avidez. Alli achei a natureza do homem na sua pureza original.

«Foi em 1777 que eu me encarreguei da direcção de parte das lojas prussianas; a minha acção estendeu-se até sobre os irmãos espalhados pela Polonia e Russia. Se eu não tivesse feito por mim mesmo a experiencia, não poderia dar a explicação plausivel do desmazêlo com que os governos teem fechado os olhos a respeito de tal desordem, verdadeiro *Status in statu*. *Não sómente os chefes estavam em correspondencia activa, e empregavam cifras particulares, mas tambem mandavam reciprocamente emissarios.* Exercer uma influencia dominante sobre os thronos e soberanos, tal era o nosso fim, como tinha sido o dos Templarios.

«Appareceu um escripto intitulado: *Erros e verdades.* Esta obra causou grande sensação, e produziu sobre mim a mais viva impressão. Julguei primeiro encontrar n'ella o que, segundo a minha primeira opinião, estava occulto debaixo dos emblemas da Ordem; mas á medida que penetrava mais n'esta caverna tenebrosa, mais profunda se tornava a minha convicção, de que alguma cousa d'outra mui

diversa natureza se devia achar por traz de tudo. A luz tornou-se mais clara, logo que eu soube que St. Martin, auctor d'esta publicação, devia ser e era realmente um dos corypheus do capitulo de Sion. Alli se prendiam todos os fios que mais tarde se haviam de desenvolver, para preparar e tecer o manto dos mysterios religiosos com que se cobriam para illudir o profano.

«*Adquiri então a firme convicção de que o drama começado em* 1788 *e* 1789, *a revolução franceza, o regicidio com todos os seus horrores, não sómente então alli tinham sido decididos, mas que tambem eram o resultado das associações e dos juramentos, etc.*

«Aquelles que conhecem o meu coração e a minha intelligencia julguem a impressão que estas descobertas produziram em mim!

«De todos os contemporaneos d'esta epocha, só me resta um, o Nestor de todos os corações generosos. O meu primeiro cuidado foi o communicar a Guilherme III todas as minhas descobertas. Convencemo-nos de que todas as associações maçonicas, desde a mais modesta até aos graus mais elevados, se não podem propôr outro fim senão *explorar os sentimentos religiosos, executar os planos mais criminosos, e servir-se dos primeiros como mantos para encobrir os segundos.*

«Esta convicção, que S. A. o principe Guilherme partilhava comigo, fez-me tomar a firme resolução de renunciar absolutamente á Maçoneria. Mas o principe opinou que seria melhor não romper completamente com ella: a presença de pessoas de bem nas lojas pareceu-lhe um meio efficacissimo para paralisar a influencia dos traidores, e para transformar as reuniões actualmente existentes em associa-

ções inoffensivas. Acclamado rei, o principe real não deixou de seguir a mesma norma de proceder.

« Este modo d'obrar poderá ainda justificar-se na epocha em que estamos? Terão estas razões ainda hoje o mesmo valor? E' o que eu me não atrevo a decidir por mim mesmo.»

2. Proposições do diario maçonico a ASTREA.

1.º «Teria sido uma imprudencia o combater á luz do dia.

«E' propagando a liberdade do pensamento e o sentimento da independencia, que se devia procurar destruir o monumento gigantesco levantado pela ambição. Encoberta com a propria auctoridade, a Maçoneria trabalhava na grande obra que lhe estava confiada.»

2.º «A Maçoneria, poderosa e formidavel, segue-vos passo a passo, espia-vos todos os movimentos, sonda os vossos pensamentos até mesmo na parte mais interna das vossa almas, vigia-vos no meio das sombras de que vos cerca. A sua influencia secreta e irresistivel desfaz todos os vossos planos obscuros. O seu braço poderoso arrancará das vossas mãos o punhal assassino que afiaes contra ella.»

3.º «Os gritos insensatos da calumnia, inimiga da luz, não podem enfraquecer o seu poder nem fazer-nos desviar dos nossos deveres.»

4.º « Ella apoia-se até sobre o proprio throno por meio de homens generosos que se associam aos nossos projectos.»

5.º «Até agora tendes trabalhado dignamente não só no bem de vossos irmãos, mas tambem na salvação do mundo inteiro. *Graças ao vosso impulso, o augusto genio da independencia, que inflamma todo o coração generoso, tem cor-*

rido o universo e inflammado todos os povos. Por vosso meio, o nobre impulso que liberta as nações, se tornou mais geral, e é ao vosso apoio que os povos devem o vêrem as cadêas quebradas.»

6.º *«Sim, digamol-o francamente, é á influencia da Maçoneria que se devem attribuir os grandes acontecimentos politicos, as felizes transformações que teem dado á maior parte dos povos da Europa monarchias constitucionaes, e teem restituido a independencia a quasi todo o continente americano. Semelhante ao fogo sagrado de Vesta, ella tem conservado nos seus templos as santas maximas do liberalismo.»*

7.º «Desejamos pois á nossa associação homens generosos que possuam bastante intelligencia para comprehender o conjuncto dos seus deveres e toda a importancia da sua missão, que sejam dotados de energia sufficiente para pôrem em execução as nobres resoluções decretadas nos nossos templos.»

8.º *«Sim, meus irmãos, seguindo este nobre caminho, a Maçoneria, esta regra augusta da fé, esta expressão do melhor regimen de governo, triumphará de todos os seus inimigos, e não dotará o universo com suas leis senão para venerar e abençoar as suas instituições humanitarias.»*

9.º «Quanto mais esforços fizerem para acabar com ella, tanto mais ella espalhará sua luz salutar; será a salvação d'aquelles mesmos que trabalham na sua ruina.»

10.º «Recordando-vos, em algumas considerações geraes, os eminentes serviços que a nossa Ordem tem feito a todos os povos, e os nobres esforços tentados pelo grande numero dos nossos obreiros, para conseguir o nosso fim generoso, julguei dever chamar a vossa attenção para a importancia dos vossos trabalhos e da vossa dedicação. A sociedade espera d'elles os mais felizes resultados.»

11.º «Feliz se, procurando recordar-vos os deveres sagrados que de certo nunca esqueceis, eu consegui despertar no coração dos jovens maçons a terna solicitude pela desgraça, o augusto sentimento da independencia, a nobre dedicação á patria, que são os unicos fundamentos da nossa instituição.»

12.º «Introduzindo a politica nos seus elementos, a Maçoneria assimilha-se á *Arca de Israel, sobre a qual* só os LEVITAS podiam pôr a mão. E' certamente uma innovação; mas esta innovação é absolutamente conforme ao fim da nossa Ordem; só é humanitaria.»

3. *A insurrecção é o mais santo dos deveres.* Esta horrivel maxima, que data d'um momento de effervescencia popular, foi sustentada como um axioma pelo orador Heimburger, na loja de Sonderhausen. Desgraçados dos soberanos que se obstinassem em não applicar os principios da Maçoneria! A reforma religiosa do XVI seculo e a revolução franceza estão ahi para ensinar aos povos como devem reivindicar os seus direitos. No dia marcado os Maçons sahem dos seus templos e destroem tudo aquillo que serve d'obstaculo aos seus planos. E porque não? *As revoluções não são senão crises na historia do desenvolvimento de cada nação* (1).

«Se o poder se obstina em sustentar uma cousa que o espirito da epocha repelle e que está gasta pelo tempo, é necessario, segundo as leis da dynamica, que um poder mais forte se levante, quebre essas peias e faça cumprir a lei da fatalidade. *Nós vimos esta lei confirmada pela revolução franceza e pela reforma religiosa.* Os tablados ca-

(1) Astrea Manual, etc., 1845.

hidos em desuso deviam desapparecer, segundo o plano do Mestre. Mas aquelles que occupavam o poder na Egreja e no Estado não queriam ouvir fallar em reforma. Então surgiram, do meio do povo, homens energicos, que dando grandes pancadas no tablado o derrubaram (1). Do seu lado a religião, o edificio religioso, rejeitava as fórmas que são sujeitas, como todas as causas, á lei da variação, e devem corresponder ao grau da civilisação que caracterisa cada epocha.

«Se a humanidade deve progredir, segundo a vontade do Gran-Mestre, é necessario que os antigos edificios caiam por terra, ainda mesmo que todos os poderes do mundo se empenhem para os salvar da ruina.—N'este caso são destruidos pela violencia. Se esta destruição é criminosa aos olhos da lei humana, não deixa de ser conforme á lei eterna, que é a que tem força pela humanidade. Segundo estas considerações, comprehende-se que as *revoluções não são senão crises na historia do desenvòlvimento de cada nação.* Tudo aquillo que o tempo tem gasto deve cahir, e se alguns mortaes tendem a conserval-o, que se não queixem senão de si mesmos quando forem sepultados debaixo das ruinas.»

«A' vista d'isto, podemos confessar com a mão na consciencia que o trabalho do espirito da epocha no templo da humanidade vai progredindo continuamente, a despeito de todos os obstaculos, de todas as demoras, de todas as destruições apparentes. Não desanimemos, se o progresso não é por toda a parte egualmente sensivel. Trabalhemos energicamente, segundo a medida das nossas respectivas

(1) P. 83.

forças, com a certeza infallivel de que no momento em que o edificio tiver chegado á altura necessaria, os velhos tablados cahirão por si mesmos. (P. 84.)»

4. A Maçoneria não se deve limitar a inculcar aos irmãos ideias acanhadas de politica. A organisação d'esta instituição republicana e social deve servir de modelo aos novos regimens politicos (1.)

«Tudo o que a Maçoneria póde fazer para contribuir a alcançar este fim philantropico, consiste em *conservar o irmão na meditação continua de certas idéas sociaes importantes, e em compenetral-o profundamente* d'ellas (2).» «E' necessario fazer-lhe comprehender que todos nós temos, da parte da natureza, os mesmos direitos ao desenvolvimento das nossas faculdades, e á *utilisação* das nossas forças; que todos, segundo as nossas capacidades particulares, temos que occupar o nosso lugar na sociedade, e que devemos obrar para o bem geral da humanidade.»

«*O regimen do governo ou a organisação d'uma loja bem constituida é o ideal da melhor constituição de que a sociedade humana é susceptivel. A nossa constituição é democratica e a sua administração representativa.* O Mestre d'uma loja é responsavel; o seu poder é só annual. Cada official tem seu circulo d'acção particular. Os membros estão divididos em tres graus, da mesma sorte que a sociedade o está em mancebos, em homens, e em velhos. *União dos membros das differentes religiões na natural, egualdade dos direitos, gozos communs, acção philantropica universal, é isto o que fortalece a nossa associação.*»

(1) *Revista maçonica,* Manual para os Irmãos. Altenbourg, 1823, primeiro vol., primeiro caderno, p. 92.

(2) P. 95.

—«Visto que a religião encerra indirectamente a humanidade; visto que é necessario um certo grau d'instrucção para se poder elevar á ideia sublime da humanidade; visto que os proprios homens instruidos estão mui cheios de egoismo para terem uma perfeita intelligencia d'esta noção, é necessario que os templos consagrados á humanidade se conservem, ainda por mais algum tempo, abertos a um pequeno numero de eleitos. Os homens encarregados do governo e revestidos do poder não comprehendem ainda pela maior parte quanto o respeito pela humanidade é necessario ao homem que está encarregado de formar bons cidadãos. Os sacerdotes da religião, em lugar de vêrem nos sacerdotes da humanidade (1) auxiliares e preparadores uteis, não verão n'elles, ainda por muito tempo, senão odiosos rivaes: accusar-nos-hiam de idolatria, *se nós quizessemos dar á humanidade uma personificação moral, como é costume fazer pelo que toca á divindade* (2).

5. Á' vista das convulsões de que a Europa tem sido prêsa, Blumenhagen (3), maçon de grande celebridade, não receia fazer recahir toda a responsabilidade d'ellas sobre a sua amada instituição, a Franc-Maçoneria. Confessa que a revolução franceza, com todos os seus horrores, foi obra do Illuminismo maçonico; censura aos Carbonarios, filhos perdidos das lojas, o terem ensanguentado a Italia; reco-

(1) Os Franc-Maçons.

(2) Isto é o pantheismo francamente expresso.

(3) Guil. Blumenhagen pronunciou um discurso na sua loja, em 2 de novembro de 1820. Versou sobre a *Maçoneria e o Estado ou qual a necessidade da epocha?* (*Revista maçonica* manuscripta para os irmãos, 1828, p. 320. Esta peça merece tanto mais a nossa attenção, quanto ella tem por auctor um distincto veneravel.

nhece que os Maçons perturbaram a Hespanha. Tal é a tendencia maçonica, tal é a liberdade que a Maçoneria espera dar aos povos. O protesto posthumo das lojas contra os maçons desnaturados, os quaes com os seus excessos compromettem a augusta instituição, prova mais o mêdo que elles teem do que a sinceridade de suas queixas. Quando a Maçoneria julgou ter obtido bom exito na sua obra de destruição, em 1848 por exemplo, reinvindicou alta e solemnemente aquillo a que chamava uma feliz transformação dos povos.

«A Maçoneria não é susceptivel de nenhuma alteração em si mesma; mas os membros de que se compõe são homens, e, como taes, sujeitos a paixões. A Maçoneria, para se mostrar á humanidade, como pessoa diligente, carecia d'uma formula: tomou a da loja. Exempta, por um lado, de toda a enfermidade humana, pelo outro *se entregou á seducção, ao erro, á leviandade, ao orgulho*...

«No meio do nosso orgulho, não nos devemos enganar a nós mesmos. Não devemos por fórma alguma occultar-nos os inconvenientes da nossa propria associação, *ainda que seja de grande vantagem occultal-os aos olhos do mundo. com o véo do segredo.*

Devemos, em conformidade com os nossos compromissos, communicar uns aos outros em que parte da communidade grassa a peste: assim se poderá combater por meios preservativos, antes que tenha contaminado toda a massa, e antes que a risonha região se torne uma solidão e uma causa de terror para o viajante dos tempos futuros....

«Cada maçon que considere attentamente a essencia das lojas, *não póde desconhecer quam grande seria o perigo, se um espirito falso se apoderasse das associações particulares e*

as dominasse, se a paixão e o patriotismo mal entendido occupasse a tribuna, se o Mestre, com o seu esquadro maçonico, não dirigisse o trabalho dos irmãos, se a antiga palavra se chegasse a perder, e a palavra humana e mundana a prevalecer; esta palavra que desviando de toda a discussão espiritual, só tem por fim uma felicidade terrestre, e, degradando a Maçoneria, não procura como supremo bem senão o lucro ignobil. *E' o que tem acontecido ha seculos, e particularmente nos ultimos tempos; é o que nós temos ainda hoje á nossa vista !!!*

«Poder-se-hia objectar: este abuso, esta intrusão dos Franc-Maçons, *unidos secretamente, e por conseguinte duplicadamente fortes*, nos negocios politicos, são por toda a parte funestos para o Estado e para o povo? Por ventura, de vez em quando, não tem sahido d'ahi algum melhoramento? Esta acção poderosa, mas quasi invisivel, não terá tido em resultado ganhar, como por encanto, o Estado e o povo? Não tem ella feito em pouco tempo o que longos seculos não tinham podido levar ao cabo?

«O abuso é sempre abuso; o desvario, desvario; o perjurio, perjurio. O bom successo de planos funestos não prova a dignidade dos sentimentos, e nunca desculpa. Examinemos por miudo todas as capitaes da Europa, nas quaes os Maçons sahiram de sua obscuridade, substituiram á satisfação do pacifico trabalho uma influencia poderosa sobre os phenomenos historicos, e, cégos pelo erro, sahiram do caminho aberto por nossos paes.»

Depois de ter recordado as desordens da Inglaterra causadas pela Maçoneria, Blumenhagen continúa n'estes termos:

«O nosso segundo lance d'olhos deve ser destinado a

um estado allemão. (1767-1780.) Um professor chamado Adão Weishaupt, fundou na Baviera a Ordem dos Illuminados: a luz na accepção mais lata da palavra, era o seu fim expresso. Mas o monstro não tinha por movel secreto senão o egoismo e a sêde do dominio; o seu maldito aborto não era senão a revolução, debaixo do manto da philosophia. *Sem serem Maçons no principio, os illuminados souberam apoderar-se da maior parte das lojas; os Maçons mais estimados ufanaram-se com o titulo de illuminados,* até que o governo, com uma sabia severidade, despedaçou o véo de seus mysterios, preveniu a execução de seus sinistros projectos, e expulsou os adeptos para um paiz visinho, onde as suas tochas infernaes acharam um elemento para a combustão e uma segurança mais completa. Foi para a França que se dirigiu esta expedição dos Argonautas; mas, em lugar de matar um dragão e de conquistar o vello d'ouro da liberdade espiritual, estes homens, tão orgulhosos da sua celebridade, se entregaram á incubação de uma ninhada de dragões. Como um rebanho de animaes carnivoros, os seus dignos descendentes se espalharam por toda a superficie do mundo, e encheram a terra de crimes e horrores até então desconhecidos. Em nenhuma parte se abusou tanto da Maçoneria, como n'este paiz. Ao principio, estava reduzida pelas suas grosseiras momices ao papel d'um charlatão; o seu espirito estava dividido por trinta e tantos graus de cavalleiro; o seu fim era a impostura e a mais sordida cubiça. Depois vimos no jacobinismo e terrorismo um fatricida Egalité e um Robespierre, bebedor de sangue. Vimol-os substituir em infames altares o malhete da Maçoneria pela machadinha do algoz; ouvimol-os prégar o regicidio e o atheismo. *O Cavalleiro do Punhal* que, no tempo dos

Stuarts, era em Italia e em França o mais alto grau da Ordem, pôde exercer realmente as suas execraveis funcções; os irmãos que nas lojas tinham sido ensinados a apunhalar um manequim collocado n'uma caverna, mostram á luz do dia a destreza adquirida, e ferem com a submissão d'um docil discipulo. Afastemos os olhos d'estas scenas d'horror, d'estas manchas eternas para a humanidade e para a associação. Se os primogenitos sobreviveram a estes tempos de horror, é necessario que estas narrações salutares passem de paes a filhos, é conveniente medital-as muitas vezes nas nossas reuniões maçonicas como lições salutares.

«*Hespanha.* Ao sudoeste da Europa, existe um povo que se distingue de todos os mais pelo seu caracter nacional bem saliente. O Hespanhol é o representante da cavalleria europea. Altivez, bravura, galanteria, nobreza e dignidade, amor da patria inflammado pelos raios ardentes do sol da Africa, fusão completa, taes são os caracteres salientes d'esta bella nação. Tambem alli, a *Maçoneria excedeu os limites que deveria respeitar*; mas, ao menos, fêl-o nobremente, sendo impellida pela necessidade e enternecida pela voz supplicante dos opprimidos. O grande e immenso resultado, as consequencias d'este atrevido commettimento devem fazer esquecer um desvario momentaneo.

«Os ultimos acontecimentos que occorreram em Italia apresentam um doloroso contraste. De que nos serviria o querermos dissimular a nós mesmos que os *Carbonarios* (1820) *são os filhos perversos da Maçoneria, e que as suas lojas, cheias d'uma confusão selvagem, se apoiam nos nossos templos*, como a amarga noz de galha cresce no nobre carvalho? Lembrai-vos unicamente de que o *Cavalleiro do Punhal*, o grau mais elevado da Maçoneria em França e na

Italia, foi desejado por Jacques II e pelos Stuarts, para acharem um abrigo e uma posição vantajosa.

«Os carbonarios traziam ostensivamente o punhal desembainhado, para se servirem d'elle contra os pretendidos inimigos da luz; em numero de 20,000 em um só reino, forneceram 12,000 homens armados para pôrem em execução o seu projecto, fundaram um *alta vendita* (grande loja que deve dirigir a communidade); a Sicilia goteja sangue por muitas feridas sangrentas; algumas cidades desertas, e os cadaveres dos cidadãos degollados depoem contra elles; todos os principes e todos os povos fitam olhos inquietos sobre elles e sobre os paizes onde teem o atrevimento de mostrar-se. O seu nome por si só deve recordar ao maçon instruido a *degeneração e as seitas da nossa associação.* Conservaram o carvão (*carbone*), para que estivesse solapado; fizeram-n'o passar ao estado de chamma, para accenderem o fogo, quando julgaram que a occasião era opportuna. *O leão ferido, conduzido por uma corda, as duas columnas derribadas unidas á cruz de St.º André, todos estes symbolos dos graus escocezes, significavam a mesma cousa;* não eram senão hieroglificos maçonicos, nos quaes não é difficil reconhecer uma relação de parentesco, e a mesma significação. O bastardo não é filho? O filho desnaturado não desperta tambem a dôr do pae? Sim, devemos lastimar irmãos desvairados; é com afflicção e anciedade que os devemos seguir com a vista, quando vêmos os filhos d'uma mãe pura extraviar-se pelo caminho dos bandidos, perder-se na selvageria da paixão e na solidão d'um egoismo desenfreado. O proprio Senhor do mundo, que se digna converter os desvarios e faltas dos homens em benções e beneficios, não retirará a sua mão omnipotente de so-

bre a sua creatura muito amada. Todavia devemos obrar com tanta prudencia como energia, assegurar o bem das almas, proteger, quanto nos fôr possivel, a nossa boa mãe, a Maçoneria, cujas feridas feitas por filhos desnaturados sangram ainda.

«Não se devem perder de vista as consequencias que podem dimanar para a Ordem da ingerencia dos Franc-Maçons nos negocios mundanos e em trabalhos completamente alheios á Maçoneria. Atrever-nos-hiamos a censurar o governo e o principe *por se terem feito mais circumspectos, mais vigilantes e mais cuidadosos em consequencia da experiencia que adquiriram?* Atrever-nos-hiamos a censural-os, quando os vêmos fazer expiar á mãe os crimes de seus indignos filhos, e apagar um archote de que homens embriagados e furiosos podiam servir-se para accender um immenso incendio? Longe de mim querer ser um Jeremias que pretendesse prophetisar e cantar a ruina da orgulhosa Jerusalem! Mas a inquietação e a angustia devem pungir o coração de todo o verdadeiro maçon, quando considera que em lugar de remedios brandos e insensiveis, com os quaes deveriamos combater os males da humanidade, se recorre a incisões violentas e temerarias, feitas por mãos inexperientes, em que aquillo que está são é cortado como o que está corrompido, e em que os infelizes estropiados e os cadaveres provam qual é a ignorancia dos charlatães!

«E' um dever e uma obrigação gravissima para todos os bons maçons oppôr-se á corrupção, e, por esforços contínuos, escorar os pilares do templo que estão abalados, por filhos mais dignos e pela sua vida mais regular. E' necessario que o governo reconheça que os outros eram bas-

tardos, corsarios, que roubavam á sombra d'uma bandeira de paz que tinham subtrahido.»

Mais adiante, Blumenhagen, em contradicção comsigo mesmo, diz: «A infancia e a adolescencia da Ordem passaram. Chegou á edade viril; antes que acabe o seu terceiro seculo de existencia (foi em 1717 que elle formou o seu plano), o mundo reconhecerá o que ella é. Por isso, antecipando-vos ao tempo e ao juizo do mundo, velai pelo espirito da associação. Levantem-se os nossos edificios em todos os cantos do mundo; estabeleça-se a Ordem solidamente no coração de cada paiz. *Quando, em todo o universo, brilhar o templo maçonico, o azul dos ceus fôr o seu telhado, os polos as suas paredes, o throno da Egreja as suas columnas, então os potentados da terra deverão inclinar-se, entregar nas nossas mãos a dominação do mundo, e deixar aos povos a liberdade que nós lhes tivermos preparado. O Senhor do mundo nos conceda ainda um só seculo, e teremos conseguido o fim tão ardentemente desejado* E OS POVOS NÃO PROCURARÃO MAIS OS SEUS PRINCIPES SENÃO ENTRE OS INICIADOS. Mas para isto é necessario que o trabalho não afrouxe, e que a construcção do edificio progrida diariamente! Colloquemos insensivelmente as pedras uma a uma: d'esta fórma o muro se levantará invisivel, mas mais solidamente.»

6. Durante a revolução de 1848, viu-se commetterem-se em Vienna, em Berlin e em Francfort, crimes atrozes, dignos dos Sans-Culottes. Os Maçons allemães proclámaram em todas as lojas que esta nova era se devia attribuir á feliz influencia da Maçoneria. O *Manifesto* seguinte da *Grande Loja d'Allemanha* não deixa a menor duvida sobre a participação das lojas de sua obediencia no movimento de-

mocratico. Sómente, para illudir como sempre, este documento representa a Maçoneria, mais como passiva do que activa; queixa-se amargamente dos progressos que as idéas subversivas tinham feito no espirito dos Maçons, e da audacia sempre crescente das cabeças exaltadas. Tendo a *Grande Loja* d'Allemanha por Gran-Mestre o principe da Prussia, não será de presumir que este Manifesto seja exteriormente um acto de deferencia para com elle? Haveria temeridade em suppôr que, n'uma correspondencia mais intima, se tenham felicitado as lojas prussianas por aquillo que se censurou n'um documento publico?...

Manifesto da Grande Loja d'Allemanha. — 24 de Junho de 1849.

«Um anno prenhe de desordens e desgraças é decorrido desde a ultima festa da associação, cujo glorioso anniversario hoje celebramos. Os numerosos vestigios da sua acção sobre os povos e sobre os individuos estão impressos por toda a parte e á vista de todos os olhos. A Maçoneria não se póde subtrahir á influencia d'esta agitação. O impulso prompto e diverso que se deu para occasionar o transtorno da ordem das cousas actuaes, e que se manifestou claramente em todos os actos constantes, produziu factos deploraveis, que compromettem singularmente a feliz influencia da Maçoneria. Em quanto um impulso se limita a fazer obrar com o fim d'um desenvolvimento legitimo e d'um progresso razoavel, não póde ser senão fecundo e salutar; mas *quando as ondas, impellidas com muita precipitação e violencia, ultrapassam os limites da ordem,* devem temer-se as maiores catastrophes d'este transtorno radical.

Estes resultados são duplicadamente para temer, quando ameaçam uma instituição cujo fim essencial é conservar na sua pureza primitiva os principios de sua existencia e do seu desenvolvimento, e transmittil-os ás gerações futuras.»

7. Como Blumenhagen, M. Vivier, veneravel, e M. Traillard, orador da loja de Lyon, attribuem a paternidade da revolução franceza á Maçoneria. Segundo elles, esta revolução, de sanguinolenta memoria, não foi senão a manifestação dos principios proclamados havia muito tempo no seio das lojas.

Tendo sido coroado o discurso do I.·. Traillard, é permittido consideral-o como a expressão da Maçoneria franceza. Póde-se notar com admiração que o I.·. orador não estabelece nenhuma distincção entre as differentes phases do drama revolucionario. Exprime até um pezar significativo, e é que Robespierre não podésse constituir a fraternidade maçonica.

Eis-aqui em que termos se explica o V.·. Vivier (1):

«Antes da revolução de 1789, a Maçoneria estava escondida na sombra do mysterio. Foi n'esta sombra e n'um circulo limitado de iniciados que desenvolveu os seus pensamentos sobre a liberdade. Hoje a liberdade e egualdade formam já uma parte das nossas leis fundamentaes; só a fraternidade ainda pertence á theoria. Alguns eleitos comprehenderam e praticam; e, desde este momento, o seu dever é prégal-a, não a alguns iniciados, nem nas trevas, mas á luz do dia, ao povo reunido: porque reunir homens, disse um celebre orador, é exaltal-os. Procuram então agradar

(1) Latomia, T. II, p. 134.

mutuamente, e não o podem fazer senão empregando processos cheios de estima e consideração.

«O homem é o objecto mais agente de toda a natureza; e o espectaculo mais grandioso que se póde offerecer é o de um povo reunido. Compenetrado d'esta convicção, o conselho central ordenou uma festa geral da Ordem. Na previsão certa de que encontrariamos a maior sympathia, esforçamo-nos por apparecer diante de vós como homens dignos de vós. Os vossos oradores não recuaram diante da fadiga de longas vigilias para abrirem a lucta d'uma maneira gloriosa; os seus brilhantes discursos deixaram nos vossos corações germens fecundos que a vossa propria reflexão desenvolverá.

«Elles vos fallarão do amor fraternal, materia de todos os nossos colloquios futuros. No momento da revolução, a fraternidade não foi senão uma balisa, da mesma sorte que a liberdade e egualdade. Antes de se occupar especialmente da fraternidade, era necessario lançar os fundamentos a uma liberdade duradoura; era necessario passar por cima de todos os francezes *o nivel da egualdade*. Os nossos antecessores não faltaram á sua gloriosa missão, não recuaram diante de nenhum sacrificio. Mas, n'essa epocha de lagrimas e de sangue, em que a cada individuo não eram sufficientes todas as suas forças, em que o machado da guilhotina, mais terrivel que a espada de Damocles, pairava sobre todas as cabeças, elles não poderam entregar-se ao suave e terno pensamento da fraternidade. O mesmo Robespierre a esqueceu em 17 de maio de 1794, no discurso que pronunciou sobre a religião e sobre a moral: não estava comprehendida no programma das festas nacionaes. Pertence a nós os Franc-Maçons, visto que, nas nossas reu-

niões, não conhecemos outro nome senão o de irmão; cumpre-nos por tanto a nós restaurar o que a Convenção destruiu, e levantar um altar á fraternidade em volta da qual se reunirá toda a humanidade. Dou a palavra ao irmão Traillard, auctor do discurso coroado pelo conselho central.»

8. Traillard: «No tempo em que os Maçons tinham a precisa audacia e destreza para subtrahirem as producções da sua intelligencia ás investigações da policia, esta *gloriosa* transgressão da lei era castigada com uma longa prisão ou com o desterro. Evidentemente, era isso escarnecer da humanidade.

«Comtudo a tempestade já roncava, já o espirito da Fronda, poderoso n'aquella epocha, tinha destruido a obra insensata das antigas constituições; já a razão, por meio da philosophia, demolia pedra a pedra este edificio apodrecido, e lhe minava os alicerces. Cada um comprehendeu que havia muito tempo se tinham violado as leis mais sagradas, e que finalmente tinha chegado o momento de restituir a estas os seus direitos inprescriptiveis. No primeiro choque devia rebentar a faisca electrica destinada a fazer manifestar-se o poder. O carro do Estado estava peiado; não se pôde passar sem novas molas.

«A nação foi convocada: havia necessidade d'ella; os seus representantes deviam achar o meio de salvar o paiz. Os direitos do homem foram proclamados, e o povo viu que a hora da regeneração tinha soado, e que a antiga ordem de cousas devia ser destruida. Os alicerces da nova constituição levantaram-se sobre as ruinas da Bastilha. O acontecimento de 14 de Julho foi fecundo em resultados. *Os homens, que até então não tinham exprimido os seus*

pensamentos senão isoladamente e sem ruido, comprehenderam que o seu ascendente tinha augmentado; acceitaram os papeis que lhes tinham sido distribuidos n'aquelle grande drama e poseram mãos á obra com denodo. A patria tinha á sua frente uma completa phalange de revolucionarios!

«Mas que tinha feito a Maçoneria durante os annos que haviam precedido estas grandes luctas? Em quanto que um pequenissimo numero de philosophos animosos procuravam sustentar os direitos inprescriptiveis do homem, *a Maçoneria, no interior dos seus templos, posera em execução estes principios augustos.* Os seus oradores alli proclamavam a liberdade de consciencia, expunham o direito natural de todos os cidadãos, prégavam o dogma d'esta liberdade que sempre tinha sido calcada aos pés pelas sociedades civis. Finalmente, a Maçoneria reconhecia a egualdade de todos os homens, e não concedia outras distincções que não fossem as merecidas pela virtude, fraternidade e intelligencia.

«Uma sociedade fundada sobre principios tão differentes d'aquelles que governavam o mundo, devia produzir uma profunda e viva impressão sobre os sentimentos d'aquelles que estavam ainda vacillantes. Tornar accessiveis a todos as dignidades e os empregos, era realisar um sonho.

«Assim que os homens de coração nobre desejaram entrar na Ordem; desde o momento em que elles viam a luz, faziam-se novos apostolos. *Aquelles que possuiam conhecimentos superiores, serviam-se da tribuna ou do altar para espalhar idéas novas. Aquelles cuja instrucção não era completa, escutavam com enthusiasmo a voz civilisadora, e, de volta ás suas familias ou corporações, ahi faziam germinar a semente que se lhes tinha confiado.*

«Comprehendeis, depois d'isto, a influencia da Maçoneria sobre uma sociedade que se achava em dissolução? *Comprehendeis tambem d'onde lhe vinha esta influencia? Já o dissemos, e repetimol-o: provinha de que os maçons podiam dizer, fazer e ensinar aquillo que o cidadão profano não se atrevia a exprimir, nem a pensar, nem a aprender.* Pois estes principios que a Maçoneria tinha, antes de todos, reconhecido e proclamado, estes principios, bases da sua constituição, são ainda hoje consignados nos nossos codigos, bem que não sejam ainda seguidos pelas leis civis (1). Eis o fructo que a nação tirou d'estas luctas sanguinolentas.

«Para coadjuvar os progressos d'uma cousa util, não temos, como a Maçoneria d'outro tempo, que combater as leis reconhecidas pela sociedade profana. Que queriam os nossos antecessores? Queriam livrar seus irmãos das cadeias com que estavam carregados pela perversidade da sociedade civil e por essa civilisação que se funda unicamente sobre os direitos do nascimento e do poder. Nós temos a missão de continuar a sua obra.

«Primeiro que tudo, devemos apoderar-nos da instrucção da mocidade. Nós bem sabemos que, desde ha cincoenta annos, se tem feito muito em prol da instrucção. Mas a instrucção não deve cessar desde que o individuo deixa a eschola: deve abraçar todas as idades da vida. Esta segunda instrucção é tanto mais necessaria, quanto a primeira teve forçosamente de ser circumscripta em limites muito

(1) Assim, pela propria confissão do I.·. Traillard, as actuaes leis civis não encerram uma dóse de liberdade e egualdade comparavel com a que a Maçoneria quizera dar aos povos.

acanhados. E' esta uma das principaes razões por que as classes pobres são tão ignorantes. A Maçoneria deve cumprir a prophecia de Condorcet, quando este disse: «Nenhum «homem poderá dizer desde hoje em diante: a lei segura-«me a egualdade dos direitos; mas recusam-se-me os meios «de aprender a conhecêl-os. Não devo depender senão da «lei; mas a minha ignorancia faz-me dependente de tudo o «que me cerca. Disseram-me na minha mocidade que a «instrucção era uma necessidade; mas, forçado a trabalhar «para viver, as primeiras noções apagaram-se-me na me-«moria, e não me ficou senão a amargura, não contra a von-«tade da natureza, mas contra a injustiça da socieda-de.»

«A instrucção é pois o meio de manter a intelligencia na sociedade. Se quereis consolidar a Franc-Maçoneria, é necessario que toda a vossa attenção se applique a sustentar a egualdade e a procurar a virtude. *De resto, para amar a egualdade e a justiça, o povo não tem necessidade de grandes virtudes;* e a final de contas, nós somos todos filhos do povo.

«Não consintamos que o catholicismo explore o vacuo que a sociedade deixou no coração do homem. A tolerancia do espirito publico deve triumphar do despotismo do clero. Exaltar o homem pelo espiritualismo, tal deve ser a nova missão da Maçoneria.

«Olhae em redor de vós, e dizei se a minha logica não é rigorosa. *A moral carece d'uma base mais solida que aquella que se lhe tem dado até hoje; e esta base sahirá immediatamente da fraternidade; será ainda mais clara que a do Evangelho.* A Maçoneria é por consequencia uma instituição religiosa, moral e social; como instituição religiosa, admitte

a liberdade de consciencia; como instituição social, reconhece os fundamentos de toda a sociedade: a liberdade, egualdade e fraternidade.»

9. Ebrio de felicidade á vista da revolução de 1848 Gieseler (1) pergunta a si mesmo se chegou o tempo de dissolver a Ordem na associação universal da humanidade? Inclina-se para a negativa pela razão de que a Ordem ainda não deu aos povos senão a liberdade exterior; deve além d'isto dar-lhe a intelligencia d'ella.

«Tres grandes palavras, diz elle, retumbam hoje no mundo: liberdade, egualdade e fraternidade. E' n'estas palavras que o povo, d'onde partiu o impulso, resumiu todos os seus votos. Estas palavras acham echo por toda a parte: exprimem na verdade o fim supremo para o qual tendem a nossa epocha tempestuosa e as idéas para cuja realisação ella lucta ha tanto tempo.

«Mas, meus irmãos, não é o proprio espirito da nossa associação que se manifesta por estas palavras? Não é esta mesma liberdade que o Maçon preza acima de tudo? Não é a liberdade, não é a fraternidade que tem sempre reinado nas lojas?

«Não é a esta liberdade, egualdade e fraternidade que a vida e os trabalhos das nossas officinas se teem sempre consagrado? Não é assim que nós nos distinguimos do profano, e que damos a cada um um caracter, uma consagração, um encanto particular?

(1) Gieseler, membro da commissão das escholas, é doutor em theologia protestante, pronunciou este discurso na loja de Goettingue *do compasso d'ouro*, por occasião da festa de S. João, em 1848. Junta a sua voz aos gritos do triumpho erguidos pelos Maçons francezes. O irmão *Bechstein*, israelita, desenvolveu a mesma materia no seu *Manual maçonico* para 1849.

«Portanto o que, diversamente dos profanos, temos procurado alcançar, tornou-se o fim geral dos esforços dos povos. A liberdade já não precisa de refugiar-se á sombra das nossas lojas; corre sem disfarce todas as praças publicas. A egualdade e a fraternidade já não estão circumscriptas no estreito circulo dos Franc-Maçons: povos inteiros teem os emblemas d'ellas nas suas bandeiras, e procuram realisal-as no seu seio.

«Já que assim acontece; visto que o espirito sagrado da nossa associação passou o limiar das nossas lojas e animou todos os povos, terá alfim chegado a grande epocha tantas vezes predita, em que a nossa associação se deve transformar em alliança universal entre os membros da humanidade? N'este caso, é um dever para nós abrir as portas dos nossos templos e deixar entrar n'elles tudo o que é homem. Desde então a nossa Ordem conseguiu o seu supremo fim.

«A liberdade que reclama a geração actual é a liberdade civil, a suppressão de todas as barreiras que são desnecessarias quando todos os homens estão reunidos em um estado. Desde ha muito tempo que os povos aspiram a este bem precioso: a nossa epocha parece ser destinada a obtêl-o e consolidal-o. Quando ella tiver resolvido este grande problema, brilhará na historia dos povos, cercada d'uma gloriosa aureola; e, depois de muitos seculos, se recordará como o tempo feliz em que os povos entraram na maioridade. Ella está ainda actualmente luctando com as dôres do parto da liberdade; parece-se com o vinho generoso que primeiro fermenta, escuma para lançar fóra as impurezas, e despedaça as vasilhas em que o querem conter. A joven liberdade ainda se não conhece bastante para se dis-

tinguir da arbitrariedade, da licença e da sua connexão com a lei da ordem.

«E' por isso que saudamos com felicidade e enthusiasmo a liberdade exterior que a nossa epocha procura fundar.

«A egualdade é o segundo problema da nossa epocha: E' com esta palavra que ella combate o valor excessivo concedido ás vantagens exteriores da condição, das riquezas e das honras; sustenta com razão que, n'um estado livre, a qualidade de cidadão livre é a mais augusta e faz desapparecer outra qualquer distincção. Nós, os Maçons, demos á egualdade uma extensão muito maior; temos sempre olhado como base da nossa Ordem o principio de que, nas suas relações mais elevadas, os homens são eguaes entre si, e que em presença das vantagens communs a todos os homens, toda a differença mesquinha desappareceu.

«A liberdade tem sido sempre a senha da nossa associação. Temos reconhecido sempre as relações da fraternidade que existem por toda a parte entre todos os homens; as nossas lojas tinham por fim essencial o manifestal-as exteriormente.

«Meus irmãos, qualquer que seja a pressão dos acontecimentos, por mais obscuro que seja o futuro, não podemos desconhecer tudo o que ha de grande e de glorioso no só facto de que as idéas de egualdade, liberdade e fraternidade tendem a realisar-se nos povos.

«Reconheçamos com gratidão que já, desde ha muito tempo, estes principios eram proclamados no seio da nossa associação, e que a realisação d'elles tem sido sempre o fim dos nossos trabalhos maçonicos. Mas d'estas premissas, concluamos que não temos nenhuma razão de modificar a nossa Ordem na fórma que tem tido até hoje, de despedaçar

as peias, e de admittir nas nossas lojas tudo o que é homem. Devemos antes contribuir para dar a intelligencia das idéas que resoam actualmente no mundo.»

10. Segundo Fischer, a Maçoneria é a mãe da democracia. Outros elementos contribuiram para fazer nascer esta, particularmente o protestantismo e as universidades. — O fim principal da Maçoneria, a união de todos os povos na fraternidade, está muito longe de se conseguir. Cêdo se verá forçada a contentar-se com uma pequena Allemanha (1); ainda assim será necessario conquistal-a, derramando ondas de sangue. — A democracia é uma potencia: o objecto final de sua mãe está conseguido? Póde-se hoje passar sem ella? Não. Porque o filho ainda não está formado; resta educal-o (2).

«E' assim que a loja d'*Apollo* se tem distinguido pela sua intelligente actividade, pelos seus progressos rapidos, e pelo livre desenvolvimento das suas forças. Póde entregar-se á esperança de que os seus trabalhos produziram uma influencia salutar sobre a associação da Allemanha. Os seus esforços serão abençoados por toda a humanidade.

«No estado das cousas tão profundamente modificado os seus membros teem inspirado ao mundo uma confiança tal; que *vêmos figurar os seus nomes no parlamento de Francfort, á frente do governo e da camara da Saxonia, da universidade e da municipalidade da Leipzig.* No terreno

(1) Em opposição com a Allemanha *grande e uma,* que se propunham crear os democratas allemães.

(2) Discurso do dr. Rod. Richard Fischer, diacono protestante em Leipzig, por occasião da festa jubilar do elogio *d'Apollo* em 1849. Foi publicado e impresso pelo auctor no *Diario Maçonico, manuscripto para os Irmãos.*

da litteratura, e em tudo o que é util ao bem geral, os nossos irmãos estão cercados da estima e da consideração publica (3).

«Não devemos occultar que a Maçoneria ainda tem que resolver um problema de grande importancia; que a humanidade carece ainda dos seus serviços e que a nossa associação possue germens preciosos, cujo desenvolvimento é indispensavel ás nações (4).

«Na nossa Allemanha sobre tudo, todos os nossos esforços devem ser consagrados ao triumpho da democracia. Firmam-se sobre razões e titulos de differente natureza, para fazer triumphar a vontade do povo. Por mais viva que seja a resistencia contra a torrente do espirito actual, comtudo a aristocracia, ainda a mais obstinada, vê-se forçada a confessar que *o systema dos privilegios e da tutela, tal qual existia ainda ha um anno*, está perdido por um modo irrevogavel; não é senão constrangida pela evidencia, que a nobreza tornou a embainhar a espada. Não obstante, comquanto reconheçamos a força das circumstancias, não nos illudamos e confessemos que tanto n'isto, como em todos os odios inveterados, a fatalidade cravou essa espada profundamente n'outras classes do povo, e que, de vez em quando, a fermentação da epocha tem trazido á superficie muitas impurezas.

«A democracia é uma necessidade; as suas fórmas devem desenvolver-se, porque a consciencia d'ella existe na alma de todos os povos. Mas em que consiste a essencia da democracia? — A democracia não é senão o triumpho do

(3) P. 113.
(4) P. 114.

espirito humano, chegado ao seu completo desenvolvimento na maioria dos povos. Nem uma classe exclusiva de cidadãos, nem a herança de privilegios, nem as riquezas amontoadas, nem mesmo uma sciencia profunda podem alcançar o dominio; só a grande communidade é que deve fazer ouvir a voz e exprimir a sua vontade por intervenção dos representantes que tiver elegido livremente. E' na communidade que todas as classes dos povos devem procurar a felecidade e o futuro.

«*Desde hoje em diante, a mesma intelligencia não deve por si só decidir as questões politicas e sociaes,* mas todas as faculdades do homem devem contribuir para isso. A confiança que escolhe os representantes é um negocio de sentimento; ora, a confiança é exigida não sómente pela superioridade intellectual, mas tambem e sobretudo pelo valor moral. Repito, meus irmãos, é necessario abstrahir dos factos que temos á vista, e que parecem demonstrar o contrario de que eu affirmo; com effeito, não se deve fazer entrar em linha de conta os primeiros passos que se deram n'um terreno novo que, mais tarde, soffreu mudança importante: quem edifica sobre um solo desconhecido, está sujeito a muitos erros.

«Porém esta democracia, tal qual acabo de a pintar, que é *senão um acontecimento ao qual a nossa arte devia necessariamente conduzir, e que a nossa arte levará ainda mais longe? Sim, a democracia é nossa filha!* Não vos assusteis; é um fructo que nos não envergonha, por mais aspera que a casca nos pareça. *Sim, é nossa filha, nossa filha digna de nós, nossa filha cheia de esperança!*

«Ha mais d'um seculo, que olhamos com desprezo os pergaminhos da nobreza e as fitas das ordens de distinc-

ção; temos renunciado a toda a dignidade e a todo o privilegio; nas nossas reuniões conservamo-nos cobertos diante de nossos irmãos; elegemos livremente os nossos chefes e juizes; fizemos as nossas leis; temos dirigido a nossa communidade; por toda a parte temos tomado as nossas resoluções por pluridade de votos, cada um segundo a sua consciencia. Desde ha muito tempo que possuimos e temos defendido a liberdade da eleição e da palavra; temos tolerado a liberdade e o desenvolvimento restricto de cada individuo; temos deixado a cada um sua opinião politica e sua crença religiosa; um unico poder tem tido valor a nossos olhos: a lei, ou a vontade da maioria, *expressa d'um modo conforme á nossa constituição.*

«Será para admirar que com o trabalho obstinado de um seculo, proseguido do mesmo modo em toda a Allemanha, se tenha conseguido um tal resultado? Será isso para admirar, sobretudo, quando se recorda que as *universidades* e a egreja *evangelica* deram um poderoso contingente? A cousa está ahi; é o que é, por mais graves que as minhas palavras tenham podido parecer a um ou outro d'entre vós.

«Pergunta-se agora se, tendo nascido a filha, se poderá passar sem a mãe? A imagem de que me tenho servido basta para a minha resposta. E' muito para lastimar o filho, a quem falta a mãe. Se é necessario que um tão grande espaço de tempo separe a conceição do parto, a Maçoneria tem ainda muito seculos que percorrer antes de se poder passar sem o seu auxilio e de estar completamente acabada a sua tarefa. Isto é tão claro como o dia.

«Primeiramente, meus irmãos, o nosso principio fundamental, *a fusão de todos os povos na mesma fraternidade, é apenas comprehendido na mais simples accepção.* Todos

vós tendes sido testemunhas das difficuldades que se teem opposto á união fraternal de todos os cidadãos allemães.

«*Sabeis que*, constrangidos pela necessidade, *deveremos a final contentar-nos com uma pequena Allemanha; e ainda isto mesmo não se conseguirá sem uma opposição violenta, talvez mesmo sem uma guerra sanguinolenta.*

«O negocio ainda não está decidido. Vós sabeis tam bem como eu que, em certas raças allemãs, voga este prejuizo: que só uma ou duas classes do povo teem direito de governar, com exclusão da massa: querem estabelecer uma especie de compensação, fazer subir os proletarios aos palacios, e descer os aristocratas ás cabanas.

«Quanto progresso nos resta ainda a realisar, antes de chegarmos ao termo em que o homem não veja no homem senão um irmão, e deteste a guerra tanto como a dissensão e o fratricidio! Quantas vezes, nós que sahimos do povo, não estenderemos as mãos ás cadeias, antes que o estrangeiro saiba que, áquem das montanhas, não bate outro coração senão o de irmão para irmãos! — Nós mesmos, nas nossas lojas, estamos de tal maneira prezos pelos nossos regulamentos, que ainda hoje nos é prohibido abrir as nossas officinas aos pobres; não podemos admittil-os a participar dos nossos trabalhos e dos nossos gozos. Oh não, não é o trabalho o que falta! o mundo precisará ainda de nós por muito tempo. — Mas, meus irmãos, chegou a epocha de estreitarmos os vinculos que unem todas as lojas da terra; de nos approximarmos com verdadeira cordealidade, de facilitarmos ao pobre a entrada nos nossos templos, de o admittirmos a uma participação menos limitada, e de alargarmos por todos os lados o circulo em que nos encerramos. Haverá certamente difficuldades a vencer; mas sem as perple-

xidades da luta, não se póde contar com a alegria do triumpho; demais o nosso fim é d'uma clareza evidente. Animo pois! mãos á obra.

«O segundo defeito que caracterisa os esforços da democracia, é, por que razão o não direi? a indisciplina. Falta á nossa filha a seriedade moral; falta-lhe uma santa consagração. Que se vê? Que se ouve? Gritos discordantes, esforços impetuosos para chegar a formulas livres e anormaes; não se cuida de modo algum em indagar se alli está o espirito, esse espirito tão indispensavel á agitação continua de simillhante liberdade, esse espirito que por tal maneira é senhor de si mesmo, que não enfraquece, quando o mêdo lhe não mostra caminho algum que siga.

«Não, não, meus irmãos, a nossa tarefa não está acabada. Uma missão grande e sublime reclama todas as nossas forças para o futuro. A mãe é mais passiva que activa, em quanto traz no ventre o filho; é quasi obrigada a andar com passo mais lento e a deixar obrar a natureza. Mas logo que o filho nasce, ella deve desenvolver todos os seus esforços, estar prompta de dia e de noute e prodigalisar-lhe o seu leite e os seus ternos cuidados. A vossa palavra, a vossa mão, o vosso coração, o vosso exemplo devem contribuir para alimentar e educar a vossa filha: a vossa vida não deve ser senão dedicação.— Tua filha vive, nobre e feliz mãe, Franc-Maçoneria! O mundo quer-se converter em loja, o povo allemão consagra-se á *fraternidade* (1), o espirito da nossa epocha é o espirito de teu espirito! Ora pois, cuida em

(1) *A fraternidade* que assassinou o ministro Latour, os deputados d'Auerswald e Lichnowski, e derramou em Berlin, Vienna e Francfort ondas de sangue.

tua filha com verdadeira ternura maternal. E tu, loja d'Apollo, allumia os caminhos da humanidade, como outr'ora Phébo, com seus cavallos luminosos, allumiou a terra dos Gregos!»

11. Fessler, maçon reformador, cuja dedicação á Ordem não é contestavel, tinha expressado solemnemente amargas queixas sobre a frivolidade, degradação, pretenções, intolerancia, embuste e servilismo das lojas. Segundo elle, a verdadeira maçoneria tinha desapparecido pelo muito que se tinha abusado d'esta instituição sagrada; «ainda ha irmãos de lojas, diz elle, mas não ha Maçoneria!»

Fischer julgou dever responder a este violento ataque do veterano maçon. Para este fim, lisongeia com adulação os *jovens iniciados*; e para provar que a Maçoneria não tinha degenerado em nada, convida o detractor a contemplar o bello espectaculo democratico dado pelas lojas.

«Estas palavras de Fessler nos levam a outra consideração. Pergunta-se, com effeito, o que pensarão os novos irmãos ao lêrem similhante apreciação? Esta apprehensão faz-nos deplorar a publicação de similhante documento. Mas quem são os novos irmãos?... Os ultimos admittidos? Porém estes são talvez homens d'uma tal gravidade, d'uma intelligencia tão perspicaz e serena; que um só d'elles vale por cincoenta antigos irmãos. Sem duvida a sua attenção será despertada; mas a voz d'um retrogrado não será capaz de os desgostar da Ordem, logo que possam vêr com seus proprios olhos *a vida actual, que communica o encanto sagrado da democracia*. Vós, cujo coração está cheio de sinistras apprehensões, tendes hoje nas vossas mãos as rédeas das lojas; mostrai pois que Fessler se enganou extraordinariamente. Se tendes admittido desde ha pouco homens capazes de se deixarem cegar por algumas palavras de Fessler

sobre a situação actual das lojas *remoçadas e aperfeiçoadas, certamente commettestes uma falta.*

«Visto que as palavras são tão poderosas, deverieis aproveitar a primeira occasião favoravel para provar, quer nas vossas lojas, quer no mesmo jornal, que Fessler julgaria muito differentemente, se hoje vos examinasse. Comtudo acostumai os vossos irmãos a supportar a liberdade da palavra. Mostrai-lhes que não vos deixastes desvairar pelas palavras de Fessler, n'uma epocha em que este maçon dizia tambem a verdade, que vós lhe déstes duzentos ou trezentos thalers, pelo manuscripto d'onde esta requisitoria foi extrahida, e isto para vos poderdes edificar com a sua palavra. Finalmente inspirai aos vossos novos irmãos a confiança de que terão força bastante para poderem conservar o que vós organisastes.»

12. Fischer insiste com complacencia sobre o sêllo democratico que a Franc-Maçoneria imprimiu na revolução de 1848:

«Quando o anno de 1848 fez palpitar o coração dos homens com as mais lisongeiras esperanças, diz elle, alguns de nós se entregaram ao aprazivel sonho d'um futuro feliz e proximo. As tormentas de 1849 chegaram; infelizmente, destruiram as nossas risonhas illusões, e hoje perguntamos o que d'ellas nos resta?—Meus irmãos, certamente o fructo está ainda mesquinho e imperceptivel; mas lembrai-vos de *que os povos que levantaram em 1848 o estandarte da revolução, tinham escripto na sua bandeira victoriosa estas tres augustas palavras: liberdade, egualdade e fraternidade; palavras sagradas que desde muito tempo nós pronunciavamos com emoção nos nossos templos maçonicos* (1).

(1) *Revista maçonica*, n.º 2. 1851.

«Depois do triumpho da revolução em França, no meio d'um concurso immenso de cidadãos que applaudiam o governo da republica, precursor d'um feliz futuro, viu-se á luz do meio dia apparecerem os Franc-Maçons. Ouviu-se aos seus oradores dizerem com orgulho: *A vossa victoria é a nossa victoria; somos nós que desde ha seculos nos temos consagrado em silencio ao culto da liberdade, egualdade e fraternidade;* abençoamos o feliz dia, em que os principios da Maçoneria se tornaram herança da humanidade, *em que podem finalmente cahir os veos* que, na presença da malignidade e estupidez geral, deviam esconder-nos ás vistas dos inimigos da luz. Somos nós, apostolos d'esta divina doutrina, que temos conservado fielmente o fogo sagrado até este bello dia, que os nossos olhos podem em fim vêr, em que todo o universo está abrasado n'esta santa chamma!

«Sim, meus irmãos, A DEMOCRACIA É FILHA DA MAÇONERIA; DEVEMOS RECONHECEL-A COMO NOSSA FILHA: A NOSSA MISSÃO É EDUCAL-A POR TAL SORTE, QUE SE DISTINGA PELA SABEDORIA, FORÇA E BELLEZA. Seria baixeza e cobardia, se hoje que a democracia é calcada aos pés e escarnecida, fossemos desacredital-a e renegal-a. *Não foi por causa do seu triumpho que nós a reconhecemos em* 1848; não será por causa da sua derrota que a renegaremos hoje...»

«Qual é pois o sêllo proprio e caracteristico que distingue o maravilhoso organismo d'esta sociedade (1)? Consiste, sem duvida alguma, em que a loja, similhante aos antigos mysterios, communica um não sei que d'augusto e de sagrado que nos eleva acima do commum, designa tudo o que não está iniciado com o nome de profano, e apezar do

(1) V. III.—*Revista maçonica,* outubro de 1848, p. 362.

seu desdem pela differença das condições não abre os seus templos senão á flôr da sociedade civil, aos homens instruidos e bem educados; consiste em que, *apezar da sua veneração pela trindade democratica da liberdade, egualdade e fraternidade*, ella está coordenada e organisada com a maior sabedoria, possue um corpo de officiaes cercados da mais profunda veneração; e em fim está de tal maneira sujeita ao Mestre da loja, que nada se póde fazer sem a sua vontade. Em cada reunião se compara o Veneravel ao Sol: deve allumiar e governar os irmãos, assim como o sol allumia e governa o mundo.»

13. Comtudo, apezar da sua predilecção pela Maçoneria, Fischer julga dever fazer reservas e estabelecer uma distincção que deixamos ao leitor o cuidado d'apreciar. Não é a Maçoneria em si mesma que é culpada, diz elle; são os graus superiores que compromettem a segurança publica e despertam a susceptibilidade dos governos. Como se os graus inferiores não fossem dirigidos pelos superiores! Como se, acima da Maçoneria symbolica, não se achasse quasi sempre um capitulo que incita os papalvos, segundo um plano traçado!

«Se os graus superiores conteem no seu seio cousas que devem fazer temer a luz da publicidade, compete a elles cuidar dos meios de se desculparem.— Mas a Maçoneria de S. João não tem que temer por fórma alguma um inquerito; e seria até para ella uma cousa vantajosa, se os graus superiores fossem comprimidos ou abolidos. A desconfiança que se mantém fóra das lojas contra a nossa associação, e da qual nós mesmos não nos podemos defender completamente, tem o seu germen nos graus superiores. Ainda que se possa crêr, não sem alguma razão, que os graus superiores teem

seus lados bons, e que só são conservados pelo costume ou pela vaidade, comtudo não se póde a gente subtrahir completamente ao pensamento de que encerram um poder de que se poderia abusar para estorvar os progressos da humanidade (1). Seja o que fôr que aconteça a respeito d'este opusculo, os Maçons de S. João podem esperar o resultado do inquerito com perfeito socego, a não ser com alegria: o seu fim e a sua tendencia são nobres e puros; não se verão livres de todos os embaraços senão no momento em que as peças hereditarias d'um passado desgraçado deixarem de ser do dominio da vida real, e forem collocadas nos archivos da associação, para ahi servirem a todos de instrucção e de advertencia. As lojas que trabalham segundo o systema de Schroeder ou segundo o systema eclectico, da mesma sorte que as officinas dos *Tres-Globos* e da grande loja *Real-York*, não tem necessidade alguma de occultar os seus trabalhos ou mesmo de soffrer a menor modificação nas suas fórmas. Eu não cessarei de sustentar esta asserção, apesar das revelações de certos papeis fataes que nos oppoem. Talvez que a Grande-Loja Nacional d'Allemanha tenha feito progressos nas suas recentes reformas, e que agora escape ás queixas que a publicação de muitos documentos podia fazer pesar sobre ella.»

(1) «São os altos graus que, nos ultimos tempos, teem attrahido sobre a Maçoneria a vigilancia e algumas vezes as perseguições da auctoridade, e o odio dos escriptores profanos. Aconteceu algumas vezes que apresentando-se delegados em dia de sessão ou de festa maçonica, para prohibir, em nome do seu soberano, a Maçoneria nos seus Estados, os officiaes da loja os recebiam e lhes diziam: Antes de nos condemnardes, vinde, ouvi e julgai: Iniciavam-n'os em um grau d'*Eleito* ou *Kadosch*, de *Principe Rosa-Cruz* ou *Cavalleiro do Sol*, ou um outro qualquer grau pomposo então existente? D'isso se livravam elles;... iniciavam-nos no grau de *aprendiz*...»
Ragon. *Curso philosophico*, etc. p. 44.

«Acontecerá inevitavelmente que farão pesar sobre toda a Ordem estas accusações baseadas sobre taes provas; assim os nossos nobres esforços succumbirão debaixo do pêso da suspeita, ou do desprêso. Será esta a famosa vantagem proporcionada á associação pelos graus superiores (1)?

«*A constituição d'estes graus é sempre a mesma que antigamente; é tão perigosa como d'antes. Onde os graus se accumulam sobre os graus, onde o vinculo é tanto mais forte quanto menos membros liga, onde não ha nem responsabilidade, nem superintendencia, mas grandes meios e uma poderosa influencia, onde se póde exigir uma obediencia cega,* onde ha direito de ir dizer aos outros nas lojas que elles não teem das cousas nem uma intelligencia assaz completa, nem uma experiencia sufficiente para poderem com competencia julgar a associação,— ahi os inferiores só são instrumentos cegos e passivos; ahi não existe a fraternidade; os irmãos são para os seus superiores o que um menino de dois annos é para um homem de trinta. Qual é o irmão capaz de julgar do abuso que alli se poderá fazer da auctoridade, quando, entregando-se cegamente a ella, vae, com as melhores intenções do mundo, dar-lhe novas forças?

«*Quem poderia responder porque nunca se fará d'este poder senão um sabio emprego? Nos graus superiores acham-se d'ordinario homens altamente collocados no mundo, homens cujos pareceres são, por conseguinte, do maior pêso.*

«A obstinação com que se apegam ás extravagancias da loucura humana, parece prevalecer muito pouco sobre o cuidado de preservar a ordem dos perigos que a ameaçam. Não é sem motivo que se renuncia á esperança de engrandecer

(1) Ibid. 15 de dez. 1850.

indefinidamente. Quando se não domina, quer-se ao menos ter a apparencia de dominar. *Em todo o caso, é cousa grave que exista uma associação, que, pela sua propria constituição, deseja ardentemente a dominação.*»

Depois Fischer desenvolve estas asserções:

«A Ordem não tem outro fim senão o tornar communs a todos os homens a liberdade, egualdade e fraternidade. Os meios para o conseguir são não sómente a instrucção das creanças, mas tambem a educacão do povo (5).

A humanidade foi melhorada, diz elle, *e como retemperada pela primeira revolução franceza.* Os DIREITOS DO HOMEM *foram lançados como fundamento á liberdade* POLITICA E SOCIAL *e promulgados em toda a superficie do mundo civilisado;* a egualdade civil e particular foi restabelecida. Desde esta epocha principia uma nova era, a da humanidade livre; apesar de todos os meios empregados para a embaraçar, ella não cessou, até hoje, de fazer progressos. A ultima revolução franceza associou á liberdade e egualdade a fraternidade; aboliu a pena de morte; lisongeia-se de poder dentro em pouco tempo unir d'um modo indissoluvel a liberdade á egualdade pelo suave vinculo da fraternidade. Permitta-se-me assentar como principio que a liberdade, egualdade e fraternidade, os bens mais preciosos do homem, não adquirirão estabilidade senão onde se tornarem um patrimonio universal.

E' necessario concluir d'isto que, ainda que a liberdade, egualdade e fraternidade se tenham tornado mote dos povos mais maduros para a politica, não obstante a Maço-

(5) Latomia, 1848, vol. 12, p. 206.— 1849. vol. 12, p. 226 — A opinião d'esta collecção é do maior pêso. Os mesmos maçons francezes gostam de a citar.

neria não se tornou uma superfectação ou excrescencia. E' ella a encarregada de proteger estas plantas delicadas, de não as confiar senão a um terreno perfeitamente cultivado, e de não as expôr ás tempestades do mundo exterior.

Na verdade, esta educação da humanidade, isto é, a educação do homem para o bem-estar da humanidade, não poderá começar senão na edade em que o mancebo deixa ordinariamente os bancos da eschola; ou no momento em que, graças a uma boa dóse de conhecimentos preliminares, o espirito humano é capaz de se entregar aos seus proprios pensamentos; no momento em que, pelas noções n'elle despertadas, o homem começa a suspeitar e depois a comprehender qual é o fim da sua existencia, e que logar elle deve occupar em relação ao mundo e aos seus semelhantes.

— Conservemos o leme nas nossas fieis mãos!

A nova geração deve velar por todas estas transformações e pela educação do mundo; os homens do povo que da nossa cidade deram impulso a toda a Allemanha, devem tambem ajudar-nos a desempenhar esta importante tarefa. Fundando instituições adaptadas á edade que segue immediatamente a mocidade, esperemos que elles chegarão a resolver este problema; esperemos que, pelos seus triumphos, elles tornarão d'ahi em diante inutil a Franc-Maçoneria. Será com felicidade que nós depositaremos a seus pés os malhetes e as trolhas; será com o sentimento de um ineffavel gozo que fecharemos o nosso templo, quando pudermos ter a consoladora convicção de termos contribuido para a construcção d'este magestoso edificio!»

14 A tendencia da Maçoneria para a democracia não é sómente proclamada pelas lojas modernas; os Maçons anti-

gos reconheceram este principio. Infelizmente abusaram d'elle, e tornaram a Ordem suspeita aos governos.

Circular das duas lojas directoras das lojas eclecticas (1)

«Veneraveis Irmãos.

«Aquelle que tem feito alguns progressos na Maçoneria e meditado com attenção os tres graus symbolicos, reconhece sem custo que *a liberdade e egualdade* formam a base de nossa augusta associação. *E' esse o rochedo sobre o qual os nossos veneraveis fundadores levantaram outr'ora o edificio: assente sobre esta solida base, a Maçoneria não podia deixar de se eternisar. A sabedoria, a força e a formosura foram as suas columnas; a humanidade, a concordia e a união as cadeias destinadas a unil-as. E' por isso que por espaço de muitos seculos este magnifico monumento se tem conservado inabalavel.*

«Quanto mais evidentes são estas verdades, tanto mais deve cada Irmão que se interessa pela sorte da nossa Ordem, affligir-se pela triste situação em que a nossa associação se acha em quasi todos os paizes da Europa. Aquelle que leu com attenção as leis antigas e se compenetrou do espirito da Ordem; aquelle que olha com imparcialidade para os acontecimentos que se teem succedido, e lê os differentes escriptos que se teem publicado; aquelle que compara e peza na balança da sã razão, da verdadeira philosophia e da historia; n'uma palavra, que sabe qual é a situação da nossa sociedade na Europa, se convencerá certamente de que entre a Maçoneria actual e a antiga, existe a mesma differença que entre a torre de Babel e o templo de

(1) 18 e 21 de março do 1783.

Salomão. Desde a sua entrada na Ordem, o espirito e o coração do iniciado estão cheios da magnifica ideia de que d'ahi em diante deve caminhar pela estrada da virtude, da verdade e da sabedoria, cercado da amizade mais pura e mais terna dos homens mais eminentes. Mas que vê elle, quando tira a venda dos olhos? Seitas tão separadas umas das outras pelo fim que proseguem, como pelas doutrinas que espalham; seitas que, depois de terem nascido no seio da concordia, teem depedaçado cruelmente e desunido violentamente os corações unidos pelo amor fraternal; seitas que nutrem o mais vivo odio umas ás outras, e se perseguem reciprocamente com o mais vivo encarniçamento.

«No instante em que a tolerancia e a philosophia arrancaram das mãos inimigas da Ordem as suas armas homicidas, levantou-se entre nós o espirito da discordia e da perseguição; e em quanto que a Ordem não é perturbada pelos profanos, o nosso templo está ameaçado de ser destruido pelas divisões intestinas. Com estas se introduziram o despotismo e a sêde das distincções; o sanctuario da paz, o nosso mais bello edificio está ameaçado d'uma completa destruição.

«Estes males não vieram cahir sobre a nossa augusta associação, senão no momento em que se fizeram esforços para *minar as bases da nossa Ordem: a liberdade e egualdade.* A que ataques dos profanos não estaremos nós dentro em pouco expostos, se se continuar a pôr mão sacrilega nos fundamentos da Ordem? *Não será para temer que os governos* DEIXEM EM FIM *de vêr com indifferença uma sociedade, em que uma parte consideravel de seus membros reconhecem por chefes principes ou personagens estrangeiros, e reunem entre si sommas enormes destinadas a sustentar lojas estrangeiras?*

QUE ACONTECERIA SE ESSES GOVERNOS TIVESSEM CONHECIMENTO DOS OBJECTOS DE QUE SE OCCUPAM ALGUNS SYSTEMAS? Ora, dentro em pouco será impossivel escapar por mais tempo ás suas investigações: rumores vagos correm já sobre a natureza dos graus chamados superiores.

«Sejamos prudentes, caros e veneraveis irmãos, tomemos sabias medidas para conjurarmos a tempestade que nos ameaça; é ainda tempo. Quanto aos systemas, cuja legitimidade não se demonstrou ainda, conservemo-nos a seu respeito na neutralidade que aconselha a razão; *façamos desapparecer d'entre nós tudo o que possa fazer inspirar a menor suspeita ás auctoridades civis.* Cada loja se atenha aos graus superiores, particulares ao systema que professa. Mas sobretudo, veneraveis, dignos e caros irmãos, reconduzamos a Maçoneria á antiga simplicidade que a distinguia antes do nascimento de todos estes systemas. Abstenhamo-nos de nos pronunciarmos ácerca do seu valor, da sua verdade ou autenticidade. Convencidos de que a tolerancia é o primeiro dever da nossa Ordem, contentar-nos-hemos em recordar-vos que as nossas discussões e divisões datam da epocha em que foram introduzidos aquelles systemas. A conclusão que tiramos d'este facto é incontestavel: n'uma sociedade como a nossa, em que só devem reinar a liberdade e a convicção, é necessario que a razão se não deixe opprimir. Sigamos finalmente os exemplos dos homens mais illustres da antiguidade: os philosophos eclecticos, sem se apegarem exclusivamente a um systema, escolhiam em cada um d'elles o que continha melhor e mais certo. Obrando assim, a Maçoneria eclectica chegará a desembaraçar-se de todos os elementos impuros.

«Julgamos fazer um signalado serviço a todos os di-

gnos e virtuosos irmãos, abrindo-lhes um caminho capaz de reconduzir a Ordem á sua simplicidade primitiva, e recordando ao seu espirito os verdadeiros principios da Maçoneria. Com este fim, querendo restituir á nossa associação a sua dignidade, consideração e pureza primitiva; desejando restaurar pela mais sólida amizade a fraternidade que tem desapparecido, reunir todas as forças e destruir todos os obstaculos, as lojas abaixo assignadas concluiram uma alliança com muitas lojas allemãs e estrangeiras.»

15. Extracto da correspondencia entre a loja Real-York e a grande loja nacional d'Allemanha (1798).

«Carissimos e affectuosissimos irmãos. Apezar dos seus principios salutares e da sua beneficencia, a Maçoneria viu-se por mais d'uma vez constrangida, pela arbitrariedade e pelo abuso que se fazia do seu nome, a concentrar-se completamente em si mesma. Assim devia fazer, para que a não confundissem com os impostores, e para não augmentar a perturbação, em logar de espalhar beneficios. *Não ha erro, fraqueza e maldade que se não cubra com o nome sagrado da Maçoneria. Vimos apresentar-se coberto com esta capa o alchimista, o visionario, o fanatico, o revolucionario e o envenenador.* A quem se deve attribuir esta desordem, senão áquelles que, com mão temeraria e criminosa, abalaram a constituição primitiva da Ordem, se atreveram a modificar e pretenderam melhorar os seus regulamentos e usos, e espalharam esta maxima funesta: que a augusta Maçoneria se devia sujeitar á mania de reforma que distingue os seculos modernos (1)!»

A Austria, paiz tão affeiçoado ás suas instituições mo—

(1) Hist. completa da F. M., p 94.

narchicas, tem sido egualmente agitada pela Maçoneria. Parece até que em nenhuma outra parte os escriptores e oradores das lojas teem fallado e escripto com tanta franqueza e audacia. Limitemo-nos a algumas citações. Eis-aqui o que lêmos no *Diario Maçonico de Vienna*:

16. «Levantai-vos, arrancai a corôa da cabeça do conquistador e collocai-a na cabeça da innocencia opprimida; despedaçai as cadeias da escravidão que cobrem os homens que nasceram livres; ensinai a humanidade aos nossos bonzos; reprimi o orgulho dos grandes; restitui á liberdade os direitos que lhe foram roubados; levantai a humanidade do pó em que a deitaram o despotismo e o fanatismo (2).

«Os reis não se tornaram tyrannos senão no momento em que o poder lhes armou os braços, ou a purpura preciosa lhes cobriu os hombros, e os diademas d'ouro a cabeça. Passados alguns annos, julgaram-se creaturas privilegiadas, outros homens, porque se assentavam em mais preciosos assentos, ou se cercavam d'uma pompa mais brilhante, etc. O sabio, vendo o monarcha ou um rico especieiro coberto d'ouropeis, distingue com uma vista d'olhos o homem dos vestidos. Se milhares de gigantescos trabans (soldados allemães da guarda imperial) cercam o monarcha, o sabio sabe descobrir o mesquinho anão, de quem o mais pequeno insecto affrontaria a cólera, se a sua escolta se não compozesse de gigantes. Nas almofadas em que o monarcha se estende, o sabio só vê o bicho que forneceu o fino tecido, mas não a carcassa que n'ellas se recosta. Se um throno dourado cega o soberano, o sabio não ignora que o sol se reflecte sobre esse assento e não sobre o idolo que o occupa. O mesmo povo não

(2) 2.° anno, 1.° livro, p. 88

lhe presta a menor attenção logo que está acostumado a vêl-o (3).»

17. Uma das columnas da Maçoneria allemã, o famosissimo Fichte, escreveu estas linhas:

«Não tendo os governos dos tutores coroados em vista senão a escravidão de todos e a liberdade de um só, esquecendo-se os soberanos dos seus deveres e das suas obrigações, e gerando por esta fórma a tyrannia e o despotismo, é um dever sagrado para todo o homem e para todo o cidadão o destruir este regimen e estabelecer pela força a fórma de governo *dictada pelo direito natural*».

Os Maçons francezes declararam com emphase em 1848 que a revolução era a sua aurora. Orgão de toda a Maçoneria franceza, o Grande-Oriente, na sua mensagem de adhesão ao governo provisorio, reivindicou altamente este titulo de gloria para as lojas da sua obediencia. Ora, n'aquella epocha, a liberdade e egualdade civis existiam sem duvida alguma. A unica differença que separava os habitantes era a elegibilidade e o direito de eleger outorgado legalmente aos maiores contribuintes. As unicas pêas que o governo pôz á liberdade, foram as leis de setembro e a prohibição do banquete reformista. Fazendo a revolução de 1848, os Maçons provaram o pouco caso que fazem das constituições e a sua tendencia para a republica. A sua liberdade e egualdade deve ser illimitada, e sem pêas algumas.

18. Não é sem razão que os Maçons protestam contra a intrusão dos graus escocezes. As provas por que n'elles se fazem passar os candidatos, mostram o odio contra a realeza

(3) Ibidem. 3.º anno, 2.º livro, p. 107. Discurso do Veneravel Schwizer.

e parecem querer exercitar o maçon no manejo do punhal.

A Collecção da Franc-Maçoneria adonhiramita, cuja autenticidade não póde ser contestada, dá-nos sobre a iniciação do *Eleito dos Nove* os seguintes pormenores:

«A sala escura deve estar forrada de preto e ser alluмiada só pelas luzes que se vão mencionar. No fundo, e d'um lado, é necessario uma especie de antro ou caverna coberta e guarnecida com ramos d'arvores, entre as quaes deve estar um fantasma assentado, com a cabeça guarnecida de cabellos e sómente collocada sobre o corpo. Ao pé, deve haver uma mesa e um mocho, e defronte um quadro transparente, representando um braço com um punhal e esta palavra escripta: VINGANÇA! Sobre a mesa deve estar um copo; e, em baixo do mocho, devem estar um grande punhal e uma lampada em que se possa pegar, e que dê uma luz amortecida; no outro lado da sala, deve estar uma fonte da qual deve correr agua pura.

Logo que tudo assim esteja disposto, e que o irmão intimo tenha conduzido o candidato a este quarto, assenta-o no mocho diante da mesa, com a cabeça encostada a uma das mãos, e depois diz-lhe:

«Não vos movaes, meu irmão, d'esta posição, até que ouçaes bater tres pancadas, que serão o signal para descobrirdes os olhos. Segui á risca o que vos prescrevo; sem isto nunca poderieis ser admittido na augusta loja do Mestre eleito.» Depois d'este discurso, o irmão intimo sahe, fecha a porta com força, e abandona o candidato por algum tempo ás suas reflexões; em seguida bate tres pancadas, depois dá ao candidato tempo de examinar o que está em volta d'elle; depois do que entra com ar grave e lhe diz:

«Animo, meu irmão, vêdes essa fonte? pegai no copo, tirai agua e bebei; porque resta-vos muito que fazer.»

«Quando o candidato acaba de beber: «Pegai, lhe diz o irmão intimo, n'esta lampada, armai-vos com este punhal, entrai no fundo d'esta caverna, feri tudo o que encontrardes ou o que vos resistir. Defendei-vos, vingai o vosso mestre, e fazei-vos digno de ser eleito.»

O candidato entra, com o punhal levantado tendo a lampada na mão esquerda. O irmão intimo segue-o, mostrando-lhe o fantasma ou a cabeça, e lhe grita: «Feri, vingai Adonhiram, ahi está o seu assassino.» O candidato fere com o punhal; e depois o irmão intimo lhe diz: «Largai a lampada, pegai n'essa cabeça pelos cabellos, levantai o punhal e segui-me.»

O objecto que ha-de cobrir o fantasma é dado a escolher ao mestre da loja. Este tem cuidado de pôr na cabeça do manequim UMA TIARA OU UMA CORÔA! O assassino d'Adonhiram não é senão um papa ou um rei, successor de Clemente V ou de Filippe o Bello; o maçon *Eleito dos Nove* deve apunhalar symbolicamente todo o representante da auctoridade suprema ecclesiastica ou civil.

Não ha nada mais curioso que as explicações que os auctores maçons dão d'este grau; é necessario estar em apuro de meios para recorrer a taes subterfugios. O candidato não é mais que uma estrella d'uma constellação; o punhal é a fouce mitrica; todo o fim d'este grau consiste em celebrar a victoria da vida sobre a morte, da regeneração sobre a corrupção. Absurdo! Absurdo!

Felizmente, os auctores maçons teem um recurso, o da interpretação esoterica, onde se explicam os symbolos sem

nenhumas imagens; mas guardam-se de entregar estas explicações á imprensa.

Permittam-nos que arrisquemos uma interpretação. Aos olhos dos maçons, a Maçoneria é a luz destinada a esclarecer a humanidade, e por isso d'ordinario a representam por um archote. E' no seio das lojas que se acha exclusivamente o precioso deposito da verdade. A Maçoneria é a vida, no sentido de que dá ao mundo a liberdade e egualdade, sem as quaes uma sociedade qualquer é julgada morta ou moribunda. O que obsta á regeneração da sociedade civil são o clero e os reis, ou o *fanatismo e o despotismo.* Uma punhalada, não real mas symbolica, indica o projecto de se desembaraçar d'estes dois obstaculos. A religião e o poder real devem ser o objecto da constante preoccupação das lojas. Uma vez despedaçados o throno e o altar, proclamar-se-ha a republica e o deismo. Renovada e remoçada, a humanidade começará uma nova era; a felicidade e a satisfação serão a sua herança.

Tal é o sentido das ceremonias usadas para o grau de *Eleito*, ou então não teem nenhum.

19. Na recepção do grande cavalleiro Kadosch, sabe-se (3) que o iniciado deve apunhalar uma serpente de tres cabeças, tendo a primeira uma *corôa,* a segunda uma *tiara* ou uma *chave*, e a terceira uma *espada.*

Ora, que significa esta punhalada dada na serpente?

Ragon encarrega-se de nol-o explicar: *A corôa indica os soberanos ; a tiara ou chave symbolisa os papas; a espada o exercito.*

«A serpente de tres cabeças designa o *mau princi-*

(3) Ragon. Curso int., p. 388.

pio. (4)» A auctoridade real, ecclesiastica e militar é por tanto *o mal*; e a Maçoneria, da qual o grande Kadosch é a corôa, deve ter por fim destruir estas instituições prejudiciaes ao desenvolvimento intellectual, moral, civil e social da humanidade. Por honra da Maçoneria, não podemos crêr que no seio das lojas se ensine o regicidio; mas nenhum iniciado de boa fé contestará que a punhalada de Kadosch é pelo menos um symbolo. Não nos accusarão de termos commettido uma exageração.

De resto, o ritual deixa ao iniciador uma grande latitude. «O maior ou menor desenvolvimento, extensão ou applicação que se dá á vingança, introduz no Kadosch uma multidão de variantes, ou antes d'elle faz outros tantos graus differentes. Conhecemos um d'estes graus cujas maximas são horriveis, e por conseguinte *anti-maçonicas.*»

Anti-maçonicas! e porque, se são conformes ao ritual?

Ha, na verdade, seitas maçonicas onde o assassinio é a ordem do dia. Os carbonarios e os adeptos de Mazzini teem dado sobejas provas da sua habilidade em manejar o punhal e o estylete. Sabemos que os maçons enjeitam estes ignobeis abortos da sua instituição. Comtudo que differença ha entre uns e outros, a não ser que os assassinos tomam á letra as ceremonias e explicações dos graus maçonicos, em quanto que os maçons os consideram, dizem elles, como symbolos ou emblemas? Quaes d'elles são os mais logicos?

Os graus superiores da Maçoneria, pelo menos os de Eleito e de Kadosch, teem evidentemente uma origem tem-

(4) *Idem.* Ibid.

plaria; ora, sabe-se que os Templarios juraram a ruina da realeza e do papado.

Portanto, destruição da realeza e do papado, para chegar á republica *socialista*, e ao culto da razão, tal é o fim immediato da Franc-Maçoneria.

D. A Maçoneria terá uma tendencia socialista?

Não hesitamos em responder affirmativamente a esta pergunta.

Em primeiro logar a força das cousas, a logica da razão humana deve conduzir a isso forçosamente. Depois de terem, por todos os meios possiveis, feito odioso o que a opinião considera como o que ha mais sagrado, a religião e a auctoridade real, por que razão haviam de parar no meio do caminho? A familia, sociedade em ponto pequeno, e a propriedade, estarão revestidas d'um caracter mais inviolavel que a religião e o estado? Em segundo logar, estando a auctoridade religiosa aniquilada, ou tornando-se impotente sobre os corações a ameaça d'um Deus vingador que ella faz ouvir; tendo desapparecido com suas leis e repressões a auctoridade civil, sobre que bases se pretenderá assentar a propriedade? Sem Deus, sem auctoridade civil dotada de força e energia, é impossivel a todos os jurisconsultos explicar a propriedade e responder á famosa epigraphe de Proudhon.

Se eu fosse Maçon, convencido dos principios que se inculcam nas lojas, dirigiria aos meus mestres as seguintes observações:

«Tendes continuamente na bôca a palavra egualdade e liberdade. Onde é que na sociedade se encontram esta egual-

dade e liberdade? Eu vejo por toda a parte a medonha distincção que existe entre o proprietario e o proletario. O primeiro accumula riquezas sobre riquezas, ajunta propriedades a propriedades; nada na abundancia, e as producções mais preciosas não são capazes de satisfazer a sua paixão pelo luxo; os prazeres mais inebriantes não podem saciar a sua lascivia. Manda, e tudo treme á sua voz; vem na sua carruagem dourada roçar o pobre que só tem por asylo o marco do caminho. Vêde do outro lado o infeliz, curvo sob o pêzo da fadiga: a côr macilenta e pállida accusa a fome que o mirra; uns farrapos mal lhe cobrem a nudez. Não é para elle que o sol faz dourar as searas, que a terra vomita seus thesouros, e que a industria amontoa capitaes. Pão, trabalho! é o unico brado que sahe do seu peito... Egualdade! egualdade! tu não és senão uma van palavra. E qual é a causa unica d'este horrivel contraste? é a propriedade. Vós pois, mestres, que empunhaes o malhete e o nivel, vós que vos gabais de trabalhar no nivelamento humanitario, como é que limitaes o vosso zêlo a dotar a humanidade da egualdade civil?

«De que servirá ao desgraçado proletario a liberdade que lhe destinaes? Não é elle desherdado da natureza? A liberdade da associação! Consiste para elle em ser encurralado com seus similhantes em officinas ou subterraneos escuros e infectos, explorado por mestres desapiedados. A liberdade da imprensa! Mas, o infeliz, forçado a anticipar-se aos annos, não teve o tempo necessario para aprender o mecanismo da leitura; os periodicos são para elle letra morta; as vossas ideias não são as ideias d'elle; e suas mãos callosas são mais proprias para manejar a enxada que a penna. Pouco lhe importam as questões que se debatem na

arena politica; entre todos os vossos projectos de lei não haverá nunca um só que melhore sensivelmente a sua posição; clericaes e liberaes, monarchistas e republicanos, o melhor para elle será sempre aquelle que lhe dér pão para comer: Liberdade dos cultos! Mas, se vós chegardes a conseguir o vosso fim, o pobre não terá liberdade de rogar a Deus á sua vontade; os altares dos templos christãos serão destinados a servir de estrebaria aos vossos cavallos, e o culto que será exclusivamente tolerado, será o dá Natureza.

«Maçons, oradores e escriptores das lojas, ainda outra vez, que significam a liberdade e egualdade de que vos vangloriaes de ser apostolos e defensores? Um objecto mais digno dos vossos trabalhos se vos apresenta: melhorai o estado social.

«Nada mais facil. Applicai sómente á destruição da propriedade os mesmos raciocinios que para a conquista da egualdade e liberdade civil. Por favor, dizei-me sobre que se basea a propriedade? Qual d'entre vós se atreveria a dar-lhe um fundamento que resista á logica? Tendes-nos repetido milhares de vezes que a realeza e a religião, chamadas por vós tyrannia e superstição, se não baseavam senão sobre prejuizos. Que vem a ser a propriedade senão o mais inexplicavel dos prejuizos?...

«A propriedade!! Eis-aqui o que é necessario nivelar como uma monstruosidade opposta á natureza humana.

«A propriedade! eis-ahi o mais horrivel privilegio que degrada as noventa e nove partes dos homens.

«A propriedade! é ella a cadeia mais pesada que se faz pesar sobre homens que vós declarais livres.

«Como! a vossa liberdade só se limitaria á ausencia

de pêas postas á tolerancia politica! A vossa egualdade se limitaria á ausencia de privilegios no exercicio das funcções publicas! Mas parece-me que antes de tudo o homem é um ser social, para o qual a politica é uma cousa muito secundaria; antes de tudo o homem deve ser posto em circumstancias de satisfazer as suas necessidades phisicas; antes de tudo seria necessario fazer desapparecer essa execravel propriedade, causa de todos os males.»

Os escriptores maçons não se atreveriam a tentar responder a estas interpellações. Se a liberdade e egualdade politicas pertencem essencialmeute á natureza humana, a egualdade social deve, com mais forte razão, derivar d'ella. A liberdade natural não póde ser algemada pelas leis civis. Sem um Deus remunerador que reserve a eternidade para compensar as infelicidades d'esta vida, não se podem explicar a desegualdade das condições sociaes, nem a obediencia ás leis humanas.

Proclamando e procurando fazer prevalecer pela força a liberdade e egualdade politicas, a Franc-Maçoneria abriu o caminho ao socialismo. Por isso antes da introducção das lojas na Europa, nunca a familia e a propriedade tinham sido ameaçadas desde o estabelecimento do christianismo, á excepção d'algumas seitas que as lojas se gloriam de ter tido por antecessoras, e das quaes cobrem ainda a memoria com a sua protecção.

O espirito humano não pára na sua carreira. Uma vez arreigado um principio nas massas, estas sabem fatalmente tirar d'elle todas as consequencias. A liberdade e egualdade politicas foram inoculadas pelas lojas em 1789; a maioria da Constituinte e da Assemblea nacional prescreveu a confiscação dos bens do clero, o sequestro das propriedades da

nobreza, e a Convenção decretou a banca-rôta. Babœuf é o successor natural dos II.·. Mirabeau e Sieyés. Em 1848, a republica escreveu na sua bandeira: LIBERDADE E EGUALDADE, e os constructores das barricadas se estabeleceram no Louvre, onde se constituiram pensionistas do Estado, e as officinas nacionaes reclamaram a egualdade social; Proudhon, Blanqui e Luis Blanc mostraram-se logicos.

Não pensem comtudo que nós somos inimigos da liberdade e egualdade politicas; sómente sustentamos que a sua introducção é negocio de tempo, temperamento e appropriação. Pretendemos que a proclamação inopportuna e violenta d'estes principios deve trazer comsigo logicamente commoções sociaes. A liberdade que não é a licença, a egualdade entendida em seus justos limites, podem conciliar-se perfeitamente com a religião. Mas proscripta uma vez esta como o é pela Franc-Maçoneria, não acreditamos na possibilidade da conservação da egualdade e liberdade politicas; cêdo ou tarde se declinará para o socialismo.

Agora perguntamos: a Franc-Maçoneria conduz *directamente* ao socialismo? E' esta a questão que nos propomos tratar brevemente.

Sabe-se que para o grau d'aprendiz o candidato deve apresentar-se despojado dos vestidos e de todo o metal (dinheiro). A' pergunta que lhe é dirigida para a explicação d'este despojo, o catechismo lhe faz responder: «*Porque um verdadeiro maçon não deve possuir nada que seja propriamente seu.*» Explicando esta parte do ritual, Ragon diz que o candidato representa, n'este estado, *o homem da natureza* (1). Esta interpretação está em perfeita harmonia com a da

(1) P. 89.

Grande Loja d'Allemanha. Um *homem da natureza*, se é que comprehendemos estes termos, recorda um selvagem dos bosques virgens, transportando os seus penates d'um logar para outro, não possuindo a menor noção da propriedade ou do valor do dinheiro.

Lêmos no mesmo auctor: «O ritual diz ao aspirante que a palavra de passe de aprendiz (Tubalcain) quer dizer *possessio orbis*. Sabe-se que *Thubal* póde muito bem significar em hebreu a *terra habitavel*, como *cain* significar *posse*. E' bom que os homens possuam a terra; mas A JUSTIÇA DEVE REPARTIR AS PORÇÕES D'ELLA... O aspirante espera receber lições de sabedoria e de san moral, e que terrivel divisa se lhe faz ouvir: *possessio orbis!* é a divisa do conquistador, do *espoliador* (1). O homem da natureza já não é feliz desde que os outros homens, em logar de cultivarem a terra, disputam a posse d'ella (2).»

Portanto, segundo M. Ragon, a *posse da terra* é a divisa do *espoliador*, a qual não é *uma lição de sabedoria*, nem *um principio de san moral*. Deixamos esta phrase á apreciação do leitor; porém se isto não é proclamar o socialismo ou destruir a propriedade, não sabemos o que é.

A *Revista Maçonica* (3) recommenda ás lojas *a manter o irmão na meditação continua de certas verdades sociaes importantes*. «E' necessario fazer-lhe comprehender, diz ella, que nós temos todos da parte da natureza, os mesmos direitos ao desenvolvimento das nossas faculdades intellectuaes e das nossas forças phisicas; que todos, *em proporção*

(1) P. 117.
(2) P. 116.
(3) *Revista Maçonica*, Manual para os irmãos. Altenburgo, 1823. 1.° vol. 1.° livro, pag. 92.

das nossas capacidades particulares, temos um logar que occupar na sociedade, e que devemos obrar para o bem geral da humanidade.... Egualdade dos direitos, gozos communs, acção philantropica universal, eis a base da nossa associação (3).»

Se estas palavras teem alguma significação, não são, com pequena differença, senão a proclamação dos principios de Cabet, cuja fundação philantropica, por não ter podido ser *universal*, não foi senão *icaria*. As azas do filho de Inacho, não sendo naturaes, derreteram-se aos raios d'um sol tropical.

Se a Maçoneria ainda não inaugurou este systema pantheista, não é por culpa dos maçons. «Os homens investidos da auctoridade e encarregados do governo da sociedade não comprehendem ainda, pela maior parte, que respeito deve receber da humanidade aquelle que está encarregado de formar bons cidadãos. Os sacerdotes da religião, em logar de vêrem nos apostolos da humanidade (os Franc-Maçons) uteis auxiliares, não verão n'elles ainda por muito tempo senão odiosos rivaes. Os mesmos homens illustrados estão cheios de excessivo egoismo para fazerem da humanidade uma idéa exacta (4).»

E' certamente, para apressar a chegada do socialismo, que as lojas se esforçam em espalhar uma nova luz e em destruir a auctoridade civil e religiosa que, segundo a *Revista Maçonica*, formam os unicos obstaculos á realisação d'este projecto.

O *Diario Maçonico* de Vienna exprime-se em termos

(3) Idem. p. 95.
(4) *Ibidem*

mais explicitos: «Contemplai, diz elle, a nossa Ordem espalhada por todas as zonas, e vereis que o bem-estar da humanidade deve ser, com effeito, o fim da nossa associação. A Maçoneria é uma sociedade, que para se constituir, teve de fazer desapparecer todos os prejuizos tão vãos, mas tãos funestos em suas consequencias, das nacionalidades, condições e religiões. E' por isso que a primeira das suas maximas fundamentaes é não dar valor ao homem senão em conformidade com as disposições da natureza que nos fez seres d'uma unica e mesma especie, *cidadãos de um só e mesmo mundo,* possuidores d'uma *só e mesma terra,* filhos d'uma *só e mesma mãe* (1).»

Os auctores Maçons pretendem proclamar que a Ordem descende dos Essenios, entre os quaes se praticava a communidade dos bens (2). Segundo elles, o christianismo deve os seus principios sociaes a têl-os tomado d'esta seita (3).

O mais eminente escriptor das lojas allemãs atreve-se a escrever estas linhas:

«Toda a terra é um bem commum; o direito de propriedade que se estabeleceu e constituiu pela astucia e pelo poder arbitrario, é a origem de toda a tyrannia e de todos os males publicos; estes só desapparecerão pela repartição egual de todos os bens.—Os principes, os hypocritas e a nobreza, implacaveis inimigos do genero humano, devem ser aniquilados, e os seus bens dados áquelles que pelos seus talentos, sciencia e virtude são os que teem direito a poder governar os

(1) P. 170.

(2) Acerellos. I. p. v. c. XIV. Eckert. T. II, p. 21. Ragon p. 84.

(3) Acerellos. Ibidem. *Diario maçonico de Vienna.* IV livro, p. 119. Discurso do V.·. I.·. de Bern.

outros. São perversos aquelles que não admittem estas maximas ou se oppoem á execução d'estes projectos. Ha todos os direitos e todos os deveres contra estes inimigos do genero humano. Sim, tudo é permittido para acabar com elles: a violencia e a astucia, o fogo e o ferro, o veneno e o punhal; o fim santifica o meio. Os direitos do homem, mais antigos e sagrados que todos os costumes, todos os contractos e pragmaticas sancções, devem ser violentamente restabelecidos (1).

Limitamos a isto as nossas citações. Ellas são de sobejo para convencer o mais incredulo da tendencia das lojas para o socialismo. Com dôr o confessamos, a Maçoneria belga está á frente d'este movimento. Julgamos inutil reproduzir as publicações que teem aterrado uma população tão religiosa, tão pacifica, e tão addicta ás suas instituições. Todos as teem podido lêr nos periodicos.

E. Beneficencia Maçonica.

Existe um prejuizo popular cuidadosamente espalhado e alimentado pelas lojas: e vem a ser que a Maçoneria é sobretudo uma instituição philantropica, destinada a alliviar todas as miserias da humanidade afflicta. Com effeito, é esta a impressão que deixa a leitura d'uma boa parte dos documentos maçonicos. Certamente, não seremos nós que nos entregaremos ao triste prazer de attenuar a generosidade maçonica; quizeramos que os soccorros concedidos pelas lojas fossem por tal maneira numerosos e efficazes, que não deixassem logar nenhum onde a caridade christã se podésse exercer.

(1) Fichte. *Beitrage zur Berichtigung*, etc., p. 45.

Mas a cada um o que lhe pertence. Demos a Cesar o que pertence a Cesar.

Quaes são os recursos das lojas? Uma simples collecta feita pelo esmoler no fim de cada sessão, que ordinariamente tem logar todos os mezes. Ora, querem saber a quanto se eleva a taxa fixada pela loja de Liége? Eis-aqui o que se lê no regulamento da *Perfeita Intelligencia*: «O irmão esmoler verificará na folha d'assistencia os II.·. que se ausentaram da sessão, e d'elles fará uma lista, a fim de cobrar a *medalha de vinte e cinco centesimos.*» Suppondo, termo medio, cincoenta membros a cada loja, chegar-se-hia á somma fabulosa de 150 francos annualmente, para repartir entre a multidão dos pobres de uma provincia inteira. Ha realmente com que não deixar uma só miseria sem allivio!! Admittamos que o termo medio das offertas se eleve á somma de um franco; receber-se-hiam annualmente 600 francos. Haverá ahi de que se gabarem? Haverá motivo para exaltar a instituição maçonica como uma obra eminentemente philantropica? Poucas familias pobres absorveriam os recursos d'uma loja em poucas semanas.

Comparae com esta mesquinha beneficencia das lojas a generosidade d'uma sociedade de S. Vicente de Paulo, a de Liége, por exemplo. Esta recebe, termo medio, uma somma de *vinte e cinco mil francos*; em circumstancias extraordinarias tem chegado a dobrar esta somma. Estes mesmos catholicos, com toda a cegueira que se lhes suppõe pela superstição, tomam, além d'isto, grande parte em outras boas obras eminentemente sociaes, taes como as de S. Francisco de Regis, dos Irmãos das escholas christãs, da Sociedade maternal, das Pequenas irmãs, etc., sem contar os seus actos da caridade particular, propriamente dita.

Depois que differença no modo de distribuir o producto das collectas! A beneficencia do maçon é acanhada; com poucas excepções, ella só aproveita aos proprios Maçons, ou ás familias de Maçons, em conformidade com a recommendação do regulamento. A caridade do catholico abrange todos os homens, sem se importar de que paiz elles são ou que religião professam. Em fim o catholico não se despreza de entrar na choupana do pobre, de se pôr em immediato contacto com elle e de lhe dirigir com o pão material palavras consoladoras que alentam a alma abatida.

Nos nossos dias, os grandes centros de população possuem hospicios, onde a infancia abandonada, a velhice enferma, a infelicidade debaixo dos seus milhares de fórmas acham asylo e conforto. Ora pois! foram os Maçons ou os christãos que levantaram estes monumentos á desgraça?

Permittam-nos que a este respeito citemos um magnifico extracto do *Ensaio sobre a indifferença*: o leitor poderá estabelecer por si mesmo a comparação entre a caridade christã tão insultada e a philantropia maçonica tão exaltada.

«Por espaço de trinta seculos, o homem, testemunha das miserias inherentes á condição humana, nem sequer pensára em soccorrer seus irmãos afflictos. Não apparece entre os antigos nem sombra d'uma instituição em favor dos infelizes: nem a philosophia nem o paganismo enxugaram nunca uma unica lagrima. Ainda que a piedade esteja na natureza, e talvez porque esteja na natureza, o raciocinio afasta d'ella. Seneca chama-lhe *o vicio d'uma alma fraca. Não te lamentes com aquelles que choram*: é um dos preceitos de Marco Aurelio, e a doutrina commum dos Stoicos. O sabio, diz Virgilio, não se compadece da indigencia.

«Se os Maçons teem alguma noção da beneficencia, de-

vem-n'a ao christianismo. Os philosophos modernos, da mesma sorte que os antigos, não teriam tido a idéa de soccorrer os desgraçados se não fosse o respeito de que a religião nunca deixou de cercar o desgraçado, e se não fosse a sancção das obras corporaes e espirituaes de misericordia. Esquecem-o muitissimas vezes: o que ha de natural no homem não é a generosidade que faz entrar os outros no goso do que possue, mas o frio egoismo que lhe faz temer nunca ter bastante.

«Quam longe está d'este frio egoismo a caridade christan!

«Como! Será o homem tão sensivel ás dôres dos outros, que seja necessario endurecêl-o, temperando-lhe a alma em doutrinas barbaras? Pelo contrario, o maior milagre do christianismo está em o enternecer pelos males alheios: e este, pelo menos, não o negarão, porque se não commove todos os corações, está patente a todos os olhos. Vinde, segui os passos da religião d'amor; contai, se é possivel, os beneficios que ella espalha ás mãos largas sobre os homens, as obras de misericordia que inspira e que só ella póde recompensar. N'uma peste que assolou, no terceiro seculo, parte do imperio, os pagãos, abandonando os seus amigos e parentes, não pensaram senão em pôr-se por meio da fuga a salvo do contagio. Os christãos, então tão cruelmente perseguidos, cuidaram de todos os doentes, fieis e idolatras, e vingaram-se dos seus inimigos, como os christãos se costumam vingar, sacrificando-se por elles. Os discipulos de Jesus Christo enchiam de beneficios os seus detractores. «Não será «para nós uma grande vergonha, escrevia o imperador Ju-«liano a Arsace, que os Galileos, além dos seus pobres, ali-«mentem tambem os nossos?»

«O christianismo não degenera envelhecendo. Os seus

annaes estão cheios de toda a casta de serviços por elle feitos em todas as edades á humanidade. O mesmo espirito do amor que fez tantos prodigios nos primeiros seculos, os faz da mesma maneira hoje no meio de nós. Quem se não lembra com profunda commoção d'aquelles religiosos hespanhoes correndo as ruas d'uma cidade empestada, tocando uma campainha e annunciando por esta maneira a sua passagem para que cada um podésse reclamar os seus generosos soccorros? Quasi todos morreram martyres da sua dedicação.

«Porém deixemos os feitos particulares, com os quaes se encheriam innumeraveis volumes: não fallemos dos Borromeos, nem dos Belzunces, nem d'aquelle Vicente de Paulo que, em tempos calamitosos, sustentava provincias inteiras; cuja caridade se estendia até além dos mares, chegando ás praias de Madagascar e aos bosques da Nova-França, e que parecia ter-se encarregado de alliviar elle só todas as miserias humanas: homem prodigioso que forçou o nosso seculo a crêr na virtude. Não consideremos senão os estabelecimentos duradouros, os beneficios generosos e permanentes da religião. Esses asylos solitarios da innocencia e do arrependimento, cuja falta os povos aprenderão cada vez mais a sentir; esses pacificos retiros da desgraça, os soberbos palacios da indigencia, quem os levantou, senão ella?

«A philosophia, senhora por um momento, só soube destruil-os. A razão humana não poupou nada d'aquillo que a fé tinha creado em favor da humanidade. E com que profusão não tinha o christianismo multiplicado estas instituições eminentemente sociaes! O seu numero quasi infinito era egual ao das nossas miserias. Aqui a filha de Vicente de Paulo visitava o velho doente, e curava-lhe as nojentas feri-

das, fallando-lhe do ceo; ou, por uma terna caridade, fazendo-se mãe, sem deixar de ser virgem, aquentava no seu seio o menino abandonado. Alli, a irmã hospitaleira tratava, consolava o doente, e se esquecia de si mesma, para lhe prodigalisar, de dia e de noute, os serviços mais penosos. Acolá, o religioso de S. Bernardo, estabelecendo a sua morada no meio das neves, abreviava a propria vida para salvar a do viajante perdido na montanha. N'outra parte verieis o irmão do *Bem-Morrer* junto do leito do agonisante, occupado em lhe suavisar a ultima passagem, ou o irmão *Coveiro* enterrando seus despojos mortaes. Ao lado d'estes denodados cavalleiros, d'estes *soldados supplicantes*, que, quasi sós, protegeram por longo tempo a Europa contra a barbaria musulmana, se via o padre *da Mercê*, cercado, como um triumphador, dos captivos que tinha não carregado de cadeias, mas livrado d'ellas, expondo-se a milhares de perigos e a fadigas incriveis. Padres, religiosos de todas as ordens, despedaçando, por uma virtude sobre-humana, os vinculos mais caros, iam, com grande alegria, regar com o seu sangue paizes longinquos e selvagens, sem outra esperança, sem outro desejo que arrancar á ignorancia, ao crime ou á desgraça, homens que lhes eram desconhecidos. Depois de ter fecundado com os seus suores as nossas collinas incultas e os nossos matagaes estereis, o laborioso benedictino, retirado na sua cella, arroteava o campo não menos arido da nossa historia antiga e das nossas antigas leis...

«Contemplae o irmão das escholas christãs, ensinando á infancia os elementos das letras, a doutrina das sciencias, e a doutrina mais preciosa dos deveres; fallando-lhe de Deos com uncção, e formando-a para a felicidade conformal-a na virtude...

«Não acabaria, se me propozesse recordar, ainda mesmo summariamente, todos os serviços feitos á sociedade pelo clero catholico. Foi na verdade um bello pensamento o collocar, ao lado dos inexoraveis ministros das leis, os ministros sagrados dos costumes e da humanidade; o fazer da misericordia uma funcção publica. Entrae no seio das familias, interrogae os seus membros: elles vos dirão o que devem a esta admiravel instituição: quantas inimizades extinctas, quantos esposos, parentes e cidadãos reconciliados, quantas victimas arrancadas ao vicio, quantas injustiças reparadas, quantas iniquidades prevenidas, quantas afflicções consoladas, e quantas miserias secretas suavisadas! Sabeis o que é um padre, vós a quem só o ouvir pronunciar este nome irrita, ou provoca um riso de desprêzo? Um padre é, por dever, o amigo, a providencia divina de todos os desgraçados, o consolador dos afflictos, o conforto da viuva, o pae do orfão, o reparador de todas as desordens e de todos os males produzidos pelas vossas paixões e funestas doutrinas. Toda a sua vida não é senão uma longa e heroica dedicação pelos seus similhantes. Qual de vós consentiria em trocar, como elle, os prazeres domesticos, todos os gosos, todos os bens que os homens procuram tão avidamente, por trabalhos obscuros, deveres penosos, funcções cujo exercicio despedaça o coração e repugna aos sentidos, para não colher, as mais das vezes, outro fructo de tantos sacrificios senão o desprêzo, a ingratidão e o insulto? Vós ainda estaes immersos n'um profundo somno, e já o homem de caridade, madrugando mais que a aurora, recomeçou a corrente das suas obras bemfazejas. Alliviou o pobre, visitou o doente, enxugou as lagrimas do infeliz ou fez correr as do arrependimento, ensinou o ignorante, fortificou o fraco, e fortaleceu

na virtude almas perturbadas pelas tempestades das paixões. Depois d'um dia todo cheio de similhantes beneficios, chega a noute, mas não o descanço. A' hora em que o prazer vos chama aos espectaculos, ás festas, correm apressadamente ao ministerio sagrado; um christão está proximo a exhalar os ultimos suspiros; vae morrer e talvez d'uma enfermidade contagiosa: não importa, o bom pastor não deixará expirar a sua ovelha sem lhe suavisar as angustias, sem a cercar das consolações da esperança e da fé, sem orar a seu lado ao Deos que morreu por ella, e que lhe dá, n'aquelle mesmo instante, um penhor certo de immortalidade.»

Que distancia entre a caridade christã e a philantropia maçonica!

Que é uma mesquinha moeda de metal lançada na bolsa do esmoler, comparada com a dedicação sem limites e com incessantes sacrificios? Que é um pedaço de pão dado pomposamente pelas lojas, ao lado de instituições permanentes que parecem tomar sobre si todas as miserias da humanidade? Que é o trabalho de dar um pequeno obolo, em comparação do martyrio obscuro d'uma vida inteira? Mas notem bem, a esmola vulgar, tal qual os Maçons a praticam, é tão frequente, tão natural, tão commum, que não se acha nem sequer mencionoda no magnifico quadro que o auctor do *Ensaio sobre a indifferença* fez da caridade christã. Quando virmos sahirem dos seus templos os Maçons, para passarem a vida no meio dos doentes, dos moribundos e dos infelizes de todas as especies; quando os virmos sacrificar não sómente uma boa parte da fortuna, mas tambem o socego, os prazeres e, se fôr necessario, a propria vida pelo allivio da humanidade afflicta, então nos julgaremos felizes em prestar homenagem á sua philantropia. Mas em quanto elles não

tenham dado da sua fraternidade outra prova senão o abandono d'uma moeda de pequeno valor, julgamo-nos com direito de sustentar que a sua generosidade é muito restricta.

Se não pagam por suas proprias mãos, mostrem-nos, ao menos, as instituições philantropicas que teem fundado. Onde existem os hospicios ou os hospitaes que possam reivindicar? Onde existem no verdadeiro sentido da palavra os seus estabelecimentos humanitarios? Onde estão as suas escholas gratuitas? Onde existem as suas salas d'asylo para a infancia? Onde estão as suas associações comparaveis ás de S. Vicente de Paulo? Procuro-as por toda a parte, e não vejo nada. Engano-me. Os Maçons belgas teem uma instituição cara ao seu coração, a universidade livre de Bruxellas. Mas longe de chegarem as cotisações das lojas a formar uma somma sufficiente para a conservação e prosperidade d'este estabelecimento, são necessarios, além d'isso, os subsidios enormes da provincia e do municipio; e, para remate da irrisão, é necessario que os contribuintes, inimigos das lojas, ajudem com o seu dinheiro a sustentar uma instituição que aborrecem.

Ha comtudo um ponto em que os Maçons mostram mais zêlo e dedicação que os catholicos, apressamo-nos em confessal-o, e vem a ser: quando se trata de sustentar a imprensa, de reunir fundos para as eleições ou soccorrer um ou outro de seus irmãos perseguidos ou proscriptos por um governo visinho. N'este caso o dinheiro apparece com abundancia. E' certo que a humanidade não recebe com isso allivio algum.

Quantas vezes não temos ouvido repetir esta objecção: A Franc-Maçoneria fórma uma especie d'associação de soc-

corros mutuos? Se um Franc-Maçon soffre um revez da fortuna, todos os irmãos correm em seu soccorro. Tal é o prejuizo que tem corrido constantemente desde ha meio seculo a esta parte.

O que acabamos de dizer sobre a modicidade dos recursos das lojas basta para responder amplamente a esta objecção. Depois, ainda quando houvesse nas lojas membros muito ricos para restabelecerem a fortuna de seus irmãos arruinados, nunca chegou ao nosso conhecimento que a sua generosidade chegasse a tal ponto. Ainda mais: entre os numerosos maçons, cuja lista possuimos, não nos seria custoso citar ás dezenas aquelles que, depois de terem sido mal succedidos em suas emprezas ou especulações, teem sido abandonados a si proprios, e nunca mais poderam rehabilitar-se.

Querem uma prova evidente? Um maçon, cujo nome é europeu e figurará nos annaes da historia; um maçon que, nas elevadas posições que occupou successivamente, teve meios d'alçançar protectores; um maçon que ainda hoje encontra numerosos admiradores; um maçon, o maior poeta e litterato da nossa epocha, M. de La Martine, n'uma palavra, longe de ter achado nas lojas os soccorros necessarios para restaurar a sua fortuna, teve d'appellar para as algibeiras profanas.

Ninguem se illuda: os Maçons gostam mais de alliviar com palavras que de desatar os cordões ás bolsas. Citemos a opinião d'alguns escriptores:

«Lembremo-nos sobre tudo, meus irmãos, diz Ragon, de que a Maçoneria não constituiu um corpo de individuos que vivam á custa dos outros. Esses mendigos que se associam

para não fazerem nada, ousariam confessar o fim com que se fizeram receber?

«Veem impôr-vos audaciosamente as suas miserias e o pêzo de seus vicios, sem terem sido uteis á Ordem por nenhum talento, por nenhuma virtude.

«Esta lepra horrenda da maçoneria em França, mostra a criminosa negligencia das lojas, sobre tudo das de Paris.

«Não apresenteis nunca na Ordem, dizia o irmão Beurnonville ao irmão Roithiers de Montaleau, *senão homens que vos possam apresentar a mão e não estender-vol-a* (1).

O irmão Bazot é mais explicito e ainda mais mordaz, nos termos com que exprime a sua indignação contra os Maçons que importunam os irmãos com seus pedidos de auxilios:

«O Maçon mendigo está continuamente em vossa casa, atraz de vós, nas vossas lojas; é um genio malfazejo que vos incommoda por toda a parte e a toda a hora. Nada vos póde subtrahir á sua importunidade, e a sua insolencia não conhece limites nem obstaculos.

«Apparece-vos ao levantar da cama, no momento dos vossos negocios, á hora da comida, ao sahirdes. O seu pergaminho é a sentença de morte da vossa humanidade. Seria melhor encontrar a sua mão armada d'um punhal, pois ao menos poderieis oppôr o animo ao cutello assassino. Armado sómente com o seu titulo de Maçon, diz-vos: «Eu sou Maçon, dai-me, porque sou vosso irmão, e a vossa lei ordena-vos que façaes esmolas. Dai-me alguma coisa, ou publicarei por toda a parte que sois um mesquinho e mau

(1) *Curso* phil. e interp., p. 368.

irmão.» — Dai, Maçons, mas preparai-vos para dar sempre, porque a emboscada será permanente (2).»

Depois da leitura d'estas linhas dos II.·. Ragon e Bazot, não restará a menor duvida de que os Maçons não estão muito dispostos a pôr a bolsa á disposição de seus irmãos pobres.

O appello d'um irmão para a generosidade d'outro irmão é uma *lepra horrorosa*: o diploma maçonico é *uma sentença de morte para a humanidade*; é mais terrivel que um *punhal*.

Deve concluir-se que o Maçon que soffre um revez se engana extraordinariamente, contando alguma vez com a dedicação do seu irmão.

Houve um tempo em que as lojas, severas na escolha dos seus membros, só se compunham de membros da nobreza, grandes industriaes e escriptores. N'essa epocha o Maçon, novamente iniciado, podia *apresentar a mão* a seus irmãos, que lhe eram eguaes na fortuna. Depois que a Franc-Maçoneria se democratisou e que, por conseguinte, recebeu em seus templos todos os candidatos que se lhe apresentavam, viu-se que perdeu muito em consideração e dignidade. Uma parte dos novos membros fizeram-se iniciar, persuadidos de que a Maçoneria seria para elles ou uma especulação lucrativa, ou um meio d'adquirir ou de recuperar a fortuna; enganados em suas esperanças, e baldos d'expedientes, não apresentam a mão a seus irmãos, mas *estendem-lh'a*.

A mendicidade maçonica contra a qual se declaram os escriptores das lojas é pois consequencia não sómente d'um

(2) *Codigo dos Franc-Maçons*, pp. 176 e 177.

prejuizo, mas sobre tudo da admissão de homens pobres ou de uma fortuna precaria.

Não somos nós que fallamos, é M. Bazot. A culpa (da mendicidade) é das lojas. Se as lojas não recebessem na associação fraternal senão homens *honrados*, com uma posição *independente* pela fortuna ou pelo trabalho, não teriam que alliviar, ella e todos os Maçons, senão infelicidades passageiras, e se fossem duradouras, pelo menos immerecidas (3).

Reconhecemos a verdade das palavras do I.·. Bazot; infelizmente, para estender a acção maçonica, julgou-se dever relaxar a severidade primitiva, e mostrar-se muito indulgente nas admissões.

Desde então procurou-se mais a quantidade que a qualidade. Poderiamos accrescentar que este *compelle intrare* tem introduzido nas lojas um certo numero de irmãos faltos da educação, da civilidade e da circumspecção que distinguia a Maçoneria primitiva. O I.·. Ragon deplora amargamente que as lojas francezas não offereçam o mesmo caracter de dignidade que as lojas americanas, inglezas e allemãs (4).»

(3) Idem. *Ibid.*

(4) Curso phil. et interp., p. 368. Nota.

III.

JURAMENTO MAÇONICO. OBRIGA EM CONSCIENCIA? COMO SE HA-DE CONCILIAR O JURAMENTO CIVIL OU RELIGIOSO NO CASO D'UM CONFLICTO COM O JURAMENTO MAÇONICO?

Eis-aqui os termos em que é concebido o juramento do candidato-companheiro no systema neo-inglez dos *Tres-Globos*, no Oriente de Berlin:

«Juro, em nome do supremo Architecto de todos os mundos, nunca revelar os segredos, signaes, toque de mãos, palavras, doutrinas ou usos dos Franc-Maçons, e guardar sobre tudo isto eterno silencio. Prometto e juro perante Deus nunca trahir nada d'isto por escripto, nem por palavras nem por gestos, nunca mandar escrever, lithographar, gravar, imprimir nada d'isto, e nunca publicar o que me tem sido confiado até este momento, e o que me fôr confiado no futuro. E, no caso de faltar ao que prometto, me obrigo e sujeito ao seguinte castigo:

Que meus labios sejam queimados com um ferro em

brasa, que me decepem a mão, que me arranquem a lingua, que me cortem o pescoço; que o meu cadaver seja enforcado n'uma loja durante o trabalho d'admissão d'um novo irmão, para servir de estigma á minha infidelidade e de terror para os outros; que depois queimem o meu corpo e as cinzas sejam lançadas ao vento, para que não reste o menor signal da minha traição.

Assim Deus me ajude e seu santo Evangelho. Amen ».

A formula do juramento francez, umas vezes mais resumida e outras mais extensa, segundo a differença dos ritos, é por toda a parte a mesma quanto ao essencial. Em todas, as mesmas promessas do mais rigoroso segredo, e as mesmas ameaças comminadas, contra aquelle que prestou juramento, no caso de traição.

A differença apparente que existe entre o systema francez e o prussiano consiste em que o candidato de Berlin põe a mão sobre os santos Evangelhos ao pronunciar o seu juramento, em quanto que no rito escocez de Paris despapareceu todo e qualquer emblema christão.

Antigamente o juramento prestava-se n'estes termos mesmo em França: «Juro e prometto aos santos Evangelhos e sobre esta espada d'honra.»

Hoje os estatutos geraes da Ordem substituiram os Evangelhos ou a Biblia (Ragon pag. 92). Aquelle que pensasse que a Biblia representa realmente na Prussia a palavra revelada pelo Espirito Santo, e que, por conseguinte, a consciencia do Maçon estava ligada no ponto de vista religioso, enganar-se-hia inteiramente.

Esta ceremonia não é senão uma astucia destinada a enganar o governo e o candidato, no caso em que este tivesse conservado algum vestigio de crença na revelação.

Sendo a maior parte d'aquelles que entram para a Ordem já incredulos, e crendo ainda poucos protestantes, de resto, na divindade dos livros santos, é facil de vêr que a prescripção de pôr a mão sobre a Biblia é uma formalidade tão illusoria como inutil.

Se restasse a menor duvida sobre a ausencia de toda a idéa christã no acto de prestar o juramento maçonico, bastaria notar que o juramento é dado em nome do *grande architecto do universo*, isto é, do Deus indeterminado e impessoal do pantheismo, que não podia incarnar nem fundar o christianismo. Já vimos que os auctores Maçons são unanimes em escarnecer e repudiar toda a religião revelada. Esta asserção não será combatida por nenhum escriptor das lojas francezas ou belgas.

O juramento maçonico varia quasi em cada novo grau que se recebe.

Não se contam menos de quatro no ritual dos *Tres Globos*. Seria superfluo cital-os aqui. Comtudo não podemos deixar d'assignalar os monstruosos termos em que é formulado o juramento de aprendiz e companheiro escocez, grau que serve de introducção á Ordem interior. Ao juramento do segredo o candidato accrescenta o *de amar cordealmente todos os seus irmãos e particularmente os Escocezes; ajudal-os com alma e vida,* AINDA MESMO EM PREJUIZO DOS SEUS BENS E DA SUA HONRA, E Á CUSTA DO SEU PROPRIO SANGUE !!!

Portanto, para o Maçon, a Franc-Maçoneria está antes de tudo e acima de tudo! Seus irmãos devem predominar absolutamente nas suas affeições, e vencer os seus proprios interesses!

Os chefes prescrevem um sacrificio de dinheiro para

as necessidades da causa maçonica; dão ordens compromettedoras que expoem o Maçon a perder as suas funcções, os seus empregos, os recursos da sua familia. O Maçon deve obedecer em virtude do seu juramento.

Não jurou elle ajudar seus irmãos, mesmo em prejuizo de seus *bens*?

Nas diversas relações da vida civil e social, o Maçon vê um irmão na penuria, talvez sob uma grave accusação. Um signal, um gesto, uma palavra lh'o faz reconhecer. Se o Maçon é consequente comsigo mesmo, deve ajudar seu irmão com *alma e vida*. Monarcha, deve ajudar seu irmão sobre o throno, ainda mesmo em prejuizo de seu proprio povo; ministro, deve atraiçoar o seu soberano, communicando ao seu *irmão* os projectos e planos de campanha; deve distribuir as funcções e os empregos publicos em favor de seus irmãos, em menosprezo dos regulamentos em vigor no paiz (1); deve propôr leis em favor da Ordem e em prejuizo dos seus adversarios. General, deve prestar-se ás exigencias d'um inimigo, seu irmão e talvez superior nas lojas, quer deixando-se surprehender, quer executando falsas manobras, quer evitando alcançar uma victoria facil, quer entregando uma praça forte, quer finalmente poupando um inimigo que as leis da guerra e o bem do paiz lhe impunham o dever de exterminar. Juiz, deve absolver seu *irmão* criminoso, e condemnar o profano innocente.

Advogado, deve defender o seu cliente de sorte que

(1) As instrucções dos *Illuminados* não deixam a menor duvida sobre este ponto; dizem em termos explicitos que o Maçon que occupa uma alta posição deve confiar as funcções civis aos irmãos, membros da Ordem.

um *irmão* defendido por *outro irmão* saia victorioso da lucta, etc.

Estas asserções fazem tremer!

Não ignoramos as recriminações que estas poucas palavras vão provocar. Ouvimos já dirigirem-nos esta objecção: «Mas a honra! a palavra d'homem de bem! a dignidade! o patriotismo! o juramento! a consciencia!»

Eis-aqui a nossa resposta. Em primeiro logar o Maçon não conhece nem póde conhecer senão o seu juramento maçonico. Não admittindo nem os dogmas do christianismo, nem, por conseguinte, a temivel sancção de um Deus que ameaça com castigos eternos o temerario profanador do juramento religioso, *garantia unica da segurança publica,* o Maçon não póde vêr um perjurio na violação do juramento que prestou acceitando as suas funcções. A sua *consciencia* maçonica está, pois, perfeitamente livre n'este ponto.

O patriotismo! Mas o Maçon vangloria-se de ser cosmopolita, assim como a Maçoneria de ser universal. Para o Maçon as linhas traçadas pelos tratados para determinar os limites d'uma nação, apenas são chimeras. O coração do Maçon, tão vasto como o universo, pois que deve encerrar toda a humanidade, não póde palpitar com as vivas commoções que excita o amor da patria. No que os prejuizos chamam um inimigo, no homem que causa á sua nação uma ferida cruel, póde o Maçon não vêr senão um *irmão,* e como tal o deve tratar. Mais tarde voltaremos á esta importante questão.

Em quanto á sua reputação, e á sua dignidade de homem, não renunciou elle voluntariamente a tudo isto, pondo-o aos pés dos seus chefes? Não jurou elle ajudar seus irmãos *com alma e vida,* ainda no caso em que a sua *honra* corresse risco?

Resta terceiro vinculo, aquelle cuja ruptura deve custar mais á humanidade: a familia, os parentes. Ora pois! o Maçon renunciou pelos seus juramentos a todos os affectos do sangue. Sua esposa, seus filhos, seus paes, seus irmãos, tão caros ao seu coração desde que não ouve senão a voz da natureza, deixam de ter valor a seus olhos desde o momento em que seus chefes lhe ordenam o sacrificio d'elles. Porque jurou immolal-os logo que estivessem em collisão com um de seus irmãos. Não prometteu elle no seu juramento sacrificar até o seu proprio *sangue*?

Apressamo-nos em confessal-o: a natureza prevalece as mais das vezes no coração do Maçon. Porém não deixa de ser verdade que, n'este caso, o Maçon é d'uma feliz inconsequencia. Demais, por um Maçon illogico no seu procedimento, quantos malvados se teem mostrado consequentes com o juramento das lojas!

Temos que provar que nada havemos dito que seja exagerado no sentido theorico e prático do juramento prestado pelos Maçons.

Tem-se-nos já perguntado muitas vezes se o juramento prestado por um Maçon obriga em consciencia? Evidentemente, não. Em primeiro logar este juramento é prestado antes de se conhecer o seu objecto, e depois de ter insinuado falsamente ao candidato que não se obriga a nada que seja contrario á san moral. Reportando-se ás allegações de pessoas que considerava honradas, o candidato presta este juramento. Mais tarde reconhece que praticou um acto immoral e sacrilego, e por isso tem direito de se considerar isempto de toda a obrigação, em razão de ter sido a sua boa fé surprehendida. Mas ainda supponde que elle tivesse prestado este juramento com conhecimento de causa, tam-

bem não é obrigado a guardar-lhe fidelidade. Da mesma sorte que na lei civil uma promessa immoral é considerada nulla, assim, aos olhos da religião e da lei, ainda mesmo natural, a promessa de se obrigar a uma cousa má, o juramento injusto, é criminoso em si. Praticar-se-hia segundo crime mostrando-se com elle consequente. Dė resto, a Maçoneria não reconhece a consciencia religiosa senão em quanto póde exploral-a em seu proveito.

Como conciliar o juramento civil ou religioso no caso d'um conflicto com o juramento maçonico?

Esta questão, que parecerá insolente á maior parte dos Maçons de boa fé, que interiormente terão protestado com energia contra o que acabam de lêr, esta questão não nos pertence de propriedade. Lêmol-a *in extenso* no *Franc-Maçon*, folha mensal de Paris, que nos fizeram a honra de mandar-nos. No seu numero de Novembro de 1857, esta revista das lojas annuncia aos seus assignantes que «*o conselho dos Cavalleiros Kadoschs de Saint-Germain-en-Laye tinha dado para estudo, para o dia 28 de outubro, o tratar d'esta questão: Até que ponto obriga o juramento maçonico pelo que toca aos irmãos, magistrados, funccionarios publicos ou officiaes ministeriaes que são Maçons...?*

Maçons simples e benevolos, vós julgaes que a resposta não podia ter uma sombra de hesitação; declaraes certamente *a priori* que, na hypothese dada, o Maçon, magistrado, funccionario publico ou official ministerial, só tinha um dever que cumprir, o de ser consequente com o seu juramento civil!

Erro! illusão!

Eis-aqui o que lêmos na mesma revista, immediatamente depois da citação que acima fizemos: «*Esta questão*

dada pelo Gran-Mestre do Conselho da Boa-Fé NÃO PÓDE *ser resolvida*, e foi de novo dada para estudo para a primeira quarta feira de Janeiro de 1858 !!!»

Assim da questão formulada acima podia dar-se uma solução duvidosa! *Não póde ser resolvida*! Portanto hesita-se em declarar que o Maçon não póde violar o seu juramento civil! A resposta, segundo parece, era de natureza compromettedora.

Com effeito, eis-aqui o nosso dilemma: ou a resposta á pergunta era favoravel ao ponto de vista do governo, ou não era. Na primeira hypothese, se apressariam em o declarar para provar que a Maçoneria não é hostil ao imperador e á sua administração, ainda mesmo com risco de praticar uma heresia maçonica; pois que não fazem os Maçons quando se trata de illudir o publico?

Na segunda hypothese, isto é, no caso em que a resposta fosse realmente maçonica, conforme o juramento que acima citamos, terão tido o cuidado de a reprovar na presença dos agentes do governo que assistem ás sessões das lojas, approvando ao mesmo tempo por detraz da cortina a memoria proposta pelo redactor; até talvez que tenham coroado o trabalho a portas fechadas, n'uma sessão intima de que tenham sido excluidos os agentes da policia. Mas, para não espantar a opinião publica, ter-se-ha proclamado no *Franc-Maçon* que esta questão não pudéra ser resolvida, isto é, em termos profanos, que a resposta era de natureza de desagradar a Napoleão III.

Eis-ahi todo o mysterio.

Não podêmos contentar-nos em accusar vagamente; são necessarios factos para provarmos a nossa these. Ad-

duzimos estes factos tirados das fontes maçonicas mais autenticas.

Eis-aqui o que lêmos em Bazot, *Codigo dos Franc-Maçons*, pag. 165:

«Se quizesseis limitar o numero das Officinas, e se alguns Maçons quizessem augmentar esse numero, como vos opporieis a isso?»

Ou, o que vem a ser o mesmo, se os Maçons quizessem nas lojas tomar uma resolução contraria á lei, como vos opporieis a isso? Com o anathema? Ah! que vem a ser o anathema, sob qualquer aspecto que se encare, n'um seculo essencialmente racionador e philosophico? Com os gendarmes? *Ah! vós não os tendes; se os tivesseis*, e os empregasseis, se lhes escaparia. Estes mesmos gendarmes *são homens, homens probos e honrados*: SERIAM INICIADOS! Na Inglaterra, se o facto é verdadeiro, como asseveram os chronistas inglezes, do tempo da rainha Isabel, NÃO FORAM INICIADOS TODOS OS OFFICIAES D'UM CORPO QUE ESTA SOBERANA MANDAVA CONTRA OS MAÇONS? Sim, infelizmente isto é verdade. E aquelles officiaes, depois de terem sido iniciados e ligados pelo seu formidavel juramento, longe de cumprirem a ordem a que se tinham obrigado por votos sagrados, fizeram um relatorio tão favoravel para a Ordem, que a rainha, enganada, pôz fim ás perseguições (1).

A proposito das *Barraches*, o mesmo auctor (p. 238), diz que se poderiam citar juizes, intendentes, commissarios e syndicos que, depois da sua iniciação, se mostraram modêlos de justiça, d'animo e de beneficencia. Ora as *Barra-*

(1) Eckert. *Der Freimaurer Orden in seiner wahren Bedeutung*, p. 63. *Mittheilungen fur Denkende Freimaurer v. Mondorf*, p. 165.

ches não são senão reuniões de *Carbonarios,* sociedade maçonica activa que, por espaço de muitos annos, aterrou a Italia e a França com os seus crimes e assassinatos. Estes juizes, intendentes, commissarios e syndicos, mostrando-se fieis aos seus horriveis juramentos, isto é, á justiça, ao animo e á benificencia *maçonica,* provaram de sobejo o horror que nos devem inspirar estes filhos da veneravel maçoneria. Sustentar e approvar o Carbonarismo, poderia o amor paternal de M. Bazot ser levado mais longe? Mais tarde verêmos o que se deve pensar d'esta horrivel seita.

Eis-aqui uma citação não menos equivoca de M. Ragon, o escriptor maçon mais fecundo e erudito das lojas francezas.

«Aconteceu algumas vezes apresentarem-se delegados n'um dia de reunião, ou de festa maçonica, para prohibirem em nome do soberano a maçoneria nos seus estados, e os officiaes da loja receberem-nos e dizerem-lhes: vinde, ouvi, e julgai... A venda do erro cahia de seus olhos; fraternizavam com os maçons e, *em resultado da sua informação,* a prohibição era levantada (1).» Quer dizer que iniciavam os agentes do poder que, depois de prestado juramento, julgavam dever ser perjuros informando falsamente as auctoridades.

Na occasião da iniciação de Voltaire, Lalande, veneravel da loja as *Nove Irmãs,* se exprimiu n'estes termos: «Os inglezes que são quasi inimigos jurados e rivaes da nossa nação, são comtudo, em tanto que maçons, nossos amigos e irmãos... Teem-se visto no meio do tumulto do combate reconhecer seus irmãos, e por mais d'uma vez

(1) *Curso phil. e int. das iniciações antigas e modernas,* p. 44.

suspender seu braço já levantado sobre o inimigo, e estender mão compassiva a seus irmãos (1).» O acto isolado do soldado era imitado com maior razão pelos chefes; estes em logar de se baterem, se poupavam sem duvida mutuamente; e o estado que, além das ricas dragonas, dava aos seus generaes e capitães milhares de libras sterlinas, não alimentava senão traidores.

«Um official austriaco, testemunha ocular da infeliz retirada do feld-marechal Wurmser, perto de Hugenau em 1794, assevera que os francezes não tinham cessado de gritar aos austriacos: Retirai-vos, irmãos! retirai-vos! A vossa vida está salva.

«E, com effeito, os Austriacos retiraram-se para além do Rheno. O official julgava que era uma traição (2).»

«Por que razão as resoluções do gabinete e do conselho da guerra, etc., chegavam ao conhecimento dos inimigos ainda antes de terem sido perfeitamente acordadas na capital da Austria?

«Porque, dizem, alguns Maçons occupam logares em todos os ministerios. Sabemos que acontece o mesmo em Munich e Stuttgart (3) »

«Os francezes teem em Paris todos os planos da guerra ainda antes d'estes terem sido submettidos ao gabinete de Vienna. Muitas vezes sabem com oito dias d'antecipação quando se quer atacar o seu exercito. Uma grande côrte e mui-

(1) Wiener *Jornal fur Freimaurer*, I, B. p. 229

(2) As duas irmãs P... e W..., ou o systema revolucionario da maçoneria descoberto, p. 2.

(3) *Ibid.* p. 107, n. 85.

tas pequenas sabem de ante-mão o que se acha em Vienna em discussão entre os ministros e os cortezãos (1).»

Estes tres ultimos paragraphos podem parecer suspeitos por causa da fonte d'onde foram tomados, e por isso vamos citar auctores d'uma orthodoxia maçonica incostestatavel. Eis-aqui o que lêmos na *Latomia*, T. II, p. 169: «Os dous exercitos francez e hespanhol achavam-se em frente de Salamanca. Um regimento francez tinha formado quadrado; mas apenas se tinha executado esta evolução, quando as balas de espingarda e de artilheria vieram romper o quadrado. O commandante Dupuy foi ferido mortalmente; mas para salvar o resto do regimento fez o signal de afflicção.

«O commandante inimigo o descobriu, e a carnificina cessou logo. Todos aquelles que puderam fazer-se conhecer como maçons foram internados na cidade visinha, sob sua palavra d'honra; roupas, dinheiro e todas as provisões necessarias lhes foram dadas, e estes valentes deveram tudo isto á generosidade d'um homem que não tinha com elles outras relações senão o juramento maçonico!»

Os Maçons não deixarão de exaltar a magnanimidade do general hespanhol para com os companheiros d'armas do commandante Dupuy.

Eis-ahi, dirão elles, um exemplo de magninimidade do Maçon para com seus irmãos! Eis-ahi o respeito que nós temos ás leis naturaes da humanidade!—Em quanto a nós, simples profanos, que não temos a perspicacia dos escriptores das lojas, não vêmos no procedimento do general hespanhol senão um criminoso perjurio.

(1) Ibid. 215, n. 69.

Não tinha elle jurado defender a sua nação, obedecer aos seus chefes, e por tanto aniquilar o inimigo que manchava com a sua presença o solo sagrado da patria? Aquelles soldados maçons que elle poupou, não terão pouco tempo depois combatido a valente nação hespanhola, e contribuido d'este modo para fazer prolongar uma guerra tão cruel como injusta?

Quantos infelizes hespanhoes cahiriam mais tarde aos golpes da espada d'esses soldados poupados pela falsa generosidade d'um general inimigo! Assim é que mostrando-se bom maçon atraiçoou a patria; assim é que concedendo a vida salva a inimigos elle fez assassinar seus compatriotas.

Seus compatriotas? Mas elles não são senão profanos. E que cuidado lhe devem dar o seu sangue, a sua vida, e os seus bens! Da mesma fórma que os soldados francezes não iniciados foram cruelmente mortos, ou pelo menos arrojados cruelmente em prisões infectas, em quanto que os seus companheiros d'armas deveram a vida e mais brando tratamento ao signal *da viuva* feito pelo seu commandante, e ao toque pelo qual se fizeram reconhecer; da mesma sorte os hespanhoes experimentarão sortes differentes segundo tiverem sido ou não iniciados na Maçoneria.

Se a qualidade de Maçon determina um procedimento tão differente a respeito dos mesmos inimigos, póde-se crêr que não haverá a mesma differença no modo de tratar os soldados que defendem a mesma bandeira? Tal *irmão* deve ser deixado em socego, d'arma no braço, ou em caso d'algum accidente será objecto dos cuidados mais obsequiosos e assiduos; em quanto que o profano será exposto ás balas do inimigo ou cruelmente abandonado, se estiver crivado de feridas.

E não objectem que o general hespanhol deu uma prova de humanidade, poupando inimigos, e que censurando o seu proceder n'este caso mostramos instinctos sanguinarios. Responderemos que o juramento feito á bandeira impõe deveres, cujo não cumprimento constitue um perjurio; que a guerra tem suas leis horriveis, é verdade, mas reconhecidas por todos os povos: leis segundo as quaes a destruição d'um batalhão quadrado nunca foi considerada como uma carnificina humana, desde o momento em que é necessaria ao bom exito da guerra, e que o inimigo, supposto injusto na sua aggressão, não quer largar as armas. Finalmente accrescentamos que se a humanidade impõe o dever de não derramar inutilmente o sangue humano, ainda mesmo no meio dos horrores do campo de batalha, não prohibe menos o estabelecer entre homens e homens uma distincção tão odiosa como opposta á lei natural. Este modo mesquinho e cruel de explicar a noção da humanidade está a mil legoas das prescripções do christianismo, que nos mandam vêr *irmãos* em todos os homens indistinctamente, sejam christãos, infieis, herejes ou inimigos.

Admittimos um *modo*, isto é, uma certa gradação na viveza dos nossos affectos e na distribuição dos nossos soccorros, segundo o sangue ou a amizade nos ligam mais intimamente; quer dizer que achando-se dous desgraçados na mesma posição critica e não podendo ser salvos um e outro ao mesmo tempo, assim a religião, como a natureza, nos impõe o dever de voar primeiro em soccorro d'aquelle que nos é mais proximo. Mas, se nos achamos em estado d'arrancar á morte ou a uma necessidade extrema dous homens egualmente expostos, temos obrigação de os salvar simultanea ou successivamente. Esta é a lei do christianismo.

Louvando o proceder do general hespanhol, dá-se portanto uma prova d'uma humanidade mesquinha e restricta que não merece este augusto nome (1).

Continuemos a citar factos da mesma natureza. Lêmos no mesmo periodico maçonico (2) o seguinte facto, relatado pelo mesmo auctor:

«Quando em 1808, diz o *irmão* Marnier, o primeiro corpo do exercito passou o Tejo perto de Almaraz, sob o commando do marechal duque de Bellune, commandava eu uma companhia de caçadores do 24.º regimento de linha que formava a vanguarda. Entre os habitantes da outra margem, e a quem me dirigi para obter informações, um homem de bella figura e estatura colossal attrahiu sobre tudo a minha attenção.

Vestia traje d'arrieiro, o qual contrastava singularmente com o seu porte magestoso, e respondia a todas as minhas perguntas com uma precisão e clareza que annunciavam uma grande presença de espirito. Todo o seu exterior tinha alguma cousa de cavalleiresco. Dei-o como guia atravez das montanhas a um official de estado-maior. Na tarde d'este mesmo dia eu soube que este guia *tinha tentado transviar uma columna*; principiaram as suspeitas, e *descobriram-se-lhe debaixo dos vestidos instrucções secretas dadas pelo general hespanhol Cuesta.* Fui ter com elle á prisão. Tinha sido condemnado á morte, e mostrava-se resignado. Pediu-me-tão sómente tudo o que era necessario para escrever a sua mulher e a seus filhos. O seu nome era Santa Croce. Depois do que me deu a mão, fez o toque maçonico; e

(1) Eckert. *Magazin*, etc., II, p. 157.
(2) *Latom.* 1.ª parte, p. 327.

quando reconheceu que eu era um irmão, deu-me o nome de libertador. Em seguida dirigi-me ao meu major, o barão Jamin, ao qual descrevi em termos fervorosos o que se acabava de passar, e tive a felicidade de excitar as suas sympathias. «Segui-me, disse elle, vamos fallar ao general Barrois, e pensemos nos meios de salvar esse desgraçado.» Eu repeti a mesma narração ao general; este foi immediatamente fallar ao marechal Victor, e não tardou annunciando-nos que *o hespanhol não devia ser julgado por um conselho de guerra, mas sim ser considerado como um prisioneiro ordinario*. Eis-aqui o que li n'um periodico inglez: No numero dos hespanhoes *que fizeram mais eminentes serviços á patria*, devemos collocar o celebre Santa Croce, o qual, depois de ter sido encerrado na cidadella de Ceuta, *teve a felicidade de fugir!*»

Por tanto, eis uma cousa bem clara. Um espião que, segundo as leis da guerra, é condemnado a ser fusilado; um homem que tinha feito *eminentes serviços á causa do seu paiz*, isto é, por outras palavras, que tinha feito aos francezes um mal consideravel, Santa Croce escapa á morte pelo toque maçonico, descobre um *irmão* no seu inimigo, vê violar em seu favor as leis da guerra, é transferido para uma cidadella em logar de ser passado pelas armas, e depois tem a felicidade de fugir!!

Sem duvida alguma, como mais adiante verêmos respeito a Wit, esta *felicidade* não foi devida a um cégo acaso, mas sim ás intelligencias e á dedicação de seus irmãos. Esta supposição não é sem fundamento: depois de terem violado uma vez o juramento feito á bandeira, os chefes maçons deviam, para serem consequentes comsigo mesmos, nada poupar para proporcionarem ao seu *irmão* os meios de fugir.

Duplicado perjurio cujas consequencias terão sido funestas ás tropas francezas. Santa Croce que se pretende representar como um homem d'alto nascimento e d'uma intelligencia superior, terá continuado a fazer á sua patria *eminentes serviços*, ou continuando a ser espião, ou travando relações com os inglezes, ou finalmente manejando o terrivel mosquete que matou tantos milhares de francezes nas emboscadas das guerrilhas. Continuemos a citar factos capazes de provar que os Maçons não olham como sagrado senão o juramento prestado nas lojas.

Eis-aqui um testemunho d'uma importancia extraordinaria. João de Wit, chamado Doering, maçon distincto dos altos graus, carbonario do 7.º e ultimo grau, diz textualmente em sua obra intitulada: *Fragmentos extrahidos da minha vida e da historia do meu tempo*:

«Havia uma *folha de trevo* mysteriosa, composta dos mais eminentes homens d'estado que, para *alcançarem a unidade* e a independencia da Allemanha, ajudavam o monarcha estrangeiro na execução de todos os projectos que concebia para engrandecimento da França. A erecção dos reinos estrangeiros em favor da sua familia, cada *mediatisação*, todas as humilhações dos principes allemães eram conformes aos seus votos; porque conheciam a intenção formal do imperador de *mediatisar* successivamente todos os principes allemães, e, seguindo Carlos Magno, de reunir a Allemanha á França. Esta monstruosa associação ter-se-hia sustentado muito tempo sob Napoleão: *porque então a Allemanha não teria formado senão um só todo.*»

«Se me fosse permittido, citaria os nomes dos homens eminentes que faziam parte d'esta associação chamada *Folha do trevo*, porque tres homens sómente se conheciam.»

Eis-aqui certamente uma accusação de traição em devida fórma que um Maçon levanta contra irmãos. Depois d'isto é talvez facil explicar na historia de França e Allemanha certos acontecimentos que eram um enigma insoluvel para os contemporaneos. Mas não nos adiantemos sobre a parte historica.

Não podemos resistir ao desejo de reproduzir *in-extenso* um extracto da obra de João de Wit, chamado Doering, o qual, depois de ter feito parte de todas as sociedades secretas modernas, consignou importantes declarações na sua obra intitulada: *Fragmentos extrahidos da minha vida e da historia do meu tempo*:

Nascido em Altona, Wit recebeu as primeiras lições d'um pastor protestante, a quem as doutrinas impias tinham feito depôr. A sua instrucção foi continuada mais tarde pelo pastor Meir, d'Alson, homem que tinha derramado lagrimas d'alegria na tribuna no meio dos applausos dos Jacobinos de Paris. O discipulo d'um pastor impio e d'um Jacobino franc-maçon assimilhou-se naturalmente aos seus mestres; toda a sua vida foi uma conspiração contra a religião e o estado. Principiou immediatamente ao sahir do gymnasio de Altona, fundando uma associação secreta entre os seus condiscipulos.

De edade de 17 annos frequentou os cursos da universidade de Kiel, depois os da de Jena, porque a primeira mostrava muita apathia para com a politica. Foi para Jena com Friesen, Uwen Jens Loresen e outro amigo que tinham sido deputados pela Burschenschaft de Kiel n'uma reunião geral d'esta associação.

Já no Pentescostes do mesmo anno (1818), Wit se transportou a Giessen para se fazer iniciar nos *Negros*, as-

sociação muito restricta, composta dos eleitos, isto é, dos estudantes escolhidos no seio da Burschenschaft, e que se sacrificavam aos actos mais temerarios.

Exigindo a admissão na associação dos Negros a iniação previa na Burschenschaft, Wit teve de sujeitar-se a esta condição.

N'esta epocha os *Negros* de Giessen tinham por chefes os dous irmãos Follenius, celebres maçons, e os instrumentos mais activos empregados pelas sociedades secretas para transtornar a sociedade.

No verão do mesmo anno, Carlos Follenius mudou o seu domicilio para Jena. E foi acompanhado de Wit, de Sand e de Snell, em outro tempo juiz no tribunal criminal do Nassau, e depois professor em Basilea.

Este ultimo, como diz o proprio Wit, tinha relações com os antigos jacobinos nas provincias do Rheno; mais tarde o acharemos como o principal agente de todas as associações militantes.

O espirito d'esta associação revela-se n'estas palavras de Wit (pag. 173):

«Em 1820, eu fiz com o professor Follenius a viagem de Paris á Suissa.

«A conversação tinha por objecto Sand e o homicidio em geral. Declarei-me prompto a assassinar um tyranno, accrescentando que ao mesmo tempo cravaria o punhal em mim mesmo. Follenius recuou um passo e disse-me com enfado: «Fernando, eu julgava-vos outro homem diverso do que sois. Se com a mesma faca com que tivesseis immolado o melhor dos principes, não podesseis com tranquilidade de espirito partir um pedaço de pão e comêl-o, tendes ainda muitos progressos que fazer. *Todos os meios são*

em si mesmos cousa indifferente: não é porque o principe seja mau que deve ser morto, mas sim por ser principe.»

Estes homens resolveram-se a ir a Paris, com o fim de examinarem de perto o progresso da revolução, e estabelecerem relações intimas entre os *Negros* e os demagogos francezes.

Tendo chegado a Heidelberg, Wit recebeu do conselheiro Paulus uma carta de recommendação para o bispo apostata Gregorio; já anteriormente tinha recebido a mesma recommendação do bispo protestante Muenter em Copenhague. Wit cultivou a amizade de Gregorio, cuja casa indica como logar de reunião para os allemães e habitantes do Norte.

Wit pôz-se egualmente em relações com o celebre major Favier que, segundo elle diz, tomou uma parte mui activa em todas as conjurações, e entre outras na de 19 d'agosto de 1821.

Na occasião em que Wit se achava em Paris, os *Negros* de Jena, com o fim de experimentarem até que ponto as massas estavam maduras para uma revolução, tinham mandado imprimir e espalhar um numero infinito d'exemplares d'um poema composto por Follenius.

Tendo sido este prêso por causa d'esta publicação, Wit escreveu ao governo prussiano que elle era o auctor e propagador da publicação criminosa.

Esta falsa denuncia levou o ministerio de Berlin a apoderar-se de Wit, o qual só escapou ao perigo fugindo para Inglaterra.

Declara nos seus *Fragmentos* que julgara dever fazer o sacrificio da sua pessoa, porque, a seus olhos, Fol-

lenius era indispensavel para a regeneração projectada d'Allemanha.

Em quanto esteve em Inglaterra, escreveu artigos para os periodicos d'aquelle paiz; elle mesmo se gaba de os ter enchido de anecdotas escandalosas e ultrajantes a respeito da maior parte dos principes allemães. Pretende ter gozado d'uma certa consideração e ter estado em contacto com os maiores homens d'Inglaterra, os quaes lhe testemunharam grande sympathia.

Razões pessoaes, diz Wit, o determinaram a voltar a Paris. Encontrou em Mr. de Serre, então ministro da justiça, um amigo intimo da sua familia, da mesma fórma que encontrou um irmão no barão Eckstein, inspector geral no ministerio da policia.

Em 1820 os revolucionarios allemães, por intervenção de Carlos Follenius, enviado para este fim a Paris, e de Wit, ligaram relações mais intimas com os conjurados da França e da Italia. Durante as negociações, os allemães reclamaram dos irmãos francezes o assassinato do rei de França; comtudo, a pedido de Wit, esta proposta foi retirada.

No mez d'agosto de 1821, Wit se achava em Genebra, onde foi investido do titulo de inspector geral dos Carbonarios para a Suissa e Allemanha.

Para este fim recebeu de Napoles um diploma que tinha sido redigido, ainda antes d'elle ter conhecimento da sua eleição.

Depois d'esta confissão, accrescenta (p. 32, I, da mesma obra) que tinha sido Franc-Maçon e que o Carbonarismo descende da Franc-Maçoneria. Distingue por esta occasião a Maçoneria, a Ordem dos Franc-Maçons, da Franc-Maçoneria, isto é, os Franc-Maçons ignorantes dos graus inferio-

res symbolicos, dos Franc-Maçons revestidos dos graus da Ordem interior, que instruem e guiam os primeiros nos conciliabulos tenebrosos.

Sem duvida, não é esta a occasião opportuna de fazer a historia e de determinar a natureza e a tendencia da Carboneria; desempenharemos esta tarefa na segunda parte d'esta obra. Comtudo, para apreciarmos a culpabilidade politica de Wit, julgamos dever archivar as declarações d'este conspirador, que fazem sobresahir as posições que occupou. Citaremos pois esta passagem da p. 33 da sua obra:

«Mas não é senão no septimo e ultimo grau, accessivel a mui pequeno numero, que se recebe a chave do todo; não é senão do P. S. P. (*Principi Summo Patriarcho)* que se abre o Santo dos Santos. Alli se aprende que o fim da Carboneria é identicamente o mesmo que o do Illuminismo. Este grau, em que o homem individuo é ao mesmo tempo principe e bispo, confunde-se perfeitamente com o do *Homo Rex* dos Illuminados.»

«O candidato alli jura destruir toda a fórma de governo, seja despotico, seja democratico. — Para executar este plano, todos os meios lhe são permittidos: o punhal, o veneno e o perjurio. O *Summo Maestro* perfeito ri-se do zêlo da massa dos Carbonarios que se sacrifica pela independencia e liberdade d'Italia; para elle estes pontos não são o fim, mas sim meios, etc. Eu recebi o grau de P. S. P. sob a denominação de Giulo Alessandro Jerimundo Werther Domingone.»

No dia 20 de Setembro de 1820, Wit foi encerrado na prisão de Mornex.

Conduzido para Aix na Saboia, cinco carabineiros da guarnição se lhe deram a conhecer como Franc-Maçons,

ainda que então a Franc-Maçoneria era severamente prohibida no Piemonte. Estes irmãos lhe fizeram todos os serviços que estavam ao seu alcance.

Levado para Turin, onde devia ter logar o seu processo, encontrou no numero dos prêsos um franc-maçon e foi objecto da mais terna solicitude da Ordem. Elle mesmo diz litteralmente na nota da pagina 124: «Nunca me poderei mostrar bastante reconhecido para com os franc-maçons. . . . .

«Em toda a parte encontrei a sua dôce influencia; obravam atravez das muralhas das masmorras, e onde EU TEMIA UM JUIZ ACCUSADOR, DESCOBRIA UM AMIGO PROTECTOR.»

A historia de todos os conspiradores politicos que temos visto por toda a parte absolvidos, agraciados, ou escapando por meio da fuga, não obstante os telegraphos, de sobejo tem confirmado a verdade d'estas palavras de Wit. — As peregrinações d'este odioso conjurado nol-o fazem vêr em relação com um homem, cujo nome brilhava com gloria, ao qual o imperador tinha confiado um exercito e provincias, e que, apesar da elevação dos seus sentimentos, não pudéra deixar d'entrar para uma Ordem proscripta sevéramente pelas leis do seu paiz, e de atraiçoar o estado e o seu dever, para acudir em soccorro d'um conspirador. No conflicto entre o juramento maçonico e o juramento á sua bandeira, este homem succumbiu e mostrou-se perjuro para com a patria. A' vista d'isto, seria difficil explicar as defecções e traições d'homens collôcados em logares inferiores, e dotados de menor generosidade de caracter?

O feld-marechal austriaco, conde de Bubna, commandava então todas as tropas imperiaes do Piemonte e da Italia superior. Tambem elle, como Wit confessa formalmente (p.

195), era franc-maçon e partidario apaixonado dos tres primeiros graus symbolicos. Wit deu-lhe a conhecer a sua posição n'uma carta; eis-aqui qual foi o resultado d'esta missiva. Uma dama, amiga de Bubna, o visitou na prisão e lhe entregou uma carta do conde de Lilienberg, em que este o informava de que o feld-marechal Bubna já tinha tomado todas as disposições para o vêr e fallar com elle dentro em poucos dias.

Os embaixadores de todas as côrtes em Turin, á excepção do de Inglaterra, o mesmo ministro da Russia, tinham recebido instrucções para fazerem entregar Wit ao seu respectivo governo. De repente se apresentou um commissario austriaco e reclamou que se lhe entregasse Wit immediatamente.

No mez de fevereiro de 1822, o commissario austriaco, barão Volpini de Mastris, se apresentou na prisão de Wit e lhe perguntou se queria ser transferido, e, depois de se ter contentado com a sua palavra d'honra de que não tentaria fugir, o entregou a um piquete de carabineiros piemontezes.

Chegando a Milão, o director geral da policia, barão de Gohausen, recebeu o prêso do modo mais cordial, conduziu-o até ao cimo da escada de sua casa, e depois insistiu para o apresentar aos membros da sua familia durante o jantar. O prêso, alquebrado com a fadiga, recusou-se a este pedido e foi introduzido no quarto que lhe fôra destinado e que estava disposto com todo o conforto e com todo o luxo possivel. As attenções que se lhe prodigalisaram foram dignas da recepção; foram-lhe offerecidos os vinhos mais delicados. Isto era natural: não era o prêso maçon, condeco-

rado com todos os graus, e o feld-marechal não estava na Ordem muito abaixo d'elle?

Este tratamento, em conformidade com a alta posição que occupava na Ordem, fez immediatamente esquecer a Wit a sua qualidade de prêso; rompeu em injurias e ultrajes contra todo o pessoal da policia. O conde de Strassoldo, então presidente do governo, homem recto e franco, dedicado á casa imperial, cheio de intelligencia e sagacidade, o conde de Strassoldo tinha comprehendido perfeitamente o prêso; mas a influencia preponderante da auctoridade militar paralisou todos os seus esforços. Tendo Wit querido convencêl-o de que estava longe de ser um homem perigoso e um jacobino, Strassoldo respondeu-lhe: «Debalde prodigalisaes a vossa eloquencia; a minha convicção é invariavel; considero-vos como um homem perigoso em supremo grau para todos os estados.»

Entre os papeis encontrados a Wit *e já lidos por Bubna*, contentar-nos-hemos em citar um só documento que compromettia Wit aos olhos do governo austriaco. Começava por estes termos: *Mesmo na Italia, os generosos Carbonarios, graças a Deus, teem produzido uma chamma que só poderá ser apagada por todo o sangue da tyrannia austriaca.*

Qual foi a primeira entrevista do prêso com o fed-marechal Bubna? Wit conta-nol-a textualmente a p. 274.

O marechal diz: «Visto que não quereis ter nada de commum com a policia, do que, aqui para nós, não vos censuro, e visto que, por outra parte, a vossa causa não é de natureza de poder ser submettida a um tribunal (???), estou encarregado da inquirição a vosso respeito *em consequencia de ordens superiores* (maçonicas?), por isso que pa-

receis ter confiança em mim. Procederei com a maior franqueza. Todas as vossas machinações com os demagogos prussianos que irritavam o gabinete de Berlin não me importam de fórma alguma. *Tempi passati!* Para vos dar uma prova da minha confiança, vos entrego este masso de officios que me foram mandados pelo principe de Hardinberg. Lêde-os com attenção; depois dizei-me o que preferis: se responder por escripto, se ser interrogado em devida fórma. N'este ultimo caso, vos enviarei *o meu ajudante geral*, o major de Dahlen.»

«Pouco me importa a vossa resposta. *Sou indifferente a que digaes a verdade ou profiraes mentiras.* Comtudo valeria mais ser sincero para acabar com isto por una vez. Se recorrerdes á mentira, arranjai-a pelo menos de tal sorte que não sejaes surprehendido.»

Eis-aqui os termos em que Wit conta o fim d'esta estranha conversação: «Pelo que diz respeito ás minhas relações pessoaes, não lhe fiz d'ellas o menor mysterio.

«*No momento em que, como feld-marechal, o conde de Bubna devia ligar o maior preço á minha cabeça, nunca deixou de conhecer, como homem particular, todos os logares onde eu residia.*»

Wit não se contenta em descrever miudamente o proceder do irmão Bubna a seu respeito; conta varios actos do feld-marechal, pelos quaes vêmos qual é o proceder do funccionario maçon. Citemos textualmente.

«Na occasião em que rebentou a revolução italiana, a Italia superior foi inundada de uma multidão de proclamações que instigavam o povo á revolta. Entre outras havia uma redigida em latim e dirigida aos hungaros e aos regimentos pertencentes á guarnição da Italia; tinham-na fei-

to circular secretamente pelos quarteis, e alguns exemplares tinham sido mandados a muitos officiaes dos hussares de Radetzky. A policia (*não os officiaes*) informou d'isto o conde Bubna, e pediu-lhe indagasse quem eram os propagadores d'este escripto incendiario e castigasse asperamente os culpados. O feld-marechal, da bôca do qual recebi estas informações (o *irmão* não tinha segredo algum para o *irmão*), respondeu que não carecia dos conselhos da policia; depois elle mesmo mandou imprimir a proclamação e a distribuiu aos hungaros, dizendo-lhes: «Os brejeiros de Italia «devem julgar que vós sois infernalmente estupidos, sup«pondo que dareis a menor attenção a um tal palavro«rio.»

Na epocha da revolução piemonteza, a policia informou o conde de Bubna de que uma reunião de conjurados, cujos nomes citava, teria logar á meia noute em certo logar determinado. No numero d'aquelles que a policia indicou achava-se um mancebo pelo qual Bubna se interessava. Salvou-o attrahindo — n'aquella noute a sua casa e demorando-o alli. Um official da policia tinha-se escondido n'um armario, d'onde ouviu toda a deliberação.

O conde Gonfalonieri, ao qual se tinham apanhado papeis de grande compromettimento, tinha sido condemnado á morte como chefe dos conspiradores. Na vespera do dia marcado para a prisão de Gonfalonieri, o feld-marechal Bubna foi visitar pela manhã a condessa e disse ao marido d'esta ao entrar no quarto:

«Pois vós estaes ainda por aqui, caro conde! Sonhei esta «noute que vós tinheis fugido precipitadamente para a Suis«sa. Espero que não desmintaes o meu sonho.»

E comtudo Bubna não ignorava o que mais tarde se

provou judicialmente: que Gonfalonieri, n'uma reunião de conjurados, propusera que elle fosse assassinado.

Quasi todas as noites Wit ia vêr o feld-marechal com quem tinha os colloquios mais intimos. Depois da singular conversação de que acima fallamos, Wit escolhêra o modo de interrogação por processos-verbaes do ajudante de Bubna; o major de Dahlen foi portanto encarregado d'esta instrucção. O prêso affirma que não se serviu de mentiras propriamente ditas; que comtudo não respondeu d'um modo satisfactorio, mas com um tom que era pouco proprio para dispôr em seu favor.

Finalmente o proceder insolente e os insultos de Wit dirigidos ao chefe da policia, o conde de Bolza, tinham cançado a paciencia da auctoridade civil; esta havia mandado para Vienna um relatorio que declarava formalmente que era impossivel affiançar por mais tempo a prisão de Wit se se não obrasse com mais rigor. Tão depressa como o conde de Bubna soube isto, se apressou pela sua parte a redigir um relatorio em favor do seu protegido; este homem, áliás tão sincero, explicou o seu infame proceder a respeito do prêso Wit, e se declarou prompto a responder *pessoalmente* por elle, com tanto que se lhe permittisse obrar como bem lhe parecesse.

Este pedido foi bem recebido em Vienna. O conspirador foi, por consequencia, subtrahido ás investigações e á prisão das auctoridades civis; estas foram d'este modo condemnadas a soffrerem em silencio as affrontas que lhes tinha infligido o prêso.

O *irmão* militar reclamou o irmão maçon ás auctoridades civis por intervenção do capitão de Krause, ajudante de praça; e este o conduziu á cidadella, onde lhe deu um quar-

to de official em logar do aposento destinado aos prêsos de estado. A porta da prisão conservava-se aberta, mas guardada por duas sentinellas. No seguinte dia o feld-merechal Bubna foi visitar o seu irmão prêso, e lhe dirigiu estas palavras :

«Vós fostes-me confiado como um prêso da mais peri-
«gosa especie ; por tanto a responsabilidade que pesa so-
«bre mim deve empenhar-me a vigiar que não fujaes e que
«não tenhaes nenhumas relações secretas com ninguem.
«Não sois capaz d'abusar da confiança que se vos concede.
«Conto com isso firmemente. Sabeis qual é a vossa posi-
ção e a minha respeito a vós.

«— Entrego tudo á vossa intelligencia e ao vosso cora-
«ção. As sentinellas teem ordem de vos deixar sahir e en-
«trar sem obstaculos. A vossa delicadeza me garante que
«nunca vos correspondereis com ninguem sem que eu seja
«sabedor. O ajudante de praça está encarregado de vos
«acompanhar aonde, quando e como fôr da vossa vontade.
«Um trem está além d'isso ás vossas ordens. Naturalmente
«não vos posso dar dinheiro ; mas o vosso companhei-
«ro recebeu ordem não sómente de satisfazer a todas as
«vossas necessidades, mas até de respeitar os vossos
«caprichos. De resto não exigirei que me deis a vossa pala-
«vra de honra. Se estivesseis no caso de abusar da minha
«confiança, a vossa palavra d'honra não vos conteria.»

O ajudante da praça pediu instrucções ao feld-marechal que só lhe deu esta resposta: «No caso de duvida, derigi-vos ao prêso ; elle conhece perfeitamente as minhas intenções.»

No decurso das instrucções instauradas contra outros prêsos politicos, a commissão *della Porta nuova* estabeleceu

que, na occasião da sua prisão, Wit fornecêra a muitos dos prêsos que estavam com elle meios de communicação e mantivera com elles uma correspondencia que compromettia muito. Ella quiz chamal-o perante o seu tribunal; mas Wit negou e Bubna chegou a recusar á commissão a confrontação de Wit com os seus companheiros de prisão. Eis-aqui os termos em que o feld-marechal formulou a sua recusa:

«Na falta d'outra qualquer prova, a negação d'um de-«ve ter o mesmo valor que a affirmação dos outros. De res-«to, *eu sou pessoalmente fiador da sinceridade do meu prêso*; «porque, quem quer que elle seja, perigoso ou não, veri-«dico ou não, Carbonario ou Calderano (1), não é tão tolo «que falle tal linguagem a um homem a quem até este mo-«mento ainda não viu.»

Parece que, n'este intervallo de tempo, documentos de convicção muito importantes chegaram ás auctoridades austriacas; porque Wit continua a sua narração n'estes termos:

«A recusa de me entregar á commissão *della Porta nuova* deu-me algum socego, mas não por muito tempo: com effeito, confesso, para gloria do governo austriaco, que a justiça é omnipotente nos seus estados, e que nenhuma protecção, nem mesmo um motivo d'uma ordem superior, poderia resolver o imperador a estorvar o andamento regular da justiça, ainda que goste de suavisar a pena dos condemnados depois que foi pronunciada juridicamente. Tal foi a razão por que *Bubna fez tudo o que estava ao seu alcance para me afastar promptamente da Italia*. Eu tinha exposto francamente a este amigo, a quem poderia chamar pae, qual

(1) *Caldeireiro*, outro nome tomado pelos Carbonarios.

era a minha situação; nada lhe occultei d'aquillo que dizia respeito á minha pessoa; e elle tinha comprehendido que *se certas cousas fossem conhecidas, nada me poderia subtrahir a uma severa inquirição da parte da commissão.*»

O prêso pediu ao feld-marechal Bubna licença para dar de tempos a tempos passeios mais longos até aos lagos da Lombardia. Este ultimo *que se tinha pessoalmente responsabilisado para com o governo a conservar Wit na sua prisão preventiva*, reflectiu por um instante e respondeu ao seu interlocutor: «Com muito gosto; e como de Como á fronteira «suissa não ha senão um quarto de legoa, farieis bem em «passar : este paiz.» Wit, tomando estas palavras por um graceio, replicou: «Podeis estar socegado; porque na situação actual das cousas, tal procedimento seria dos mais insensatos.» «*As you line, my dear!*» respondeu Bubna; palavras das quaes Wit não comprehendeu o sentido, diz elle, senão tres mezes depois.

N'este meio tempo, approximava-se o momento em que o congresso de Verona se devia reunir e o rei da Prussia entrou em Milão. Bubna não deixou de lhe fazer passar revista ás suas tropas austriacas; o rei collocou-se para este fim n'um salão onde se achava reunida a mais brilhante sociedade da cidade. N'esta occasião Bubna se esqueceu a ponto de introduzir no salão o seu prêso Wit, cuja extradição havia sido reclamada pelo governo prussiano. Collocado ao lado do rei, com quem tinha conversado até então, dirigiu em voz alta e d'um modo affectado estas palavras ao seu prêso: «Olá, como, snr. demagogo, estaes aqui e mettido a um canto? Vinde mais para diante, porque sei muito bem que nem temeis a publicidade, nem que vos vejam.»

Wit não nos conta a resposta que deu o rei; contenta-se em dizer que é facil imaginar até que ponto este incidente fôra interpretado em mau sentido.

Bubna devia partir para o congresso; mas pouco tempo antes do dia determinado, a policia apoderou-se das cartas escriptas por Wit em Turin, em casa do conde Gonfalonieri, chefe da conjuração italiana, a quem Bubna debalde tinha instigado a que fugisse. Uma d'estas cartas trazia até escripta a qualificação de Carbonario. A commissão *della Porta nuova* insistiu com nova energia para que Wit fosse reintegrado na prisão politica.

Bubna recusou-se ainda a isto.

No congresso de Verona tratou-se da pessoa de Wit; e não ficaram alli pouco surprehendidos de vêr como este prêso havia sido informado de tudo o que se dissera a seu respeito. Os soberanos tinham feito comparecer no congresso o conde de Serre, em outro tempo ministro da justiça e archi-chanceller no gabinete francez, e então embaixador na côrte de Napoles. Sabia-se que em outro tempo tinha sido em Paris o mais dedicado protector de Wit. O conde de Serre delarou que era mui provavel que Wit fosse um dos agentes mais astuciosos da *junta directora*. Segundo elle, este joven era tanto mais perigoso, quanto, pela sua curta idade e por muitas bellas qualidades de que era dotado, sabia adormecer a vigilancia e ganhar os corações. Censurou-se a si proprio de ter protegido a pessoa de Wit e favorecido as suas odiosas conspirações. Por fim declarou que entendia que era da maior importancia não perder por um instante este conspirador de vista.

Ao mesmo tempo o conde Bernstorff, embaixador da Dinamarca, reclamou a extradição de Wit como subdito da

Dinamarca; o governo austriaco respondeu que Wit seria primeiro interrogado pela commissão de Milão, e que se a instrucção fosse favoravel ao prêso, embarcaria em Genova ou em Liorne para a Dinamarca.

«Que fatalidade me perseguia, diz Wit! Uma vez entregue á commissão, não ignorava que seria declarado criminoso. Logo que *soube estas noticias d'uma fonte certa, reconheci que só me poderia salvar pela fuga!* Mas, ainda que eu então comprebendesse bem o que Bubna tinha querido dizer com a sua insinuação (*As you line,* my dear!), julguei que seria uma infamia abusar da sua confiança; ouvia além d'isto o grito da minha consciencia que me accusava *de ter exposto este homem tão generoso á accusação de negligencia ou de intelligencia comigo.*

«Escrevi pois directamente a Bubna, que ainda estava em Verona, que eu estava resolvido a recobrar a liberdade, mas que estimaria conhecer os meios que elle julgasse mais efficazes para este fim.

«Um correio trouxe ao commandante da praça ordem de me vigiar com todo o rigor possivel e de me prohibir absolutamente toda a sahida. *Oito dias depois, estava eu munido d'uma chave falsa, e obtinha por meio d'uma promoção a separação do carcereiro Sparrasch, que me vigiava de muito perto.* Mas o acaso embaraçou a execução do meu projecto.»

O prêso soube em breve sahir d'apuros por outro modo. Fingiu querer suicidar-se; e immediatamente o imperador, movido pelos seus instinctos de humanidade, ordenou que a sua posição fosse suavisada e até que se lhe proporcionasse alguma distracção. Elle aproveitou-se da latitude

que se lhe dava para passar ao Piemonte, d'onde se propunha ir para Hespanha por Genova ou Liorne.

«Com effeito, diz elle, ainda que falto de recursos, eu tinha a certeza d'encontrar alli mais amigavel recepção; em quanto residira em Paris tivera relações *mui intimas* com muitos hespanhoes eminentes, entre outros com Bandaxi (embaixador e agente revolucionario de Hespanha em Turin) e com Santa Cruz. *As despezas da viagem foram cobertas em consequencia d'uma circular dirigida ás lojas visinhas, que me forneceram a somma de 1200 libras.*

«Todo o Piemonte, continúa Wit, estava então organisado para um novo movimento; *por isso de cidade em cidade, d'aldêa em aldêa, eu obtinha informações seguras. Sob a protecção do sublime Maestri perfetti, viajei na companhia d'um dos corpos de gendarmeria mais distinctos, e corri sem perigo todas as provincias.*»

Wit chegou assim a Genova; mas todos os navios hespanhoes eram alli vigiados de tal sorte, que elle viu-se na necessidade de voltar para traz e dirigir-se para a Suissa. Durante esta viajem, encontrou por toda a parte os mesmos obsequios e apoio da parte de seus *irmãos*.

Por espaço d'um anno, correu toda a Suissa e Allemanha debaixo dos nomes e disfarces mais diversos. Todos os governos allemães ligavam o maior interesse á sua prisão. No dia 20 de fevereiro de 1824 conseguiram prendêl-o em Bayreuth; porém, como acontece a todos os revolucionarios ameaçados d'uma inquirição, uma mão pretendidamente desconhecida o avisou de que se elle tinha alguma cousa a recear, devia fugir.

Estas numerosas excitações para fugir não podiam ter por auctores senão empregados civis ou militares, encarre-

gados pelo estado de fazer uma prisão ou de vigiar pelos prêsos; estas excitações não tinham além d'isto outro fim que subtrahir um criminoso ao castigo merecido, e por conseguinte é evidente que não são senão outras tantas traições e perjurios.

Personagens que occupavam as posições mais elevadas foram á prisão de Bayreuth para darem ao criminoso um testemunho da sua consideração e amizade. M. de Welden, presidente da regencia, lhe concedeu muitas horas de conversação todos os dias, e lhe confiou a descoberta do *Junglingsbund*!

Interrogado a pedido seu, diz elle, mostrou como as suas intrigas e as de Follenius em Paris eram a origem da associação revolucionaria que occupava então a commissão central de inquerito estabelecida em Moguncia.

Depois d'esta confissão, parece que elle deveria ter sido entregue á commissão central, pela razão de que a sua qualidade de subdito allemão era contestada, e porque não tinha commettido crime algum contra a Prussia em particular, mas sim contra toda a Allemanha em geral. Mas não aconteceu assim; a Prussia reclamou e obteve que Wit lhe fosse entregue. Este procedimento da Prussia não é um acto isolado: este estado quiz sempre arrogar a si o direito de fazer todos as inquirições sobre as conjurações; depois de ter comminado castigos, perdoava e attrahia depois á universidade de Berlin os estudantes que no estrangeiro tinham sido condemnados por causa das suas opiniões e das suas conspirações demagogicas.

Este proceder explicar-se-ha naturalmente, logo que se souber por uma parte que Berlin era então a residencia dos chefes maçonicos d'Allemanha; e pelo outro, que os

empregados que occupavam os primeiros logares n'este estado se achavam gravemente compromettidos por causa de todas estas associações revolucionarias, as quaes muito lhes convinha tornar problematicas.

O *irmão* determinou que Berlin fosse a prisão do irmão conspirador; da sua prisão fez, como em Milão e Bayreuth, um salão da Ordem, onde aquelle que tinha conspirado contra o seu rei e contra o estado recebeu da parte dos leaes funccionarios os testemunhos menos equivocos de estima e sympathia pela sua desgraça.

O que Bubña tinha feito por Wit em Milão, e Welden em Bayreuth, foi imitado por Schuckmann, ministro da policia em Berlin: communicou-lhe tudo o que podia ser perigoso ou util, e confiou-lhe o processo.

Este ministro até encarregou o juiz d'instrucção *de communicar a Wit todos os documentos secretos sobre a natureza das associações no estrangeiro, a fim de separar o que é verdade do que é falso !!*

«Não se contentaram, diz Wit (p. 197, III), com mostrar-me os papeis: *por ordem positiva do snr. Schuckmann, foi-me até permittido tirar cópia d'um relatorio calumnioso que a direcção geral da policia franceza tinha confiado ao principe de Metternich, e que este, por causa da importancia apparente d'esta communicação, tinha mandado á commissão central d'inquerito e a todos os governos particulares.*

«Indignado pela infamia d'esta memoria, diz Wit (elle a quem vimos fazer a apologia do punhal), pedi ao snr. de Schuckmann que me permittisse mandar uma cópia a um dos meus amigos. O ministro accedeu ao meu pedido, e eu expedi a memoria ao barão Franchet d'Esperny !»

E mais abaixo lê-se: «Tudo o que dizia respeito a esta

questão me era mostrado: os despachos de M. Niebur em Roma, de M. Otterstedt na Suissa, de M. de Werther em Paris.»

O professor Cousin, de Paris, que, por confissão de Wit, por occasião do seu interrogatorio em Bayreuth, tinha tido relações com Follenius, foi prêso em Dresde e entregue á commissão central de Moguncia. A despeito de todas as noções do direito criminal, *deixou-se-lhe livre communicação com o embaixador francez*, o cavalleiro de Bourgoing, *o qual tinha uma cópia da resposta de Wit: entregou-a ao réo antes do interrogatorio.*

«Cousin, continua Wit, estava longe de contestar o que eu tinha dito a seu respeito; até confessou a presença posterior de Follenius em Paris, de cuja circumstancia o governo prussiano ainda não tinha noticia. *Instruido antecipadamente* de tudo quanto pesava sobre elle, nunca negou aquillo que era incontestavel, mas tambem nunca confessou mais do que o que era conhecido. Eu pedi para ser acareado com elle, e Cousin confirmou todas as minhas allegações; tão sómente declinou as consequencias. O resultado não era difficil de prevêr. A policia franceza tinha dado uma multidão de informações circumstanciadas contra elle; M. de Otterstedt tambem tinha mandado a respeito dos tramas de Cousin uma longa memoria, na qual o ministerio francez depositava as maiores esperanças. *Por felicidade esta memoria foi-me communicada*, e pedi com instancia que se lhe não désse o menor credito, por isso que um homem tão fino como Cousin n'isso veria facilmente que se não conhecia a verdadeira situação das cousas. *As suspeitas accumuladas contra Cousin augmentaram ainda pela circumstancia de que C. Follenius, prêso sob sua palavra d'honra na*

prisão de Basilea, violou o seu juramento logo que soube que Cousin estava prêso, e fugiu para a America.»

Mas aquelle a quem se *não quer achar culpado* nunca o é. Cousin foi solto com muitas desculpas.

E Wit?... Declarou-se que não havia contra elle accusações sufficientes, e pôde impunemente continuar as suas odiosas intrigas para ruina dos governos e desgraça dos povos!!! (1).

Esta narração suggere-nos multidão de considerações tão penosas umas como as outras.

Um homem, cuja vida foi uma conspiração contínua contra todos os estados da Europa, um antigo membro dos Burschenschaften, da associação dos Negros, um Carbonario que occupava na Vendita uma posição eminente, um Franc-Maçon dos principaes graus, auctor e instrumento de todos esses negros tramas que fizeram tremer o antigo continente; um homem que, por sua propria confissão, levou por toda a Allemanha o seu facho incendiario, que foi cumplice, até talvez instigador dos revolucionarios francezes que, debaixo de differentes nomes, não deixavam respirar um só instante em socego sua infeliz patria; um homem que tinha contribuido em grande escala para as commoções mysteriosas communicadas á Italia, desde a Lombardia até ao reino das Duas-Sicilias, com o fim de derramar ondas de sangue e destruir as instituições seculares:— este homem recebe por toda a parte agasalho, apoio, protecção, conforto, honras, respeito, deferencia, e auxilio moral e pecuniario! Este homem escapa por toda a parte á espada da lei!

(1) Extracto d'Eckert, no seu *Magazin*. etc., tom. I, liv. III, p. 103.

Quando um *profano*, talvez impellido pela necessidade ou arrastado por um movimento repentino, pratica um delicto ou um crime, a policia dirige para toda a parte e em todo o sentido os seus mil olhos, estende os seus mil braços para descobrir e prender o criminoso. O telegrapho, rapido como o raio, tem álerta todos os magistrados e todos os agentes da força publica. Promette-se um premio a todo aquelle que descobrir os rastos d'aquelle que tocou na fortuna ou na vida d'um particular. Passam o Oceano como se fosse um ribeiro inquisidores estimulados pela promessa d'uma rica recompensa. Nenhum disfarce, nenhuma distancia, nenhuma solidão, nenhum escondrijo podem pôr o culpado a salvo das buscas. Depois de ter vagueado d'aldeia em aldeia, de bosque em bosque, de cidade em cidade, de paiz em paiz, o profano criminoso vê-se obrigado a entregar-se espontaneamente para escapar a tormentos mais atrozes, que o castigo a que queria fugir; ou, trahido por homens conscienciosos, que julgam cumprir um dever para com a sociedade, denunciando aquelle que a offendeu, cáe cêdo ou tarde nas mãos da justiça civil e criminal.

Carregado de ferros, apupado e coberto de execrações pela multidão, é violentamente arrastado para a prisão.

Alli apalpam-no cuidadosamente para se certificarem de que não possue nenhum instrumento que possa servir para facilitar a fuga. Em todo o tempo que dura o interrogatorio do juiz de instrucção, toda a communicação com o exterior ou com os seus cumplices lhe é rigorosamente prohibida. Carcereiros crueis estão espalhados pelos escuros corredores, e sentinellas, com a arma no braço, teem ordem de fazer fogo sobre o prêso se tentar fugir. Argolas de ferro cravadas na parede ligam seus membros e para-

lysam-lhe todos os movimentos. Prescripções regulamentares mandam medir com mão avara o pão que elle come, a agoa que bebe, a luz que penetra atravez das grades cerradas, e o proprio ar que respira.

Depois é conduzido ao tribunal onde, longe de achar *amigos e irmãos* dispostos a absolvêl-o, se acha em frente d'um procurador que se esforçará por achal-o culpado, e de juizes inflexiveis que, provada a sua culpabilidade, lhe applicarão a lei com todo o seu inexoravel rigor.

Longe de nós o queixarmo-nos d'esta vigilancia, d'estas precauções e severidade!

Sabemos que a segurança publica depende d'isto. Sabemos que acceitando as suas temiveis funcções, procuradores, guardas, carcereiros e juizes prestaram um juramento sagrado cuja violação os tornaria perjuros. Sabemos que desempenhando escrupulosamente o seu penoso cargo cumprem um dever de consciencia.

Porém o que não comprehendemos, confessamol-o humildemente, é que aquelles que commetteram um crime politico e até muitas vezes social, encontrem um asylo inviolavel em certos paizes onde podem zombar impunemente da lei e escarnecer dos seus juizes. O que não comprehendemos, é a especie d'honra concedida aos conspiradores, a benevolencia que encontram por toda a parte, as considerações que se lhes prodigalisam, as ovações que se lhes fazem e a impunidade que teem certa. Pois que! um furioso, ligado, segundo diz, pelos mais tenebrosos juramentos, ha de compromettер a paz do seu paiz, a vida do seu soberano, as instituições nacionaes, a fortuna publica, a segurança das familias e a propriedade; e ser-lhe-ha bastante dar-se a conhecer como Franc-Maçon, quer descrevendo um angulo,

quer dando o toque do primeiro grau, quer fazendo o signal da viuva, para escapar ao rigor da lei e para achar lenitivos que servirão de estimulos para um novo trama? E os guardas, carcereiros e magistrados esquecerão o seu juramento civil para se mostrarem sómente fieis ao seu juramento maçonico! Mas se isto não é um perjurio, não sabemos que sentido devemos dar a este termo.

Não se pense que os episodios extraordinarios da historia de Wit sejam casos isolados. Durante a revolução de 1848, viu-se dar a maior liberdade da circulação aos chefes incriminados da demagogia, e a impotencia dos governos para se apoderarem da pessoa dos conspiradores. Para não citarmos mais do que um caso actual, inexplicavel aos olhos dos mais perspicazes, citemos Mazzini, auctor reconhecido de todos os tramas que fazem tremer tanto os soberanos como os povos. Como se póde explicar que este homem, objecto de horror aos olhos de toda a Europa, e cujos signaes são conhecidos por todos os agentes da força publica, possa obter todos os passaportes que deseja e correr em plena segurança todos os estados da Europa, senão pela traição, pelo perjurio e pela cumplicidade das auctoridades ajuramentadas?

Não nos objectem que os *Burschenschaften* allemães, a associação dos *Negros* e os *Carbonarios* não são a Franc-Maçoneria, e que por tanto as nossas accusações contra está ultima Ordem cahem por si mesmas. Encarregamo-nos de provar que todos os clubs e associações revolucionarias que teem apparecido desde o fim do seculo passado, todas teem sido geradas e guiadas pelas lojas. A accusação, por bastante grave, merece que lhe consagremos um capitulo especial na parte historica.

No entretanto, resumamos as confissões de Wit.

Os Franc-Maçons de Turin sabem penetrar as paredes da sua prisão para suavisarem a sorte de seu *irmão* prêso! Os *juizes* maçons se tornam para elle o mais das vezes amigos dedicados, e por conseguinte cégos a respeito de seus crimes! Uma dama, membro, sem duvida, d'uma loja de adopção, entra na sua prisão, feliz mensageira de Bubna! Contentam-se com a sua palavra d'honra para lhe pouparem a vergonha das algemas e a ignominia do carro! O director geral da policia recebe-o com todo o respeito e deferencia devida a um *mestre* generoso, e permitte-lhe que insulte os seus subalternos!

Bubna, partidario apaixonado dos tres graus symbolicos, isto é, Franc-Maçon puritano, esquece o juramento que prestou nas mãos do seu imperador para ajudar *com alma e vida* seu *irmão* prêso preventivamente, mas sobre o qual pesam as accusações mais graves.

Concede a este a liberdade de circular; a tropa é destinada a fazer-lhe uma guarda d'honra; dá-lhe um vigia, porém este era mais para lhe abreviar as longas horas do captiveiro do que para o guardar á vista. Põe ás suas ordens uma carroagem, e quer que os menores caprichos do accusado sejam satisfeitos de repente. Quando a auctoridade civil reclama o julgamento de Wit, o feld-marechal oppõe a sua qualidade de auctoridade superior militar, e recusa-se por duas vezes a entregar o prêso. Chega até a desculpar a *priori* o seu protegido e a responsabilisar-se por elle.

Finalmente aconselha-lhe que fuja, depois de ter já aconselhado ao conde de Gonfalonieri que passasse a fronteira da Suissa.

Wit, na sua prisão, é informado das reclamações dos

membros do congresso de Verona. Atreve-se a dirigir-se directamente ao seu protector para lhe pedir a sua opinião sobre o projecto que concebeu de fugir. Fingindo usar de maior rigor a seu respeito, teem cuidado de o munir d'uma chave falsa da sua prisão, e de transferir um carcereiro demasiado escrupuloso no cumprimento do seu dever. Depois de ter infamemente abusado da clemencia do imperador, Wit chega a fugir. Falto de recursos, appella para a generosidade das lojas visinhas; estas, que conhecem o juramento, pelo qual se obrigaram a sustentar seus irmãos, até mesmo em prejuizo da sua *fortuna*, cotisam-se generosamente e mandam ao fugitivo 1200 libras. Wit, indicado á policia, corre sem obstaculo todas as provincias de Piomonte; não tem elle informações seguras, isto é, irmãos dedicados em cada cidade e em cada aldêa! Para remate de irrisão, far-se-ha escoltar, elle conspirador, d'um regimento de carabineiros! a força publica, hoje, unico baluarte dos estados, servirá para o defender. Munido com passaportes de todos os embaixadores, munido de todas as quantias necessarias, correrá debaixo d'um supposto nome e com todos os disfarces, todos os cantões da Suissa e todos os principados da Allemanha.

Mas nem todos os funccionarios são Franc-Maçons e perjuros. Apparece um fiel ao seu juramento que se apodera de Wit na sua passagem por Bayreuth. Este conspirador vai ser tratado com o rigor que exigem os seus crimes; juizes imparciaes vão fazêl-o comparecer no banco dos reos? Este criminioso, auctor das mais atrozes machinações, vai soffrer um castigo exemplar? — Não. Não é elle maçon, e seus irmãos não estão obrigados pelos seus juramentos a auxilial-o *d'alma e vida, ainda mesmo em pre-*

juizo da sua fortuna, da sua honra e do seu sangue? Não ha um não sei que inviolavel inherente á pessoa do franc-maçon? —Na sua prisão, como o rei no seu throno, Wit recebe as homenagens das auctoridades civis superiores; a alta sociedade corre a dar-lhe todos os testemunhos de estima e sympathia. — A mesma protecção em Berlin. Aqui as regras elementares da justiça criminal são infringidas em favor do *irmão* maçon. O ministro da policia confia-lhe todas as peças do processo, e communica-lhe até as memorias mais confidenciaes da chancellaria franceza. Permitte-se-lhe que tire cópia d'ellas, e mandam-se para a commissão federal de Moguncia os documentos alterados.

Cousin, cumplice de Wit e de Follenius, é prêso em Dresde e conduzido perante o tribunal de Berlin. Como o conspirador allemão, elle é em breve entregue de todos as peças do processo, naturalmente subministradas pelo cavalheiro de Bourgoing, embaixador de França em Berlin.

Finalmente, Wit é posto em plena liberdade, não tendo parecido sufficientes as provas da sua accusação!!!

Ha n'estas revelações de Wit cousas que fazem tremer. Será verdade que não ha repressão e castigo senão para os *profanos*? Será verdade que a protecção das lojas e a *fraternidade* maçonica são mais poderosas que a lei e que os magistrados encarregados de applica-la?

Se assim é, e o leitor já póde ter avaliado as provas apresentadas em apoio d'esta these, denunciamos a Franc-Maçoneria a todos os governos da Europa como uma instituição eminentemente perigosa, em que a obediencia á lei e o cumprimento dos deveres civicos são considerados como uma utopia, uma chimera.

Denunciamol-a a todos os povos que, desde então, não

podem mais ter confiança na sinceridade das suas instituições nacionaes e nas determinações da auctoridade sagrada, encarregada d'administrar justiça. Denunciamol-a aos homens de bem, que devem tremer de contrahir compromissos com um Maçon, persuadidos de que este será, a todo o trance, *ajudado com alma e vida* por um *irmão* que occupa um logar publico. Quantas traições, perfidias, e perjurios praticados em nome da fraternidade maçonica! Que acontecimentos mysteriosos devem achar a sua explicação n'esta formula espantosa do juramento maçonico: Juro ajudar meus irmãos com alma e vida, AINDA MESMO QUE SEJA EM PREJUIZO DA MINHA FORTUNA, Á CUSTA DE MEU SANGUE E DA MINHA HONRA!

IV.

PÓDE HAVER MAÇONS ILLUDIDOS? PODEM LOJAS INTEIRAS ESTAR EM ERRO, E SERVIR DE INSTRUMENTO OU DE CAPA A OUTRA SOCIEDADE SECRETA?

A. Não ha duvida que alguns Franc-Maçons, até mesmo d'aquelles que frequentam as lojas, podem estar illudidos ácerca de tendencia, do caracter e do espirito d'ellas. Acreditamos até que o maior numero d'elles estão n'este caso.

Para elles toda a Maçoneria só consiste em ceremonias ridiculas que são os primeiros em reconhecer como puerilidades; n'um discurso contra o despotismo e a superstição que o irmão orador lhes faz ouvir em cada reunião; na *medalha* de 25 centesimos que entregam ao irmão thesoureiro, e sobre tudo no banquete fraternal em que gostam de fazer o *mais vivo fogo.* Perguntai-lhes qual é a origem da Ordem? não vos saberão responder. Ellés conhecem melhor o fim da Maçoneria, pelo menos vagamente; sabem que alli se não gosta nem do clero nem da religião catholica, nem tão pouco da auctoridade civil representada por um soberano absoluto, ou ainda mesmo por um rei constitucional. Aquelles que possuem certa dóse de instrucção veem começar a apparecer no fim dos

esforços das lojas a imagem confusa da republica democratica e social.

Nada mais natural, de resto, que a ignorancia da maior parte dos Maçons.

Em primeiro logar, a Maçoneria assimilha-se tão pouco a si mesma d'uma para outra loja, tem soffrido tantas modificações, encerra tão grande numero de ritos differentes, que é necessario um estudo particular mui longo e arduo para se não perder n'este labyrintho (1). Ora, quantos Maçons ha que possam ou queiram emprehender um trabalho tão fastidioso e inutil? Por uma parte, a falta de convicção, e por outra o desgosto, impede que se entreguem a indagações penosas. Contentam-se em parar na superficie, sem nunca entrarem na substancia das cousas.

Os chefes, certamente, conhecem a natureza e o fim da Maçoneria; ainda assim a maior parte se limitam á parte prática e mecanica, e desprezam a theorica.

Não ha cousa que eguale a sua discrição e prudencia quando se trata da promoção d'um candidato ou da sua iniciação na doutrina secreta ou esoterica.

Se o Maçon aprendiz se não mostra pessoa habil, se não dá esperanças no futuro, isto é, se não larga completamente os seus *prejuizos* religiosos ou politicos, deixal-o-hão vegetar nos graus inferiores, onde lhe será licito divertir-se com fabulas e bagatellas; deixar-lhe-hão até ignorar que existem acima d'elle irmãos privilegiados que, por causa das suas melhores disposições, se tornaram dignos d'um *augmento de salario*.

(1) O I.·. Kloss publicou dous volumes em 8.° sobre as *Variações maçonicas*, e as luctas interiores das lojas em França sómente. O I.·. Thory nas suas obras diversas, ainda é muito mais prolixo.

Em razão de vêr sempre os mesmos homens nos banquetes, imagina que lhes é egual em Maçoneria, e ignora que teem logar reuniões particulares em outros dias do mez. De que maneira poderá elle, finalmente, conhecer o que se passa n'estas reuniões, quando a cada novo grau que recebe o candidato dá juramento de não revelar nada aos irmãos dos graus inferiores, da mesma sorte que aos profanos? E' assim que a maior parte dos Maçons está encerrada, sem esperança de promoção, nos graus inferiores. Considerados como muito novos para poderem supportar o resplendor da luz, ou como muito fracos de caracter para não recuar na occasião de importantes revelações, ou diante d'um successo inesperado, divertem-nos com as parlapatices das recepções, com os brinquinhos com que os decoram, com um vislumbre de confidencia, e sobre tudo com a consideração apparente com que cercam a sua nullidade. Tal é o proceder observado habitualmente para com os homens mais ou menos notaveis no mundo profano que offerecem recursos pecuniarios ou que teem grande influencia sobre os eleitores, seja pela sua fortuna, seja pela sua posição. Estes homens limitados ou pouco aptos para serem Maçons verdadeiros, devem contentar-se em representar o papel de comparsas.

Esta classe de Maçons é a mais numerosa. Com effeito, se devemos acreditar Eckert, aquelles que chegam ao cimo da escala maçonica não estão na proporção de um para cem.

Deverá causar admiração á vista d'isto o encontrar-se uma multidão de Maçons que sustentam que não ha nada mais inoffensivo que a sua Ordem; que alli se não offende de modo nenhum a religião; que tudo se limita a obras

da beneficencia e a banquetes innocentes? Fallam conscienciosamente; os cégos não podem vêr que os illudem.

Mas supponhamos um individuo apto para receber successivamente todos os graus. Elle poderá desenganar-se dentro em pouco por si mesmo de que os graus inferiores não são senão um chamariz. A cada passo que dér na Maçoneria escoceza se lhe dirá que só o teem enganado nas iniciações anteriores. O ritual da Grande Loja dos *Tres Globos* põe estas palavras na bôca do Veneravel iniciador no grau de Gran Mestre escocez ou cavalleiro de St.º André: «Tiro-vos este avental que tendes trazido até hoje, e vos cinjo com o avental dos augustos irmãos escocezes. Esta ceremonia deve convencer-vos de que *tudo o que tendes aprendido até hoje não é nada em comparação dos segredos que vos serão certamente descobertos para o diante,* se fordes eleito, e se vos não tornardes indigno de o serdes.»

N'outra parte: «Conclui d'isto que, *ainda que todos os Maçons sejam nossos irmãos, estão comtudo tão distantes de nós como os profanos.*»

Ora o grau de cavalleiro de St.º André é o setimo do systema templario, ou o penultimo de toda a gerarchia maçonica allemã.

Por tanto, os Maçons dos seis graus inferiores, aquelles mesmos que se julgam mais instruidos, são considerados pelo ritual como ignorantes, de cuja credulidade e simplicidade se tem zombado até então.

As explicações dadas pelo ritual na recepção de cada grau são falsas ou insufficientes. Para as comprehender o novo iniciado precisa d'outros conhecimentos que não póde beber senão nas obras dos escriptores maçons. Quem duvidar, queira lêr com attenção este extracto de uma circular

que a loja capitular de Nancy, sob o titulo de *S. João de Jerusalem*, dirigiu ás lojas dos dois hemispherios para recommendar uma edição sagrada da obra que frequentemente temos citado:

«Era preciso que uma edição preliminar (dirigida tanto aos profanos como aos maçons), *na qual se não podia dizer tudo*, apresentasse a obra ao assentimento maçonico e provasse ao mesmo tempo... *aos Maçons pouco instruidos que a Maçoneria é uma sciencia que se não adquire senão pela reflexão e pelo estudo*, e que, se em alguma officina os trabalhos teem a futilidade que os profanos e *mesmo alguns irmãos* censuram á Ordem, é porque não meditaram nos seus principios e symbolos, e porque, para elles, a *luz conservou-se debaixo do alqueire.*»

Assim o Maçon que se não entrega a um estudo profundo da instituição não comprehenderá nada d'ella; a luz continúa, para elle, debaixo do alqueire. Ora, eu estabeleço como facto que nem um Maçon entre mil consagra o seu tempo a esta meditação. Faça-se idéa da ignorancia da maior parte dos maçons.

«Adoptando as apostillas do I.·. Ragon, as officinas maçonicas poderão, em cada grau conferido, fazer comprehender nas despezas de recepção a apostilla do grau. Por este meio, aquelle a quem o zêlo tiver levado a fazer-se iniciar, possuindo uma INTERPRETAÇÃO que o interessará, esclarecerá e guiará, já não será enganado *nem desanimado pela insufficiencia da instrucção que se pretende ter-lhes dado*... O exame do candidato FORÇARÁ ao mesmo tempo as principaes luzes das diversas officinas a não estar, respeito á instrucção, abaixo de suas altas funcções.

«DESDE HOJE EM DIANTE *não será permittido a um ma-*

çon o ignorar a altura dos pensamentos que presidiram á creação da instituição, e a *ignorancia será banida dos nossos templos.*»

Eis o que é fallar claro. Até hoje, a *ignorancia* tem sido o quinhão dos Maçons; os iniciados teem sido *enganados pela insufficiencia da instrucção* QUE SE PRETENDE dar-lhes, isto é, que não é verdadeira; e quanto aos iniciadores, aos officiaes das lojas (luzes), é necessario adoptar um meio para os *forçar*, constranger a adquirir conhecimentos maçonicos que os elevem á altura das suas funcções.

E' necessario confessar que os termos em que está concebida a circular da loja de *S. João de Jerusalem* não faz honra aos conhecimentos dos Maçons; elles são proprios para confirmar-nos na opinião de que a maior parte d'elles não possuem nem sequer os elementos da Maçoneria.

Lêmos com attenção tanto a edição profana, como a *sagrada* das obras de M. Ragon, e os numerosos extractos que d'ellas temos feito o provam de sobejo. Tudo n'ellas se limita a allusões ás iniciações do systema solar. Evidentemente o I.·. Ragon engana os seus leitores. Em primeiro logar o numero dos auctores maçons que fazem derivar a instituição maçonica das antigas iniciações é muito restricto; depois, por honra da Maçoneria, M. Ragon nos permittirá o crêrmos que se não reunem nas officinas da Ordem para festejar a chegada dos equinoxios e dos solsticios. Outros objectos são mais dignos do interesse das lojas; e se a Maçoneria se não dirigisse em ultima analyse senão a celebrar phenomenos astronomicos que se reproduzissem naturalmente, esta instituição seria não sómente ridicula, mas tambem muito *innocente*.

Apressemo-nos em dizer que o proprio I.·. Ragon não acredita na sinceridade das suas explicações; atreve-se a confessar implicitamente que se ri no seu *curso philosophico e interpretativo* da boa fé e confiança dos seus leitores. Eis-aqui effectivamente o que elle não receia escrever: «O aprendiz que deseja obter o noviciado deve conhecer tudo o que constitue o primeiro grau; deve, em certo modo, estar no caso de o explicar elle mesmo, *não na interpretação secreta* (exoterica), mas no sentido *exoterico*, *e tal como é dado aos novos iniciados*. Porque, notai-o bem, meu irmão, em todos os mysterios, houve uma dupla doutrina: esta acha-se por toda a parte, em Memphis, em Samothracia, em Eleusis, entre os magos e os brachmanes do Oriente, como entre os Druidas da Germania e das Gallias, etc. Por toda a parte se vêem emblemas que apresentam um sentido physico e recebem uma dupla interpretação, uma natural e, em certo modo, material; outra sublime e philosophica que só se communicava aos homens de genio que, durante o noviciado, tinham penetrado o sentido occulto das allegorias (1).»

Por outras palavras, segundo M. Ragon, nunca se explica ao maçon o sentido real e intimo das ceremonias ou allegorias usadas na collação dos graus. O seu *curso philosophico e interpretativo das iniciações antigas e modernas*, destinado a facilitar aos iniciados o estudo dos graus que teem recebido, não póde nem mesmo ter a pretenção de ensinar a doutrina exoterica da ordem. Esta não é communicada formalmente senão aos escolhidos privilegiados, *aos genios*; a massa deve contentar-se com uma interpretação exoterica, que vem a ser a allegoria d'uma allegoria.

(1) Curso phil. e int., p. 214

Agora, maçons que vos gabais de conhecer a natureza da Maçoneria, tende a bondade de dizer-nos em que cathegoria haveis sido collocados? Ainda vos entreteem com uma interpretação exoterica, *natural, material?* Explicam-vos ainda as allegorias maçonicas pelos usos das iniciações antigas e pelos signos do zodiaco? Vós estaes menos iniciados que os profanos; abusam da vossa credulidade, e, o que é mais odioso, não temem proclamar altamente a vossa illusão.

Ha até mesmo maçons, elevados aos mais altos graus, que ainda estão no alphabeto da Maçoneria. Draeske, bispo protestante, no discurso que pronunciou na loja do *Ramo d'Oliveira*, em Bremen, diz em termos formaes:

«*Ha maçon que não chegará nunca a conhecer o nosso segredo, nem mesmo pelas lojas e não obstante todos os seus graus: não é mais que um profano, embora esteja sentado ao Oriente do templo, e condecorado com as insignias do Gran-Mestre* (1).»

Ragon diz aos seus ouvintes: «*Ha muitos que são chamados, mas poucos escolhidos.* Esta sentença recebe sua perfeita applicação na Maçoneria, onde ha poucos irmãos que se appliquem á intelligencia dos nossos emblemas e á sua interpretação philosophica (2).»

Um dos homens mais eminentes da Maçoneria allemã, o representante do conde de Brunswick, gran-mestre da Maçoneria eclectica, escreveu a seguinte confissão: «A prudencia fez modificar as leis e as disposições, segundo as épocas e as circumstancias. A's vezes occorrem tempos criticos em que somos obrigados a occultar cuidadosamente o fim da Ordem. *E' por este e por outros motivos que um*

(1) Astrea, 1849.
(2) Curso phil. e int., p. 221.

grande numero dos nossos veneraveis irmãos se enganaram ácerca do fim da nossa associação. Soffreram a mesma sorte que os Romanos, *no tempo da sua dominação.* Não se lhes podendo recusar a iniciação, *não se lhes communicava senão uma pequena parte do mesmo segredo.* Disfarçava-se pouco a pouco na sua presença, até que finalmente não soubessem onde estavam (1).»

Não passaremos sem que se nos faça a seguinte objecção: Se assim é, visto existirem na Maçoneria homens tão pouco instruidos, que perigo vêdes n'ella para a sociedade?

— Em primeiro lugar estes membros contribuem com suas quotas para fazer conseguir um fim que elles mesmos ignoram; a posição que elles occupam no mundo serve para dar realce á Ordem. Em fim, sem insistir sobre o juramento de obediencia cega que prestarem aos seus mestres, não são os ignorantes os instrumentos mais activos nas mãos dos chefes, e os homens mais fanaticos n'um momento de crise? Se as lojas estivessem reduzidas aos irmãos instruidos, não offereciam nenhum perigo; desgraçadamente, estes ultimos contentam-se com o papel de directores e organisadores; e os ignorantes não são senão obedientes executores das ordens dadas superiormente.

Meditem bem os Maçons n'estas palavras do tenente-general de Marwitz: «No alto da Ordem estão os homens perversos que não desejam senão riquezas, dominação e goso, e para os quaes todos os meios são bons desde que servem para conseguir o fim. Mais abaixo estão aquelles que julgam ter alcançado o ultimo grau, em quanto que nem sequer

(1) *Geoffenbarter Einfluss in das gemeine Wohl der Staaten per achten Freiman rerei*, 1777 e 1779, p. 86.

teem subido o primeiro degrau do templo que lhes é desconhecido. Em primeiro lugar estão os enthusiastas que querem propagar o reinado da razão, custe o que custar; depois seguem-se os *limitados* que se contentam em contribuir com a bolsa para a obra commum. Cada uma d'estas cathegorias julga benevolamente que é a chave da abobada de toda a Ordem; um veneravel dos *limitados* não ficaria pouco surprehendido sabendo que acima d'elle estão os enthusiastas; e estes vos tratariam de impostor se pretendesseis que elles mesmos não são senão um joguete dos intrigantes (1).»

B. Em frente d'este capitulo collocamos esta pergunta: ***Podem lojas inteiras ser illudidas e servir de instrumento ou de capa a outras sociedades secretas?***

Julgamos dever responder brevemente a esta pergunta.

Não póde haver duvida que lojas inteiras e mesmo um systema maçonico completo se possam illudir e servir de mascara a outra qualquer sociedade secreta, pelo menos nos graus inferiores.

Em primeiro lugar, sendo os chefes supremos desconhecidos das mesmas lojas, podem, sem se comprometter, dar ordens anti-maçonicas, a que os inferiores são obrigados por juramento a obedecer cégamente. Tudo depende pois dos principios ou dos caprichos dos chefes. O Maçon não tem que raciocinar, só tem que obedecer.

O fim e a natureza da Franc-Maçoneria são, de resto, de tal maneira vagos e indeterminados, de tal maneira elasticos, de tal maneira subordinados ás circumstancias, que os iniciados não devem estranhar nada. Querem uma prova

(1) Memoria de Marwitzt, 2..

d'isto? Ha trinta annos que a Maçoneria belga estava longe de ter o mesmo caracter que tem hoje; então pacifica e tolerante, eminentemente conservadora, se tornou guerreira e aggressiva; ninguem hoje ignora a sua tendencia para o socialismo. Por isso uma boa parte das lojas estrangeiras, as da Prussia e da Suecia, por exemplo, fulminaram contra seus irmãos belgas uma sentença da excommunhão. Onde está a verdadeira Maçoneria?

Em Berlin e Stockolmo, ou em Bruxellas? Sem duvida, estas duas Maçonerias eram antipodas uma da outra, e é necessario que uma d'ellas esteja em erro. Ainda mais: falta muito para que as lojas belgas estejam d'accôrdo entre si; umas, consideradas já pelas lojas estrangeiras como entranhadas n'um caminho fatal, não são senão retrogradas aos olhos de outras officinas particulares. Em Verviers, por exemplo, a antiga loja que se acha debaixo da obediencia do Grande-Oriente de Bruxellas foi abandonada pelos membros mais exaltados, que formaram uma officina particular, e, coisa incrivel, o famoso irmão Bourlard foi anathematisado pelo não menos illustre irmão Goffin. Ainda outra vez, onde está a Maçoneria? Será na primeira loja tratada de decrepita e impotente, ou na loja onde o socialista Goffin empunhou o malhete? Que digam a este ultimo que elle não é Maçon ou pelo menos que desconhece os principios da Ordem; elle vos taxará de ignorancia e de inconsequencia, e talvez tenha razão.

Mas, objectarão, estas lojas exaltadas, por isso mesmo que são dissidentes e que não reconhecem a auctoridade legitima do Grande-Oriente, não representam a Ordem! Miseravel objecção! Em primeiro lugar não sabiamos que a auctoridade do Grande-Oriente seja radicalmente essencial

á Franc-Maçoneria. O que o prova é que a Ordem existiu muito tempo em França antes da constituição do Grande-Oriente. Em segundo lugar, a auctoridade d'este ultimo não foi senão uma substituição habil operada por occasião d'um scisma; illegal desde o principio, o Grande-Oriente francez nunca deixou de o ser depois. — Finalmente, formando-se o Grande-Oriente dos delegados de cada loja da obediencia, o caracter d'esta auctoridade maçonica variará segundo a côr da maioria das lojas. Se, por exemplo, o Grande-Oriente se compozer d'homens taes como os II.·. Goffin e Defré, de conservadora que era na apparencia, a Maçoneria belga arvorará *legalmente* a bandeira do socialismo.

A Franc-Maçoneria está longe de ser uma nos seus graus e ritos, á excepção dos tres primeiros graus. Ha a Maçoneria franceza com os seus quatro graus capitaes; o systema escocez com os seus trinta e tres graus; o rito de Misraim com os seus 90 graus, etc. etc. Póde-se verificar a mesma variedade em cada paiz.

Supponham um homem bastante atrevido para inventar um systema escocez inteiramente novo, em que os ritos e doutrinas do antigo regimen sejam postos de parte; os sonhos da sua imaginação ou perversidade seriam por esta fórma substituidos ás tradições chamadas sagradas da Maçoneria. Que aconteceria n'esta hypothese?

O mestre maçon, ignorando absolutamente os mysterios dos graus superiores, receberia estes ultimos com a crença profunda de que se não separa de nenhuma sorte dos principios da augusta Maçoneria; juraria pelos seus deuses, que é tão maçon como o gran-mestre Verhaegen. Depois do juramento de obediencia cega que prestou aos seus chefes, está á disposição d'elles para executar todos os seus

designios; e, julgando ser Maçon orthodoxo, póde ter-se compromettido a sustentar os planos mais subversivos.

Pensam que esta supposição não é senão uma simples hypothese, que nunca se realisou nem podia realisar-se?

N'este caso appellamos para a historia de Weishaupt, chefe e fundador do Illuminismo. Não se serviu elle da Maçoneria, como d'um meio para propagar as suas abominaveis doutrinas? Não se atrevendo a mostrar, mesmo aos olhos dos seus adeptos, o horror dos seus projectos, confundiu habilmente os graus maçonicos com os particulares da sua Ordem; e á força de habilidade, chegou insensivelmente a dominar a Maçoneria allemã. Graças ás suas intrigas, o congresso de Wilhemsbade adoptou os seus principios; e os seus successores dominaram nos dous conventos dos Philalethos em Paris, dous annos antes da explosão da revolução de 1789.

Por isso o nome de Weishaupt figura com orgulho na nomenclatura dos celebres Maçons como o d'um *reformador* da Ordem.

Homens cujo testemunho ninguem rejeitará, são de parecer que as sociedades secretas podem facil e promptamente degenerar em clubs revolucionarios e servir de instrumentos a chefes fanaticos. Julgamos dever reproduzir aqui as suas proprias palavras:

Eis primeiro a opinião de *Niebuhr*, o grande historiador d'Allemanha.

«Toda a associação politica digna d'este nome ca rece, assim como toda a ordem e toda a sociedade, d'um fim importante ou futil, bom ou mau, d'um centro d'união, d'uma obrigação determinada, d'uma direcção, d'uma reunião e de correspondencias. Ora, como qualquer associação não

existe senão por causa do seu fim, é natural que procure conseguir esse fim, considerado por ella como o seu bem supremo; quando se trata de empregar os meios, ella attende não á sua moralidade, mas sim á sua efficacia. Persuasão e mentira, artificio e astucia, calumnia e violencia, tudo lhe serve. Similhante associação não póde subsistir sem chefes, á direcção dos quaes todos os membros devem sujeitar-se cégamente, sem que lhes seja permittido recuar quando o fim, innocente no principio, degenerou ou se modificou pela direcção que se seguiu. Uma associação cujo fim fosse a destruição da constituição e das leis estabelecidas não seria simplesmente criminosa, seria revolucionaria. — Em nenhum Estado as leis toleram as sociedades politicas secretas, e é injustamente que se censuram os governos que proscrevem uma Ordem, que, debaixo do pretexto d'um fim evidentemente futil, póde, á sombra dos seus mysterios (*in fugam vacui*), tramar as mais funestas conspirações. Ahi está o Illuminismo para me servir de prova.

«Faria um eminente serviço o historiador que, reunindo as opiniões e os factos, emprehendesse a tarefa de examinar *se o desprêzo que se manifesta hoje pela religião, se o dogma politico da egualdade de todas as classes, foram espalhadas pela Maçoneria.* A participação da Ordem na revolução de 1789 está provada por testemunhos irrefragaveis: e não se póde duvidar que esta sociedade foi explorada efficazmente pela propaganda franceza. Aquelle que teme realmente a influencia das sociedades secretas, deve trabalhar primeiro que tudo em dissolver uma Ordem, que, mais que outra qualquer, é capaz de emprehender contra a felicidade dos povos a execução de planos desastrosos.

«Em geral, toda a sociedade secreta é perigosa; por-

que se compõe d'homens experimentados que, trabalhando nas trevas e mysteriosamente, conseguem facilmente realisar o que o mêdo dos tribunaes lhes obriga a occultar.

«As vantagens garantidas pela constituição a todos os cidadãos, formam um patrimonio commum, ao qual todos teem egual direito, na proporção das suas capacidades e do seu valor. Uma sociedade particular que promette estas vantagens exclusivamente aos seus membros, é um Estado no Estado; merece ser aniquilada, sendo como é um mal funesto para a communidade.»

As seguintes palavras, tiradas da obra do professor *Struve* sobre as sociedades secretas, nem são menos verdadeiras, nem menos importantes:

«Terá havido na historia do mundo uma unica instituição que não tenha degenerado com o tempo? As instituições publicas, ainda mesmo as mais respeitaveis e sabias, não se teem insensivelmente tornado as mais fataes e funestas? Ora pois, o perigo das deteriorações em parte nenhuma é tanto de temer como nas sociedades secretas. As primeiras estão expostas aos olhos do mundo; amigos e inimigos podem observal-as; cahem por si mesmas desde que deixam de corresponder ao seu fim, e desde que o publico illustrado lhes retira a sua approvação. Mas é mui differente quanto ás segundas, cujo fim, plano e organisação não são conhecidos senão do pequeno numero d'aquelles que as dirigem, e os quaes se inculca á massa o dever de respeitar com uma veneração sagrada e silenciosa. A que obscuro e profundo labyrintho não póde conduzir o artificio de alguns conspiradores as turbas cégas? Em que abysmo de incredulidade, loucura e immoralidade não podem ser sepultadas estas desgraçadas victimas?

—Não careço dizer mais. Nada do mundo póde degenerar mais depressa e d'um modo mais funesto que uma sociedade secreta: ella está exposta a abysmar-se até ao ultimo grau da corrupção; será fatal á sociedade em razão directa do segredo que n'ella se observar, da perfeição da sua organisação, da ordem e união que reinam em seu seio. O fogo da publicidade deve purificar o metal precioso da substancia terrosa que o envolve, e fazêl-o proprio para ser trabalhado para utilidade commum. Mas onde não ha senão escorias, estas desapparecem sob a acção do fogo, e só fica o nada.»

As palavras seguintes de *Fichte* e de *Schuderoff* são dignas de citar-se: «*A palavra humanidade*, diz Fichte (*Discurso á nação allemã*, 1824, p. 101), é do numero d'essas famosas palavras de que facilmente se póde abusar para mascarar a perversidade do homem: com um som estranho, sublime e brilhante, esta palavra desperta a attenção; mas na realidade, ella envolve aquelle que a escuta nas trevas da ignorancia.»

Schuderoff, que, na qualidade de Franc-Maçon, tinha primeiro consagrado o seu talento a fazer triumphar o dogma da humanidade, nos descreve mais tarde (*Discurso sobre o estado actual da Maçoneria*), a humanidade como certa cousa tão vaga; que toda aquella loja que a adoptar por fim, se encarrega d'um problema insoluvel e se perde n'uma empreza vã. «A humanidade, diz elle, é do numero dos problemas mais profundos da philosophia, visto que encerra em si principios que escapam á actividade humana.»

Finalmente, não ha juizo mais competente que o do barão A. de Knigge (1), o mais famoso, o mais instruido e

(1) O barão de Knigge, cujo nome de guerra era *Philon*, foi o braço direito de Weishaupt, fundador do Illuminismo. O seu ta-

em outro tempo o mais activo chefe do Illuminismo. Eis-aqui o que elle diz das sociedades secretas:

«No numero dos joguetes ao mesmo tempo futeis e funestos, com que se diverte o nosso seculo philosophico, dévemos collocar as associações e Ordens secretas de qualquer natureza que sejam. Excitados quer seja pelo desejo da sciencia, quer seja pela necessidade d'actividade e de sociabilidade, quer seja em fim por uma indiscreta curiosidade, todos os Allemães, com pequenas excepções, teem sido pelo menos algum tempo membros d'uma ou de outra associação. Chegou o tempo de fazer desapparecer essas associações que todas são frivolas ou prejudiciaes á sociedade.

«Occupei-me por tanto tempo d'estes objectos que ouso invocar a minha experiencia, e posso, com conhecimento de causa, aconselhar a todo o joven activo e laborioso, que não se aggregue a nenhuma sociedade secreta, qualquer que seja o nome com que se adorne. Na verdade, ellas não são todas reprehensiveis no mesmo grau: mas são todas, sem distincção, inuteis ou perigosas.

«Primeiramente são inuteis; porque, na epocha em que vivemos, não ha necessidade de esconder debaixo do véo do mysterio qualquer doutrina. A religião christã é de tal clareza, satisfaz por tal modo a todas as exigencias, que não tem necessidade, como as religiões pagãs, nem de explicação secreta, nem de duplicada doutrina. Nas sciencias, as descobertas modernas são e devem ser publicadas para bem da humanidade; é necessario que todas as pessoas competentes possam examinal-as e aprecial-as.— E' inutil que par-

lento, a sua influencia, as suas intrigas contribuiram poderosamente para propagar esta sociedade secreta, a mais temivel talvez d'aquellas que teem ameaçado a Europa.

ticulares se esforcem por apressar a epocha em que todos os homens devem ser perfeitamente esclarecidos.

«Nunca até conseguirão isso; e se fossem capazes de o conseguir, seria para elles um dever o fazêl-o *publicamente.* Este dever seria tanto mais imperioso, quanto d'este modo os homens judiciosos de todos os paizes e de todas as localidades ficariam habilitados a pronunciar-se ácerca da missão d'estes apostolos e do valor intrinseco da doutrina que elles viessem annunciar. Pela publicidade, poderia julgar-se se este ensino é realmente proprio para esclarecer, ou se a moeda espalhada não é de peior liga que aquella que se rejeita....

«*Elles fallam uma lingoagem symbolica, susceptivel de toda a especie de interpretação;* são mui pouco prudentes na escolha dos seus membros: por conseguinte, degeneram depressa. Se, no principio, são recebidos com predilecção, arrastam em breve a maiores inconvenientes que aquelles de que se queixam no mundo profano.

«Se alguem deseja emprehender alguma cousa grande e util, não lhe faltam na vida civil e domestica occasiões, e até muitissimas; mas ninguem se sabe aproveitar d'ellas como poderia. Seria necessario em primeiro logar que se demonstrasse que nada mais resta que fazer por meio da publicidade, ou que obstaculos invenciveis se oppoem á realisação publica do bem, antes de arrogar a si o direito de crear um circulo d'acção particular e secreto que não está sanccionado pelo Estado. A beneficencia não carece das trevas do mysterio, a amizade apoia-se sobre a liberdade da escolha, a necessidade da sociabilidade não suppõe necessariamente o emprego de meios secretos.

«Mas estas sociedades secretas são, além d'isto, peri-

gosas e funestas: porque todo o acto mysterioso provoca suspeitas legitimas; porque aquelles que teem a missão de velar pelo bem da sociedade civil, estão por isso mesmo encarregados de indagar o fim de toda e qualquer sociedade; sem o que, debaixo do véo das trevas, se poderiam occultar planos perigosos e doutrinas funestas, da mesma sorte que alli se poderia mirar a fins vantajosos; *porque os membros iniciados nem todos estão ao facto das intenções perversas que muitas vezes se tem o cuidado de dissimular debaixo das mais bellas apparencias;* porque só os espiritos mediocres se deixam encerrar n'este circulo, em quanto que os homens superiores ou recuam depressa, ou se abysmam e degeneram, ou seguem uma direcção obliqua, ou finalmente se apoderam do dominio á custa dos outros; porque, as mais das vezes, *chefes desconhecidos* se conservam por detraz da cortina, e é indigno d'um homem de intelligencia e de coração trabalhar na execução de um plano que ignora, cuja bondade e importancia lhe não são afiançadas senão por homens que não conhece, com os quaes contrahe compromissos sem reciprocidade, sem saber de quem se deve queixar, pois que não ha ninguem que se apresente como fiador; porque intrigantes e vadios exploram estas sociedades, impoem-se e levam a partilhar suas ideias pessoaes; porque cada homem tem paixões que leva comsigo para a associação, onde á sombra e debaixo do véo do segredo, ellas teem um campo mais livre que á luz do dia; porque estas sociedades degeneram pouco a pouco, em consequencia da escolha que fazem dos seus membros; porque custam dinheiro e tempo; porque desviam dos negocios serios da vida civil, para instigarem á preguiça ou a occupações sem fim; porque se tornam em breve um logar de reunião para

todos os aventureiros e mandriões; porque protegem toda a especie de fanatismo politico, religioso e philosophico; porque geram um perigoso espirito de associação e lançam as sementes dos maiores males; finalmente, porque são occasião das conspirações, das dissensões, das perseguições, da intolerancia e da injustiça não sómente para com os irmãos associados, mas até para com bons Maçons que não são membros da mesma Ordem, ou que não são partidarios do mesmo systema.

«E' esta a minha profissão de fé a respeito das sociedades secretas. E haverá algumas d'ellas ás quaes se não possam fazer algumas d'estas accusações? Pois bem, embora, admittamos a excepção. Em quanto a mim, não conheço nenhuma que não seja capaz de uma ou outra culpa. E ainda hoje (1796), tal é a minha opinião invariavel ácerca d'estas sociedades. Não mudei de parecer, apesar de ter lido ultimamente a obra intitulada: *Do mundo secreto e da arte de governar*. Estou longe de desconhecer as louvaveis intenções do snr. conselheiro Weishaupt; mas as suas razões não me convenceram de fórma alguma.

«Se a curiosidade, uma necessidade desordenada d'actividade, a persuasão, a vaidade ou outros quaesquer motivos vos fizeram entrar n'essas sociedades, guardai-vos pelo menos de vos deixardes cegar pela illusão ou apaixonar pelo fanatismo; guardai-vos de vos deixardes arrastar pelo espirito da seita; guardai-vos de ser o joguete e o instrumento dos homens perversos que sabem dissimular! Se não sois uma creança, penetrai a explicação clara e pura de todo o systema. Não inicieis ninguem, antes de vos terdes instruido bem; não vos deixeis cegar por apparencias enganosas, por promessas seductoras, pelos planos mais lisongeiros para

bem da humanidade, pela affectação que se mostrar exteriormente do desinteresse, santidade nos actos, e pureza das intenções. E' aos factos que deveis pedir as provas; é o todo que deveis encarar. Se se queixarem da vossa pouca capacidade e da vossa inaptidão, fazei com que vos expliquem quaes são as qualidades que os chefes exigem; examinai qual é o valor d'esses mesmos chefes; e, pondo de parte a falsa modestia, comparai-vos com elles. Sobre tudo guardai-vos absolutamente de vos entregardes de pés e mãos atadas a chefes desconhecidos, sejam quaes forem os motivos que se alleguem. Tende a prudencia necessaria para pesardes cada uma das palavras que escreveis sobre os negocios que dizem respeito á Ordem; sede sobre tudo sufficientemente circumspectos para examinardes os termos do juramento que se vos exige quando contrahis um compromisso. Pedi conta do emprego das quantias que vos fazem pagar.

«Se depois de terdes tomado todas estas precauções, estiverdes enfastiado da Ordem, se lamentardes a vossa iniciação, afastai-vos sem bulha nem publicidade. Se não quizerdes ser perseguido, nunca digaes nada do que vistes e ouvistes. Mas se apesar do vosso silencio vos inquietarem, fallai a verdade; para edificação dos outros, fazei vêr ao publico a impostura, a loucura, a perversidade d'essas sociedades.

«De resto, ninguem tem obrigação nem missão de destruir tudo aquillo que não acha ser bom. Póde a gente indignar-se contra certos abusos, sem que por isso tenha obrigação de os combater com encarniçamento. Póde-se até innocentemente assistir ás reuniões da Ordem, quando se faz parte d'ella; assim como os clubs, as lojas podem ser um excellente meio para se vêr gente. Para algumas pes-

soas é talvez até um dever o não se retirarem completamente, quando podem impedir um maior mal, e ajudar a oppôr-se a tentativas criminosas.»

Ainda mais; é publico e notorio que as sociedades secretas revolucionarias fundadas na Allemanha, em França e na Italia, taes como o Illuminismo, a União allemã, o Tugendbund, a Sociedade dos negros, a joven Europa com suas afiliadas: a joven Polonia, a joven Allemanha, a joven Italia, a joven França, a joven Iberia, etc., todas teem tido por chefes Franc-Maçons dos altos graus.

Dir-se-ha que é um abuso execravel que se faz da Ordem, á qual se não podem imputar os desvarios de seus membros. E' verdade; mas não deixa de ser incontestavel que a Franc-Maçoneria póde servir de mascara aos revolucionarios mais audaciosos.

V.

COMO ALGUNS PRINCIPES E SOBERANOS TEEM PODIDO SER PROTECTORES DA MAÇONERIA?

Tal é a objecção que se nos tem feito muitas vezes quando profanos ou Maçons teem querido tomar a defeza da Maçoneria. E na verdade, o raciocinio seguinte é bastante especioso: Como poderam homens tão interessados na conservação da sua dignidade e na manutenção da ordem publica prestar o seu nome e a sua influencia a uma sociedade que se representa como inimiga da realeza? E citam-se logo: em França, o duque de Chartres, da familia real; o rei José, irmão de Napoleão I, Luiz Philippe, o principe Murat; — na Prussia, Frederico II, Frederico Guilherme III e IV, o principe regente actual; — na Suecia, Gustavo III, Gustavo IV, Carlos XIII; na Hollanda, os principes Guilherme e Frederico; — na Dinamarca, o rei Christiano VIII e Frederico VII; no Hanover, os reis Ernesto e Jorge V (1).

(1) Em resposta ás tres obras de Eckert: *A Franc-Maçoneria na sua verdadeira significação, o Templo de Salomão, e Collecção dos documentos destinados á condemnação da Franc-Maçoneria*, assim como aos famosos artigos do ministro protestante Hegstenberg na *Kirchenzeitung*, M. Frederico Voigts acaba de publicar uma brochura em que se contenta com expôr a sympathia concedida á Franc-Maçoneria por estes principes ou soberanos.

Cita-se, além d'estes, com affectação outro soberano, que foi iniciado na loja de Berna em 1813, e que se fez representar assiduamente pelo grande marechal do palacio.

Que outra cousa prova isto, senão que estes principes ou soberanos julgam dever usar de considerações para com uma sociedade que temem? Talvez imaginassem que affectando certa deferencia, certa confiança para com a Maçoneria, receberiam em recompensa a segurança do paiz e a paz dos espiritos.

Talvez até esperassem conservar a Ordem nos limites da moderação ou fazer-lhe adiar a execução dos seus projectos subversivos, contendo-a com a sua presença.

Porém se andaram de boa fé, se a sua participação na Maçoneria é filha da convicção, se estão persuadidos da innocencia das lojas, lastimamos a sua cegueira.

E comtudo, somos obrigados a confessal-o, ha no numero d'elles alguns cuja confiança na Maçoneria parece sincera. O principe que parece mais affeiçoado á Ordem maçonica é, sem contradicção, o regente da Prussia. Em 1853, a Allemanha foi posta em commoção pelas publicações de Eckert e Hegstenberg. Este ultimo, na *Kirchenzeitung*, demonstrou até á evidencia que a Maçoneria tendia a destruir todo o christianismo e tinha produzido no seio do protestantismo um scepticismo tão universal, que o estado vacillava sobre a sua base.

O principe da Prussia desprezou as advertencias feitas pelo seu pastor, fazendo iniciar seu filho a 5 de Novembro do mesmo anno. Estando em Elberfeld no mez de Julho de 1854, recebeu publicamente uma deputação da loja d'aquella cidade na presença do clero reunido; depois dirigindo-se a toda a assemblea disse apontando para o cle-

ro com o dêdo: «Sim, senhores, somos atacados por muitas partes;» voltando-se depois para os ministros dos cultos, disse-lhes: «Vós não conheceis a Ordem; é por este motivo que lhe fazeis mal. Fazeis-lhe mal desviando d'ella os empregados, o clero, os officiaes. Entrae na Ordem, e conhecereis que ella não é inimiga nem do christianismo nem da legalidade. Em quanto que eu estiver á frente da Ordem, nada desagradavel lhe acontecerá.»

Desgraçado principe! Já esquecestes que o vosso antecessor, o grande Frederico, sentiu mui amargamente no fim da sua vida o ter introduzido a Maçoneria nos seus Estados? As precauções de que Frederico Guilherme julgou dever cercar-se para conter a Ordem, e os seus descendentes o Tugendbund e as outras sociedades secretas d'Allemanha, já não estão presentes á vossa memoria? A jornada de 18 de Março de 1848, as barricadas de Berlin, a matança das vossas tropas, a circular da Grande-Loja d'Allemanha, da qual vós ereis já Gran-Mestre, e que attribue estas calamidades á céga precipitação das lojas, não deixaram nenhum vestigio na vossa lembrança? Se julgaes dever algum reconhecimento á Maçoneria, porque em 1849 apresentou a vosso augusto irmão a corôa imperial d'Allemanha *grande e uma*, não vêdes que isto era não sómente uma violação dos tratados mais sagrados, mas tambem a realisação d'um sonho acariciado desde ha muito tempo pelas lojas, um passo immenso dado para a inauguração da republica social? Cabia então ou nunca applicar este verso de Virgilio: «*Quidquid id est, timeo Danaos et dona ferentes.*» — Agora que vós mesmo dirigis a nau do Estado, Deus permitta que os vossos olhos se abram á luz e que nunca tenhaes de deplorar uma excessiva confiança!

Com effeito, um soberano, protector das lojas, engana-se extraordinariamente, se toma o seu titulo a sério e se crê estar perfeitamente informado do que se passa nos templos mysteriosos da Ordem; Draeske nol-o manifesta: *póde-se não ser mais que um profano, ainda mesmo que se esteja condecorado com todas as insignias e assentado ao Oriente.*

Em primeiro lugar nada impede á Ordem o dar ao protector apenas um titulo honorifico e sem ingerencia nos negocios das lojas. Quando elle entrar no sanctuario maçonico, formar-se-ha a abobada d'aço, apresentar-se-lhe-ha uma cadeira dourada, collocada ao Oriente, obedecer-se-ha ás suas pancadas de malhete; mas haverá todo o cuidado de não agitar na sua presença a menor questão compromettedora ou de conferenciar sobre pontos não approvados. Apresentarão á sua assignatura a organisação e o regulamento ficticios da Maçoneria nacional, em quanto que terão cuidado de redigir outros que se absteem escrupulosamente de apresentar. Possuem registros em duplicado; n'uns escrevem tudo aquillo de que não ha receio de poder ferir a susceptibilidade real; nos outros se consignam as deliberações intimas. Por detraz do protector ou do gran-mestre nominal está um chefe effectivo, desconhecido ao principe, o qual dirige os trabalhos no sentido verdadeiramente maçonico.

N'uma palavra, o principe ou soberano é constantemente victima da sua confiança. Mas não nos contentemos com asserções vagas; demos provas.

A' vista das desordens de que a Europa estava evidentemente ameaçada e das dissenções intestinas que despedaçavam a Maçoneria allemã, as lojas directoras do systema

eclectico dirigiram aos seus irmãos uma longa circular em que se lêem as seguintes linhas:

«Seria permittido a uma ou a muitas lojas o escolher *um protector*, ainda mesmo estrangeiro, *com a condição não obstante de que este não lhes dê nunca ordem alguma, que não se arrogue nenhuma especie de direcção*, e que uma tal eleição não sirva nunca d'obstaculo a que se reconheça *um protector geral*, o qual viesse a ser nomeado pelas lojas por maioria de votos. Este ultimo não poderia ser eleito *senão com as mesmas condições, e o seu titulo não lhe conferiria nenhum poder particular.*»

Por tanto, seguindo a auctoridade suprema do systema eclectico, o titulo de protector não póde ser senão honorifico e não dá nenhum direito áquelle que o tem de se ingerir nos negocios da Ordem.

Weishaupt, *reformador* da Maçoneria, comprehendia de tal modo a importancia de desviar os soberanos, que tinha prohibido expressamente o inicial-os além do grau d'*Illuminatus major* (1). Enganam-se pois os principes deixando-lhes ignorar a existencia, os ritos e a tendencia dos graus superiores.

O mesmo fundador nos diz que, para satisfazer a vaidade d'alguns membros, é bom *fingir* que os soberanos teem a direcção da Ordem. (2) Póde pois succeder que a nomeação d'um protector não seja senão um acto de hypocrisia para melhor mascarar negros projectos.

Depois do congresso de Wilhemsbade, a Maçoneria re-

(1) *Supplemento aos documentos originaes*, pag. 32.
(2) Idem, p. 158.

temperada nos principios do Illuminismo dirigiu ás lojas uma circular em que lêmos esta estranha phrase:

«Teem-se attrahido alguns principes ao seio das lojas, e uma grande multidão tem seguido estes *phantasmas...*»

Na verdade, os principes que convocaram o convento de Wilhemsbade, estavam animados de boas intenções, mas poucos Maçons estavam dispostos a acceitar as suas leis. De resto, elles não eram capazes de dar uma explicação clara e satisfactoria dos hieroglyphicos maçonicos *que não conheciam.*»

Por esta citação póde julgar-se do caso que as lojas fazem dos principes seus directores. Não são mais que *phantasmas*, cégos que imaginam achar na Maçoneria *um meio de garantir os seus thesouros, o seu poder e dominio* (3).

Qualquer que possa ser a pureza maçonica das *suas intenções*, deve evitar-se com todo o cuidado obedecer ás suas ordens, das quaes é necessario desconfiar sempre que são interessadas.

Finalmente, os principes illudem-se se julgam conhecer a natureza e o fim da Maçoneria; *não os conhecem de fórma alguma!*

Com effeito, nas instrucções dirigidas aos novos iniciados, prohibe-se-lhes formalmente o revelar coisa alguma não só aos profanos, mas tambem aos suppostos chefes da Ordem. Lêmos no 3.° grau capitular do systema dos *Tres Globos* a seguinte recommendação: «Guardai-vos de revelar a quem quer que seja, ainda *mesmo ao Gran-Mestre de todas as lojas*, a menor cousa do que aqui aprenderdes.»

Sempre o mesmo systema de decepção! Um principe

(3) *Circular* dos chefes Maçons Illuminados.

é ou julga ser Gran-Mestre de todas as lojas do paiz; imagina conhecer tudo o que se passa nos templos maçonicos da sua obediencia. Pois illude-se; os seus suppostos subalternos receberam a prohibição formal de lhe descobrir a menor parte dos mysterios.

Se restasse a menor duvida a este respeito, lembrariamos ao leitor o juramento prestado pelo candidato: «Juro nunca descobrir os segredos a ninguem, *nem mesmo ao Gran-Mestre de toda a Ordem, logo que o não visse reconhecido por uma alta loja escoceza, ou que os chefes d'esta loja m'o não houvessem feito reconhecer como tal.*» Os termos são bastante explicitos. Póde alguem crêr-se o Gran-Mestre da Ordem, e não ser julgado digno de confiança, nem da menor communicação. Além do titulo, é necessario tambem estar revestido de um caracter especial; é necessario ser reconhecido pelas lojas. Sem isto estará cercado de espêssas trevas no momento em que se julgar cercado das mais puras claridades do *Oriente*.

Eis-aqui uma confissão notavel d'um escriptor maçon, cuja auctoridade é incontestavel. Recommendamos esta passagem á meditação do leitor: «A entrada dos soberanos para a Ordem é de muito bom agouro.

«*Ainda que elles não possam contribuir para a construcção do templo maçonico,* ainda que nos seja necessario soffrer o espectaculo das brilhantes insignias collocadas aos seus peitos, são preciosissimos para a Ordem, não só por causa das suas riquezas, mas tambem por causa da sua immensa influencia. Por mais livres que possam parecer, as sociedades secretas estão ainda muito dependentes das disposições da classe superior; não se podem desenvolver senão aos raios do sol no meio d'um céo sem nuvens. Onde

o principe desconfia, é mau querer elevar-se muito; ao passo que se póde navegar a todo o panno, logo que uma brisa favoravel se levante da costa.

«Possam sempre os nossos augustos hospedes ser dispensados de trabalhar á custa do suor de seu rosto, e continuar a conservar-se *mudos e inactivos* como *uma estatua*. A sua presença produz muito bons effeitos, principalmente sobre aquelles a quem já custa muito fazer alguma cousa util na sombra e no silencio! Onde elles desapparecem, o edificio está ameaçado como um cortiço d'abelhas sem rainha (1).»

Por outras palavras, os soberanos maçons, gran-mestres ou protectores da Ordem, servem para encobrir as tendencias impias e anarchicas das lojas; sem o saberem, minam o seu throno com as suas proprias mãos. As suas *riquezas* e a sua *immensa influencia* são exploradas em proveito dos seus inimigos. A deferencia que se lhes testemunha, os signaes de respeito que se lhes prodigalisam, os protestos de felicidade que se lhes exprimem são outros tantos meios enganadores empregados para os cegar. O seu nome basta; dispensam-n'os de se occuparem dos negocios da Ordem; quanto mais se resignarem a representar o papel de manequim, tanto maior será o reconhecimento das lojas. Pobre realeza, que não vê que serve de joguete aos seus inimigos!

Ahi está a historia para ensinar aos soberanos quam perigosa é para elles a connivencia com os perturbadores da ordem politica e social, e qual é a inutilidade do seu titulo de Gran-Mestre ou de protector da Maçoneria. O rei

(1) Venturini. *Historia da Franc-Maçoneria*, p. 149.

José, irmão de Napoleão I, estava á frente da Ordem; o archi-chanceller do imperio, Cambacérès, era Gran-Mestre adjunto: impediram elles que as lojas trabalhassem para a quéda do imperador? Luiz Philippe estava iniciado em todos os altos graus; os grandes do reino estavam revestidos de todas as dignidades maçonicas; podéram elles prevenir uma catastrophe devida ás machinações subterraneas das lojas? Carlos Alberto era Carbonario; tinham-lhe feito acreditar que esta sociedade revolucionaria não tinha por fim senão a independencia da Italia; e as armas que elle destinava á conquista da Lombardia, voltaram-se em breve contra elle. Todos os soberanos dos reinos e principados da Allemanha, á excepção da casa de Saxonia, eram os Gran-Mestres das lojas: poderam elles impedir a terrivel explosão de 1848, de que a Maçoneria allemã se gaba de ser auctora?

Depois d'estes espantosos exemplos, concebe-se a cegueira dos soberanos e a sua persistencia em proteger uma instituição tão perigosa?

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

TABOA DAS MATERIAS

CONTIDAS NO PRIMEIRO VOLUME

PRIMEIRA PARTE

A Franc-Maçoneria em si mesma.

I.

III.

Juramento maçonico.

IV.

A FRANC-MAÇONERIA

EM SI MESMA E EM SUAS RELAÇÕES

COM AS OUTRAS SOCIEDADES SECRETAS DA EUROPA,

PRINCIPALMENTE COM O CARBONARISMO ITALIANO,

POR

O ABBADE GYR

TRADUZIDA E PUBLICADA EM PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO.

SEGUNDA PARTE.

PORTO:

NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

4, Rua do Santa Thereza, 6.

1865.

SEGUNDA PARTE

A FRANC-MAÇONERIA EM ACÇÃO

E NAS SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SOCIEDADES SECRETAS.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.

«O espectaculo que se offerece áquem e além do Rheno, áquem e álem dos Alpes, áquem e além dos Pyreneos, áquem e álem do Vistula, áquem e álem do Danubio, áquem e além do Oceano, não é effeito d'um simples acaso: por toda a parte se apresenta á vista do observador a mesma acção desorganisadora por meio da astucia, da traição e da violencia, de que são victimas não sómente a monarchia e o catholicismo, mas tambem toda a sociedade, a familia e a propriedade. Esta acção tão identica e harmonica como incessante, suppõe um poder universal mysterioso e terrivel.

«Quem se atreveria a contestar esta proposição: a destruição completa da vida social não é o objecto final d'este poder desorganisador, mas sim um meio para substituir novas instituições incompativeis com as antigas.

«Não é um simples acaso que um unico poder universal e secreto, o da Franc-Maçoneria, mostre bastante força para poder executar á sua vontade esta gigantesca destruição.

«Não é um simples acaso que as maximas radicalmente oppostas aos principios que servem de base á vida social, assim como os regimens e as instituições desejadas por todas as revoluções se conciliem perfeitamente com os principios e organisação da Franc-Maçoneria.

«Com effeito, ousaria negar a Maçoneria que a loja representa em primeiro logar o symbolo do universo, depois a sede e a camara do seu governo, onde o mestre é o representante d'aquelle que é o vigario do Espirito que governa o mundo e do qual por conseguinte é o Soberano Pontifice? Quem se atreveria a negar que o regimen monarchico e a vida social são antipathicos com o seu reino universal symbolico, organico e theocratico, e que os differentes cultos religiosos existentes estão em opposição directa com o seu culto da natureza?

«A Maçoneria atrever-se-hia a negar que no seio das lojas, *onde sómente ella póde ser o que quer,* se vê inaugurar a communidade dos homens sobre a base da liberdade, egualdade e fraternidade, isto é, da egualdade das pessoas e do trabalho, excluindo assim toda a propriedade e todo o goso da fortuna particular, e mostrando-se a antithese da familia e da propriedade?

«Contestará a Maçoneria que, segundo o ritual, se faz subir uma chamma devoradora em quanto que os irmãos cantam: *sic transit gloria mundi*, e que a loja é illuminada repentinamente depois de ter desapparecido aquella chamma? Não é esta ceremonia um symbolo expressivo e claro do

principio maçonico, segundo o qual o reino universal da Ordem, já representado pela loja, sahe magestosamente das ruinas da ordem social, como a Phenix renasce das suas cinzas?

«Não, a Ordem não terá a audacia de negar estas proposições.

«E' mais que effeito do simples acaso a adopção por todas as associações conspiradoras das fórmas, da lingoagem e da tactica d'esta mesma Maçoneria.

«E' mais que effeito d'um simples acaso a adopção da lingoagem, da constituição e dos signaes da Ordem em todos os estados onde a revolução tem triumphado.

«E' mais que effeito d'um simples acaso a adopção das seis côres maçonicas para as bandeiras da revolução franceza e allemã.

«Não é effeito d'um simples acaso que a divisa *União e Força* do systema neo-inglez, da mesma sorte que o emblema maçonico a *acacia*, tenha figurado nos livros da revolução e no titulo do Boletim das leis.

«Não é effeito d'um simples acaso que a formula: *liberdade, egualdade e fraternidade* tenha sido adoptada como grito de guerra pelas lojas, depois por todas as outras sociedades revolucionarias. Acha-se em todas as constituições da joven Europa, da joven França, da joven Suissa, da joven Allemanha, da joven Italia, da joven Polonia, dos Burschenschaften, etc.

«Não é effeito d'um cégo acaso o vêr reproduzirem-se os tocantes banquetes maçonicos no campo de Marte, e o encontrar a Arca santa das lojas levada atravez das ruas de Paris por aquelles *Sans-Culottes* livres, eguaes e irmãos que imitaram o seu trajo primitivo do dos candidatos das lojas.

«Não é effeito do acaso o vêr o governo revolucionario tirar todo o *metal* aos cidadãos do estado e dar-lhes um abono de pão quotidiano, pondo por esta fórma os proprietarios no mesmo pé que os *Sans-Culottes*, e não deixando subsistir outra distincção senão a da edade e do sexo. Não se sabe que a Ordem faz tirar todo o *metal* ao candidato, que o despoja dos vestidos, lhe faz descobrir a cabeça, desnudar o peito e o joelho direito, que em fim o faz andar com um sapato achinelado? Não é esse o typo dos Sans-Culottes? Não é este o ideal da fraternidade dos Jacobinos que reparte com egualdade os vestidos, os alimentos, o trabalho e o salario?

«Não é effeito d'um simples acaso o achar nos annaes da revolução franceza o culto do Ser Supremo e do amor da mulher, duplo culto dos dous elementos da geração, celebrado publicamente sobre os altares profanados do christianismo e representado symbolicamente nas lojas que são os templos da dôce e santa natureza. Teria a Ordem a audacia de negar que o Ser Supremo figurado na loja pelo Mestre, seu gran-sacerdote, é considerado como o elemento primitivo masculino?— que a Biblia symbolisa a lei da natureza que prescreve uma *triple lei negativa* e *uma só* lei positiva, isto é, a triple negação d'aquillo que é capaz de empecer a liberdade, egualdade e fraternidade, e a lei positiva da reproducção ou da geração? Ousar-se-ha negar que os Maçons, tendo a cabeça coberta, proclamam que não reconhecem ninguem acima d'elles?— que os irmãos, revestidos das mesmas insignias, participam dos mesmos trabalhos e dos mesmos banquetes? – que a collação das luvas d'homens e de mulheres, ceremonia que se reproduz em todos os graus, symbolisa o dever positivo da geração? —

que o Maçon empunha o malhete e a espada, emblemas do trabalho e da destruição?—finalmente que elle calca um pavimento de mosaico, symbolo da exploração perfida de todas as paixões e de todas as necessidades?»

Taes são os termos com que Eckert resume na sua introducção ao *Magazin* a comparação que se deve estabelecer entre a Maçoneria theorica e a Maçoneria em acção. O leitor julgará se os factos historicos não são a realisação dos emblemas e dos usos das lojas.

Se as inducções de Eckert parecerem exageradas a alguns leitores prevenidos, nós lhes forneceremos em tempo opportuno a prova de que os auctores Maçons se gabam de ter inculcado os usos maçonicos á constituição civil.

O observador attento facilmente reconhecerá que, desde a segunda metade do seculo passado, se operou uma transformação completa no espirito humano. A antiga fé de nossos paes atacada por toda a parte com uma audacia inaudita, com uma energia sempre em augmento, com os mesmos meios: a astucia, a hypocrisia e a mentira, a fé christã foi abalada nas massas. Aos nossos dogmas substituiram-se algumas formulas banaes e vagas, tiradas da lei que se chama natural. A crença nas verdades sobrenaturaes foi alcunhada de fraqueza de espirito; e quiz-se que o homem, abdicando a sua intelligencia, não empregasse a razão senão para reduzil-o á classe de bruto. A moral austera do christianismo não foi mais poupada; as virtudes mais sublimes e eminentemente sociaes, como a humildade, a obediencia ás auctoridades estabelecidas, a pobreza christã, a dedicação ao allivio das miserias da humanidade foram batidas em brecha pelo raciocinio e pelo sarcasmo; a caridade foi substituida pela philantropia; a humildade pelo orgulho ou

pela presumpção; a pobreza voluntaria pela aspiração aos gosos materiaes, e a obediencia pela negação de toda a auctoridade. Sem duvida, a religião conserva-se sempre em pé intacta e florescente, e produz mais prodigios talvez que no tempo de maior prosperidade. Mas não deixa de ser verdade que ella deve a sua conservação a uma lucta incessante e ardente contra o racionalismo ou o livre exame; e é doloroso o ter de confessar que o combate ha sido sustentado pela Egreja menos contra inimigos naturaes que contra seus proprios filhos.

Respeito a politica, teem tido logar as mesmas transformações.

As antigas monarchias que contavam seculos d'existencia teem sido successivamente abatidas, e nas regiões da Europa, á excepção da Russia, tem-se proclamado a liberberdade e egualdade illimitadas dos cidadãos. Não ha outra submissão senão a si mesmo. Se estas maximas ainda não foram inscriptas em todos os codigos, não é por culpa da Maçoneria.

Os Jacobinos e a Convenção deram o exemplo do despréso da propriedade; e, hoje, todo o mundo confessará que não é já com os liberaes doutrinarios que a lucta está travada, mas sim contra a tendencia socialista que se manifesta abertamente.

Consignamos os factos sem os julgarmos e sem emittirmos uma opinião qualquer sobre os progressos que se pretendem consummados.

Mas eis-aqui o que pretendemos. Como não ha effeito sem causa, dê-se a explicação d'esta hostilidade geral contra o christianismo, contra a vida politica e social. Para produzir um effeito tão universal n'um espaço de tempo rela-

tivamente tão breve, é necessario uma causa geral; é necessaria uma sociedade que tenha ramificações em todos os paizes da Europa; é necessario um impulso unico, uma direcção homogenea, recursos consideraveis, processos senão identicos pelo menos simillhantes. Todo aquelle que conhece a marcha do espirito humano, não se atreverá a contestar estas asserções.

No espaço de meio seculo tres grandes revoluções se realisaram na Europa e fizeram desapparecer os regimens existentes. As revoluções politicas não se fazem sós, da mesma sorte que as revoluções moraes. Para obter o concurso das massas, é necessario desvairar o espirito publico e, para este fim, desenvolver esforços energicos e constantes. Para realisar um plano com a rapidez e força necessarias, é necessaria uma auctoridade unica que fixe o dia e determine os meios. Sem unidade, não ha revolução possivel.

Ainda mais, nenhuma revolução nacional tem sido operada pelo povo propriamente dito; a massa, occupada com seus interesses materiaes, e indifferente aos seus direitos politicos, nunca se levantou espontaneamente para reclamar reformas.

Por outro lado, nunca nenhum governo tem succumbido senão por causa da sua fraqueza material ou moral, ou por causa da traição.

Não podendo a fraqueza justificar-se historicamente, é forçoso necessariamente acceitar a outra alternativa, a traição. Ora uma traição tão geral, tão poderosa, tão efficaz não se explica logicamente senão por uma conspiração prévia, por uma intelligencia perfeita em todos os pontos do territorio, pela simultaneidade de acção, pelo concurso de todas as dedicações, e sobre tudo pelo segredo mais inviolavel. Sem

a reünião de todas estas condições, nenhuma revolução seria possivel. Por isto é necessario um centro, para o qual se dirijam e d'onde partam todas as resoluções.

Postos estes principios, perguntemos a nós mesmos onde existiu uma sociedade que tenha coberto toda a Europa com a sua rêde mysteriosa, uma sociedade cujos principios dogmaticos e moraes sejam a antithese dos do christianismo; uma sociedade cuja tendencia seja evidentemente a liberdade e egualdade politica; uma sociedade que conduza fatalmente ao socialismo ou que o proclame altamente. — Percorrendo successivamente as diversas phases da revolução desde ha um seculo a esta parte, notamos o partido que se chamou philosophico, o Illuminismo, o Jacobinismo, a União allemã, o Tugendbund, os Burschenschaften, os Negros, os Carbonarios, a joven Europa com suas afiliadas, etc Cada uma d'estas sociedades, considerada em si mesma, é incapaz de explicar os phenomenos religiosos, politicos e sociaes que se teem dado ha um seculo a esta parte. Isolada, sem relação com as sociedades conspiradoras que a precederam e seguiram, nenhuma d'ellas se explica, bem como a sua influencia sobre os acontecimentos. Menos que se não admitta que não são todas senão a manifestação do mesmo espirito, as modificações do mesmo systema, o desenvolvimento do mesmo principio, os actos diversos da mesma pessoa moral, a appropriação d'um objecto geral ás nacionalidades particulares, a applicação immediata e especial d'uma theoria universal, os ramos da mesma arvore, nunca se poderá comprehender a sua influencia sobre o espirito publico e sobre os acontecimentos politicos. Sustentar que estas conspirações particulares, estas sociedades secretas nasceram da necessidade da época, como Minerva

armada do cerebro de Jupiter, sem se ligarem a nenhum antecedente, e alcançaram de subito um poder tão gigantesco, é provar que nem se conhece a historia nem a humanidade.

Sendo assim, isto é, não explicando nenhuma sociedade conspiradora particular sufficientemente as transformações consignadas, é muito natural o admittir *a priori* a unica hypothese possivel, a influencia dissolvente da Maçoneria.

Com effeito, de todas as sociedades secretas, ella só existe em França desde a ultima metade do seculo passado e não tem cessado de existir até hoje. Na primeira parte vimos a sua opposição radical ao catholicismo e a toda a religião revelada, a sua hostilidade á auctoridade monarchica, a proclamação de seus principios republicanos, e a sua tendencia para o socialismo. Não será pois mui natural o attribuir a esta unica causa conhecida os effeitos funestos de que se tem sido ha cem annos e de que somos ainda hoje tristes testemunhas? Pelo que nos diz respeito, em quanto se nos não fizer conhecer outra instituição cujos principios, duração e influencia possam explicar os transtornos occorridos, julgamo-nos logicamente com direito a attribuir a responsabilidade d'elles á Franc-Maçoneria. Julgamos que nenhum homem dotado de bom juiso nos dirá o contrario.

A força d'este raciocinio é tambem corroborada pela consideração de que todas as sociedades secretas, quaesquer que sejam, devem a vida ás lojas maçonicas e d'ellas receberam o impulso e a direcção; e provaremos isto mesmo á medida que nos formos adiantando na historia.

Ninguem se admire de vêr factos tão universaes, e, á primeira vista, tão disparatados attribuidos á Franc-Maçoneria.

Na verdade esta Ordem é universal e sabe aproveitar-

se admiravelmente das circumstancias. Vamos provar esta these.

A Franc-Maçoneria é universal.

No cathecismo do grau de aprendiz, lêem-se as seguintes perguntas dirigidas ao novo iniciado:

P. *Que figura tem a vossa loja?*

R. *Um rectangulo oblongo.*

P. *Qual é o seu comprimento?*

R. *Do nascente ao poente.*

P. *Qual é a sua largura?*

R. *Do meio dia á meia noite.*

P. *Qual é a sua altura?*

R. *Até ás nuvens.*

Por tanto, a Maçoneria estende-se do nascente ao poente, do polo arctico ao polo antarctico; comprehende o universo. Para ella, não existem os limites dos paizes particulares, nem nacionalidades diversas. Não reconhecendo senão a republica universal, considera a distincção entre povos como não existindo de facto ou antes estigmatisa-a como um abuso odioso. Por isso, a seus olhos, as differentes nações não são senão provincias d'um estado universal, á frente das quaes constitue um Grande-Oriente. A Maçoneria tem uma divisão territorial particular, independente dos tractados.

Ragon nol-o diz: «Os templos maçonicos symbolisam o universo.»

O ritual da Grande Loja d'Allemanha estabelece a solidariedade entre os maçons d'ambos os hemisferios. Eis-aqui em que termos se dirige ao candidato do grau de ca-

valleiro de Santo André: «Ainda que os irmãos da socie-«dade estejam espalhados por toda a superficie da terra, «não fazem entre si senão uma unica e mesma communi-«dade: todos teem a mesma origem e tendem ao mesmo «fim; todos são iniciados nos mesmos mysterios, condu-«zidos pelos mesmos caminhos, sujeitos á mesma regra, e «animados do mesmo espirito (1).»

O manifesto do duque de Brunswick, Gran-Mestre da Ordem electica, diz em termos formaes: «Uma só cadea «abrange todo o tecido hoje tão extenso de todos os graus secretos e de todos os systemas do universo. Todos se reunem no ponto central da omnisciência. *Não ha senão uma Ordem.*»

Bazot nos communica que «a Maçoneria não é nem pó-«de ser de nenhum paiz. O nascimento ou a importação «não dá um caracter nacional á instituição. A Maçoneria não é «mais franceza em França que escoceza na Escossia, ou in-«gleza em Inglaterra, que turca em Constantinopla, que «chineza em Pekin, se para alli fosse transportada (2).»

Ragon exprime a mesma idéa:

«A Maçoneria não é de nenhum paiz; não é franceza, «nem escoceza, nem americana; não póde ser sueca em «Stockholmo, prussiana em Berlin, turca em Constantino-«pla, se alli existir; *é uma e universal.* Tem diversos cen-«tros d'acção, mas *só tem um centro de unidade* que é o «maior beneficio da philosophia antiga. Se perdesse este ca-«racter *d'unidade e d'universalidade*, deixaria de ser a Ma-«çoneria (3).»

(1) Sarsena, p. 220.
(2) Bazot. Codigo dos Franc-Maçons, p. 188.
(3) Curso phil. e int., p. 40.

Sim, a Maçoneria é *uma*, ao menos na profissão dos mesmos principios; com a differença não obstante de que uns systemas, timoratos ainda, põem restricção e reservas na proclamação dos dogmas maçonicos, em quanto que outros, mais logicos e sinceros, os professam em toda a sua crueza e d'elles tiram todas as consequencias práticas.

A Maçoneria é *universal*. Admittimol-o de boamente com os oradores e escriptores das lojas.

E' universal no sentido de que em todos os paizes os Maçons se reconhecem pelos mesmos signaes, e concedem a entrada nas suas lojas a qualquer visitador estrangeiro. E' universal theoricamente, no sentido de que ha uma especie de solidaridade reconhecida entre os maçons dos differentes paizes. E' tambem universal no sentido de que, para a Maçoneria não ha nacionalidade alguma differente. Assim, aos olhos dos Maçons, o patriotismo, nobre e generoso instincto que faz partilhar os triumphos ou as desgraças d'uma nação, é um prejuiso que denota um coração mesquino e egoista. O maçon é cosmopolita; só conhece uma dedicação, que é para com a instituição de que faz parte.

A mil leguas de distancia, sente os soffrimentos e as perseguições politicas de seus irmãos desconhecidos, e nada o impede, nem mesmo o perigo da sua propria patria, de soccorrer os seus correligionarios. Os deveres civis ou militares que assumiu, o juramento que prestou nas mãos da auctoridade constituida não o ligam desde que se trata de interesse da Ordem. D'isto temos dado numerosas provas.

Sim, a Franc-Maçoneria é Universal, e é isto o que a deve fazer temer. Com effeito, os esforços das lojas nacio-

naes são sustentados não sómente pela sympathia, mas tambem pela cooperação activa de toda a instituição. N'um momento dado, reunem-se recursos immensos para um golpe de mão; e logo que se trata de sahir á rua, Maçons de todos os paizes correm a unir-se ás fileiras dos constructores de barricadas. Foi assim que, por mais d'uma vez, os Maçons badezes e suissos receberam reforços importantes de seus irmãos estrangeiros; foi por esta fórma que foram postos varios chefes á disposição dos revolucionarios hespanhoes. Por causa d'esta unidade e universalidade maçonica, a traição se insinuou até aos gabinetes e á frente dos exercitos.

Só esta universalidade da Maçoneria póde explicar a natureza das revoluções modernas.

a. Antes da implantação da Maçoneria na Europa, todas as revoluções tinham um caracter visivel da localidade; tornaram-se universaes, estenderam-se desde Lisboa até Varsovia. A identidade pasmosa do fim e dos meios, as proclamações redigidas nos mesmos termos por todas as auctoridades revolucionarias, a união admiravel dos insurgentes habitantes dos logares mais afastados, accusam um caracter de unidade e universalidade. Além d'isto, as averiguações deram a esta convicção moral a certeza historica. As constituições dos Illuminados, dos Carbonarios, da Joven Europa com suas affiliadas demonstraram a identidade e universalidade dos projectos revolucionarios.

b. As revoluções antigas tinham todas por motivos interesses pessoaes momentaneos, e por fim a quéda de pessoas ou de instituições particulares. As revoluções modernas parecem perpetuar-se e não podem explicar-se por uma causa temporaria e pessoal.

Hoje a revolução é permanente; propoe-se destruir não uma pessoa em quanto que individuo, não uma instituição como tal; é uma guerra de principio que tem por fim minar as bases da ordem social: o poder politico, a religião, a propriedade e a familia, para as substituir pelas suas antitheses.

Mas como se ha-de explicar esta unidade e universalidade da Franc-Maçoneria senão pela existencia e pelo reconhecimento de uma auctoridade universal? Sem este poder cujas attribuições se estendem sobre todas as partes do todo, sem um centro commun no qual os Grandes-Orientes nacionaes vão rematar, a unidade degeneraria bem depressa em scismas, a Maçoneria fraccionar-se-hia em federações independentes que depressa se tornariam senão hostis, pelo menos indifferentes umas para com as outras. A Maçoneria tomaria em cada paiz o seu caracter particular e o todo compôr-se-hia de variedades e muitas vezes de incoherencias. Sem uma auctoridade respeitada por todos os systema, seria impossivel dar á Maçoneria um impulso uniforme, egual, que se communicasse d'um a outro cabo do universo.

Esta auctoridade, chamada *firmamento*, existe realmente. Mas composta d'um pequeno numero de membros e tomando todas as precauções imaginaveis para occultar a sua existencia, apenas se manifesta d'um modo latente. Só os chefes immediatamente inferiores a conhecem.

Apesar das mais minuciosas indagações, Eckert só pôde descobrir um acto d'ella, o decreto que dissolveu as sociedades *Adelfia* e *Philadelfia*, por occasião da conjuração do general Malet.

Divisão da Ordem pela côr das suas bandeiras.

«A revolução franceza fez-nos conhecer quatro côres que arvorou: a branca, a azul, a vermelha e a preta. Mas, na realidade, ha ainda quinta côr, a amarella. A bandeira negra foi arvorada na Convenção no terrivel dia 20 de junho de 1792, e podia lêr-se n'ella esta inscripção: *Vivam os Sans-Culottes*! A apparição d'este espantoso emblema não foi notada pelos historiadores; e a significação que se lhe deu foi confundida com a da bandeira vermelha; porque o povo profano ainda não tinha aprendido a conhecer o terrivel complemento do systema negro, do qual era mui importante nem mesmo fazer suspeitar a existencia.

«Cada epocha da Maçoneria tem sua bandeira particular destinada a servir de symbolo ao fim que se ha-de conseguir e dos meios que se devem empregar.

«A tactica da Ordem está marcada com o cunho da prudencia, e nada é capaz de lhe resistir. Caminha só passo a passo, e *todas as suas forças são sempre dirigidas para um só ponto*. Na epocha preparatoria todos os systemas se reunem debaixo da mesma bandeira e todos os meios são empregados para desembaraçar o terreno. Conseguido isto, o systema seguinte principia a arvorar a sua bandeira, mas ainda sem a despregar, debaixo da protecção do systema victorioso. A' vista da nova bandeira, sustentada e protegida pelos irmãos da Ordem, seus antigos companheiros d'armas, os vencedores lhes abrem as suas fileiras; não é a tolerancia uma das virtudes da Ordem? Mas pouco a pouco o joven abutre que consentiram ao seu lado adquiriu força, zomba da fraternidade e sacrifica os defensores da primeira ban-

deira. A' medida que o novo systema se torna poderoso, se desenrola insensivelmente outra bandeira destinada a substituir a que a precedeu.

«Continúa a mesma tactica até que a ultima bandeira fluctue só sobre o campo de batalha, e que o fim se tenha conseguido completamente.

«D'est'arte, depois de terem sido joguetes dos systemas mais exaltados, os primeiros actores sahem da scena.

«Eis-aqui a significação das cinco côres maçonicas:

«1. Côr *amarella*. E' a côr da combustão pelo elemento espiritual da luz e do fogo, o qual, invisivel como é em si mesmo, penetra toda a materia e lhe dá a luz, o calor e a vida.

«2. A côr *branca* é a da materia etherea fina, humida e fria, por conseguinte morta, a qual, depois de ter sido condensada pelo elemento primitivo do fogo, produz a receptibilidade e a actividade physica.

«3. A côr *azul* é a da materia branca por tal modo impergnada e condensada que possa penetrar na materia grosseira e negra da terra, para alli produzir o sangue e as paixões e conduzir até aos spasmos da formação.

«4. A côr *vermelha* é a do sangue, das paixões e dos espasmos da destruição do antigo corpo pelo corpo novo que vive n'elle e por elle.

«5. Finalmente a côr *preta* é a da materia grosseira da terra, da sua decomposição para chegar á transformação. Com effeito, dizem os auctores maçons, não ha morte, mas sim tão sómente uma transformação das fórmas visiveis da materia terrestre. Por tanto o proprio espirito é materia, e esta é eterna. A côr negra é portanto o emblema da destruição.

«A bandeira *amarella e branca* foi arvorada em França na epocha em que o elemento espiritual da philosophia fez sahir a humanidade profana da mortalha para a fazer chegar á civilisação. Por outras palavras, é a epocha em que a Ordem principiou a seduzir a classe elevada que até então tinha vivido n'uma pacifica fidelidade aos seus deveres.— Esta epocha principiou em França no tempo de Luiz XIV, no momento em que Bayle dirigiu e propagou a Franc-Maçoneria. Esta epocha estende-se em França até ao apparecimento de Voltaire, e na Allemanha até á creação do systema de Weishaupt.

«A epocha da côr *branca e azul* é aquella durante a qual se impregnaram por tal maneira as classes superiores da sociedade franceza das idéas especulativas e philosophicas, que foram capazes de desenvolver as paixões nas classes inferiores da nação. Foi esta a epocha de Voltaire até Lafayette, porta-bandeira da côr azul até 14 de julho de 1789.

«A epocha em que dominaram as côres *azul e vermelha*, foi aquella durante a qual as classes superiores encheram as classes inferiores de paixões e de idéas especulativas, e com o seu concurso despedaçaram as antigas intituições politicas e religiosas da nação para a transformarem. Esta época começa em Lafayette e acaba com o triumpho da Gironda.

«A epocha da côr *vermelha e negra* foi a da dissolução da sociedade franceza, da destruição da familia e da propriedade. Data do momento em que appareceram os apostolos da communidade social, luctando contra os defensores da republica politica, que ella fez succumbir a seu turno, e, com elles, a bandeira vermelha.

«Mas o chefe dos irmãos negros ou socialistas, Robespierre, não acabou completamente a sua obra; succumbiu por sua vez em consequencia d'um acaso e da sua falta de energia no momento decisivo. A sua quéda arrastou a dos outros chefes do mesmo systema.

«Por tanto, a ultima epocha da bandeira *negra e amarella* não foi completa.»

Divisão da Ordem em secções pacifica e guerreira.

«Todas as revoluções modernas provam que a Ordem está dividida em duas partes distinctas: uma *pacifica*, outra *guerreira*.

«A primeira só emprega meios intellectuaes, isto é, a palavra e a escripta.

«Conduz as auctoridades e as pessoas, cuja perda projectou, até ao suicidio ou á destruição mutua.

«Conquista em proveito da Ordem todos os empregos no estado, na egreja e nas universidades, n'uma palavra, todas as posições influentes.

«Seduz as massas, e domina a opinião publica por meio da imprensa ou das associações. Depois de ter abafado a religião e a moral, lhes substitue o que se chama o *bom tom*. Prepara os espiritos para actos de violencia, vigia pelos recursos pecuniarios, segura o bom successo das insurrecções, introduzindo a traição nos empregos civis e militares que são proprios para os seus designios, ou nos degraus do throno, cuja ruina medita. Tomando todas as fórmas e todos os disfarces, seduz pela lisonja e hypocrisia ou pela exploração das paixões e necessidades das quaes sabe semear e fazer brotar os germens; por outra parte, por meio da ca-

lumnia espalhada pelos seus oradores e escriptores, aniquila todo aquelle que obsta á execução dos seus projectos; ou, diffundindo o terror, amordaça os timidos.

«O seu directorio tem o nome de *Grande-Oriente*; e as suas lojas fecham-se, eu direi em breve porque, logo que a divisão guerreira fez sahir á rua as massas que adquiriu para a Ordem.

«Logo que a divisão pacifica levou os seus trabalhos bastante longe para que um ataque violento tenha probabilidades de bom successo *n'uma epocha pouco distante*; quando as paixões estão inflammadas; quando a auctoridade está sufficientemente enfraquecida ou os pontos importantes estão occupados por traidores, a divisão guerreira recebe ordem de desenvolver toda a sua actividade.

«Desde então a divisão guerreira organisa corpos revolucionarios para conseguir o *fim especial* que é objecto das paixões exaltadas, e se subdivide em dous systemas d'insurreição, dos quaes um obra intellectualmente, o outro physicamente. A' frente de todas as juntas politicas está um Maçon membro da divisão guerreira. Estas sociedades, formadas fóra da Ordem para conseguir um fim especial e temporario, parecem muitas vezes ser inimigas umas das outras; a sua lucta deve abalar o estado e servir em ultima analyse a causa da Maçoneria que ha-de triumphar—não importa qual dos partidos seja o victorioso; porque tanto os chefes d'uma como da outra estão sujeitos á Ordem. Em todo o caso, a Maçoneria recolherá os despojos do vencido, e o vencedor importuno será esmagado por sua vez. Quando o fim secreto da Ordem está conseguido, ou sobreveem acontecimentos que fazem adiar um ataque violento para tempos remotos ou indeterminados, a divisão guerreira es-

força-se por dissolver as sociedades revolucionarias que tinha formado com um fim particular, ou com receio de que sejam descobertas, deixando-as subsistir por muito tempo, ou com mêdo de que adquiram bastante força para se emanciparem da Ordem. Quando uma ou outra d'estas sociedades encerra pessoas ou systemas que pareçam poder ser d'uma utilidade duradoura, a auctoridade superior tem cuidado de as aggregar á divisão belligerante. Se se não consegue dissolvêl-as, os membros da Ordem retiram-se e a divisão pacifica denuncia a existencia d'uma tal sociedade ao governo, tendo antes cuidado de prevenir a sociedade conjuradora de que está ameaçada pela auctoridade civil e deve tomar todas as precauções para que um inquerito não chegue a um resultado de comprometter. E' n'esta occasião que se deve obrar sobre os empregados: por exemplo, empenhar-se-ha o ministro d'uma grande potencia a denunciar a sociedade suspeita. Este dignatario da Ordem conseguirá assim os tres fins: salvar a apparencia da fidelidade da Maçoneria, dissolver a sociedade que se tornar perigosa e subtrahir os culpados á justiça.

«O directorio da divisão belligerante chama-se *firmamento*.

«Logo que se entra em lucta armada e que a divisão belligerante tomou as redeas, as lojas da divisão pacifica fecham-se. Esta tactica denota tambem toda a astucia da Ordem.

«Com effeito, d'este modo ella impede que se possa accusar a Ordem de cooperar para a revolta. Além d'isto, como os membros da divisão belligerante, em quanto que altos dignatarios, fazem parte da divisão pacifica, mas não reciprocamente; como a existencia d'esta divisão é desco-

nhecida á maior parte dos membros da outra divisão, os primeiros poderão reunir-se aos segundos no caso de mau successo. As lojas pacificas apressam-se a proteger por todos os meios os irmãos da divisão belligerante, representando-os como patriotas ardentissimos que se deixaram levar pela torrente além das prescripções da Ordem e da prudencia.

«A mesma divisão pacifica e belligerante se acha nos graus inferiores, debaixo das denominações de confraternidade de S. João Baptista e de S. João Evangelista. Esta distincção é tão pouco conhecida do Maçon simples e confiado, como o fim e os meios, aos quaes sacrifica a vida, a reputação e a fortuna (1).»

(1) Eckert. *Magazin.* T. I. 1.º Livro. Cap. II. pp. 29-38.

I.

PRIMEIRA EPOCHA

INGLATERRA.

Historia da Franc-Maçoneria propriamente dita até á sua introducção em França e na Allemanha.

Vimos que os Templarios fugitivos se reuniram na Escocia em 1307, onde subjugaram astuciosamente as antigas corporações de pedreiros, ás quaes inocularam as suas abominaveis doutrinas. Nenhum documento historico nos revela a actividade da Ordem durante o primeiro seculo de sua existencia.

Em 1314, o rei Bruce fundou a Ordem de Santo André do Cardo em memoria dos valentes Escocezes que, na batalha de Bannockburn, ganharam uma completa victoria sobre os Inglezes. Reuniu esta Ordem á dos Templarios e ao capitulo de Heredom de Kilwinning. Este rei reservou para si e seus successores o titulo de Gran-Mestre da veneravel loja d'Heredom, a qual mais tarde foi transferida para Edimburgo.

N'essa epocha, os Templarios, cuja Ordem se compunha exclusivamente de nobres, se mostravam exclusivos nas admissões: só os membros da nobreza e do alto clero podiam entrar nos templos maçonicos. Não foi senão por oc-

casião da elevação ao throno da rainha Anna que o elemento democratico foi tolerado na Ordem. Comtudo as admissões dos simples burguezes continuaram a ser em pequeno numero; e estes ultimos não formaram senão a Ordem exterior ou a Maçoneria azul, sob a direcção do Escocismo ou dos graus Templarios propriamente ditos. Os reis Henrique VI (1), Carlos II e Guilherme d'Orange (2), foram iniciados.

A fé dos cruzados tinha esfriado nas expedições orientaes. Arruinada em grande parte, a nobreza voltou á patria onde tinha empenhado ou alienado a herança de seus paes; e a vida selvagem dos campos a que se tinha acostumado não lhe dava recurso algum. D'aqui nasceu a sua acrimonia e odio contra o clero, no qual julgava vêr a causa da sua pobreza. As familias herdaram o odio d'um ou outro de seus membros.

Os Templarios maçons, proseguindo o seu fim mysterioso, a guerra contra a egreja catholica, exploraram astuciosamente estas circumstancias; o seu odio foi reforçado com todos os odios accumulados, e organisaram um vasto plano de vingança.

A reforma, tão preconisada pelos escriptores maçons como a causa da emancipação intellectual, politica e religiosa, a reforma veio tambem reforçar as fileiras dos inimigos da religião (3).

Na ultima metade do XVI seculo, parece que a Maçoneria tinha templos em quasi todas as grandes cidades da Eu-

(1) *Acta Latamarum*, t. 1, p. 9.

(2) *Communicações aos Maçons pensadores*, por Mossdorf, p. 168-170.

(3) Acerellos, Maçon dedicado, attribue uma grande parte d'acção á Franc-Maçoneria no estabelecimento e no bom successo da reforma.

ropa; todos os incredulos e espiritos fortes alli se reuniam e concentravam os seus esforços contra a religião catholica. Pelo menos é isto o que nos permitte concluir um documento achado em 1637 nos archivos da loja *Fredericks Vredehall*, em Haya. Este documento historico (1) é o protesto do congresso maçonico de Colonia contra as insinuações malevolas de que a Maçoneria era objecto n'aquella epocha e a pretendida exposição do systema da Ordem.

Sendo este documento de grande importancia, julgamos dever publical-o.

«A.·. G.·. D.·. G.·. A.·. D.·. M.·. (2).

«Nós Mestres Eleitos, membros da sociedade veneravel consagrada a *João*, ou da Ord.·. dos Franc-Maçons, directores das L.·. constituidas nas cidades de Londres, Edimburgo, Vienna, Amsterdam, Paris, Lyon, Francfort, Hamburgo, Anvers, Rotterdam, Madrid, Veneza, Gand, Koenigsberg, Bruxellas, Dantzig, Middelburgo, Bremen e Colonia, reunidos em capitulo na dita cidade de Colonia, no dia, mez e anno abaixo declarados, e sob a presidencia do Mestre da loja fundada n'esta cidade, nosso I.·. M.·. Ven.·., sapientissimo e prudentissimo, escolhido unanimemente por nós para este effeito, fazemos saber a todos os membros da Ordem

(1) Suscitaram-se numerosas controversias sobre a autenticidade do documento colonez. As lojas belgas e hollandezas, ensoberbecidas com esta feliz descoberta, não exprimem a menor duvida. Muitos auctores francezes não são tão decisivos na sua opinião; comtudo o numero d'aquelles que rejeitam este documento como apocrypho é mui limitado, e a maior parte admittem-no como autentico. O I.·. Redarez deu-se ao trabalho de refutar todas as objecções levantadas contra este processo verbal (V. *Da influencia da Maçoneria sobre o espirito das nações*, p. 152-156).

(2) Tomamos a traducção d'este documento dos *Annaes Maçonicos dos Paizes Baixos*.

tanto actuaes como futuros, por meio das presentes que serão enviadas a todas as lojas acima ditas (1):

«Considerando que, n'estes desgraçados tempos, em que a discordia e as dissensões dos cidadãos levam a toda a parte a desordem e as calamidades, se imputam á nossa sociedade e a nós todos, II.·. admittidos na Ordem de *João* ou dos *Franc-Maçons*, principios, opiniões e machinações tanto secretas como publicas, tão contrarias aos nossos sentimentos como ao caracter, fins e doutrina da nossa sociedade; que se accusam, além d'isto, os membros da Ordem (a fim de attrahir sobre nós o desprêso dos profanos e de nos votar d'um modo mais seguro á execração publica, e porque estamos todos ligados por um pacto e mysterios inviolaveis religiosamente guardados e observados por nós todos), de serem reus do crime de querer restabelecer a Ordem dos Templarios; que nos designam publicamente como taes, e que, por consequencia, como se estivessemos afiliados n'esta Ordem, estamos unidos e conjurados para recuperar os bens e os dominios que lhe pertenceram, e para vingar a morte do ultimo G.·. M.·., sobre os descendentes dos principes e dos reis que foram culpados d'esse facto e que causaram a extincção da dita Ordem; que para este fim, procuramos introduzir o scisma na Egreja, desordens e sedições nos imperios e nos dominios temporaes; que nos animam o odio e a inveja contra o Pontifice supremo, o imperador e todos os soberanos; que não obedecendo a nenhum poder do mundo, e sómente sujeitos aos

(1) E' aqui que pela primeira vez vêmos a expressão de *Franc-Maçons*, e que se descobre uma organisação, a respeito da qual faltam documentos mais antigos.

superiores eleitos na nossa sociedade, executamos as suas commissões occultas e as suas ordens clandestinas por um commercio de cartas secretas e por mandatarios encarregados de missões expressas; que finalmente não damos accesso aos nossos mysterios senão áquelles que, examinados e experimentados com tormentos corporaes, se ligam e consagram ás nossas assembléas por um juramento horrivel e detestavel.

«Por esta causa, e tendo reflectido maduramente, parece-nos muito util e necessario *expôr* qual é a origem e o verdadeiro estado de nossa Ordem, e qual é o fim da sua instituição de caridade, do mesmo modo que estes differentes pontos foram fixados e approvados pelos principaes Mestres versados na arte suprema, e esclarecidos nas sciencias naturaes; e estando esta *exposição* traçada e redigida, resolvemos mandal-a em original, subscripta e assignada por nós, a todas as LL.·. da nossa sociedade, a fim de que, perpetuando a lembrança d'esta renovação solemne do nosso pacto e da integridade dos principios, ella possa no futuro levar as nossas instituições a outra qualquer parte da terra, se, nas nossas regiões, o odio, a inveja e a intolerancia dos cidadãos e das nações, multiplicando os estragos da guerra, opprimissem a nossa sociedade e impedissem que conservasse o seu estado e a sua consistencia; ou para que, tornando-se menos pura, menos intacta e menos incorrupta na serie dos tempos, ella possa tomar para regras os principios traçados na presente carta, se alguns dos seus exemplares escaparem ao esquecimento e ao nada, e professal-os de novo em circumstancias mais prosperas, quando as tempestades estiverem acalmadas, para restabelecer a Ordem, se fosse destruida, ou para a restituir ao seu verdadeiro

estado, se se houvesse corrompido ou desviado do seu fim primitivo e da pureza da sua doutrina.

«Por estes motivos e por meio d'esta carta universal, redigida em conformidade com as mais antigas cartas e monumentos existentes relativos aos principios, ritos e usos da nossa antiquissima e mui secreta Ordem, nós, *Mestres Eleitos*, guiados pelo estudo do V.·. Luz.·., em nome da sagrada promessa que nos liga, supplicamos a todos os nossos collaboradores a quem as nossas presentes chegarem ou poderem chegar de futuro, que nunca se separem d'este documento de verdade; *annunciamos e publicamos*, além d'isto, tanto ao mundo illustrado, como áquelle que ainda está submergido nas trévas, cuja salvação nos é egualmente cara (1):

A. Que a sociedade ou Ordem dos irmãos admittidos F.·. M.·. consagrada a *S. João*, não deriva nem dos cavalleiros templarios, nem de nenhuma outra Ordem de cavalleiros ecclesiasticos ou seculares, que não é uma parte separada d'ella, que não está unida nem a uma, nem a varias d'ellas, e que, finalmente, não tem com ellas directa nem indirectamente por qualquer laço nenhuma nem mesmo a menor relação, mas que é mais antiga que nenhuma das Ordens de cavalleria d'este genero, e que existia já tanto na Palestina como na Grecia, e n'uma e n'outra parte do imperio romano antes das guerras sagradas e dos tempos em que os cavalleiros acima ditos partiram para a Judea; que nos é demonstrado por differentes documentos d'uma

(1) A leitura d'este paragrapho faz vêr que todas as suspeitas que pairam ainda hoje sobre esta sociedade, e que teem sido de sobejo confirmadas no decorrer dos seculos, eram já em 1535 tão fortes e estavam tão espalhadas, que a Ordem se julgou ameaçada na sua existencia, e se convenceu de que era urgente para ella o desculpar-se.

antiguidade bem averiguada, que a origem da nossa sociedade remonta até aos primeiros tempos, em que fugindo das disputas das differentes seitas do christianismo, *alguns adeptos, embebidos n'uma sabia interpretação dos verdadeiros principios, dos segredos da philosophia moral, se separaram da multidão; foi n'essa epocha que alguns homens sabios e illustrados, que verdadeiros christãos que não estavam manchados de nenhum dos erros do paganismo, crendo vêr a religião alterada e corrompida,* propagar os scismas e os horrores da guerra, em logar da paz, da tolerancia e da caridade, se uniram e ligaram por um juramento sagrado, a fim de conservarem mais seguramente e mais puros, os principios da moral d'esta religião, *principios gravados no coração dos homens*; dedicaram-se a isso, a fim de que a luz brilhasse cada vez mais do seio das trevas, podésse chegar a banir as superstições e a estabelecer, pelo culto de todas as virtudes humanas, a paz e felicidade entre os mortaes.—Sob estes felizes auspicios, os auctores da nossa sociedade foram chamados *irmãos consagrados a João*, como seguindo o exemplo de *João Baptista*, precursor da *Luz* que ia apparecer, e da qual elle foi o primeiro apostolo e primeiro martyr; esses doutores e escriptores foram depois chamados *Mestres*, segundo o costume d'aquelles tempos; escolheram depois collaboradores entre os mais habeis de seus discipulos e reuniram-nos; foi d'aqui que teve origem o nome de *companheiro*; em quanto que o resto dos Irmãos *reunidos* mas não *escolhidos* (eleitos) era designado, segundo o uso dos philosophos *hebreus, gregos e romanos*, pelo nome de *aprendizes* (discipulos) (1).

(1) A doutrina maçonica existia já antes das cruzadas; foram certamente os Templarios que, depois de a terem adoptado, a trans-

«*B.* Que a nossa sociedade se compõe ainda hoje, como antigamente, d'estes tres graus symbolicos chamados *aprendiz, companheiro e Mestre*; e, além do Mestrado, de *Mestres eleitos e supremos Mestres eleitos*; que toda a sociedade ou confraternidade assim chamada que admitte outras denominações e subdivisões, ou que reivindica outra origem, que tendo a ingerir-se nos negocios politicos ou ecclesiasticos, que se vota ao odio e á inveja contra quem quer que seja, e sejam quem forem aquelles que sustentem com o seu poder taes reuniões d'homens, ainda que se arroguem o titulo de *Fr.·. M.·.*, de II.·. admittidos na Ordem de *João* ou outra qualquer similhante, não pertencem á nossa Ordem, mas d'ella são repellidos e expulsos como *scismaticos* (1).

«*C.* Que entre os doutores e Mestres d'esta Ordem que professavam as mathemathicas, a astronomia ou as outras sciencias, ella estabeleceu, depois que foram espalhados sobre a terra, um commercio reciproco de doutrina e de Luz.·.; que d'ahi veio o uso de escolher entre estes Mestres eleitos um d'elles como mais perfeito que os outros e que, venerado como *Gran-Mestre eleito* ou *Patriarcha* e conhecido solemnemente dos *Mestres eleitos*, visivel e invisivel ao mesmo tempo, deve ser considerado como o principe

portaram para a Europa: assim se acha confirmada a exposição historica que eu dei até esta epocha. Os Mestres da Ordem fazem por tanto aqui esta confissão: a nossa crença não é a da Egreja existente, que está mauchada e corrompida por maximas pagans; nós é que a temos conservado pura e intacta a moral eterna que o Christo e S. João professaram. (*Eckert*).

(1) Todos os documentos mais antigos sobre a sociedade dos mysterios até á invasão dos Templarios na Maçoneria, não deixam a menor duvida sobre a ausencia de todo o grau nas antigas corporações. E' aqui que nos apparecem pela primeira vez os quatro graus que os Templarios deram á Ordem de S. João, conjuntamente com o grau de *Real-Arca*. (*Idem*)

e o chefe de toda a nossa sociedade; que é assim que o *Gran-Mestre ou Patriarcha*, ainda que conhecido por muito poucos Irmãos, existe ainda realmente hoje. E fixados estes principios, bebidos nos mais antigos manuscriptos e cartas da Ordem, comparados cuidadosamente, pela auctoridade do Patriarcha, com documentos sagrados confiados ao presidente e aos seus successores, nós, munidos com a auctoridade do nosso sobredito illustre Patriarcha, *temos estatuido e concertado como preceitos* os seguintes artigos (1):

«*D.* O regimen da nossa sociedade, o modo e os meios pelos quaes os raios da Luz∴ ignea chegam aos II∴ illustrados e se estendem pelo mundo profano, estão em poder dos *Supremos Mestres* eleitos; é a elles que pertence vigiar e vêr que se não trame nada contra os verdadeiros principios da nossa sociedade ou contra o estado de alguns de seus membros; são tambem estes Mestres Supremos da Ordem que estão encarregados de os defender, de conservar e proteger os direitos e liberdade do seu estado, e de os sustentar, se tanto fôr necessario, com risco da sua fortuna e perigo da sua vida, em qualquer logar e em qualquer tempo que possa ser, contra todos aquelles que os quizessem atacar.

«*E.* Nada nos indica que a nossa sociedade tenha sido conhecida antes do anno 1440 depois do nascimento de Christo, debaixo d'outra denominação que não fosse a de *Irmãos de João*; foi então, segundo nos pareceu, que ella principiou a tomar o nome de *confraternidade de Franc-Maçons*, especialmente em Valenciennes, em Flandres, por-

(1) Achamos aqui consignada a importante confissão da existencia d'um chefe supremo e secreto, que exerce uma soberania ao mesmo tempo religiosa e politica sobre a Ordem uma e universal.

que n'aquella epocha se começaram, pelos cuidados e auxilios dos II.·. d'esta Ordem, a construir, em algumas partes do Hainaut, hospicios para n'elles se curarem os pobres que então eram acommettidos de inflammação herpetica chamada *Mal de Santo Antonio* (1).

«*Z*. Ainda que concedendo os nossos beneficios, não devamos por fórma alguma importar-nos com religião ou patria, pareceu-nos comtudo necessario e prudente não receber até ao presente na nossa Ordem senão aquelles que, no mundo profano ou não illustrado, professem a religião christã (2).

«Não se deve empregar, para experimentar e sondar aquelles que se apresentam para a iniciação do primeiro grau que é o d'Ap.·., nenhum tormento corporal, mas tão sómente provas que possam ajudar a descobrir o espirito, as vontades e o caracter do noviço.

«*H*. Entre os deveres prescriptos e cuja prática deve ser jurada com um juramento solemne, estão a fidelidade e

(1) Esta allegação não é evidentemente senão uma fabula inventada com o fim de illudir sobre a origem suspeita da Ordem; com effeito, não se funda em facto algum historico. Comtudo estabelece uma certa similhança entre os Templarios que eram uma Ordem hospitaleira, e os Irmãos servindo o hospital de Santo Antonio em *la Motte*: talvez estes fossem uma fracção dos primeiros (*Eckert.*)

(2) Por esta fórma, na Ordem não se exigia profissão alguma de fé; mas para segurança da Ordem, julgava-se vantajoso professar exteriormente o christianismo.

Antes dos estatutos geraes de 1800 e 1806, não se podiam admittir legalmente nas lojas francezas senão aquelles que professassem a religião catholica romana; no dia de S. João Baptista, todos os Maçons eram obrigados a assistir a uma missa, e no seguinte mandavam cantar um officio funebre pelos irmãos defunctos.

Os estatutos de 1800 e 1806 fizeram desapparecer todo o signal não sómente de catholicismo, mas tambem de christianismo. Só as lojas prussianas é que exigem no candidato a qualidade de christão.

obediencia aos seculares e a todos aquelles que estão legitimamente revestidos do poder (1).

«*O.* Os principios que guiam todas as nossas acções e o fim a que tendem os nossos esforços estão enunciados n'estes dois preceitos: ama e quer bem a todos os homens, como a teus irmãos e pais: dá a Deos o que pertence a Deos, e a Cesar o que pertence a Cesar.

«*I.* O segredo e os mysterios que occultam os nossos Trab.·. não servem senão para o unico fim de nos deixarem derramar os nossos beneficios sem ostentação, e para levarmos sem perturbação, até á sua perfeição, a obra que nos propozemos (2).

«*K.* Todos os annos celebramos a memoria de S. João, precursor de Christo e padroeiro da nossa communidade.

«*L.* Este costume e todas as mais ceremonias do mesmo genero, quando teem logar, quer em realidade, quer por palavras, ou d'outra qualquer maneira nas reuniões dos II.·., não teem comtudo relação alguma com os ritos da Egreja (3).

«*M.* Não é reputado irmão da sociedade de João ou Franc-Maçon senão aquelle que, legitimamente iniciado nos

(1) Mas a fidelidade e obediencia não são por fórma alguma de rigor para com a auctoridade ecclesiastica. A obediencia para com a auctoridade civil não precisa de ser decretada; e comtudo teem cuidado de a publicar em todos os documentos. De resto esta obediencia para com o poder civil não é senão illusoria: porque fazem voto de obedecer cégamente ao Patriarcha secreto da Ordem. Nos graus symbolicos os regulamentos prescrevem o beber á saude do soberano, mas nos graus anteriores não se pratica este uso.

(2) Por tanto o segredo não é estabelecido senão para proseguir impunemente o fim até á sua completa realisação.

(3) E' inutil o dizêl-o: porque esta allegoria não é, na sua lingoagem e nas suas ceremonias, senão um mixto de paganismo e judaismo; não tem a menor relação com as práticas da religião christã.

nossos mysterios por um Mestre eleito ajudado pelo menos de sete II.·., é capaz de dar a prova da sua recepção pelos signaes e palavras de que se servem os outros II.·.; entre estes signaes e palavras são comtudo tambem admittidos os que estão em uso na loja d'*Edimburgo*, assim como os de *Hamburgo*, de *Rotterdam*, de *Middleburgo* e de *Veneza* que lhe estão afiliadas, e cujas occupações e trabalhos, ainda que regulados segundo o modo dos escocezes, não se desviam todavia dos nossos, em tudo o que diz respeito *á origem, fim e instituição* (1).

«*N.* Sendo a nossa sociedade governada por um chefe unico e universal, e os differentes magisterios que a compoem por muitos Gr.·. Mest.·., segundo a posição e as necessidades dos paizes e dos differentes reinos, nada é mais necessario que uma perfeita uniformidade entre todos aquelles que, espalhados pela superficie da terra, formam como os membros separados d'um só corpo; nada é tambem mais util que uma correspondencia de deputados e de cartas, em conformidade por toda a parte comsigo mesma e com a sua propria doutrina; e para este effeito, attestando as presentes lettras qual é a natureza e o caracter da nossa sociedade, serão mandadas a todos e a cada um dos Collegios da nossa Ordem actualmente existentes (2).

(1) Não se põe portanto de modo algum em duvida a identidade entre a Maçoneria e o Escocismo. N'este caso, não se poderiam repudiar os Templarios se estes estivéssem no Escocismo; ora nós vimos que se dava este caso, pelo menos na Escocia. Debalde, pois, se protesta contra toda a relação com os Templarios; admittindo o parentesco com o Escocismo, devem reconhecer-se os Templarios como irmãos ou peló menos como antecessores.

(2) Esta fórma de governo é evidentemente modelada pela dos Templarios, e vê-se que a Ordem dividiu todos os paizes em provincias maçonicas.

«E, por estas causas, subscrevemos e confirmamos com as nossas assignaturas, dezenove exemplares originaes inteiramente conformes e do mesmo teor que as presentes, assim redigidas e dadas em Colonia sobre o Rheno no anno 1535 e aos 24 dias de junho da era chamada christã.

«HERMANUS.—CARLTON.—JO. BRUCE.—FR. V. UPNA.—CORNELIS BANNING.—DE COLLIGNI.—VIRIEUX.—JOHAN SCHRODER.—HOFMAN 1535.—JACOBUS PRÆPOSITUS.—A. NOBEL.—IGNATIUS DE LA TORRE.—DORIA.—JACOB UTTENHOVE.—FALCK.—NICLAES V.ⁿ NOOT.— PHILIPPUS MELANTHON.—HUYSSEN.—∴ WORMER ABEL.∴∴

«Ne varietur.

«G. WOSMAER.—W. VAN VREDENBURCH.»

Comtudo a existencia da Franc-Maçoneria não se manifestou publicamente senão na Escocia e Inglaterra. Se se estabeleceram lojas em algumas outras cidades da Europa, ellas não deram signal de vida, nem deixaram vestigio algum.

Insensivelmente soffreu a Maçoneria ingleza graves alterações que a transformaram. Os elementos scientifico e burguez se tornaram n'ella insensivelmente uma força com a qual foi necessario contar; com elles a democracia se infiltrou pouco a pouco na Ordem.

A Maçoneria tomou parte activa na famosa guerra *das duas rosas*, a qual, segundo pretendem, deu o seu nome a um grau capitular. Graças ao predominio do elemento nobiliario, a sua acção foi alli das mais efficazes para o restabelecimento da paz.

Um rompimento violento surgiu entre os dois elemen-

tos maçonicos por occasião das desordens que seguiram o scisma religioso da Inglaterra. Os democratas, com o nome de *Puritanos* e de *Independentes,* abraçaram a causa de Cromwell; as lojas templarias em que ainda não figuravam senão nobres, sustentavam a monarchia; e Monk pôde d'est'arte restabelecer Carlos II no throno de seus paes.

Os Templarios aristocratas reuniram pela terceira vez os seus esforços para restabelecer os Stuarts. Atraiçoados por outros irmãos que os denunciaram ao ministerio, tornaram-se odiosos á côrte e viram-se obrigados a refugiar-se em França, onde erigiram o capitulo de Clermont.

Esmagado por um instante, o partido democratico da Maçoneria ingleza reconquista pouco a pouco uma preponderancia decisiva e sacode o jugo da Ordem Escoceza e da Grande-Loja de York. Quatro lojas da Ordem de S. João constituiram-se em Londres em Grande-Loja e nomeam um Gran-Mestre (1717). E' desde esta epocha que se deve datar a era da Franc-Maçoneria moderna.

Pouco tempo depois (1722) um novo projecto de constituição foi redigido por Anderson. A admissão de todas as confissões religiosas foi n'elle decretada. N'elle se estabeleceu que «a Franc-Maçoneria é uma instituição humanitaria destinada ao melhoramento da humanidade; que depondo alli as prevenções prejudiciaes ou insensatas, propagando os principios da tolerancia e as maximas humanitarias, se chegaria a aperfeiçoar a sociedade; que o Judeu e o Turco podiam portanto cooperar para o bem da Ordem como os christãos que até então tinham sido admittidos exclusivamente.»

A loja de York protestou contra esta transformação da Maçoneria operada pela nova Grande-Loja de Londres; for-

maram-se partidos. Os Yorkistas, ou o partido escocez, tomaram o nome *d'antigos maçons* e deram aos reformadores o nome de *modernos maçons*. Os primeiros representavam o elemento aristocratico; os segundos, o elemento democratico. A lucta continuou com resultados diversos até 25 de março de 1813, dia em que os dous partidos se abraçaram de novo. Segundo este compromisso, a Maçoneria chamada moderna reconheceu a supermacia da Ordem interior ou escoceza, conservando comtudo a sua base democratica.

A Maçoneria ingleza e escoceza é a mãe de todas as lojas européas; as primeiras lojas francezas, dinamarquezas e allemãs devem-lhe as suas constituições.

SEGUNDA EPOCHA

FRANÇA.

Historia da Franc-Maçoneria em França, desde a sua origem até á creação do Grande Oriente.

A primeira loja franceza (1) foi fundada em 1725 por lord Derwent-Water, pelo cavalleiro Masquelyne e outros Templarios inglezes. Estabelecida primeiro em casa de Hure, pasteleiro, rua de Boucheries em Paris, subdividiu-se dentro em pouco em tres officinas que tinham o seu domicilio em casa de Goustand, lapidario inglez, Lebreton, pasteleiro, e Laudelle, pasteleiro, na rua de Bussy. Estas quatro lojas reuniram-se e nomearam para Gran-Mestre lord conde Harnouester.

Suspeita desde o principio, a Maçoneria foi perseguida por Châtelet que deu contra ella as primeiras portarias. Ameaçados com a Bastilha e excommungados por Bento XIV, os maçons francezes nem por isso deixam de confiar o Mestrado ao duque de Antin. A propagação da Maçoneria foi tão prompta e geral em França, que em 1740 havia não menos de 200 lojas, sendo 24 em Paris.

Em 1743, a Maçoneria franceza quiz ser nacional e ter sua Grande-Loja particular. Comtudo em reconhecimento e

(1) Julgamos dever passar em silencio a loja assignalada em 1535 pelo documento colonez, em razão de que a historia politica não faz d'ella a menor menção.

como lembrança de afiliação, a loja directora tomou o nome de *Grande-Loja ingleza de França.* Luiz de Bourbon, *conde de Clermont*, principe de sangue real, recebeu o titulo de Gran-Mestre.

N'essa epocha, a Franc-Maçoneria franceza offereceu um triste espectaculo. O conde de Clermont tratou de resto os negocios da Ordem: os seus substitutos, o administrador Baure, e mais tarde Lacorne, mestre de dança, fizeram da Maçoneria uma exploração lucrativa, vendendo como em almoeda os graus e as constituições,

«Multidão de officinas se estabeleceram illegalmente; multidão de graus foram instituidos, multidão de titulos foram fraudulentamente creados para legitimar as emprezas d'alguns ambiciosos e de alguns intrigantes. A unidade administrativa foi alterada; espalharam-se multidão de graus escocezes que lançaram a confusão na Ordem. O que augmentou o mal, foi que as constituições de loja eram pessoaes. Aquelles que as tinham adquirido eram proprietarios das suas officinas; nomeavam os officiaes, dirigiam arbitrariamente os trabalhos, e, logo que se lhes fazia alguma cousa que os desgostasse, elles mettiam no bolso o titulo constitutivo, e retiravam-se dizendo: *A loja está em toda a parte onde eu estiver.* O numero das officinas não reconhecidas pela Grande-Loja ingleza de França tornou-se consideravel. Ella não praticava senão os tres graus symbolicos e aquelles que adoptavam os graus *Stuaristas* ou escocezes, ou os graus inventados segundo o exemplo dado por Ramsey e os outros exilados d'Escocia, julgavam-se illuminados por uma luz mais viva e revestidos d'um poder superior (1).»

(1) *Abelha maçonica*, 1829.

«Os pasteleiros que tinham prestado as suas casas para as sessões das lojas e que tinham sido admittidos n'ellas como *serventes*, querendo fazer reviver o lucro que os banquetes lhes tinham proporcionado, arrogaram-se as funcções de Mestres. E' bem de vêr que taes Maçons não se gloriaram de extrema delicadeza na escolha dos candidatos. Só procuravam o numero, sem indagarem o estado, a educação, o caracter e os costumes d'elles (1).»

Por conseguinte, a exploração dos graus, a falta de unidade, o desprêso da auctoridade superior, taes são os caracteres da Maçoneria desde a sua introducção em França. Será para admirar á vista d'isto que á sombra da Maçoneria e da arbitrariedade dos Gran-Mestres, se tenham introduzido os abusos mais monstruosos nas lojas? Será para admirar que os ambiciosos e os turbulentos se tenham servido da Ordem como d'um instrumento para encobrirem os seus abominaveis designios?

A auctoridade da Grande-Loja da França estava paralysada pelos graus capitulares ou escocezes, a maior parte dos quaes tinham sido introduzidos ou inventados pelo cavalleiro Ramsey. Os escocezes não só proclamavam a sua independencia da Grande-Loja, mas tambem ostentavam a respeito dos graus symbolicos uma superioridade orgulhosa. O rito escocez consistia em tres graus principaes, subdividido em muitos outros: o *Escocez*, o *Noviço* e o *Cavalleiro do Templo*.

A mesma Grande-Loja se dividiu dentro em pouco. Lacorne, mestre de dança e substituto do Gran-Mestre conde de Clermont, vendo-se excluido da administração, fun-

(1) *Annaes maç..dos P. B.* t. I, p. 41.

dou uma Grande-Loja particular que depressa eclipsou a sua rival, graças sobre tudo ao apoio do duque de Luxemburgo. O duque de Chartres foi nomeado Gran-Mestre. Foi esta fracção scismatica que, no dia 24 de dezembro de 1772, se declarou *assembléa nacional* dos Maçons de França sob o titulo de Grande-Oriente. A nova constituição que elle publicou, pela qual foi decretada a inamobilidade dos Veneraveis, estendeu a divisão cada vez mais. O Grande-Oriente e a Grande-Loja anathematizavam-se reciprocamente.

Não podendo fazer reconhecer a sua auctoridade sobre as lojas masculinas, o Grande-Oriente persuadiu-se de que acharia mais condescendencia e obsequiosidade nas mulheres e fundou as *lojas d'adopção*. Estas officinas femininas eram particularmente destinadas *aos prazeres* das lojas.

Sabe-se qual era a situação moral e religiosa da França n'aquella epocha. O exemplo dado de cima tinha inoculado a corrupção nas massas. A côrte e a maior parte dos palacios tinham-se tornado escholas permanentes de immoralidade. O respeito de si mesmo e o pudor desappareceram insensivelmente. Esta terrivel depravação era resultado da irreligião que tinham implantado no coração da nobreza, dos escriptores e da multidão.

Debaixo do nome de *philosophia*, os homens de lettras minavam a base da monarchia e da religião, espalhando as doutrinas mais subversivas. Todas as sciencias, a historia, a geologia, a physica, a astronomia, a philosophia, serviam de instrumento para a obra de destruição. A horrivel divisa: *o fim justifica os meios* foi adoptada pelos conjurados; a mentira, a hypocrisia, a astucia, o sarcasmo, suppriam quando era necessario a insufficiencia da sciencia. Os defensores da monarchia e da religião eram recebidos com uma

mordaz zombaria, arma omnipotente para com uma nação voluvel, que mira continuamente á graça, e fica sempre na superficie das cousas. Dispondo de toda a imprensa, illudindo as medidas tomadas pela censura, resistindo ás prescripções da policia, censurando á sua vontade os homens virtuosos ou fieis ao rei, e elogiando os impios ou os traidores, creando facticiamente reputações usurpadas ou arruinando as mais bem estabelecidas, os conjurados espalhavam o terror na população.

Condorcet, na sua obra: *Bosquejos d'um quadro historico dos progressos do espirito humano*, caracterisa n'estes termos a associação dos philosophos:

«Formou-se em breve na Europa uma classe d'homens ainda menos occupados em descobrir ou aprofundar a verdade que em espalhal-a; que dedicando-se a perseguir os prejuizos nos asylos onde o clero, as escholas, os governos e as corporações antigas os tinham recebido e protegido, fizeram consistir a sua gloria em destruir os erros populares, mais depressa que em ampliar os limites dos conhecimentos humanos, modo indirecto de servir o seu progresso, que não era nem o menos perigoso, nem o menos util.

«Em Inglaterra, Collins e Bolingbrocke; em França, Bayle, Fontenelle, Voltaire, Montesquieu e as escholas formadas por estes homens celebres, combateram em favor da verdade, empregando alternadamente todas as armas que a erudição, a philosophia, o genio e o talento de escrever podem ministrar á razão; tomando todos os tons, empregando todas as fórmas, desde a facecia até ao pathetico, desde a compilação mais sabia e vasta, até ao romance ou ao folheto do dia; cobrindo a verdade com um véo que poupava

os olhos demasiado fracos, e deixava o prazer de a adivinhar; affagando os prejuizos com habilidade para os poder ferir mais certeiramente; não ameaçando quasi nunca, nem muitos ao mesmo tempo, nem mesmo um só inteiramente; consolando algumas vezes os inimigos da razão, parecendo não quererem na religião senão meia tolerancia, na politica meia liberdade; poupando o despotismo quando combatiam os absurdos religiosos, e o culto quando se levantavam contra a tyrannia; atacando estes dous flagellos em seu principio, ainda mesmo quando pareciam não combater senão abusos revoltantes ou ridiculos, e ferindo estas arvores funestas nas raizes, quando pareciam limitar-se a quererem cortar alguns ramos desgarrados; umas vezes ensinando aos amigos da liberdade que a superstição que cobre o despotismo com um escudo impenetravel, é a primeira victima que devem immolar; outras vezes, pelo contrario, denunciando-a aos despotas como a verdadeira inimiga do seu poder, e atemorisando-os com o quadro de suas hypocritas conjurações e de seus furores sanguinarios: mas não se cançando nunca de reclamar a independencia da razão, a liberdade de escrever como o direito, como a salvação do genero humano; levantando-se com infatigavel energia contra todos os crimes do fanatismo e da tyrannia; perseguindo na religião, na administração, nos costumes, nas leis, tudo o que tinha o caracter da oppressão, da dureza e da barbaria; ordenando em nome da natureza aos reis, aos guerreiros e aos sacerdotes que respeitassem o sangue dos homens; censurando-lhes com energica severidade aquelle que a sua politica ou indifferença prodigalisava ainda nos combates ou nos supplicios, to-

mando finalmente por grito de guerra: *razão, tolerancia, humanidade* (1).»

Sabe-se qual é a significação dada pela Maçoneria e pelos philosophos do XVIII seculo ás palavras: prejuizos, superstição, tyrannia e despotismo. As duas primeiras são synonymos de religião christã; os ultimos de monarchia ou de auctoridade politica.

A similhança ou antes a identidade do fim e dos meios communs ás lojas e aos philosophos é admiravel. Não ha uma unica phrase de Condorcet que se não ache n'um ou n'outro documento maçonico. Esta similhança completa atraiçoa uma communidade de origem e uma unidade de direcção evidente aos olhos menos perspicazes. Não era a philosophia o instrumento das lojas? Não constituia ella o que Eckert chama a divisão pacifica da Ordem? E' esta uma questão que muito importa elucidar.

E' facto incontestavel, que todos os philosophos mais eminentes foram iniciados nos mysterios da Maçoneria: Diderot, d'Alembert, Condorcet, Raynal, Helvetius, Lavater, Hume, Cagliostro, Laland e Frederico II.

Em quanto a Voltaire, a sua iniciação é fóra de toda a duvida, assim como a dos seus famosos collaboradores na *Encyclopedia*. Condorcet (Epocha 9) pretende que o patriarcha dos philosophos recebeu a luz em Inglaterra, durante o tempo do seu desterro. A maior parte dos auctores maçons sustentam, pelo contrario, que elle não foi iniciado na *Loja das Nove Irmãs* senão no dia 7 de fevereiro de 1778, de edade de 83 annos (2). Apesar do peso das auctoridades em

(1) Paris, em casa d'Agasse, 1797, p. 260, 261, 262.
(2) Kloss. *Historia da F. M. em França*. T. I. p. 250.— Re-

que se apoia esta segunda opinião, nós inclinamo-nos a crêr fundada a asserção de Condorcet. Em primeiro logar este ultimo era intimo amigo de Voltaire e devia conhecer um acontecimento tão importante da vida d'um homem com quem estava tão ligado; além d'isto, a correspondencia de Voltaire prova evidentemente a sua iniciação desde longa data. Eis-aqui com effeito alguns extractos das suas cartas. A 28 de outubro de 1769, Voltaire escrevia a d'Alembert: «Grimm me disse que vós tinheis iniciado o imperador nos nossos *Santos mysterios.*» No numero das instrucções que Voltaire dá a d'Alembert lêmos o seguinte: «*Os mysterios de Mythra* nunca se devem revelar.» (Carta de 28 de setembro de 1763.)— Talvez que não fosse impossivel conciliar com Eckert e o I.·. Meyer as duas opiniões, sustentando que Voltaire, depois de ter sido primeiro recebido segundo o antigo systema templario, julgou dever dar uma sancção ao systema reformado com uma nova recepção.

Seja como fôr, o facto é que Voltaire se fez iniciar na loja das Nove Irmãs, graças ás instancias de Francklin.

Apoiado no braço do seu amigo e de Court de Gibelin, entrou no templo maçonico. «As provas só foram moraes, e dispensaram-se as formalidades ordinarias. *Os interrogadores procuravam mais instruir-se que communicar a sciencia maçonica ao augusto candidato. Não era necessario examinar Voltaire;* sessenta annos consagrados á virtude e ao genio tinham-n'o feito conhecer sufficientemente. A recepção foi um triumpho para elle, um favor inapreciavel para os assistentes.»

bold, p. 238.— Ragon. Ed. Sagrada, p. 74. Este ultimo, ao contrario de Kloss, fixa a data da sua recepção em 7 de abril do mesmo anno.

Immediatamente depois da recepção, foi installado ao Oriente onde o veneravel *Lalande* o saudou, e onde a *Dizemaria*, Garnier e Gronvelle, lhe dirigiram discursos de felicitação. A viuva de *Helvetius* tinha, havia algum tempo, mandado a esta loja as insignias de seu esposo; o avental do defuncto foi offerecido a Voltaire. Antes de o cingir, elle beijou-o, para dar um testemunho da estima em que tinha um dos philosophos mais celebres e um dos maçons mais distinctos da França. Quando lhe apresentaram as luvas de mulher, dirigiu ao marquez de Villette as seguintes palavras:

«Visto que estas luvas são destinadas para uma pessoa pela qual eu sinta uma affeição honesta, terna e bem merecida, peço-vos que as apresenteis á bella e boa (a esposa do marquez de Villette).» Estas galantes palavras fizeram erigir mais tarde a loja d'adopção com o titulo de *Bella e Boa*, onde a marqueza de Villette julgou do seu dever comparecer.

Voltaire morreu a 30 de maio do mesmo anno; e os seus funeraes tiveram logar na loja das *Nove Irmãs* a 28 de novembro. Lalande alli empunhava o malhete; Francklin e Stroganoff eram vigilantes, e Lechangeux orador. Duzentos visitantes entraram na loja dous a dous e no mais profundo silencio; os principaes artistas da capital tinham-se encarregado da parte musical. Entre as damas só se receberam madama Denis, sobrinha de Voltaire, e a marqueza de Villette. A sala, toda forrada de preto, era apenas allumiada por algumas pállidas luzes; tinham pregado nas paredes extractos escolhidos das obras em verso e prosa do defuncto. No fundo da sala erguia-se um rico mausoleo. Depois do discurso do veneravel, o orador da loja e Coron

usaram da palavra; depois a Dizimaria pronunciou o panegyrico de Voltaire. A um signal dado, o mausoleu desappareceu e em seu logar viu-se um quadro representando a apotheose do muito illustre irmão defuncto. O irmão Boucher leu em seguida uma peça de poesia em que o verso:

«Où repose un grand homme un Dieu doit habiter».

(Deve habitar um Deus onde um grande homem jaz) excitou um tal enthusiasmo, que foi reclamada segunda leitura. Quando, no decurso das ceremonias funebres, se collocou o ramo mysterioso sobre o cenotaphio, Francklin ajuntou-lhe a corôa que lhe tinha sido offerecida pela marqueza de Villette, como testimunho da sua dôr. Uma agape terminou a solemnidade.

Vendo-se figurar os philosophos nas listas maçonicas, não se estará no direito de concluir que as lojas não eram senão os meios de que se serviam os encyclopedistas para espalharem as suas doutrinas e para organisarem, segundo um plano unico, a destruição da realeza e da religião? Não receamos encontrar contradictores no mundo profano; mas os Maçons, não repudiando uma unica linha dos escriptos impios de Voltaire e de seus adeptos, quererão reivindicar a gloria de terem sido não discipulos e doceis instrumentos dos philosophos, mas seus mestres e seus guias? Deixemos-lhes esta triste honra. Contentemo-nos com termos apontado ao leitor a solidariedade que existiu no XVIII seculo entre todos os incredulos e os Franc-Maçons.

Helvetius, philosopho e maçon, escreveu que a verdadeira monarchia é uma constituição produzida pela imaginação exaltada para corromper os costumes e escravisar as nações.

Raynal, philosopho e maçon, nos diz que os reis são bestas crueis que devoram os povos.

Charu, philosopho e maçon, disse aos povos: «Os vossos reis são os primeiros algozes de seus vassallos; a força e a estupidez levantaram primeiro seus thronos.»

Diderot, philosopho e maçon, exclamou: «Quando terei eu o prazer de vêr o ultimo rei enforcado com a tripa do ultimo padre?»

D'Alembert, philosopho e maçon, escreveu a 30 d'abril de 1770 a Frederico II: «A distribuição dos bens na sociedade é muito desigual: seria tão cruel como insensato que uns nadassem na abundancia, em quanto que a outros faltasse o necessario.»

Freret, philosopho e maçon, escrevia a Thravil: «As noções da justiça e da injustiça, da virtude e do vicio, da honra e da infamia, não são senão arbitrarias e não dependem senão do costume.»

Damilaville, philosopho e maçon, escreveu no seu *Christianismo desvelado*, que «o temor de Deus, longe de ser o principio da sabedoria, é o principio da loucura.»

Voltaire, philosopho e maçon, publicou contra a religião e contra o estado todas as abominações que os impios modernos não cessam de repetir depois d'elle.

Sim, á alliança da philosophia e da Franc-Maçoneria é que se deve attribuir a declinação da fé, o desprêzo da religião, a rebellião dos vassallos e, em que pese aos Maçons, todos os horrores da revolução franceza.

Foi nas lojas que os Mirabeaus, os Dantons, os Brissots, os Robespierres, os Fouquier-Tainvilles se formaram para a destruição da ordem social.

Um escriptor, que se tornou famoso, um maçon dos al-

tos graus, Louis Blanc, ousa escrever as seguintes linhas:

«Commovida por invenciveis desejos, agitada por mil esperanças confusas, a França tinha tomado havia algum tempo um aspecto estranho.

«Então, na verdade, começaram a correr entre o povo rumores que o agitaram em sentido diverso. Fallava-se de personagens ligados entre si por juramentos temiveis, e todos entregues a tenebrosos projectos. Dizia-se que eram possuidores de segredos que valiam thesouros, e attribuia-se-lhes um poder magico. Dentro em pouco correu e acreditou-se o boato de que alchimistas desconhecidos se tinham estabelecido no arrabalde Saint-Marceau. Em laboratorios, que vigilantes cuidados occultavam á perseguição, homens de vista penetrante, de lingoagem inintelligivel, com vestidos sujos, se occupavam activamente ou a fazer o ouro, ou a fixar o mercurio, ou a duplicar o tamanho dos diamantes, ou a compôr elixires.

«Estes singulares trabalhadores conservavam-se de boa vontade dentro dos limites do seu bairro, habitavam moradas obscuras, e não pareciam de fórma alguma associados ao gozo das riquezas, de que se teria podido suspeitar que eram creadores. Mas tinham chefes que se faziam procurar no mundo, e ahi ostentavam com graça, com generosidade, uma opulencia deslumbrante. Havia tal entre elles, que se não sabia tivesse propriedades, contractos, rendas nem familia, que passava uma existencia de soberano, e gastava mais em beneficios, que os principes em espectaculos ou em festas.

«.... Se elles affectavam viver mergulhados no estudo das sciencias occultas, era com o fim de desviar a vigilan-

cia e enganar a inquietação dos governos; se caminhavam cercados de mysterios, era para melhor dominarem, pelo attractivo do maravilhoso, a multidão credula; os seus chefes eram apostolos da revolução; e o ouro que servia para preparar os caminhos para a propaganda, esse ouro que se pretendia ser fundido em magicos cadinhos, sahia d'uma caixa central alimentada por subscripções secretas e systematicas, por subscripções de conspiradores.

«.... Convém primeiro que o leitor seja introduzido na mina que cavavam então por baixo do throno, por baixo dos altares, outros revolucionarios muito mais profundos e activos que os encyclopedistas.

«Uma associação composta d'homens de todos os paizes, de todas as religiões, de todas as classes, ligados entre si por convenções symbolicas, empenhados pela fé do juramento em guardar d'um modo inviolavel o segredo da sua existencia interior, sujeitos a provas lugubres, occupando-se em ceremonias fantasticas, porém praticando aliás a beneficencia, e tendo-se por eguaes, ainda que estavam divididos em tres classes: *aprendizes, companheiros e mestres*, é n'isto que consiste a Franc-Maçoneria, mystica instituição que uns ligam ás antigas iniciações do Egypto e que outros fazem descender de uma confraria de architectos, formada já no III seculo.

«Ora, nas vesperas da revolução franceza, a Franc-Maçoneria tinha tomado um desenvolvimento immenso. Espalhada por toda a Europa, coadjuvava o genio meditativo da Allemanha, agitava surdamente a França, e apresentava por toda a parte a imagem d'uma sociedade fundada sobre principios contrarios aos da sociedade civil.

«Nas lojas maçonicas, com effeito, as pretenções do or-

gulho hereditario eram proscriptas e os privilegios do nascimento desviados. Quando o profano que queria ser iniciado entrava na sala chamada *gabinete das reflexões*, lia nas paredes, cobertas de preto e de emblemas funerarios, esta inscripção caracteristica :

«Se tens apego ás distincções humanas, sabe, que não são conhecidas aqui.» Pelo discurso do orador sabia o candidato que o fim da Franc-Maçoneria era apagar as distincções de côr, de condição, de patria; aniquilar o fanatismo; extirpar os odios nacionaes: e era isto o que se exprimia debaixo da allegoria d'um templo material, levantado ao Grande Architecto do universo, pelos sabios de diversos climas, templo augusto, cujas columnas, symbolos de força e da sabedoria, estavam cercadas com as *granadas da amizade*. Crêr em Deus era o unico dever religioso exigido do candidato. Por isso havia, por cima do throno do presidente de cada loja ou *Veneravel*, um *delta* brilhante, no centro do qual estava escripto em caracteres hebraicos o nome de Jehovah.

«Assim que, pelo simples facto das bases constitutivas da sua existencia, a Franc-Maçoneria tendia a desacreditar as instituições e as idéas do mundo exterior que a cercava.

«E' verdade que as instituições maçonicas ordenavam a submissão ás leis, observancia das formulas e usos admittidos pela sociedade exterior, e respeito aos soberanos. E' verdade tambem que, reunidos á mesa, os Maçons bebiam á saude dos reis nos estados monarchicos, e á saude dos supremos magistrados nos estados republicanos. Porém similhantes reservas, recommendadas á prudencia de uma sociedade a quem ameaçavam tantos governos receosos, não

bastavam para annullar as influencias naturalmente revolucionarias, ainda que em geral pacificas, da Franc-Maçoneria. Aquelles que faziam parte d'ellas continuavam a ser, na sociedade *profana,* ricos ou pobres, nobres ou plebeus; mas no seio das lojas, templos abertos á prática d'uma vida superior, ricos, pobres, nobres e plebeus deviam reconhecer-se eguaes e chamar-se irmãos. Era esta uma denominação indirecta, real comtudo e contínua, das iniquidades, das miserias da ordem social, era uma propaganda em acção, uma prédica viva.

«Por outro lado, a sombra, o mysterio, um juramento terrivel que se pronunciava, um segredo que se ensinava em premio de muitas sinistras provas animosamente soffridas, um segredo que se guardava com a pena de ser votado á execração e á morte, signaes particulares pelos quaes os Irmãos se reconheciam nas duas extremidades da terra, ceremonias que se referiam a uma historia de homicidio e pareciam encobrir idéas de vingança, que cousa mais propria para formar conspiradores? E por que razão não haveria uma tal sociedade, nas vesperas da crise exigida pela sociedade em fermentação. ministrado armas á astucia calculada dos sectarios, ao genio da prudente liberdade?....

«Quando debaixo da direcção de poderes violentos, a sociedade estremecia de impaciencia, mas se via obrigada a encobrir as suas cóleras, quantos recursos práticos d'esta especie não proporcionavam aos artistas conjurados!

«. . . . Alargando-se o quadro da instituição. a democracia correu a tomar n'ella lugar; e, ao lado de muitos irmãos, cuja vida maçonica só servia para embalar o orgulho, para passar o tempo ou para pôr em acção a beneficencia,

estavam aquelles que se alimentavam de pensamentos activos, aquelles a quem agitava o espirito das revoluções.

«.... Depressa appareceram innovações d'um caracter temivel. Como os tres graus da Maçoneria ordinaria comprehendiam grande numero d'homens oppostos por estado e por principios a todo o projecto de subversão social, os innovadores multiplicaram os degraus da escada mystica que devia subir-se, crearam lojas interiores reservadas ás almas ardentes; instituiram os altos graus de *eleito*, de *cavalleiro do sol*, da *stricta observancia*, de *Kadosch* ou homem regenerado, sanctuarios tenebrosos, cujas portas não se abriam ao adepto senão depois d'uma longa serie de provas, calculadas de modo que se verificassem os progressos da sua educação revolucionaria, se experimentasse a constancia da sua fé, e se ensaiasse a temperatura do seu coração. Alli, no meio de multidão de práticas, umas vezes pueris, outras sinistras, nada havia que se não referisse a idéas de liberdade e egualdade.

«..... Não deve, pois, admirar-se o inspirarem os Franc-Maçons um vago terror aos governos mais suspeitosos; o serem excommungados em Roma por Clemente XII, condemnados em Hespanha pela inquisição, e perseguidos em Napoles; o declaral-os, em França, a Sorbonne *dignos das penas eternas*. E comtudo, graças ao habil mechanismo da instituição, a Franc-Maçoneria achou nos principes e nobres menos inimigos que protectores. Foi vontade dos soberanos, do grande Frederico, empunharem a trolha e cingirem o avental. Porque não? *Sendo-lhes cuidadosamente occultada a existencia dos altos graus*, apenas sabiam, da *Franc-Maçoneria, aquillo que se podia mostrar sem perigo*; e elles não tinham que se inquietar com isso, retidos como estavam nos

graus inferiores, onde não transparecia a substancia das doutrinas senão confusamente e atravez da allegoria, e onde muitos só viam uma occasião de divertimento, alegres banquetes, principios abandonados e retomados no limiar das lojas, formulas sem applicação á vida ordinaria, e, n'uma palavra, uma comedia da egualdade. Mas, n'estas materias, a comedia aproxima-se do drama; e aconteceu, por uma justa e notavel dispensação da Providencia, que os mais orgulhosos despresadores do povo fossem levados a proteger com o seu nome e a servir cégamente com a sua influencia as emprezas latentes dirigidas contra elles mesmos.

«Comtudo, entre os principes de que fallamos, houve um para o qual não foi necessaria a discrição. Foi o duque de Chartres, o futuro amigo de Danton, esse Philippe-Egalité, tão celebre nos fastos da revolução, á qual se tornou suspeito e que o matou. Posto que ainda novo e entregue ás vertigens do prazer, sentia já agitar-se em si esse espirito de opposição que é algumas vezes a virtude dos ramos mais novos, muitas vezes o seu crime, sempre o seu movel e tormento. A Franc-Maçoneria attrahiu-o.

«Ella dava-lhe um poder que exercia sem esforço, promettia-lhe conduzil-o, ao longo de caminhos encobertos, até á dominação do forum; preparava-lhe um throno menos brilhante, mas tambem menos vulgar e menos exposto que o de Luiz XVI; finalmente, ao lado do reino conhecido, em que a fortuna tinha lançado a sua casa para o segundo plano, formava-lhe um imperio povoado de subditos voluntarios, e guardado por soldados passivos. Elle acceitou por tanto o gran-mestrado logo que lh'o offereceram; e no seguinte anno (1772), a Franc-Maçoneria de França, desde muito tempo presa de rivalidades anarchicas, se agru-

pou debaixo d'uma direcção central e regular que se apressou em destruir a inamobilidade dos *Veneraveis*, constituiu a Ordem sobre bases inteiramente democraticas, e tomou o nome de Grande-Oriente. Foi esse o ponto central da correspondencia geral das lojas; alli se reuniram e residiram os deputados das cidades que o movimento occulto abrangia; d'alli partiram instrucções, cujo sentido uma cifra especial ou uma lingoagem enigmatica não permittiam que as vistas inimigas penetrassem.

«Desde este momento, a Maçoneria abriu-se, diariamente, á maior parte dos homens que encontraremos no meio da confusão revolucionaria.»

Allemanha.

A Maçoneria allemã teve a mesma origem e seguiu pouco mais ou menos as mesmas phases que a Maçoneria franceza. Em 1740, a Grande Loja ingleza tinha nomeado um Gran-Mestre para a Saxonia inferior e fundado grande numero de lojas nas cidades mais consideraveis d'Allemanha. No principio, os Maçons d'além-Rheno fizeram emprestimos aos seus irmãos de França, com os quaes a Grande-Loja dos *Tres Globos* de Berlin se pôz em relações intimas. Os mais celebres propagadores da instituição na Allemanha foram: Marschall, Frederico II e o barão de Hund. O primeiro introduziu o systema templario; o segundo reformou os graus escocezes e fundou o de Noachita prussiano; o terceiro foi o auctor da Maçoneria chamada *da stricta observancia*, que escolheu o duque de Brunswick por Gran-Mestre.

A alchimia representou um grande papel n'esta epo-

cha na Maçoneria. As mais grosseiras charlatanerias foram empregadas por Schropfer em Leipzig, com o fim de illudir a opinião publica.

Illuminismo.

O fundador d'esta mui famosa sociedade revolucionaria foi Adão-Weishaupt, em 1776. Este homem, dotado de talentos extraordinarios e d'uma penetrante sagacidade, conhecia e sabia pôr em jogo todas as molas que obram sobre o coração humano. Astucia, artificios, hypocrisia, impiedade encoberta ou manifesta, todos os meios serviam para conseguir o seu fim. O seu odio contra as constituições civis e contra o christianismo não tinha limites nem recuava diante de coisa alguma. Nunca a malvadez humana se encarnou como em Weishaupt.

O quadro que nos traçamos não nos permitte entrar em grandes minuciosidades sobre a organisação satanica do Illuminismo.

Esta seita está dividida em duas grandes classes, tendo cada uma suas subdivisões e sua gradação proporcionada aos progressos dos adeptos. A primeira classe é a das *preparações*; subdivide-se em quatro graus, que são os do *noviço*, do *universal*, do *illuminado menor* e do *illuminado maior*. A esta primeira classe juntam-se os graus intermediarios *tirados da Franc-Maçoneria*: são os tres graus symbolicos e o do *Cavalleiro Escocez* ou *d'Illuminado director*.

A classe dos mysterios divide-se tambem *em pequenos e grandes mysterios*; os primeiros são os graus d'*epoptas* ou *sacerdotes*; os segundos, os de *mago* ou *philosopho* e *d'ho-*

mem-rei. A flôr dos ultimos compõe o conselho e o grau de *areopagita*.

Contentemo-nos com reproduzir o depoimento juridico do professor Renner ácerca dos *Illuminados*:

«A Ordem dos illuminados deve ser mui differente da dos Franc-Maçons; *mas esta differença não é conhecida nem dos simplices* Franc-Maçons, nem mesmo dos novos iniciados no grau de universal. Eu mesmo *tinha cahido no laço*, até que finalmente, depois d'uma longa prova, julgaram conveniente elevar-me ao grau de Illuminado menor. A vantagem que encontrei na Franc-Maçoneria foi vêr o partido que a Ordem tirava d'ella. Os Illuminados nada temem tanto como o serem conhecidos com este nome. Não cobrem o véo da Franc-Maçoneria, senão por se julgarem mais seguros debaixo da egide de uma sociedade olhada como insignificante. As lojas maçonicas não conteem, segundo as suas expressões, senão gaiatos ou o grosso do exercito, onde se acham um pequeno numero d'homens que se devem julgar felizes, quando depois de longas e duras provas, são julgados dignos de serem admittidos no sanctuario da Ordem. Todos os outros Franc-Maçons, aprendizes, companheiros, até mesmo os mestres, devem contentar-se com as suas vans ceremonias e conservar-se debaixo do jugo; ou porque os seus olhos muito fracos não supportariam a luz, ou porque se não teria bastante confiança no seu amor á Ordem e sobre o seu segredo, duas cousas essenciaes aos adeptos. Quando elles são uma vez condemnados a conservar-se n'esta obscuridade, não lhes resta esperança de chegarem aos mysterios; o que os superiores exprimem n'estes termos: *ex inferno nulla est redemptio*.

«Comtudo estes *Franc-Maçons sem o saberem, são guia-*

dos pelo Illuminismo que tira grandes vantagens de sua consideração e das suas riquezas.»

D'este extracto póde concluir-se que a Franc-Maçoneria tem servido e póde ainda servir de véo a associações mais atrevidas e emprehendedoras; que uma grande parte dos irmãos maçons, tratados como gaiatos, podem ignorar o que se passa nos graus superiores da Ordem; que finalmente a Maçoneria póde ser, mesmo sem o saber, instrumento das sociedades subversivas. Weishaupt tinha-o comprehendido perfeitamente. Eis-aqui quaes foram as suas instrucções para a recepção do grau de Cavalleiro escocez.

«Em cada cidade, ainda mesmo pouco consideravel, do seu districto, *os capitulos secretos estabelecerão lojas maçonicas dos graus ordinarios.* Farão receber n'estas lojas os homens de bons costumes, que gozem da consideração publica e de boa fortuna. Estes homens devem ser procurados e recebidos como Franc-Maçons, *ainda mesmo que não devessem ser uteis ao Illuminismo para a execução dos nossos projectos ulteriores.*

«Se houver já n'estas cidades uma loja maçonica ordinaria, os cavalleiros do Illuminismo procurarão estabelecer outra mais regular; ou, pelo menos, nada pouparão para obterem a preponderancia nas já estabelecidas, *ou para as reformarem*, ou finalmente *para acabarem com ellas.*

«Insinuarão fortemente aos nossos que não frequentem, sem o consentimento dos superiores, nenhuma d'estas *pretendidas* lojas constituidas, cujos irmãos, á excepção dos seus cartazes, *não teem dos Inglezes senão alguns symbolos e ceremonias que não comprenhendem. Todos estes maçons estão n'uma grande ignorancia ácerca da verdadeira maçoneria, do seu objecto e dos seus verdadeiros superiores.*

«Os nossos Cavalleiros escocezes terão cuidado de que tudo se faça regularmente nas lojas subordinadas. A sua principal attenção será a preparação dos candidatos, etc.

«O deputado, mestre das lojas, ordinariamente revisor das contas, deve ser tambem membro do nosso capitulo secreto. *Fará acreditar ás lojas que só ellas dispoem do seu dinheiro; mas deve empregar estes rendimentos segundo o fim da nossa Ordem.*»

Pobre Maçoneria, tu tão pretenciosa, tão altiva, tão arrogante, eis-te ahi dominada por um homem mais astucioso que tu! És julgada quando muito boa para servir de plastrão a uma sociedade mais franca e temeraria. Jactas-te da tua immensa influencia sobre a regeneração do espirito humano; e os Illuminados julgam-te quando muito digna de seres sua humilde serva!

«Estas sociedades (taes como a Franc-Maçoneria), diz o hierophante ao novo aspirante, ainda quando não se dirigissem ao nosso fim, *preparam-nos os caminhos*. Dão ao objecto um novo interesse; manifestam pontos de vista até então desconhecidos. Tornam os homens *mais indifferentes ácerca do interesse dos governos; tiram á egreja e ao estado as melhores cabeças e as mais laboriosas*; aproximam homens que, sem ellas, nunca se teriam conhecido. *Por isto só, ellas minam, derrocam os fundamentos dos estados, ainda mesmo que não tivessem tal projecto... Encobrem a nossa marcha, e nos dão facilidade para recebermos no nosso seio, e incorporarmos aos nossos projectos, depois da prova conveniente, os melhores subditos, e os homens* POR MUITO TEMPO ILLUDIDOS, e anhelantes pelo fim... A' proporção que estas novas sociedades secretas, formadas nos estados, aug-

mentarem em força e em prudencia, isto é, á custa da sociedade civil, *esta se enfraquece e deve succumbir insensivelmente...*

«*Todos os esforços dos principes para impedir os nossos progressos serão pois inteiramente inuteis. Esta faisca póde ainda chocar por muito tempo debaixo da cinza*, mas com toda a certeza chegará o dia do incendio... *A semente d'onde deve sahir um mundo novo está lançada; as suas raizes estendem-se, e são já muito fortes, muito extensas, para que o tempo dos fructos não chegue.*»

Eis-aqui, segundo M. Cosandey, illuminado, algumas das maximas inculcadas aos inciados.

«1.° *Quando a natureza nos impõe um fardo muito pesado, temos o remedio no suicidio : patet exitus.*— Um illuminado deve antes matar-se do que atraiçoar a Ordem ; por isso representam o suicidio como acompanhado d'um certo deleite.

«2.° *Nada pela razão, tudo pela paixão.*— O fim, a propagação, a vantagem da Ordem são o seu deos, a sua patria, a sua consciencia ; o que é opposto á Ordem é negra traição.

«3.° *O fim sanctifica os meios.*— Portanto calumnia, veneno, assassinato, traição, rebellião, infamia, tudo o que conduz ao fim é louvavel.

«4.° *Nenhum principe póde salvar aquelle que nos atraiçoa.*— N'esta Ordem pois ha cousas contrarias ao interesse dos principes,— cousas que, vista a sua importancia, merecem ser manifestadas aos principes, e esta descoberta seria aos olhos dos Illuminados uma traição que ameaçam d'antemão vingar !— Teem portanto meios de se desfazer

impunemente dos seus accusadores!— Estes meios adivinham-se.

«5.º *Todos os reis e todos os sacerdotes são marotos.*— No plano dos Illuminados, é necessario acabar com a religião, com o amor da patria, e com o dos principes; porque, dizem elles, este amor restringe os affectos do homem a estados particulares, e o desviam dos projectos muito maiores do Illuminismo.

No meio dos seus projectos tenho observado, entre outros, o que chamam o imperio ou o governo moral. Deste governo que poria nas suas mãos a força de cada estado, dependeriam, sem *appellação para os principes*, todas as graças, todas as promoções e todas as recusas. D'esse modo teriam direito absoluto de pronunciar definitivamente sobre a honradez e utilidade de cada individuo. D'esse modo todos os profanos seriam separados das côrtes e dos empregos e, segundo a sua lingoagem, uma santa legião de seus adherentes cercaria o principe, o ligaria, e dictaria as disposições deste a seu bel-prazer, etc.»

O fim da Ordem é reconduzir o homem á liberdade e egualdade do estado natural que foi corrompido pelo estabelecimento do poder politico.

«A familia n'aquelles dias, diz o hierophante ao iniciado, era a unica sociedade. A fome, a sêde, faceis de contentar, um abrigo contra a intemperie das estações, uma mulher, e depois do trabalho o descanço, eram as unicas necessidades d'esse periodo. *N'esse estado, o homem gozava os dous bens mais estimaveis: a egualdade e liberdade. Gozava-os em toda a sua plenitude; e gozal-os-hia para sempre, se quizesse seguir o caminho que lhe indica a natureza*... Mas, á medida que as familias se multiplicaram, os

meios necessarios para a sua sustentação principiaram a faltar. *A vida nómada ou errante cessou;* A PROPRIEDADE NASCEU; os homens escolheram uma morada fixa, a agricultura os juntou, principiaram a sentir como a prudencia e a força d'um individuo podiam governar muitas familias e provêr á segurança dos seus campos contra a invasão do inimigo; e *aqui a liberdade foi arruinada na sua base e a egualdade desappareceu.* O fraco sujeitou-se imprudentemente ao mais forte ou ao mais sabio, não para ser maltratado, mas para ser protegido, guiado e esclarecido por elle. Toda a submissão ainda mesmo da parte do homem mais grosseiro, só existe por tanto no caso de eu carecer d'aquelle a quem me sujeito. *O seu poder cessa com a minha fraqueza; o do pae cessa desde que o filho adquire forças; todo o homem na sua maioridade póde governar-se a si mesmo; quando pois uma nação é maior, não ha razão para a ter em tutela....*

«Agora conhece-se o que é o estado de pura natureza, da natureza cahida ou corrompida, e o reinado da graça. Os homens, abandonando o estado da sua liberdade original, sahiram do estado natural e perderam a sua dignidade. Nas suas sociedades, sob os seus governos, vivem pois no estado da natureza decahida e corrompida. Se a moderação das suas paixões e a moderação das suas necessidades os restituem á sua primeira dignidade, *eis-ahi o que deve constituir a sua redempção e o estado da graça.* E' ahi que os conduz a moral, e sobre tudo a mais perfeita moral, a de Jesus Christo. Quando esta doutrina se tornar geral, então se estabelecerá finalmente na terra o reino dos bons e dos escolhidos.»

Nunca a impiedade e o socialismo usaram uma tal lingoagem.

Que é o *Contracto social* de João Jacques a par destas monstruosidades de Weishaupt? Que são todos os sonhos da Maçoneria a par desta theoria subversiva de toda a religião, de toda a auctoridade civil, e da propria propriedade?

Weishaupt encontrou um homem que contribuiu poderosamente para a propagação do Illuminismo. Flexivel, astucioso, tão intrigante como energico, prompto e resoluto, o barão Knigge suppria a fria meditação e a contemporisação do seu mestre. Os planos concebidos por este ultimo eram tão depressa executados como emittidos, graças ao caracter decidido, ardente e activo do segundo. Weishaupt era a cabeça, Knigge o braço do Illuminismo.

O que fez sobretudo esta nova acquisição preciosa para Weishaupt, foi que o seu discipulo, de uma impiedade prematura, d'uma curiosidade desordenada, se tinha afiliado havia muito tempo nas lojas maçonicas. Pouco satisfeito com brinquinhos que nem satisfaziam o seu amor proprio nem o seu orgulho. suspeitando além d'isso que a maçoneria devia ser outra cousa que um jogo inoffensivo como a representavam os escriptores maçons, quiz trepar até ao topo a escada dos graus. Iniciado em um dos systemas se apresentava tambem como candidato a um systema rival. Estas afiliações multiplas tinham a dupla vantagem d'augmentar os seus conhecimentos e de manter relações numerosas, mesmo com os seus adversarios.

N'essa epocha a Maçoneria allemã era theatro dos mesmos scismas e das mesmas dissenções que as lojas francezas. Os Maçons estavam divididos entre os systemas de lar-

ga e estreita observancia, de Rosas-Cruzes, d'alchimistas, de cabalistas, de nicromantes e humanitarios, aos quaes se ligavam os nomes de Hund, Schropfer, Zinnendorff, Schwedenborg e Fessler. Os graus tinham augmentado com tal rapidez na Europa, que se elevavam ao numero de *oitocentos*, espalhados pelos differentes systemas.

Unidos tão sómente para combaterem a religião e a realeza, estes systemas combatiam-se uns aos outros com um encarniçamento inaudito, com o fim d'adquirirem a preponderancia.

Importava á Franc-Maçoneria pôr termo a estas divergencias para chegar mais depressa e mais seguramente á execução do projecto commum. Para este fim teve logar um congresso convocado em *Wilhemsbade*, ao qual foram convidadas todas as lojas do universo.

Knigge, acompanhado de Minos Diltfurt, compareceu no congresso para alli representar os areopagitas illuminados. A' força de astucias e artificios, chegou, fóra do congresso, a attrahir os Maçons para o Illuminismo ainda então desconhecido pelos Maçons estrangeiros.

Eis-aqui o que elle escreveu aos seus committentes: «Finalmente os deputados souberam, não sei muito bem como, a existencia da nossa sociedade; *quasi todos* foram a minha casa e me pediram que os recebesse. Julguei conveniente exigir d'elles as *cartas reversaes*, impondo-lhes um silencio absoluto; mas tive cuidado de não lhes communicar a menor parte dos nossos escriptos secretos. Não lhes fallei dos nossos mysterios senão em termos geraes, em quanto durou o congresso.» Elle contentou-se, com effeito, em os iniciar nos graus de aspirante e de regente que todos, assevera elle, receberam com enthusiasmo.

Desde esse momento a Maçoneria europea passou toda para debaixo do jugo do Illuminismo.

Quanto á Allemanha, em particular, a Ordem pôde gabar-se de que, de todas as lojas legitimamente constituidas, só havia uma que se não uniu ao systema bavaro; e que esta loja se via além d'isto forçada a fechar-se.

Mas não tardou que um acontecimento inesperado ferisse a Ordem: a inveja fez surgir um rompimento violento entre Weishaupt e Knigge.

Além d'isto, o eleitor de Baviera, inquieto pelas machinações subterraneas do que elle cria a Franc-Maçoneria propriamente dita, ordenou que se fechassem todas as lojas. Os Illuminados, julgando-se já muito fortes para resistir ás ordens do eleitor, recusaram-se a obedecer-lhe. O acaso fez descobrir a seita da qual nem sequer se suspeitava a existencia. Um ministro protestante, chamado Lanza, foi fulminado por um raio em 1785. Acharam-se-lhe instrucções pelas quaes dava a conhecer que estava encarregado, na qualidade de Illuminado, de viajar na Silesia, visitar as lojas e informar-se entre outras cousas da sua opinião sobre a perseguição dos Franc-Maçons na Baviera.

Guiado pelo rasto, o governo procedeu a uma severa indagação. Os abbades Cosandey e Renner, o conselheiro aulico Utschneider e o academico Grunberger que se tinham retirado logo que conheceram todo o horror da Ordem, fizeram um depoimento juridico. A 11 de outubro de 1786, a justiça fez uma visita domiciliaria na casa Zwack, em Landshut, assim como no castello de Sanderdorff pertencente ao adepto barão de Bassus. Alli foram descobertos todos os papeis e todos os archivos dos conjurados, que a côrte de

Baviera mandou imprimir com o titulo de *Escriptos originaes da Ordem e da seita dos Illuminados.*

Quem o acreditaria? A' excepção de Frederico II, rei da Prussia, o imperador e os principes d'Allemanha toleraram os Illuminados; e Weishaupt foi recebido como um martyr pelo duque de Saxe-Gotha que lhe conferiu uma dignidade tão honrosa como lucrativa.

O Illuminismo não foi aniquilado por este golpe violento. Descoberto, tomou outra mascara e escolheu outros chefes. Na Allemanha adoptou o nome de *União germanica.* Debaixo d'esta denominação, formou uma sociedade gigantesca, cujo fim era explorar toda a litteratura allemã em proveito do atheismo e da revolução politica e social. Academias, gabinetes de leitura e lojas, foram os meios ostensivelmente empregados. Toda a imprensa, ganha em favor da causa, desacreditava com um concerto unanime todas as producções repassadas do amor á religião e do affecto ás instituições politicas existentes, em quanto que exaltava e elogiava as mais mesquinhas lucubrações dos adeptos.

A agitação foi extrema na Allemanha, onde os abalos da revolução franceza tinham uma repentina repercussão. Os soberanos, os principes, os eleitores e a aristocracia comprehenderam finalmente o perigo a que os tinha levado a sua confiança na Maçoneria convertida ao Illuminismo. O duque de Brunswick, gran-mestre da Ordem eclectica, e iniciado nos ultimos graus do Illuminismo, quiz cortar pela raiz o mal.

Antes de voltarmos á Maçoneria franceza, permittam-nos que reproduzamos aqui o manifesto do duque de Brunswick, pelo qual a Ordem maçonica sujeita á sua obediencia foi dissolvida em toda a Allemanha. Este documento,

que attesta tão eloquentemente as tendencias subversivas da Maçoneria n'essa epocha, merece ser estudado pelos homens desejosos de conhecer e apreciar uma Ordem tão gabada. Ahi se verão os abominaveis abusos que se tinham feito da Franc-Maçoneria. Oxalá os olhos das pessoas de bem se abram á luz!

Manisfesto do Duque de Brunswick.

«Na tempestade geral produzida pelas revoluções actuaes no mundo politico e moral, n'esta epocha de suprema illuminação e de profunda cegueira, seria um crime contra a verdade e a humanidade o deixar por mais tempo cobertas com um véo cousas que podem dar a unica chave dos acontecimentos passados e futuros; cousas que devem mostrar a milhares d'homens se o caminho que se lhes tem feito seguir é o caminho da loucura ou o da sabedoria.

«Trata-se de vós, VV. II., de todos os graus e de todos os systemas secretos. A cortina deve ser finalmente corrida, a fim de que aos vossos olhos cégos appareça a luz que tendes procurado em vão sempre, mas da qual não tendes tomado senão alguns raios enganadores e uma santa obscuridade fracamente allumiada por uma alampada magica.

«O tempo do complemento aproxima-se; mas sabei-o, este complemento é a destruição. Levantamos a nossa construcção debaixo das azas das trevas, para chegarmos ao cume d'onde podessemos em fim estender livremente as vistas sobre todas as regiões da luz. Mas este cume tornou-se inaccessivel: a obscuridade dissipa-se, e uma luz, mais medonha que a propria obscuridade, vem de repente ferir os nossos olhos. Vêmos o nosso edificio aluir e cobrir

a terra de ruinas; vêmos uma destruição que não podemos evitar. E eis-ahi porque despedimos os constructores das suas officinas. Com a ultima pancada de martello destruimos as columnas dos salarios. Deixamos deserto o templo destruido, e o legamos como uma grande obra á posteridade, encarregada de o tornar a levantar das suas ruinas e levar a um completo acabamento. Os obreiros actuaes o destruiram, porque apressaram o trabalho com demasiada precipitação e porque não escutaram a voz do mestre que lhes gritava de cima: a precipitação não é sabedoria, e a loucura não é virtude.

«Se ousassemos poderiamos dizer muito; comtudo é necessario que vós conheçaes as causas que produziram a destruição. Não é a lingoagem dos hieroglyphicos e das allegorias a que empregaremos dirigindo-nos a vós; é necessario tambem que os profanos nos entendam e comprehendam. E quantos não existem entre vós que teem tambem poucas noções, que teem mesmo noções mais inexactas sobre o espirito, fim e segredo da Ordem, que os mesmos profanos?

«*Uma só cadêa liga toda a rêde hoje tão extensa de todos os graus secretos e de todos os systemas do universo.*

«Todos se reunem no ponto central da omnisciencia. Não ha senão uma Ordem; o seu fim é o seu primeiro segredo; a sua existencia e os seus meios, são o segundo.

«Não sabemos o que os vossos mestres nas differentes localidades exigiram de vós quando vos admittiram; mas, se não exigiram de vós o que ides ouvir, eram perfidos que atraiçoavam a santidade da sociedade; eram tão vossos inimigos como da humanidade, para a qual a sociedade só foi creada.

«Os vossos mestres deviam dizer-vos além d'isso, como nossos paes nos ensinaram, que os segredos da sociedade só podem ser conhecidos d'alguns mestres; pois que seria dos segredos que fossem conhecidos por um grande numero? A pedra do toque particular e infallivel da aptidão d'um postulante para a nossa Ordem, tem sido sempre prender a sua curiosidade sob a sabia direcção dos seus superiores.

«Vós sabeis muito bem que esta sabia abnegação foi, em certas epochas, taxada de escravidão. Ora pois, á vista de filhos desobedientes, d'aprendizes e companheiros rebeldes, á vista de mestres intrataveis, os chefes da Ordem julgaram dever retirar a mão dos trabalhos: elles eram impotentes para pôr um dique a essa torrente de paixões impuras. Todo o joven aprendiz exigia a explicação de todos os segredos; mas exigia-a, porque um mestre perfido e intruso o tinha iniciado na Ordem, antes de ter banido do seu coração esta paixão ignominiosa.

«Nós fomos então, mais que nunca, confirmados na opinião de que os segredos nunca deviam sahir do nosso circulo, e de que *os homens não estavam bastante fortes nem bastante preparados para os supportar, comprehender e sentir.*

«Mas este silencio tão sabio, tão conforme ao nosso dever e, por estas razões, inviolavel entre nós, foi uma triste provocação de desejos e paixões cada vez mais vivos e indisciplinados. Em razão do cuidado que tinhamos de conservar o segredo, para experimentarmos a paciencia e submissão dos recem-chegados, augmentava a impaciencia e o ardor de votos imprudentes; toda a obediencia se desvaneceu. Uma orgulhosa presumpção começou a communi-

car-se successivamente a tódas as cabeças. Não se fez mais caso algum d'uma direcção superior: persuadiram-se de que nada era necessario conhecer senão por si e para si.

«Pouco depois, o segredo foi tratado livre e altamente com mofa e desdem. Negou-se a sua existencia, porque não se podia conhecer, apesar da desenfreada curiosidade. Nós guardámos silencio. Então uns sabichões, julgando, na arrogancia e cegueira da sua alma, estar no seio da verdade, emprehenderam defender o segredo. Mas como poderiam elles defender uma cousa que não conheciam melhor que aquelles contra os quaes combatiam? A perturbação e a desordem augmentou sem parar um momento. Não se via senão um bando de bebados que, na obscuridade, chafurdavam n'um campo abandonado, onde cada um procura o bom caminho e não o encontra, bate com a cabeça contra outro, e em que um d'elles, inculcando a sua embriaguez por sobriedade, grita: aquelle que quizer encontrar o bom caminho siga-me; em que finalmente elle conduz aquelles que o seguem a um pantano ou á borda d'um abysmo.

«Simillhante a um homem orgulhoso e presumpçoso que, em logar de crêr em Deos tranquilla e simplesmente, leva as suas investigações e duvidas aos attributos incomprehensiveis da divindade, até que fabrique um idolo d'um pedaço de pau, estes chefes ebrios vã e cégamente quizeram penetrar na essencia intima da nossa alliança, até que finalmente forjaram uma essencia fantastica, e reuniram certo numero de adeptos que abraçaram estes sonhos; então, na sua presumpção, imaginaram que só elles estavam de posse do segredo e da verdade; que outro qualquer ensino d'um segredo era uma heresia e um erro que deviam combater do modo mais intolerante e implacavel.

«Esta chave dá a solução do enigma, e a explicação dos acontecimentos. Comprehendeis o modo como, nos ultimos tempos, um espirito desenfreado de seitas e de partido inflamma as entranhas da associação. Aquelle que tinha bastante astucia e audacia para conseguir um fim que lhe convinha, e inventar um segredo conforme ás suas vistas; aquelle que ousava apresental-o como uma bandeira á sua seita, esse fundava um systema para si e seus adherentes.

«Incitado pela curiosidade correu-se apressadamente a toda a parte onde um novo thaumaturgo levantava novos theatros de feira e promettia produzir milagres nunca vistos. E ninguem erguia a voz para se dirigir a nós; e se, então, tentassemos despertar as recordações e acautelarnos contra taes charlatães, o insulto era a nossa recompensa; todos os mestres da seita gritavam a uma voz que eramos impostores e que queriamos subjeitar o espirito dos membros da associação ao jugo insupportavel da obediencia e da arbitrariedade.

«Quem não conhece estes sabichões que, na sua cegueira, imaginavam só elles comprehenderem alguma cousa e não queriam reconhecer outros chefes senão elles mesmos? Não ouvistes as invectivas grosseiras que arrojavam a todos os chefes da associação, porque, a homens d'esta especie, nunca é possivel chegar a um verdadeiro conhecimento de seus superiores?

«Não nos pertence registar todas as loucuras dos homens, nem conduzir pela força o orgulho humano á razão. Comtudo quem ousaria exigir de nós que levassemos mais longe a paciencia, quando se proclama com audacia e imprudencia, que a loucura mais grosseira e o desvergonha-

mento mais criminoso da intelligencia humana é o fim da Ordem; quando debaixo d'este pretexto fallaz, se póde dar largas a toda a impostura temeraria; quando finalmente um grande numero d'homens, seduzidos pela promessa d'uma tão alta sabedoria e d'uma felicidade tão perfeita, são arrastados por impostores egoistas aos labyrinthos d'um delirio especulativo?

«E' possivel que o prejuizo causado por esta impostura á humanidade seja de pouca importancia em comparação d'outros; pelo menos tomam sobre si o sustental-o, e eu acho n'isto quasi uma prova de que o mal é sufficientemente grande. Ora pois, seja como fôr, a nossa sociedade e nós somos innocentes de todos estes males. Condemnamos todas as tentativas que teem sido feitas por perturbadores desvairados (tenham suas intenções sido boas ou más), para produzir e desenvolver o mal. Declaramos que não está na nossa mão o impedir sociedades que fazem do fim e do segredo da Franc-Maçoneria o objecto dos trabalhos dos seus membros. Mas se taes sociedades se querem apresentar como a verdadeira e unica sociedade, e fazer tomar os seus excessos pelos trabalhos sagrados da Ordem, attestamos perante Deos e os homens que isso é uma mentira indesculpavel, e declaramos que todos os membros de taes sociedades, pelo proprio facto, e pelos excessos da sua exaltação, são sempre indignos e incapazes da fazer parte da grande sociedade.

«O proprio amor fraternal tornou-se um brandão de discordia na mão d'um louco: não que o odio mais violento o substituisse no coração dos irmãos; porque a desordem se conservaria ainda no seu seio. Não; appareceram homens que queriam requintar, espiritos acanhados impacientes e

curiosos que levaram o orgulho até imaginarem que, no amor fraternal, estava o unico e verdadeiro fim da Ordem. «O amor e o bem-estar do homem, disseram elles entre si, «eis-ahi o que os nossos mestres nos recommendaram tan«tas vezes e tão vivamente. Os symbolos e os hieroglyphicos «que nos mostram explicam-se todos n'este sentido; cha«mam-nos irmãos; e a fraternidade faz-nos felizes. Toda a «grandeza e todo o poder preponderante está banido d'en«tre nós; que força não tira d'ahi o coração do pequeno! «Sentimos em nós o valor e a dignidade do homem, e este «gozo excede todos os prazeres d'um mundo escravo.»

«A estas primeiras idéas do coração associaram-se breve as idéas de especulação. Não foi necessario muito tempo para vêr uma reunião de pretendidos sabios, unanimes em sustentar e proclamar, como o segredo da Ordem, que o seu unico fim é conduzir todos os homens a uma fraternidade universal, supprimir as relações entre o governo e os governados, dar aos homens a liberdade natural, e fazer desapparecer na sociedade toda a differença de condição, de consideração, de dignidade e de preeminencia.

«Apenas tinhamos conhecimento d'estas doutrinas subversivas, quando eram já o idolo d'uma multidão de membros da Ordem. Julgou-se ter arrancado subitamente o ultimo véo ao segredo; recrutaram-se por todas as partes aprendizes e companheiros que abraçavam avidamente este systema fanatico. Este apressuramento era inevitavel, n'uma epocha em que uma disposição geral para a epidemia d'um sentimentalismo effeminado se converteu n'uma verdadeira vertigem. O nosso poder estava muito longe de ser capaz de conter esta exaltação nos limites convenientes. Depois de termos tentado alguma resistencia, tivemos a dôr de ve-

rificar que o amor sentimental d'estes fanaticos que se diziam animados por tão bello fogo, tocava na ferocidade; a ponto que foram capazes de fazer morrer inquisitorialmente pelo punhal ou pela fogueira todo aquelle que ousasse oppôr-se ás suas tentativas philantropicas, ou inquietal-os na edificação da sua fraternidade universal.

«Por tanto, conhecemos agora a fonte d'onde sahiu a theoria actual da liberdade e egualdade, levada já até á prática mais insensata. A criminosa curiosidade e o orgulho desenfreado de certa classe de nossos irmãos entraram n'uma nova phase: da cegueira das investigações degeneraram tambem em um desprêzo insensato para com o nosso verdadeiro segredo. Não se contentaram em dar este erro como o ensino fundamental da sua seita; mas, além d'isso, foram publical-o ao longe por todas as encruzilhadas. Admiravel e lisongeira, esta doutrina devia encontrar por toda a parte uma adhesão facil. Era clara para a intelligencia mais simples; porque, quem não poderia comprehender quando se lhe dissesse que todos os homens são irmãos e que um não é mais que o outro? Como uma faisca n'um paiol, ella inflammou todos os corações e desenvolvéu por toda a parte as paixões desenfreadas.

«O mal que este pretendido beneficio causou á humanidade, é o que cada um comprehenderá com pouca reflexão, com o conhecimento mais elementar do homem. Comtudo, ainda aqui, a intenção era boa. Enganavam-se sómente, não tendo sufficiente penetração: queriam fazer os homens felizes!—Mas a maldade e a malicia se ingeriram para fazerem servir aos seus fins perversos esta impostura tambem imaginada. A fé dos homens fanaticos serviu lhes de instrumento para espalharem a perturbação nos espiritos e nos

corações. Formou-se entre as sociedades scismaticas uma união mais intima, para fazer menos commum o conhecimento do novo segredo e conserval-o como um deposito para os afiliados.

«O pretendido segredo d'estes fanaticos para o bem estar do homem degenerou n'uma verdadeira conjuração contra a felicidade da humanidade; foi um meio habil que serviu efficazmente a causa do seu egoismo. Surgiu uma grande seita, que, tomando por bandeira o bem e a felicidade do homem, trabalhou nas trevas da conjuração a fim de fazer da felicidade da humanidade um pasto para ella mesma.

«Esta seita, todo o mundo a conhece: os seus irmãos não são menos conhecidos que o seu nome. ***Foi ella que solapou os fundamentos da Ordem, até que fosse inteiramente destruida; por ella é que toda a humanidade foi envenenada e desvairada*** PARA MUITAS GERAÇÕES. ***A fermentação que reina entre os povos é obra sua.*** Ella baseou os projectos da sua insaciavel ambição sobre o orgulho politico das nações. Os seus fundadores sabiam introduzir este orgulho na cabeça dos povos. Principiaram por lançar o odioso sobre a religião.

«Zombaria e desprêzo, taes foram as armas d'esta seita, no principio contra a propria religião, e depois contra os seus ministros. Se ella se contentasse em conter este desprêzo no seu seio, só seria digna de piedade; mas não cessava de exercitar os seus companheiros no mais habil manejo d'estas armas. Prégaram-se, de cima dos telhados, as maximas da licença mais desenfreada, e a esta licença chamou-se liberdade. ***Inventaram-se direitos do homem, que é impossivel descobrir no mesmo livro da natureza, e convi-***

daram-se os povos a arrancar aos seus principes o reconhecimento d'estes suppostos direitos. O plano que se tinha formado de despedaçar todos os vinculos sociaes e de destruir toda a Ordem, revelou-se em todos os discursos e em todos os actos. Inundou-se o mundo com uma multidão de publicações; *recrutaram-se companheiros de todas as classes e de todo o poder; enganaram-se os homens mais perspicazes allegando falsamente outras intenções. Espalhou-se no coração da mocidade a semente da cubiça, e excitou-se pelo engodo das paixões mais insaciaveis.* Altivez indomavel, e sêde do poder, taes foram os unicos motores d'esta seita. *Os seus mestres não tinham nada menos em perspectiva que os thronos da terra, e o governo dos povos devia ser dirigido pelos seus clubs nocturnos.*

«E' isto o que se tem feito e faz ainda. Mas nota-se *que os principes e os povos ignoram como e porque meios isto se realiza. E' por isso que nós lhes dizemos com toda a liberdade*: O abuso da nossa Ordem, o desprêzo do nosso segredo produziu todas as desordens politicas e moraes de que a terra está hoje cheia. Vós, que fostes iniciados, é necessario que vos unaes a nós para erguermos a voz e ensinarmos aos povos e aos principes que os sectarios, os apostatas da nossa Ordem teem sido e serão os unicos auctores das revoluções presentes e futuras. Devemos asseverar aos principes e aos povos, pela nossa honra e na nossa consciencia, que a nossa sociedade não é por fórma alguma culpada d'estes males. Mas para que a nossa affirmação tenha força e mereça credito, devemos fazer pelos principes e pelos povos um sacrificio completo: para cortarmos pela raiz o abuso e o desprêzo, devemos, desde já, dissolver a Ordem inteira. E' porisso que a destruimos e aniquilamos com-

pletamente n'esta epocha; conservaremos os fundamentos della para a posteridade que a desentulhará no dia em que a humanidade, em melhores tempos, poder tirar alguma utilidade da nossa santa alliança.

«Vós que estaes ainda no portico do templo, vós para quem a luz do segredo ainda está escondida, vós, apostatas, cuja criminosa indiscrição fez do segredo a desgraça da humanidade, vós tambem, profanos, que nunca entrastes o limiar dos nossos sanctuarios, vós todos escutai o que o nosso dever nos força a descobrir-vos da essencia intima da Ordem. Os nossos corações palpitam quando nos é necessario dizer-vol-o: estas palavras deveriam ser sempre desconhecidas para o mundo; porque só a um pequeno numero será dado comprehendêl-as com sufficiente clareza. Mas o perigo supremo exige uma confissão solemne; devemos uma satisfação á humanidade, e a humanidade tem direito de a exigir de nós.

«Foi pelo christianismo que a nossa sociedade teve nascimento; foi o christianismo que a formou. A divindade do christianismo foi a primeira base da sua doutrina e do seu fim.

«*Todas as seitas e todas as heresias que se separaram do christianismo teem a sua origem na apostasia da nossa Ordem.* O orgulho e a curiosidade de muitos aprendizes, companheiros e mestres emprehenderam sondar os segredos com suas proprias forças. Todos se desviaram do caminho da verdade e abraçaram muitas vezes doutrinas que, só por causa da sua severidade, não podiam passar pelas doutrinas geraes do christianismo. Houve sectarios que, como individuos e pelo seu procedimento, foram a honra da Ordem;

mas a sua paixão desenfreada prejudicou a nossa sociedade.

«Qual de vós póde duvidar ainda, que tenha chegado o tempo de dissolvermos a sociedade e de abandonarmos a nossa obra apesar de não estar ainda acabada? Alguns sectarios se enganaram ácerca do fim, e por causa d'este desprêzo, o atraiçoaram em breve. Empregaram os meios mais perversos e mais prejudiciaes para realisarem este fim tão mal comprehendido. O orgulho tomou o logar da submissão. Mestres e companheiros sem experiencia se precipitaram para os empregos e dignidades dos chefes mais elevados; debaixo da mascara que tinham occultado, chegaram a dominar os aprendizes e mestres. O verdadeiro sentido da renuncia a si mesmo perdeu-se. Altivez e amor de dominação, taes são os motores da auctoridade actual. O desvario e a demencia sahem dos circulos secretos para invadir o mundo. Já não se escuta a voz dos mestres e dos antigos. As paixões mais vis invadem as sociedades particulares e as transformarão breve n'um monstro cuja cabeça hedionda deceparão as gerações futuras.

«Retiramo-nos. Destruimos o edificio, visto que aniquilamos o plano d'elle. Aquelle portanto que continuar a construir diverte-se com um ridiculo brinco de criança; pois que póde vir a ser uma construcção sem plano nem mestres? Não fallamos mais nas seitas; abandonamol-as á sua sorte, á vigilancia dos principes e ao desprêzo dos povos. Aquelle que acredita n'ellas e se entrega a ellas está enganado; é inimigo do seu socego e da sua felicidade. E' a ultima martellada que agora damos. Com ella se abaterão os pilares e as paredes do edificio. Uma impenetravel obscuridade paire sobre as ruinas, e as esconda aos olhos de in-

vestigadores sacrilegos e de criminosos impostores, até remotas gerações.»

Pela publicação do seu manifesto, o duque de Brunswick salvou a Allemanha septentrional e a maior parte dos principados centraes. A Austria ficou infelizmente exposta a uma explosão repentina. Alli, José II não sómente tinha tolerado, mas tambem animado a Franc-Maçoneria. Os elogios lisongeiros que os conjurados votavam ao imperador philosopho tinham-o embriagado. Foi-lhe necessaria toda a evidencia dos factos para lhe fazer mudar de opinião sobre uma sociedade, cujos principios eram mais ou menos conformes aos seus.

A prohibição do governo bavaro lhe abriu os olhos; e se não teve animo para tomar uma medida energica e completa, pelo menos soube pôr pêas á Maçoneria.

O seu successor, o imperador Francisco, supprimiu a Ordem nos seus estados (1794). Mas, ou porque não fosse coadjuvado pelos funccionarios vendidos á sociedade, ou porque não tivesse na mão meios de repressão sufficientes, a Franc-Maçoneria illuminada continuou a conservar-se nos estados austriacos, sob o nome de *Mopses*. A prisão de Semonville, enviado extraordinario dos Jacobinos de Paris em Constantinopla, demonstrou que os conjurados austriacos estavam em relação com os revolucionarios mais fogosos da desgraçada França. N'essa occasião, um escriptor austriaco publicou uma brochura, da qual julgamos dever extrahir as paginas seguintes:

Extracto d'uma brochura sobre o Jacobinismo, de 1795.

«Uma poderosa conjuração trabalha, d'uma a outra extremidade da Europa, para aniquilar, não sómente as constituições, mas tambem os principios, aos quaes devemos a conservação da vida social e moral. Os exercitos francezes são menos poderosos que os exercitos dos conjurados: aquelles nunca chegarão a conquistar a Europa, em quanto que estes conseguirão facilmente o seu fim; com effeito cada victoria os reforça, e levam sem o menor trabalho e sem grandes despezas todas as suas bagagens de guerra: astucia, artificio, egoismo, e sêde da dominação. Quasi todas as cidades consideraveis da Europa tem sentido mais ou menos os abalos que inimigos occultos lhes communicaram. Napoles e Turin tem estado na borda d'um abysmo. N'esta ultima capital, a distancia que separa o socego da anarchia, a segurança d'uma matança geral, não foi senão o curto espaço de seis horas. Se a descoberta se tivesse feito seis horas depois, os risonhos paizes de Italia teriam sido, em nome sagrado da liberdade, da patria e da virtude, cobertos de tyrannos, de cadaveres e de crimes. A mesma Londres se sentiu ameaçada, e foi sem fundamento que a nação renunciou a um dos seus mais caros privilegios, ao acto *habeas corpus*. E' cousa singular e admiravel que, precisamente na epocha em que o Estado esgotava generosamente todas as suas forças contra a infeliz nação franceza em delirio; em que os exercitos innumeraveis da Austria combatiam com uma bravura altamente admirada pelo proprio inimigo, durante nove semanas, em que o sol ao nascer e ao pôr-se nos viu combatendo e banhados em sangue; n'uma

epocha, em que todas as cidades e provincias vinham á porfia offerecer, não direi milhares, mas sim milhões : é admiravel, é estranho, digo, que precisamente n'este mesmo tempo, nas mesmas cidades e nas mesmas provincias, se descobrisse uma immensa conjuração que se estendia ao longe pelas suas ramificações, e chegava até aos degraus do throno. Não poderia dar á conjuração de que fallo o seu verdadeiro nome, porque ella tem estado sempre e ainda está prompta a tomar ou abandonar toda a dominação, segundo achar ou não vantagem n'isso. Só é certo que na Allemanha, em França e em muitos outros paizes, se formou uma seita dirigida pelo espirito de dous ou tres homens, e cujo fim era a dominação. A violencia não lhes podia fazer conseguir este fim, porque a sua fraqueza era muito grande, e o numero dos seus adeptos muito pequeno. Tinham por tanto necessidade usar d'astucia.

«Estes espiritos, reservados desgraçadamente para o nosso seculo, inventaram um novo systema de decepção, muito proprio para a realisação do seu fim. Virtude e vicio, paixões e indolencia, acções boas e más, absurdo e finura, tudo concorreu para fazer conseguir o fim que um pequenissimo numero via claramente. Os astutos impostores conheciam os homens : não ignoravam que, como no mundo physico, tudo é dirigido por signaes exteriores ; assim se governa muitas vezes o mundo moral pelo som de certas palavras, cuja significação propria é inteiramente desconhecida dos homens. E' por isso que déram industriosamente ao seu fim os nomes mais pomposos : souberam aproveitar-se da situação da nossa epocha.

«Aperfeiçoamento do genero humano ; volta da humanidade á sua dignidade original, isto é, ao seu destino até

então embargado, taes foram as divisas que elles adoptaram geralmente. As subdivisões são: alliviar a oppressão em que geme a maior parte dos homens; dissipar as trevas da intelligencia; corrigir as constituições que, ha milhares d'annos, encobrem a barbaria; enterral-as pouco a pouco para maior bem da humanidade; finalmente fundar outra melhor para melhores homens, quando uma aurora mais brilhante tiver annunciado o dia em que a felicidade e salvação forem dadas em sorte ao genero humano regenerado.

«Mas esta aurora mais brilhante, este dia não era senão a exaltação da oligarchia sobre as ruinas das antigas constituições. Para conseguir este fim, não havia para elles idéa demasiado audaciosa, plano demasido grandioso, meio demasiado criminoso. Quanto ao nome que adoptaram os associados, só Deos o conhece: chamavam-se monarchistas e republicanos, jacobinos, *feuillants*, christãos e atheos, segundo o clima em que se achavam e conforme a utilidade d'uma ou d'outra bandeira. Quantas vezes não aconteceu que um Jacobino titulado se achou ao lado do seu principe, e lhe aconselhasse que desconfiasse de homens cujo espirito recto e leal era um obstaculo?

«Logo depois da revolução franceza, se começou a fallar d'uma propaganda que se tinha espalhado por todas as partes e que recrutava os partidarios do regimen então em vigor na França. As provas da sua existencia são infelizmente mui numerosas. Comtudo os apostolos que chegavam de Paris a Vienna não eram senão Jacobinos mal disfarçados; o seu ardor atraiçoou-os, e não poderam fazer grande mal. Não tinham absolutamente nada de commum com os conjurados de que se trata. Por isso estes ultimos

não pretenderam unir-se com elles; pelo contrario denunciaram muitos d'elles, e, por politica, os fizeram prender. A conjuração secreta de Vienna não carecia de nenhuma propaganda; estava em relações muito intimas com os chefes da desordem; os seus planos eram muito extensos para que podésse tirar vantagem do palavriado d'alguns democratas, nos botequins.

«A prisão de muitos estrangeiros suspeitos, a descoberta e destruição de um club composto exclusivamente de officiaes e criados francezes, alguns dos quaes até estavam ao serviço do principe de Kaunitz, nada tinham ainda de commum com a seita muito mais occulta, muito mais perigosa de que aqui se trata. Mas isto mesmo apartava mais da pista que a tinha podido fazer conhecer: porque não havia inimigos mais encarniçados dos Jacobinos, nem inquisidores mais zelosos que aquelles mesmos dos quaes ainda se não suspeitava a formidavel existencia. Depois da destruição d'este club, julgou-se haver segurança; porque se ignorava que só se tinham descoberto os conjurados menos criminosos e perigosos; não se sabia que os principaes criminosos tinham escapado.

«Se eu receasse offender o coração generoso d'um augusto monarcha, fallaria de um episodio sobre o qual paira ainda uma terrivel obscuridade; d'um episodio, que é proprio para provar que os homens mais terriveis n'elle tinham figurado. Trata-se d'uma acção que se quizera de boamente votar a um eterno esquecimento, se o coração revoltado podésse esquecer uma tal cousa. E' doloroso, é pungente pensar que, n'este solo d'Allemanha, devia mostrar-se uma abominação de que a França sempre no meio de matança, não deu exemplo. Colombo, é este o nome.... mas não, não

me atrevo a exprimir este medonho pensamento!.... N'uma palavra, foi preso porque as mais graves e mais bem fundadas suspeitas tinham pairado sobre elle. Então mesmo não se sabia o que era esta vibora escondida no seio do Estado. Devo accrescentar que não vejo a possibilidade que teria havido de o saber; porque os instrumentos d'esta conjuração secreta são sempre cégos e não conhecem nunca a mão que os dirige. Accrescentemòs que em todos os departamentos e em todos os tribunaes de justiça, estes homens tinham intrincheiramentos inexpugnaveis. Se, n'uma guerra, fosse necessario dar um golpe de mão, não ha nada que se não podésse executar, com a presidencia que os fazia premunir-se contra todas as eventualidades, e com a habilidade extraordinaria que desenvolviam estes organisadores da desordem.

«De resto, esta criminosa associação empregava todos os meios que aconselhava a prudencia, para se conservar desconhecida. Logo que os conjurados notavam que os membros da policia, que não pertenciam á sociedade, exerciam uma vigilancia mais activa, eram mais severos na escolha dos postulantes, e suspendiam as reuniões. Esta ultima precaução foi desprezada em Bude, porque a constituição do Estado (Hungria) não permittia tomar alli certas medidas que, no tempo em que vivemos, seriam alli de grande utilidade.

«De repente se espalhou uma luz medonha e fez conhecer o precipicio á borda do qual se estava. A prisão de Semonville, que tinha sido mandado a Constantinopla na qualidade de delegado extraordinario dos Jacobinos, foi mais importante para uma grande parte da Europa do que qualquer victoria e qualquer conquista; mais importante que

todos os acontecimentos que tinham occorrido desde o apparecimento do fanatismo politico da França; muito mais precioso que todos os thesouros e diamantes da corôa que este honrado deputado levava comsigo. Porque é necessario saber: os planos d'estes homens são grandiosos e proporcionados ás suas criminosas paixões.

«Não sómente segunda guerra oriental, cujas consequencias teriam sido incalculaveis nas circumstancias actuaes, mas provavelmente tambem a destruição completa da monarchia austriaca, e de muitos outros estados visinhos foram poupadas por esta prisão. Se não acreditaes n'estas palavras, principes e reis, tende a bondade de vos informardes na fonte: certamente não se vos recusará nenhuma explicação. Mas então vêde como vos enganam; quando vos affirmam que o perigo vos ameaça, a vós e aos vossos povos, não é senão uma invenção de cerebros vasios, um fantasma. Os papeis que Semonville levava comsigo foram os thesouros mais preciosos de que se apoderaram com a sua pessoa. A penna torna-se impotente quando se trata de descrever o espanto, a surpresa, o terror d'aquelles que foram os primeiros em olhar para estes documentos. Viram-se de subito transportados a um mundo de traidores, a respeito dos quaes um instante antes não havia a menor suspeita. Que aperto do coração para um joven soberano cuja alma candida não estava ainda acostumada a estes manejos da malvadez e da hypocrisia; para um soberano que deve accrescentar similhantes angustias a uma vida já tão desgraçada, tão pouco digna de inveja! Descobriram-se nomes e cartas de pessoas, a quem, um momento antes, se teria confiado a fortuna do Estado. Estes homens, viram-se na maior intimidade, e como que n'uma alliança de familia, com os ini-

migos mais encarniçados do Estado e dos cidadãos. E comtudo ainda então se não descobriu a quarta parte das cousas que se conhecem hoje: os primeiros dados só diziam respeito a Vienna e Trieste.

«Quando se pronunciou diante do imperador o nome d'um secretario que foi descoberto no meio dos traidores, elle o fez repetir por tres ou quatro vezes, accrescentando estas palavras: «Não! não póde ser elle.» Em fim desejou vêl-o. Logo que este homem entrou no seu quarto, Francisco cahiu quasi desfallecido sobre uma cadeira exclamando: «Tambem elle!—Abominavel!» A ingratidão deve ser sem duvida uma das acções mais horrendas do coração do homem, quando em outro coração, que está magoado se manifesta um sentimento tão doloroso!

«Tenho pressa de fazer a observação de que, n'aquelles tempos, os validos que tinham sido cheios de beneficios, até mesmo aquelles que eram confidentes dos principes, foram pela maior parte os primeiros traidores; em quanto que os servos obscuros ou antes desconhecidos e desprezados, foram aquelles que se conservaram mais dedicados, mais fieis; mostraram o patriotismo mais inabalavel n'estas circumstancias, em que lhes era necessario passar pela prova do fogo. De todos os numerosos exemplos, Maynz é o mais tocante. Não será isto bastante para provar que os principes deveriam usar da mesma circumspecção em seus favores que em seus desdens?

«Então poderam convencer-se de que o perigo em que se achavam, era não sómente grande, mas tambem espantoso; que não havia tempo algum a perder; poderam mesmo certificar-se de que esta descoberta não teria tido logar

se, por acaso, se tivesse confiado o exame dos papeis a certas personagens; o que poderia ter acontecido, porque se julgavam todos egualmente fieis servos do Estado. Segundo o que se pôde descobrir, a missão secreta de Semonville tinha por objecto receber bois e trigo, fazer differentes encommendas em Trieste, concluir convenções verbaes e tomar informações junto de certas decasterias.

«Todos aquelles que se reconheceram traidores foram presos no mesmo instante e os seus papeis revistados. Até então, julgava-se que a coisa não era mais que uma traição perigosa que se tinha felizmente descoberto; mas viu-se em fim, que era uma verdadeira conspiração, uma liga que trabalhava activamente segundo planos uniformes, uma sociedade organisada com o fim de destruir o Estado.

«Cada dia trouxe novos esclarecimentos; cada folha de papel encontrada entre os escriptos destramente escondidos de certos presos descobriu um novo crime. Tinha-se lançado mão d'um fio conductor, para penetrar mais adiante no labyrintho da traição Tudo se tornou claro como a luz do dia, logo que se encontraram em casa de uns vinte afiliados os escriptos, as negociações e os nomes de muitos homens revestidos d'auctoridade em França e n'outro paiz.

«Conheceu-se então que não era só em Vienna e Trieste, mas tambem em quasi todas as cidades da monarchia, que se podiam contar conjurados. Todos os traidores da Bohemia, Moravia, Styria, Gallicia e Hungria se reuniram; para respeitar os direitos d'este ultimo paiz, nomeou-se do seio da chancellaria hungara, que se achava em Vienna,

uma commissão especial que assistiu aos interrogatorios da commissão principal, encarregada de instruir o processo.

«Ha alguns mezes que se descobriu de repente um grande numero d'estes conjurados; ha apenas algumas semanas que Bieleck, capitão e professor na eschola dos cadetes, foi prêso. Foi olhado como primeiro em cathegoria da conjuração; acharam-se em casa d'elle os archivos em devida fórma. Duvido comtudo que se tenha chegado ao fim da descoberta; porque, quasi todos os dias, se encontram novos conjurados.

«Nada transpirará dos actos e dos trabalhos da commissão de inquerito, até que finalmente se possa dizer: o monstro de muitas cabeças já não existe! Comtudo a sentença de muitos criminosos foi pronunciada: temol-a nas folhas publicas. Gillofsky, que se enforcou, era empregado na chancellaria militar; os seus crimes eram mui grandes. Communicava ao inimigo tudo o que podia saber. Ninguem se deve admirar depois d'isto de certos acontecimentos que tiveram logar n'esta guerra!

«Brandstaetter era magistrado e accessor na repartição da commissão mixta dos negocios civis e militares. Hackel era um proprietario sem terras e Juts era um doutor em direito.

«Na occasião da descoberta das ultimas conspirações, causou indignação ao mesmo tempo que consternação o vêr implicados n'este negocio homens de todas as condições, contra os quaes não havia a menor queixa que fazer, e que sempre se tinham conhecido e respeitado até então como homens laboriosos, moderados e probos. Se estes accusados se não tinham tornado culpados de crimes particulares, se-

ria verdadeiramente penoso comparal-os com os outros e tratal-os do mesmo modo.

«Quero explicar-me mais claramente, e como conheço as machinações d'estes intrigantes, posso ser util a mais d'um homem honrado e a mais d'um joven demasiado fogoso e confiado.

«Primeiro que tudo, a sociedade secreta adopta como regra que sempre um dos seus membros tome sobre si o *trabalhar* (este é o termo technico), por outras palavras persuadir, enganar, ou iniciar. O primeiro cuidado do *trabalhador*, é estudar o caracter, as paixões, os conhecimentos, a educação, etc., até mesmo as relações mais insignificantes do profano que se quer alistar. Se elle é luxurioso, vai-se com elle aos alcouces; se é bebedor, acompanha-se ao botequim; se gosta do jogo, engana-se; ganham-se-lhe grandes sommas que se obriga a pagar á vista ou a credito; leva-se a taes extremidades que arrisca sua honra. Depois, de repente, apparece-se-lhe como um anjo libertador; perdoam-se-lhe generosamente as quantias que perdeu, e entregam-se-lhe aquellas que se receberam; dão-se-lhe lições e advertencias ácerca da sua ligeireza anterior e sobre as tristes consequencias do jogo; impoem-se-lhe como uns mentores, prende-se este mancebo pelo reconhecimento; guia-se e faz-se d'elle tudo quanto se quer. Empregam-se meios infernaes para attrahir ao laço homens faceis e irreflectidos. Dirigem-se as cousas até que elles façam um escandalo ou um excesso; procura-se apanhal-os em flagrante; prova-se-lhes que se poderiam perder; apresentam-se-lhes como uns salvadores generosos, e encadeia-se o obsequiado. Esta maldade é particularmente facil áquelle que occupa os lugares elevados. Que é o que tal superior não póde fa-

zer d'um inferior na sua jurisdicção? Diz-lhe talvez que póde contar com a sua dedicação se se confiar a elle para a execução de projectos que formou para interesse da administração superior!

«Mas ainda é necessario servir-se d'outros meios, e seguir outras vias para attrahir ás rêdes o joven de juizo e animo que tem bom comportamento e probidade. N'este caso é necessario usar de mais habilidade; é preciso informar-se do estudo, da arte e da sciencia que elle cultiva com preferencia e a que se dedica. Então manda-se para o *trabalho* aquelle que é mais versado n'estas cousas. Não sómente deve tornar-se agradavel áquelle que está incumbido de seduzir, mas tambem dar certo valor ás suas opiniões. Sobre tudo adopta a regra de conduzil-o d'um modo desapercebido para certos objectos para os quaes se dirigem as suas intenções.

«Cabe aqui exprimir a dolorosa consideração de que genios e talentos tão numerosos e tão distinctos se reunam com o designio de consagrar todas as suas forças á realisação de um fim, cujo valor não póde ser estimado senão por espiritos perversos. Com esforços perseverantes e penosos, procura-se fazer circular idéas que podem ter, durante seculos, as consequencias mais terriveis para milhões de nossos irmãos. A's vezes, quando se exprimem estas apprehensões, responde-se-vos com um sorriso; mas aquelles que conhecem toda a verdade recebem as vossas palavras com uma zombaria mordaz. As mais das vezes é julgado como um apologista da tyrannia, ou como um homem estipendiado pelo despotismo. Se o que dizemos não é senão a expressão dos nossos sentimentos, se detestamos tanto como ninguem no mundo a oppressão e a tyrannia, se nos con-

servamos separados de todo o contacto com os principes ou com os seus servidores, nem por isso deixamos de ser miseraveis aristocratas, desprezíveis servos a soldo dos soberanos, e se nos applicam todos os epithetos do mais profundo desprêzo.»

TERCEIRA EPOCHA

Desde a creação do Grande-Oriente até á exaltação de Napoleão.

Já indicamos o reforço consideravel que a Maçoneria recebeu pela juncção do club d'Holbach e de quasi todos os philosophos. Dominando desde então a opinião publica em toda a França, a Maçoneria tornou-se uma potencia formidavel; propagou-se com espantosa rapidez não sómente nas cidades, mas até nas povoações pequenas.

A divisão, longe de desapparecer pela creação do Grande-Oriente, não fez senão augmentar-se cada vez mais. Em 1779, o Grande-Oriente contava 296 lojas na sua jurisdicção; as lojas sob a obediencia da Grande-Loja tinham augmentado na mesma proporção. Ao lado das duas principaes auctoridades maçonicas, existiam grande numero de poderes constituintes, cujos PRINCIPAES são:

A Grande-Loja escoceza do condado venusino (1767), residindo em Avinhão.

A mesma Loja do rito escocez philosophico (1766), residente em Paris.

Os quatro directorios escocezes do systema templario (1774).

O conselho dos imperadores d'Oriente e Occidente que toma hoje o titulo de sublime *Mãe-Loja escoceza do Grande Globo francez.*

O Grande-Capitulo geral de França, em Paris.

O Grande-Capitulo da Ordem de Heredom, de Kilwinning, residente em Ruão.

O Capitulo de Clermont e o de Arras, residente em Paris.

Cada uma d'estas auctoridades tinha um numero mais ou menos consideravel de lojas sob a sua obediencia.

Em 1789, a Franc-Maçoneria contava 189 lojas symbolicas e capitulares.

A Maçoneria franceza, já singularmente alterada na sua pureza primitiva em consequencia da intrusão do escocismo com todos os graus incoherentes, foi absorvida em pouco tempo pela invasão dos systemas allemães. Os ritos allemães, cuja audacia devia agradar a espiritos exaltados, foram adoptados como um complemento indispensavel pela maior parte das lojas francezas.

Os Martinistas (adeptos de Saint-Martin) e as lojas da Maçoneria egypcia não foram em França senão o que os discipulos de Schropfer e do Schwedenborg tinham sido, os primeiros na Allemanha e os segundos na Suecia.

Cagliostro eclipsou em breve Schropfer com as suas extravagancias, conjurações de espiritos, suas peloticas e predicções absurdas. Este homem perigoso, umas vezes sob o nome de José Balsamo, seu verdadeiro nome, outras com o nome de Pellegrini ou de conde Felix, soube illudir grande numero d'espiritos credulos.

A Maçoneria foi para elle um véo de que se serviu para occultar as suas imposturas. Explorou a França, a Inglaterra e a Italia, mas particularmente o primeiro d'estes paizes onde residiu mais tempo.

Saint-Martin adquiriu reputação de excentricidade pe-

las suas extravagantes doutrinas. Comtudo, em materia de theoria social, apresentou as asserções mais subversivas; apoiando-se n'estes axiomas que considerava como incontestaveis: *todos os homens são reis*; *a liberdade, egualdade, e fraternidade são a SS. Trindade*, aniquilava ao mesmo tempo o christianismo e toda a constituição politica.

As ceremonias usadas para a iniciação nos altos graus d'esta seita maçonica manifestam a mais completa anarchia e o projecto de destruir as bases da sociedade.

«No dia marcado, o candidato é conduzido por um caminho tenebroso á caverna das provas. N'este antro, a imagem da morte, o jogo dos espectros, as beberagens de sangue, as alampadas sepulchraes, as vozes subterraneas, tudo aquillo que póde aterrar a imaginação e fazêl-a passar successivamente do terror ao enthusiasmo é posto em prática, até que em fim alternadamente aterrado, fatigado, exaltado e privado do imperio da razão, só possa seguir o impulso que lhe fôr dado. A voz d'um invisivel hierophante penetra então n'este abysmo, faz resoar a abobada com sons ameaçadores, e prescreve a formula d'este execravel juramento que o iniciado repete:

«Rompo os vinculos carnaes que me unem a pae, mãe, irmãos, irmãs, esposa, parentes, amigos, amantes, reis, chefes, bemfeitores, a todo e qualquer homem a quem prometti fidelidade, obediencia, gratidão ou serviço.

«Juro revelar ao novo chefe que reconheço tudo o que tiver visto, feito, lido, ouvido, sabido ou adivinhado, e até indagar e espiar tudo aquillo que se não offerecesse aos meus olhos. Juro honrar a *aqua toffana* (veneno) como um meio prompto, seguro e necessario de purgar a terra pela

morte ou pela imbecilidade d'aquelles que procurem aviltar a verdade ou arrancal-a das minhas mãos.»

«Apenas este juramento é pronunciado, a mesma voz annuncia ao iniciado que está livre desde esse momento *de todos aquelles juramentos que até então prestou á patria e ás leis.* «Fugi, accrescenta, da tentação de revelar o que tendes ouvido; porque o raio não será mais rapido que o punhal que vos alcançará, em qualquer parte que estejaes.»

Finalmente o Illuminismo de Weishaupt entrou em França onde em pouco tempo adquiriu uma preponderancia incontestavel.

Depois da dissolução da famosa seita bavara, Weishaupt não deixou de ser a alma do Illuminismo. Do seu retiro no principado de Saxe-Gotha dirigia a associação conjuradora. Todavia, para se não comprometter, tinha tido o cuidado de pôr á frente do Illuminismo Amelio Bode. Este, acompanhado do barão de Bussch, propôz-se inocular o virus allemão á França, para onde já, como se sabe, os deputados das lojas francezes no congresso de Wilhelmsbade tinham trazido os mysterios de Weishaupt. Foram recebidos com empenho na junta secreta dos *Amigos reunidos,* que estava dominada por Lavalette-de-Lange e Court de Gibelin. Uma alliança inteira se concluio entre os Illuminados allemães e a loja dos *Philalethos.* Esta tornou-se brevemente o centro das operações.

Logo que se viu que o numero d'adeptos era sufficiente e que o momento de obrar estava proximo, os Philalethos resolveram convocar um congresso maçonico em que se tomassem medidas promptas e energicas. O logar do congresso foi fixado em Paris.

Os progressos inesperados da nova doutrina e a im-

minencia de graves acontecimentos fizeram anticipar um anno a reunião do congresso. Eis-aqui a circular que os Philalethos, chefes da loja dos *Amigos reunidos*, dirigiram aos Maçons de todos os paizes, convidando-os a assistir á assembléa fraternal.

«CARISSIMOS IRMÃOS,

«Sentimos vivamente que *circumstancias de força maior* nos obriguem a anticipar um anno a nossa assembléa fraternal. A gravidade d'esta razão, a escolha e o numero dos projectos que julgamos dever submetter-vos, desculparão facilmente esta antecipação. Se comtudo o Grande Architecto abençoar os nossos trabalhos e guiar as nossas primeiras reuniões, muitos objectos que aqui vos expômos tornar-se-hão talvez superfluos. N'este caso, poderiam ser substituidos por outros que fossem proprios para obrar mais poderosa e immediatamente em favor do fim da Ordem.

«Esta segunda circular que já vos tinhamos annunciado na nossa primeira, tem por principal fim propôr-vos as questões principaes, cuja solução parece indispensavel. Pedimos a todos aquelles que a receberem que nos communiquem as suas respostas por escripto Ao mesmo tempo fazemos-vos conhecer o ceremonial que acordamos e as resoluções que tomamos para a celebração da nossa assembléa; recebereis as instrucções ulteriores, logo que os irmãos convidados nos tiverem feito saber a sua opinião. Seria escusado repetir que não reclamamos nenhum privilegio particular n'este congresso, a não ser o titulo de promotores e convocadores. Longe de recearmos que encontremos mestres na sciencia maçonica, fazemos sinceros e ardentes vo-

tos para que todos os mestres estejam presentes e se façam conhecer. Acharão em nós discipulos tão submissos como verdadeiros Philalethos.

«Não julgamos, nem mesmo esperamos que os artigos especificados n'este projecto sejam o objecto unico e exclusivo dos trabalhos do futuro congresso. *Ha outros mais importantes que a prudencia nos prohibe confiar ao papel e ainda menos á imprensa.* Duvidamos que seja possivel tratal-os vantajosamente em plena assembléa. Talvez seja mais facil e vantajoso ao bem geral o desenvolvêl-os em segredo e com documentos na mão em commissões especiaes formadas dos delegados a quem as opiniões, os trabalhos e os graus recommendem mais particularmente. Estas commissões informariam a assembléa geral do resultado dos seus trabalhos e das suas investigações, *tanto quanto o podéssem fazer sem se expôrem a ser perjuros.* (1)

«E' provavel que a discussão dos artigos propostos faça surgir novas questões que não convém precisar aqui. *Todos os homens illustrados as podem prevêr* e devem preparar-se para ellas (2). Não nos esqueçamos de que sendo o fim essencial d'esta assembléa, por uma parte, *a destruição dos erros*, pela outra, a descoberta de verdades maçonicas

(1) Assim, no proprio seio do Congreso, os Maçons de primeira ordem deputados pelas lojas estranjeiras não serão instruidos de tudo o que alli se passa. Na persuasão de que não são bastante fortes para supportar o resplendor d'uma formidavel luz, serão tratados como creanças. A' vista d'isto que nos venham dizer que os Maçons e os soberanos conhecem os fins da Maçoneria!

(2) Eis-aqui a paraphrase d'esta proposição tão pouco disfarçada: Chegou o momento em que a Maçoneria deve abandonar a theoria para se estabelecer no terreno da realidade, onde é necessario pôr em prática os principios das lojas, onde em fim é urgente tomar todas as medidas para introduzir nas relações politicas e sociaes a liberdade, egualdade e fraternidade maçonica.

ou intimamente ligadas com a Maçoneria, o primeiro dever de nós todos deve ser premunir-nos com tudo aquillo que fôr proprio para contribuir para nos fazer conseguir um e outro d'estes fins. Pedimos e supplicamos ainda outra vez a todos os irmãos impedidos que se unam aos nossos trabalhos e tratem longamente as questões propostas. O concurso de todas as luzes e a manifestação de todas as opiniões é da maxima importancia. Podemos afiançar em nome do futuro congresso que o mais inviolavel segredo será guardado sobre a abstenção dos irmãos convidados e ausentes que não tiverem respondido clara, sincera e livremente á segunda circular. Taes são, carissimos irmãos, os sentimentos, desejos, e votos dos vossos irmãos dedicados, encarregados de vos fazer estas propostas pela sociedade dos Philalethos, chefes da loja dos *Amigos reunidos* ao Oriente de Paris.»

Este congresso teve effectivamente lugar em Paris, e durou desde o dia 15 de fevereiro até 26 de maio. Entre os deputados francezes notavam-se: St.-Germain, St.-Martin, Tonzay, Duchenteau, Eteilia, Mesmer, Dutrousset, d'Héricourt e Cagliostro. As lojas allemães estavam representadas por Bode, de Dalberg, Forster, duque de Brunswick, barão Gleichen, Russworm, de Wollner, Lavater, principe Luiz de Hesse, Rosskampf, Starck, Thaden, e de Wachter. O Grande-Oriente da Polonia e o da Lithuania haviam enviado o barão de Heyring e João de Thoux de Salvorte (1) Parece comtudo que as resoluções alli tomadas não satis-

(1) V. a *Encyclopedia* de Lenning. Art. Polonia.—Accrellos, t. IV, p. 204.— *Actenmässige Darstellung der deutschen Union*, de Hoffmann, p. 173.—*Memorias biographicas litterarias e politicas*, de Mirabeau, t. II, p. 249.

fizeram aos exaltados; porque se julgou necessario haver segunda assembléa. Este segundo congresso, egualmente convocado pelos Philalethos, teve logar em Paris em 1787.

Não temos podido descobrir documento algum authentico sobre o resultado d'estas reuniões. Não podemos por tanto fixar que influencia immediata se deve attribuir á Maçoneria sobre os acontecimentos que se seguiram pouco a pouco. Comtudo um relance d'olhos sobre as principaes lojas de Paris n'essa epocha e sobre a lista dos membros que as compunham, é bastante para explicar a paternidade da revolução attribuida á Franc-Maçoneria.

A primeira, e a mais importante de todas por causa dos homens instruidos que continha, é a loja das *Nove Irmãs*. Tinha por Veneravel Pastorel, homem astucioso, e que sabia mascarar arteiramente o seu odio á religião e á nobreza. Ao seu malhete obedeciam os mui famosos Condorcet, Dalomieu, o marquez de la Salle, Brissot, Garat, Bailly, Camillo Desmoulins, Cerutti, Danton, Fourcroix, Lalande, Chenier, Champfort, dom Gerle, Pétion, o duque de la Rochefoucauld, isto é, todos os principaes escriptores que tinham feito do sophisma uma arma para destruir a religião e a monarchia. Sabe-se a parte que estes Maçons tomaram na revolução franceza. Quasi todos foram devorados pelo filho cruel a que tinham dado nascimento.

A loja da *Candura* reunia a aristocracia dourada que, na sua ignorancia, julgava poder alliar a conservação dos seus orgulhosos brasões com o principio da egualdade republicana. Depois de ter servido de mascara aos democratas que exploravam em proveito da sua causa a influencia que dão a fortuna e um grande nome, ella foi mais tarde o centro dos partidarios de Philippe d'Orleans. Na sua lista

figuravam os nomes do duque d'Orleans, Gran-Mestre do Grande-Oriente, Lafayette, Laclos, La Touche, os dous Lameth, Custines, Moreton de Chabrillant, Sillerye d'Aiguillon.

A loja dos *Amigos reunidos* contava entre os seus membros os financeiros e os industriaes. *Por cima*, os graus ordinarios da Maçoneria eram alli coroados pelos mysterios de St.-Martin, de Schwedenborg e dos Philalethos ou Illuminados. Os principaes adeptos eram Lavalette de Lange, Bonneville, Chappe de la Hamière e Court de Gibelin.

Uma filial dos *Amigos reunidos* estava estabelecida na rua de la Sourdière. Lavalette de Lange era o chefe. Viam-se alli o conde de St.-Germain, Raymond, Cagliostro, Condorcet e Diétrich.

A loja do *Contracto Social* era quasi completamente composta d'esses duques, d'esses marquezes, de cavalheiros da aristocracia que se devem contar entre os irmãos illudidos, entre os quaes cumpre mencionar principalmente o illustre Mirabeau (1) Mais esclarecida pelo rumo inesperado que tomaram os acontecimentos, parece que esta loja quiz, mas já muito tarde, oppôr uma barreira á revolução.

Depois da leitura d'estes nomes tão tristemente famosos na historia da revolução franceza, será possivel desconhecer a influencia da Maçoneria sobre os acontecimentos politicos e sociaes que transtornaram a França? N'essa epocha só a França contava 703 officinas maçonicas (2).

Apenas os deputados estrangeiros tinham deixado Pa-

(1) Mirabeau tinha sido afiliado no Illuminismo na occasião da sua missão a Berlin, pelos adeptos Mauvillon, Nicolai, Binster, Gedike e Leichsenring.

(2) *Ragon*. Ed. sagrada, I. cad. p. 75.

ris, as lojas francezas tomaram as medidas mais efficazes para apressar a revolução.

Introduziu-se na Ordem um novo grau, o de aspirante illuminado. Já vimos as doutrinas subversivas que Weishaupt inculcava ao candidato. Admittiu-se nos graus inferiores a classe popular que até então se tinha conservado afastada; cultivadores, artistas e operarios foram alistados sob a bandeira da liberdade, egualdade e fraternidade. O duque d'Orleans fez entrar na loja dos *Amigos reunidos* os guardas do rei, com o fim de formar o nucleo d'um exercito ao serviço da revolução. Estabeleceram-se juntas *politicas*, cujas deliberações e votos eram levados á commissão do Grande-Oriente, e depois mandados a todas as lojas do reino. O Gran-Mestre dirigiu a estas um manifesto em que as empenhava «a reunir as suas forças para sustentar a revolução; a procurar partidarios, amigos, protectores para segurar o bom successo da grande causa; a espalhar um ardente enthusiasmo; a estimular os espiritos, a inflammar o zêlo em todos os paizes e por todos os meios que estivessem ao seu alcance (1).»

As eleições dos Estados Geraes feitas n'aquelle momento de exaltação e dirigidas pelas lojas são em geral favoraveis á Maçoneria. O terceiro estado compunha-se quasi exclusivamente de candidatos protegidos pelas lojas; parte da nobreza, principalmente a deputação de Paris, professava os principios maçonicos.

O dia 14 de julho de 1789 tinha sido marcado para o levantamento geral. Ao signal dado, no mesmo instante

(1) Hoffmann. *Wichtige Ermahnungen*. T. I. c. XIX.

em toda a França retumbou o mesmo grito: Viva a liberdade, egualdade e fraternidade.

A datar d'este dia as lojas fecharam-se; os irmãos espalharam-se pelas casas da camara, secções e juntas revolucionarias.

No mesmo seio dos Estados Geraes formou-se um club composto de todas as summidades maçonicas da capital e das provincias e subordinado ao *firmamento*. Este club, chamado *Bretão*, tinha a pretenção de dirigir os trabalhos dos Estados e de imprimir nos membros maçons um impulso conforme com as vistas da Ordem. A' frente d'este club distinguiam-se Mirabeau, Syeyès, Barnave, Chapelier, o marquez de la Coste, Glezen, Bouche e Péthion. Este club transportou-se de Versalhes para Paris com a assembléa constituinte, e alli tomou o nome de Jacobinos. Dentro em pouco se formaram em toda a França as mesmas sociedades revolucionarias. Todas levavam escripta na sua bandeira, a divisa maçonica: liberdade, egualdade e fraternidade. As ceremonias em prática na celebração das sessões, nas admissões e na correspondencia foram tomadas da Maçoneria.

Para ser admittido, cada candidato devia ser apresentado por dois padrinhos que se tornavam responsaveis pelo seu procedimento e docilidade. Como nos graus capitulares, o postulante devia jurar obedecer cégamente ás ordens do chefe do club, denunciar os recalcitrantes, ou aquelles que se oppunham á execução das medidas adoptadas, embora fosse seu pae, sua mãe, ou um seu proximo parente. Como o Grande-Oriente, os Jacobinos tinham suas commissões de relações, de fazenda e de correspondencia, e acima de tudo isto uma commissão chamada por excellencia *commissão se-*

creta. Como nas lojas illuminadas, havia uma lista negra e outra vermelha que decidia da sorte dos irmãos simplesmente excluidos ou proscriptos.

Tudo o que fizeram pela revolução estes homens desde agora em diante chamados *Jacobinos*, já não é mysterio. Esta revolução não é outra cousa que a historia dos seus crimes e das suas atrocidades, dos seus constantes esforços para estabelecer o reino da impiedade e da rebellião. Mas quem são todos estes homens cuja colligação formou os antros do Jacobinismo? Pegai na lista de seu grande club, no mesmo instante em que se fórma; vereis alli primeiro tudo o que resta do club de Holbach, todos aquelles que comprehendemos sob o nome de sophistas. Abandonaram as suas sociedades e lyceus; largaram o manto da sua philosophia; alli estão todos, cobertos com o barrete vermelho. Todos, Condorcet, Bailly, Chamfort, Cerutti, Mirabeau, Brissot, Syeyès, Dupont, Lalande, Dupuy, Garat, Mercier; atheus, deistas, encyclopedistas, economistas, todos elles estão na primeira lista dos Jacobinos, na primeira linha dos rebeldes, como estiveram na dos impios. Alli estão misturados com o lixo dos bandidos e das lojas, do mesmo modo que com os heroes dos crimes e dos mysterios; com os bandidos de Philippe d'Orleans, da mesma sorte que com Chabroud, seu advogado, e Lafayette, seu rival. Alli estão com todos os apostatas da aristocracia, assim como com todos os apostatas do clero, creados nas lojas maçonicas. Alli estão com o duque de Chartres, os marquezes de Montesquieu e de la Salle, os condes de Pardieu e de la Touche, Barras, Victor de Broglie, Alexandre Beauharnais, Saint-Fargeau, Sillery, d'Aiguillon, de Menou, assim como com os Syeyès, Perigord d'Autun, Noel, Chabot,

dom Gerles, Grégoire, Fauchet, e toda a lista dos outros intrusos, que outr'ora figuravam na lista das lojas. Alli estão com os irmãos das provincias, que correram a fazer-se conhecer pelos signaes maçonicos com Rabaud, Mandouze, Barrère, Goupil de Préfeln. Alli estão com todos os adeptos de Schwedenborg ou dos martinistas, com Savalette de Lange, W..., M..., Prunelle de Lierre. P... de Lyon, Raymond de Besançon. Finalmente alli estão com os adeptos de Weishaupt, Bonneville, Dietrich, la Réveillère, Drouet, Babæuf, e com todos os mais adeptos do illuminismo bavaro, que concorriam alternativamente d'Allemanha a França e de França a Allemanha, para receber ou cumprir as ordens do grande club, para combinar a marcha dos irmãos d'aquem e além do Rheno, isto é, com os Tudescos illuminados: Rebmann, Leischenring, Dorsch, Blau, Nimis, e Hoffmann. Mas alli estão tambem com os algozes da revolução sahidos dos mesmos antros, com Tallien, Legendre, Sergent, Collot d'Herbois, Fouquier-Thinville, Couthon, Saint-Juste, Payan, Henriot, Coffinal, Marat e Robespierre. (Vêde na obra intitulada *Causas e effeitos da revolução*, a lista das commissões Jacobinas, e Mont-jòie: *Conspiração de Orleans* (1)»

Os Franc-Maçons teem cuidado de protestar contra qualquer alliança da Ordem com os Jacobinos sanguinarios. Mostrando-nos as lojas fechadas durante o reinado do terror, julgam ter repudiado toda a solidariedade com esses fogosos revolucionarios. Mas antes, tracem estes Maçons a linha de demarcação que existe entre elles e os Jacobinos,

(1) Barruel, *Memorias para servirem á historia do Jacobinismo.* A' excepção de um tom declamatorio, Barruel é de todos os antigos escriptores que escreveram sobre a Franc-Maçoneria o mais instruido e exacto. Os escriptores das lojas fazem-lhe esta justiça.

indiquem-nos a differença dos principios proclamados pelas lojas e pelo mui famoso club das secções de Paris! Os Maçons não contestarão de fórma alguma que a divisa adoptada pelas suas officinas, antes e durante a revolução franceza, se resumia na liberdade, egualdade e fraternidade; ora, os Jacobinos não tinham outra. Com a unica differença de que sendo estes termos de uma significação mui elastica, os Jacobinos lhes deram maior extensão que os Maçons; do dominio da politica a que se tinham limitado até então invadiram o terreno social. Os Franc-Maçons podem accusar os Jacobinos de terem sido muito bons logicos, de terem tirado rigorosamente todas as consequencias d'um principio admittido pelas lojas como axiomas incontestaveis. Mas toda a sua imputação se deve limitar a isto. Os escriptores maçons concordarão comnosco para reconhecer que os excessos praticados pelos clubs Jacobinos devem ser attribuidos quasi exclusivamente á cruzada emprehendida desde muitos annos pelas lojas contra o christianismo e a realeza, da mesma sorte que ás ceremonias selvagens d'alguns rituaes. Ha muitos entre elles, e dos mais distinctos, que são forçados pela evidencia a reconhecer que a revolução franceza com todas as suas monstruosidades deve ser attribuida á Franc-Maçoneria. Façamos algumas citações para provar esta dolorosa verdade.

Blumenhagen ousa dizer n'um dos seus discursos: «Sem serem Maçons ao principio, os Illuminados souberam apoderar-se da maior parte das lojas; os Maçons mais estimados vangloriaram-se com o titulo de illuminados, até que o governo rasgou o véo d'estes horriveis mysterios, preveniu a execução dos seus sinistros projectos e expulsou os adeptos para um paiz visinho, onde os seus fachos infer-

naes souberam achar alimento para a combustão e completa segurança. Esta expedição dos Argonautas dirigiu-se para a França; mas em logar de matar alli um dragão e conquistar o tosão d'ouro da liberdade espiritual, estes homens tão orgulhosos da sua celebridade fizeram nascer uma ninhada inteira de dragões. Como um rebanho de animaes carniceiros, os seus dignos descendentes espalharam-se pela superficie do mundo e *encheram a terra de horrores e crimes desconhecidos até então.*

Em nenhuma parte tanto como n'este paiz (a França) *se abusou da Franc-Maçoneria.* Antes ella estava reduzida das suas grosseiras peloticas ao despresivel papel d'um charlatão; o seu espirito estava dividido em trinta e tantos graus de cavalleiros; o seu fim não era senão a impostura e a mais sordida cubiça. Logo depois vimos no Jacobinismo e no terrorismo um fratricida Egalité e um Robespierre, bebedor de sangue humano. Vimol-os substituir em altares infames o cutello do algoz ao malhete do Mestre, ou vimol-os prégar o regicidio e o atheismo.

O *Cavalleiro do Punhal* que, no tempo dos Stuarts, era na Italia e em França o grau mais elevado da Ordem, pôde exercer realmente as suas execraveis funcções; os irmãos que nas lojas tinham aprendido a varar um manequim n'uma caverna (1), mostram á luz do dia a destreza que adquiriram n'estes exercicios barbaros e ferem com a submissão d'um docil estudante. Apartemos a vista d'estas scenas d'horror, d'este ferrete eterno para a humanidade e para a

(1) Allusão ás ceremonias do ritual para os graus do *Eleito* e do *Kadosch.*

associação maçonica... Meditemos muitas vezes estes excessos como lições saudaveis (2).»

Accrescentemos esta confissão do conde de Haugwitz, um dos primeiros chefes da maçoneria allemã: «Tenho adquirido a firme convicção de que o drama principiado em 1789, a revolução franceza, o regicidio com todos os seus horrores, não sómente tinham sido resolvidos no seio das lojas, mas foram realmente resultado das sociedades e dos juramentos maçonicos.»

Pelo que diz respeito ao encerramento das lojas depois da tomada da Bastilha, não se póde concluir d'isto senão a inutilidade do mysterio quando os principios maçonicos eram applicados largamente á vista do publico, ou a pressão exercida pelo club dos jacobinos que não queria ter superitendentes ou censores em Maçons demasiado timidos ou inconsequentes. De resto, na revolução de 1848, as lojas, julgando que a liberdade, egualdade e fraternidade maçonicas se tinham tornado patrimonio seguro de toda a Europa, perguntaram a si mesmas se ainda se devia conservar o mysterio. Se n'esta epocha de sanguinolenta memoria a Franc-Maçoneria se tivesse julgado assaz consolidada, se houvesse pensado que os seus principios estavam profundamente arreigados no coração das nações, ella se consideraria como uma superfetação e teria fechado os seus templos, assim como tinha feito no tempo do terror em França.

Descobrimos no I.·. Ragon um trabalho singular sobre a influencia da Maçoneria. Protestando que a Ordem nunca fez da politica objecto dos seus trabalhos, este auctor Maçon mostra-nos os usos e principios das lojas infiltrando-se

(2) *Manuscripto para os irmãos*, 1828, p. 320.

invisivelmente nos novos costumes do povo francez regenerado pela revolução.

«Nas reuniões maçonicas *ordinarias*, não se falla, é verdade, nem de religião, nem de politica (1); mas é tal a admiravel organisação d'esta instituição protectora das altas sciencias (!!!), que estes graves religiosos fallam á intelligencia do iniciado, ao mesmo tempo que as fórmas e a administração d'esta Ordem fallam ao espirito politico de todos os irmãos.

«As reflexões que ellas lhes suggerem são trazidas para o mundo como um typo seguro e sagrado, por meio do qual procuram melhorar ou destruir o que na Ordem religiosa ou politica, perde na comparação com o que apresenta a Ordem maçonica.

«Refugio seguro da philosophia, foi a Franc-Maçoneria que salvou os povos do jugo avillante do *fanatismo e da escravidão*. E' aos conhecimentos que a Maçoneria derramou nas classes elevadas da sociedade ingleza, que se attribue, em grande parte, a emancipação da Inglaterra e a sua reforma pacifica em 1668. Cento e vinte e um annos depois, a philosophia moderna, *esclarecida pelas luzes da iniciação,* fez mais em França; porque, depois de ter operado reformas uteis, prestou as suas fórmas administrativas ao governo d'então. Estabeleçamos aqui o parallelo do governo da Franc-Maçoneria com o da França em 1789.

«O governo da Franc-Maçoneria estava em outro tempo dividido em departamentos ou lojas provinciaes que tinham suas subdivisões. A assemblêa nacional, *considerando*

(1) E' uma impudente mentira. Nunca alli se fallou nem falla em outra cousa. De resto a palavra *ordinaria* é preciosa.

a França como uma Grande-Loja, decretou que o seu territorio fosse distribuido segundo as mesmas subdivisões.

«As municipalidades ou concelhos respondem ás lojas; dependem d'um centro commum para formar um cantão. Um certo numero de cantoens, dependente de um novo centro, compõe uma comarca ou districto, actualmente uma subprefeitura, e muitas sub-prefeituras formam um departamento ou prefeitura.

«As grandes lojas da provincia tinham um centro commum no Grand-Oriente; os departamentos tinham o seu centro commum na Assemblêa nacional, aonde concorriam todos os cidadãos do reino, por meio dos seus representantes, para fazer leis e constituir, como na Maçoneria, uma soberania constitucional.

«Na Maçoneria, todas as lojas dos departamentos são eguaes entre si; todas as municipalidades o são tambem.

«Os presidentes, eleitos pelos seus cidadãos, eram amoviveis, como o são os veneraveis da loja.

«O primeiro tribunal d'uma officina maçonica chama-se commissão. Julgam-se alli as materias de pouca importancia, e preparam-se aquellas que devem ser tratadas na loja. Foi para o mesmo fim e com o mesmo espirito que se formaram commissões para prepararem as materias de que se devia fazer um relatorio á Assemblêa nacional.

«As justiças de paz são uma imitação das commissões de conciliação das Lojas, e teem as mesmas attribuições.

«Sendo as discussões e os julgamentos maçonicos publicas nas officinas da fraternidade, os tribunaes tiveram ordem de advogar publicamente a causa dos accusados, salvo o caso de ultraje aos costumes e á moral publica.

A' similhança de cada orador de loja, o procurador do

concelho, estabelecido junto de cada municipalidade, e hoje os procuradores do rei tem as attribuições de velar pela observancia das leis e dos estatutos, de promover a execução d'elles, e de usar da palavra nos assumptos importantes, como orgão da voz publica.

«A ordem que a Maçoneria estabeleceu entre os seus graus tambem foi imitada. Os guardas nacionaes, que então nomeavam os seus officiaes, da mesma sorte que os Maçons nomeam os seus, foram subordinados á auctoridade municipal, como os irmãos o são aos dignatarios ou officiaes d'uma Loja.

«O chapeu dos juizes, as bandas dos representantes, eram verdadeiras imitações dos ornamentos ou das decorações maçonicas.

«Os representantes da Assembléa nacional deixam á porta do templo das leis toda a distincção, cordões e dignidades civis, da mesma sorte que o fazem os Maçons entrando na Loja.

«Procedia-se ás eleições civis e á escolha dos eleitores, segundo a fórma usada na Maçoneria.

«O modo de prestar juramento, d'obter a palavra, de pedir uma licença, de fazer uma queixa, de manter a ordem é evidentemente tomado da Maçoneria; com a unica differença de que, n'este ultimo caso, a campainha do presidente substitue o malhete.

«As commissões da Assembléa nacional recordam os visitadores e inspectores que o Grande-Oriente dirige algumas vezes ás lojas.

«A cotisação annual de cada Maçon, para fazer face aos encargos do poder maçonico, deu lugar á contribuição pessoal em França.

«Algumas pessoas julgavam reconhecer, no armamento geral da guarda nacional, o uso adoptado por todos os Maçons de terem uma espada na Loja. O laço teria tido uma origem similhante; com effeito, muitas Lojas adoptam uma joia ou um signal particular e distinctivo, que serve para fazer reconhecer por toda a parte os irmãos da mesma officina.

«*Notou-se com razão que a Assembléa nacional aboliu todas as corporações*, excepto a Franc-Maçoneria.

«Não se esqueceu que este corpo legislador passou por baixo da *abobada d'aço* (1), quando foi assistir ao *Te-Deum*, cantado na cathedral de Paris, no principio da revolução.

«No dia 17 de julho de 1789, quando Luiz XVI, vindo de Versalhes, chegou ás escadas exteriores da casa da camara, no meio d'uma ala de 200,000 guardas nacionaes, e acceitou e atou no chapeu o laço parisiense (2) que lhe apresentou o presidente Bailly, como signal distinctivo dos Francezes, subiu a escadaria da casa da camara por baixo de uma *abobada d'aço*.

«Este parallelo, *que se poderia levar mais longe*, mostra a influencia da Maçoneria sobre as instituições civis, e sobre tudo quanto ella familiarisa os povos com os governos constitucionaes (3).»

(1) Chama-se em Loja fazer abobada d'aço, quando os irmãos, postos em duas linhas, levantam e cruzam as espadas para honrarem a pessoa que deve passar por baixo d'esta abobada.

(2) A Maçoneria póde reivindicar as côres da bandeira tricolor: os graus symbolicos forneceram a côr *azul*, côr dos cordões do mestre; os graus capitulares o *encarnado*, côr do cordão de ROSA-CRUZ; e os graus philosophos, o *branco*, côr do laço do grande inspector, 33.º grau.

(3) Ragon, *curso philosophico e interpretativo*, p. 377-380.

Não seria difficil provar que muitas d'estas explicações são falsas, inexactas, ou exageradas. Com tudo admittimos a assersão geral proclamada por Ragon, a saber: que a Maçoneria teve durante a Assembléa constituinte uma grande influencia, e que fez reduzir a leis uma grande parte da sua constituição e dos seus usos. Admittimos que a Assembléa nacional constituinte, composta pela maior parte de Franc-Maçons, como se póde verificar pelos nomes que citamos, tomou a tarefa de applicar á nação os principios maçonicos da liberdade e da egualdade.

Mas qual é a razão porque M. Ragon parou em tão bom caminho? Porque limita elle a influencia da Maçoneria só á epocha da Assembléa constituinte? O seu poder sobre a opinião publica seria subitamente paralisada pela convocação da Assembléa legislativa e da convenção? Não figurariam os membros d'estas duas Assembléas na lista das lojas? — Póde-se fazer parar subitamente a marcha do espirito humano? Lançadas as premissas pela Assembléa constituinte, não era perciso logicamente que as Assembléas subsequentes d'ahi tirassem todas as consequencias? Seria no momento em que os espiritos estavam exaltados pela liberdade e egualdade politicas e sociaes, cuidadosamente propagadas e postas em prática pelos representantes das Lojas, que se quereria representar-nos a Maçoneria como ferida de impotencia ou como soffreada em seu impeto? E' admiravel a destreza de M. Ragon! Entre os actos da Assembléa constituinte de que nós folgamos, tanto como os Maçons, de proclamar, em grande parte, a feliz influencia, o doutor das lojas faz uma escolha inteiramente em favor da instituição maçonica, reservando-se sem duvida para repudiar tudo aquillo que lhe não convicsse!

Isto é commodo e vantajoso; mas será logico? M. Ragon teria obrado com lealdade percorrendo as leis e actos emanados da Assemblêa legislativa e da Convenção, e dizendo-nos quaes são aquelles que admitte e quaes os que regeita em nome da Maçoneria. Permitta-nos que lhe dirijamos por nossa vez as seguintes observações:

A Maçoneria tinha declarado guerra ao christianismo: não seria por este motivo que a Assemblêa nacional e a Convenção proscreveram a religião catholica!

A Maçoneria não designava a auctoridade monarchica senão pelas palavras despotismo e tyrannia; seria por isto que a Assemblêa legislativa e a Convenção levaram Luiz XVI ao cadafalso? Não seria com premeditação que este infeliz principe foi encerrado no Templo pelos Templarios Maçons?

Seria por isso que estas Assemblêas quizeram fazer em pedaços todos os thronos da Europa? Seria por isso que a infeliz Vandea foi afogada em ondas de sangue?

A Maçoneria tinha proclamado a egualdade politica e social. Seria por isso que a Assemblêa legislativa e a Convenção attribuiram á plebe uma auctoridade muito mais oppressora que a da antiga aristocracia? Seria por isso que os proletarios se gloriaram com o titulo de Sans-Culottes?

A Maçoneria tinha proclamado a fraternidade, ou em termos maçonicos, a communidade de bens. Seria por isso que os bens das Ordens religiosas, das fabricas das egrejas e dos emigrados foram primeiro sequestrados, e depois alienados em proveito da nação? Seria por isso que se recorreu a emprestimos forçados e ás Ordens por escripto que tinham toda a apparencia d'uma espoliação?

A Maçoneria tinha proclamado a independencia do es-

pirito humano, a deificação da Razão. Seria por isso que a este ser abstracto se ergueram infames altares?

A Maçoneria honra nos seus antros a regeneração da Natureza e a reproducção da especie humana; mostra nos seus templos a columna da Formosura. Seria por isso que a multidão delirante offereceu incenso á Formosura feminina, representada debaixo da fórma de ignobeis prostitutas?

A Maçoneria tem suas reuniões legaes nos solsticios do estio e do inverno, nos equinoxios da primavera e do outono. Seria por isto que a Convenção repudiou o antigo calendario para lhe substituir denominações tiradas do systema decimal e principalmente das producções de cada estação?

A Maçoneria tem seus festins ou banquetes que assimilha aos agapes dos primeiros christãos. Seria por isto que a Convenção decretou banquetes populares no Campo de Marte?

A Maçoneria, em muitos dos seus graus superiores, ensina aos seus adeptos a manejar o punhal. Seria por isto que os algozes dos Jacobinos se mostraram tão dextros em derramar sangue humano?

A Maçoneria, na recepção do aprendiz, tinha ensinado aos seus adeptos o desprezo do dinheiro em metal. Seria por isso que se fizeram tão famosas emissões de papel moeda?

Quantas approximações e comparações não poderiamos fazer entre os principios maçonicos e os actos da Assembléa legislativa e da Convenção? Como M. Ragon, poderiamos *levar mais longe este* espantoso parallelo, e perguntar ao leitor se não estamos no direito d'attribuir ás maximas e

usos das lojas todos os horrores da revolução franceza cuja lembrança nos faz estremecer? Mas ha um ponto sobre o qual julgamos dever insistir particularmente.

O Maçon jura procurar a vantagem dos irmãos, seja em prejuizo da sua fortuna, do seu sangue e da sua honra; isto é, declara-se disposto a calcar aos pés o seu juramento civil para não trabalhar senão em favor da Ordem.

Seria por isso que o desafortunado Luiz XVI esteve cercado de *philosophos* e de Maçons desde o berço?

Seria por isso que Malesherbes, Turgot e Brienne abriram o caminho á revolução?

Seria por isso que os irmãos Montmorin e Necker despojaram successivamente a realeza de todas as suas attribuições, seguraram a impunidade á revolução, e entregaram o rei atado de pés e mãos, aos irmãos Lafayette e Mirabeau?

Seria por isso que os officiaes, a maior parte dos quaes tinha sido cuidadosamente iniciada nos mysterios maçonicos, desertaram no momento do perigo e voltaram suas armas contra aquelle que tinham jurado defender?

Seria por isso que o imperador d'Austria e o rei da Suecia, os dous unicos soberanos então determinados a combater a revolução, morreram no mesmo mez (março de 1791), o primeiro pelo veneno e o segundo pelo punhal?

Os Maçons, cuja Ordem é cosmopolita, não reconhecem de fórma alguma os limites traçados entre as nações pelos tratados. Já o provamos.

Será isto o que explica a retirada do duque de Brunswick, no momento em que afugentava diante de si as hor-

das revolucionarias e que todas as fortalezas se rendiam á primeira intimação (1)?

Será isto o que explica a entrada dos republicanos na Belgica, na Saboia, em Moguncia, em Trèves, em Spira, em Worms e em Francfort?

Apenas Custine se aproximou do Rheno, os Maçons de Strasburgo combinaram com os irmãos de Moguncia para entregar esta cidade, baluarte d'Allemanha, nas mãos do general francez. Um chamado Eckenmaier, habitante de Strasburgo e Maçon fanatico, foi estabelecer-se em Moguncia, pôz-se em relação com Stein, ministro prussiano n'esta cidade, e protector da Maçoneria; por intervenção d'este, chegou a ganhar a confiança do commandante Gimmich e foi encarregado do commando da artilheria e da defeza dos fossos.

Outro membro da loja strasburguesa foi ter com o general.

Em breve uma deputação maçonica da cidade de Mo-

(1) Julgamos dever fazer conhecer a seguinte anedocta tirada da correspondencia de M. V.......Z. de Paris a M. de S.....Z, em Vienna. «Era no momento da primeira alliança contra a França revolucionaria. O rei da Prussia tinha passado as nossas fronteiras, e achava-se, creio eu, em Verden ou em Thionville. Uma tarde um de seus amigos *lhe fez o signal maçonico* e o attrahiu a uma abobada subterranea onde o deixou só. Ao clarão das lampadas que alluminavam este logar, o rei viu ir para elle seu avô, Frederico o Grande. Era a sua voz, o seu trajo, o seu modo, as feições do seu rosto. O fantasma fez sentir a seu sobrinho a falta que tinha commettido, alliando-se com a Austria, e ordenou-lhe que se retirasse immediatamente. Sabeis que o rei obrou em consequencia d'isto, com grande descontentamento dos seus colligados, aos quaes não ousou communicar a causa da sua resolução. Alguns annos depois o nosso famoso comediante Fleury, que tinha adquirido uma tão brilhante reputação no theatro francez na peça intitulada *Os dous pagens*, confessou que cedendo ás instancias de Dumouriez, tinha representado o papel de Frederico II n'esta mistificação Sabe-se, com effeito, que elle imitava o rei defunto a ponto de illudir os mais desconfiados.»

guncia, levando á frente o famoso illuminado Bohmen, foi pedir a Custine que entrasse na cidade. Asseverou-lhe que este era o voto da maior parte dos habitantes, e que elles mesmos eram os instrumentos d'uma numerosa sociedade bastante poderosa para fazer desapparecer todos os obstaculos. Custine estava longe de pensar em pôr cerco a Moguncia. Faltava-lhe tudo para tentar uma empresa tão gigantesca; toda a sua artilheria se compunha d'algumas pequenas peças de campanha. Uma carta dirigida de Moguncia ao deputado Bohmer o informou de que os conjurados tinham a burguesia do seu lado e que o irmão Eckenmaier estava resolvido a empregar tudo para convencer o commandante da impossibilidade de defender a praça.

O general francez só tinha que fazer ouvir ameaças. Finalmente Custine resolveu-se a marchar sobre a cidade. O commandante não se rendeu á primeira intimação. Mas no terceiro dia, uma das mais importantes fortalezas da Europa se rendeu sem disparar um tiro (1).

As cidades de Worms e Spira succumbiram da mesma fórma. A entrada dos francezes em Francfort foi preparada por Pietzsch e pelos irmãos de Isenburgo.

Na republica chamada cis-rhenana o maçon Kempis, conselheiro intimo do eleitor de Coloniz, representou o mesmo papel de traidor, assim como Gerhard, professor, e Whatterfal, advogado, instrumentos das lojas de todo o paiz.

O Brabante e as Flandres foram egualmente entregues por traição a Dumouriez. Vandernoot. com o nome de Gobelscroix, estava á frente das lojas maçonicas das duas pro-

(1) Memorias de Custine, T. 1, p. 46 e seg.

vincias. Os planos projectados eram por elle mandados aos irmãos de Paris que os communicavam a Dumouriez. Cégos e excitados pelas lojas, as duas provincias revoltaram-se e foram conquistadas sem os republicanos queimarem uma escorva.

A conquista da Hollanda não custou mais a Pichegru. Só na cidade d'Amsterdam havia quarenta lojas; as casas Rescier, Condere, Rochereau e o judeu Sportas forneciam fundos á conjuração. O trama foi descoberto e o general Eustachio foi prêso com trinta membros, seus cumplices. Amsterdam, Nimegue, Utrecht e Berg-op-Zoom foram comtudo entregues por traidores mais astutos e felizes.

Em grande numero de pequenos principados, alguns Maçons bastante audaciosos para se julgarem os unicos representantes dos seus concidadãos, escreviam á Convenção pedindo a annexação á França; e as tropas francezas iam tomar posse do novo territorio em nome da republica uma e indivisivel; desgraçados dos principes ou eleitores que ousavam protestar contra esta odiosa violação do direito das nações!

A Allemanha deu então um espectaculo estranho, inexplicavel. As suas tropas aguerridas que, ainda havia pouco, tinham dado provas da sua bravura, parece terem sido de repente feridos de impotencia; os seus generaes parecem cégos. Em todos os encontros com as tropas republicanas e, mais tarde, com as tropas imperiaes, mostram-se indignas da sua antiga fama. As guarnições das fortalezas largam as armas sem dar um tiro. As informações recebidas pelos chefes são falsas; as decisões tomadas nos conselhos de guerra são logo communicadas ao inimigo; as ordens não são dadas ou são mal executadas; os reforços não che-

gam a tempo opportuno; as munições faltam; a fidelidade dos officiaes é suspeita; o desalento espalha-se no exercito por meio de sinistros boatos. Como se explicam estes factos extraordinarios? Eckert, em sua obra *Magazin für Verurtheilung des Freimaurer—Ordens,* pretende que são devidos á traição dos officiaes allemães, por ordem dos chefes supremos da Maçoneria. Segundo este auctor, a Ordem considerava o imperador Napoleão I como um instrumento destinado a destruir todas as nacionalidades europeas: depois d'este gigantesco nivelamento, ella esperava realisar mais facilmente o seu plano d'uma republica universal. Já então, como hoje, a Maçoneria olhava com maus olhos para a multidão de reinos e de principados em que a Europa estava dividida; imaginava, não sem razão, que não conseguiria nunca lançar por terra successivamente todas as barreiras, e que seria provisoriamente vantajoso ao seu projecto aproveitar-se das victorias do celebre conquistador.

QUARTA EPOCHA

FRANÇA.

Desde a exaltação de Napoleão I até a revolução de 1848.

A primeira epocha foi a do nascimento da Franc-Maçoneria em França; a segunda comprehende o desenvolvimento e augmento das suas forças; a terceira mostrou-nol-a no seu apogeu e pondo em execução o seu plano. Depois do seu revez em França e na Allemanha, vamos vêl-a atar as suas antigas tramas nos seus antros tenebrosos. Vigiada e ligada pelo glorioso despota, tomou desde então outra attitude. Na impossibilidade de empregar a força aberta, recorreu á hypocrisia e á adulação; depois tomou novos nomes e novas mascaras para escapar ás investigações, até que julgou chegado o momento de proclamar abertamente seus principios e de confessar a sua obra.

Em 1795, depois da morte do duque d'Orleans, o Grande-Oriente offereceu o Gran-Mestrado a Roettiers de Monteleau, que se contentou com o titulo de Grande Veneravel. A Grande-Loja, redusida a alguns membros, reuniu-se ao Grande-Oriente em 1799; assim como o Grande Capitulo d'Arras. D'est'arte, o grande-Oriente, depois de tempestuosas luctas, vê reconhecida pela sua rival a sua intrusão.

Em 1803, o irmão Haquet tinha trazido da America o rito d'*Heredom* em 25 graus; e o conde Grass-Tilly tinha introduzido em França o *rito escocez antigo e acceite*

em 33 graus. O invejoso e desconfiado Grande-Oriente que não reconhecia senão os tres graus symbolicos e quatro graus capitulares, teve de contar com os seus novos adversarios e reconhecer todos os ritos. De resto, uma pressão mais forte que a da convicção e do amor da paz fez desapparecer todas as desuniões, ou pelo menos forçou a pôr estorvos á rivalidade.

Napoleão, acclamado imperador, comprehendeu quanto tinha que temer e ao mesmo tempo que esperar d'uma instituição como a Maçoneria. Muito imperioso para já mais se sujeitar ás exigencias d'esta Ordem, muito poderoso para se collocar debaixo do jugo d'uma tão aviltante tutela, fingiu exteriormente consideral-a como estranha ou como indifferente. A politica aconselhava-lhe por outro lado, o poupar uma instituição que se tinha mostrado formidavel; talvez até com a sua perspicacia e com o conhecimento que tinha da humanidade, encarasse as lojas como uma especie de derivativo saudavel ou como uma valvula de segurança, «pela qual sahia o excesso dos vapores revolucionarios e que obstaria a uma terrivel explosão, se elles fossem muito hermeticamente comprimidos (1).»

Comtudo, deixando subsistir a Maçoneria, elle pretendeu governal-a e fazel-a obrar no seu sentido, se não por si mesmo, ao menos pelos seus intermediarios. E' o que explicam as palavras, que elle pronunciou em pleno conselho por occasião da discussão dos artigos 291 a 294 do codigo penal, pelos quaes as reuniões de mais de vinte pessoas são prohibidas.

Tendo o conselheiro Muraire pedido uma excepção em

(1) Resposta do perfeito Delaveau, interrogado sobre a sua extrema indulgencia para com a Maçoneria.

favor da Maçoneria, Napoleão respondeu com animação: «Não, não; protegida, não é de temer a Franc-Maçoneria; auctorisada, póde tornar-se mui forte e até perigosa. Tal qual está hoje, ella depende de mim; eu não quero depender d'ella (1).»

Tal foi, com effeito, o procedimento de Napoleão. Elle tolerou a Maçoneria, mas vigiando-a de muito perto como uma instituição pelo menos suspeita; affectou até a seu respeito uma certa benevolencia, todo o tempo que ella se mostrou nas suas mãos um brando instrumento.

Com este fim, Napoleão consentiu que seu irmão José acceitasse o titulo de Gran-Mestre que lhe era offerecido. Mas exigiu ao mesmo tempo que Cambacérès, seu archi-chanceller, fosse nomeado Gran-Mestre adjunto; tornou-o responsavel por todos os desvios que as lojas podéssem commetter, e, em consequencia, lhe mandou exercer com Murat a mais activa vigilancia.

Não tendo José e Murat nunca apparecido na loja ou nas sessões do Grande-Oriente, Cambacérès foi a unica cavilha mestra do imperador (2).

O primeiro cuidado do Gran-Mestre adjunto foi pôr termo ás divisões intestinas que despedaçavam a Maçoneria franceza. Esperava sem duvida governar com mais facilidade um só corpo que elementos isolados. Entre os differentes corpos directores d'esta instituição optou, por ordem do imperador, em favor do Grande-Oriente, ao qual quiz unir

(1) Bègue-Clavel.

(2) «O imperador não pôde deixar de rir-se quando eu lhe disse que o archi-chanceller mostrava nos banquetes maçonicos a mesma dignidade que no senado ou no conselho de Estado quando os presidia.» (Memorias de Constant. V. parte. c. XVII.

todos os dissidentes. Incapaz de formar um só todo de elementos tão hostis uns aos outros, foi constrangido a acceitar o titulo de chefe supremo de cada seita separada.

Tremendo pela sua existencia, os differentes ritos lhe conferiram a auctoridade suprema. Eis-aqui a lista dos diversos titulos com que o archi-chanceller foi successivamente decorado:

Primeiro Gran-Mestre do Grande-Oriente de França, a 27 de dezembro de 1805.

Supremo Gran-Mestre commendador do Supremo-Conselho para a França, 13 d'agosto de 1806.

Gran-Mestre honorario do rito de Heredom de Kilwinning, 1.º de dezembro de 1806.

Chefe supremo do rito francez, 23 de março de 1807.

Gran-Mestre da Ordem de Christo, 23 de janeiro de 1808.

Gran-Mestre nacional dos cavalleiros bemfeitores da cidade Santa, em Strasburgo, em junho de 1808; em Lyão, em março de 1809; e em Montpellier, em maio de 1809.

Protector dos altos graus philosophicos (alchimistas) em Avinhão em 1809.

Cambacérès era portanto o chefe apparente de toda a Maçoneria franceza; porque os outros systemas ou reconheciam a auctoridade do Grande-Oriente ou não tinham nenhuma importancia. Com uma mão sustentava as redeas; com a outra manejava uma terrivel ferula que conservava a disciplina, temperava o impeto dos ardentes e suspendia as hostilidades entre os diversos partidos. Comtudo o Grande-Oriente accusou-o secretamente de turpor e murmurou surdamente contra a predilecção que o Gran-Mestre parecia

mostrar para com o escocismo, em que encontrava uma especie d'aristocracia.

Forte com o apoio do imperador e orgulhoso com a nomeação de José para o Gran-Mestrado, o Grande-Oriente affectou mostrar o mais soberbo desprêzo para com a sua rival, a Grande-Loja escoceza; 886 lojas e 337 capitulos de Rosas-Cruzes reconheciam a sua auctoridade. A fim de sacudir toda a dependencia, elle supprimiu o Supremo Conselho e estabeleceu um Directorio dos Ritos. Pela sua parte a Grande-Loja escoceza trabalhava com ardor não só para paralisar as medidas do Grande-Oriente, mas tambem para ganhar terreno. Seus esforços não foram infructiferos, sobre tudo na Italia. O favor particular que lhe testemunhava Cambacérès lhe permittiu propagar-se rapidamente.

Vê-se por isso que o tractado de união assignado em 1799 entre as duas grandes auctoridades maçonicas não teve senão uma existencia ephemera.

O imperador, que se propunha fazer servir a Maçoneria para a execução dos seus vastos designios, tinha tido o cuidado de fazer nomear os seus partidarios mais dedicados para os logares das lojas, dos capitulos e do Grande-Oriente. Por isso a Maçoneria foi d'uma obsequiosidade visinha da adulação. Pareceu tomar parte assim em todos os triumphos como em todos os revezes de Napoleão. As suas sessões não consistiam senão na leitura dos beletins e em saudes em honra do immortal heroe. As senhas semestraes escolhidas pelo Grande-Oriente testemunham a maior sympathia pelo protector da Ordem: em 1800, *sciencia e paz*; em 1802 (depois das victorias de Marengo e Montebello) *unidade, bom exito*; em 1804 (imperio e coroação) *elevação, contentamento*; *elevação, reunião*; a batalha de Friedland

produziu as palavras *imperador, confiança*; a d'Austerlitz *Napoleão, confiança*; a suppressão do tribunado traz *fidelidade, fidelidade*; o matrimonio de Maria Luiza, *felicidade, imperatriz*; a sua gravidez *Napoleão, posteridade*; o nascimento do rei de Roma foi celebrado pelas palavras *nascimento, alegria*; a partida do exercito para a Russia por *victoria e volta*.

Apesar da affectação das lojas em exaltar o imperador, apesar de tantos protestos de fidelidade, Savari, ministro da policia (1810 a 1812), vigiava activamente as officinas e os capitulos da Ordem. Tendo adquirido a convicção de que a Maçoneria atraiçoava a causa de Napoleão, Savari quiz applicar ás reuniões dos Maçons o artigo 291 do codigo penal. O Grande-Oriente protestou contra esta accusação; mas o ministro mostrou-se inflexivel na sua resolução de fechar as lojas em todo o imperio. Foi necessario nada menos que a omnipotente intervenção de Cambacérès com o imperador para evitar este golpe mortal.

As apprehensões de Savari não parecem ter sido destituidas de fundamento. O imperio ou o poder absoluto é essencialmente antipatico ás lojas que não proclamam senão os principios de liberdade e egualdade ao menos politicos. Eis-aqui a confissão que a tal respeito faz Bazot: «*O Grande-Oriente*, pela sua propria constituição, é *democratico. E' o unico governo* que convém a uma sociedade da qual a liberdade e egualdade são as bases fundamentaes. *Um Gran-Mestre, ainda mesmo que seja do sangue real, não muda estas bases* (1).»

A Maçoneria raivava debaixo do jugo que era cons-

(1) *Codigo dos Franc-Maçons.*

trangida a soffrer. Por mais precauções de que se cercasse para escapar ás vistas investigadoras do imperador, não pôde impedir aos adeptos mais ardentes o atraiçoarem as suas secretas inspirações.

Nada eguala o embaraço dos escriptores maçons para explicarem a submissão tão estranha da Ordem. Eis-aqui o que diz o mesmo auctor: «O governo imperial serviu-se da sua omnipotencia, á qual tantas instituições e homens celebres cederam tão complacentemente, para dominar a Maçoneria. Ella não se aterrou nem revoltou; viu a intenção, *julgou os meios* e se deixou dominar como muitos outros. Que desejava ella com effeito? *alargar o seu poder*; deixou-se avassallar pelo despotismo *para se fazer soberana*; *e todo o mundo a abençoava quando a liberdade, amiga inseparavel de todo o cidadão, murmurava em silencio e em segredo. Era no seio da Maçoneria que se achava a pouca liberdade que restava nos grandes corações* (1).

Tomamos nota d'estas palavras de Bazot. A Maçoneria *julgou os meios*, e adquiriu a certeza de que estava fechada n'um circulo de ferro. Constrangida a morder o freio, não renunciou comtudo aos seus principios sobre a liberdade e egualdade; só *murmurava em silencio e em segredo* pela perda de seus privilegios politicos. Sabido isto, haverá exageração em suppôr que a irritação maçonica se traduziu d'uma fórma latente em conspirações subterraneas? Quando o coração está cheio d'um sentimento que o domina, não será natural que rompa n'uma explosão qualquer ou, pelo menos, que se allivie n'uma effusão consoladora? Ainda que debaixo da vista vigilante de Cambacérès e da policia,

(1) Codigo F. M. p. 183.

não tinha a Maçoneria mil meios de escapar á mais inquieta vigilancia? Debaixo da protecção do imperador, e na ausencia dos Argos imperiaes, os fieis experimentados não podiam ter reuniões, se não clandestinas, pelo menos supplementares, onde, sob a apparencia d'uma dedicação sem limites, se concertavam os meios de destruir as barreiras que se oppunham á expansão da liberdade maçonica?

Estas palavras de Bazot: «Que queria a Maçoneria? *estender* o seu imperio; ella se *deixou sujeitar pelo despotismo para se tornar soberana,*» prestam-se a serias reflexões. Que quer dizer Bazot por estas palavras? Em que podia consistir a extensão do *imperio* maçonico? Na annexação de maior numero de lojas? Evidentemente, não póde ser este o sentido dos termos do escriptor das lojas. O imperio de seres servis sobre seres servis não podia indemnisar a Maçoneria da perda da liberdade e egualdade politica. Se estas palavras teem alguma significação, não póde ser senão esta: esperando pelo momento em que fosse permittido ás lojas francezas ser verdadeiras lojas e sacudir o jugo do glorioso despota, multiplicavam-se debaixo da egide imperial, alliavam-se com as lojas d'outras nações e combinavam com estas os meios de reconquistar a influencia que tinham possuido em outro tempo, de *tornar-se soberanas*. Graças ao numero consideravel dos iniciados, e sobre tudo ao juramento prestado aos chefes das lojas, ella apressava o momento em que o colosso seria abatido para proclamar sobre o seu corpo palpitante a liberdade e egualdade politicas, a cuja aniquilação tinha subscripto hypocritamente, mas que não tinha riscado do seu programma.

Eckert é severo n'este ponto. Elle argue as lojas francezes de se terem entendido com as lojas allemães para

conspirarem a ruina de Napoleão, como em outro tempo as ultimas se tinham combinado com a Maçoneria franceza para introduzirem na Allemanha o elemento republicano.

Desde este momento, isto é, desde a creação do reino de Westphalia, a estrella do conquistador pareceu empallidecer. O olhar d'aguia que tinha feito a sua fortuna nos campos de batalha pareceu faltar-lhe de repente. Mal informado sobre a força e situação do inimigo, mal coadjuvado pelos seus generaes, muitas vezes surprehendido de improviso, reunindo mui difficultosamente os restos do seu exercito, privado do concurso de numerosos regimentos no momento decisivo, Napoleão parece ter perdido o genio militar. Esta asserção é tão verdadeira que, na sua *Historia do consulado e do imperio*, Thiers julga dever tratar *ex professo* a questão de saber se haveria no immortal heroe enfraquecimento das faculdades intellectuaes.

Não, o imperador não tinha degenerado; os seus planos foram sempre dignos do grande capitão; as suas tropas mostraram nos campos de batalha a mesma bravura e o mesmo enthusiasmo que antes.

Como pois se explicará a serie de revezes que o levaram até á abdicação? Caulnicourt acha o motivo no despertar do sentimento nacional d'Allemanha. E' verdade; mas esta reação por quem foi operada? que mão produziu e atiçou este fogo sagrado do amôr da patria no coração da Allemanha e particularmente da Prussia? Quem preparou e organisou a resistencia? Que alavanca secreta levantou toda a nação? Que odio armou o braço homicida de Sand (1)? Não ha duvida que foi a Maçoneria sob o nome

(1) «A historia do Sand, considerada unicamente debaixo do aspecto moral, é talvez a historia d'um povo que por um momento

de *Tugendbund*, como bem depressa provaremos. Ora, não o esqueçamos, ha solidariedade entre todas as lojas da *Ordem* cosmopolita. Aos seus olhos, as nacionalidades não são senão linhas imaginarias, traçadas e reconhecidas pelos prejuizos; de mais, as sympathias do maçon devem conformar-se cégamente com a direcção dos chefes supremos, e o seu proceder com as ordens que recebe de cima.

A multiplicidade das lojas foi fatal ao imperador porque serviam para occultar a reunião de todos os descon-

foi digno de servir de modêlo a todas as nações zelosas da sua independencia, d'essas nações energicas que aborrecem politicamente, mas que nunca assassinam.

«E' como historiadores frios e imparciaes e sem opinião politica, mas detestando os assassinos quaesquer que sejam, que aqui contamos o facto tristemente memoravel do estudante de Jena. Pertence ao nosso assumpto.

«Nascido em Weinseidel, no margraviato de Beyreuth, na Saxonia, Carlos Luiz Sand fez os seus primeiros estudos no gymnasio de Regensburgo, com o professor Klein, e depois foi para Tubingue e seguiu as lições do sabio Eschennemayer; estudava para ser ministro do Santo Evangelho (protestante) de que então o tornava digno o caracter o mais dôce e os costumes mais puros.

«Patriota ardente, partilhou o enthusiasmo da mocidade allemã e alistou-se sob as bandeiras da independencia. Fez com bravura as campanhas de 1813 e 1814, e tornou a pegar em armas depois da volta de Napoleão a França, em 1815.

«Voltando de novo para sua casa, seguiu o curso das celebres universidades d'Erlangen e de Jena. Sand julgava que a paz ia devolver á sua patria a liberdade incontestada de que tinha gozado durante a guerra contra a França, e que toda a Allemanha conheceria finalmente os beneficios e encantos d'esta liberdade. Vã esperança! A multa, a prisão ou o desterro puniam os escriptores animosos que levantavam a voz em favor do povo; e os homens dedicados ao poder, os folliculariоs assalariados, homens mais vis ainda, ultrajavam diariamente os direitos mais caros dos cidadãos e eram escandalosamente recompensados ao mesmo tempo com dinheiro, titulos e honras. Entre estes ultimos, tornava-se notavel Kotzebue. Uma certa celebridade litteraria que o tempo diminuiu singularmente e que antes de meio seculo será posta em questão; o partido que tomou contra as universidades allemães cujas ideias muito em harmonia com as instituições modernas, censurava amargamente; a approvação, indigna da nobre profissão das lettras, que deu ás medidas de rigor desenvolvidas pelo governo hanoveriano na occa-

tentes e porque, não obstante a mais activa vigilancia, se alimentavam alli as aspirações para uma Ordem mais maçonica, o reinado da liberdade. Na occasião das campanhas feitas nos differentes estados da Europa, e principalmente na Allemanha, os Maçons dos diversos regimentos apresentavam-se como irmãos nas reuniões das lojas estrangeiras e inimigas. Alli, discutiam-se na sua presença as questões que diziam respeito ao livramento do solo natal e ás medidas mais proprias para conseguir este fim. O juramento do mais

sião das desordens da universidade de Gœttingue, fizeram uma impressão tão profunda sobre Sand e seus condiscipulos, que estes jovens, membros d'uma sociedade renovada do implacavel *tribunal secreto* dos seculos XIII e XIV (o Tugendbund), juraram a sua morte, e deixaram ao acaso o cuidado de decidir qual seria aquelle que apunhalaria o jornalista estipendiado pelo *despotismo*; cahiu a Sand. Insensato como elles, acceitou esta horrivel missão, como se a causa da liberdade, que falla a todos os corações generosos, não achasse força para triumphar senão n'um punhal assassino. Sand partiu de Jena a 9 de março de 1819, vestido com o antigo trajo allemão, e chegou a Manheim a 23 do mesmo mez pela manhã; ao descer da carruagem gritou: *Viva Theutonia!* No mesmo dia, foi duas vezes a casa de Kotzebue, fazendo annunciar que era portador de cartas; á tarde, voltou ainda, e d'esta vez, ás 5 horas, foi admittido no gabinete do homem a quem devia immolar. Logo que Sand viu Kotzebue, sem remorsos, sem incertesa, arremeçou-se sobre elle e deu-lhe um golpe mortal. Quando aos gritos da victima accudiram, Sand se levantou, sahiu desviando com violencia todo aquelle que se oppunha á sua passagem, e chegou á praça publica. Alli ajoelhou-se; com uma mão levantou um papel, e com a outra sustentava um punhal. N'esta posição gritou com voz forte: *Assim morram todos os traiçoeiros, ó meus concidadãos! Estaes vingados! Eu sou o assassino!* Acabando de dizer estas palavras, deu em si muitas punhaladas, e disse á ultima: *Et consummastum est!* Desfalleceu. O papel tinha escriptas estas palavras: *Punhalada mortal em Augusto Kotzebue: a virtude está na união e na liberdade.*—Depois de ter padecido mais d'um anno Sand, que tinha sido condemnado á morte, foi decapitado; tinha de edade 23 annos.» (Bazot, *codigo dos Franc-Maçons*, p. 232—239).

O que nos espanta n'esta narração, não é tanto o crime atroz como o modo com que Bazot o conta aos seus leitores. Não se diria que o escriptor das lojas tomou a tarefa de attenuar todo o horror d'elle e de fazer do seu heroe um martyr da liberdade?

rigoroso segredo era para os Maçons allemães uma sufficiente garantia do silencio dos visitantes.

Quantas vezes o militar francez, aliás tão dedicado ao imperador, não ouviria discursos injuriosos para a gloria do glorioso capitão! Quantas vezes a sua fidelidade não seria abalada! Quantas vezes não se lhe imposeram deveres incompativeis com o juramento que prestou ás bandeiras! Lindner, em seu *Mac-Benac*, p. 19, o affirma afoutamente.

Assim formou-se brevemente em França, debaixo da aza protectora da Franc-Maçoneria, uma sociedade conspiradora, a dos *Adelphos* e dos *Philadelphos*. Formada e dirigida por Maçons, cuja habilidade era egual á audacia, ao principio não foi admittida nas lojas maçonicas.

Tendo provado a conjuração do general Malet a força das suas convicções e a sua audacia na acção, o *Grande-Firmamento* a aggregou formalmente á Ordem.

Mais tarde, durante a retirada que se seguiu á batalha de Leipzig, viram-se por muitas vezes os officiaes francezes reunir-se nas ilhas do Rheno com os officiaes allemães; todos eram conhecidos por Maçons. D'aqui á defecção apenas distava um passo (1).

Em grande numero das lojas dos departamentos, trabalhava-se abertamente contra o imperador; os commissarios imperiaes viram-se obrigados a fechar muitas d'ellas. Os Maçons francezes fraternisaram com os alliados a ponto de lhes prestarem os seus templos e assistirem ás suas reuniões. Isto teve logar entre outros em Chaumont (2).

O grande imperador que tinha carregado os seus ge-

(1) Eckert. *Magazin*. III cad. p. 61.
(2) Kloss. Historia da F. M. em França. T. II, p. 2.

neraes e marechaes de louros, que os tinha decorado com titulos pomposos e enchido de riquezas, o imperador ou foi atraiçoado ou abandonado pela maior parte dos officiaes superiores. Nunca talvez se visse tão grande homem esquecido tão depressa por aquelles a quem tinha associado á sua fortuna. Vergonha e infamia!

Na segunda invasão, a cidade de Paris rendeu-se, como em outro tempo á guarnição de Ulm. E comtudo duas horas de resistencia teriam bastado para permittir que Napoleão apparecesse diante da capital com o seu exercito!

Tinham-se tomado medidas para que a praça se podésse defender por muitas semanas! Uma guarnição numerosa e a massa da população estavam resolvidos a oppôr-se ás hordas estrangeiras! Mas nada se tentou para salvar a honra da França. Os delegados das duas camaras fizeram retrogradar as tropas, e os altos dignatarios da Ordem maçonica conferenciaram com o inimigo para venderem a Patria. O infame duque de Otranto, grande conservador da Grande-Loja Symbolica, pôz o remate a todas as suas traições, na qualidade de presidente da commissão do governo. Napoleão tinha previsto o resultado das negociações entaboladas com os alliados: «As instrucções dos plenipotenciarios, diz elle, são, segundo me certificaram, no sentido de minha dynastia. Se isto é verdade, é necessario escolher outros homens para a defender: Lafayette, Sebastiani, Pontécoulant e Benjamim-Constant conspiraram contra mim (1); são meus inimigos, e os inimigos do pae não serão nunca amigos do filho. Demais, as camaras não teem bas-

(1) Eram todos dignatarios maçons.

tante energia para ter uma vontade independente: obedecem a Fouché (1).»

Apenas os alliados tinham pisado o terreno francez, quando o Supremo Conselho se apressou a arrojar a mascara. No dia 4 d'abril de 1814, isto é, cinco dias depois da entrada dos inimigos em Paris, ordenou á todas as lojas e capitulos de sua obediencia que repudiassem todas as denominações que podessem recordar o regimen decahido. Os officiaes allemães que estavam revestidos de graus superiores foram convidados para o banquete dado para celebrar a volta dos Bourbons. Na festa solsticial do mesmo anno, o secretario geral de Beaumont-Bouillon propôz em honra de Luiz-o-Desejado um brinde dos mais aduladores.

Luiz XVIII não ignorava os serviços que a Franc-Maçoneria franceza tinha feito á sua causa. Por isso se apressou a condecorar Boettiers, salvador da Franc-Maçoneria na epocha do Terror, antigo representante particular do Gran-Mestre e então representante particular dos tres Grandes Conservadores. Os irmãos Choiseul-Stainville, Leger de Bresse e mais sette Maçons receberam a mesma distincção *em recompensa dos serviços por elles feitos á causa do rei no dia para sempre memoravel* 30 *de março*. Os Grandes Conservadores foram encarregados de irem em deputação junto de S. Magestade para lhe exprimirem a certeza do respeito e amor das lojas:

«Dizei a esse principe tão desejado como amado, eram estas as suas instrucções, dizei-lhe que os Maçons foram os

(1) Escolha de relações, opiniões e discursos. T. XXI, p. 418.

primeiros em celebrar nas suas reuniões o feliz dia em que elle foi restituido aos nossos votos (1).»

Voltando Napoleão da ilha d'Elba, as lojas não mostraram o mesmo afan em felicitar o heroe; as officinas e os capitulos fecharam-se; o sêllo do Grande-Oriente conservou-se sem emblema; o Grande-Oriente nem sequer celebrou a festa de S. João. «Mas quando a batalha do Waterloo consolidou o throno dos Bourbons, a suprema auctoridade da Maçoneria franceza ordenou ás lojas de sua obediencia se unissem a ella para manifestarem solemnemente a alegria que exprimentavam pela feliz volta de Luiz XVIII (2).»

Finalmente o busto do rei foi inaugurado na sala das sessões do Grande-Oriente. A maior parte das lojas francezas festejou a Restauração.

Qual é a razão d'esta predilecção dos Maçons francezes pela familia dos Bourbons? E' porque Luiz XVIII tinha promettido uma carta e porque acreditavam poder dominar facilmente este rei constitucional, em quanto que não tinham a menor confiança nos *Artigos addicionaes* de Napoleão.

Luiz XVIII devia as sympathias da Maçoneria ao odio das lojas ao absolutismo imperial e á promessa que tinha feito d'uma carta liberal. Os maçons francezes não se mostraram por muito tempo satisfeitos das concessões outorgadas; tomaram todas as medidas para chegarem gradualmente á conquista da mais ampla democracia. O rei, illudido ácerca das intenções dos liberaes arregimentados nas lojas ou governados por ellas, prestou-se benevolamente a

(1) Kloss. p. 14.
(2) *Ibidem.*, p. 15.

deslocar a maioria parlamentar, admittir os seus mais dedicados ministros e a fortificar o partido da opposição. Lafayette, o ministro de Cases, o general Foy, de Martignac, todos grandes dignatarios das lojas, exploraram esta fatal disposição do rei a ceder ás exigencias da Maçoneria. Luiz XVIII legou a seu irmão um throno vacillante, e a continuação dos erros do rei defuncto arrastou a quéda de Carlos X.

Dentro em pouco tempo formou-se em França uma sociedade secreta, cujas relações com a Maçoneria são incontestaveis. Julgamos dever pôr o leitor ao facto d'ella. Esta sociedade intitulava-se

Carbonaria.

Como a Maçoneria, a Carbonaria era primitivamente uma sociedade de carvoeiros, destinada a unir os interesses materiaes dos membros que faziam parte d'ella. Estava espalhada pela Allemanha, pelos Paizes-Baixos, pelas montanhas de Italia, de Hespanha e de França. N'este ultimo paiz, intitulava-se corporação dos *Carvoeiros*, dos *Rachadores* ou dos *Enfeixadores de lenha*. Os *Rachadores* francezes degeneraram em uma sociedade politica em que ao principio só havia os dous graus de aprendiz e mestre. Beauchaire, Gran-Mestre da Grande-Loja de França, era da Ordem dos Rachadores. Os escriptores Maçons confessam que o Grande-Oriente adoptou o ritual d'esta Ordem, cujas iniciações, symbolos, mysterios e doutrinas tinham grande similhança com as da Carbonaria posterior.

A Minerva de Napoles, assegura que, durante a revolução franceza, o governo d'este paiz se serviu em Genova

d'uma sociedade secreta que já então se intitulava *Carbonaria real*, para destruir o antigo regimen oligarchico d'esta cidade, e d'esta fórma promover a reunião de Genova á França. Parece até que a maior parte dos membros dos parlamentos francezes pertenceram á Ordem dos Rachadores.

Seja qual fôr a origem da Carbonaria, parece fóra de toda a duvida que esta sociedade foi temporariamente um instrumento nas mãos da Maçoneria. A similhança dos symbolos, o decreto do Grande-Firmamento que incorporou á Maçoneria os graus intermediarios da Carbonaria, os privilegios concedidos por esta ultima aos Maçons, mostram com toda a evidencia que se não havia solidariedade, pelo menos havia affinidade entre as duas sociedades.

Quando em 1797 os francezes entraram na Italia, tiveram cuidado de multiplicar o numero das Lojas. Instituiu-se em Napoles um Grande-Oriente e foi eleito Gran-Mestre um general francez. Em 1805 inaugurou-se o Grande-Oriente de Milão; introduziram-se-lhe os 33 graus da Maçoneria franceza, e o principe Eugenio foi investido do Gran-Mestrado de todas as lojas de Italia.

Apenas a Maçoneria alli se tinha estabelecido solidamente, viram-se apparecer ao seu lado sociedades d'acção como na Allemanha e na França.

Wit Doering (1) não nos deixa duvida a este respeito. «A fallar a verdade, diz elle, a Carbonaria descende da Maçoneria. Logo que Napoleão subiu ao poder, aniquilou a Maçoneria que julgava perigosa, fazendo d'esta socie-

(1) *Fragmentos extrahidos da historia da minha vida e da minha epocha*. T. 1, p. 41. Deve recordar-se que Wit foi um alto dignatario maçon e carbonario.

dade uma especie de auxiliar da policia. Então reuniram-se os Maçons que eram mais affectos á republica e formaram nas mesmas lojas uma sociedade mais estreita. Besançon foi a séde principal d'estes Maçons; d'estes Carbonarios e d'estes irmãos Philadelfos.

Já havia algum tempo que se tinha formado em França um systema chamado *Palladium* ou dos *Adelfos*, que reivindicava em seu favor a mais remota antiguidade (1). Em 1780 a sociedade dos Philadelfos foi estabelecida para o mesmo fim em Narbona.

Desde o momento em que Napoleão empolgou as rédeas do estado, os conjurados julgaram prudente estabelecer longe da capital o centro das suas operações. Escolheu-se portanto a cidade de Besançon por se prestar melhor aos fins da conjuração. Pondo de parte o nome de Franc-Maçoneria e mesmo dos dous systemas, os Adelfos e os Philadelfos adoptaram a denominação commum de *Sociedade da Regeneração Europea*, e o signal de reunião era C∴

Esta sociedade teve primeiro por chefe o general da brigada Oudet (com o nome de guerra de Philopoemen), o qual cedeu dentro em pouco o logar ao general Moreau (chamado Fabio). Depois do envenenamento d'este, Oudet tomou o titulo de procensor e Moreau espalhou o seu systema na Philadelphia. A resolução tomada por Moreau de pôr os seus talentos militares á disposição dos alliados (Dresda) explica-se desde então perfeitamente. Os revezes soffridos por Napoleão desde a desastrosa campanha da Russia talvez tenham aqui a sua explicação. De que modo

(1) Historia do fond. do Gr. Or. de França por Thory p. 206—214.

poderia elle conservar a victoria á sua aguia, logo que a Franc-Maçoneria agitava a Allemanha debaixo do nome de *Tugendbund* e uma grande parte dos seus officiaes estavam afiliados nas lojas dos Adelfos e dos Philadelfos?

Immediatamente depois da transformação em sociedade activa, o systema dos Adelfos e dos Philadelfos se espalhou pelo Piemonte e d'alli pelo centro da Italia. N'estes paizes tão addictos á religião catholica, os agentes não tinham para obrar sobre as massas populares os instrumentos que achavam facilmente nas lojas allemães e francezas. Alli os Maçons, quasi todos estrangeiros, eram pela maior parte suspeitos; eram até execrados por uma população cheia de fé, a sua qualidade d'agentes de Napoleão os tornava odiosos, e por tanto incapazes d'exercer grande influencia. Foi pois necessario usar de prudencia e empregar estratagemas. Para conseguir o fim tão ardentemente desejado, exploraram dous grandes meios, a doutrina catholica e o sentimento nacional. Da mesma sorte que na Allemanha a Maçoneria, sob o nome de Tugendbund, tinha escandecido as cabeças em nome do protestantismo e da unidade allemã, assim na Italia ella julgou dever fanatisar as populações em nome do catholicismo e da unidade italiana.

O melhor meio que a Maçoneria julgou poder empregar para este fim, foi a resurreição da antiga Carbonaria.

Não é inverosimil que o primeiro relatorio do ministro geral da policia Saliceti já alludisse á conspiração dos Carbonarios communicando a correspondencia de Salvador Bruni (1807); a carta da rainha Maria Carolina, dirigida no mesmo anno á associação do major Palmieri, serve além d'isto para confirmar esta supposição.

A Carbonaria foi propagada com as maiores precau-

ções em toda a Italia. Mas quando em 1809 rompeu a guerra contra a Austria, e a Italia ficou desguarnecida de tropas, os Carbonarios mostraram-se ás claras. A primeira e principal Vendita foi estabelecida em Capua em 1809; as instrucções e os cadernos eram escriptos em lingoa ingleza, porque, diz Wit, o governo de S. James, considerando a sociedade como um poderoso meio de obrar contra Napoleão, introduziu-a na Secilia e d'alli em Napoles. Lord William Bentink foi um dos mais ardentes Carbonarios d'esta epocha.

Em 1824, o duque de Modena publicou contra os Adelfos e os Philadelfos um decreto, no qual se dizia claramente que a sociedade intitulada Carbonaria não era senão um ramo da Franc-Maçoneria; que o Grande-Oriente não a tinha fundado senão para melhor encobrir o seu fim anti-christão e anti-social e para escapar ao rigor das leis. O duque só se enganava n'um ponto: a Carbonaria existia havia muito tempo independentemente da Franc-Maçoneria; mas esta tinha-lhe mudado o nome e as fórmas. Com effeito, a Carbonaria italiana não é senão a reproducção do systema dos Adelfos e dos Philadelfos, sob o nome commum da *Regeneração Europea*, implantando-se na Italia sob a antiga denominação da corporação dos Carbonarios.

Insistamos sobre este ponto: a Carbonaria não é senão a Franc-Maçoneria disfarçada. Acerellos, escriptor d'uma orthodoxia maçonica acima de toda a suspeita, confessa-o em termos formaes:

«Os Maçons e os Carbonarios, unidos pelos vinculos d'uma estreita amizade, não formavam, por assim dizer senão um só corpo (1).» «Quando um Maçon quer ser rece-

(1) Gleichwohl bildeten Maurer und Carbonari in aller Freundschaft gleichiem nur eineu Korper. *Die Freimaurerie in* ihren Zusammenhang, etc. T. III. p. 281.

bido no numero dos Bons-Primos (Carbonarismo), é dispensado das provas ordinarias; se recebeu um grau superior aos tres graus symbolicos, torna-se de repente mestre Carbonario e o seu nome é inscripto no livro d'ouro. Os seus graus são mencionados nos seus diplomas e certificados (1).»

Blumenhagen, escriptor maçon, a cuja opinião ninguem contestará um consideravel valor faz pesar sobre a Maçoneria a responsabilidade dos excessos praticados na Italia pela Carbonaria.

«Os Carbonarios, diz elle, traziam ostensivamente o punhal desembainhado, para d'elle se servirem contra os pretendidos inimigos da luz; em numero de 20,000 n'um só reino, forneceram 12,000 homens armados para executar o seu projecto. As sangrentas feridas da Secilia ainda não estão cicatrisadas; cidades inteiras desertas e os cadaveres dos cidadãos degollados depõem contra elles; todos os principes e todos os povos fitam um olhar inquieto n'elles e nos paizes em que ousam apparecer. *Só o seu nome deve recordar ao Maçon instruido a degeneração e as seitas da nossa sociedade.* Conservaram o carvão (carbone, de cujo nome vem carbonaria) e o deixaram chocar na obscuridade; depois, quando julgaram a occasião opportuna, fizeram romper a chamma. *O leão ferido, conduzido por uma corda, as duas columnas derribadas, unidas á cruz de Santo André, todos estes symbolos dos graus escocezes, tinham uma significação identica;* não eram se não hieroglyphos maçonicos, entre os quaes não é difficil reconhecer

(1) Ibidem p. 280.

um vinculo de parentesco e uma grande similhança de expressão. Não é o bastardo filho? O filho desnaturado não desperta tambem a dôr paterna? Sim, lastimemos os *irmãos* desvairados; com o coração cheio de tristeza e d'angustias sigamos com a vista estes filhos da *mesma mãe* immaculada, seguindo as pisadas dos bandidos, e perdendo-se no selvagismo da paixão ou no isolamento d'um egoismo desenfreado. O Senhor do mundo, que faz tornarem-se os desvarios e as faltas dos homens em bençãos e beneficios, não retirará a sua mão omnipotente da sua creatura muito amada. Quanto a nós, obremos com tanta prudencia como energia; seguremos o bem das almas; protejamos, quanto podermos, a nossa boa mãe, a Maçoneria, cujas feridas feitas por filhos desnaturados estão ainda sangrando.

«Atrever-nos-hiamos a censurar os governos e os principes por se tornarem mais circumspectos, mais vigilantes em consequencia da experiencia que adquiriram? Atrever-nos-hiamos a censural-os por fazerem expiar á mãe os crimes de seus *indignos* filhos e por apagar um facho que homens ebrios e furiosos converteram em tocha incendiaria? Longe de mim o ter a pretenção de ser um novo Jeremias predizendo e cantando a ruina da orgulhosa Jerusalem! Mas a inquietação e anciedade devem affligir o coração de todo o verdadeiro Maçon vendo que em logar dos remedios dôces e insensiveis com que deveriamos combater os males da humanidade, se recorre a incisões violentas e temerarias feitas por mãos inexperientes, onde o que é são é cortado com o que está doente, e depois das quaes os infelizes estropiados e os cadaveres proclamam altamente a ignorancia dos empiricos!

«E' um dever e uma obrigação gravissima para todos

os bons Maçons o oppôrem-se a degeneração e, com esforços reiterados, escorar as columnas abaladas do nosso augusto templo. Vendo filhos mais dignos e de melhor vida, é necessario que o governo reconheça que os outros eram bastardos, corsarios que se entregavam á pilhagem a coberto d'uma bandeira de paz que tinham roubado (1)».

Por tanto, não resta duvida: a carbonaria é um monstro engendrado pela Maçoneria; os seus roubos, os seus assassinatos, que Blumenhagen não dissimula por fórma alguma, são imputaveis até certo ponto a sua mãe. De boa vontade admittimos com o veneravel Blumenhagen que a Carbonaria não é mais que um filho bastardo da Maçoneria. Mas insistimos n'esta consideração, que os principios maçonicos podem ter, sem se saber e contra a vontade talvez da instituição, preparado os horriveis excessos praticados pelos Carbonarios.

Debalde os escriptores maçons objectarão que se não póde julgar d'uma cousa pelos abusos que d'ella se fazem. Responderemos primeiro com Blumenhagen: «O abuso fica sendo abuso; o desvario fica desvario; o perjurio fica perjurio.» Perguntaremos depois como, não obstante a enorme differença que se quer estabelecer entre estas duas sociedades secretas, os Maçons e os Carbonarios teem vivido n'uma inviolavel amizade como Acerellos confessa. Finalmente a similhança que existe não sómente entre os principios politicos e sociaes das duas instituições, mas tambem entre os seus rituaes, estabelece uma verdadeira solidariedade entre os dous systemas.

A unica differença que existe, é que a Carbonaria se

(1) Blumenbagen. *Confissão politica: Revista maçonica*, manuscriptos para os irmãos, 1828. p. 320.

apoia, pelo menos na apparencia, nos dogmas religiosos do christianismo, em quanto que a Maçoneria regeita a revelação. Nos dous graus de aprendiz e de mestre *bom-primo*; não ha senão allusões á paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, que é tambem um mestre bom-primo. As saudes são alli feitas 1.º ao Creador do Universo; 2.º ao Christo seu enviado sobre a terra, *para n'ella estabclecer a philosophia, a liberdade e egualdade*; 3.º aos seus Apostolos e Prégadores; 4.º a S. Tibaldo (Thibaut), fundador dos Carbonarios (1); 5.º a Francisco I, seu protector, e exterminador dos nossos antigos oppressores; 6.º á queda eterna de todas as tyrannias; 7.º ao estabelecimento d'uma liberdade sabia e sem fim, sobre a ruina eterna dos inimigos dos povos.

Publicamos no *Appendice* o ritual carbonario para o grau de Grande Eleito ou Gran-Mestre. Por esta leitura se verá como tudo está calculado para explorar a fé dos italianos.

Esta exploração da crença religiosa d'uma nação não é bastante para absolver a Maçoneria e para não fazer remontar até ella os crimes dos Carbonarios. Tortuosa e flexivel, a Maçoneria presta-se a todas as exigencias, com a condição de que comsiga o seu fim, se não inteiramente pelo menos em parte. Ella não ignora que offendendo abertamente o catholicismo italiano, se tornaria odiosa a todas as povoa-

(1) Não se comprehende a proposito de que é considerado S. Thibaut pelos Carbonarios seu fundador. S. Thibaut foi, com effeito, um solitario, que vivia na sua ermida no meio das mais rudes austeridades. E' verdade, comtudo, que a sua renuncia a uma brilhante posição social e o seu desprêzo das riquezas pódem servir de typo a uma sociedade que tende radicalmente ao communismo.— De resto, adoptando S. João Baptista e S. João Evangelista por padroeiros da sua Ordem, os Maçons deistas são inconsequentes como os Carbonarios. Reservam-se certamente para rectificar as falsas interpretações nas explicações esotericas.

ções de Italia. Desde então, restringe o seu fim geral; não podendo obter a totalidade, contentou-se com parte. Em consequencia, deixou aos italianos o gozo d'uma religião que lhes era cara; fez até servir este sentimento invencivel para conseguir mais seguramente um fim politico que não é outro que a *republicanisação* de Italia sob a fórma preliminar de *unidade italiana.* Wit nos diz além d'isto que nos graus superiores da Carbonaria italiana a impiedade larga a mascara: «Nos tres primeiros graus, diz elle, ainda se faz menção de moral, de christianismo e d'Egreja catholica; os candidatos, na sua boa fé, imaginam servir uma causa nobre e santa; julgam que se não trata se não de concluir uma alliança entre os homens da mesma opinião politica e religiosa, com o fim de alcançar a independencia e unidade da patria desmembrada e de trabalhar no progresso da moralidade e da religião. Por isso n'estes graus apparecem homens eminentes; e eu ainda possuo a cruz sobre a qual o actual rei de Napoles, então *alter ego* de seu pae, prestou seu juramento, na occasião de receber o segundo grau da Carbonaria. Mas desde o quarto grau, tudo muda. Jura-se n'elles trabalhar na ruina dos monarchas e particularmente dos Bourbons. O quinto e sexto graus são tirados do *rito* de *Mizraim,* que tem muitos pontos de contacto com a seita allemã intitulada dos *Resuscitados.* Porém só no septimo grau, o qual não é, de resto, recebido se não por um pequeno numero, se obtém a chave de tudo; não é se não no *Principi Summo Patriarcho* que o véo cahe diante do Santo dos Santos. Então se conhece que o fim da Carbonaria é o mesmo que o dos Illuminados. Este grau, em que o iniciado se chama ao mesmo tempo principe e bispo, se confunde com o de *Homo Rex* dos adeptos de Weishaupt. O can-

didato n'elle jura a ruina de toda a religião positiva e de toda a fórma de governo; aos seus olhos o mais absoluto despotismo e a democracia são uma e a mesma cousa. Para executar o plano, todos os meios lhe são permittidos: o assassinato, o veneno, e o perjurio. O *Summo Maestro* ri-se do zêlo da massa dos Carbonarios que se immola pela independencia e liberdade italiana; para elle tudo isto não é o fim, mas sim um meio (1).»

Quando chegar a occasião opportuna, conseguirá destruir egualmente a religião catholica. A marcha seguida pela Maçoneria nas provincias meridionaes da Europa não é nova. Como chegou ella a illudir a aristocracia e parte do clero durante a segunda metade do ultimo seculo, senão affectando hypocritamente um affecto sincero á antiga nobreza e á religião catholica? A historia de sobejo nos tem ensinado que credito se póde dar a estes protestos.

Os crimes, as expoliações e os assassinatos politicos de que se tornou culpada a Carbonaria são tão conhecidos, que julgamos poder abster-nos de fallar d'isso ao leitor.

«Durante o estio de 1815, diz Wit, onze chefes carbonarios reuniram-se em Capua e resolveram mandar a Paris dous dos seus mais dintinctos e ardentes membros, para discutir com o Grande-Firmamento a questão de saber se seria vantajoso estabelecer em Paris a direcção de toda a Carbonaria, pela razão de que esta capital se achava em frequente contacto com toda a Europa e porque encontravam alli os *membros mais eminentes*, assim como maiores recursos pecuniarios. Para este fim foram eleitos como deputados o duque de Garatula, siciliano, e Carlos Chiricone Cler-

(1) *Fragmentos, extrahidos da historia da minha vida e da minha epocha*, pp. 32, 33 e 44.

kon, napolitano, filho do duque de Fra Marino, mordomo do rei (1).» A proposta foi acceita; estabeleceu-se em Paris um directorio da Carbonaria que propunha os seus projectos á approvação do Grande-Firmamento ou recebia as suas Ordens.

Em 1820, contavam-se na Italia 600,000 Carbonarios! A revolução de Napoles foi obra d'elles. As casas reinantes, tendo-se deixado seduzir por demonstrações d'uma apparente dedicação, cahiram no laço. A rainha Carolina, da casa d'Austria, depois de ter protegido a Maçoneria, foi vergonhosamente atraiçoada; recorreu aos Carbonarios que quizeram fazer d'ella seu instrumento. Machellus, maçon dos altos graus, succedeu a Saliceti nas funcções de ministro da policia; correspondeu á confiança de Murat impellindo para as lojas dos carbonarios a nobreza, os militares e o clero. O principe de Carignan, Carlos Alberto, julgou dever sacrificar á moda fazendo-se iniciar n'esta abominavel seita. Subindo ao throno, não se pôde mostrar consequente com os seus juramentos. Sabe-se como teve de deplorar a cegueira da sua mocidade.

A Maçoneria, vendo os progressos feitos pela sua filha, a Carbonaria, nas provincias meridionaes, julgou chegado o momento de aclimatar em França esta planta exotica.

Eis-aqui em que termos Luiz Blanc nos dá a conhecer a introducção da Carbonaria em França. Uma cousa nos surprehende na sua narração, e vem a ser que não data a existencia da Carbonaria n'este paiz senão do anno de 1821, quando já alli estava arreigada havia muito tempo, primeiro

(1) Wit, I. cp. 24.

com o nome de *Regeneração europea* (Adelfos e Philadelfos), e depois com o seu verdadeiro nome.

Eis-aqui o que elle diz:

«No 1.º de maio de 1821, tres mancebos, MM. Bazard, Flotard e Buchez, estavam assentados diante de uma mesa redonda, na rua Copeau. Foi das meditações d'estes tres homens desconhecidos, e n'este bairro, um dos mais pobres da capital, que nasceu esta Carbonaria (Carbonarismo) que, alguns mezes depois, abrasava a França.

«As desordens de junho de 1820 tinham tido como remate a conspiração militar de 19 d'agosto, conspiração suffocada na propria vespera do combate. O golpe descarregado sobre os conspiradores tinha echoado na *Loja dos amigos da verdade*, cujos principaes membros se dispersaram. MM. Joubert e Dugied partiram para a Italia. Napoles estava em plena insurreição. Os dous jovens francezes offereceram os seus serviços, e só á protecção de cinco membros do governo napolitano é que deveram a honra de jogar a sua cabeça n'esta empreza. Sabe-se de que maneira abortou esta revolução, e com que triste rapidez o exercito austriaco desmentiu as brilhantes predicções do general Foy. Rugied voltou a Paris, trazendo debaixo do vestido a fita tricolor, insignia do grau que tinha recebido na Carbonaria italiana. M. Flotard soube de seu amigo os pormenores d'esta iniciação em práticas até então desconhecidas em França. *Fallou d'ella ao conselho maçonico dos Amigos da verdade, e os sete membros de que se compunha o Conselho resolveram fundar a Carbonaria franceza, depois de* terem jurado um ao outro guardar inviolavel este temivel segredo. MM. Limperani e Dugied foram encarregados de traduzir o' regulamentos que este ultimo tinha trazido da sua via–

gem. Eram maravilhosamente appropriados ao caracter italiano, mas pouco proprios para serem em França um codigo para uso dos conspiradores. O pensamento que exprimiam era essencialmente religioso, até mesmo mystico. *Os Carbonarios não eram considerados senão como a parte militante da Franc-Maçoneria, senão como um exercito dedicado ao Christo,* O PATRIOTA POR EXCELLENCIA. Tiveram de pensar em modificações; e MM. Buchez, Bazard e Flotard foram escolhidos para preparar as bases d'uma organisação mais sabia.

«O pensamento dominante da associação nada tinha de preciso e determinado: os *considerandos,* taes como MM. Buchez, Bazard e Flotard os redigiram, reduzem-se a isto: Attendendo a que a força não é direito, e que os Bourbons foram restaurados pelos estrangeiros, os Carbonarios associam-se para restituir á nação franceza o livre exercicio do direito que tem de escolher o governo que lhe convier. Isto era o mesmo que decretar a soberania nacional sem a definir. Porém quanto mais vaga era a formula, tanto melhor correspondia á diversidade do odio e dos resentimentos.

Ia-se portanto conspirar n'uma escala immensa, com immenso ardor, e isto sem idéa do futuro, sem estudos preliminares, á vontade de todas as paixões caprichosas!

«Resolveu-se que ao redor d'uma associação-mãe, intitulada a *alta venda,* se formassem, sob o nome de *vendas centraes,* outras associações, abaixo das quaes obrassem as *vendas particulares.* O numero dos membros foi fixado em 20 por associação, para fugir ao codigo penal. A *alta venda* foi originariamente composta dos sete fundadores da Carbonaria: Bazard, Flotard, Buchez, Dugied, Carriol, Joubert e Limperani. Ella mesma se recrutava.

«Para formar as *vendas centraes*, adoptou-se o modo seguinte: dous membros da *alta venda* uniam a si um terceiro sem lhe darem a conhecer sua qualidade, e nomeavam-no *presidente* da venda futura, tomando elles mesmos, um titulo de *deputado*, o outro o de *censor*. A missão do deputado era corresponder-se com a associação superior, e a do censor inspeccionar a marcha da associação secundaria. A *alta venda* tornava-se, por este meio, como o cerebro de cada uma das *vendas* que creava, conservando-se, para com ellas, senhora do seu segredo e dos seus actos.

«As *vendas particulares* não eram senão uma subdivisão administrativa, tendo por fim evitar a complicação que os progressos da Carbonaria poderiam causar nas relações entre a *alta venda* e os deputados das *vendas centraes*. De resto, assim como estas procediam da sociedade-mãe, da mesma maneira as sociedades inferiores procediam das sociedades secundarias. Havia n'estas combinações uma admiravel elasticidade. Em pouco tempo as vendas multiplicaram-se infinitamente.

«Tinha-se previsto a impossibilidade de frustrar completamente os esforços da policia: para diminuir a importancia d'elles, accordou-se que as vendas obrariam em commum, sem comtudo se conhecerem umas ás outras, e de maneira que a policia não podésse, senão penetrando na *alta venda*, apoderar-se do todo da organisação. Por conseguinte foi prohibido a todo o carbonario pertencente a uma *venda* o procurar introduzir-se n'outra. Esta prohibição era sanccionada pela pena de morte.

«Os fundadores da Carbonaria tinham contado com o apoio das tropas. D'aqui a organisação dupla dada á Carbonaria. Cada *venda* foi sujeita a uma gerarchia militar, paral-

lela á gerarchia civil. Ao lado da *Carbonaria* da *alta venda*, das *vendas centraes*, das *vendas particulares*, houve a *legião*, as *cohortes*, as *centurias*, os *manipulos*. Quando a Carbonaria obrava civilmente, a gerarchia militar era como se não existisse; quando pelo contrario obrava militarmente, a gerarchia civil desapparecia. Independentemente da força que resultava do jogo d'estes dous poderes e do seu alternativo governo, havia nas denominações, que elles necessitavam, um meio de fazer perder á policia a pista da conspiração.

«Os deveres do carbonario eram uma espingarda e cincoenta cartuxos, e estar prompto a sacrificar-se, e obedecer cégamente ás ordens dos chefes desconhecidos.

«Constituida por esta fórma, a Carbonaria espalhou-se dentro em pouco tempo por todos os bairros da capital. Invadiu todas as escholas. Não sei que fogo penetrante circulou pelas veias da mocidade. Os membros de cada *venda* reconheciam-se por signaes particulares, e passavam-se revistas mysteriosas. Foram encarregados inspectores em muitas *vendas*, de vigiar que ninguem deixasse de ter cartuxos e uma espingarda. Os afiliados exercitavam-se em sua casa no manejo das armas; por mais d'uma vez se fez exercicio sobre um soalho coberto de palha E em quanto que se estendia esta singular conspiração, protegida por uma discrição sem exemplo, e atando em volta da sociedade milhares de insensiveis laços, o governo dormia á sombra!

«Os fundadores da Carbonaria, como já vimos, eram mancebos obscuros, sem posição official, sem influencia reconhecida. Quando se tratou entre elles d'augmentar a sua obra e de lançar sobre toda a França a rêde com que tinham envolvido todo Paris, se recolheram e desconfiaram

de si mesmos. *Existia então uma junta parlamentar da qual* M. de Lafayette fazia parte. Ligado intimamente com o general, Bazard pediu um dia aos seus amigos auctorisação para lhe confiar o segredo dos seus esforços. Não faltaram objecções: porque esta confidencia que o caracter facil de Lafayette enchia de inconvenientes e de perigos? Se elle consentisse em entrar na Carbonaria, e em dar como todos, a cabeça como abono, embora!... Lafayette, avisado, não hesitou, entrou na *alta venda*, e entre os seus collegas da Camara, os mais atrevidos seguiram-o. Os directores da Carbonaria enganavam-se, se julgavam esta adjuncção indispensavel. Os Carbonarios, *tendo sempre ignorado d'onde partia o impulso que lhes era dado, nunca tinham julgado obedecer senão a estas mesmas notabilidades liberaes, tardiamente chamadas á partilha d'um tenebroso poder.* A presença effectiva d'estas altas personagens na *alta venda* não ajuntava nada ao effeito moral que até então tinha produzido a sua presença supposta. Quanto ao alcance do que poderiam e ousariam, era o segredo do futuro.

«Seja como fôr, a sua intervenção foi desde logo util aos progressos da Carbonaria pelas relações que mantiveram com as provincias. Munidos de cartas de recommendação, muitos mancebos foram aos departamentos organisar a Carbonaria. M. Flotard foi mandado para o Oeste, M. Dugied partiu para a Bourgonha, M. Rouen Senior, para a Bretanha, M. Joubert, para a Alsacia. Considerada nas suas relações com os departamentos, a *alta venda* de Paris recebeu o nome de *venda suprema* e a Carbonaria foi organisada por toda a parte como já o estava na capital. O attractivo foi geral, irresistivel; em quasi toda a superficie da França, houveram tramas e conspiradores.

«As cousas chegaram a ponto que, nos ultimos dias do anno de 1821, tudo estava prompto para um levantamento, na Rochella, em Poitiers, em Niort, em Colmar, em Neuf-Brisach, em Nantes, em Béfort, em Bordeus e em Tolosa. Tinham-se creado *vendas* em grande numero de regimentos, e as mesmas mudanças de guarnição eram, para a Carbonaria, um meio rapido de propaganda. O presidente da *venda* militar, obrigado a abandonar uma cidade, recebia a metade de uma moeda de metal, cuja outra metade era mandada, á cidade para onde hia o regimento, a um membro da *alta venda* ou de *venda central*. Graças a este modo de communicação e de reconhecimento, que não podia ser descoberto pela policia, os soldados, admittidos na Carbonaria, tornavam-se seus agentes viajantes, e levavam, por assim dizer, a conspiração nas patronas.

«Entretanto a hora de rebentar a revolução era chegada: ao menos assim o pensavam. Tendo-se o pessoal da *venda suprema* augmentado mais do que convinha, creou-se alli uma *junta d'acção* especialmente encarregada de todos os preparativos do combate, mas foi-lhe prohibido o tomar sem consentimento da *venda suprema*, uma resolução definitiva. Esta junta desenvolveu uma actividade extraordinaria. Trinta e seis mancebos receberam ordem de partir para Befort, onde devia ser dado o signal da insurreição. Partiram sem hesitação, ainda que convencidos de que caminhavam para a morte (1).»

Todas as insurreições que ensanguentaram a França n'aquella epocha tiveram por auctor a Franc-Maçoneria debaixo do nome de Carbonaria, de Joven França ou de Joven

(1) **Historia de 10 annos.**

Europa. Quanto a estas ultimas denominações, não foram, como a Carbonaria e o Tugenbund, senão formulas novas para encobrir suas conspirações subterraneas; o fim de cada uma d'estas sociedades particulares não era senão a applicação immediata e local dos principios geraes da Ordem maçonica. Se alguem duvidasse seria bastante pôr á vista do leitor os estatutos de cada uma d'estas sociedades. A Maçoneria não se atreveria a negar uma linha sob pena de inconsequente ou sem se expôr a ser convencida de impostura. Em todas estas associações se reconhece o sêllo e a mão da Maçoneria. Em todas ha o cuidado de estipular privilegios em favor dos Maçons, dispensando-os das provas ordinarias, tão profunda é a convicção dos conspiradores de que se presta a todos os planos subversivos da Ordem politica e social.

Qual será a razão porque a Franc-Maçoneria adopta ou faz adoptar nomes particulares para cada sociedade? Não é difficil comprehender a razão d'este procedimento. E' para não comprometter o seu nome. Se os conjurados se sahem bem, ella tira em segredo todo o proveito e reivindica as honras do triumpho. No caso d'um revez, tem o recurso de desapprovar a empreza abortada e de declinar toda a responsabilidade; sempre deplorando secretamente a imprudencia de seus filhos, é a primeira a censurar altamente os seus projectos. Se a cumplicidade de qualquer irmão das lojas é provada juridicamente, ella repudia este membro isolado, pretendendo que não é responsavel pelas suas loucuras; chama-lhe um filho perdido, um traidor á Ordem, e um perjuro. Outra vantagem que a Maçoneria acha fundando as sociedades particulares consiste em que ella póde mais facilmente frustrar a vigilancia da policia.

Luiz Philippe, grande dignatario das lojas, recebeu a successão. Logo que subiu ao throno, quiz romper com aquelles que lhe tinham dado a corôa. Os Maçons, sob o nome de liberaes, fizeram-lhe expiar cruelmente a sua velleidade de independencia. O seu reino offereceu o espectaculo incessante de attentados e insurreições populares. Todos os seus ministerios, successivamente compostos das notabilidades maçonicas, empeceram a execução dos seus projectos. Abandonado e atraiçoado por aquelles mesmos que o tinham elevado á realeza, viu-se obrigado a abdicar e a refugiar-se n'uma terra estrangeira.

Allemanha.—Tugendbund.

O *Tugendbund* foi na Prussia o que os Adelfos e os Philadelfos e, depois, os Carbonarios, tinham sido em França; uma sociedade maçonica que applicou á Allemanha os principios geraes da Maçoneria debaixo de uma denominação essencialmente moral (*Associação da virtude*); propôz-se regenerar a Allemanha retemperando-a nos principios de liberdade, egualdade e fraternidade das lojas.

As circumstancias eram das mais favoraveis para a execução d'este projecto. N'essa occasião, a Allemanha, humilhada por numerosas derrotas, não tinha uma autonomia real; debaixo da mão de Napoleão, via-se obrigada a derramar o sangue de seus filhos por uma causa que aborrecia. Os Maçons allemães julgaram que as circumstancias eram propicias para promoverem a quéda do dominador estrangeiro, para chegarem depois á inoculação dos principios maçonicos na sua patria. Com este fim instituio o Tugendbund. Em nome da patria opprimida, chegou-se a fanatisar a mo-

cidade universitaria e communicou-se a toda a população um enthusiasmo de que raras vezes apparece exemplo na historia dos povos. Todos os militares, com Blucher á sua frente, se afiliaram na nova sociedade; todos os estudantes, seduzidos e fascinados pelo professor Fichte, famoso orador das lojas, se alistaram sob a bandeira da independencia nacional. Velhos, de cabellos brancos, aos quaes mal restava a força necessaria para manejar a espingarda e a quem nem sequer se não julgara dever vestir o uniforme militar, seguiram o exemplo dos jovens. O corpo de Bullow que decidiu o exito da batalha de Waterloo era composto de um conjuncto de soldados imberbes ou decrepitos que teriam dado motivo para o ridiculo se o fogo sagrado do amor da patria não tivesse direito á admiração.

Quem tinha excitado este fanatismo repentino? A sociedade do *Tugendbund*, ou melhor a Franc-Maçoneria. Queremos provar esta these, menos para censurar o enthusiasmo patriotico do povo allemão, que para provar o poder da Maçoneria sobre o espirito publico e a sagacidade com que sabe preverter as melhores instituições patrioticas.

O mais activo agente, o protector mais poderoso das associações secretas da Allemanha foi, sem contradicção, o barão de Stein, ministro do interior em Berlin. O seu sonho doirado era o desapparecimento das nacionalidades particulares para lhes substituir uma Allemanha *grande e uma*. N'este projecto descobre-se uma perfeita identidade com o fim dos Carbonarios, dos Maçons allemães e de todos os agitadores contemporaneos na peninsula italiana. Suspeito de ter idéas muito liberaes, cahiu no desagrado; porém graças á *intervenção de Napoleão*, foi reintegrado no seu cargo.

A Franc-Maçoneria tinha-se tornado inimiga do imperador, e Stein resolveu organisar sociedades secretas para apressar a queda do conquistador (1807). A pedido do seu ministro, o rei da Prussia consentiu no estabelecimento do Tugendbund, cujos estatutos não manifestavam na apparencia senão o patriotismo mais puro e dedicado. No principio o acaso serviu mal o ministro Stein: um dos seus afiliados, portador d'uma carta para o principe de Wittgenstein, cahiu em poder da policia franceza. Napoleão publicou este documento singular, pelo qual consta que «até na Hesse e na Westphalia, se tinham organisado contra Napoleão sociedades secretas, principalmente o Tugendbund, e estavam em relação com Stein (1).» Em consequencia d'esta revelação, o ministro prussiano foi demittido e o Tugendbund dissolvido. Comtudo, depois de ter offerecido os seus serviços ao imperador Alexandre, Stein reentrou mais tarde nas suas funcções e resuscitou o Tugendbund.

Esta sociedade, sendo toda moral e *scientifica* na apparencia, encerrava em si duas associações mais restrictas com graus secretos d'uma audacia sempre em augmento: a intitulada *Mannerbumd* que mandava a uma segunda chamada *Junglingsbund* (2). Estas duas cathegorias mais intimas seguiam o impulso da sociedade chamada *Greisen* ou *Volkommenheitsbund* (Sociedade dos velhos ou da perfeição), isto é, recebiam as ordens, das auctoridades supremas da Maçoneria.

Quanto a este ultimo ponto, os escriptores das lojas

(1) V. De Hense: *Frederico Guilherme e sua epocha*, p. 129 e seguintes.

(2) *Mannerbund*, sociedade dos homens. *Juglingsbund*, sociedade dos mancebos.

allemães estão longe de repudiar a paternidade de Tugendbund (1).

Comtudo a expulsão do conquistador estrangeiro não era mais que um fim secundario destinado a illudir o governo e os homens credulos. A Maçoneria allemã tinha primeiro concedido todas as suas sympathias a Napoleão, com a esperança de que uma vez creada uma monarchia europea, seria facil substituir-lhe insensivelmente, ou pela violencia, uma republica democratica. Enganada nas suas esperanças, viu-se constrangida a limitar os seus votos á erecção d'uma Allemanha *uma* fazendo desapparecer os nacionalidades distinctas e a esperar ou provocar acontecimentos que permittisem inaugurar o regimen republicano na commum patria allemã (2).

Apesar da sua dissolução, o Tugendbund continuou a subsistir. Eis-aqui em que termos Schmaltz o caracterisa:

D'esta associação sahem todos os discursos ultrajantes enderaçados aos governos estrangeiros e todas as declamações insensatas sobre a reunião de toda a Allemanha com um systema representativo. Os governos d'Allemanha não são mais poupados que os de França.»

Os principaes chefes do Tugendbund foram o ministro

(1) N'uma brochura intitulada: *Franc-Maçoneria e a sua situação actual; ou defeza da Ordem contra os ataques do advogado Eckert*, leem-se estas palavras explicitas: «Sabe-se de que modo a Maçoneria trabalhou para reanimar o patriotismo no coração dos Prussianos, sobre tudo sob o jugo francez; não se tem esquecido que foi *ás lojas que se deveu o nascimento da maior parte das associações que mais ou menos contribuiram para restabelecer as nações abatidas.*» Leipzig. 1852.

(2) V. as tres publicações de Schmaltz, conselheiro intimo: 1.° *Berichtigung einer Stelle in der Bredow-Venturinischen Chronik fur das jahr* 1808. 2.° *Ueber des Herrn Niebuhr Schrift wider die geheimen politischen Vereine*. 1815. 3.° *Letztes wort uber politische Vereine*. 1816.

Stein, o professor Fichte, Gruner, conselheiro em Berlin, e os professores Friés e Jahn.

Como Stein, Gruner deixou a capital da Prussia e refugiou-se na Russia onde se pôz á disposição do imperador Alexandre. Este ultimo confiou-lhe a missão de fomentar o movimento patriotico da Allemanha. Depois de ter estabelecido em Praga o centro das suas operações, Grune abusou da confiança do candido imperador da Russia para trabalhar na ruina dos thronos da Prussia e da Austria. Os seus tramas foram descobertos e elle foi encerrado n'uma fortaleza hungara. Tendo de novo cahido em graça com o governo prussiano, foi nomeado ministro plenipotenciario da Prussia na Suissa. Na posição que occupava, não receou tornar a começar a agitação em favor das sociedades secretas da Allemanha. Occultava as suas sympathias pela revolução sob o véo do odio que votava ao infeliz proscripto de St.ª Helena e aos francezes em geral; mas, na realidade, aborrecia a monarchia legitima. Abusou da sua alta posição para inocular a Franc-Maçoneria na Suissa. Com o seu concurso e subsidios chegou-se a fundar em Aaran um diario, a *Europaische Zeitung*, que vomitou odio contra toda a religião positiva e contra todos os governos da Europa (3).

Fichte encarregou-se de nos explicar o fim do Tugendbund; eis-aqui as palavras que elle dirigia ao seu auditorio fascinado: «Opprimindo a liberdade conquistada pela revolução franceza, Napoleão enganou a Europa. A guerra que acaba de rebentar é a lucta da sociedade contra este despota. Esta não quer supportar que se abuse das forças para

(3) *A Franc-Maçoneria e sua influencia, sobre a Suissa*, por carl, L. de Haller.

fazer conseguir fins que lhe são estranhos, mas quer empregal-as em fins que *ella mesma escolherá.*

O combate está travado em ultima analyse *em favor dos nossos interesses e do interesse d'aquelles que se dedicam ao livramento do espirito humano... Só por esta fórma seremos lavados da ignominia que espadanou sobre nós*; sobre nós que a temos supportado pacientemente com o intuito de obtermos *vantagens superiores... Só aquelles que tomaram a resolução de resistir e que estão á frente d'esta empreza* podem estar em situação de julgar das forças necessarias para a resistencia.»

O illustre professor não podia exprimir em termos mais explicitos o fim verdadeiro do Tugendbund. Segundo elle tratava-se menos de expulsar o estrangeiro do solo natal, que de reconquistar os principios maçonicos da revolução franceza. A dose de liberdade e egualdade que se devia dar á Allemanha não estava ainda determinada; uma vez seguro o triumpho da Ordem, ainda seria tempo de se occuparem d'esta grande questão. A Allemanha, ou antes a Maçoneria allemã resignou-se á oppressão, prestou-se até complacencia á realisação do fim que se propunha o imperador dos francezes; mas, agora que adquiriu a convicção de que Napoleão não quer ser um instrumento nas mãos da Ordem, compete a esta prover á applicação dos seus principios. Quanto aos meios que se hão de empregar, estão longe de consistir unicamente no impulso generoso da nação; só os chefes tem o segredo d'elles. A nação, fiel ao rei, não está ainda bastante desapegada dos antigos prejuizos para supportar esta revelação. Mas ha um meio poderoso, infallivel, que é o *Tugendbund.* Foi esta sociedade que resolveu, que

dirige e que anima a resistencia; é ella tambem que colherá todos os seus fructos.

Fries, professor da universidade de Heidelberg, tinha sido demittido por ter espalhado no ducado de Bade as famosas proclamações revolucionarias. A Ordem alcançou-lhe logo uma cadeira em Iena, onde achou por collega o professor Martin, com o qual agitou a mocidade estudiosa. Os dous irmãos Follenius, Wit e outros conspiradores ardentes foram obra das suas mãos.

Jahn continuou a obra de Fichete na universidade de Berlin. Nenhum outro conspirador levou mais longe a astucia para illudir os timidos; a energia, para estimular os caracteres decididos. Na noite de 13 para 14 de junho de 1819, foi prêso pela policia n'uma reunião secreta onde se descobriram dois punhaes e muitos papeis compromettedores. Elle confessou que fazia parte da sociedade allemã.

A Austria e a Russia insistiram energicamente para que fosse infligido um castigo exemplar a este perfido que tinha abusado da confiança do seu governo; porém este criminoso politico apenas teve que soffrer um pequeno castigo; não sabe a Maçoneria alcançar todas as considerações aos seus filhos?

O Tugendbund tinha conseguido o seu fim ostensivel; a Allemanha tinha sacudido o jugo do estrangeiro e lavado as suas humilhações na planicie de Waterloo. A independencia da Allemanha era um facto consummado; e a existencia da sociedade patriotica já não tinha nenhuma razão de ser. O procedimento de Tugendbund provou qual era o verdadeiro fim que se tinha proposto. Uma agitação indescriptivel se manifestou em toda a Allemanha para conquistar as liberdades politicas que o rei da Prussia tinha pro-

mettido aos conjurados. Em consequencia da recusa do governo de condescender com as exigencias democraticas, o Tugendbund fez ouvir ameaças e preparou a revolta.

Esta hostilidade contra os governos d'Allemanha engendrou muitas outras sociedades secretas que, sob differentes denominações, tinham o mesmo fim e empregavam os mesmos meios. Todas proclamavam como axiomas a divisa maçonica: *liberdade, egualdade e fraternidade!* Todas tinham por fundadores e por chefes Franc-Maçons; todas tinham lojas occultas directoras, das quaes só faziam parte os membros mais instruidos, astuciosos e determinados.

Devemos limitar-nos a citar os seus nomes, com receio de cahirmos em repetições fastidiosas (1).

Estas sociedades eram o *Deutsche Bund der Gerechten*, cujos estatutos accusam perfeita similhança com as do Carbonarismo. Esta sociedade não era senão o Tugendbund com outro nome. Depois do *Deutsche Bund*, vieram o *Deutsche Turnschaft* que, sob o pretexto de divertimentos innocentes, reunia e agitava os caracteres ardentes; *Allgemeine deutsche Burschenschaft*, que creou lojas em todas as universidades e inspirava aos estudantes a independencia intellectual e politica; o *Bund der Gleichgesinnten* (2) ou dos *Negros*, fundada na universidade de Giessen por Follenius, o mais emprehendedor dos conspiradores, e que sob a apparencia de exercicios litterarios e gymnasticos, occultava os mais horriveis projectos do antigo Illuminismo; o *Bund der Unbedingten* que se compunha, segundo parece, dos mem-

(1) Na sua ultima obra, *Magazin*, etc.; Eckert entra em longas particularidades sobre estas associações secretas. Estes desenvolvimentos são inuteis aos leitores francezes.

(2) Isto é, a associação d'aquelles que estão animados dos mesmos pensamentos e professam os mesmos principios.

bros mais exaltados da precedente sociedade; o *Bund fur Freiheit und Recht*, que se propunha levar a ferro e fogo as principaes cidades da Baviera, a fim de accender a revolução em toda a Allemanha. Estas jovens cabeças estouvadas tinham adoptado os signaes dos Carbonarios e tinham-se posto em relação com o famoso Follenius; o *Manner-und Junglingsverein* que, em 1820, quiz propagar na Allemanha a revolução que ensanguentava a Hespanha e Portugal e ameaçou a França (1): as sympathias pela revolução grega serviram aos conjurados para occultarem o seu plano e lhes permittiram reunir sommas consideraveis e armas. Finalmente a *Joven Allemanha* veio terminar esta longa serie de conspirações contra a segurança d'Allemanha.

Vendo figurar os nomes mais distinctos da sciencia, da arte militar e da policia á frente de todas estas sociedades secretas; pensando em todos os meios empregados para preparar e fanatisar as diversas populações da Allemanha; reflectindo n'aquelles clubs sanguinarios que se punham em relação com todos os conspiradores da Europa, uma proxima e espantosa revolução era muito para temer. Rebentou em 1848.

(1) Trata-se aqui da conjuração urdida pela loja dos *Amigos da verdade* e pelo Grande-Oriente de França, sob os auspicios de Ney, Nantil, Lavocat e Trugoff, com o fim d'elevar o duque de Leuchtenberg ao titulo de regente de Napoleão II e de dar satisfação ao partido democratico. A conjuração que devia rebentar a 19 d'agosto foi descoberta na vespera.— V. Luiz Blanc, Historia de dez annos, I. P., pp. 53 e 58.

QUINTA EPOCHA

Desde a revolução de 1848 até aos nossos dias

A revolução de 1848 é obra da Franc-Maçoneria?

Esta pergunta é bastante grave para que nos occupemos alguns instantes a tratal-a.

Não ha effeito sem causa; não ha effeito cujos caracteres principaes não devam achar-se na causa que o produziram. A revolução de 1848 é um grande facto historico que deve ter uma causa qualquer; porque, menos que outra qualquer cousa, as revoluções não se improvisam. Para fazer uma revolução, é necessario preparar-se para ella com muito tempo, inflammando as cabeças e os corações com a perspectiva d'um fim que surria ás massas; prevendo os obstaculos que possam empecer a execução do projecto, multiplicando os meios que seguram o triumpho, e adoptando os chefes populares, cujo nome ordena obediencia. Para operar uma revolução, é necessario que os differentes centros da população sejam postos em relação e se concertem para obrarem separadamente no mesmo sentido, no mesmo dia e á mesma hora, ou combinem n'um lugar de reunião onde todas as forças sejam concentradas para um golpe de mão decisivo. Se a revolução é europea, é necessario que a causa o seja tambem; quanto mais vasto é o theatro em que se desenvolve, mais espalhada e universal deve ser a

causa, mais bem organisado deve ser o movimento. Se falta uma ou outra d'estas condições, a revolução não é possivel; terminará por certo n'uma ridicula farça.

Um homem, por maior que seja o prestigio ligado ao seu nome, por mais gloria que lhe tenham legado seus antepassados, e por immensa que seja a sua influencia pessoal, um homem só nunca fez uma revolução. A sua gloria, os seus recursos, os seus talentos estão atacados d'uma impotencia radical, menos que não represente um principio admittido pelas massas e que os seus esforços se não dirijam a um fim real ou ficticio que lisongeie a multidão.

Por outros termos, para operar uma revolução, é necessario um fim determinado e universalmente admittido, uma direcção unica, um centro d'acção e o emprego dos mesmos meios.

Depois de termos estabelecido estas bases incontestaveis, examinemos quaes são os caracteres da revolução de 1848. Foi inesperada, até repentina ; foi europea ; foi simultanea nos diversos paizes; as diversas insurreições foram solidarias entre si.

A explosão d'esta revolução em França foi tão subita, tão imprevista, que com justiça foi considerada como uma surpresa. Não havia nada que a motivasse assim como nada a pôde explicar. Admittida a recusa de se reunirem n'um banquete reformista com uma violação da Carta, restava aos deputados lesados o emprego dos meios legaes. Evidentemente o grito da reforma não era senão um pretexto. Quanto ás outras culpas que havia muito tempo se faziam pesar sobre o governo, taes como as leis de setembro, a elevação do censo eleitoral e a preponderancia da Inglaterra nos conselhos de Luiz Filippe, podiam irritar os sentimentos libe-

raes e o orgulho da França, mas não constituiam razões sufficientes para legitimar uma insurreição. Seja como fôr, é certo que, alguns dias antes de 24 de fevereiro, nada auctorisava a presagiar uma commoção proxima.

A revolução de Berlin ainda é menos explicavel. E' verdade que na Prussia, os liberaes, depois de se terem queixado por muito tempo da recusa d'uma constituição, não se mostravam satisfeitos com o governo representativo que expontaneamente tinha sido outorgado. Mas o descontentamento nunca se traduzira por actos que permittissem o suspeitar-se um plano revolucionario. Aqui tambem a revolução foi uma surpresa.

A insurrecção da Lombardia e a invasão do Piemonte são, como se sabe, obra das sociedades secretas que formigavam na Italia. Os Hungaros não pegaram em armas se não em consequencia das maquinações republicanas do illustrissimo Kossuth. Mas a revolução de Vienna ainda é um mysterio.

Ao despertar no dia 24 de fevereiro, a Europa ficou admirada e espantada de se achar sem o saber, no meio d'um volcão. Desde os Pyreneos até ao Vistula, a revolução agitou o facho incendiario e o punhal assassino.

O que causou admiração foi a simultaneidade das revoluções nas differentes capitaes.

«A 24 de fevereiro, revolução em Paris.

«A 13 de março, Vienna está em combustão. O apoio de Luiz Filippe, Metternich, é derribado.

«A 18, barricadas em Berlin. Espantosas commoções.

«*N'este mesmo dia*, terrivel explosão em Milão.

«A 20 de março, revolução em Parma.

«A 10 de abril seguinte, Carlos II, obrigado a fugir dos seus estados, toma o caminho do desterro.

«A 22 de março, republica em Veneza.»

Em menos d'um mez a Europa estava ardendo. Dir-se-hia que um rastilho subterraneo tinha communicado o incendio.

Outro caracter d'estas revoluções foi a sympathia reciproca dos insurgentes uns para com os outros. Os mais fracos recebiam dos mais fortes soccorros d'homens, munições de guerra e dinheiro. A imprensa maçonica de todos os paizes applaudia os triumphos dos irmãos ou alentava o seu animo abatido. E' evidente que a revolução, aos olhos dos agitadores, não devia ficar circunscripta em um paiz particular, mas sim abraçar toda a Europa. Nos paizes que escaparam ao furacão, foi necessario offerecer alguns sacrificios sobre o altar do idolo europeu.

Qual era o fim ostensivel de todas estas revoluções? A destruição de todos os thronos e a inauguração da republica; depois quando esta estava, segundo criam, solidamente estabelecida, a applicação dos principios do socialismo. E' inutil insistir mais em factos tão recentes e evidentes.

E' tambem evidente que estas revoluções devem attribuir-se á Franc-Maçoneria. De todas as associações secretas, só ella, com effeito, póde dar a chave dos acontecimentos, porque só ella reune todos os caracteres da causa que os produziu.

A Franc-Maçoneria é universal; tem numerosas lojas não sómente nas capitaes, mas tambem nas cidades de ordem inferior e até nas aldeias. Estas lojas, ainda que talvez differentes entre si pelo ritual, estão estreitamente unidas,

estão em correspondencia continua, obedecem aos mesmos chefes, adoptam a mesma senha, e proseguem a execução do mesmo projecto. A um signal dado, no dia fixado, á hora marcada, os conjurados sahem dos seus antros; o horrivel juramento que prestaram obriga-os a isso. A sua divisa é a mesma: liberdade, egualdade e fraternidade, entendidas no sentido d'elles. Ora, estas palavras foram inscriptas em todas as bandeiras dos revolucionarios de 1848.

E' impossivel explicar estes acontecimentos por outras sociedades secretas que não sejam as da Franc-Maçoneria. Estas sociedades, não sendo senão locaes, não podiam produzir uma revolução geral. Um effeito não póde ser maior que a sua causa.

Em 1848 não averiguamos de resto senão a existencia da *joven Italia*, da *joven França*, da *joven Allemanha* e da *joven Polonia*, que não eram senão applicações ou antes ramos da JOVEN EUROPA. Ora, desafiamos a que fixem a differença que separa os principios da *joven Europa* dos da Maçoneria. Só a *joven Europa*, na qual iam rematar as outras sociedades particulares como outros tantos raios n'um centro commum, póde explicar a universalidade e simultaneidade da revolução de 1848.

Até que se tenha assignado outra causa que possa razoavelmente explicar estes acontecimentos, estamos no direito de sustentar a nossa asserção.

Depois de termos demonstrado a similhança da causa e do effeito, passemos da theoria aos factos.

E' publico e notorio que em 1846 (1), se reuniu um congresso ou convento maçonico em Strasburgo. Esta cida-

(1) Eckert fixa este congresso em 1847.

de, cuja recordação é tão cara ás lojas, estava admiravelmente situada para servir de ponto de reunião aos deputados das lojas francezas, allemães e suissas. Na lista dos representantes da Maçoneria, vêmos figurar os seguintes nomes: Lamartine, Cremieux, Cavaignac, Caussidiere, Ledru-Rollin, L. Blanc, Proudhon, Marrast, Marie, Vaubelle, Vilain, Pyat, etc. A Allemanha tinha deputado: Fickler, Heckler, Herwegh, Gagern, Bassermann, Ruge, Blum, Feuerbach, Simon, Jacobi, Zitz, Welker, Heckscher, etc. Estes nomes não são senão a personificação da revolução que devia rebentar proximamente. Que resoluções adoptou o congresso? Ignoramol-o. Mas quando se examina o valor d'estes deputados, cujo republicanismo exaltado não é contestavel, quando se recorda que a guerra contra o Sunderbund rompeu pouco tempo depois, da mesma sorte que a revolução italiana, não ha presumpção em crêr que alli se tenham discutido os meios e o modo de revolucionar a Europa e que se tenha fixado a epocha d'uma explosão geral. Não era muito tempo dezoito mezes para preparar um cataclysmo europeu. A historia ensina-nos além d'isto que todos os grandes transtornos politicos tem sido sempre precedidos d'um congresso maçonico (1).

Dous mezes antes do congresso de Strasburgo tinha sido convocada uma assemblêa nacional em Rochefort «com

(1) Rebold resume n'estes termos as operações do congresso de Strasburgo. «Tratou-se alli *entre outras questões* das duas seguintes:» 1.º Qual é o fim da Franc-Maçoneria respeito ás liberdades *sociaes* e aos progressos da civilisação? 2.º que melhoramentos póde a Maçoneria tentar produzir em favor da *classe operaria? Outras questões graves* alli foram tambem tratadas; conclue-se, acorda-se e vota-se, mas não se executa. «Quaes são as *outras graves questões*? Podem suspeitar-se.— Os factos provaram, contra a asserção do I.·. Rebold, que se chegou á execução.

o fim de reunir n'um feixe os esforços espalhados das officinas isoladas, e de trabalhar em commum *na realisação do fim da instituição.* Todas as questões que dizem respeito á humanidade, á regeneração e ao bem-estar das massas, são declaradas do dominio da Franc-Maçoneria, e são alli tratadas e discutidas (1).»

E' facil vêr que a Maçoneria franceza tinha feito notaveis progressos n'aquella epocha. A liberdade e egualdade politicas já não formavam o objecto exclusivo dos trabalhos das lojas; occupavam-se n'ellas das questões *sociaes,* preparavam o reino da *fraternidade.* O congresso de Rochefort foi convocado, sem duvida, com o fim de dar aos deputados da Maçoneria franceza no congresso de Strasburgo instrucções precisas. A mesma reunião preliminar tinha tido logar para os Maçons allemães na mesma epocha e na cidade de Heidelberg.

O dia fatal fixado para o congresso de Strasburgo approximou-se. Na impossibilidade d'articular contra o governo francez queixas fundadas e serias, a opposição, dirigida pelas lojas, suscita chicanas. Com motivo da mesquinha questão d'um banquete, poem-se em rebellião contra o ministerio. Os cinco chefes dos diversos matizes do partido conservador constitucional (!), Vitet, Morny, Berger, L. de Malleville, Duvergier de Hauranne, todos veneraveis das lojas, combinaram-se para redigir um auto de protesto.

Apenas a revolução rebentou, apenas o governo provisorio se formou, os deputados da Grande-Loja de França, revestidos das suas insignias maçonicas, vão depositar nas mãos do governo um acto de adhesão á republica. Esta de-

(1) Rebold. *Hist. da F. M.* p. 172.

putação é recebida por MM. Crémieux, Garnier-Pagés e Pagnerre, decorados com as insignias do grau maçonico que occupam nas lojas. M. Bertrand, presidente decano do tribunal do commercio e representante do Gran-Mestre, pronunciou o seguinte discurso:

«A' gloria do Grande Architecto do universo! O oriente de França ao governo provisorio! Cidadãos, o Grande-Oriente em nome de todas as lojas afiliadas da França, vem exprimir a sua adhesão ao governo provisorio.

«Ainda que posta pelos seus estatutos fóra das fluctuações e crises politicas, a Maçoneria franceza não póde deixar de exprimir os seus sentimentos em favor da grande agitação social que acaba de manifestar-se. Em todos os tempos os Maçons tiveram escriptas na sua bandeira estas palavras sagradas: liberdade, egualdade e fraternidade! Vendo-as apparecer na bandeira franceza, saudam-as *como o triumpho de seus principios* e applaudem-se *por a patria ter recebido de vós a consagração maçonica.* Admiramos o animo com que emprehendestes e executastes a tão difficil tarefa de fundar sobre bases solidas a liberdade e felicidade dos povos; rendemos homenagem ao zêlo com que procuraes chegar a este fim, mantendo a ordem que é a condição e garantia indispensavel d'elle.

«Quarenta mil maçons espalhados por quinhentas lojas, e não tendo entre si senão o mesmo coração e o mesmo espirito, vos promettem o seu apoio para acabardes a obra da regeneração tão felizmente *começada.*»

M. Crémieux responde n'estes termos em nome do governo provisorio:

«O governo provisorio recebe com felicidade e satisfação as vossas felicitações e os vosso votos. O Grande Archi-

tecto do universo deu ao mundo o sol para o allumiar; a liberdade, para o conservar. Quer que todos os homens sejam livres; deu-nos a terra para a fecundarmos, e só a liberdade fecunda.

«E' verdade que a Maçoneria não tem a politica por objecto (1) Comtudo a politica transcendente, a politica da humanidade, tem sempre achado acolhida nos templos maçonicos. Em todos os tempos, em todas as circumstancias, assim debaixo da oppressão do pensamento como da tyrannia do poder, a Maçoneria nunca perdeu de vista a sua augusta divisa: liberdade, egualdade, fraternidade. *A republica está na Maçoneria*; é por isso que ella teve partidarios em todo o universo. Não ha uma unica loja que não possa prestar a si propria este glorioso testemunho, que sempre amou a liberdade e praticou a fraternidade. Sim, em toda a superficie da terra, o Franc-Maçon apresenta mão fraternal ao Franc-Maçon; este signal é conhecido por todos os povos. Ora bem! a republica fará o que faz a Maçoneria: será o penhor seguro da união de todos os povos da terra; e o Grande Architecto do universo surrirá, do alto do céo, a este generoso pensamento da republica que, espalhando-se depressa por todas as partes do mundo, reunirá todos os cidadãos do globo n'um só e mesmo sentimento!»

A deputação retirou-se aos gritos repetidos de: Viva a republica! Viva o governo provisorio!

A 10 de março, Lamartine fez a seguinte declaração na casa da Camara: «*Tenho a convicção de que foi do seio*

(1) Os II.·. Bertrand e Crémieux fallavam scientemente contra o seu pensamento dizendo que a politica não é objecto da Maçoneria. Temos provado de sobejo o contrario.

da Franc-Maçoneria que sahiram as grandes idéas que lançaram os fundamentos das revoluções de 1782, 1830 e 1848.»

Todos os membros do governo provisorio e todos os ministros tinham sahido das lojas.

Resumamos estas observações.

A Franc-Maçoneria franceza, allemã e suissa, representada no congresso de Strasburgo, tinha fixado a epocha da proxima revolução. A simultaneidade das insurreições parciaes prova até á evidencia um accôrdo preliminar.

Chegado o momento fixado, a Franc-Maçoneria executa o seu projecto. Com effeito, vêmos todas as summidades da revolução figurar nas listas das lojas.

Consummada a revolução, a Franc-Maçoneria nomeia para chefes do estado todos os membros da Ordem.

Finalmente o Grande-Oriente toma a tarefa de proclamar altamente que adhere a uma revolução que reproduz os mesmos principios que os da Maçoneria: e o governo provisorio prova a identidade da nova instituição com a divisa maçonica.

Que mais é preciso para attribuir a paternidade da revolução de 1848 á Maçoneria?

O que temos dito da França applica-se perfeitamente á Allemanha. N'este ultimo paiz, os Maçons, mais sinceros e atrevidos, gabaram-se de serem os auctores da desordem (1).

Infelizmente para a Franc-Maconeria, as eleições geraes não corresponderam aos seus desejos, apesar dos commissarios extraordinarios de Ledru-Rollin. A reacção foi

(1) V. pp. 93, 105, 110, 115, 116, 120, etc.

até tanto mais prompta e energica quanto os actos do governo mostravam tendencia para o socialismo. A' excepção das grandes cidades onde a acção das lojas e dos clubs era mais immediata e efficaz, a grande maioria dos corpos eleitoraes mandaram á assemblêa nacional deputados cujas oppiniões conservadoras e sympathias monarchicas não eram um mysterio. Os vermelhos commoveram-se a ponto que, não podendo obter concessões pela persuasão, resolveram recorrer á violencia.

Os dias de maio e junho foram obra d'elles. «O relatorio da commissão encarregada de fazer um inquerito sobre estes acontecimentos não apresentou senão quatro nomes: Ledru-Rollin, Caussidière, Luiz Blanc e Proudhon; mas affirma positivamente que os movimentos foram prepados pelo governo de Lamartine (1).

Portanto as insurreições socialistas devem attribuir-se aos corypheus da Franc-Maçoneria, que se tinham feito cumplices das sociedades secretas mais encarniçadas na destruição da ordem social.

Não seguiremos em todas as suas phases a revolução de 1848. Todo o mundo tem ainda presentes na memoria aquelles episodios sanguinolentos.

A Maçoneria tinha-se enganado extraordinariamente ácerca da opinião publica; as differentes nações da Europa, sobre tudo as que não tinham sido sufficientemente trabalhadas pelas lojas, renunciaram, por instincto de conservação, á liberdade, egualdade e fraternidade maçonicas, das quaes viam se queriam fazer uma applicação sacrilega.

Chamando o principe Luiz Napoleão á presidencia da

(2) *Nova Gazeta da Prussia* de 9 d'agosto de 1848.

republica, o povo francez mostrou toda a sua aversão ás doutrinas subversivas da Maçoneria. O novo presidente o comprehendeu perfeitamente. Por isso, a 7 de setembro de 1850, a policia de Paris prohibiu ás lojas francezas o occuparem-se de questões politicas e sociaes, sob pena de verem a Ordem dissolvida em toda a extensão do territorio francez. Esta advertencia produziu provavelmente pouco effeito, porque dois mezes depois o Grande-Oriente foi fechado por ordem do governo.

Depois do golpe de estado de 2 de dezembro de 1851, a Maçoneria franceza convenceu-se de que se não poderia levantar senão dando testemunho da maior obsequiosidade e respeito ao futuro imperador. Em troca da existencia que se lhe daria, prometteu emendar-se. No dia 9 de janeiro de 1852, alguns membros do conselho do Gran-Mestre reuniram-se com auctorisação prévia da policia e resolveram offerecer o Gran-Mestrado ao principe Luciano Murat, sobrinho do Presidente. Esta proposta foi acceite por unanimidade. No dia seguinte uma deputação de seis altos dignatarios, sob a direcção do primeiro Gran-Mestre adjunto, e irmão Berville, deu parte ao principe da escolha que d'elle se tinha feito. Depois de ter consultado o presidente da republica, o principe Murat dignou-se acceitar.

No dia 19 de janeiro, um grande numero de officiaes superiores do Grande-Oriente julgaram do seu dever o irem offerecer a expressão do seu reconhecimento ao novo Gran-Mestre. Depois d'um discurso do I.·. Berville, o principe usou da palavra. Na sua breve resposta descobre-se facilmente uma grande desconfiança da Maçoneria. Assigna-lhe a mesma missão que ás irmãs da caridade: estas, diz, seguem os exercitos para curarem sa chagas dos soldados fe-

ridos, sem que ellas tomem parte na batalha. Da mesma sorte a Franc-Maçoneria deve ter por fim o alliviar todos os soffrimentos e indagar a causa d'elles. Exclusão completa pois da politica nos trabalhos das lojas. «Se, diz o principe, a Maçoneria, esta sociedade universal, não devesse ser fiel á sua lei, o Maçon da Europa poderia destruir a republica dos Estados-Unidos, e o Maçon da America abalar as nações europeas; a politica enfraqueceria cada vez mais, depois faria desapparecer totalmente a fraternidade que deve reinar entre nós.»

O principe julgou perfeitamente a Maçoneria, considerada n'um só ponto de vista, a sua universalidade. Mas não se illuda Sua Alteza Imperial: a fraternidade maçonica tem uma significação muito mais lata que aquella que parece attribuir-lhe. Desde 1840 sobre tudo, a Maçoneria alargou o circulo dos soffrimentos, que pretende ser chamada a alliviar. O menor dos seus cuidados é ir em soccorro dos individuos necessitados ou miseraveis. A sua fraternidade estende-se sobre nações inteiras que pinta como victimas de oppressores e de tyrannos. Aos seus olhos todos os subditos dos governos monarchicos devem ser *objecto da sua solicitude.* M. Bazot escreveu sem periphrase: «A base da Maçoneria é eminentemente democratica, embora tenha um chefe de sangue real.» Pela palavra democracia, é inutil o dizer que ella entende a formula republicana, como sufficientemente já demonstramos. O reconhecimento do regimen imperial pelas lojas não é nem póde ser sincero; porque está em contradicção flagrante com os seus principios fundamentaes. Mostrar-se-ha condescendente e obsequiosa para com uma auctoridade que amaldiçoa no fundo do coração, até que julgue opportuno o momento de sacudir um

jugo odioso. A nomeação do principe Murat para o Gran-Mestrado não é uma garantia sufficiente contra as maquinações subversivas das lojas; as sessões mais secretas e realmente maçonicas nunca serão por elle conhecidas. Apesar de toda a perspicacia e activa vigilancia do Gran-Mestre, a Maçoneria possue mil meios de escapar ás vistas. Quando se sente muito incommodada nos seus movimentos, funda ao seu lado outras sociedades secretas a que dá denominações que não permittem suspeitar o menor parentesco com ella, mas que governa por um ou outro dos seus chefes mais ardentes: prova o *Tugendbund* e a *Carbonaria.*

O principe Luciano não deveria esquecer que, apesar da nomeação de José para o Gran-Mestrado, e não obstante a dedicação de Cambacérès pela causa imperial, as sociedades secretas dos Adelfos e dos Philadelfos estiveram a ponto de destruir o grande conquistador e contribuiram poderosamente para a sua quéda.

Receamos que concedendo a protecção imperial á Maçoneria, se aqueça no seio a vibora que, depois de ter adquirido forças sufficientes, matará o seu bemfeitor.

A Maçoneria belga gravitou sempre em redor da Maçoneria franceza até á fundação do reino dos Paizes-Baixos. E' a ella que se deve a annexação da nossa bella patria á republica uma e indivisivel. No tempo de Guilherme e mesmo de Leopoldo 1.º, até 1836, não tinha dado signal de vida. Mas, a principiar d'esta epocha, a sua acção fez-se sentir poderosamente. Deixando a dóse das liberdades po-

liticas pouco que desejar debaixo d'uma constituição eminentemente democratica, a Maçoneria tem trabalhado em destruir a fé no espirito das populações. Ella carecia de uma personificação para obrar sobre as massas, adoptou a do liberalismo. Na verdade, não se deve confundir o liberalismo com a Maçoneria; porém o primeiro, atacando por vezes a religião christã na imprensa e nas camaras tem-se feito muitas vezes, talvez sem o saber, ecco das lojas. Na verdade, nem todos os liberaes são Maçons; mas póde estabelecer-se por principio que teem sido muitas vezes instrumento d'elles. Em geral, as associações liberaes compoem-se d'uma maioria maçonica que recebe da loja a senha e o santo; os deputados sobre quem recahe a escolha d'estas associações podem não ser Franc-Maçons; mas, pelo mandato imperativo que assignaram ou, se se acha esta expressão exagerada, pelas obrigações a que subscreveram, a sua liberdade pessoal não é senão uma palavra vã; estão ligados ás sociedades liberaes, e por estas ás lojas.

E' facto incontestavel que os chefes do liberalismo doutrinario são ao mesmo tempo chefes da Maçoneria belga. Não é menos verdade que todas as grandes questões politicas e sociaes são resolvidas nas lojas antes de serem debatidas na tribuna do parlamento, e que a norma de proceder para seguirem os deputados liberaes foi antecipadamente traçada nas reuniões do Grande-Oriente. O discurso do I.·. Bourlard não deixa o menor equivoco sobre este ponto. Finalmente é evidente que as divisões intestinas da Maçoneria se reproduzem no terreno politico.

A questão que desde ha muito tempo divide os Maçons belgas é esta: A constituição é a expressão da divisa maçonica: *liberdade, egualdade e fraternidade*? Os dou-

trinarios a quem os seus adversarios conferiram desde algum tempo o epitheto de *velhos*, para alludirem á sua pretendida decrepitude, os doutrinarios sustentam que seria imprudencia o exigir mais ; os *novos* pretendem que ainda ha muito que fazer para que a liberdade, egualdade e fraternidade maçonicas sejam uma realidade. De conclusão em conclusão, estes ultimos chegam até á democratisação completa da Belgica; porque o respeito que pretendem ter á constituição não é senão uma verdadeira hypocrisia com a qual ninguem se illude. A parte do seu programma que ousam actualmente exhibir contém muitas questões sociaes da mais alta gravidade. Se os principios dos *novos* chegassem a prevalecer, que seria da nossa patria !

Esta scisão das lojas não data d'hoje mas de 1848. N'esta epocha de lugubre memoria, tinha-se agitado nas lojas belgas a questão de saber se o nosso paiz devia ou não tomar parte no movimento europeu. A maioria opinou pela negativa. A minoria, composta de cabeças exaltadas, exhalou o seu descontentamento e, em algumas cidades, se constituiu em lojas independentes. N'estas ultimas foram as doutrinas mais temerarias e mais subversivas prégadas por fogosos oradores. O I.·. Goffin, veneravel d'uma loja scismatica de Verviers, não temeu publicar broxuras furibundas em que infligiu aos Maçons belgas os epithetos de retrogrados e inconsequentes, ao mesmo tempo que representava um programma em que as aspirações para o socialismo estavam patentes.

Os Maçons suecos romperam com os Maçons belgas. Por ordem do Gran-Mestre da Maçoneria prussiana, a Grande-Loja dos *Tres Globos* em Berlin fulminou uma excommunhão contra suas irmãs belgas, e prohibiu ás officinas de

sua obdiencia toda a communicação com irmãos que professam opiniões tão subversivas.

Estas advertencias não produziram sobre uma boa parte das lojas belgas nenhum effeito; o seu ardor parece mesmo augmentado. Desgraçadamente, não ha no seu seio elementos conservadores com força sufficiente para fazerem contrapêso. Os Maçons que gozam de grande influencia, seja pela sua posição social, seja pelos seus talentos, ou entregaram as suas insignias ou se fizeram inscrever em outras lojas mais socegadas e mais afeiçoadas á constituição, e por esta fórma abandonaram completamente o terreno a homens, cujas opiniões demasiado *avançadas* não partilhavam. A auctoridade do Grande-Oriente, já mais nominal que real, não é capaz de conter o ardor dos impacientes. Estes, sem romperem violentamente o vinculo que os une ao governo central da Maçoneria belga, desprezaram as ordens e os conselhos d'homens que consideram como inferiores á importancia da sua missão. Portanto a anarchia começa a entrar n'uma parte das lojas.

Estas divisões interiores apparecem já em diversas cidades. As eleições municipaes de Liège, a nomeação de varios representantes de Bruxellas, as opiniões radicaes de dois deputados de Verviers bem o mostram. A lucta augmenta cada vez mais e devemos esperar vêr os *novos* triumphar em todos os grandes centros da população. O pequeno nucleo que se formou está destinado a desenvolver-se e a tomar em pouco tempo proporções ameaçadoras. Debalde os conservadores das duas grandes opiniões se ligaram para resistir ao inimigo commum: mallograr-se-hão os seus esforços.

Os liberaes doutrinarios não podem illudir-se a não estarem cégos. Atacados por adversarios vigorosos e emprehendedores, a quem elles mesmos ensinaram o manejo das armas, faltos de união e por conseguinte de força, abandonados da opinião publica, não dispondo senão d'alguns orgãos na imprensa, desconsiderados por concessões estranhas, não terão outra alternativa que abdicar ou unir-se aos vencedores. O partido catholico está com as mãos atadas desde os acontecimentos de maio. Chegará talvez momentaneamente a recobrar o poder; mas as pedras de que se serviram como de projectis estão destinadas fatalmente a formar barricadas.

Estabelecida a impossibilidade dos velhos liberaes e dos catholicos não resta logar senão para os *novos*, emanação das lojas exaltadas. Em quanto a nós isto não é senão questão de tempo e de circumstancias.

Escusamos dizer que estamos longe de apressar com os nossos votos a exaltação d'esta democracia; vemos ahi a ruina da nossa constituição e da nossa joven patria. Mas de que nos serviria pôr uma venda sobre os olhos para não cahirmos no precipicio? Por mais que desviemos a vista do horisonte que se escurece, as nuvens ameaçadoras não deixarão de pairar sobre as nossas cabeças e não deixarão de abrir os flancos para deixarem descer a devastação. Dizemol-o com profunda convicção, seremos submergidos.

Sim, seremos submergidos! Já o ar se carrega não sei de que fluido mysterioso que annuncia um proximo cata-

clysmo. Logo que a atmosphera estiver saturada dos elementos necessarios, nenhuma força humana poderá evitar a explosão.

Tres palavras formam a divisa maçonica: *liberdade, egualdade, fraternidade!* Estas tres palavras teem sido ha muito tempo e são ainda hoje o grito de guerra e de revolução.

LIBERDADE! *Liberdade dos cultos!* não só tolerancia civil de todas as religiões, mas proscripção completa de toda a crença na revelação. Nada de protestantismo crente! nada de catholicismo! Um e outro, repete-se, embrutecem a intelligencia pelo jugo que lhe impoem. Do que hoje se carece é da negação de todo o dogma, da proclamação do deismo e do pantheismo. Eis-aqui porque se injuria e escarnece o clero, e o lançam em pasto ás massas ignorantes os orgãos das lojas. *Liberdade civil!* Livres do jugo religioso, os povos, com uma cruel logica, perguntaram porque seria a auctoridade civil mais respeitada e mais sagrada que a auctoridade sacerdotal? Não se tendo dado uma resposta sufficiente e atiçando as lojas o fogo da independencia tão lisonjeira para o homem, os povos se revoltaram para exterminar esses soberanos que, nos conciliabulos maçonicos, se não tinha nunca deixado de designar com os nomes de despotas e de tyrannos. Estabeleceram-se constituições; e as lojas, pintando-as como insufficientes e retrogradas, appellam para a soberania do povo para destruirem os pactos fundamentaes e chegarem insensivelmente a uma completa anarchia. A auctoridade mais popular, expressão da maioria da nação, é violentamente desviada logo que ousa fazer a menor resistencia ás exigencias das lojas. Toda a noção de submissão á lei desapparece do espirito das populações; e,

se não fosse a força e o constrangimento, todo o governo se tornaria impossivel. Augusta e santa *liberdade!* cobre a tua face; tu não existes senão para o partido demolidor: em quanto que os adeptos maçons te blasfemam e invocam hypocritamente o teu nome sagrado para realisarem infames projectos, os homens de bem, carregados de ferros, teem tentações de te amaldiçoar. O incenso que fazem subir para ti, os hymnos entoados em tua honra são outras tantas profanações sacrilegas que te devem arrancar lagrimas!

EGUALDADE! Ah! senão se tratasse senão da abolição dos antigos privilegios feudaes, nós seriamos os primeiros a applaudil-a. Mas, aqui tambem, a astucia enganosa é palpavel. Em quanto que em todos os codigos modernos, particularmente sob os regimens constitucionaes, o accesso ás funcções publicas é declarado livre a todos os cidadãos sem excepção, o partido revolucionario torna illusoria esta proclamação de egualdade civil e politica. As nações estão divididas em duas grandes fracções: a dos iniciados e a dos profanos. Para os primeiros, as honras, as dignidades, as funcções lucrativas e influentes; para os segundos, o desprêzo, a exclusão e o ostracismo. As leis são feitas menos para interesse da generalidade que para interesse d'uma classe privilegiada: á antiga aristocracia, substituiram-se os dignatarios maçons; á theocracia, o malhete dos Mestres da loja!

A parte mais pacifica, a mais dedicada das populações soffre a sorte d'essas raças conquistadas, consideradas pelos povos antigos como inferiores, pela natureza, aos seus conquistadores. Fallemos claro: para os Maçons nós não so-

mos senão parias, ilotas, escravos. E é em nome da egualdade que se nos inflige este tratamento!

Fraternidade! Um vinculo occulto une os *irmãos* maçons e estabelece entre elles uma especie de solidariedade em detrimento dos profanos. O Maçon fez juramento de ajudar seus irmãos com alma e vida, mesmo em prejuizo *da sua fortuna, da sua honra e do seu sangue*; os chefes, pela sua parte, juraram conceder com preferencia aos seus subordinados a protecção e os favores. Quanto aos profanos, não fazem parte da grande familia humana; são desherdados pelos filhos *da Viuva*; para elles, não ha nem beneficencia, nem apoio, nem justiça. *Fraternidade*! isto é, revolução, transtornos politicos e sociaes. *Fraternidade!* quer dizer, nivelamento completo das desigualdades sociaes, e inauguração do socialismo. Sim, tal é a significação d'esta palavra dada pelos Maçons mais sinceros; tal é o alcance que se deve attribuir aos acontecimentos preparados e provocados pelas lojas.

Que dique se ha-de oppôr a esta torrente impetuosa! Quando 3,000 lojas na Europa trabalham a opinião publica; quando a maioria dos orgãos da imprensa sustentam as doutrinas subversivas da Maçoneria; quando sociedades ajuramentadas, brandos instrumentos dos agentes Maçons, impoem cègamente as suas vontades aos eleitores e um mandato imperativo aos eleitos; quando a religião é desconsiderada; quando uma moral sem principio nem sancção é inculcada á parte mais emprehendedora da população; quando todas as más paixões são excitadas e acariciadas; quando todas as avenidas do poder são occupadas por homens que reconhecem outros chefes que não os seus superiores civis; quando os homens de bem, affeiçoados do co-

ração á prosperidade da religião e á estabilidade das instituições politicas, mostram uma effectiva apathia e se entregam á desesperação; quando, na sua cegueira, não ajudam os seus inimigos, não se estará auctorisado para exclamar : *Está perdida a Europa!*

APPENDICE

Ritual dos Carbonarios.

Julgamos inutil reproduzir o ritual dos tres primeiros graus. Não se vêem n'elles senão allusões á vida de Nosso Senhor Jesus Christo, que é representado como o chefe dos Carbonarios ou *Bons-Primos*. Tudo alli está cuidadosamente calculado para não irritar os sentimentos religiosos d'uma nação profundamente catholica. Contentar-nos-hemos em publicar com alguma extensão as ceremonias prescriptas para o grau de Mestre.

TERCEIRO E ULTIMO GRAU (1) CARBONICO.

GRAN-ELEITO, GRAN-MESTRE.

«O grau de Grande-Eleito, nunca será conferido senão com as maiores precauções, secretamente, e aos Carbonarios, bem conhecidos pela sua sabedoria e por um zêlo inalteravel, um animo sem limites, um amor, uma dedicação a toda a prova para aos prosperos successos da Ordem. Finalmente os candidatos que forem apresentados n'uma gruta de recepção, nunca serão admittidos, senão forem verda-

(1) V. pp. 144 e 145.

deiros amigos da liberdade dos povos, e não estiverem promptos a combater contra os *governos tyrannicos, que são os senhores aborrecidos* da antiga e bella Ausonia. O candidato será regeitado se forem lançadas sómente tres espheras pretas na urna do escrutinio. Deverá pelo menos ter a edade de trinta e tres annos e tres mezes, edade de Christo na epocha da sua morte.

Abertura da Vendita para o grau de Grande-Eleito.

«PRELIMINARES. A Vendita é n'uma gruta escura, desconhecida a todos os homens, á excepção dos Gran-Mestres Carbonarios já recebidos Grandes-Eleitos. A sala é triangular, troncada em todos os cantos. O Gran-Mestre Eleito, que preside á reunião está sentado no seu throno ao Oriente, figurado pelo angulo troncado superior. Em frente d'elle, no meio da linha recta que termina a sala e que se chama o Occidente, está a porta ou buraco interior da gruta, a qual nunca se abre senão aos Grandes-Eleitos. Dous guardas, chamados *Flammas,* estão collocados aos dous lados da porta com dous sabres do feitio de duas chammas de fogo. As disposições do interior são as mesmas que nas Venditas d'aprendizes em quanto aos bancos, throno, buraco e logares dos *dous Assistentes* que, n'este grau, se chamam *Sol e Lua* ou *primeiro e segundo Exploradores.* Apenas as filas estão situadas triangularmente, alargando-se sempre do throno até ao occidente, etc.

«O Grande-Eleito, com veste e grande gala da Ordem, assim como todos os mais Gran-Mestres assistentes, estão de pé diante dos seus respectivos logares e á ordem do

Grande-Eleito. Disposeram-se d'esta maneira depois que o Grande-Eleito bateu sobre o throno sete pancadas de picareta, a saber: duas precipitadas, tres lentas e duas precipitadas, este signal é repetido por cada explorador chefe da linha.

«O Grande Eleito. Bom Primo, primeiro explorador, que horas são?

«O Primeiro explorador. Respeitavel Grande-Eleito, o toque do sino ouve-se por todas as partes e resoa até á profundidade da nossa gruta: julgo que é o signal do accordar geral dos homens livres e que é meia noite.

«O Grande-Eleito. Bom-Primo, segundo explorador, a que hora se devem abrir os nossos trabalhos secretos?

«O Segundo explorador. A' meia noite, respeitavel Grande-Eleito, quando as massas populares, dirigidas pelos nossos confidentes os Bons-Primos directores estão reunidas, organisadas, marcham contra a tyrannia e estão promptas a dar os grandes golpes.

«O Grande-Eleito. Bons-Primos, Flammas e Guardas da segurança do nosso asylo, estaes seguros de que entre nós se não introduziu nenhum profano, e que todos os Carbonarios reunidos n'esta Vendita são Gran-Mestres, Grandes-Eleitos?

«Um dos Flammas. Sim, veneravel Grande-Eleito, os introductores cumpriram o seu dever; aqui não existe nem profano nem Carbonario algum subalterno.

«O Grande-Eleito. Todos os directores dos diversos graus Carbonarios, destinados ao movimento geral que se vai operar estão no seu posto, bem instruidos e bem armados? Respondei, meus Bons-Amigos Lua e Sol.

«Os dous exploradores ao mesmo tempo. Sim, mui ve-

neravel Grande-Eleito, todos partiram depois de terem reiterado o juramento sagrado de vencer ou morrer.

«O GRANDE-ELEITO. Visto que tudo está tão bem disposto, convido-vos, meus Bons-Primos, a ajudar-me na abertura dos nossos trabalhos nocturnos, celebrando, assim como os nossos Bons-Primos Grandes-Eleitos a septupla *vantagem* que eu começo já.

Comigo, meus Bons-Primos!

«1.º Ao Creador do Universo;

«2.º Ao Christo, seu enviado sobre a terra *para n'ella* RESTABELECER *a philosophia, a liberdade, e egualdade*;

«3.º Aos seus apostolos e prégadores;

«4.º A S. Tibaldo, fundador dos Carbonarios;

«5.º A Francisco 1.º, seu protector e exterminador dos nossos antigos oppressores;

«6.º *A' quéda eterna de todas as tyrannias*;

7.º Ao estabelecimento d'uma liberdade sabia, sobre a ruina eterna dos inimigos dos povos!

«Celebradas estas sete vantagens pelas acclamações do uso, o Grande-Eleito bate com a picareta ou malhete as pancadas mysteriosas sobre o throno e dá signal aos membros presentes para que se assentem. Obedecem e collocam as mãos em ordem, assentados, isto é, em cruz sobre os joelhos, salvo o Grande-Eleito e os Exploradores, que não podem abandonar a picareta e se apoiam sobre os troncos.

«O GRANDE-ELEITO. Os trabalhos estão abertos, meus Bons-Primos, e a brilhante Estrella que nos serve de Orador está convidada a dar-nos uma breve explicação do que nos deve occupar esta noite, depois da leitura, a que vai proceder o secretario, da acta de nossa ultima sessão. Lêde Bom-Primo secretario.

«(A acta é lida em alta voz: a cada membro presente é livre o fazer as suas observações, depois de ter obtido auctorisação do modo costumado, e logo que a Vendita decidiu por maioria de votos, ou se não ha reclamações, o Grande-Eleito põe a adopção a votos e a proclama).

O GRANDE-ELEITO. Tendes a palavra, Bom-Primo orador, *Estrella* das nossas reuniões nocturnas.

«A ESTRELLA. No principio dos seculos que se chamam a idade de ouro, as nossas reuniões eram inuteis, meus Bons-Primos; todos os homens, *obedecendo ás leis da natureza, eram bons*, virtuosos e obsequiosos; todas as suas virtudes não tinham outro fim senão de avantajar-se no exercicio da beneficencia. A terra, *sem senhores particulares*, fornecia abundantemente o necessario a todos aquelles que a cultivavam. As necessidades eram moderadas; fructos, raizes, agua pura (1) bastavam para a subsistencia dos homens e das suas companheiras. Primeiro cobriram-se com folhas, depois, quando se determinaram, corrompendo-se, a fazer guerra ás *innocentes creaturas sobre as quaes se arrogaram depois, o direito de vida e de morte, a pelle dos animaes lhe serviu para se vestirem.* Este primeiro esquecimento da *humanidade* destruiu em breve a fraternidade geral e a paz primitiva. Os odios, as invejas e a ambição se apoderaram do coração dos homens. *Os mais habeis* lançaram mão do poder concedido *pela medriocridade sem luzes*, com a esperança de serem dirigidos mais convenientemente. A maioria, tendo escolhido chefes, lhes consentiu concessões d'auctoridade, deu-lhes apanagios, guardas, e o direito de fazerem executar leis feitas por e para os povos,

(1) Para que pois lhes servia a cultura da terra.

mas eleitos livremente, os possuidores d'um poder temporario tentaram brevemente conserval-o e augmental-o. Para isto serviram-se dos homens armados e postos ás suas ordens para carregarem de cadêas o povo, seu bemfeitor; ousaram publicar que a sua auctoridade vinha do ceu e seria de futuro hereditaria e omnipotente. A força, que só devia servir para a defesa geral do territorio das diversas povoações, foi empregada contra cidadãos desarmados. Os chefes ingratos os constrangeram a pagar enormes impostos para manter o seu fausto, as suas guerras injustas e perseguidoras. Concentraram o direito de fazer leis em algumas mãos dedicadas e mercenarias; e, quando os povos quizeram unir-se e destruir a tyrannia, um punhado de bandidos audaciosos, dizendo-se sagrados, e impeccaveis, cobertos com uma inviolabilidade usurpada, trataram como rebeldes os verdadeiros soberanos do estado, que não podem ser senão a multidão ou a totalidade dos individuos de que se compõe a nação. O pobre foi despresado, tratado como bandido, e tido em nenhuma conta. Os favoritos do monarcha reinaram ou tyrannisaram em seu nome, e o mais medonho despotismo substituiu em quasi todos os pontos do globo terrestre, a liberdade primitiva e a egualdade que o ceu tinha querido estabelecer para todos os homens e que hoje não existe, dil-o-hei? senão por morte dos individuos.

«Em muitas circumstancias, bons cidadãos de todos os paizes tentaram reproduzir a edade d'ouro pelo aniquilamento da tyrannia. Viu-se na Grecia, e em Roma, a *liberdade* triumphar por algum tempo, porque foi alli permittido espalhar entre os povos os principios e a luz. Demasiadas vezes os prestigios da gloria cercaram d'uma confiança céga, imprudente e perigosa illustres guerreiros, que pri-

meiro salvaram a patria e acabaram por opprimil-a. Então os satellites que os tinham elevado, mergulharam a multidão na ignorancia para dividirem entre si todo o poder e toda a fortuna. As grandes e pequenas republicas desappareceram; um sceptro de ferro pesou sobre as nações, e só triumpharam, e zombaram do destino dos povos, bandidos coroados.

«Tal é, meus Bons-Primos, o medonho destino da rica e bella Ausonia, mãe das bellas-artes, e patria dos mais illustres heroes. Livre outr'ora e então senhora das tres quartas partes do mundo, obedece agora a trinta suppostos soberanos que, encerrados no que chamam seus dominios, tyrannisam ainda com mais impudencia os povos infelizes, sujeitos á sua auctoridade cruel, mas vacillante.

«Foi para purgar d'elles o solo italiano que nossos avós, os primeiros Bons-Primos, estabeleceram a respeitavel Carbonaria. Desterrados do mundo, não se atrevendo a apparecer á luz do dia, a liberdade e egualdade fugiram para os bosques, esconderam-se nas Venditas, nas choças mais remotas, e alli, tomando de novo o vestido viril de que estamos revestidos, *afiaram suas picaretas e os punhaes* e juraram destruir n'um só dia todos os oppressores d'estes bellos paizes, Nós todos prestamos, sobre o signal da Redempção do mundo, este juramento sagrado de restabelecer a santa philosophia do Redemptor! *E' chegado o momento meus Bons-Primos, o sino da insurreição já soou;* os povos armados estão em marcha; ao nascer do sol os tyrannos terão deixado de viver e a liberdade será triumphante. Empreguemos as poucas horas que vão decorrer para chegarmos ao momento de uma curta e terrivel vingança, em reler e proclamar as novas leis que vão reger a

bella Ausonia, reunil-a n'um só povo nos limites naturaes, e tornal-a livre, feliz, florescente e exemplo do resto do universo.

«O GRANDE-ELEITO. Meus Bons-Primos, uni-vos a mim para celebrarmos uma das mais brilhantes vantagens em honra de nosso Creador e pela bella causa que os Carbonarios se dedicaram a defender. Não podemos fazêl-o melhor que reiterando o septuplo applauso; comigo, etc. (Applaudem como acima se disse).

«O GRANDE-ELEITO. Bom-Primo, secretario, lêde-nos as instrucções que foram mandadas aos nossos enviados directores do movimento reorganisador que se executará esta manhã para operar a liberdade da Ausonia.

«O SECRETARIO. Obedeço. — Lê: — «Cada director se dirigirá pelas onze horas exactas da noite de... ao lugar de reunião designado aos Mestres Carbonarios reunidos na Vendita do seu grau. Declarar-lhes-ha verbalmente o *fim* das reuniões geraes que se preparam, e designará as praças publicas ou outros lugares, onde cada um d'entre elles deverá fornecer um corpo dos seus aprendizes e outros partidarios, mesmo profanos, reconhecidos dignos, pelas suas opiniões liberaes, de concorrer para a gloria d'este feito. Designará os homens determinados que se tiverem offerecido voluntariamente para darem os primeiros golpes, os arautos que proclamarem immediatamente a quéda e o fim dos oppressores do povo, inimigos mortaes da Ordem Carbonica, distribuirá aos principaes chefes da expedição as listas dos satellites do poder destruido que será bom deter, prender ou combater, e matar no caso de inutil resistencia. Encarregará os mesmos chefes de fazerem publicar a proclamação que constitue um novo governo provisorio encarre-

gado de proclamar a liberdade ausonia e de reunir a camara unica eleita por todos os cidadãos, sem excepção, que tenham completado a edade de vinte annos, que se deverá reunir em M.·. n'um mez o mais tardar a contar do dia do levantamento geral da patria. Este governo provisorio, escolhido pelos Gran-Mestres Eleitos, reunidos e reconhecidos por toda a Italia como os mais zelosos partidarios d'uma liberdade sabia e forte, incorruptiveis e innaccessiveis a todas as seducções, deverá installar-se no palacio ainda occupado pelos tyrannos, logo que elles forem expulsos e entregues á vingança do povo. Já a sua guarda pouco numerosa e composta de cidadãos livres e fieis aos nossos principios d'egualdade, se terá apossado de todos os postos do palacio e das repartições ministeriaes, assim como de todas as caixas publicas. A proclamação contendo um resumo de todas estas disposições, declarará traidores á patria todos aquelles que se opposerem á nova ordem de cousas e não prestarem juramento d'obediencia ao governo popular e provisorio dos 21 membros que temos designado, e que todos se assentam n'esta choça tenebrosa, d'onde vão sahir os primeiros raios da luz que a tyrannia obrigou a occultarem-se por tanto tempo.

«Se o movimento se effectuar sem uma resistencia muito sanguinolenta, evitar-se-ha quanto seja possivel o combater e os individuos criminosos ou suspeitos serão postos em lugar seguro até depois da reunião da camara e da organisação do governo definitivo. Os chefes designados pelos directores darão uma conta exacta, depois da sua execução, de todas as suas operações politicas e guerreiras, primeiro áquelles que lhes tiverem fornecido as instrucções, e

depois ao governo provisorio estabelecido sobre as ruinas da tyrannia.

«Os directores do movimento vigiarão pela sua execução, se espalharão por entre as massas do povo, animarão os fracos, empenharão os indecisos a reunirem-se aos bravos, e prometterão as recompensas mais brilhantes do reconhecimento nacional a todos os patriotas Carbonarios, *Franc-Maçons* ou profanos, que se tiverem distinguido pelos seus actos de bravura e patriotismo n'esta guerra curta e legitima, para a liberdade de todas as povoações da peninsula d'Ausonia.»

«O GRANDE-ELEITO. — Vêdes, por esta leitura, meus Bons-Primos Grandes Eleitos, que se tomaram as mais sabias precauções para o bom successo dos nossos grandes designios. São sem duvida infalliveis, e dentro em pouco sereis chamados, em parte, a governar estes povos animosos que sacodem as suas cadêas e vão quebral-as para sempre.

«Não esqueçaes, quando tiverdes largado o vestido de Gran-Mestre, que indica pela sua côr o luto geral dos homens livres, para vestirdes a toga e a purpura romanas, não esqueçaes que, elevados temporariamente acima do nivel da egualdade, para governardes os vossos similhantes, deveis, ao fim de sete annos, tornar a entrar na multidão commum para o resto dos vossos dias, e que o procedimento que tiverdes observado no decurso da vossa magistratura, será castigado ou premiado pelo povo soberano que vos terá collocado á sua frente para pôr o remate á sua gloria, fazendo respeitar e reconhecer as suas vontades, as suas liberdades e o seu poder por todas as nações do universo. Pensae nos juramentos terriveis que prestaste n'este recinto,

não vos esqueçaes dos nossos e estae certos de que nós mesmos nos conservaremos fieis a elles e enterrariamos as nossas espadas nos vossos corações perfidos e perjuros, se em alguma occasião vos succedesse prevaricardes!

O primeiro Explorador.—Mui Veneravel Grande-Eleito, eu proponho em nome de todos os meus Bons-Primos de minha Ordem, que renovemos aqui todos, n'esta occasião decisiva e solemne, o nosso juramento secreto.

« O segundo Explorador.—Apoio a proposta em nome de todos os meus Bons-Primos de minha ordem septentrional.

« O orador Estrella. — Respeitavel Grande Eleito, apoio as propostas dos meus Bons-Primos, Sol e Lua, renovo-as em nome de todos os Grandes Dignatarios, e concluo porque todos os assistentes, com um joelho em terra, uma mão levantada, e a outra sobre o coração, unidos em volta do Throno Sagrado que sustenta as bases da Ordem, reiterem em voz alta o seu juramento, logo depois que vós tiverdes repetido a formula d'elle.

«O Grande-Eleito.—Bons-Primos, Gran-Mestres, Grandes Eleitos, visto que a proposta que acabais de ouvir é apoiada, que o Orador concluiu pela sua adopção, e que se não levanta nenhuma observação sobre o modo como elle julga conveniente que seja renovado o nosso juramento solemne n'uma occurrencia que vai decidir da salvação geral da patria ausonia, ponho a votos a adopção d'esta proposta. —Aquelles que são de parecer que o juramento seja renovado segundo o modo indicado pelo nosso Bom-Primo Orador se levantem, com as duas mãos na Ordem. (*Os Bons Primos se levantam.*)

« Todos aquelles que são de opinião contraria levan-

tem-se tambem, e aquelles que se levantaram sentem-se!

Não se tendo levantado ninguem, ou poucos, o Grande Eleito accrescenta!

« A proposta está portanto adoptada, descei para o meio da Vendita, meus Bons-Primos, ponde o joelho direito em terra, no momento em que eu vos der signal, e pronunciai as palavras: Eu o juro, ao mesmo tempo que eu vos tiver lido a formula sagrada do nosso grande juramento Carbonico de Gran-Mestre Grande Eleito.

(A Lua e o Sol fazem signal aos Bons-Primos que occupam suas respectivas ordens de descerem para o meio da Vendita, ou camara d'honra, e d'alli se collocarem, bem alinhados, em triangulo troncado: a Lua e o Sol, e entre elles os expertos introductores, Flammas e Servos, formando a linha triangular occidental. O Muito Veneravel Grande Eleito, em volta do qual se agrupam os outros Grandes Dignatarios, se collocam na ponta truncada do *triangulo oriental*, por detraz do throno coberto com as bases carbonicas. Todos em ordem e no maior silencio.)

« O Grande Eleito. — A fórma mysteriosa e sagrada é perfeita, meus Bons-Primos; invocai interiormente a Omnipotencia divina, para que vos dê força de manterdes o juramento terrivel que ides pronunciar, e cahi ao pé do throno que tem o signal da Redempção geral e de volta das luzes philosophicas. — Comigo, meus Bons-Primos. Joelho em terra — A' ordem dos juramentos. » A estas ultimas palavras, todos os Bons-Primos se ajoelham sobre a parte direita, levantam a mão direita acima da cabeça, estendendo-a para diante para o throno, e põem a mão esquerda sobre o coração, com o punho fechado como se sustentassem um punhal promptos a apunhalar-se; tomada esta

posição, o Veneravel Grande Eleito pronuncia em alta voz a seguinte formula:

Juramento dos Eleitos.

«O GRANDE ELEITO. — Eu, cidadão livre da Ausonia, reunido sob o mesmo governo e as mesmas leis populares que me obrigo a estabelecer, ainda mesmo á custa do meu sangue, juro na presença do Gran-Mestre do universo e do Grande Eleito, Bom-Primo, empregar todos os momentos de minha existencia em fazer triumphar os principios de egualdade, liberdade, e odio á tyrannia, que são a alma de todas as acções secretas e publicas da respeitavel Carbonaria. Prometto propagar o amor da egualdade em todas as almas sobre as quaes me fôr dado exercer alguma influencia. Prometto, não me sendo possivel estabelecer o regimen da liberdade sem combater, fazêl-o até á morte.

«Consinto, se tiver a desgraça de me tornar perjuro aos meus juramentos, em ser immolado por meus Bons-Primos os Grandes Eleitos, do modo mais afflictivo. Sacrifico-me a ser crucificado no centro da Vendita, d'uma gruta ou d'uma sala d'honra, e coroado de espinhos do mesmo modo que o foi nosso Bom-Primo Christo, nosso redemptor e modelo; consinto de mais em que me abram o ventre estando eu vivo, que o meu coração e as minhas entranhas sejam arrancadas e queimadas, que os meus membros sejam cortados em pedaços e dispersos, e o meu corpo privado de sepultura.

«Taes são as nossas obrigações para todos, meus Bons-Primos, juraes conformar-vos com isto?

Todos os Bons Primos ao mesmo tempo: *Nós o juramos!*

«O GRANDE-ELEITO. — Deus vos ouve, meus Bons-Primos, o seu trovão rebomba; os vossos juramentos são recebidos; o povo está prompto para combater; triumphará; desgraçados de vós se vos tornardes perfidos para com elle! Tomae de novo os vossos lugares. — Continúa:

«Agora, meus Bons-Primos, vai ser-vos lido o pacto social constitucional que a vossa commissão de legislação preparou na sua sabedoria para ser submettido á sancção da nação ausonia, livre e reunida. Previno-vos que cada um dos assistentes póde, conformando-se com os usos que praticamos para obter a palavra, interpellar-me para a explicação das passagens que não tiver comprehendido bem ou para lhe dar os esclarecimentos convenientes. Poder-se-hão egualmente censurar os artigos que se julgarem susceptiveis de critica, e propôr modificações que serão acceitas ou regeitadas por maioria de votos. Sendo esta leitura a setima e ultima, não haverá mais nenhuma, e vós votareis sobre a totalidade do projecto do pacto social, logo que a leitura esteja terminada.

«Ouçamos essa leitura, Bom-Primo, Estrella Orador.

«O ultimo lê:

Pacto social constitucional da Ausonia.

«Art.º 1.º A Ausonia compõe-se de toda a peninsula italiana, limitada ao nascente pelo Mediterraneo; ao sul pelo mesmo mar; ao oeste, pelo cume dos mais alto dos Alpes, desde o Mediterraneo até ás mais altas montanhas do Tyrol que a separarão ao norte da Baviera e da Austria. To-

dos os antigos estados Venesianos serão comprehendidos na Ausonia, até ás embocaduras do Cattaro. Os seus limites com a Turquia serão demarcados pelos montes da Croacia, comprehendendo Trento e Frume. Todas as ilhas do Adriatico e do Mediterraneo, situadas a menos de cem milhas das costas d'esta nova republica, farão tambem parte do seu territorio e serão occupadas por tropas a seu soldo.

«2. Todos os governos existentes na extensão do territorio que acaba de ser designado, cessarão nas suas funcções immediatamente depois da publicação do presente pacto social e se submetterão ao da republica ausonia. Os seus archivos, armas, cofres e propriedades, moveis, immoveis de toda e qualquer natureza serão entregues intactas nas mãos dos agentes da republica; todo aquelle que se opposer a esta vontade invariavel do povo soberano da Ausonia, será deportado por toda a vida para uma das ilhas designadas para servirem d'asylo aos inimigos do estado.

«3. O territorio da Ausonia será dividido em vinte e uma provincias. Cada provincia mandará um deputado á assemblêa soberana central, que representará a nação.

«4. Existirá em cada uma das vinte e uma provincias federadas e obedientes ás leis geraes da republica, uma assemblêa nacional particular, que poderá dar á provincia regulamentos particulares, analogos aos usos, costumes e utilidades da sua população. Estes regulamentos, para serem postos em vigor, deverão comtudo ser submettidos á approvação dos conselhos da provincia e notificados ao governo da republica, o qual, segundo fôr necessario, os fará proteger, depois de ter a certeza de que não contém nada contrario ao bem geral do estado.

«5. Cada provincia será dividida em departamentos,

cuja população approximativa será sempre de trezentas mil almas. Dar-se-lhes-ha por limites, quanto seja possivel, os naturaes dos rios, regatos, montanhas, valles ou estradas reaes sem attender ás antigas demarcações.

«6. Os departamentos serão divididos em districtos de cem mil almas; os districtos em cantões de pouco mais ou menos dez mil; os cantões em concelhos, como actualmente se acham, salvas as rectificações pela assembléa provincial, a seu pedido, e em caso d'absoluta necessidade.

«7. Os departamentos serão governados civilmente por um conselho geral de seis membros, presididos por um septimo; os districtos, por um conselho de dous membros, presididos por um terceiro; os cantões por um presidente auxiliado por um adjuncto e um secretario; os concelhos, por uma municipalidade, cujo numero de membros será, proporcionado á população, tomando por base um individuo para trezentas almas.

«8 A nova circunscripção da Ausonia será feita segundo o modêlo annexo ao presente pacto social, salvas as modificações locaes que propozerem no decurso do anno os concelhos da republica e que a assembléa soberana adoptar ou regeitar por maioria de votos.

«9. Todos os cidadãos da republica nascerão e parmanecerão livres e eguaes em direitos; são todos sugeitos ás leis feitas pela assembléa soberana e consentidas pela nação nas suas assembléas primarias.

«10. Os cidadãos, sem nenhuma outra consideração que os seus talentos e a sua probidade, pobres ou ricos serão aptos para chegar a todos os empregos.

«11. Todos os empregos serão electivos e temporarios.

«12. Nenhum cidadão poderá ser reeleito para o mesmo emprego senão depois d'um intervallo egual á duração do tempo que o occupou; porém será admissivel a todos os outros empregos.

«13. Os empregos militares serão os unicos exceptuados d'esta regra geral.

«14. Todas as eleições emanarão directa ou indirectamente do povo.

«15. As assembléas primarias nomearão os seus officiaes municipaes, os officiaes superiores e inferiores das suas guardas nacionaes, e os eleitores ás assembléas de cantão que serão compostas do quinquagesimo membro das assembléas primarias.

«16. As assembléas cantonaes nomearão os juizes de paz de cantão, que serão os officiaes superiores das guardas nacionaes e os eleitores ás assembléas de districto.

«17. As assembléas de districto nomearão os juizes dos tribunaes da primeira instancia, estabelecidos na capital de cada districto, os officiaes-generaes, commandantes de todas as guardas nacionaes do seu districto e os eleitores ás assembléas departamentaes.

«18. As assembléas de departamento nomearão os tribunaes d'appellação, o general em chefe e o estado-maior general de todas as guardas nacionaes dos departamentos, os bispos, os parochos e os serventuarios, sobre triple proposta dos candidatos ecclesiasticos, apresentada pelo bispo á assembléa e finalmente os eleitores ás assembléas provinciaes.

«19. As assembléas provinciaes nomearão os membros dos tribunaes superiores de cassação, que decidirão definitivamente sobre todos os processos, excepto aquelles que dizem respeito ao estado e que subirão até ao supremo

tribunal nacional de que adiante se fallará. Nomearão tambem sobre triple apresentação de candidatos das assembléas cantonaes, districtaes ou departamentaes, os conselhos geraes permanentes de departamento, e directamente os sete membros que deverão compôr o conselho geral administrativo e permanente da provincia, assim como o ministro militar encarregado de tudo o que diz respeito á direcção e organisação das guardas nacionaes dos departamentos da provincia. Elegerão o arcebispo d'entre os bispos de toda a republica. A estes homens episcopaes será confiada a nomeação dos conegos, prebendados, vigarios geraes e outros empregados ecclesiasticos; são exceptuados os superiores dos seminarios e dos collegios ou lyceus, estabelecidos nas capitaes dos departamentos e das provincias, cuja nomeação será feita pelas assembléas respectivas d'estas provincias ou departamentos.—Finalmente as assembléas provinciaes elegerão cada uma um deputado á assembléa soberana e pelo tempo de vinte e um annos; será comtudo eleito cada anno um deputado por cada uma das vinte e uma provincias, que tirarão á sorte entre si para saber qual dos vinte e um membros da assembléa soberana deverá sahir no fim d'um, de dois, de tres annos etc., e isto até que sendo passados os vinte e um primeiros annos da republica, se effectue a renovação integral dos membros, salvo o caso de morte, todos os vinte e um annos sómente. Se um dos membros da assembléa soberana morrer, a assembléa da provincia será immediatamente convocada e o substituirá antes de tres mezes ou mais cêdo, se fôr possivel. As assembléas de provincia nomearão tambem cada uma um candidato do tribunal supremo; a assembléa soberana escolherá sete para o formarem, e os quatorze restantes ficarão

como supplentes após elles e tomarão logar no tribunal, á medida que um dos membros morrer; n'este caso a provincia substituirá o supplente. Estes juizes estarão sujeitos ás mesmas leis que a assembléa soberana e seguirão o movimento d'ella nos vinte e um primeiros annos para occuparem o seu emprego um, dous, ou tres annos sómente e assim por diante.

«20. Junto de todos os tribunaes existirão procuradores e advogados intelligentes, sujeitos aos regulamentos ordinarios actualmente em vigor, e cujos deveres serão fixados e o numero limitado pelos tribunaes segundo as necessidades locaes.

«21. O supremo tribunal nacional residirá na cidade designada como capital da republica: será composto d'um presidente, de seis membros e de quatorze supplentes, e tomará conhecimento de todas as causas que lhe forem enviadas pelo poder executivo.

«22. O poder executivo da republica será exercido por dois reis eleitos por vinte e um annos pela assembléa soberana; um chamar-se-ha o rei do mar, e o outro o rei da terra.

«O primeiro administrará a marinha e os portos, e o outro o interior da republica. Deverão communicar um ao outro todos os seus actos que não terão valor senão pelo seu consentimento unanime. Em caso de dissidencia, recorrerão á assembléa soberana que nomeará d'entre os seus membros um rei do povo eleito *ad hoc*, o qual decidirá a questão em favor d'um dos dois reis e sem appellação. Os actos reaes relativos ás declarações de guerra e ás expedições longinquas da marinha não se poderão executar sem a approvação da assembléa soberana.

«23. Todos os empregados do estado serão pagos segundo os recursos da republica, que acordará cada anno

o orçamento das suas despezas por apresentação dos dous reis; não haverá ministerio, mas sim direcções separadas, cujos chefes responsaveis serão nomeados pelos reis e destituiveis por elles. Os generaes em chefe tanto de terra como de mar serão egualmente nomeados e demittidos pelos reis, da mesma sorte que os estados maiores e todos os administradores militares. As promoções aos diversos postos tambem lhes pertencerão, mas serão motivadas pelos serviços e bellas acções bem notorias. Nenhuma consideração aos serviços dos avós dos militares em actividade poderá decidir a sua promoção, mas tão sómente o seu merecimento pessoal.

«24. As familias dos reis não terão nenhumas outras prerogativas nem distincções particulares que as dos simples cidadãos. Seus filhos não terão nenhum direito ao throno, e o interesse geral exige que sejam excluidos da eleição. Os chefes dos poderes executivos serão inviolaveis em quanto se não servirem das suas armas contra a patria; n'este caso, serão despojados do seu poder e julgados pelo supremo tribunal, segundo um decreto prévio d'accusação da assembléa soberana.

«25. Todos os cidadãos sadios de dezeseis a sessenta e quatro annos de idade farão parte da guarda nacional. Todos os cidadãos estarão sujeitos ao serviço militar do exercito regular, desde dezoito até vinte e cinco annos, casados ou solteiros, ou qualquer que seja o estado que elles possam professar.

«26. Depois de sete annos de serviço, os militares officiaes inferiores ou soldados terão a liberdade de se retirar a seus lares ou continuar a servir por um tempo determinado que elles mesmos fixarão voluntariamente e

d'antemão, mas que depois não poderão abreviar sob qualquer pretexto, sem se sujeitarem a todos os castigos infligidos á deserção.

«27. A republica concederá recompensas pecuniarias e asylos vitalicios aos militares de todos os postos que se tiverem tornado dignos de os obter pelas suas feridas, boas acções ou longos serviços.

«28. Todas as fortalezas existentes de primeira, segunda e terceira linhas nas novas fronteiras da republica Ausonia, serão reparadas e augmentadas em numero, se o governo assim o julgar necessario, por um decreto prévio da assemblêa soberana.

«29. Observar-se-ha o mesmo a respeito de todos os portos de mar agora existentes; e como a situação da peninsula e o seu interesse pessoal exigem que ella se occupe essencialmente do commercio e da marinha, serão abertos vastos e novos portos em todas as costas que parecerem mais susceptiveis d'offerecer um abrigo seguro a grandes esquadras; e os cidadãos são convidados, pelo presente pacto social, a ajudar o governo com todos os seus meios e genios, para levar a marinha ausonia a tão alto grau de poder, que eguale ou balanceie a das mais florecentes nações do universo.

«30. O exercito permanente occupará os postos e fortalezas e nunca poderá ser empregado senão na defesa geral da patria. A septima parte do dito exercito será todos os annos renovada nas armas, e o contingente de cada uma das vinte e uma provincias será repartido pelos corpos pouco mais ou menos em egual porção, para que os cidadãos de cada fracçãoda federação d'Ausonia aprendam a estimarse, a conhecer-se, e se desapeguem de todo o espirito de

localidade, para não defenderem em commum senão os interesses geraes da republica.

«31. Os reis nunca se poderão pôr á frente dos seus exercitos; conservarão a direcção exclusiva d'elles e confiarão o commando aos seus mais recommendaveis generaes ou aos mais afamados almirantes.

«A habitação dos reis será sempre a da assembléa soberana permanente. Não poderão sahir do territorio da republica sem serem declarados decahidos do throno. Uma habitação real e magnifica lhes será attribuida em commum. A corôa não possuirá nenhuma propriedade, mas cada um dos reis gozará d'uma dotação annual d'um milhão de piastras fortes, por meio da qual deverá pagar todas as despezas da sua côrte e casa. Só á guarda nacional pertencerá o privilegio de guardar os reis. As tropas regulares não poderão habitar nas cidades do interior senão no caso d'uma invasão do inimigo, e tão sómente até que elle seja repellido para longe das fronteiras.

«32. A todas as praças fortes existentes no interior da republica, além das de primeira, segunda e terceira linhas, acima mencionadas, serão as fortificações arrazadas dentro d'um anno o mais tardar, a contar da publicação do presente pacto social constitucional.

«33. A religião christã, *que um conselho ou concilio de todos os bispos reeleitos ou confirmados na peninsula restabelecerá na sua primitiva pureza*, será declarada a religião da maioria da Ausonia. Todos os outros cultos alli serão tolerados e poderão ter templos, mas só a religião christã poderá exercer publicamente as suas ceremonias.

«34. Os arcebispos, bispos, parochos, serventuarios, conegos e todos os mais ecclesiasticos que occupem cargos

reconhecidos uteis para o estado, serão pagos proporcionalmente ás suas dignidades. O director dos negocios ecclesiasticos regulará tudo o que disser respeito aos seus ordenados que serão contados no orçamento, e dignos da generosidade da republica.

«35. O conselho elegerá um patriarcha para a Ausonia, e o seu vencimento será decuplo do dos arcebispos. *O papa actual será rogado a acceitar esta dignidade* e receberá POR INDEMNISAÇÃO DAS SUAS RENDAS TEMPORAES REUNIDAS AO DOMINIO DA REPUBLICA, uma quantia pessoal paga annualmente em quanto viver, além do ordenado de patriarcha, MAS QUE NÃO PODERÁ SER CONTINUADO AOS SEUS SUCCESSORES.

«36. O sacro collegio dos cardiaes não poderá residir na republica que não o reconhecerá e não lhe pagará senão em quanto durar o actual papa.

«*Depois da sua morte, se o collegio eleger um novo,* ESTE CHEFE DEVERÁ TRANSFERIR A SUA SEDE PARA FORA DO TERRITORIO DA REPUBLICA.

«37. Os reis, principes e chefes dos governos abolidos pelo presente pacto social deverão vender as suas propriedades pessoaes dentro do prazo d'um anno, e transportar o preço d'ellas com suas pessoas e familias para outros climas. Nenhum dos seus descendentes poderá tornar a entrar na Ausonia senão passados cem annos e com a condição de alli viver como simples particular, e submetter-se a todas as leis da republica.

«38. O imposto será progressivo e conforme ás posses dos cidadãos proprietarios ou industriosos. A taxa será marcada por jurados ou peritos de cada concelho: *o mais pobre não pagará mais que a septima parte da sua renda;*

o mais rico pagará seis septimas partes; observar-se-ha a regra progressiva para as classes intermediarias.

«39. Os differentes impostos directos ou indirectos, em dinheiro ou em generos, serão fixados na assembléa soberana e poderão variar em cada provincia, segundo os seus recursos e as suas producções, visto que serão organisados tomando a população por base, e que a sua extensão e a bondade do seu solo podem ser muito deseguaes.

«40. O principal thesouro do estado receberá os nove decimos de todos os impostos e dos quaes pagará todas as despezas por meio de oito decimos; o outro decimo será posto de reserva para o caso de guerra, e á disposição d'um banco nacional que o fará render em proveito do estado. O director do thesouro publico e todos os seus agentes serão nomeados pela assembléa soberana, por apresentação dupla de candidatos, feita pelos dous reis da republica. O director pagará a todos os empregados do estado, civis, administrativos, ecclesiasticos e militares.

«41. Um decimo do imposto ficará em cada uma das vinte e uma provincias á disposição do conselho geral para as despezas locaes; o decimo d'este decimo será egualmente posto de reserva cada anno e confiado a um pequeno banco provincial que seguirá a mesma marcha que o banco central em proveito do estado.

«42. Nos departamentos, districtos e cantões poderá estabelecer-se o mesmo systema; mas então estes bancos não terão nenhum direito a reclamar uma parte das rendas do estado e se alimentarão com subscripções voluntarias.

«43. Todos os concelhos da republica imporão um vigesimo do imposto geral sobre elles mesmos e o empre-

garão nas suas despezas locaes. Administrarão com muita economia para terem sempre uma quantia de reserva, da qual disporão á sua vontade para actos de beneficencia ou para indemnisação devida á desgraça.

«44. Os edificios do culto, a conservação dos passeios e praças publicas, e as casas da camara, as guardas campestres e o supplemento de ordenado, se fôr necessario, conforme ás localidades, a certos funccionarios ecclesiasticos, ficarão a cargo dos concelhos.

«45. A bandeira nacional da Ausonia será triangular; uma das pontas será fluctuante e as outras duas estendidas sobre a lança da bandeira. Este grande triangulo será formado de tres triangulos eguaes reunidos, dos quaes o mais elevado junto da lança será azul celeste, o mais baixo verde d'herva, e o fluctuante côr d'ouro; estas tres côres indicam o céo, a terra, o sol e os astros que compoem o systema geral do mundo. Esta bandeira será a mesma para as tropas de terra como para a navegação; um sol será impresso sobre uma e uma ancora sobre a outra.

46. A revolução da Ausonia, a fixação dos seus limites e o estabelecimento do seu pacto social serão notificados por embaixadores extraordinarios a todas as potencias em relação com os governos abolidos, outr'ora existentes no territorio da republica. Declararão que a nação ausonia, resolvida a fazer respeitar as novas leis e os limites do seu territorio, renuncia a toda e qualquer conquista, mas não permittirá que os seus visinhos a violem com armas, ainda mesmo quando toda a população tivesse de ficar sepultada debaixo das ruinas da patria; em reciprocidade, os cidadãos da Ausonia nunca se importarão com a

politica dos governos visinhos, e deixarão ao tempo e á philosophia o cuidado de a fazer mais popular.

«47. Os navios da republica reservarão para si o direito commum a todas as nações de commerciar em todos os mares. Não inquietarão o commercio de nenhuma potencia; mas se as esquadras da republica forem atacadas, usarão do direito de legitima defesa e farão respeitar a sua bandeira.

«48. Todos os titulos hereditarios são abolidos. A assembléa soberana póde concedêl-os, assim como outras distincções puramente honorificas e pessoaes, vitalicias e temporarias, como estimulo ou recompensa nacional. Estes titulos não podem ser transmittidos senão ás esposas d'aquelles a quem o governo os confere por proposta do governo executivo.

«49. Todos os direitos feudaes são abolidos sem indemnisação. Aquelles que resultam de concessão de territorio serão resgatados pelo preço d'um capital fixado ao juro de dez, e que será pago pelo devedor no praso de tres annos, o mais tardar, durante os quaes o direito ordinario continuará a ser recebido em proveito do proprietario.

«50. Todos os hospitaes, asylos de mendicidade, fabricas publicas, collegios, lyceus, escólas secundarias e primarias actualmente existentes, serão conservados e melhorados, mas sujeitos aos regulamentos particulares a cada um d'elles, os quaes serão decretados pela assembléa soberana. A divisão d'elles será feita de maneira que todos os cantões, districtos, departamentos e provincias da republica, possuam de entre estes estabelecimentos aquelles que estiverem mais em relações com as suas necessidades e localidades.

«51. A pena de morte é abolida para qualquer ou-

tro crime que não seja o homicidio voluntario. A deportação para uma das ilhas da republica é substituida á pena de morte para todos os outros crimes. Os criminosos alli estarão sob boa guarda, mas sem cadêas, empregados na cultura das terras ou n'outros trabalhos industriaes. Nunca serão confundidos, de modo que os condemnados por simples delicto se possam corromper pela companhia dos grandes criminosos. Quando os primeiros forem condemnados a detenção de mais de tres mezes, serão mandados, para alli trabalharem, para uma ilha mais particular e mais visinha da peninsula. Os detidos por pequenos prazos, ficarão nas casas de correcção situadas nas principaes cidades, e ahi serão sempre empregados em diversos trabalhos.

«52. Os castigos ás mulheres serão applicados segundo os mesmos principios: serão detidas separadamente dos homens e não serão mandadas para as ilhas, excepto quando o pedirem, para serem legitimas esposas dos deportados por toda a vida.

«53. Todas as ordens mendicantes serão conservadas, mas os membros que n'este momento enchem os seus mosteiros tem a liberdade de mudar d'estado e entrar na sociedade por tempo d'um anno, a principiar da publicação do presente pacto social. No futuro, não poderão entrar nos claustros, senão depois de terem pago a sua divida á patria, servindo o estado por sete annos, ou de se terem substituido por um militar de edade de mais de vinte e cinco annos. Não poderão pronunciar os seus ultimos votos senão depois de terem feito quarenta e cinco annos, e terão sempre a liberdade de residir nos seus mosteiros ou com as suas familias, depois que tiverem professado. Esta

liberdade não poderá subtrahil-os aos outros deveres da sua regra e á disciplina para com os seus superiores.

«54. Todos as outras ordens serão egualmente conservadas, mas *não poderão conservar senão os seus conventos e terras sufficientes* para lhes dar um rendimento liquido de 300 piastras (270$000 rs.) por cada religioso professo, e 100 (90$000 rs.) por cada religioso noviço ou irmão leigo de cada mosteiro, bem como uma mobilia sufficiente; *todo o superfluo* dos bens actualmente possuidos pelos monges não mendicantes *será reunido ao dominio da republica.*

«55. Os conventos de mulheres serão sujeitos ás mesmas regras. Só as virgens não poderão de futuro ser admittidas nos claustros senão depois de terem completado trinta annos, e não farão os seus ultimos votos senão aos quarenta. As viuvas, sem filhos, poderão anticipar cinco annos as duas epochas referidas. Todas serão livres, conformando-se com a regra da sua ordem pelo que toca á regularidade do porte e do vestuario, para habitarem os mosteiros ou residirem junto das suas familias, segundo o uso de grande parte da Italia actual, onde o governo domestico lhes é ordinariamente confiado.

«56. A permissão de mendigar é prohibida a todos os pobres do territorio. Em cada concelho será dado trabalho aos pobres que tiverem saude, pelos cuidados da auctoridade municipal. Os velhos e os doentes receberão soccorros em sua casa; os individuos que não tiverem asylo, sem fortuna e vagabundos serão encerrados em asylos consagrados á indigencia, os quaes serão estabelecidos no decurso do anno em cada capital de departamento.

«57. Os tumulos dos grandes homens e dos bemfei-

tores da patria serão levantados na margem das estradas, á custa do estado. Os monumentos serão simples, mas notaveis, para que attraiam as vistas dos cidadãos. A estatua dos defunctos não poderá ser collocada sobre o seu mausoleo senão em consequencia d'um decreto especial da assembléa soberana. Uma inscripção laconica em lingua vulgar, indicará o nome e a patria do morto, as suas principaes acções, o dia do seu nascimento, o da sua morte, e a ordem e o nome da auctoridade que lhe decretou o monumento funebre.

«58 e ultimo. O pacto constitucional social da republica ausonia, livremente acceite pela nação nas suas assembléas primarias, será posto sob a salva-guarda dos cidadãos e dos exercitos de mar e terra. Nenhum d'estes artigos poderá ser mudado nem revisto senão de vinte e um em vinte e um annos. As modificações á presente constituição, propostas e acordadas na assembléa soberana nunca serão postas em vigor senão depois da sua sancção prévia pelas assembléas primarias da Ausonia.

«Feito em.... d.... anno primeiro da liberdade ausonia.

«O Grande-Eleito. Bons-Primos que me escutaes, acabaes de ouvir a terceira leitura que os sabios da Republica Carbonaria resolveram apresentar á sancção do povo d'Ausonia. Explicai-vos, se tendes algumas observações que fazer-lhe.

Os Dous Exploradores Sol e Lua, repetem o annuncio, e previnem depois o Grande-Eleito de que ninguem reclama a tal respeito.

O GRANDE-ELEITO. Visto estar terminada a terceira leitura e ninguem reclamar, convido todos os meus Bons-Primos, Grandes-Eleitos aqui presentes, a darem o seu voto sobre a adopção ou rejeição da redacção actual do pacto social destinado á Ausonia.

Vota-se por assentado e levantado, segundo o uso ordinario, e sendo o resultado pela adopção, o Grande-Eleito accrescenta: «sendo o projecto adoptado por unanimidade (ou por maioria) de votos, será entregue nas mãos do governo provisorio, encarregado de reconstituir a Ausonia, para o fazer apresentar á sancção das assembléas primarias. Uni-vos pois a mim, meus Bons-Primos, para celebrarmos o triumpho da liberdade sobre a tyrannia pela septupla vantagem por nós unicamente conhecida.

«Collocam-se em ordem e applaudem por sete vezes, como acima se explicou.

Recepção no terceiro e ultimo grau Carbonico do Grande-Eleito Grau-Mestre.

«Apenas todos os Bons-Primos tomaram os seus logares, ouve-se bater á porta da gruta um simples Mestre Carbonario. Dá-se parte pelo meio ordinario ao Grande-Eleito, o qual ordena, do mesmo modo, que se veja quem bate. A ordem cumpre-se, e annuncia-se que o simples mestre, é aquelle mesmo Carbonario que, n'uma das precedentes sessões, foi por unanimidade julgado digno de ser admittido a Grande-Eleito, e que pede com instancia para obter este favor no mesmo instante, visto que tem passado por todas as provas preliminares.

«O GRANDE-ELEITO. Acabais de ouvir, meus Bons-Pri-

mos, a causa do estranho ruido que soou á nossa porta, aonde se não devem apresentar senão os Grande-Eleitos. Ainda não é tarde; o povo e os directores sahidos do nosso centro combatem n'este momento pela aniquilação dos tyrannos e pelo fim da nossa escravidão: consentis em receber o adepto que se apresenta, e em inicial-o nos nossos mais altos mysterios, durante o tempo livre que nos resta antes da hora em que devemos installar o novo governo? (*approvação unanime.*) (1).

«O Grande-Eleito. Meus Bons-Primos expertos, sahi para o exterior, para junto do candidato, carregai-o de cadêas, ponde-o no estado de nudez que convém para que receba os estigmas, vendai-lhe os olhos e conduzi-o para este recinto, a fim de que complete a sua iniciação e preste o juramento sagrado que nós mesmos renovamos.

«Os expertos obedecem e sahem. Então tudo se prepara na Vendita. Dous cadaveres frescos e carregados de cadêas são trazidos para alli a fim de simular os dous ladrões que, segundo o Testamento, foram crucificados aos lados do Redemptor: dous Bons-Primos são designados para se conservarem atraz dos cadaveres e responderem em nome dos ladrões; tres cruzes de pau de tamanho egual á destinada ao fingido Christo, na recepção de Mestre Carbonario, são collocadas sobre os hombros do adepto e dos dous Bons-Primos que simulam os ladrões, os quaes estão sempre perto dos cadaveres. Só o adepto tem os olhos

(1) Podendo o horrivel drama representado na recepção d'um Grande-Eleito Gran-Mestre parecer incrivel ao leitor, julgamos dever advertil-o de que não fizemos mais que citar textualmente os *Annaes da Maçoneria dos Paizes Baixos*. Os auctores d'esta obra não dissimulam as suas sympathias pela *Carbonaria!*

vendados e não suspeita que é seguido por outros dous, senão quando ouve as sentenças de condemnação á morte pronunciadas pelo Grande-Eleito.

«Os cadaveres serão absolutamente vestidos como os Grandes-Eleitos; sómente terão os braços e o peito nus; terão ao pescoço uma comprida cadêa que sustentará um dos expertos. O primeiro entrando, chegará até ao meio da gruta, depois de ter obliquado muito á direita; o segundo fará o mesmo depois de ter obliquado á esquerda. O candidato que os segue, com os olhos vendados, e levando a cruz aos hombros, é conduzido ao centro da gruta e pára na mesma linha a egual distancia dos dous ladrões.

«Por de traz dos tres pacientes estão tres expertos que os seguram pela cadêa atada ao pescoço; nove Grandes-Eleitos, fazendo o officio de servos, estão collocados, tres a tres, por traz dos expertos, promptos a cumprir as ordens do Grande-Eleito.

«Estando tudo collocado na ordem mencionada, o Grande-Eleito diz: Respeitaveis Bons-Primos, Grandes-Eleitos, que me ouvis, acabam de conduzir diante de vós os dous miseraveis, traidores á Ordem Carbonica, cujas denuncias secretas feitas aos nossos inimigos, estiveram a ponto de comprometter a nossa existencia e forçaram-nos a adiantar a epocha da execução dos nossos planos, que elles tiveram a infamia de revelar. E' nosso dever infligir a estes malvados o castigo que mereceram; a sua sentença de morte vai cumprir-se na vossa presença. Conduzam-me ao pé do throno e das suas nobres bases o primeiro d'entre elles!

«Dous serventes se apoderam da cruz do ladrão da direita e a preparam para a plantarem com solidez no solo,

quando o cadaver n'ella estiver atado; o terceiro servo e o experto conduzem o fingido ladrão ao pé do throno onde o fazem ajoelhar.

«O Grande-Eleito. Vil transfuga! violador infame do juramento solemne que outr'ora prestaste nas minhas mãos n'este retirado recinto, desconhecido aos profanos! vais soffrer a justa sentença que te condemna a morrer! Crucificado primeiro, as tuas entranhas serão depois arrancadas e reduzidas a cinza, assim como o teu perfido coração! O teu corpo cortado em pedaços será espalhado por muitas estradas e privado de sepultura! O teu nome gravado sobre a calçada e ferido d'eterna proscripção, será desde hoje em diante execrado por todos os Bons-Primos. Não gozarás da liberdade publica que vai triumphar hoje, e morrerás com a desesperação de saber que será feliz para sempre a tua nobre e animosa patria.

«*Em nome do Grande-Architecto do Universo,* eu te degrado e declaro indigno de teres feito parte da Respeitavel Carbonaria.

«Dizendo estas palavras, o Grande-Eleito arranca da cabeça do fingido ladrão o lenço que a cinge, bate-lhe ligeiramente na cara com as costas da picareta, e exclama em voz alta:

«Executores da justiça dos Gran-Mestres, Grandes-Eleitos da Ordem suprema dos Carbonarios, apoderai-vos d'este monstro e pregai-o immediatamente na cruz, sobre a qual deve morrer!

«O Primeiro Ladrão, gemendo: Mereci a minha sorte, e vou soffrer a minha sentença com valor; Deus me perdoe o meu crime!

«Conduzem então este fingido ladrão para a cruz da

direita, sobre a qual estendem logo o cadaver que lhe está destinado. E' amarrado com cordas; mas como esta crucificação simulada deve parecer verdadeira ao adepto, cujos olhos estão sempre cobertos, bate-se com o martello e pregam-se realmente com grandes cravos, os pés e mãos do cadaver. Os gemidos que faz ouvir o Bom-Primo, que simula o ladrão, completam a illusão. Depois a cruz e o cadaver que n'ella está pregado, são collocados á direita, em frente do Grande-Eleito. Os gritos suffocados do fingido ladrão que está sempre ao pé da cruz, continuam a ouvir-se. Depois renova-se exactamente a mesma operação a respeito do ladrão da esquerda; mas este, o peior dos dous, diz em voz alta ao Grande-Eleito, no momento da crucificação :

«Soffrerei a minha sentença amaldiçoando-vos e sem remorsos; regosijar-me-hei mesmo de morrer, pela certeza de que em vingança, *os estrangeiros* a quem quiz servir, exterminarão até o ultimo Carbonario. Sabei, e tremei d'antemão, que designei o vosso medonho covil aos chefes dos exercitos que vão occupar estes paizes, e que apesar dos vossos enviados obterem algum triumpho com a ajuda do povo que revoltam n'este momento, não deixareis por isso de cahir, dentro d'alguns minutos, em poder d'aquelles que ousais chamar satellites da tyrannia. Disse. Conduzam-me á morte.

«Levantadas as duas cruzes com os dous cadaveres, e continuando os dous fingidos ladrões a dar gritos de dôr e de raiva, o Grande-Eleito, se dirige ao adepto e lhe diz:

«Digno Bom-Primo, os vossos constantes trabalhos e zêlo pela Ordem dos Carbonarios decidiram esta sabia Vendita a admittir-vos no numero dos seus membros mais esclarecidos. Soffrestes as vossas provas com um animo digno de elogios, e se persistis no intento de ser Grande-

Eleito, apesar do terrivel exemplo que acabamos de dar de dous traidores que, n'este momento, expiam na cruz todos os seus crimes, vou receber o vosso juramento ao pé do throno. Sereis depois marcado, ligado sobre a cruz com os estigmas sagrados que servem para nos fazer reconhecer dos Bons-Primos, Gran-Mestres Grandes-Eleitos de todas as Venditas, e depois os vossos olhos serão abertos. Repetireis em voz alta, do alto da vossa cruz, o juramento que já prestastes sobre as nossas bases, e sereis depois posto em liberdade e revestido do trajo de Gran-Mestre Grande-Eleito, para participardes comnosco da gloria e felicidade que toda a Ausonia espera d'este dia. Persistis, Bom-Primo, Mestre Carbonario?

«Resposta firmemente affirmativa.

«O Grande-Eleito. Visto ser assim, vinde ao pé do throno, Bom-Primo, ajoelhai-vos para ouvirdes a formula do juramento e repetil-a. E vós, Bons-Primos, Expertos e Servos, preparai a cruz do centro para n'ella collocar o candidato, e levantal-o no meio dos dous traidores, a exemplo de nosso Bom-Primo, Jesus Nazareno rei da Judea, Grande-Architecto do Universo.

«Todas estas ordens são cumpridas; os pés e as mãos dos cadaveres são tingidos de sangue, para que o adepto se persuada, quando se lhe tirar a venda, que foram realmente suppliciados. Então os fingidos ladrões cessam de gemer, e são julgados expirantes; durante este tempo o Grande-Eleito repete a formula do juramento dos Grandes-Eleitos, já transcripta, e o adepto responde: *Juro-o!*

«O Grande-Eleito. Estamos satisfeitos, Bom-Primo; levantai-vos, obedecei e notai tudo o que se vai passar,

que breve ides receber a vossa recompensa. Bons-Primos, Expertos e Servos, fazei o vosso dever.

«Então apoderam-se do Neophyto, estendem-no sobre a cruz, ligam-no a ella fortemente com ataduras que lhe apertam todos os membros, mas sem o ferir; depois estigmatizam-no com tres signaes no braço direito, sete no esquerdo, e tres pontos sobre o peito esquerdo. A cruz é depois levantada no centro da Vendita, em frente do Grande-Eleito, para que todos os assistentes possam vêr as impressões dos *estigmas Carbonicos* nas diversas partes do corpo e membros do candidato, que para este effeito estão nus. A um signal secreto que dá o Grande-Eleito, todos os Bons-Primos presentes se apinham em attitude ameaçadora ao pé da cruz em que está amarrado o candidato, e logo quando a segundo signal cahe a venda que lhe cobre os olhos, vê todas as picaretas e punhaes dos assistentes dirigidos contra a sua cabeça e contra o seu coração, annunciando-lhe a mais prompta e cruel morte, se tivesse a desgraça de ser perjuro; vê tambem os cadaveres crucificados. Observa-se com attenção de todos os cantos da sala se o adepto mostra mêdo ou animo; e dão immediatamente relação d'isso em voz alta ao Grande-Eleito que dirige, depois d'isto, elogios ou censuras ao adepto. Em seguida, propõe á Vendita o celebrar o septuplo applauso, em favor do candidato; o que tem logar immediatamente segundo o costume. O Grande-Eleito lhe explica então em voz alta os diversos sentidos dos estigmas que acabam de se lhe applicar (1). Termina o seu discurso por uma curta

(1) Esta explicação verbal não póde ser impressa nem expressa d'outro modo senão no segredo e longe de todos os profanos; previne-se comtudo o adepto de que poderá escrevêl-a e trazêl-a com-

analyse da revolução que deve ter principiado ao romper do dia e se executa n'aquelle momento na peninsula e em todos os pontos da Europa onde se falla a lingua italiana. «Em breve, accrescenta, o povo, vencedor da tyrannia, vai annunciar-vos triumphos sobre os oppressores e virá procurar no meio de nós os membros do seu governo provisorio, em breve.....»

«N'este momento, o mau ladrão, com voz que parece reanimar-se, exclama com um grande grito: *Em breve morrereis todos!* Apenas tem proferido esta medonha prophecia, um ruido terrivel se ouve fóra da choça, distingue-se o choque dos combatentes, o estridor das armas de fogo muitas vezes repetido, e emfim o tinir das espadas. Um dos *Flammas* grita pouco depois que as portas estão quasi arrombadas, e ao mesmo tempo estas cahem aos golpes dos aggressores. O Grande-Eleito, todos os dignatarios e Bons-Primos das duas linhas, com as armas em punho, correm a toda a pressa para traz das cruzes onde o combate simulado, que não póde vêr o candidato, continúa com mais violencia que nunca contra soldados estrangeiros que fallam uma lingoagem barbara, e dão como furiosos os gritos de vencer ou morrer. De repente, o Grande-Eleito, seguido de uns trinta Bons-Primos, reapparece, recuando diante do inimigo, aos olhos do adepto aterrado que sobre a cruz está reduzido á mais absoluta immobilidade. *Espera,* diz passando, *não fugimos por um momento senão para melhor vencermos.* O soalho abate logo debaixo dos pés dos

sigo, mas que deve engolil-a ou destruil-a pelo fogo, mais depressa que deixar conhecer a sua significação aos inimigos dos Carbonarios, que são ao mesmo tempo os inimigos da Ausonia e da liberdade do Universo.

Bons-Primos, diante da cruz onde se reuniram em grupo, e todos desapparecem no meio das chammas. Isto contribue para acabar a admiração e o espanto do adepto, diante do qual chegam então *com uniforme de militar allemão*, uma duzia de soldados que parecem todos cobertos de sangue, e cujo official commandante pára á borda do abysmo que se fecha logo depois de ter tragado de repente os Bons-Primos, por meio de segundo soalho que resvala sobre o que abateu. Os vencedores parecem surprehendidos pelo desapparecimento dos seus inimigos n'esta abertura infernal e por encontrarem n'este logar tres individuos suppliciados sobre a cruz. Fingem consultar-se e fallam baixo. Finalmente, o seu commandante, affectando exprimir-se em mau italiano, diz em voz alta:

«Meus camaradas, estes miseraveis não parecem estar ainda mortos; innocentes ou criminosos, é necessario acabar com elles, ainda que não seja senão para abreviar-lhes os tormentos. As armas! «Divide então a tropa em tres pelotões, designa a cada um uma das cruzes e commanda: «Sentido! pelotões! armas! apontar, fogo!» Apenas tem pronunciado estas palavras, quando trinta balas sibilam ao mesmo tempo nos ares, e o official e soldados cahem todos no chão exclamando dolorosamente: *Mataram-nos!* Todos os Bons-Primos reapparecem logo na choça, sahindo de traz do throno e de multidão d'outras aberturas feitas em todos os cantos da Vendita, em que entram gritando: «Victoria! Morte á tyrannia! Viva a republica de Ausonia! Viva a liberdade! Viva o governo provisorio eleito pelos animosos Carbonarios!» N'um abrir e fechar d'olhos os suppostos mortos são tirados e levados para fóra da choça, assim como as cruzes que sustentam

os dous cadaveres; só fica o candidato sobre a sua; e se o mêdo o tiver feito desmaiar, restituem-lhe logo a vida com cordeaes, depois de o terem descido da cruz e desatado por ordem do Grande-Eleito. Entretanto toda a desordem na Vendita se repara, todos os Bons-Primos retomam seus logares, e o adepto é conduzido livre ao pé do throno.

«O GRANDE-ELEITO. Digno Bom-Primo! os terriveis acontecimentos que acabam de passar-se aos vossos olhos devem ter-vos ensinado que a traição é aqui severamente e sempre castigada e que, quando os satellites dos tyrannos ousam atacar-nos, a victoria declara-se sempre pela boa causa. Não esqueçaes nunca factos tão memoraveis e sede desde hoje em diante admittido aos nossos mais secretos mysterios. Approximai-vos.

«O Grande-Eleito toma então entre as bases um crucifixo com a mão esquerda, colloca-o sobre a cabeça do candidato, e logo que bate com as costas da picareta as sete pancadas carbonicas do Grande-Eleito, diz: Meus Bons-Primos, em pé e em ordem! Ajudai-me com os vossos votos e as vossas acclamações ordinarias a fazer um novo Gran-Mestre Grande-Eleito. Depois do annuncio e da execução da sua ordem, continúa dirigindo-se ao adepto:

«Em nome do Grande-Architecto do Universo, eu vos recebo Gran-Mestre Grande-Eleito da Ordem mysteriosa Carbonaria, meu Bom-Primo N...., profissão d...., em recompensa dos bons serviços que tendes feito nos vossos primeiros graus, do zêlo extraordinario que tendes mostrado para fazer novos serviços, e da promessa solemne que recebemos de vós de vos dedicardes inteiramente á conservação das liberdades da Ausonia. Comigo meus Bons-Primos! Em nome e pela recepção do digno Bom-Primo,

aqui presente, no grau supremo de Gran-Mestre Grande-Eleito «1.º Ao creador do Universo, etc. (O septuplo applauso, como acima). Em seguida todos tomam o seu logar.

«O Grande-Eleito. Expertos Bons-Primos, conduzi o candidato á vestiaria e revesti-o do trajo do seu novo grau, excepto a faxa e as armas, as quaes virá receber das minhas mãos.

«Os Expertos obedecem, e reconduzem bem depressa o adepto com vestido, calçado e outros ornamentos do seu novo grau. Vai ao pé do throno onde o Grande-Eleito o recebe e abraça *Carbonicamente,* levanta-lhe o capuz sobre a cabeça, cinge-lhe o cinto e colloca-lhe ao lado esquerdo uma picareta e ao seu lado direito um punhal na bainha que um gancho prende á faxa. Depois o Grande-Eleito indica-lhe o seu logar onde o adepto vai assentar-se, com as mãos sempre em Ordem. *O Grande-Eleito* pergunta então se ainda tem algumas propostas que fazer; mas é interrompido por gritos alegres de victoria que se ouvem fóra, e bem depressa batem no exterior como Gran-Mestre Grande-Eleito. Depois que, nas fórmas costumadas, se perguntou e sondou quem batia, annuncia-se á assemblêa que um dos Directores Grande-Eleito, seguido de immenso povo, chega coberto de louros. O enthusiasmo rompe. O Grande-Eleito faz introduzir o Director Grande-Eleito, mensageiro do povo, que se conserva fóra do recinto da Vendita, gritando muitas vezes: Victoria! Viva a liberdade e egualdade! Vivam os Carbonarios! Viva a republica ausonia! Viva o governo provisorio!

«O Director revolucionario que acaba de ser introduzido, diz então a convite do Grande-Eleito: «Respeitabilis-

simos Bons-Primos, venho annunciar-vos, em nome do povo victorioso, que a fortuna coroou os nossos esforços; que os tyrannos estão mortos ou fugitivos, os seus soldados exterminados, a republica da Ausonia proclamada; e que eu estou encarregado de vir escolher entre vós os vinte e um membros do governo provisorio para os installar no palacio nacional d'onde expulsamos os oppressores da patria.»

«O GRANDE-ELEITO. «Meus Bons-Primos, celebremos o ultimo septuplo applauso em favor do mensageiro que nos traz tão feliz e tão grande nova, e cada um de nós passe á vestiaria para se vestir com os trajos ha tanto tempo preparados e destinados aos membros do governo, aos magistrados, aos militares, aos lictores e aos simples cidadãos da nova republica ausonia.»

«Executa-se esta ordem pontualmente.

«Entram depois novamente na gruta; todos estão cobertos de vestidos não Carbonicos, mas derivando da Ordem e da antiguidade pelas fórmas adoptadas para os diversos empregos que deverão occupar os membros da Vendita quando forem chamados ao serviço do estado.

Encerramento da Vendita no terceiro e Supremo Grau Carbonico.

«O Grande-Eleito, então vestido de membro da assembléa soberana central das vinte e uma provincias da republica d'Ausonia, bate uma pancada com a picareta no throno e diz: «Meus Bons-Primos, dignatarios e outros, devo prevenir-vos, antes de fechar a sessão que os nossos trabalhos não serão de hoje em diante feitos á sombra do mysterio. A liberdade triumpha n'estes paizes e devo egual-

mento triumphar hoje em todas as partes da peninsula italiana. Arremecemos por tanto para longe de nós os vestidos funebres que designavam o luto de que os nossos corações estavam afflictos. Desde agora, homens publicos, mas sempre simples cidadãos na alma, e defensores da egualdade que acaba de se restabelecer, não nos occuparemos senão da felicidade da nação á qual os nossos trabalhos obscuros, mas animosos, despedaçaram para sempre as cadêas. Não nos separemos comtudo sem terminarmos a nossa sessão, como sempre temos feito; formemos a cadêa e demos mutuamente o beijo de Bom-Primo. Sahiremos depois, precedidos dos nossos lictores e seguidos do povo. Elle nos espera, transbordando d'alegria, no exterior d'esta gruta sagrada, para nos acompanhar á capital do governo central. Tornemo-nos dignos da sua escolha cumprindo com honra os importantes deveres que a sua confiança nos impõe.»

«P. Que horas são?

«R. Pelo Primeiro Explorador. Meio dia, respeitavel Grande-Eleito.

«P. A que hora fechamos os trabalhos?

«R. Pelo Segundo Explorador. Ao meio dia, veneravel Grande-Eleito, quando a trombeta do triumpho faz ouvir os seus sons retumbantes aos povos livres da republica ausonia.

«Aqui ouve-se fóra um hymno marcial tocado por trombetas.

«O Grande-Eleito. Visto ser meio dia, tocar a trombeta e estar livre a Ausonia, meus Bons-Primos, fecho a Vendita de Gran-Mestre Grande-Eleito Carbonario, pelos applausos conhecidos de todos. Comigo, meus Bons-Primos!

«Todos então, ao signal do Grande-Eleito, dão os applausos verticaes do grau supremo; formam a cadêa, dão o beijo de Bom-Primo, e sahem depois da gruta em tres columnas. Os lictores vão na frente; os vinte e um membros provisorios da assembléa soberana em seguida dos lictores, e o resto dos Bons-Primos fecha a marcha na mesma ordem.

«O rebombo do canhão e uma musica guerreira annunciam a partida do cortejo, e o ultimo dos Flammas (guardas) que leva o vestido de simples cidadão da nova republica, fecha a marcha.»

FIM.

TABOA DAS MATERIAS

CONTIDAS NO SEGUNDO VOLUME

SEGUNDA PARTE.

A Franc-Maçoneria em acção e em suas relações com as outras sociedades secretas da Europa, principalmente a Carbonaria italiana.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.

PRIMEIRA EPOCHA

Inglaterra.

Historia da Franc-Maçoneria propriamente dita até a sua introducção em França e na Allemanha.

SEGUNDA EPOCHA

França.

Historia da Franc-Maçoneria em França, desde sua origem até á creação do Grande-Oriente. PAG.

Allemanha.

Illuminismo.

TERCEIRA EPOCHA

Desde a creação do Grande-Oriente até á elevação de Napoleão 1.° PAG.

QUARTA EPOCHA

França.

Carbonaria.

Allemanha — Tugendbund.

QUINTA EPOCHA

Desde a revolução de 1848 *até hoje.*

FIM.

Obras publicadas pelo mesmo editor e que se acham á venda na Travessa da Picaria n.º 32 e na rua de Bellomonte em casa de D. Ignacio Corrêa n.º 2 e 4.

Os Jesuitas por Victor Joly	200 reis.
Memorias d'além do tumulo d'um choupo .	40 »
Unde Salus?	100 »
D. Rodrigo, poema epico	40 »
Anedoctas ou segredos do Marquez de Pombal, 2 volumes	400 »
Pensamentos sobre o christianismo, provas da sua verdade por José Droz	60 »
A defesa do jornal a *Patria*.	100 »
Devoção das Dôres da Virgem Mãe de Deos .	120 »
Conferencias pronunciadas na egreja de Jesus em Roma em 1851, pelo P.e Passaglia .	100 »

OBRAS DO P.e JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO:

O Oriente.	480 »
A Natureza	300 »
A Viagem Extatica	300 »
A Meditação	240 »
O Newton	240 »
A Biographia do auctor	100 »

PARA PUBLICAR LOGO QUE HAJAM ASSIGNATURAS SUFFICIENTES.

HISTORIA GERAL DA EGREJA,

DESDE A PREDICA DOS APOSTOLOS ATE AO PONTIFICADO DE GREGORIO XVI.

Obra redigida para uso dos seminarios e do clero, propria para facilitar o estudo da theologia e da disciplina ecclesiastica, e contendo, por ordem chronologica, a historia das Egrejas do Oriente, e do Occidente, os Soberanos Pontifices, os Concilios geraes e particulares, os schismas e as heresias, as instituições das ordens religiosas, os auctores ecclesiasticos, etc.

Publicação cujos primeiros volumes conteem o texto rectificado de Bérault-Bercastel, e os ultimos a continuação, desde o anno de 1719 até ao anno de 1843,

POR M. O BARÃO HENRION, TRADUZIDA DA ULTIMA EDICÇÃO DE PARIS.

Esta tão util, como excellente publicação, será feita aos cadernos de cinco folhas de 16 paginas cada folha em 8.º francez, em typo novo e bom papel. O preço de cada caderno é de 100 rs. para esta cidade e 125 rs. para fóra pagos no acto da entrega.

No Porto, Lisboa, Braga, Coimbra, Guimarães, Vianna, Lamego, Penafiel, Vizeu, Villa Real, Bragança, Ponte do Lima, Arcos de Val-de-Vez, Aveiro, Barcellos, Famalicão, Santo Thirso, Chaves, Amarante, Mondim de Basto, Cabeceiras de Basto, Oliveira d'Azemeis, Villa da Feira, Povoa de Varzim, Villa do Conde, Lixa, Angèja, Agueda, Pinhel, Guarda, Tondella, Fafe, Regoa, Mirandella, Valença, Covilhã e Mesão-Frio, serão os cadernos entregues ao snrs. assignantes em sua propria casa. Cada pessoa que arranjar dez assignaturas e se responsabilisar pelo seu pagamento receberá uma gratis. Em cada quinze dias se publicará um caderno. A publicação d'esta obra principia logo que haja um sufficiente numero d'assignaturas, e por isso roga-se aquelles snrs. que quizerem assignar mandem seus nomes, terras e moradas o quanto antes á redacção do *Direito*, Travessa da Picaria n.º 32. — PORTO.